

**JOSÉ DA SILVA RUIVO**



**CIRCULAÇÃO MONETÁRIA  
NA LUSITÂNIA DO SÉCULO III**

**I VOLUME**

**FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO  
2008**

**JOSÉ DA SILVA RUIVO**

**CIRCULAÇÃO MONETÁRIA  
NA LUSITÂNIA DO SÉCULO III  
(215-305 d.C.)**

**I. O ESTUDO DOS ACHADOS MONETÁRIOS**

**PORTO  
2008**

**Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e realizada com o apoio de uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (BD / 12826 / 2003), com o co-financiamento do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 e do Fundo Social Europeu.**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

 **Ciência, Inovação 2010** Programa Operacional Ciência e Inovação 2010  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Social Europeu





# ÍNDICE

	<b>Nota prévia</b>	1
<b>I.</b>	<b>Os depósitos monetários</b>	9
1.	Introdução	10
2.	Os depósitos da 1ª metade do século III	19
2.1.	O tesouro da Barroca da Laje e a circulação do ouro nos inícios do século III	19
2.2.	Os depósitos anteriores a 260 e a circulação da moeda de bronze	25
2.3.	Depósitos ocultados entre 260 e 268	36
2.3.1.	Serra do Condão	40
2.3.2.	Foz do Rio Arade	43
2.3.3.	Valhascos I	44
	Gordiano III	45
	Filipe I	48
	Trajano Décio	52
	Treboniano Galo	55
	Emiliano	61
	Valeriano e Galieno	61
	Galieno	73
2.3.4.	Considerações finais	90
2.4.	Depósitos ocultados entre Cláudio II e a morte de Carino (268-285)	93
2.4.1.	De Cláudio II à reforma monetária de Aureliano (268-274)	94
2.4.2.	Da reforma monetária de Aureliano a 284/5	119
2.4.3.	Considerações finais	124
2.5.	Da morte de Carino ao final da I Tetrarquia (285-305)	129
2.5.1.	Introdução	129
2.5.2.	Análise numismática dos tesouros de Sampão e Porto Carro	141
	Galieno	141

	Cláudio II	156
	<i>Os Divo Claudio</i>	178
	Quintilo	198
	Aureliano	199
	Tácito e Floriano	211
	Probo	217
	Caro e família	226
	O Império Gaulês	234
	Diocleciano e co-regentes	234
2.5.3.	Considerações finais	255
<b>II.</b>	<b>Os achados isolados</b>	261
1.	Introdução	262
2.	Análise geral do numerário	271
2.1.	O Período I (222-238)	276
2.2.	O Período II (238-260)	277
2.3.	O Período III (260-274)	281
2.4.	O Período IV (274-294)	302
2.5.	O Período V (294-305)	304
2.6.	Análise comparativa de alguns sítios lusitanos: mundo urbano <i>versus</i> mundo rural	308
<b>III.</b>	<b>Considerações finais</b>	313
<b>IV.</b>	<b>Apêndices</b>	323
1.	Suplemento bibliográfico	324
2.	Mapas	326
3.	Índices de Quadros e Gráficos	332

## **NOTA PRÉVIA**

A presente dissertação, intitulada *Circulação monetária na Lusitânia do século III (215-305)* e que agora se submete ao escrutínio da Universidade do Porto, iniciou-se em 2002, tendo como principais objectivos:

a) sistematizar a inventariação dos materiais numismáticos do século III na Lusitânia, que, salvo casos pontuais (*Conimbriga* e *S. Cucufate*), permaneciam por estudar, mesmo tratando-se de conjuntos provenientes de escavações em larga escala ou de tesouros de alguma dimensão (Porto Carro, Valhascos, Sampão ...);

b) incorporar, do ponto de vista dos estudos de circulação monetária, os progressos realizados durante as últimas décadas noutros domínios da arqueologia romana da Hispânia, de uma forma geral, e da Lusitânia, em particular, nomeadamente as investigações desenvolvidas ao nível da arqueologia urbana, dos territórios rurais e das actividades comerciais e industriais;

c) estabelecer o perfil da circulação monetária para a Lusitânia do século III, no quadro das províncias ocidentais do Império, abordando questões relacionadas com os ritmos do entesouramento e da circulação do numerário, a desvalorização da moeda e a inflação ou a emergência das amoedações irregulares, procurando articular estes fenómenos com os factos da história política, económica e social;

d) transmitir uma perspectiva dos estudos de circulação monetária que não se circunscrevesse à mera análise quantitativa do numerário inventariado, mas que promovesse, sempre que possível, a integração desse material nos contextos arqueológicos que efectivamente documentam a sua circulação. Como é óbvio, esta metodologia de abordagem conheceu fortes limitações, decorrentes: i) da frequente ausência de horizontes estratigráficos bem definidos; ii) da abundância de material perfeitamente descontextualizado, não apenas em termos estratigráficos, como inclusivamente topográficos.

O quadro geográfico da presente dissertação, como o próprio título indica, é a província da Lusitânia, tal como foi definida pela divisão administrativa de Augusto, sendo *grosso modo* os limites adoptados aqueles que foram traçados pelos participantes na Mesa Redonda sobre as cidades da Lusitânia romana, realizada em 1990 em Talence (ALARCÃO *et alii* 1990 319-329).

Do ponto de vista cronológico o projecto incidiu sobre o século III. Período conturbado da vida política do Império, este foi, também, um momento de profunda mutação do sistema monetário, inserido num quadro mais vasto das transformações das estruturas económicas, sociais e políticas. Por uma questão de estruturação coerente do projecto, adoptámos, como marco cronológico inicial, a criação do *antoninianus* em 215 por M. Aurélio Antonino (Caracala) e como limite terminal o fim da Primeira Tetrarquia. Ao longo deste período de 90 anos assistiu-se ao colapso do sistema monetário, que se havia mantido praticamente inalterado desde o tempo de Augusto, e as tentativas levadas a cabo por diversos governantes para a sua reforma acabaram por ter reflexo directo nos fenómenos de instabilidade monetária que marcaram esta fase do Baixo Império.

À falta de material publicado, o elemento chave do projecto consistiu na elaboração de um *corpus* dos achados, que se assumiu como a nossa base de trabalho. O material foi repartido por dois grandes grupos: o primeiro constituído pelos depósitos monetários e o segundo pelos achados isolados. Porém, à excepção dos tesouros, rejeitou-se a tarefa «ciclópica» de proceder a um inventário exaustivo da totalidade dos achados isolados, tendo-se procurado recorrer a uma amostragem minimamente representativa das moedas perdidas em diversos locais da área geográfica em estudo. Uma primeira consequência foi a eliminação de todos os sítios que não forneceram pelo menos cinco numismas do século III, por entendermos que a sua inclusão não traria qualquer valor acrescentado ao projecto. A única excepção a esta metodologia acabou por ocorrer com a Província de Salamanca (cf. Vol. II: *Achados isolados*, 35), já que a criação de uma entrada reunindo moedas recolhidas em vários locais da região visou colmatar o vazio provocado pela escassez dos achados monetários do período em estudo na área NE da Lusitânia.

Olhando agora retrospectivamente para os objectivos a que inicialmente nos propusémos, não temos pejo em reconhecer que, se alguns foram cabalmente atingidos, outros ficaram infelizmente muito longe de alguma vez o terem sido. Não adianta buscar outros responsáveis para além de nós próprios, ou porque definimos, à partida, metas muito ambiciosas ou porque, quando essas metas eram alcançáveis, não soubemos ou não pudemos superá-las. Temos plena consciência de que um projecto de investigação é isso mesmo, aqui e ali feito de objectivos concretizados e superados, além de objectivos

inatingidos e inacabados. No fundo, o resultado final do projecto que agora se apresenta a esta Universidade é apenas um produto datado, condicionado por uma série de circunstâncias que com alguma frequência escapam ao nosso controlo, mas por cuja qualidade científica somos, em última instância, os principais e únicos responsáveis. Não é, nem poderia ser, um trabalho acabado e só nos é possível encará-lo como projecto dinâmico, que está longe de se esgotar na concretização física da presente dissertação e que terá que ser prosseguido por nós ou por outros investigadores em ocasiões futuras. Os tesouros de Freiria II e Freiria III, que nos foram literalmente colocados nas mãos a um mês da data limite para a entrega da presente dissertação, com o texto já praticamente todo redigido, são o testemunho mais palpável de que um projecto desta natureza nunca está terminado, mesmo que algumas das linhas gerais aqui traçadas possam assumir-se como válidas durante bastante tempo. Na verdade, aquela que é para nós a grande, a maior, talvez mesmo a única verdadeira conquista deste projecto consiste precisamente na enorme quantidade de dados que se colocam à disposição da comunidade científica e que, no futuro, poderão ser utilizados proveitosamente nos mais diversos trabalhos de investigação, sejam eles sobre esta província ou sobre outras regiões do Império.

Ao invés, a nossa maior decepção consiste no facto de o material recolhido, sobretudo os achados isolados recuperados em contexto de escavação, não ter fornecido dados suficientes para se avaliar a duração efectiva da utilização das moedas na vida quotidiana nos mais diversos sítios e circunstâncias, pois as informações dos tesouros, ainda que relevantes, exigem sempre uma maior prudência na interpretação. Infelizmente, o estudo estratigráfico continua em muitos casos por realizar e, mesmo quando concluído, nem sempre a informação é elucidativa, pois muitas vezes as unidades estratigráficas são de difícil datação ou resultam de violações e revolvimentos, não fornecendo informação utilizável com proveito nem para o arqueólogo nem para o numismata.

A presente dissertação compõe-se de dois volumes, um primeiro, mais curto, onde se efectua o estudo de todo o material recolhido, começando pelos depósitos e terminando nos achados isolados, e um segundo, mais extenso, constituído pelo *corpus* dos achados. Estamos conscientes de que existem várias lacunas no *corpus*, mas por um ou outro motivo nem sempre foi possível o acesso às moedas, desde o desconhecimento

da sua existência ao desinteresse daqueles que, invocando argumentos válidos ou fúteis, as não quiseram (ou não puderam) colocar à nossa disposição.

De qualquer modo, o trabalho que aqui se apresenta traduz a congregação dos esforços e da colaboração de várias instituições, investigadores, companheiros e amigos. A lista é extensa e perdoem-nos todos aqueles que, não obstante o merecimento, dela virem os nomes excluídos, pois é sempre impossível recordar tantos e tão generosos colaboradores.

É de lei que a primeira palavra de apreço seja destinada ao Professor Doutor Rui Centeno, que aceitou dirigir esta dissertação e que, durante estes anos de colaboração, nos brindou com o seu aconselhamento, com constantes incentivos e com a sua amizade.

Um agradecimento muito especial vai para a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que entre 2004 e 2006 nos concedeu uma bolsa de Doutoramento co-financiada pelo Programa Operacional Ciência e Inovação e pelo Fundo Social Europeu, sem a qual a realização deste projecto não teria sido possível.

A nossa profunda gratidão estende-se igualmente a uma série de instituições e pessoas que, por vários meios, contribuíram de forma decisiva para a concretização do nosso trabalho:

- ao Instituto dos Museus e da Conservação que entre 2004 e 2006 nos autorizou a permanência na situação de equiparado a bolseiro sem vencimento e que, no segundo semestre de 2008, tendo em vista a conclusão da dissertação, nos concedeu nova equiparação a bolseiro, desta feita por um período de seis meses;

- ao Museu Monográfico de Conimbriga, na pessoa do seu Director, Dr. Virgílio Hipólito Correia, agradecemos encarecidamente todas as facilidades e apoio concedidos durante estes anos, tal como a amizade com que sempre nos distinguiu, sem esquecer obviamente a solidariedade dos nossos colegas de trabalho e amigos;

- ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu Director, Dr. Luís Raposo, da sua Conservadora, Dr. Dra. Ana Isabel Palma Santos e do pessoal técnico do serviço de inventário, nomeadamente a inextinguível D. Luísa Guerreiro, que nos concederam todas as comodidades possíveis no acesso às colecções do Museu, para além de ainda nos disponibilizarem as fotografias do tesouro da Barroca da Laje;



- ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em particular aos antigo e actual director, respectivamente os Profs. Doutores José de Encarnação e Raquel Vilaça, pela franquia da Biblioteca e pela autorização para o estudo das moedas do tesouro de Borba, depositado naquela instituição;

- ao Museo Nacional de Arte Romano, desde o seu director, Doutor José María Alvarez Martínez, aos conservadores Doutora Trinidad Nogales Basarrate e Dr. Agustín Velázquez Jiménez, passando pelo pessoal do inventário, do laboratório de restauro e da biblioteca, pela extraordinária cordialidade e pela disponibilização de todo o acervo solicitado à guarda daquele organismo;

- ao Consórcio de la Ciudad Monumental y Artística de Mérida, desde o seu director, Doutor Pedro Mateos Cruz, aos nossos colegas arqueólogos e amigos Miguel Alba Calzado, Ana Bejarano Osorio, Guadalupe Mendez Grande, Luís Angél Hidalgo, Fabián Lavado Rodríguez e a todos os outros cujos nomes agora não recordamos, mas que puseram à nossa disposição o material das suas escavações e nos fizeram sentir bem-vindos naquela casa e naquela cidade;

Ficámos igualmente devedores às seguintes instituições: Museo Arqueológico Provincial de Badajoz (em especial ao Dr. José Miguel Bornay); Campo Arqueológico de Mértola (Doutor Cláudio Torres, Dr. Virgílio Lopes e Dra. Lígia Rafael); Câmara Municipal e Museu Municipal do Bombarral (em especial à Dra. Cláudia Silva); Fundação Cidade da Ammaia (onde destacamos a colaboração e a amizade com que nos distinguiu o Dr. Sérgio Pereira), Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (nomedamente ao nosso querido amigo Dr. José Cardim Ribeiro e à Dra. Catarina Coelho), Museu da Casa Grande, em Freixo de Numão (com destaque para o Dr. António do Nascimento Sá Coixão), Museu de Évora (onde recordamos o seu director, Dr. Joaquim Caetano, e o seu conservador, Dr. António Alegria), Museu Municipal de Santiago do Cacém, Museu do Rabaçal (particularmente ao nosso colega e amigo Dr. Miguel Pessoa); Museu de Lamego, Museu de Loulé, Museu Dr. José Formosinho (Lagos), Museu Infante D. Henrique (Faro), Museu Regional de Beja, Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras), Museu Municipal de Torres Novas, Museo Arqueologico Provincial de Cáceres, Sociedade Gestora do Museu de Cerro da Vila, Centro Nacional de Arqueologia Subaquática, Direcção Regional de Évora do IGESPAR

(em especial à Dra. Filomena Barata), Câmara Municipal de Alcácer do Sal (e ao saudoso Dr. João Carlos Lázaro Faria).

Um agradecimento muito especial para os Doutores Dominique Hollard, do Département de Monnaies, Médailles e Antiques da Biblioteca Nacional de França, Jean-Pierre Bost, da Universidade de Bordéus, Sylviane Estiot, do CNRS, e Cruces Blázquez Cerrato, da Universidade de Salamanca - com os quais trocámos opiniões extremamente proveitosas e que nos forneceram documentação variada, ao Doutor Juan José Cepeda Ocampo, da Universidade da Cantabria, que nos disponibilizou a classificação das moedas da colecção J. Monteiro Frias do tesouro de Porto Carro, bem como partes da sua ainda inédita dissertação de doutoramento.

Ainda uma palavra de apreço para a colaboração prestada pelos Profs. Doutores Armando Coelho (Universidade do Porto), Carlos Fabião (Universidade de Lisboa), Enrique Cerrillo Martín de Cáceres (Universidade de Extremadura), João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve), Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra), José d'Encarnação (Universidade de Coimbra), María Paz García-Bellido (CSIC), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra) e Vasco Mantas (Universidade de Coimbra).

A nossa estima vai também para diversas pessoas com cuja colaboração pudémos contar em vários momentos: Drs. António Carvalho, António Marques de Faria, António Rafael Carvalho, Felix Teichner, Francisco Germán Rodríguez Martín, Guilherme Cardoso, Isabel Costeira, Isabel Pereira, João Almeida, João Silva, José Beleza Moreira, Maria José Almeida, Mário de Castro Hipólito e à D. Augusta Leitão.

Não podemos esquecer igualmente a valiosa cooperação do Dr. José Luís Madeira, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que se disponibilizou para executar os mapas que acompanham esta dissertação, nem queremos deixar de recordar aqui o Adriaan de Man e a Pilar Reis, companheiros de caminhada, com quem tantas vezes compartilhámos as nossas alegrias, esperanças, tristezas e hesitações.

E por fim, *last but not least*, uma palavra de incomensurável gratidão para a nossa família e amigos mais próximos, em especial a Carmen, o Manuel e a Leonor, nossos entes mais queridos e injustamente mais sacrificados pelas nossas frequentes indisponibilidades, impaciências e azedumes e que, não obstante, nunca deixaram de

caminhar a nosso lado, de nos encorajar e acarinhar nos momentos mais difíceis. Para eles o nosso mais profundo reconhecimento, um sincero pedido de desculpas pelo esquecimento a que foram temporariamente votados e a promessa sincera de uma compensação futura.

Vieirinhos, 1 de Dezembro de 2008.

## **I. OS DEPÓSITOS MONETÁRIOS**

## 1. Introdução

Em numismática o termo tesouro designa, tradicionalmente, um conjunto de moedas reunidas no momento da ocultação. Todavia, a realidade tem demonstrado que esta definição é demasiado genérica, não sendo extensível a todo o tipo de depósitos monetários. Os tesouros de moedas são, de forma genérica, classificados em quatro categorias, definidas, à partida, com base nas circunstâncias e nas intenções que presidiram à acumulação (GRIERSON 1976 170-178)<sup>1</sup>.

Em primeiro lugar, pela sua importância para os estudos de circulação monetária e de história política e social, temos os tesouros de urgência, com as moedas a serem reunidas num curtíssimo espaço de tempo e ocultadas devido a situações de instabilidade política ou social (guerras, razias, tumultos ...). Muitas vezes o proprietário não esconde apenas moedas, mas também outros objectos de valor que tem à sua disposição (jóias, lingotes de metal precioso, etc.). A importância deste tipo de depósitos deriva do facto de as moedas que dele fazem parte reflectirem, com alguma fidelidade, o numerário em circulação no momento da ocultação. Regra geral, este é o tipo de depósito que chega até nós em maior número, circunstância explicável pelo facto de a conjuntura que originou o encobrimento ter tornado com frequência impossível a sua recuperação. Julgamos que vários dos achados do século III inventariados para a Lusitânia poderiam enquadrar-se nesta categoria, todavia o deficiente conhecimento que possuímos acerca da composição de boa parte deles, assim como das circunstâncias da ocultação sugere alguma prudência, como se verá quando tratarmos do tesouro da Barroca da Laje (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 31).

Colocaríamos em segundo lugar os tesouros que resultam de perdas fortuitas, geralmente o conteúdo de bolsas ou de pequenos sacos de moedas - cujo valor pode divergir consoante as circunstâncias - que são, de um modo geral, representativos da circulação monetária do período em questão. Podemos, todavia, questionarmo-nos se, em certas ocasiões, estes conjuntos foram efectivamente perdidos ou se, pura e

---

<sup>1</sup> Outros autores, como P. J. Casey, limitam os depósitos monetários a três grupos: tesouros de urgência, tesouros de aforro e tesouros resultantes de perdas fortuitas (CASEY 1986 51-67).

simplesmente, os seus proprietários os esqueceram deliberadamente, dado o reduzido ou nulo poder de compra de alguns deles.

Um terceiro tipo de depósito corresponde aos tesouros de aforro, reflectindo uma acumulação de riqueza realizada pelo proprietário ao longo do tempo; alguns resultam, inclusive, de economias realizadas por gerações sucessivas. Como é óbvio estes achados tendem a ser selectivos, incorporando habitualmente os espécimes melhor conservados e de maior valor e ignorando os restantes, pelo que podem não reproduzir com segurança o numerário corrente no período durante o qual se processou a acumulação; não obstante, fornecem, com alguma frequência, exemplares raros e de boa conservação. Por outro lado, é normal a sua recuperação pelo aforrador ou pelos herdeiros, daí que o seu número denote tendência para ser percentualmente menor que o dos tesouros ditos de urgência. No entanto, circunstâncias mais ou menos excepcionais, implicando o súbito desaparecimento do proprietário (morte por acidente, por doença, devido à um conflito, etc.), podem estar na origem da sua perda definitiva. Os tesouros de Sampão (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 4), Porto Carro (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 14), Valhascos I (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 23), Valhascos II (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 24), Serra do Condão (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 28) e Aldeia das Dez (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 29) são alguns dos tesouros lusitanos que nos parecem apresentar nítidas características de aforro.

Finalmente uma quarta e última categoria inclui os tesouros cuja deposição se encontra associada a um ritual. Na verdade consideramos que a utilização do termo tesouro aplicada a este tipo de achado é algo excessiva, visto tratarem-se de depósitos com carácter fundacional, votivo, funerário, etc. Este tipo de achados pressupõe um abandono voluntário das moedas que os constituem, seja ele efectuado num único momento - como sucede com as moedas dos depósitos fundacionais e funerários - seja o resultado de uma acção que se prolonga no tempo, como atestam as moedas achadas em santuários ou outros locais de culto, que podem documentar acumulações realizadas ao longo de séculos. Neste grupo incluiremos os pequenos conjuntos monetários recolhidos respectivamente na Sepultura 36 da necrópole da Caldeira (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 15) e na Sepultura 3 da necrópole de Valbeirô (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 33). Contudo, é de referir que, apesar de provenientes de contexto funerário,

estes depósitos não documentam necessariamente o ritual do óbolo a Caronte, o barqueiro a quem foi cometido o transporte das almas para o Além. Embora não exista ainda uma explicação unívoca para o aparecimento de conjuntos numismáticos por vezes significativos em enterramentos, admite-se que possam representar um símbolo do prestígio e da riqueza do defunto, um pecúlio do morto, uma oferenda ou até um tesouro ocultado numa sepultura (CANTILENA 1995 165-166; GORINI 1999 71-82; THÜRY 1999 17-30). Atendendo a que, nestas circunstâncias, as moedas que acompanham o morto possuem, acima de tudo, um valor simbólico - não raro, trata-se de peças já desmonetizadas -, o seu interesse para os estudo de circulação monetária será muito reduzido. Ainda desta categoria de depósitos fará parte o achado efectuado nos inícios do século XIX em Monte Real, composto, pelo menos, por moedas de bronze dos séculos II e III e várias ámulas, uma das quais dedicada a uma divindade associada ao culto das águas (RUIVO 1995 172).

Passado este breve intróito, iremos tecer de seguida algumas considerações de ordem geral sobre as cerca de três dezenas de conjuntos monetários do século III que lográmos inventariar para a área lusitana (cf. *infra* Quadro 1). Um primeiro aspecto a salientar prende-se com as numerosas dificuldades que se nos depararam durante o seu estudo, entre as quais sobressaem as frequentes lacunas quanto à proveniência e circunstâncias da descoberta (saber se, nalguns casos, estamos efectivamente na presença de depósitos monetários e, noutros, se um achado foi ou não multiplicado por tantos lotes quantos aqueles em que foi dividido após a descoberta), bem como as dúvidas no que respeita à composição e cronologia efectiva dos mesmos, já que apenas dez conjuntos, correspondentes a pouco mais de um quarto do total, se encontram completos.

Relativamente a toda esta problemática, temos vários testemunhos atestando como informações imprecisas podem dar azo a significativas confusões. Um primeiro exemplo é-nos fornecido pelo tesouro do Porto Carro, Alcácer do Sal (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 14): em 1979 Maria Filomena Salgado da Rocha publicava um conjunto de 79 moedas de um achado que, segundo informações então recolhidas, atribuiu à região de Coimbra (ROCHA 1979 73-86). Porém, alguns anos volvidos, após exame de pouco mais de um milhar de moedas do tesouro alcacerence depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, Jean-Pierre Bost (BOST e PEREIRA 1990 227, n. 46;

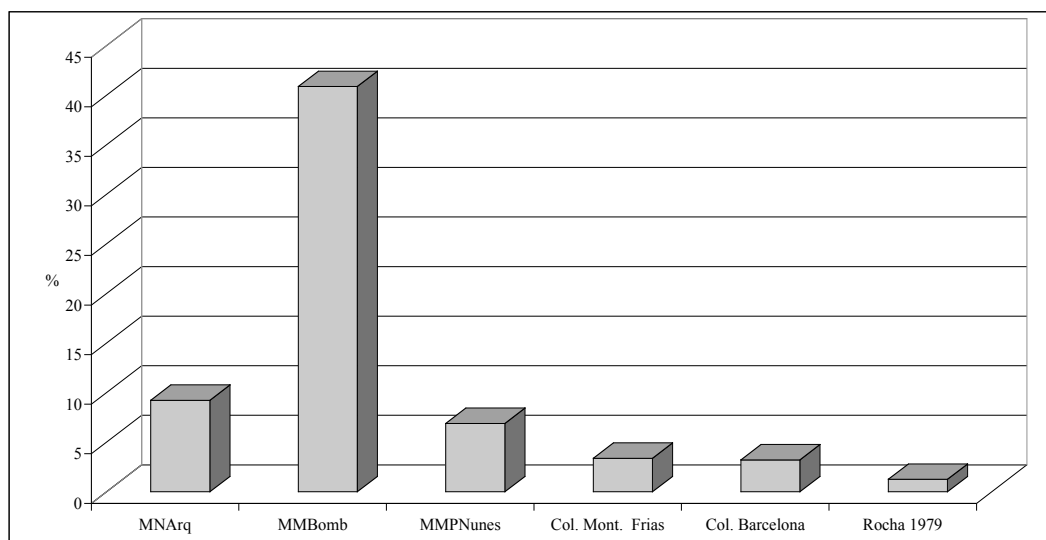
BOST 2005 262) deu conta das evidentes similitudes entre ambos os conjuntos, sugerindo que as moedas publicadas por Rocha teriam a mesma origem das por ele observadas no museu lisboeta.

Com efeito, o estado de conservação, a estrutura do achado e a própria proximidade cronológica entre a publicação de Rocha e a data de descoberta do conjunto - cinco anos - justificam óbvias suspeitas. Recentemente, uma análise mais cuidada dos exemplares destes dois lotes permitiu a detecção de ligações de cunhos entre exemplares da série *Divo Claudio*, como adiante se verá. Este tesouro, do qual conhecemos de momento seis lotes, ilustra perfeitamente a fragmentação a que são com frequência sujeitos os conjuntos monetários após a sua descoberta, com os funestos efeitos de todos conhecidos.

Outro bom exemplo é-nos fornecido pelo tesouro do Monte do Cavaleiro (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 9), que nos parece claramente o mesmo publicado por José Leite de Vasconcellos e por Mário de Castro Hipólito sob a designação de tesouro da margem da Ribeira do Vascão (VASCONCELLOS 1908 352; HIPÓLITO 1960-1961 89, nº 131 e 109, n. 254).

A ausência de informação precisa sobre a proveniência dos achados observa-se ainda noutros casos, como nos depósitos da região de Lisboa (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 16), da região de Torres Vedras (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 22), Serra (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 35) e Portugal 1967 (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 34). Relativamente aos dois primeiros daqueles conjuntos não é de todo impossível que ambos pertencessem a uma única ocultação pois, se a actual composição de ambos é algo diferente, tal circunstância pode estar - e está com frequência - relacionada com a selecção prévia dos exemplares que entram na composição de cada lote. Mais uma vez podemos tomar como exemplo o depósito de Porto Carro, a propósito da distribuição das moedas da série *Divo Claudio* pelos diversos lotes estudados (cf. Gráfico 1).





**Gráfico 1 - Percentagem de *Divo Claudio* nos seis lotes do tesouro de Porto Carro**

Torna-se evidente que a maior percentagem de moedas desta série encontra-se presente nos lotes do Museu Municipal do Bombarral e do Museu Nacional de Arqueologia; enquanto nas colecções privadas, constituídas por menor número de exemplares, o seu peso é muito pouco significativo. Tratando-se, na sua grande maioria, de peças de fabrico local, cujo apuro estilístico, peso e módulo são com frequência inferiores à média dos restantes exemplares, percebe-se que tenham sido preteridas na constituição dos lotes destinados a alguns coleccionadores privados, nos quais se deu primazia a exemplares de boa conservação e de maior interesse numismático, como sucede com o raríssimo exemplar de Juliano da Panónia, presente na pequena colecção de Barcelona (31 exemplares).

Por outro lado, a partir do estado de conservação, da estrutura de determinados lotes de moedas e, por vezes de algumas notas imprecisas, tentámos identificar hipotéticos depósitos e recriar a sua estrutura, como acontece com os de Évora (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 6), S. Marcos da Serra (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 12), Mirobriga (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 13), Sintra (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 19), região de Torres Vedras (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 22) e Maiorga (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 25).

O número de moedas dos conjuntos monetários lusitanos varia entre as cinco unidades da Sepultura 3 da necrópole de Valbeirô e as cerca de cinco mil de Porto Carro,

Monte do Cavaleiro e, com alguma probabilidade, Aldeia das Dez<sup>2</sup>. Note-se todavia que, de entre trinta e três conjuntos inventariados, apenas uns dez se encontrarão, em princípio, completos (Campsa, Casa do Anfiteatro, São Cucufate I e II, Sepultura 36 da Caldeira, Freiria II, Freiria III, *Conimbriga* B, *Conimbriga* D e Sepultura 3 de Valbeirô), com a particularidade de todos eles conterem um número relativamente reduzido de unidades: de meia dezena no caso do depósito funerário de Valbeirô a cento e vinte e duas no de S. Cucufate.

Quanto aos restantes achados, os dados relativos ao número de exemplares são com frequência insuficientes, pois para a grande maioria não dispomos de quaisquer indicações e, quando existem, são por regra lacónicas e vagas: "300" [moedas] (Torre de Ares), "12 a 15 quilos" (Aldeia das Dez), "centenares de moedas"/"cerca de 5000" (Monte do Cavaleiro), "grande quantidade" (S. Marcos da Serra).

De alguma forma, as excepções são constituídas pelos achados de Porto Carro - de que se inventariaram aproximadamente metade das cerca de cinco mil moedas que se julga terem sido descobertas -, Barroca da Laje - cujos exemplares publicados representarão, crê-se, uma parcela assaz importante do achado original - e, pelo volume de numerário e possível representatividade, Valhascos I e Sampão.

---

<sup>2</sup> Para este depósito a estimativa foi efectuada levando em linha de conta a notícia segundo a qual conteria uns 12 a 15 quilos de moedas de bronze. Considerando um peso médio de uns 3 gramas por exemplar, o conjunto deveria possuir, aquando da sua descoberta, entre 4000 e 5000 unidades.

	Nº ex. identificados	Total ex. do achado	Ex. + recente
<b>Depósitos confirmados</b>			
Barroca da Laje	40	?	Septímio Severo
Arruda dos Vinhos	?	?	Maximino (?)
Casa do Anfiteatro	16	16	Gordiano III
Campsá	15	15	Filipe I
Foz do Rio Arade	19	?	Galieno
Valhascos I	461	?	Galieno
Serra do Condão	14	?	Galieno
Qta. Torre de Ares	-	300	Cláudio II
Aldeia das Dez	270	c. 12-15 Kg	Cláudio II
S. Cucufate I	16	16	<i>Divo Claudio</i>
Sep. 36 Tróia	20	???	<i>Divo Claudio</i>
Sep. 3 de Valbeirô	5	5	<i>Divo Claudio</i>
Conimbriga D	29	29	<i>Divo Claudio</i>
S. Cucufate II	122	122	Quintilo
Reg. Torres Vedras	?	?	Quintilo (?)
Conimbriga B	56	56	Vitorino
Região de Lisboa	84	?	Tétrico I e II
Freiria II	22	22?	Tétrico I
Borba	268	?	Aureliano
Maiorga	?	?	Aureliano (?)
Monte do Cavaleiro	88	"vários centenares" "cerca de 5000"	Probo
Valhascos II	12	?	Caro <i>et sui</i>
El Gordo	-	-	Diocleciano
Sampão	377	?	Diocleciano
Porto Carro	2248	c. 5000	Galério
Freiria III	7	7	Constâncio Cloro
<b>Depósitos incertos</b>			
S. Miguel	?	?	Severo Alexandre (?)
Palvarinho	?	?	Maximino (?)
Conv. São Domingos	28	?	Gordiano III
Mirobriga	3	9 ?	Filipe I
Sintra (?)	13	?	Cláudio II
Numão	?	?	?
S. Marcos da Serra	10	"grande quantidade"	Ila Tetrarquia
<b>Depósitos de localização indeterminada</b>			
Serra	?	?	Galieno
Portugal 1967	4	?	Galieno

**Quadro 1 - Tesouros lusitanos do século III<sup>3</sup>**

Relativamente à composição dos conjuntos monetários, verificamos que, no caso dos depósitos anteriores a 260, predominam os grandes bronzes (asses dupôndios e sestércios), enquanto nos achados com cronologia de deposição posterior àquela data predomina o bilhão radiado (antoninianos e aurelianos). As exceções são-nos fornecidas pelos tesouros da Serra do Condão (antoninianos e, pelo menos, um áureo), Barroca da Laje (composto por áureos e diversas peças de joalharia e baixela em ouro e prata), e

<sup>3</sup> Não considerámos no nosso inventário o pequeno depósito de Tomar contendo 21 *minimi* da série *Divo Claudio*, apesar de referenciado por J.-P. Bost (2005 263-264) no grupo dos tesouros do séc. III. Segundo Salette da Ponte, o conjunto seria fechado por uma moeda de Valentiniano II (PONTE 1999 309), o que o situaria já em finais do século seguinte.

Torre de Ares (antoninianos e anéis), estes últimos atestando diferentes práticas de acumulação de riqueza ou de salvaguarda dos bens.

No que respeita aos contentores, nos poucos casos em que se conhecem referências à sua existência, verificamos que estes são maioritariamente em cerâmica (Monte do Cavaleiro, Porto Carro, Freiria II, Valhascos I e Aldeia das Dez), estando ainda resgistadas deposições num vaso de bronze (Valhascos II), numa caixa de pedra (Serra do Condão) ou em contexto funerário (Sepulturas 36 de Tróia e 3 de Valbeirô).

Os achados de Valhascos e de Porto Carro parecem ter sido ocultados em mais do que um contentor, a fazer fé nos relatos, que mencionam o aparecimento das moedas em "panelas", no primeiro caso, e numa ânfora e num pucarinho de barro no segundo, sem que saibamos o conteúdo exacto de cada um dos contentores - dado relevante para se averiguar do modelo de entesouramento seguido pelo aforrador: nomeadamente se existiu algum tipo de selecção prévia do numerário por contentor e, em caso afirmativo, quais os critérios que presidiram a essa selecção.

Sobre os contentores dos restantes achados não possuímos quaisquer informações, embora as condições de jazida de alguns deles nos levem a considerar a hipótese de representarem o conteúdo de pequenos porta-moedas perdidos de forma accidental ou intencionalmente ocultados.

Outra questão que pretendemos aflorar aqui é a do contexto arqueológico dos tesouros lusitanos do século III. Como já foi referido antes, para uma parte substancial dos depósitos, não dispomos de quaisquer informações relevantes. Nos restantes casos, verifica-se o seu aparecimento tanto em contextos urbanos (Campsa, Casa do Anfiteatro, Conimbriga B e D, Torre de Ares), como em contextos rurais, nomeadamente em sítios identificados como *uillae* (São Cucufate, Porto Carro, Freiria II, Freiria III, S. Miguel e, talvez ainda, Palvarinho e Aldeia das Dez). Note-se, contudo, que estas constatações podem ser o resultado de circunstâncias aleatórias, bem evidentes se tivermos presente que a maior parte dos achados efectuados em áreas urbanas é resultado de escavações arqueológicas, enquanto a esmagadora maioria dos restantes é fruto de descobertas fortuitas.

Um pormenor igualmente interessante prende-se com a distribuição espacial dos achados lusitanos, verificando-se uma certa tendência para a sua localização, aliás à

semelhança do que acontece nas restantes províncias hispânicas, no litoral ou em áreas contíguas (cf. *Apêndices*, Mapa 1). Embora esta constatação se possa revelar de alguma importância em termos analíticos, há que ter em atenção que aquilo que nos poderá parecer fruto de circunstâncias históricas eventualmente excepcionais pode não ser mais do que o reflexo de condicionalismos históricos de longo prazo. Se, conforme já foi referido, parece existir uma certa tendência para a localização dos tesouros hispânicos do século III nas zonas costeiras, sendo a sua ocorrência muito menor no interior da Península, devemos perguntar-nos se esta distribuição traduz uma imagem próxima da realidade e dos fenómenos que pretende evocar, tendo, efectivamente, valor histórico, ou se, pelo contrário, é apenas uma imagem distorcida dessa mesma realidade. Até que ponto o facto de os achados aparecerem em maior número em áreas densamente povoadas nos nossos dias - onde as intervenções nos subsolos (sejam arqueológicas ou não) são constantes - altera a nossa percepção da realidade arqueológica em prejuízo de zonas que, tendo sido habitadas e importantes na época romana, possuem hoje uma escassa densidade populacional e, como tal, índices de intervenção nos solos baixíssimos, o que reduz de forma substancial as hipóteses de descobertas arqueológicas?

## 2. OS DEPÓSITOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO III

À exceção do tesouro da Barroca da Laje, todos os depósitos cuja cronologia não deverá ultrapassar largamente a primeira metade do século III são constituídos por moeda de bronze, sobretudo sestércios: Casa do Anfiteatro, Campsa e, eventualmente, Arruda dos Vinhos, S. Miguel, Palvarinho, *Villa* Periquito e Convento de S. Domingos.

Com a nossa atenção centrada nos três primeiros dos supramencionados depósitos, passamos de seguida ao estudo do da Barroca da Laje.

### 2.1. O tesouro da Barroca da Laje e a circulação do ouro nos inícios do século III

Como é sabido, o conjunto encontra-se incompleto, não estando descartada a possibilidade de ter contido exemplares de cronologia mais recente do que os até agora publicados. Não obstante, a análise da sua composição parece indicar que essa possibilidade não seria muito elevada, a não ser que o número de moedas que inicialmente o compunham fosse bastante superior ao contabilizado. Uma rápida vista de olhos pelo Quadro 2 faz sobressair a estrutura de um depósito de aforro iniciado algures por meados do século II, muito possivelmente durante os principados de Adriano/Antonino Pio. Pelo menos é isso que nos sugerem, por um lado, o volume de numerário destes imperadores e, por outro, a presença de dois exemplares de Antonino ligados entre si pelo mesmo cunho de anverso.

	Nº moedas	Moedas/ano	%
Nero	1	0,06	2.5
Vespasiano	2	0,18	5
Trajano	2	0,10	5
Adriano	12	0,55	30
Antonino Pio	12	0,50	30
Marco Aurélio	8	0,40	20
Septímio Severo	3	0,15	7.5
Total	40	—	100

Quadro 2 - Barroca da Laje: distribuição quantitativa do numerário e índice de moedas/ano

Embora a moeda mais recente date dos anos 203-208 (Septímio Severo para Geta), parece-nos mais do que evidente que a cronologia do achado será algo posterior a esta data, se bem que não se possa precisar com exactidão quanto tempo<sup>4</sup>. O facto é que os achados de *aurei* da primeira metade do século III posteriores a Septímio Severo são raríssimos na Hispânia (SAGREDO SAN EUSTÁQUIO 1986 89-98). De momento, apenas nos foi possível recensar dois achados isolados de moedas de ouro deste período: uma moeda de Heliogábalo (RIC 174), proveniente da região de Vila Real (BOST *et alii* 1992b 69, nº 222), e uma moeda de Filipe I (RIC 216a/218a), achada em Saragoça por finais do século XIX (BOST *et alii* 1992b 64, nº 181). Na verdade, alguns autores lembram que esta rarefação do ouro tem início a meio do reinado de Marco Aurélio, fruto de uma brutal deflação que provoca uma drástica redução da cunhagem do *aureus* (CALLU e LORiot 1990 100; BOST e GURT 1992a 303; DUNCAN-JONES 1994 123-124, Tab. 8.8 e 206). Esta tese encontra eco no depósito da Barroca da Laje, uma vez que as três moedas que dele fazem parte em nome daquele imperador foram batidas antes de 170<sup>5</sup>. Sugestiva é igualmente a aparente ausência, no conjunto em apreço, de moedas de Cómodo e dos seus sucessores até Septímio Severo, circunstância que, de resto, se repete tanto nos tesouros hispânicos de finais do século II, como na análise dos achados isolados de *aurei* (BOST *et alii* 1992b 33-89)<sup>6</sup>. Por seu turno, os três exemplares de Septímio Severo recebem em RIC o *rating* *R* (RIC 536: para Júlia Domna), *R2* (RIC 282: para Septímio Severo) e *R4* (RIC 33: para Geta), o que diz bem das reduzidas quantidades em que estas séries foram lavradas. Refira-se que, na Península, apenas se conhece até ao momento um outro achado com um *aureus* deste imperador: trata-se do depósito encontrado em 1901 na rua Castelar, em Lugo (BOST *et alii* 1992b 52, nº 99). Era composto por, pelo menos, 4

<sup>4</sup> Os exemplares mais recentes não revelam quaisquer sinais de desgaste, um dado que, no caso do ouro não deve ser excessivamente valorizado, uma vez que, pela sua natureza, este metal se presta a ser imobilizado, com as moedas a mudarem raramente de mãos durante longos períodos de tempo.

<sup>5</sup> Usando como ponto de partida o inventário de BOST *et alii* (1992b 33-89), verifica-se que os tesouros e os achados isolados com *aurei* de Marco Aurélio são pouco numerosos e que a maior parte das moedas inventariadas são anteriores a 170. Tesouros: Braga (nº 26), Braga (nº 27), Guadarrama (nº 92), Santa Pola (nº 145), Santiponce (nº 151), Tobarra (nº 166) e Torreblanca (nº 167). Achados isolados: Balsemão (nº 19), Belmonte (nº 23), Lugo (nº 98), Villasabariego (nº 175) e Segóvia (nº 215).

<sup>6</sup> À excepção de um *aureus* de Pertinax encontrado em Bubierca (BOST *et alii* 1992b 42, nº 30), não localizámos mais achados de moedas de ouro do período 180-193.

unidades, tendo sido identificados, para além do já citado *aureus* de Septímio Severo, exemplares de Vespasiano, Antonino Pio e Marco Aurélio.

A análise do Gráfico 2, elaborado segundo o critério das *moedas/ano*, ilustra bem este fenómeno da escassez da moeda de ouro a partir das últimas décadas do século II. Uma nota também para a reduzida importância das emissões anteriores a Adriano, cuja presença no achado - não obstante corresponder globalmente a 12,5% das 40 moedas inventariadas - representa um valor baixíssimo, entre 0,06 e 0,18 moedas/ano. O conjunto inicia-se com uma moeda de Nero, à semelhança do que parece verificar-se com a grande maioria dos achados peninsulares de *aurei* do século II (cf. CENTENO 1978 60, Quadro 6). Como notou Duncan-Jones, as emissões de ouro deste soberano mantêm uma presença constante - e, com frequência, elevada - nos depósitos da segunda metade do século II-inícios do século III (DUNCAN-JONES 1994 206-209, Figs. 14.12 e 14.14). Sendo o teor de fino dos *aurei* neronianos bastante semelhante ao dos *aurei* flavianos e antoninos (CALLU *et alii* 1985 82, Tabl. 4), esta sobrevivência acaba por reflectir, de alguma forma, uma anomalia na escolha das moedas destinadas à refundição, atestando como a recunhagem nem sempre afecta as moedas mais antigas.

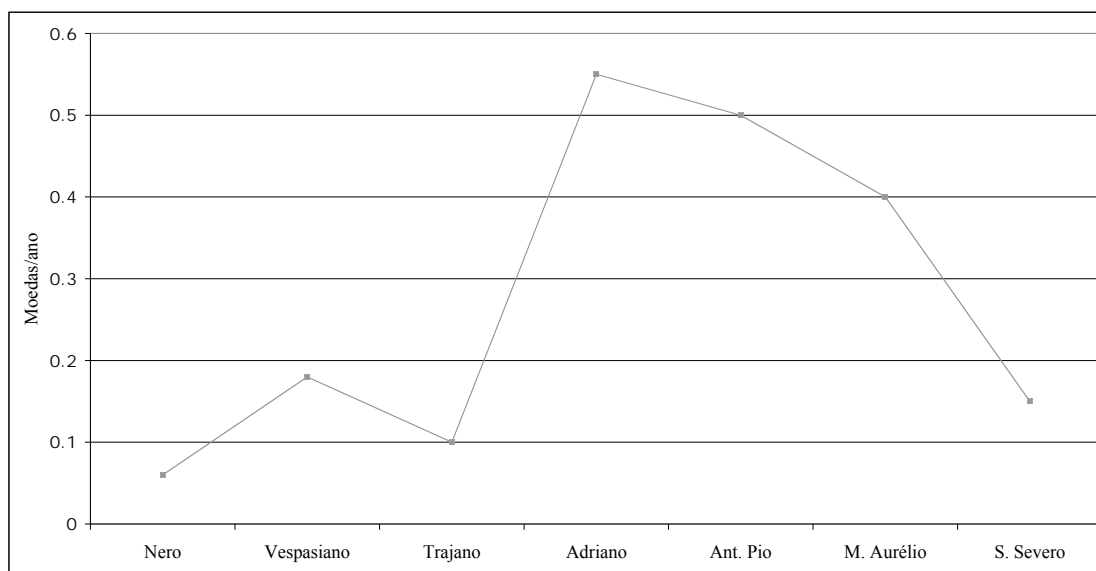


Gráfico 2- Barroca da Laje: moedas/ano

Parece claro que, entre finais do século II e a primeira metade do século III, a quantidade de moeda de ouro em circulação conhece uma forte redução por todo o






Ocidente romano (BLAND 1996 64). Existem por certo várias justificações para este fenómeno, embora as mais regularmente apontadas sejam a diminuição das quantidades de ouro cunhado lançadas nos circuitos pela *Moeda* imperial e a imobilização desse numerário com vista à sua reutilização em jóias, prática muito generalizada no século III e que corresponde igualmente a uma forma de entesouramento, como atestam, por exemplo, os *aurei* do tesouro de Eauze (BOST e GURT 1992a 303; sobre esta questão cf. ainda: CALLU 1969 428-430 e, sobretudo, BRENOT e METZGER 1992 313-372).

Admitimos que um estudo detalhado das peças de joalharia e baixela que acompanhavam o depósito possa fornecer algum elemento relevante para a cronologia do achado mas, por enquanto, esse trabalho continua por realizar. Por outro lado, tratando-se de objectos de prestígio, têm uma duração de vida bastante longa, passando, amiúde, de geração em geração dentro da mesma família. A própria fórmula VT(ere) F(elix/eliciter) gravada na pedra de um dos anéis não possui neste caso grande utilidade, já que inscrições semelhantes em anéis - com votos de sorte ou de felicidade - são extremamente comuns nos séculos II e III (GIRAUD 1992 75-76).

A estrutura deste conjunto monetário revela-nos claramente um conjunto de aforro. Porém a presença de jóias tipicamente femininas e baixela associada às moedas de ouro parece sugerir que, num dado momento e numa conjuntura provavelmente excepcional, o proprietário das moedas viu-se forçado a acrescentar ao conjunto uma série de peças de joalharia e de ourivesaria com a intenção de as salvaguardar, assegurando uma importante reserva de valor em metal precioso.

São ainda aspectos a destacar o excelente estado de conservação das moedas - praticamente à flor do cunho -, a existência no conjunto de dois exemplares partilhando o mesmo cunho de anverso (*Cat.* 18.1-2) e, o que ainda nos parece mais relevante, o facto de moedas de Trajano e de Antonino Pio (para *Diva Faustina*) do tesouro da Barroca da Laje utilizarem os mesmos cunhos de exemplares recolhidos no tesouro de Braga, de que apresentamos seguidamente o respectivo *stemma*.

Anv.	TRAJANO	Rev.	Anv.	DIVA FAVSTINA	Rev.
	Barroca da Laje 5 Braga 49			Barroca da Laje 28 Braga 131 Braga 132	

Esta constatação, apesar de há muito efectuada por Rui Centeno (CENTENO 1978 49-50), assume, contudo, renovada importância quando, pelo mesmo autor ficamos a saber que várias moedas do tesouro bracarense partilham os mesmos cunhos que exemplares de outros tesouros de *aurei* do Noroeste e do Norte peninsular - tesouros de Lugo, Carreño (Oviedo) e *Clunia* (este só com *aurei* até Nerva). Este facto leva-nos a colocar a hipótese de estas moedas terem feito parte de grandes lotes de *aurei* que viajaram directamente de Roma para o Noroeste peninsular, destinados ao pagamento de altos funcionários da administração ou de oficiais do exército, uma vez que, como é sabido, nesta região da Península estava acantonada na época a Legião VII Gémina. Uma simples passagem de olhos pelo mapa de dispersão dos achados de *aurei* na Península durante os séculos I e II mostra precisamente que a maior concentração de achados em solo hispânico tem lugar no Noroeste e no Norte (BOST *et alii* 1992b 85-86, Figs. 2-3). Considerando que toda esta vasta região está muito longe dos índices de desenvolvimento económico atingidos pelas zonas mais meridionais (Sul da Lusitânia, Bética e área mediterrânica da Tarraconense), a abundância deste tipo de numerário estará, muito provavelmente, relacionada com a presença militar na zona. Quanto ao tesouro da Barroca da Laje, parece-nos plausível que a sua formação possa ter sido efectuada com base em numerário distribuído no Noroeste e posteriormente difundido para Sul através da via *Emerita-Bracara Augusta*, da qual o local do achado distava, no máximo, uns escassos cinco quilómetros (cf. CARVALHO 2007 129-136).

De salientar, todavia, que as prospecções arqueológicas recentemente efectuadas por Pedro Carvalho na área do achado não conduziram à localização de vestígios de um qualquer estabelecimento ou povoação romana. Esta, a ter existido nas proximidades, estaria, por força, sob a actual localidade de Borralheira (CARVALHO 2007 189-190). No entanto, a cerca de dois quilómetros da Borralheira situa-se Orjais, onde aquele investigador propõe a localização de uma capital de *ciuitas*, que poderia ser a dos *Ocelenses* (Carvalho 2007 339-343), etnónimo que Amílcar Guerra associa aos *Lancienses Oppidani* (GUERRA 2007 178-186).

Neste contexto é perfeitamente admissível que o tesouro tenha originariamente pertencido a algum antigo militar, a um proprietário fundiário ou a um comerciante, eventualmente com ligação à administração local<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Sobre os utilizadores/proprietários da moeda de ouro, cf. LORIOT (2003 57-74).

## 2.2. Os depósitos anteriores a 260 d.C. e a circulação da moeda de bronze

Os depósitos do século III compostos por moeda de bronze são, à semelhança do verificado para as restantes províncias hispânicas<sup>8</sup>, pouco numerosos na Lusitânia (cf. Quadro 3 e *Apêndices*, Mapa 2).

	27a.C. - 96	96-192	193-217	217-222	222-235	235-238	238-244	244-249	249-251	251-253	253-260	?	Total
Casa do Anfiteatro	3	9	1		1	1	1						16
Solar da Campsa	1	9	1				1	1				2	15
Mirobriga						1	1	1					?
Evora					15		13						?
Arruda dos Vinhos					*	*							?
S. Miguel					*								?
Palvarinho		*				*							?
Monte Real		2			1			1					?
Portugal 1967						1		1			2		?

**Quadro 3 - Depósitos e hipotéticos depósitos lusitanos com bronzes do séc. III**

Descontando uma série de achados duvidosos ou de localização e composição incerta sobre os quais não temos intenção de nos deter de forma muito pormenorizada (*Mirobriga*, Évora (Convento de S. Domingos) Arruda dos Vinhos, S. Miguel, Palvarinho, Monte Real e Portugal 1967), constatamos que os dois depósitos identificados com segurança (Casa do Anfiteatro e Campsa) correspondem apenas a uma pequena percentagem dos achados lusitanos do século III (cf. *infra* Gráfico 23). A situação não difere grandemente da registada na Bética e na Tarraconense, nas quais se verifica que o número de achados posteriores a 260 contendo antoninianos é largamente superior aos achados do período anterior, compostos, sobretudo, por sestércios. Cremos que esta situação decorrerá de uma maior instabilidade política e social verificada na Península na segunda metade da centúria, mas também não nos parece de descartar a possibilidade de muitos depósitos mais tardios serem o reflexo da conjuntura económica da época, podendo inclusivamente espelhar situações de abandono voluntário das moedas, quiçá devido a eventuais situações de desmonetização de determinadas espécies.

<sup>8</sup> Seguimos no nosso trabalho a lista de tesouros do século III publicada e sucessivamente actualizada por MARTÍNEZ MIRA (1995-1997 119-180; 2000-2001 297-307; 2004-2005 207-236). Ao nível dos achados de moedas de bronze pouco lhe há a acrescentar, ressaltando o recente estudo de José Marcelo Mendes-Pinto sobre o tesouro da Quinta das Cortes, Marco de Canavezes (MENDES-PINTO 2004 189-199).

Um outro aspecto que, de uma forma geral, caracteriza os depósitos hispânicos do século III com moeda de bronze prende-se com o facto de, salvo raras excepções - Cabrera III<sup>9</sup>, Mirador de Denia e Talamanca -, serem constituídos por pequenas quantidades de numerário, não ultrapassando na maior parte dos casos a centena de unidades (boa parte não chega sequer a ultrapassar as duas dezenas), pelo que é lícito supor que representem amiúde o conteúdo de pequenos porta-moedas, cuja composição ilustrará, com alguma segurança, o tipo de numerário de uso corrente até cerca de 260.

Como anteriormente referimos, foi inventariado um pequeno grupo de achados, muitos dos quais nos parecem duvidosos, compostos por bronzes do século III. Se relativamente ao conjunto conhecido como Portugal 1967, as dúvidas dizem apenas respeito à sua exacta proveniência e respectiva composição, no caso dos achados de Arruda dos Vinhos, S. Miguel e Palvarinho, temos fundadas suspeitas de que poderão não corresponder a entesouramentos, como referimos na introdução que, no Volume II, realizámos a cada um deles. Não deixa, de resto, de nos parecer algo estranho que os "tesouros" de Arruda dos Vinhos e Palvarinho devam a sua identificação enquanto tal unicamente a MATEU Y LLOPIS (1947-48 68), sem que qualquer outra fonte corrobore as afirmações deste investigador. Não obstante, desde a data de publicação do número 5 dos *Hallazgos monetarios*, aquela classificação tem sido unanimemente aceite. Não pretendendo afirmar de forma perempória que a identificação é errónea - admitimos que o autor possa ter obtido informação suficientemente explícita para fundamentar a sua proposta -, a verdade é que nada mais autoriza a inclusão destes achados no grupo dos tesouros, pelo que nesta matéria talvez seja conveniente usarmos de alguma prudência.

Quanto ao lote de moedas que seria proveniente do antigo convento dos Dominicanos de Évora e que Jean-Pierre Bost admite fazer parte de um tesouro, a sugestão parece-nos tentadora, mas não há dados suficientes que a atestem. Como este investigador reconheceu perante nós, pode muito bem tratar-se de uma colecção, originária daquela instituição religiosa e incorporada posteriormente no domínio público na sequência do decreto de 28 de Maio de 1834 que extinguiu as ordens religiosas.

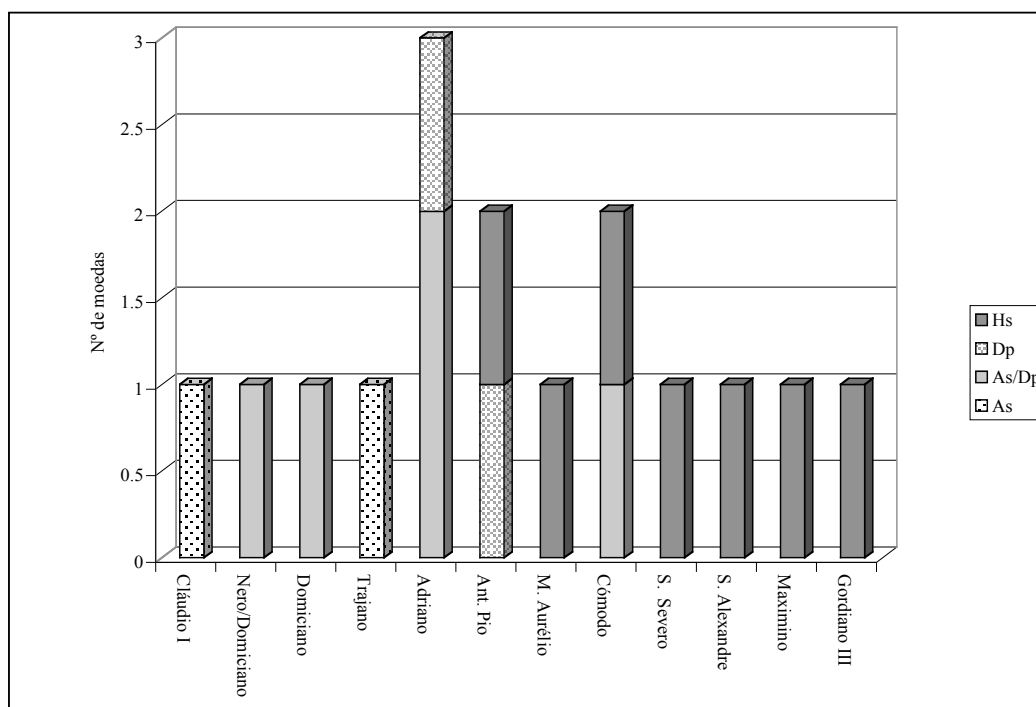
---

<sup>9</sup> O conjunto de Cabrera III constituía, segundo a evidência, o conteúdo da *caixa* da embarcação aquando do naufrágio. A sua origem hispânica é provável, mas não segura, o que levou os autores da publicação a considerar a hipótese de este depósito ser apenas "hispânico por acidente" (BOST *et alii* 1992a 106).

Já no caso das moedas descobertas por D. Fernando de Almeida nas escavações da *villa Periquito*, em *Mirobriga*, a situação é um pouco diferente, uma vez que temos alguma informação sobre o local e as condições de jazida do possível achado, mas, como a intervenção arqueológica parece ter sido circunscrita à abertura de valas de sondagem e não nos foi possível observar as moedas, os dados não se afiguram totalmente conclusivos.

Por fim, no que respeita ao pequeno conjunto de moedas descoberto nos inícios do século XIX em Monte Real, junto a uma nascente termal, associado a uma inscrição votiva e a uma série de ámulas anepígrafas, trata-se evidentemente de um achado acumulado, de carácter votivo, pelo que não pode ser considerado um tesouro. Na Lusitânia este tipo de achado tem paralelo no depósito de Baños de Montemayor (Cáceres), descoberto em 1894 numa das fontes do balneário termal, o qual era composto por 18 moedas dos séculos I ao IV (ABAD VARELA 1994 617-652).

Fechado este pequeno parêntese, vamos passar, de seguida, à análise dos conjuntos emeritenses da Casa do Anfiteatro e do *solar* da Campsa, os únicos conjuntos lusitanos anteriores a 260 sobre os quais não recaem dúvidas de maior e que, além do mais, se encontram completos. Nos Gráficos 3 e 4 pode observar-se a sua composição. Um dos aspectos que ressalta de imediato prende-se com o reduzido número de exemplares que compunha cada um deles: 16 no primeiro depósito e 15 no segundo. Uma amostragem tão diminuta arrisca-se, naturalmente, a ser considerada pouco representativa do numerário em circulação por meados do século III, embora as breves considerações que se seguem pareçam demonstrar que não é esse o caso. Começando pelo achado da Casa do Anfiteatro, salta logo à vista a existência de várias denominações de bronze circulantes nesta época: embora, entre o numerário mais recente, os sestércios sejam preponderantes, no que respeita às unidades mais antigas, asses e dupôndios possuem um peso muito relevante, que ultrapassa, inclusive, os 50 % da totalidade do depósito.



**Gráfico 3 - Composição do depósito da Casa do Anfiteatro**

A este nível, o conjunto da casa do Anfiteatro diverge dos grandes depósitos hispânicos do século III com moedas de bronze, nos quais os sub-múltiplos do sestércio têm pouca ou nenhuma expressão (cf. *supra* Quadro 3). cremos que esta situação poderá ser explicada, por um lado, pela selecção prévia da denominação que se pretendia armazenar - nítida na composição de grandes tesouros de aforro (El Mirador e Talamanca) -, mas decerto não deixará igualmente de reflectir a tendência - crescente desde os Antoninos - para o progressivo desaparecimento das espécies divisionárias. No entanto, é curioso verificar que, em pequenos depósitos de bronzes anteriores a 260 - a maior parte dos quais parecem representar, como acima referimos, o conteúdo de porta-moedas compostos por espécies correntes - surge com alguma frequência moeda divisionária associada ao sestércio, indiciando ainda a sua circulação tardia. Uma rápida análise da composição destes depósitos mostra tratar-se, regra geral, de numerário júlio-claudiano (incluindo, por vezes, a presença de séries hispânicas), flaviano ou antonino. De entre os conjuntos analisados, o único sub-múltiplo do sestércio atribuído ao século III circunscreve-se a um dupôndio cunhado por Trajano Décio para Herénia Etruscila, presente no depósito de Valeria.

	AR	Hs	Dp	As	AE	Ant	Total
Casa do Anfiteatro		7	2	2	5		16
Sta. M <sup>a</sup> de Mave		7	3	9			19
Clunia 2	1	1		4		18	24
Clunia 3		2		2		50	54
El Mirador		668	1				669
Valeria		7	2		5		14
Benicató		11		5			16
Los Torrejones		8		1			9
Villauba		44		1		2	47
Cabrera III		965				2	967
Talamanca		515			1		516
Total	1	2235	8	24	11	72	2351

**Quadro 4 - Composição dos depósitos hispânicos contendo várias denominações de bronze<sup>10</sup>**

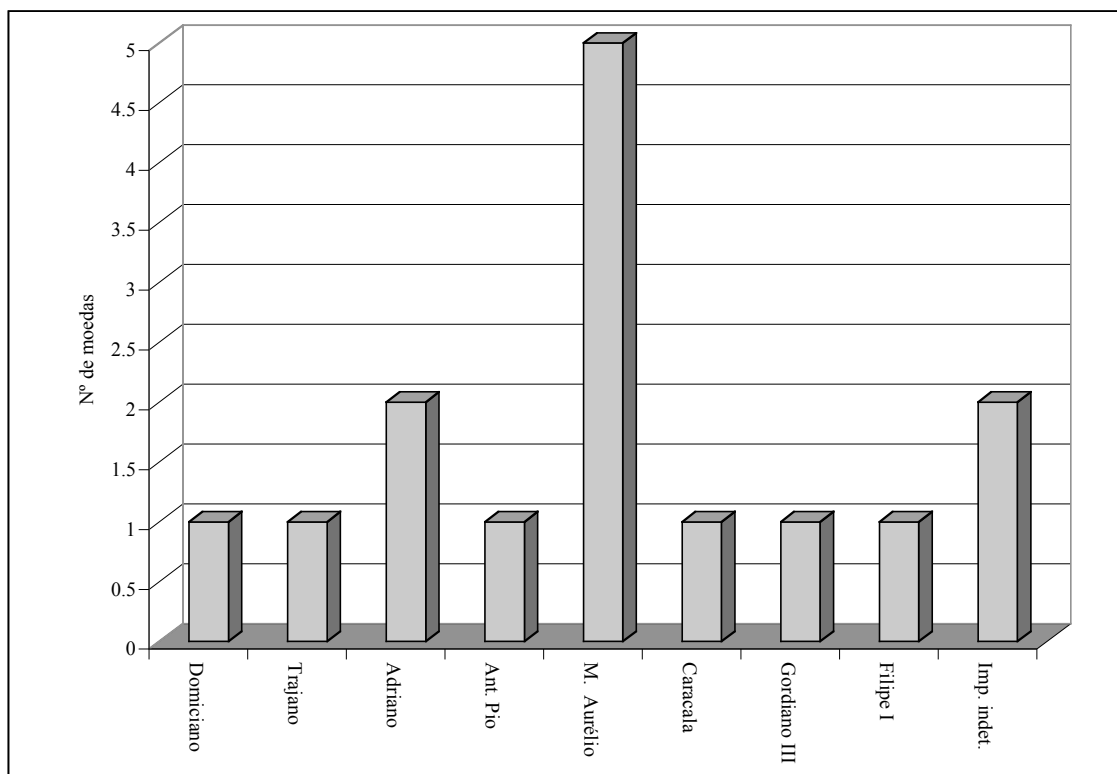
No depósito da Casa do Anfiteatro, 75% do numerário foi cunhado antes de 192, cifra que em pouco difere da obtida para o tesouro da Campsa, que ronda os 77%.

Em termos quantitativos, em ambos abundam as séries dos Antoninos, destacando-se, no primeiro, as emissões de Adriano, Antonino Pio e Cómodo e, no segundo, as cunhagens de Marco Aurélio. As séries mais antigas datam, num caso, do período júlio-claudiano (Cláudio I<sup>11</sup>) e, no outro, dos Flávios (Domiciano).

<sup>10</sup> Bibliografia dos depósitos citados no Quadro 4: Santa Maria de Mave, Palência (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 225); Clunia 2 e Clunia 3 (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-145); El Mirador de Denia, Alicante (ABASCAL *et alii* 1995); Valeria, Cuenca (OSUNA *et alii* 1978 76-79); Benicató, Castellón (RIPOLLÈS ALEGRE 1977 145-154); Los Torrejones, Múrcia (AMANTE SÁNCHEZ e LECHUGA GALINDO 1986 51-61); Villauba, Pla de L'Estany (ROURE I BONAVENTURA *et alii* 1986-1989 268-281; CASTANYER I MASOLIVER e TREMOLEDA I TRILLA 1999 319-334); Cabrera III, Maiorca (BOST *et alii* 1992a 35-116) e Talamanca, Ibiza (CAMPO e FERNÁNDEZ 1977 89-101).

<sup>11</sup> Trata-se de um asse de fabrico hispânico, com o característico reverso de Minerva (RIC 100), do tipo recentemente atribuído por BESOMBES e BARRANDON (2000 161-188) a um atelier hispânico designado por *Atelier I*.





**Gráfico 4- Composição do depósito do solar da Campsa**

As emissões dos Severos em diante, sendo as mais recentes em termos cronológicos, têm um peso reduzido nos dois conjuntos. Atestam, é certo, uma renovação do numerário ao longo da primeira metade da terceira centúria, mas, à luz destes dois pequenos conjuntos monetários, essa renovação parece processar-se de uma forma tímida na capital lusitana. Esta constatação, a considerar com reservas devido à insuficiência da amostragem, não deixa, contudo, de vir ao encontro dos dados proporcionados pela análise do material oriundo das escavações e achados ocasionais realizados na área da cidade (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 1).

A análise do Gráfico 5, ao permitir a comparação simultânea da estrutura dos achados da Campsa e da Casa do Anfiteatro com outros achados hispânicos anteriores a 260, é bem elucidativa da sobrevivência até bastante tarde do *antigo regime* monetário, sustentado na circulação de um massivo *stock* de bronzes alto-imperiais, ao qual foi sendo acrescentado numerário fresco, com particular destaque para as séries dos anos 238-253. A partir desta data, e até cerca de 260, tesouros e outros achados ainda nos fornecem alguns, embora raros, exemplares. Com a ascensão de Galieno fecha-se um

ciclo que durou quase três séculos e os circuitos monetários são inundados por moeda de bilhão, de peso e módulo reduzidos e de baixíssimo valor intrínseco.

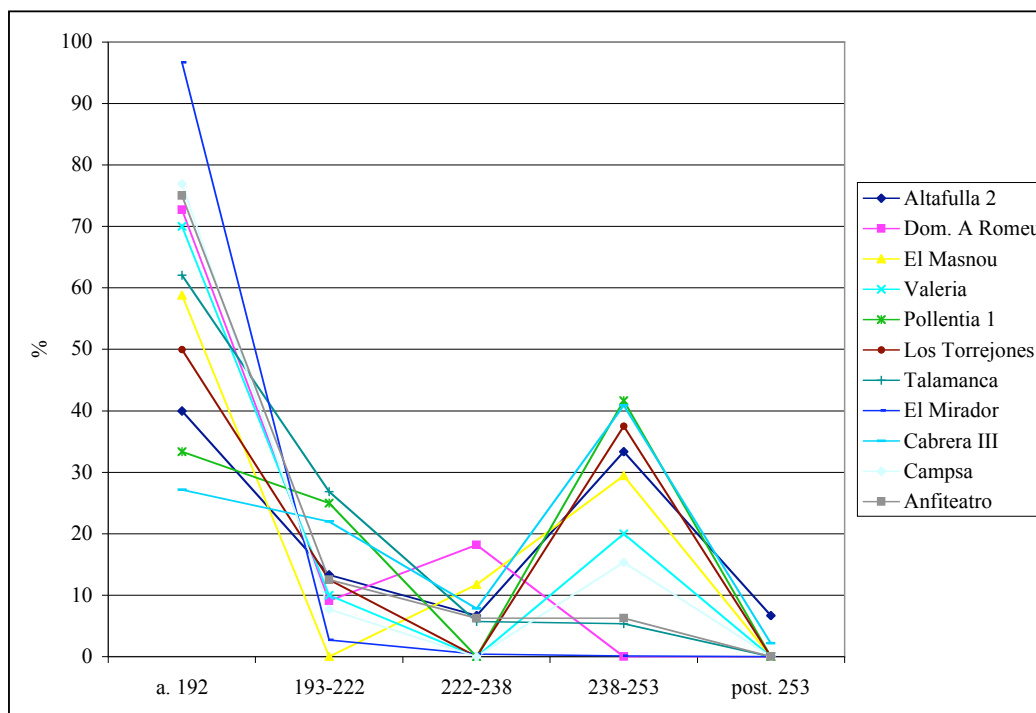


Gráfico 5 - Estrutura de vários tesouros hispânicos com bronzes até meados do século III (%)<sup>12</sup>

Quanto à cronologia dos achados emeritenses, cremos que não deverão existir diferenças muito significativas entre ambos. No depósito da Casa do Anfiteatro, o exemplar mais recente é de Gordiano III (RIC 328a) e, no da Campsa, de Filipe-o-Árabe (RIC 176a). Na ausência de dados estratigráficos muito precisos que permitam a discussão desta questão - o relatório da intervenção que esteve na origem da descoberta do depósito da Casa do Anfiteatro não foi, até agora, publicado - e considerando o reduzido tamanho dos depósitos e as dificuldades da aplicação do critério do desgaste das unidades mais recentes - os da Casa do Anfiteatro, para além do desgaste não primam pela boa conservação -, parece-nos inviável afinar as data das deposições que, estamos

<sup>12</sup> A bibliografia de alguns destes conjuntos foi já indicada na nota 10. Para os restantes, a literatura de referência é a seguinte: Altafulla 2, Tarragona (MAROT 1998 218-220); *Domus A de Romeu*, Sagunto (LLORENS FORCADA e RIPOLLÈS ALEGRE 1995 217-228; 2005 115-123); El Masnou, Barcelona (GURT 1977 81-89); Pollentia I, Maiorca (MATTINGLY 1983 269: o autor considera a ocultação posterior a 270 atendendo ao desgaste dos exemplares mais recentes).

em crer, deverão situar-se algures por meados do século III, podendo ir até cerca de 260. Só para termos presente a possibilidade de existir um desfasamento entre a cronologia da unidade mais recente e a data da deposição, basta citar dois exemplos: o achado de Polentia 1 (Maiorca) - cujo exemplar mais recente é um sestércio de Trajano Décio (RIC 126d) - foi considerado posterior a 270 por Mattingly, com base no elevado grau de uso das moedas mais recentes (MATTINGLY 1983 269); o depósito de Villauba (Gerona), fechado por um antoniniano de Valeriano batido em Colónia nos anos 257-258 (Elmer 11/13), encontrava-se debaixo de uma extensa camada de derrube que afectou toda a área norte da *uilla*. Numa zona próxima, mas sob o mesmo estrato, foi recolhida uma moeda de Cláudio II que acaba por dilatar, em pelo menos dez anos, a cronologia da deposição (CASTANYER i MASOLIVER e TREMOLEDA i TRILLA 1999 320 e 326-330).

Não se pode descartar, de resto, a possibilidade de a perda definitiva das moedas da casa do Anfiteatro possuir alguma relação com a conversão da zona ocupada por este complexo habitacional em área funerária, logo em finais do século III ou já no decurso do IV, como sugerem alguns autores (PIZZO 2001 347; BEJARANO OSORIO 2004 253 e segs.). Não está totalmente fora de questão que este cenário possa ter-se desenrolado em consequência do abandono e/ou destruição parcial ou total do edifício, por razões por nós desconhecidas. Sobre esta questão tentaremos, mais adiante, abordar algumas pistas de investigação. Quanto ao conjunto da Campsa, foi recolhido num nível de derrube do muro de um espaço funerário, sem que se tenham podido identificar as causas e o momento da acção, pelo que daí não é permitido extrair-se grandes ilacções. Assim, e tendo bem presente que o aparecimento destes dois tesouros, sensivelmente contemporâneos, situados a pouca distância um do outro, poderá não passar, face aos dados de que dispomos, de uma mera coincidência, registamos todavia um aspecto que, estamos em crer, valerá a pena comentar. Trata-se da associação de vários depósitos, datados de meados-terceiro quartel do século III, a estratos de destruição e abandono de edifícios, nomeadamente a níveis de incêndio. No Quadro 5 apresenta-se uma listagem dos achados hispânicos dos quais temos conhecimento, detectados nessas circunstâncias.

	Moeda + recente	Nº moedas
Romeu	Balbino	11
Casa do Anfiteatro	Gordiano III	16
"Solar" da Campsa	Filipe I	15
Los Torrejones	Trajano Décio	9
Valeria	Trajano Décio	15
Pollentia 3	Tr. Galo/Galiano	37
Villauba	Valeriano	48
Benicató	Valeriano	16
Altafulla 2	Galiano (r.c.)	16
Clunia 2	Probo	24
Rua Roc Chabàs	Quintilo	86
Clunia 3	Tétrico II	54

**Quadro 5 - Depósitos hispânicos de meados-3º quartel do séc. III recolhidos em níveis de destruição<sup>13</sup>**

Tomando como ponto de partida os relatos de Aurélio Victor (*Liber de caesaribus* 33.3), Eutrópio (*Breviarum Hist. Rom.* VIII, 8.2), Jerónimo (*Chronicon* 1830), Orósio (*Historiarum adv. pag.*, VII, 22.7-8 e 41-2) e Próspero (*Epit. chron.* 261), referindo ataques de povos germânicos - ao que tudo indica os Francos - à Hispânia (particularmente a Tarraco) no reinado de Galiano (c. 259-264), diversos autores têm procurado relacionar alguns depósitos monetários peninsulares de meados-terceiro quartel do século III com essas invasões, com destaque para os recolhidos em níveis de destruição<sup>14</sup>.

Não sendo possível descartar a possibilidade de a ocultação e não-recuperação de vários tesouros hispânicos ser consequência da incursão franca, não é possível vincular a este acontecimento, cuja veracidade é actualmente posta em causa por alguns investigadores, boa parte dos achados referidos no Quadro 5. O depósito de Villauba foi recolhido num nível de incêndio do compartimento identificado como despensa e cozinha da *uilla*. Segundo os autores da escavação, a deflagração ocorreu de forma accidental em

<sup>13</sup> A bibliografia dos achados mencionados neste quadro foi já indicada nas notas 10 e 12, à excepção dos depósitos de Pollentia III (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997, 131, nº 30; 2004-2005 212) e da rua Roc Chabàs, Valência (SALAVERTE LÉON e RIBERA I LACOMBA 2005 141-154).

<sup>14</sup> A bibliografia sobre o tema é vastíssima. Não pretendendo entrar, para já, na discussão desta problemática, limitamo-nos a indicar, segundo um critério cronológico, os principais trabalhos publicados: TARACENA 1952 37-45; TARRADEL 1955 95-110; TARRADEL 1955-1956 231-239; TARRADEL 1958 263-275; SÁNCHEZ REAL 1957 6-12; BALIL 1957 97-143; BALIL 1959a 49-91; RAMOS FOLQUÉS 1958 275-279; RAMOS FOLQUES 1960 9-53; BLÁZQUEZ 1968 5-37; BLÁZQUEZ 1982 247- 288; ARCE 1978 257-269; ARCE 1987 285-291; CAMPO e GURT 1980 129-140; SAGREDO SAN EUSTAQUIO 1981-1985 89-104; SAGREDO SAN EUSTAQUIO 1987 531-558; SANTOS YANGUAS 1986 151-175; GONZÁLEZ PRATS e ABÁSCAL PALAZÓN 1987 183-196; LÓPEZ MELERO 1990 43-60; CEPAS PALANCA 1997 15-27; PÉREZ CENTENO 1998 343-360; PEÑA CERVANTES 2000 469-492; GOZALBES 2005 125-139.

finais do século III-inícios do IV (CASTANYER i MASOLIVER e TREMOLEDA i TRILLA 1999 321-322). Quanto ao depósito da *domus* A de Romeu, os autores do seu estudo optaram por não o associar a qualquer acontecimento político ou militar concreto, atendendo à cronologia do exemplar mais recente (RIC 22, para Balbino, cunhado em 238) e à insuficiência dos dados histórico-arqueológicos (RIPOLLÈS ALEGRE e LLORENS FORCADA 2005 123). Com uma cronologia de deposição muito posterior à invasão franca temos o achado da rua Roc Chabás (Valência), cuja ocultação parece datar de finais do terceiro-inícios do último quartel do século III (SALAVERTE LÉON e RIBERA i LACOMBA 2005 152-154)<sup>15</sup> e os de Clunia II e de Clunia III, ambos posteriores a 280 (GURT 1985 136-137). Os conjuntos de Pollentia III, Valeria e Los Torrejones são provenientes de áreas marginais da Tarraconense e os dois depósitos emeritenses surgem-nos muito afastados da zona-alvo das hipotéticas razias francas (cf. *Apêndices*, Mapa 2). Parece-nos muito difícil, pelo menos face aos dados actualmente disponíveis, estabelecer qualquer conexão entre os achados lusitanos e umas invasões germânicas das quais, a terem efectivamente ocorrido, desconhecemos o impacto. A este propósito, vejamos as objecções de Roland Delmaire, que salienta as dificuldades em relacionar os tesouros gauleses do século III com as invasões germânicas e a insegurança, sugerindo que muitos picos de ocultação estarão associados às manipulações da moeda efectuadas pelo Estado, tanto no sentido da sua valorização como no da sua desvalorização (DELMAIRE 1995 21-26). No entanto, é sempre difícil fugir à tentação de explicar estas ocultações à luz de perturbações militares, sociais ou económicas, sobretudo numa época tão fértil nesse tipo de acontecimentos como foi o século III e não restam dúvidas de que as mesmas terão atingido a Hispânia e serão, por certo, responsáveis por numerosas deposições de moedas.

Tem sido igualmente sugerido que alguns tesouros ocultados durante os anos do governo de Galieno possam estar relacionados com a secessão de Póstumo, após a captura de Valeriano pelos Persas em 260. Momentaneamente a Hispânia, ou pelo menos parte dela, terá aderido ao Império das Gálias, admitindo-se a existência de enfrentamentos entre partidários de ambos os governantes pelo controlo da Península, com a consequente criação de um ambiente propício à não-recuperação de várias

---

<sup>15</sup> No entanto, Orósio (*Historiarum* ... VII, 41-2) refere que os Francos permaneceram 12 anos na Península.

ocultações. Este cenário não pode ser completamente posto de parte no caso emeritense, considerando a existência de uma inscrição dedicada pelo governador provincial a Galieno, em 261, na qual o nome do imperador foi posteriormente martelado, dado que pode indiciar a adesão da província, ou pelo menos da capital, a Póstumo (RAMÍREZ SÁDABA 2003 100-103, nº 57).

No entanto, como se pode observar no Quadro 5 (cf. *supra*), a maior parte destes depósitos é composta por pequeníssimas somas, autênticos porta-moedas destinados ao uso quotidiano, cuja não recuperação pelos proprietários pode, nalguns casos, ter sido intencional<sup>16</sup>. O seu reduzido valor sugere, ocasionalmente, a possibilidade de terem ficado "esquecidos", arrumados a um canto, fruto de possível desvalorização ou desmonetização, tendo os factos que resultaram na sua perda definitiva ocorrido vários anos mais tarde. Daí que a sua datação possa ser, por vezes, bastante falaciosa, com achados aparentemente contemporâneos a não se enquadrarem, afinal, no mesmo horizonte cronológico.

---

<sup>16</sup> No caso das 16 moedas do depósito conhecido por Altafulla 2, encontradas num *rolo* ao lado de um corpo carbonizado na *uilla* de Els Munts (MAROT 1998 218-220) está afastada, naturalmente, esta possibilidade.

### 2. 3. Depósitos ocultos entre 260 e 268

Conhece-se na Hispânia um vasto conjunto de tesouros que parecem terminar com moedas do reinado exclusivo de Galieno. Embora a sua distribuição se estenda predominantemente ao longo da fachada mediterrânica da Tarraconense (cf. *Apêndices*, Mapa 3), temos também alguns depósitos deste período documentados para a Lusitânia: os achados de Valhascos I (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 20), da Serra do Condão, Arganil (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 25) e, eventualmente, da Foz do Rio Arade, Portimão (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 11). Para além destes achados, organizámos uma pequena listagem de conjuntos peninsulares susceptíveis de terem sido ocultos nos anos 260-268:

- Altafulla I, Tarragona: tesouro descoberto na *uilla* de Els Munts, composto por cerca de 1000 antoninianos dos quais se estudaram 230; os exemplares mais recentes pertencem à 2ª série de Roma, cunhada em 261 (HIERNARD 1978a 313-315; BALIL 1979 97-99);
- Região de Chantada, Orense: tesouro composto por um número indeterminado de moedas, do qual se lograram identificar 49 antoninianos; os exemplares mais recentes são atribuíveis à 2ª série de Roma (CAVADA NIETO 1992 347-369, devido a uma classificação bastante defeituosa propõe um *terminus* de 267-268, no que é corrigida por BOST (2000 163), que o rebaixa para 263, e por CEPEDA (2002 415, fig. 1), que o fixa correctamente em 261);
- Vareia, Logronho: conjunto composto por 182 antoninianos descobertos no interior de uma habitação; não se encontra ainda publicado e as notícias sobre a cronologia do exemplar mais recente são contraditórias: de Póstumo, datado de c. 262 (ESPINOZA RUIZ e TIRADO MARTÍNEZ 1991 26-30), ou de Salonina, datado de 266 (MARTÍNEZ MIRA 1995-97 134 e 159: as referências bibliográficas indicadas para este exemplar estão erradas);
- Santa Polla, Alicante: em contexto e circunstâncias desconhecidas terão sido achados, pelo menos, 2 *aurei* de Galieno (RIC 95 e 95var.), cunhados em Roma por volta de 262 (BOST *et alii* 1992b 59, nº 146);
- Les Alqueries, Castellón: tesouro composto por 144 antoninianos, dos quais se classificaram 122, sendo os mais recentes de Roma (4ª série) e Antioquia (Emissão IV), todos datados de 265 (RIPOLLÈS e GOZALBES 1998 63-77);

- Bares II, Corunha: conjunto composto por mais de um milhar de numismas; das 563 unidades classificadas, as mais recentes datam de 266 (CEPEDA 2002 415, fig. 1);
- Honcalada, Valladolid: ao que tudo indica trata-se de um pequeno depósito monetário do qual se identificaram 26 antoninianos, o mais recente dos quais pertence à 5ª série de Roma (BALIL e MARTÍN VALLS 1979: neste trabalho as moedas terminais estão mal classificadas);
- Almenara, Castellón: tesouro formado por 31 moedas (2 denários e 29 antoninianos); os exemplares mais recentes são atribuíveis à 5ª série de Roma, de 266 (GOZALBES 1996-1997 599-621; GOZALBES 2005 125-139);
- Tarragona 1888: depósito composto por várias centenas de antoninianos descobertos dentro de uma ânfora; os 105 exemplares estudados terminam na 5ª série de Roma (HIERNARD 1978 107-123; HIERNARD 1978a 315-316);
- Baños de Riocaldo, Orense: pequeno depósito constituído por 9 antoninianos achados no interior de um recipiente cerâmico; o mais recente data de 266 (CEPEDA 2002 415, fig. 1);
- Mas d'Aragó, Castellón: o achado compõe-se de 53 unidades (15 sestércios e 38 antoninianos), recolhidas no decurso de uma escavação; a peça mais recente é atribuível à 5ª série de Roma (GOZALBES 1996 383-404);
- Jimena de la Frontera II, Cádiz: volumoso tesouro encontrado dentro de um recipiente cerâmico no local onde se terá erguido a antiga Oba em 1935 ou 1936, do qual se estudaram 29.881 unidades, correspondentes a 2/3 ou 3/4 do total; as numismas mais recentes pertencem à 6ª série de Roma, de 267-268 (GALWEY 1962 335-406; CHRISTOL e NONY 1970 526-527);

A este grupo de depósitos, de composição e cronologia relativamente bem definida, pode ainda acrescentar-se um outro, composto por mais de uma dezena de achados - ou de hipotéticos achados - os quais, não obstante a escassez da informação disponível, podem muito bem terminar com numerário dos anos 260-268:

- Serra, Sul de Portugal (?): conjunto composto por bronzes de vários imperadores, o mais moderno dos quais Galieno. Como a informação é muito vaga, não se chega a perceber se na composição do achado entram sestércios ou antoninianos e se pertence ao período 253-260 ou ao período 260-268 (BALIL 1957 142; HIPÓLITO 1960-1961 92, nº 139 e 111);
- Valverde del Camiño, Huelva: conjunto composto por cerca de 800 radiados de Gordiano III a Galieno, sem especificar se as moedas pertencem à fase conjunta (253-260) ou ao reinado absoluto (BALIL 1957 142 e n. 111);



- Écija, Sevilha: é referido, sem mais precisões, o achado de uma centena de moedas da época de Galieno; as observações realizadas aos dois conjuntos anteriores permanecem válidas (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 132, nº 37);
- Cerro de Judas, Jaén: é referido um tesouro achado em 1920, numa vasilha, constituído por mais de um milhar de moedas atribuídas a Galieno (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 132, nº 38);
- El Madrigal, Castellón: tratar-se-ia de um tesouro composto por 32 "denários" de Cláudio a Galieno, terminando, ao que parece, com unidades de 260 (RIPOLLÈS ALEGRE 1999 265-266; MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 221, nº 115);
- Val de Urrea, Teruel: achado composto por cerca de uma trintena de moedas de "Galieno, Macrino (sic) e seus contemporâneos" (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 226, nº 131);
- Região de Tarragona: lote de 50 moedas de Galieno e Salonina, pertencentes a uma colecção particular que marcou presença na *I Exposición Nacional de Numismática*; a tratar-se de um tesouro ou de parte dele, nada se conhece sobre o local, circunstâncias do achado, número de exemplares e respectiva cronologia (BALIL 1957 141 e n. 110);
- Rosas, Girona: hipotético depósito do qual se conheceriam unicamente 7 moedas de Póstumo depositadas numa colecção particular, com a mais recente a datar de c. 267-268 (GURT 1977 10-13);
- Sangüesa (Navarra): tesouro composto por mais de 2000 moedas contidas num vaso de barro; continha, pelo menos, moedas de Gordiano III, Filipe I, Trajano Décio, Treboniano Galo, Volusiano, Valeriano, Salonino, Salonina, Galieno e Póstumo (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 137, nº 51);
- Região de Pontevedra: é noticiado de forma vaga o achado de "denários" de Galieno na comarca de Pontevedra (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 132, nº 36);
- Panóias, Vila Real: uma notícia muito imprecisa menciona a descoberta de um tesouro de Salonina (MATEU Y LLOPIS 1947-1948 68);

Para além deste vasto conjunto de achados, é de considerar ainda a possibilidade de alguns dos tesouros que terminam com exemplares de finais do reinado de Valeriano - como Algara, La d'Eula, Los Villares (RODRÍGUEZ CASANOVA 2002 55-63), etc. - terem sido ocultados ao tempo de Galieno.

Na análise que vamos efectuar aos entesouramentos dos anos 260-268 daremos maior ênfase ao depósito de Valhascos I, uma vez que, no seu estado actual, este é, a

seguir ao enorme conjunto de Jimena de la Fontera, o segundo depósito hispânico com maior número de exemplares utilizáveis estudados, sendo a sua composição extremamente similar à dos restantes depósitos que terminam com moedas de Galieno. De um modo geral - e embora nem todos estes tesouros possam ser classificados como achados de aforro - a sua formação inicia-se com antoninianos de Gordiano III, o primeiro numerário desta espécie a ser cunhado em massa após a sua reintrodução no brevíssimo augustado de Albino e Pupieno. A acumulação decorre de forma continuada e com progressivo aumento do volume de numerário até ao augustado de Valeriano, para finalmente diminuir de forma significativa no período 260-268, que assinala o *terminus* dos depósitos. A análise do Quadro 6 e, sobretudo, do Gráfico 6 (cf. *infra*) atestam precisamente esta similitude, com as únicas discrepâncias de monta a serem fornecidas pelos achados de Almenara e Jimena de La Frontera, nos quais o numerário do período de Galieno corresponde, respectivamente, a 54,84 e 78,09% dos referidos depósitos<sup>17</sup>. Julgamos que tal facto se explicará, no caso do primeiro depósito, pela reduzida amostragem fornecida pelo mesmo (31 exemplares) - o que a torna bastante aleatória - e, no caso do segundo, pela natureza do tesouro, definido por J.-P. Callu como "ibérico por acidente" (CALLU 1969 267; contra: RIPOLLÈS e GOZALBES 1998 76-77).

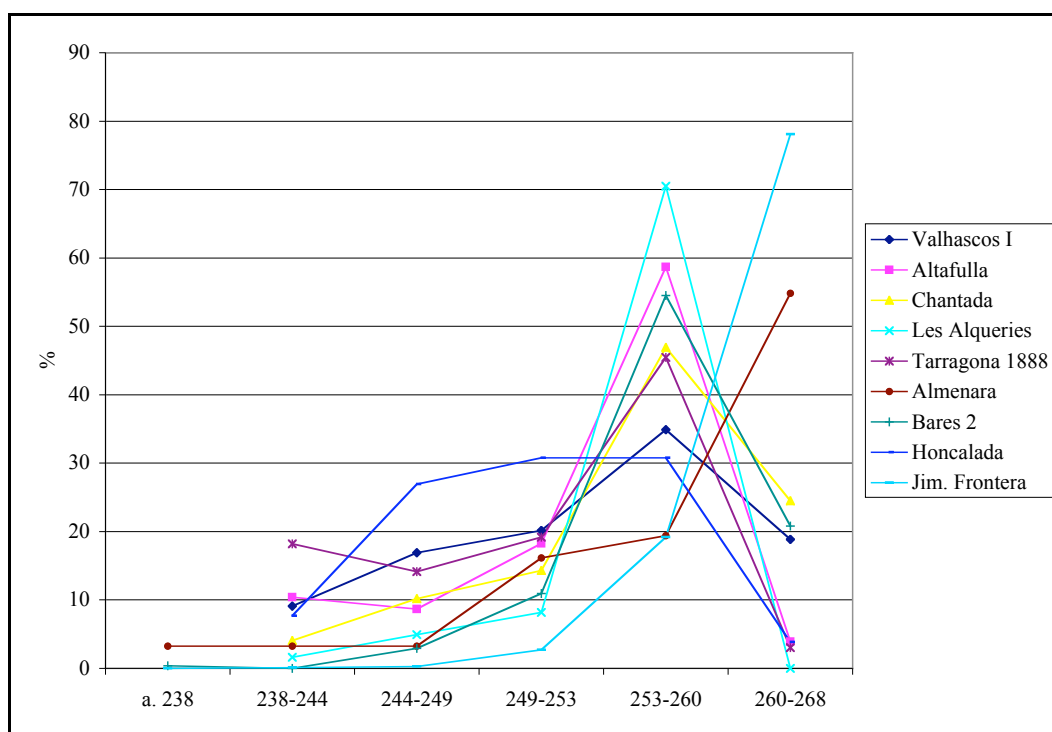
Esta quebra percentual do numerário dos anos 260-268 na maioria dos tesouros hispânicos deste período é perfeitamente compreensível, se atendermos, entre outros aspectos, à proximidade do termo dos entesouramentos - alguns tesouros terminam inclusivé com moedas da 2ª série de Roma (261) -, ao facto de o ritmo de renovação do numerário não ser excessivamente acentuado e, cremos que também, à baixa progressiva do teor de metal precioso da moeda prateada (no caso dos radiados batidos em Roma, o teor de fino passou de mais de 400‰ em 238 para cerca de 150‰ em 258-9 e para pouco mais de 20‰ em 268 - sobre esta questão cf., a título de exemplo: LE GENTILHOMME 1962 141-166; CALLU 1969 245-249; ESTIOT 1996 40, fig. 4; COPE *et alii* 1997 84 e 86-87, Tabs. 3a, 4 e 5a), o que justificaria a preferência dos aforradores pelo numerário anterior a 260 em detrimento do numerário dos anos 260-268.

---

<sup>17</sup> Note-se que na elaboração do Gráfico 6, para o período 260-268, adicionámos ao numerário de Galieno o numerário cunhado nas Gálias para Póstumo (260-269) e o numerário oriental de Macriano e Quieto (260-261).

	Chantada	Altafulla I	Alqueries	Valhascos I	Honcalada	Almenara	Tarr. 1888	J. Frontera
a. 238	—	—	—	—	—	6,45	—	0,006
238-244	4,08	10,43	1,64	9,11	7,69	—	17,14	0,11
244-249	10,20	8,69	4,92	16,92	26,92	3,22	13,33	0,28
249-251	8,16	3,91	3,28	8,68	3,85	—	5,71	0,53
251-253	6,12	13,48	3,28	10,85	26,92	16,13	13,13	2,07
Emiliano	—	0,87	1,64	0,65	—	—	—	0,12
253-260	46,94	57,83	70,49	34,92	30,77	19,35	47,62	18,80
260-268	24,49	4,34	13,93	17,57	3,85	48,38	3,81	74,01
Macr./Quieto	—	—	0,82	0,87	—	3,22	—	3,83
Póstumo	—	0,43	—	0,43	—	3,22	—	0,24
Nº moedas	49	230	122	461	26	31	105	29827
Ex. + recente	261	261	265	266	266	266	266	267-8

**Quadro 6 - Composição de 8 tesouros hispânicos que terminam com exemplares de 260-268 (%)**



**Gráfico 6 - Perfil de 9 tesouros hispânicos que terminam com exemplares de 260-268**

Passemos agora a uma análise mais pormenorizada dos achados lusitanos que terminam com moedas de Galieno.

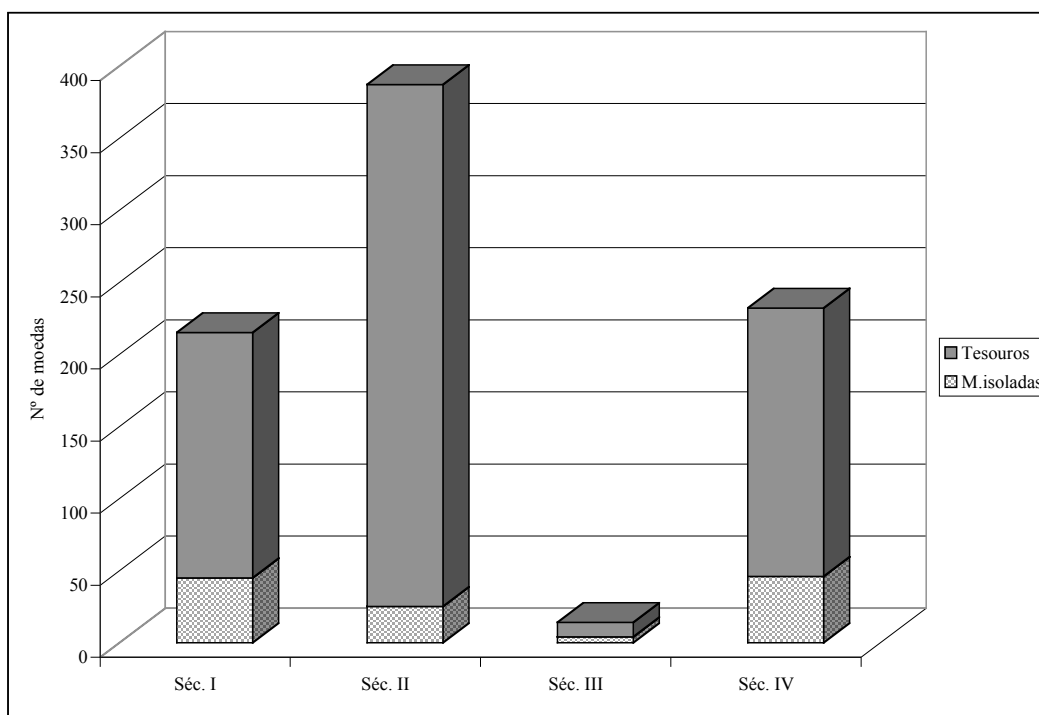
### 2.3.1. Serra do Condão

A informação que temos sobre o tesouro misto da Serra do Condão é pouco satisfatória, nomeadamente no que concerne ao número total de exemplares e à sua

cronologia, a que acresce a insuficiente descrição das 14 unidades referenciadas. Uma tentativa de classificação das mesmas leva-nos a propor uma cronologia de *c.* 263 para os exemplares mais recentes conhecidos (Roma, 1<sup>a</sup>-3<sup>a</sup> séries e Antioquia, Emissão III). Em nossa opinião, o aspecto mais interessante deste depósito é-nos proporcionado pela presença de um *aureus* de Galieno, já que este constitui presentemente o único exemplar em ouro da segunda metade do século III documentado para a Lusitânia. Para o mesmo período o panorama não é substancialmente mais animador para as restantes províncias hispânicas: dois *aurei* radiados (*biniones*) de Galieno (RIC 95 e 95 var.), recolhidos junto à localidade alicantina de Santa Polla (BOST *et alii* 1992b 59, nº 1465) e talvez procedentes de um tesouro; um *aureus* de Póstumo (RIC 282), descoberto em Ablitas, Navarra (BOST *et alii* 1992b 39, nº 1); e um *aureus* de Cláudio II recolhido em Porcuna, Jaén (BOST *et alii* 1992b 57, nº 131), num total de quatro exemplares, com a particularidade de serem todos dos anos 260-270. Existe ainda uma referência a um achado efectuado em 1744 na localidade de Ohimbra (Orense), composto por umas 400 moedas de ouro entre as quais avultariam exemplares de Diocleciano e Maximiano, mas cuja cronologia de fecho se ignora (BOST *et alii* 1992b 55, nº 122).

Como referimos anteriormente ao analisarmos o tesouro da Borralheira, também os *aurei* da primeira metade da centúria, sobretudo a partir de Septímio Severo, são raríssimos na Hispânia, com apenas duas ocorrências registadas (*aurei* de Heliogábalos e Filipe I).

Esta escassez do ouro no século III não é exclusiva da península; na Gália, por exemplo, o século III fornece cerca de duas vezes menos achados de *aurei* isolados do que os séculos II e IV (HOLLARD 1996 204-205, Fig. 1). A condução de um rápido inquérito pelo inventário dos achados de *aurei* e *solidi* descobertos na Península Ibérica da autoria de J.-P. Bost, M. Campo e J. M. Gurt (BOST *et alii* 1992b 33-89) permitiu-nos elaborar o elucidativo gráfico que se segue, traçando um cenário ainda mais negro que o das Gálias para o século em questão.



**Gráfico 7 - Achados de moedas de ouro na Hispânia romana<sup>18</sup>**

Esta rarefacção do ouro amoadado terá sido motivada pela diminuição do volume da cunhagem, pela imobilização do numerário sob a forma de *jóias monetárias* e, no caso particular da Hispânia, estamos em crer que também pelo facto de esta província estar muito afastada do *limes* e ter desempenhado um papel muito secundário nas grandes decisões políticas da época, já que o ouro se destinava de forma preferencial às regiões de fronteira ou com forte protagonismo, tendo como móbil principal o orçamento militar (estipêndio, donativos, prémios e tributos) e as liberalidades do príncipe (*congiaria*, ofertas, etc.).

Não obstante, na segunda metade do século existem ténues sinais de alguma renovação dos *stocks*, sob os governos de Valeriano e Galieno e durante o Império Gálico, o que parece ser também perceptível no caso hispânico, com cinco moedas de ouro recenseadas para os anos 260-270. É possível que disputas entre Roma e o Império Gálico pelo controlo da Península, nos anos que se seguiram à morte de Valeriano,

<sup>18</sup> O gráfico foi realizado exclusivamente com base nos dados publicados por BOST *et alii* (1992b 33-89), tendo sido usada apenas a informação julgada de interesse para a sua elaboração. É possível que na contabilização dos *solidi* em nome de Arcádio e Honório, oriundos de achados isolados, tenham sido incluídas várias imitações suévicas e visigóticas, uma vez que as descrições nem sempre permitem a sua distinção.

possam ter originado um reforço momentâneo da presença militar em solo hispânico e contribuído para esta recuperação. Contudo a amostragem em questão é demasiado reduzida para permitir significativas ilacções.

Curiosamente, neste período assistiu-se igualmente a uma nítida redução do teor de fino da moeda de ouro - a redução ponderal já se vinha arrastando desde finais do século II -, com exemplares a acusarem teores de metal puro de cerca de 75% e até menos, com adição de prata e cobre (CALLU *et alii* 1985 83-84). A qualidade da moeda de ouro melhorará sob Cláudio II, mas só com a reforma de Aureliano voltará aos valores próximos dos 99% de metal nobre estabelecidos desde o tempo de Augusto.

Embora mal conhecido, o tesouro da Serra do Condão acaba por ser um conjunto característico do século III, uma vez que após 215 o ouro amodado surge com frequência associado à moeda de prata e de bilhão ou a objectos de ouro e prata, sendo cada vez menos visto como meio de pagamento e mais como objecto de prestígio (HUVELIN e LORiot 1992 217-241; BLAND 1996 65).

### 2.3.2. Foz do Rio Arade

Quanto ao depósito da Foz do Arade, ao ser constituído por apenas 19 moedas recolhidas nas areias das dragagens do leito fluvial do Arade, estamos em crer que representará, com alguma probabilidade, uma parte apenas do conjunto original, pelo que a cronologia sugerida pelo exemplar mais recente (Roma, 6ª série, 267-268) não deixa de ser hipotética. Neste sentido, vemos com alguma prudência a sugestão de Jean-Pierre Bost de que se trataria do conteúdo de um porta-moedas ou do soldo de um membro da tripulação de uma embarcação (BOST 2000 163). Não obstante, o conjunto exhibe um perfil idêntico ao dos achados que terminam com numerário dos anos 260-268, com a presença de emissões de Trajano Décio, Emiliano e Valeriano (Cf. Quadro 7).

	Col	Rom	Med	Ant	2Or	Total
Trajano Décio		1				1
Emiliano		1				1
Valeriano	1	2	1	1	1	6
Galiano		3	8			11
Total	1	7	9	1	1	19

Quadro 7 - Composição do depósito da Foz do Arade

Neste pequeno depósito o facto que mais prende a nossa atenção é a invulgar preponderância das cunhagens milanesas entre o numerário inventariado para o reinado absoluto de Galieno, com o numerário das 2ª e 3ª séries (261-263) a ser responsável por mais de 40% do total conhecido do conjunto. No entanto, sem sabermos até que ponto a amostragem é credível, torna-se difícil extrair deste facto qualquer conclusão válida.

### 2.3.3. Valhascos I

No seu estado actual, o tesouro de Valhascos I é composto por 461 antoninianos batidos entre Gordiano III e o principado de Galieno na condição de único Augusto (cf. Quadro 8). Não sendo conhecida a composição integral do depósito, os exemplares mais recentes identificados pertencem à abundante quinta série de Roma, também conhecida como do "sétimo consulado", sendo nossa convicção de que, completo ou não, o entesouramento fecharia em 266 ou 267. Esta suposição é confirmada pela ausência de qualquer exemplar da sexta série, dita do "bestiário", cuja representatividade em achados isolados e tesouros, embora menor que a da série precedente, é igualmente muito significativa.

	Pr. M	Gal	Rom	Med	Vim	Ant	2Or	Total1	Total2	%
Gordiano III			40			2		42	42	9.11
Filipe I			62					62		
Filipe II (César)			4					4		
Filipe II (Aug.)			6					6	78	16.92
Otacília Severa			6					6		
Trajano Décio			23					23		
Série dos <i>Divi</i>			2					2		
Herénia Etruscila			7					7	40	8.68
Herénio Etrusco			4					4		
Hostiliano			2			2		4		
Treboniano Galo			18			9		27		
Volusiano			19			4		23	50	10.85
Emiliano			2					2		
Cornélia Supera			1					1	3	0.65
Valeriano			44	3	2	10	16	75		
Galieno		10	19	4	3	6	8	50		
<i>Diva Mariniana</i>			2		2			4		
Salonina		1	12		1		5	19	161	34.92
Valeriano II		3	4				1	8		
Salonino			1	3		1		5		
Galieno			41	16		15	3	75		
Salonina			5			1		6	81	17.57
Macriano						1		1		
Quieto						3		3	4	0.87
Póstumo	2							2	2	0.43
Total	2	14	324	26	8	54	33	461	461	100

Quadro 8 - Composição do tesouro de Valhascos I

Tal como hoje o conhecemos, o depósito inicia-se com numerário de Gordiano III. As 42 moedas deste imperador representam 9,11% do total do achado. Trata-se maioritariamente de peças em bom estado de conservação, não acusando um desgaste pronunciado, o que nos leva a admitir que a formação do tesouro tenha sido iniciada algures entre o reinado deste imperador e os meados do século III. A maioria esmagadora do numerário foi batido em Roma (40 exemplares), aos quais se acrescentam dois produzidos em Antioquia.

No Quadro 9 podemos ver a distribuição do numerário da *Moeda* romana por emissões e comparar a sua frequência com os resultados obtidos para outros tesouros romanos do mesmo período, oriundos de diferentes regiões da parte ocidental do Império<sup>19</sup>.

	Valh. I	Tarr.1888	Altafulla I	J. Frontera	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Em. 1	1	1	1	2	323	57	56	10
%	2.5	7.14	4.76	7.41	11.15	10.86	9.83	5.78
Em. 2	1	1	1	1	72	17	21	5
%	2.5	7.14	4.76	3.7	2.48	3.24	3.73	2.89
Em. 3a	7		3	1	257	45	58	19
%	17.5		14.28	3.7	8.87	8.57	10.3	10.98
Em. 3b			1	1	81	11	12	5
%			4.76	3.7	2.79	2.09	2.13	2.89
Em. 3c	6		3	4	313	64	63	20
%	15		14.28	14.81	10.8	12.19	11.19	11.56
Em. 3 (a+b+c)	13		7	6	651	120	133	44
%	32.5		33.33	22.22	22.47	22.85	23.62	25.43
Em. 4	16	8	10	12	1241	208	228	78
%	40	57.14	47.61	44.44	42.84	39.62	40.5	45.08
Em. 5	9	4	2	6	610	123	125	36
%	22.5	28.57	9.52	22.22	21.06	23.43	22.2	20.81
Total	40	14	21	27	2897	525	563	173
%	100	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 9 - Frequência do numerário de Roma de Gordiano III em 8 tesouros**

Facilmente se constata que, sendo o numerário de Gordiano menos volumoso nos quatro tesouros hispânicos representados no quadro, quando comparado com os restantes achados, a sua distribuição pelas emissões do reinado acaba por ser bastante

<sup>19</sup> Para além dos tesouros já citados de Tarragona 1888, Altafulla I e Jimena de la Frontera, utilizamos aqui os dados fornecidos pelos tesouros gauleses de Eauze: 28003 moedas até 261 (DIEULAFAIT e SCHAAD 1992 131-205); Reignac: 1937 moedas até 262-263 (HOLLARD *et alii* 2000 1-32) e Rocquencourt: 4913 moedas até 266 (HOLLARD e GENDRE 1986 9-45); assim como pelo tesouro britânico de Stevenage: 2579 moedas até 263 (BLAND 1988 43-73). No caso do tesouro de Eauze, contabilizaram-se apenas os antoninianos, tendo sido excluídos do quadro os denários e as moedas de bronze de Gordiano.



similar (salvo pequenos hiatos sem qualquer significado observáveis na 3ª emissão para Valhascos I e Tarragona 1888), reflectindo o volume de moeda produzida pela casa da moeda ao longo de cada emissão. A esse nível o Gráfico 8 não pode ser mais elucidativo.

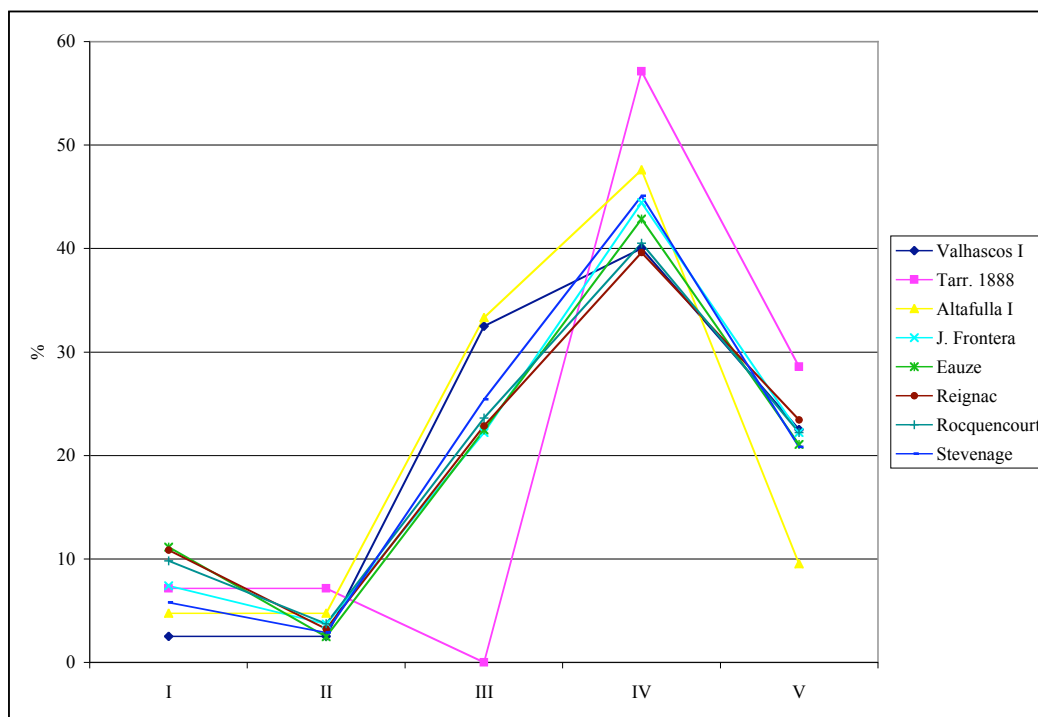


Gráfico 8 - Volume das emissões de Roma de Gordiano III em 8 tesouros (%)

A primeira e a segunda emissões - sobretudo esta última, cunhada no segundo semestre de 239 - são aquelas cuja representatividade nos tesouros é menor, correspondendo por certo às menos volumosas das cinco emissões. O volume sobe de forma substancial durante a 3ª emissão (com picos baixos e altos a registarem-se nas fases *b* e *c*) e atinge o seu máximo em todos os depósitos durante a 4ª emissão (mais de 40% de todo o numerário do reino), caindo abruptamente na 5ª e última.

A análise do peso-médio das moedas de vários tesouros, cunhadas pelas 6 oficinas em laboração durante este período, mostra o permanente deslize ponderal do antoniniano (cf. *infra* Gráfico 9), que sabemos acompanhado pela redução do teor de

prata conforme atestam as análises metalográficas (COPE *et alii* 1997 84, tab. 3a; WALKER 1978 35-38; LE GENTILHOMME 1962 142-143)<sup>20</sup>.

O gráfico permite ainda chamar a atenção para o facto de o peso-médio dos exemplares de Valhascos ser, de um modo geral, mais baixo que o dos restantes depósitos analisados, o que se justifica pelo facto de alguns exemplares se apresentarem menos bem conservados, não como consequência de usura prolongada, mas devido a reacções químicas que lhes afectaram a superfície, com frequência muito porosa pela libertação de cloretos de cobre.

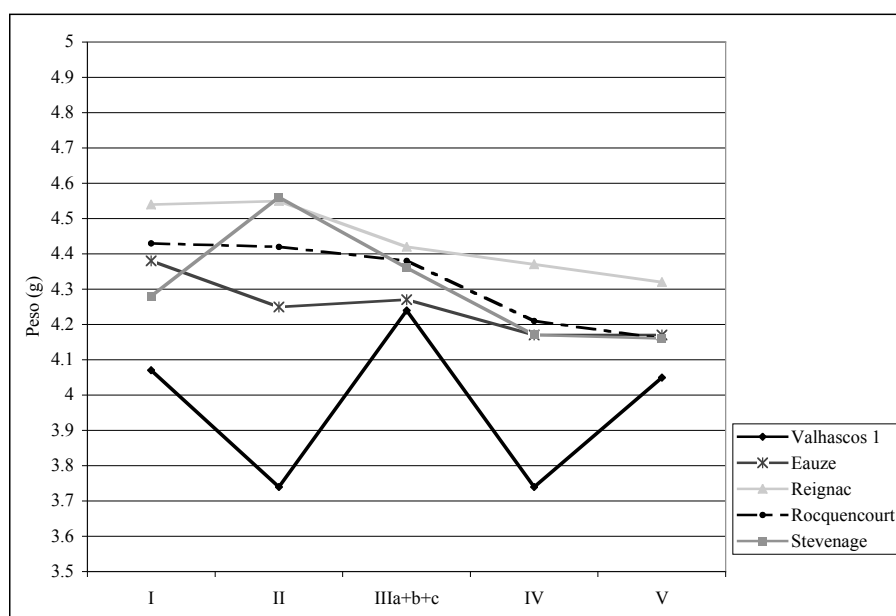


Gráfico 9 - Peso-médio das emissões de Roma de Gordiano III em 5 tesouros

Entre o numerário de Gordiano III contam-se ainda dois radiados de Antioquia, batidos na fase final do reinado (242-244), representando 4,76% do total das séries deste imperador. Este valor, não obstante ser obtido a partir de uma quantidade ínfima de moedas, está sensivelmente em linha com os resultados já conhecidos para outros depósitos ocidentais (HOWGEGO 1996 221-222 e 226, Tab. 2a-b).

<sup>20</sup> Recentemente COPE *et alii* (1997 72 e 95-96, Tabs. 9 e 10a) levantaram algumas objecções aos resultados das análises apresentadas por Walker e Le Gentilhomme, pois apresentam valores significativamente mais elevados que os detectados no tesouro de Neftenbach. Tais discrepâncias radicariam na metodologia utilizada por aqueles dois investigadores.

### Filipe I

Os 78 exemplares cunhados ao longo do governo de Filipe I representam 16,92% do tesouro, correspondendo ao terceiro período melhor representado a seguir ao numerário dos anos 253-260 e 260-268.

A maior parte deste numerário foi cunhado em nome de Filipe I, mas a moeda emitida em nome dos restantes membros da sua casa (Filipe II e Otacília Severa) tem um peso considerável, ultrapassando os 20% (cf. Quadro 10).

	Valhascos I	J. Frontera	Eauze	Reignac	Rocquencourt	Stevenage
Filipe I	62	58	1725	339	347	107
%	79.49	72.5	69.36	68.9	70.67	67.3
Filipe II	10	14	409	84	78	29
%	12.82	17.5	16.45	17.07	15.89	18.23
Otacília	6	8	353	69	66	23
%	7.69	10	14.19	14.02	13.44	14.47
Total	78	80	2487	492	491	159
%	100	100	100	100	100	100

**Quadro 10 - Distribuição quantitativa do numerário de Filipe I e sua família em 6 tesouros**

Estes resultados estão em linha com os obtidos para outros tesouros que integram antoninianos deste período, em que predominam as séries de Filipe I, representando em média cerca de 70% do total, com os restantes 30% a serem distribuídos entre a esposa e o filho, com ligeira mas constante prevalência deste.

Analisando agora a distribuição por emissões do numerário lavrado durante os seis anos do seu governo, resulta claro que a terceira emissão é a melhor representada na grande maioria dos tesouros observados, parecendo ser a que corresponde a um maior volume de moeda emitida (cf. *infra* Quadro 11 e, sobretudo, o Gráfico 10).

	Valh. I	Tarr.1888	Altaf. I	J. Frontera	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Em. 1	9	1		4	298	49	54	23
%	11.54	7.14		5	11.98	9.96	11	14.47
Em. 2	9	4	2	10	333	67	46	22
%	11.54	28.57	12.5	12.5	13.39	13.62	9.37	13.84
Em.2-3			1	2	32	10	8	2
%			6.25	2.5	1.29	2.03	1.63	1.26
Em. 3	28	2	10	34	1105	217	233	59
%	35.9	14.29	62.5	42.5	44.43	44.11	47.45	37.11
Em. 4	2	2	2	11	199	38	44	9
%	2.56	14.29	12.5	13.75	8	7.72	8.96	5.66
Em. 5	10			3	138	34	22	9
%	12.82			3.75	5.55	6.91	4.48	5.66
Em. 6	4	2		7	87	16	16	6
%	5.13	14.29		8.75	3.5	3.25	3.26	3.77
Em. 7-8	16	3	1	9	295	61	68	29
%	20.51	21.43	6.25	11.25	11.86	12.39	13.85	18.24
Total	78	14	16	80	2487	492	491	159
%	100	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 11 - Frequência do numerário de Filipe I em 8 tesouros<sup>21</sup>**

O Gráfico 10 (cf. *infra*) mostra de forma eloquente como a massa monetária batida no decurso desta emissão foi enorme, possivelmente para fazer face aos gastos das campanhas balcânicas de Filipe contra os Carpos (e pensa-se que também contra algumas tribos germânicas) nos anos 245-247. De resto, uma breve análise dos dados coligidos por Dieulafait relativos a 9663 moedas dos anos 244-249 dos tesouros de Dorchester, Nicolaevo, Smederevo, Nanterre e Tulln, apresentados no Gráfico 10 como Dorchester+4 (cf. DIEULAFIT 1992 249-252), confirmam em absoluto este pico de produção monetária.

<sup>21</sup> No tesouro de Jimena de La Frontera incluiu-se na 4ª emissão um exemplar de Filipe I com reverso das emissões 1-3. No tesouro de Eauze não se contabilizaram um exemplar de Filipe I e dois de Filipe II. Em Rocquencourt, não se incluiu uma moeda de Filipe II. A ordenação das emissões segue a proposta de DIEULAFIT e SCHAAD (1992 119-205 e 246-248, Tab. 54).

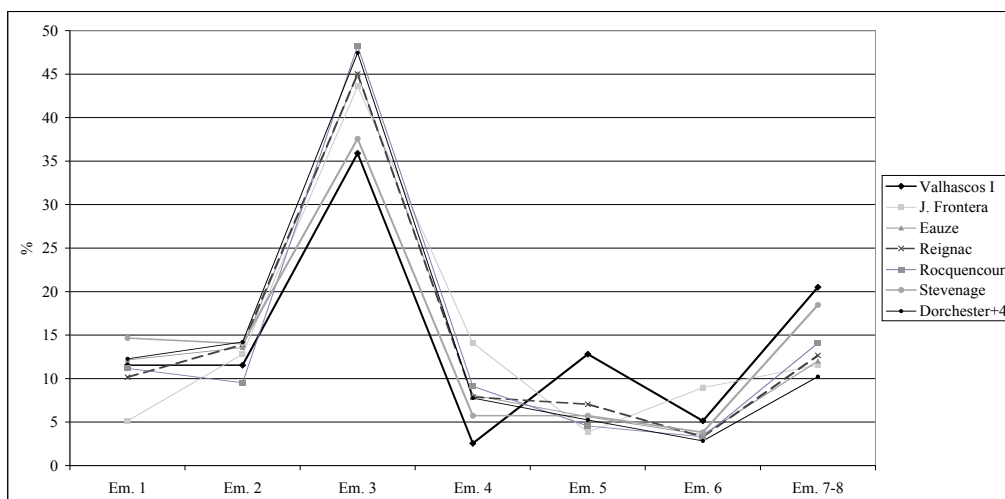
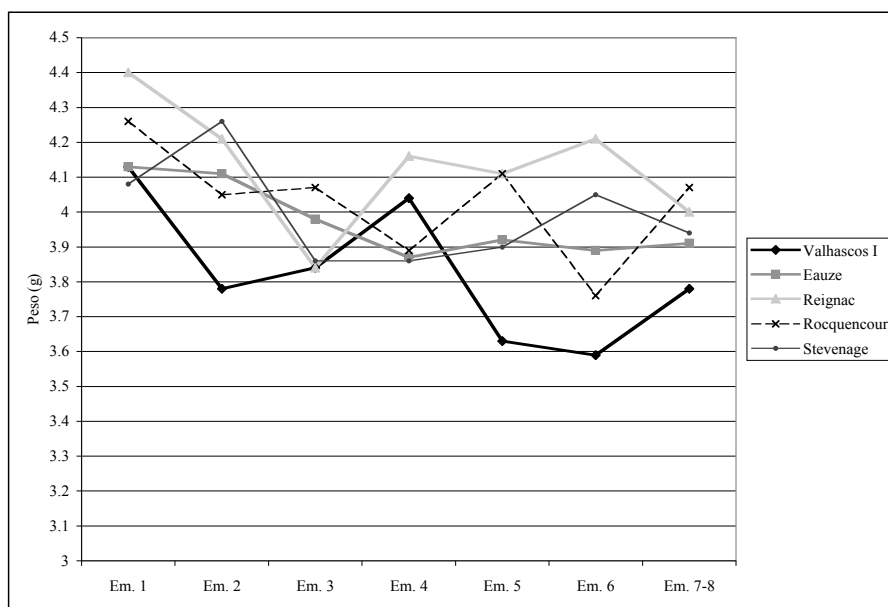


Gráfico 10 - Volume das emissões de Roma de Filipe I em diversos tesouros (%)<sup>22</sup>

À excepção de Valhascos I e de Jimena de la Frontera, nos quais se podem observar pequenas discrepâncias nas 5ª e 6ª emissões, facto a que não atribuímos qualquer significado devido à pequena quantidade numérica que representam, os restantes apresentam um perfil decalcado sobre o mesmo padrão, caracterizado por um volume relativamente estável ao longo das duas primeiras emissões, seguido de um fortíssimo incremento da produção monetária na 3ª emissão, uma quebra bastante pronunciada entre a 4ª e a 6ª emissões e, por fim, uma acentuada subida da produção na última emissão do reinado.

Do ponto de vista ponderal, e analisando o peso-médio dos exemplares de Filipe I de Valhascos I ao longo das várias emissões, podemos dizer que este se situa, por norma e por razões anteriormente explicadas, abaixo do peso-médio dos restantes depósitos usados na comparação (cf. *infra* Gráfico 11).

<sup>22</sup> Na elaboração do gráfico não se consideraram os dados relativos às moedas cunhadas indistintamente na 2ª ou na 3ª emissões. O seu peso nos achados oscila entre os 0% em Valhascos e uns excepcionais 6.25% no tesouro de Altafulla I (mas com apenas 1 moeda em 16). Foi exactamente o insignificante número de moedas presente que nos levou a excluir do gráfico os tesouros de Tarragona 1888 e Altafulla I, respectivamente com 14 e 16 unidades dos anos 244-249.



**Gráfico 11 - Peso-médio das emissões de Roma de Filipe I em 5 tesouros**

A análise do gráfico é torna manifesta a tendência para uma progressiva diminuição do peso do antoniniano ao longo do reinado. No entanto, como salienta Hollard, as coisas não são assim tão evidentes, uma vez que a descida do peso não parece ser acompanhada pela descida do teor de prata, que parece manter-se ao longo do reinado e, inclusivamente, aumentar na última emissão, o que asseguraria uma "quase-estabilidade do valor intrínseco do antoniniano, não obstante uma ligeira descida de peso" (HOLLARD 2000 7)<sup>23</sup>.

Para concluir a nossa análise ao numerário de Filipe-o-Árabe do tesouro de Valhascos I, refira-se que todos os exemplares estudados saíram das oficinas da *Moeda* da capital. As séries de Antioquia cunhadas sob este imperador são bastante raras nos depósitos ocidentais, nos quais dificilmente ultrapassam os dois por cento do numerário do período.

<sup>23</sup> O mesmo parece poder deduzir-se das análises efectuadas por COPE *et alii* (1997 84, Tab. 3a) aos exemplares do reinado de Filipe I do tesouro de Neftembach, mas o número de moedas utilizadas nos testes não nos parece satisfatório.

## Trajano Décio

No depósito de Valhascos I estão presentes 40 antoninianos do reinado de Trajano Décio - 38 lavrados em Roma e 2 em Antioquia -, correspondendo a 8,68% da totalidade do numerário recenseado para o tesouro.

Destes 38 exemplares, a maior fatia foi batida em nome do próprio imperador (60,51%), com as restantes a ostentarem o nome dos outros membros da casa reinante: a imperatriz, Herénia Etruscila (18,42%), e os dois filhos, Herénio Etrusco (10,53%) e Hostiliano (5,26%). Em Valhascos I as emissões romanas de Décio ficam completas com a "série dos *Divi*" (5,26%), atribuível ao final do seu curto reinado. O Quadro 12 permite comparar as percentagens de Valhascos com as de outros tesouros ocidentais, constatando-se que, de um modo geral, os resultados obtidos são bastante similares.

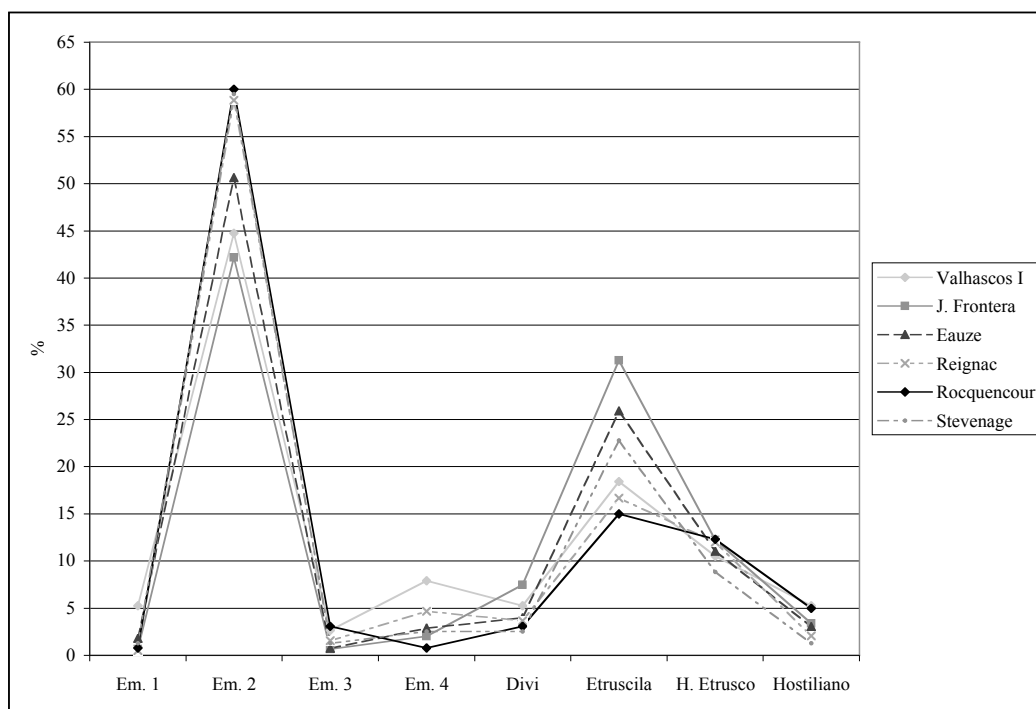
	Valh. I	J. Frontera	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Traj. Décio	23	67	773	126	168	51
%	60.51	45.58	56.06	65.62	64.62	64.56
<i>Divi</i>	2	11	55	7	8	2
%	5.26	7.48	3.99	3.65	3.08	2.53
H. Etruscila	7	46	357	32	39	18
%	18.42	31.29	25.89	16.67	15	22.78
H. Etrusco	4	18	152	23	32	7
%	10.53	12.24	11.02	11.98	12.31	8.86
Hostiliano	2	5	42	4	13	1
%	5.26	3.4	3.05	2.08	5	1.27
Total	38	147	1379	192	260	79
%	100	100	100	100	100	100

Quadro 12 - Frequência do numerário de Roma de Trajano Décio em 6 tesouros<sup>24</sup>

As semelhanças entre os vários depósitos mantêm-se quando comparamos o volume das emissões de Trajano Décio (cf. Gráfico 12), se bem que nos deparemos aqui com um problema metodológico. É que, devido às dificuldades de ordenação das emissões deste imperador, optámos por não integrar a amoedação de Etruscila, Etrusco, Hostiliano e a série dos *Divi* nas quatro emissões tradicionalmente imputadas a Décio,

<sup>24</sup> Devido ao reduzido número de exemplares listados, seis e nove respectivamente, optámos por não incluir no quadro os tesouros de Tarragona 1888 e Altafulla I. Na coluna relativa ao tesouro de Eauze não se contabilizaram dois exemplares de Trajano Décio (DIEULAFIT e SCHAAD 1992 169, n° 912-913) e um de Hostiliano, emitido já no reinado de Treboniano Galo (DIEULAFIT e SCHAAD 1992 171, n° 965).

colocando-a à parte. Naturalmente a figura fica com uma imagem algo distorcida, sobretudo nas linhas que ilustram as 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> emissões, durante as quais se terá produzido boa parte do numerário em nome da família imperial<sup>25</sup>. Quanto à série dos *Divi*, crê-se que a sua cunhagem terá ocorrido na fase final do reinado (250-251), portanto numa das últimas emissões.

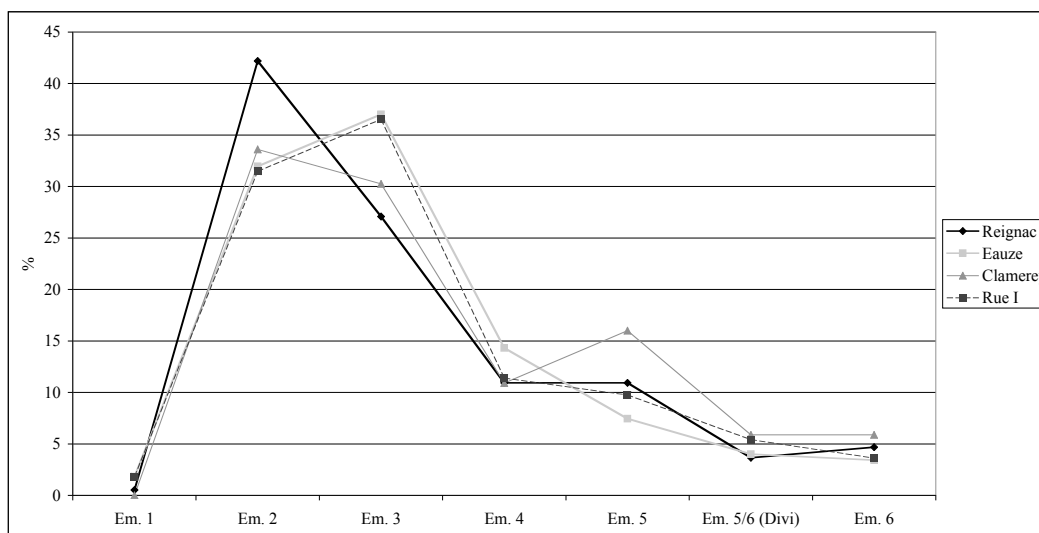


**Gráfico 12 - Volume das emissões de Roma de Trajano Décio em diversos tesouros (%)**

Abstraindo-nos do aspecto *sui generis* do gráfico, é óbvio que a nota mais saliente prende-se com o grande volume da 2<sup>a</sup> emissão, mas convirá ter presente que a correcta distribuição das séries em nome de Etruscila, Etrusco, Hostiliano e dos *Divi* poderá alterar o padrão. Isso mesmo pode ser observado no gráfico que se segue, elaborado a partir dos dados fornecidos por Dominique Hollard para os tesouros de Reignac, Eauze, Clamerey e Rue I, com base no pressuposto de que as cunhagens de Roma do reinado de Trajano Décio estavam distribuídas por 6 emissões (HOLLARD 2000 10, Tabl. 8), passando neste caso o grosso do numerário a repartir-se agora pelas 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> emissões.

<sup>25</sup> Vejam-se, sobre esta problemática, as breves observações de DIEULAFIT (1992 254).

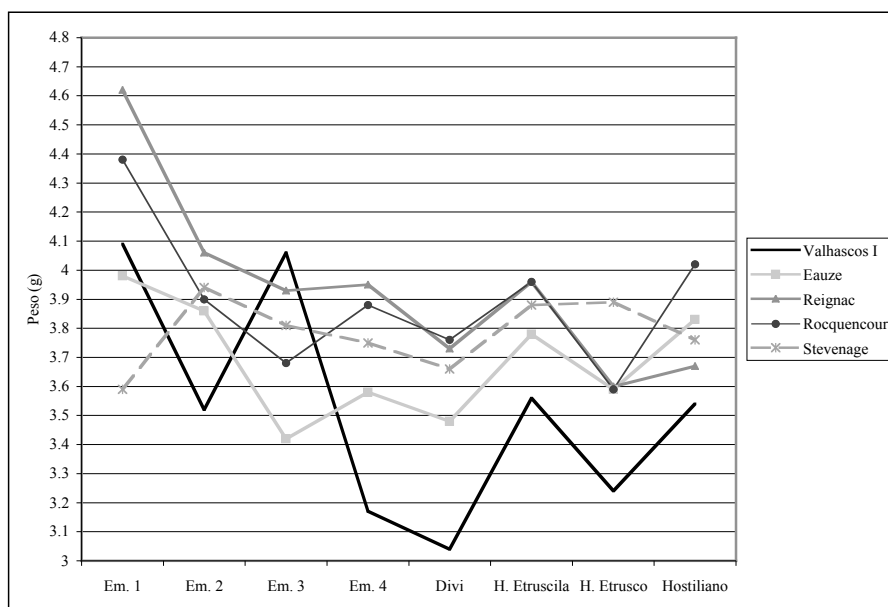




**Gráfico 13 - Volume das emissões de Roma de Trajano Décio em 4 tesouros, segundo Hollard (%)**

Quanto à evolução ponderal da amoedação de Décio, e não obstante as limitações com que contamos no que toca aos exemplares de Valhascos<sup>26</sup>, parece observar-se no início do reinado uma certa tendência para o antoniniano retornar ao peso das primeiras emissões de Filipe-o-Árabe, para depois ir progressivamente aligeirando, no que é acompanhado pela redução do teor de metal precioso (HOLLARD 2000 7 e 10-11, Tabl. 8-9; COPE *et alii* 1997 84, Tab. 3a). De notar ainda que o peso-médio das série dos *Divi* e de Herénio Etrusco tende a ser mais baixo do que o peso-médio das moedas de Etruscila e Hostiliano.

<sup>26</sup> A questão da conservação anteriormente abordada explicará por que motivo a linha dos pesos-médios dos exemplares de Valhascos I se situa bem por baixo das linhas traçadas para os outros tesouros. Quanto aos picos observados na primeira e na terceira emissões de Valhascos, basta ter presente que, para cada uma delas, a amostragem foi de um e dois exemplares respectivamente!



**Gráfico 14 - Peso-médio das emissões de Roma de Trajano Décio e família em 5 tesouros**

As duas moedas de Antioquia presentes em Valhascos I, ambas cunhadas para Hostiliano, representam apenas 5% do numerário dos anos 249-251.

### **Treboniano Galo**

Em Maio de 251, Trajano Décio e Herénio Etrusco morrem a combater os Godos em *Abrittus* (Sul do Danúbio). Treboniano Galo é proclamado imperador, cooptando Hostiliano como Augusto e associando ao poder o seu próprio filho, Volusiano.

Os dois anos do reinado de Galo estão representados em Valhascos I por meia centena de numismas, ou seja 10.85% das 461 moedas que actualmente integram o conjunto. Deste grupo, 37 exemplares (74%) foram cunhados em Roma: 18 para Treboniano Galo e 19 para Volusiano. Não se identificou no depósito qualquer exemplar para Hostiliano Augusto; a escassez da amoedação emitida em nome deste soberano explica-se pela curta duração do seu governo - apenas três ou quatro meses após a sua elevação, Hostiliano morre em Roma, não se sabe se de peste, se assassinado - e pelo reduzido volume da primeira emissão de Roma. Com efeito, observa-se que, em muitos depósitos, o numerário da primeira emissão ou não está presente - como sucede em Valhascos - ou está subrepresentado, conforme atestam o Quadro 13 e as listas elaboradas

a partir de um vasto lote de depósitos por BESLY e BLAND (1983 20, Tab. 5) e DIEULAFIT (1992 260, Ann. 2, Tab. 87).

		Valhascos I	Altafulla I	J. Frontera	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Em. 1	Treb. Galo			4	29	6	4	3
	Volusiano			2	5	1		
	Hostiliano (Aug)				2		1	
	%			1.56	2.11	3.76	1.76	2.78
Em. 2a	Treb. Galo	4	9	44	177	13	36	8
	Volusiano	5	2	46	177	22	30	12
	%	24.32	42.31	23.44	20.74	18.82	23.24	18.52
Em. 2b	Treb. Galo	1	4	13	89	8	8	7
	Volusiano	2		29	107	8	19	5
	%	8.11	15.38	10.94	11.48	8.6	9.51	11.11
Em. 3	Treb. Galo	7		41	197	26	30	11
	Volusiano	6		61	244	15	30	12
	%	35.14		26.56	25.83	22.04	21.13	21.3
Em. 4	Treb. Galo	4	4	39	155	16	35	15
	Volusiano	3	2	40	148	14	33	13
	%	18.92	23.01	20.57	17.75	16.13	23.94	25.93
Em. 5	Treb. Galo	2	5	49	258	39	42	15
	Volusiano	3		16	119	18	16	7
	%	13.51	19.23	16.93	22.08	30.65	20.42	20.37
Total 1	Treb. Galo	18	22	190	905	108	155	59
	Volusiano	19	4	194	800	78	128	49
	Hostiliano (Aug)				2		1	
	%	100	100	100	100	100	100	100
Total 2		37	26	384	1707	186	284	108

**Quadro 13 - Frequência do numerário de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 7 tesouros**

Relativamente às quatro emissões seguintes convirá, antes de mais, aclarar algumas questões. A segunda emissão, seguindo a proposta de BESLY e BLAND (1983 19), reparte-se por duas fases. Embora as legendas e os tipos utilizados em ambas não exibam qualquer diferença, a fase *b*) distingue-se da fase *a*) pela presença, no reverso, de uma estrela no campo. Por razões de ordem prática, na elaboração do Gráfico 15 (cf. *infra*), decidimos reunir as duas fases numa única.

Mais delicada é a questão da origem e da ordenação daquela que designámos por quinta emissão. Alguns autores, entre os quais destacamos Jean-Pierre Callu, Karl Pink e Jenő Fitz, baseando-se na forte representação desta emissão nos tesouros do *limes* danubiano, sugeriram a sua emissão em *Viminacium* (PINK 1936 22-23; CALLU 1969 202-203; FITZ 1978 612-613). Outros propuseram Milão (MATTINGLY 1939 21-62), Aquileia (LE GENTILHOMME 1946 65) ou até um atelier militar itinerante (ELMER 1935 40). Esta emissão caracteriza-se por exibir no anverso a titulatura IMP C C VIB TREB

GALLVS/VOLVSIANVS AVG e, não obstante os argumentos esgrimidos em contrário, deve ser atribuída a Roma. BESLY e BLAND (1983 21-22) destacam a existência de diversos *mules* com a titulação de anverso acima indicada e reversos das emissões I-III, sobretudo da emissão IIa, acrescentando que vários espécimes da "quinta emissão" no Museu Britânico ostentam retratos de Volusiano com ar jovem, sugerindo uma emissão inicial. Socorrendo-se das análises de Walker, aqueles autores argumentam ainda que o teor de fino das moedas desta emissão é superior ao das restantes moedas cunhadas em Roma nos anos 251-253<sup>27</sup>. A este nível, é importante constatar, como faz DIEULAFIT (1992 257, n. 88), que, em tesouros ocultados no reinado de Treboniano Galo e Volusiano contendo apenas moedas da três primeiras emissões, surgem também exemplares da chamada "quinta emissão".

Besly e Bland inclinam-se a considerá-la contemporânea da segunda emissão, admitindo que tenha sido lavrada em Roma ou numa casa da moeda subsidiária (nesse caso utilizando cunhos fornecidos a partir de Roma)<sup>28</sup>, com o objectivo de aprovisionar a região balcânica. É possível que a cunhagem de uma série especial, com exemplares de maior valor intrínseco, tenha correspondido a uma intenção de recompensar as legiões da Mésia, a quem o imperador devia a púrpura.

Concluído este parêntese a propósito da segunda e da quinta emissões de Treboniano Galo e Volusiano, passaremos agora a analisar o volume das emissões romanas destes governantes em Valhascos I, comparando os dados com os fornecidos por outros tesouros ocidentais. Na página seguinte, o Gráfico 15 ilustra, de forma mais explícita que o Quadro 13, a distribuição do numerário por emissão.

Como referimos mais acima, a primeira emissão não está presente em Valhascos. A segunda, por seu turno, exhibe um volume considerável, ultrapassando os trinta por cento. Na maior parte dos tesouros analisados, à excepção de Valhascos I e Reignac, esta acaba por ser a emissão com maior volume, embora, como vimos anteriormente, tenha sido batida a dois tempos. Com efeito, a emissão melhor

<sup>27</sup> Embora os resultados obtidos por Walker sejam discutíveis (cf. *supra* nota 19), as análises de Cope *et alii* (1997 84, Tab. 3a) confirmam o maior teor de prata dos antoninianos da quinta emissão em relação aos da terceira e quarta emissões.

<sup>28</sup> Esta possibilidade parece pouco credível a DIEULAFIT (1992 258, n. 93).

representada em Valhascos acaba por ser a terceira, mas estes dados são suportados por apenas 13 unidades num universo de 37 e contrariados pelos dados fornecidos pela generalidade dos achados (cf. BESLY e BLAND 1983 20, Tab. 5 e DIEULAFAIT 1992 260, Ann. 2, Tab. 87). Nas emissão seguinte e na chamada *quinta emissão*, o volume de numerário decai significativamente no depósito lusitano.

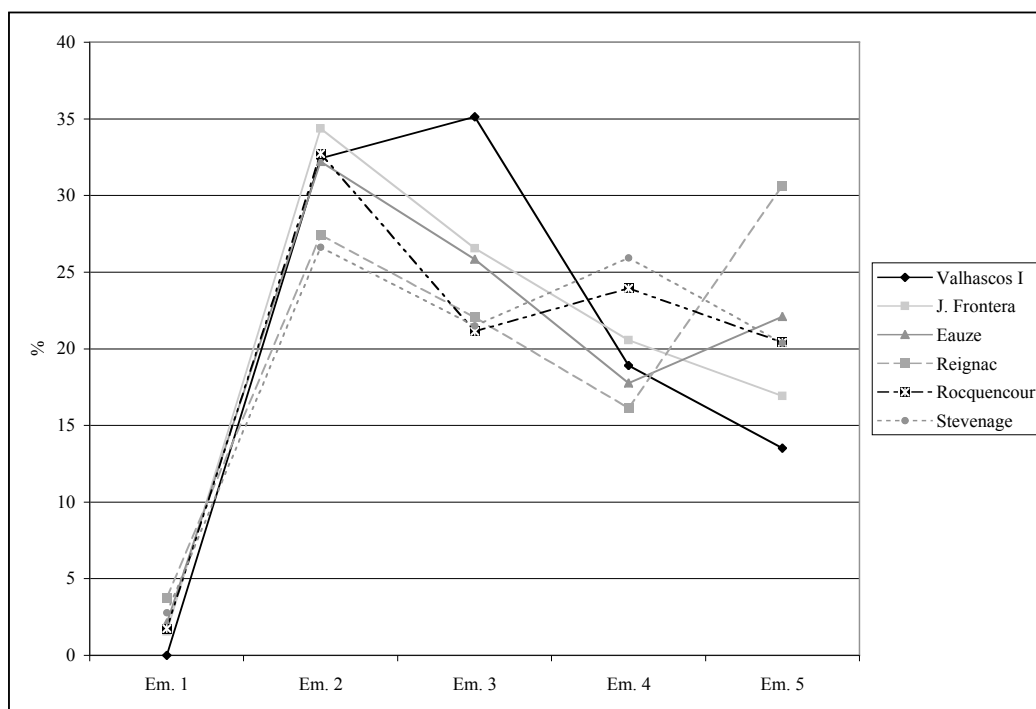


Gráfico 15 - Volume das emissões de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 6 tesouros (%)

Um aspecto digno de nota entre a amoedação de Treboniano Galo tem a ver com a presença de um antoniniano da *fase b*) da segunda emissão, recunhado sobre um denário com reverso [CON]CORDI[A ...] (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 23, nº 97). Este procedimento encontra-se assinalado na bibliografia numismática desde a publicação do tesouro de Dorchester (MATTINGLY 1939 41-43). O fenómeno das recunhagens de antoninianos sobre denários remonta ao tempo de Filipe I e desenvolve-se sob Trajano Décio e Treboniano Galo, num momento em que o Estado necessitava de fazer face às consideráveis despesas das guerras góticas. A sua intenção parece ser a de aumentar (duplicar?) o valor dos antigos denários, sinalizando o imparável ciclo da desvalorização do antoniniano (CALLU 1969 257; BLAND 1996 71-72; ESTIOT 1996 40).

Embora a maioria dos autores atribua esta prática ao poder central, pode dar-se igualmente o caso de algumas destas recunhagens possuírem carácter fraudulento, tendo sido efectuadas por privados, como sugeriram, entre outros, FOUCRAY e HOLLARD (1990 21).

Do ponto de vista da metrologia, constata-se que o reinado de Treboniano Galo e Volusiano parece caracterizar-se por um quase contínuo, embora discreto, deslizar do peso do antoniniano. Naturalmente, a linha de Valhascos I continua a situar-se abaixo das linhas dos restantes tesouros analisados, não deixando, contudo, de reflectir idêntica tendência até à quarta emissão (cf. Gráfico 16). O gráfico também mostra claramente que, em todos os tesouros analisados, a chamada "quinta emissão" é aquela que apresenta os pesos-médios mais elevados. No entanto, e retomando a discussão iniciada mais acima, somos levados a admitir que esta emissão tenha sido batida ao mesmo tempo que a segunda, assumindo-se como uma emissão excepcional no contexto das emissões de Roma, uma vez que é constituída pelos exemplares com o peso-médio e o teor de fino mais elevado deste reinado.

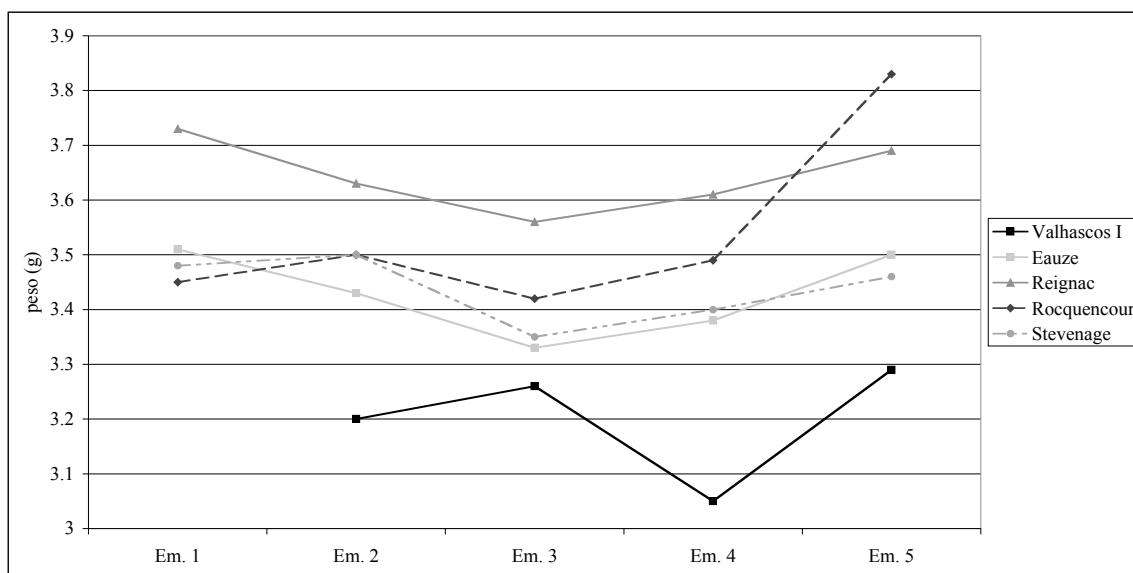


Gráfico 16 - Peso-médio das emissões de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 5 tesouros

Se nos abstrairmos desta emissão, verificamos igualmente que a tendência para a redução do peso é acompanhada pelo abaixamento do teor de fino (COPE *et alii* 1997 96 Tab. 10a; HOLLARD 2000 11<sup>29</sup>).

A amoedação de Treboniano Galo e Volusiano no tesouro de Valhascos I fica completa com 13 moedas cunhadas em Antioquia, que representam qualquer coisa como 26% do numerário do período, isto é, mais de um quarto do total. No Ocidente, este aumento substancial do volume das emissões orientais a partir de Treboniano Galo é sobretudo perceptível nos tesouros hispânicos (cf. Gráfico 17), já que nos tesouros gauleses e britânicos (à excepção de Stevenage e Cunetio, com 9 e 18%, respectivamente), o peso do numerário de Antioquia não excede por norma os 5% (HOWGEGO 1996 227-228, Tabs. 3a-b).

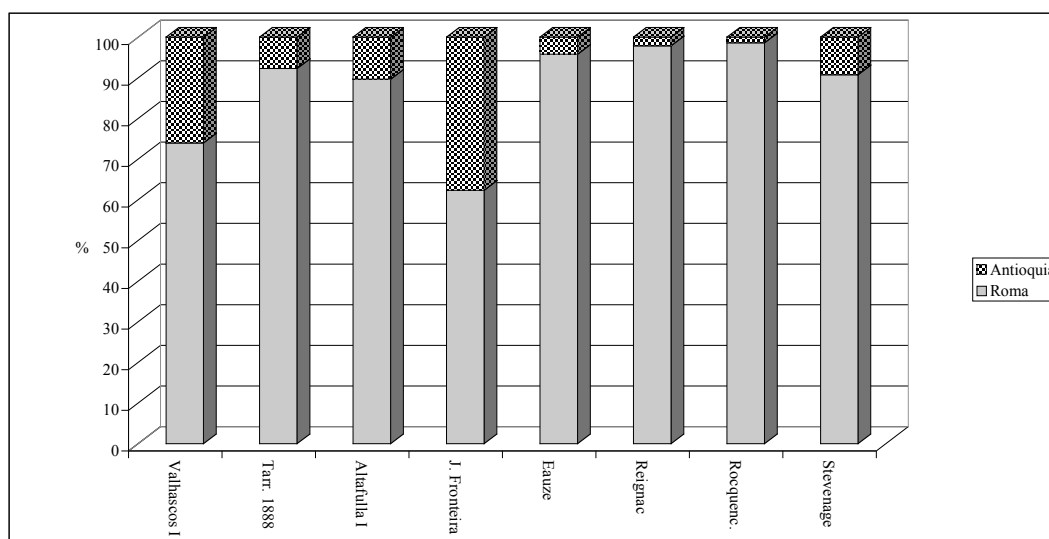


Gráfico 17 - Emissões de Roma e de Antioquia do reinado de Treboniano Galo e Volusiano em 8 tesouros (%)

A análise dos depósitos leva-nos a crer que, para o final do reinado absoluto de Galieno, teve lugar uma importante deslocação de antoninianos de fabrico oriental para a Península Ibérica, com os espécimes mais antigos desta massa monetária a datarem do

<sup>29</sup> Atendendo à problemática que envolve a *quinta emissão*, não podemos deixar de manifestar a nossa discordância em relação à opinião apresentada pelo investigador francês, para quem a perda do teor de fino dos *antoniniani* de Galo se teria invertido "na quinta e última emissão, que apresenta um teor de fino comparável ao do início do reino" (HOLLARD 2000 11 e 13, Tab. 11 e Fig. 2).

reinado de Treboniano Galo. Pela sua importância, esta questão será globalmente retomada mais adiante.

### **Emiliano**

Em Valhascos I identificaram-se três antoninianos de Emiliano, um general que se sublevou na Mésia e cujo reinado não terá durado mais do que uns breves três meses. De um modo geral, as moedas em seu nome são assaz raras. Nos entesouramentos lusitanos o seu número não ultrapassa, de momento, os quatro exemplares: os três antoninianos de Valhascos e um quarto do depósito da Foz do Rio Arade (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 11, nº 2). Estendendo a nossa pesquisa ao material proveniente dos achados isolados, apenas lográmos acrescentar a este breve inventário um sestércio proveniente de Rumansil I (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 33, nº 3). Ao nível dos achados hispânicos, para além dos depósitos *supra* referidos, há ainda que assinalar a sua presença em Les Alqueries (dois exemplares: RIPOLLÈS e GOZALBES 1998 65-66, nº 17-18) e Jimena de la Frontera (35 exemplares: GALWEY 1969 369-370).

Vale ainda a pena referir que, das três numismas de Emiliano presentes em Valhascos I, uma foi emitida para a consorte Cornélia Supera (R/VESTA: RIC 30). A sua raridade é considerável, de tal forma que tesouros volumosos, como o de Cunetio, não contam com qualquer exemplar e outros, como os de Jimena de la Frontera e Eauze, apenas um cada.

### **Valeriano e Galieno**

Com 161 exemplares, o período do reinado conjunto de Valeriano e Galieno (253-260) é o melhor representado em Valhascos I, correspondendo a mais de um terço do numerário inventariado (34,92%). No achado estão presentes moedas lavradas em nome de todos os membros da casa imperial, com Valeriano (46,58%) e Galieno (31,06%) a sobreporem-se largamente aos demais. Ao invés, as séries em nome de Mariniana e dos dois Césares (Valeriano II e Salonino) têm diminuta expressão; o volume dos três, reunido, é com frequência inferior ao de Salonina. Esta situação é normal nos tesouros ocidentais dos anos 260-268, conforme se observa pela análise do Quadro 14 e do Gráfico 18 (cf. *infra*). Este último mostra-nos também como, nos

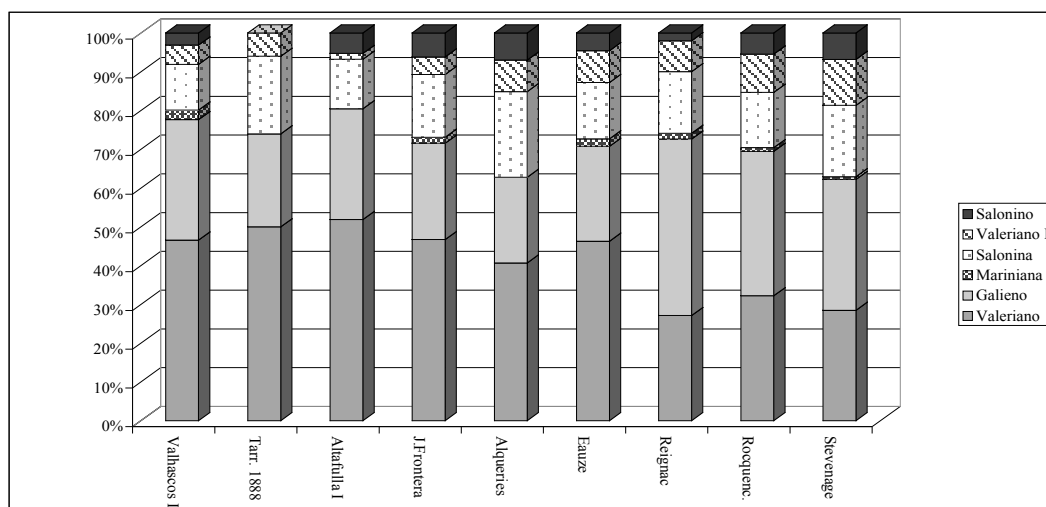


conjuntos escrutinados, o numerário dos dois co-regentes representa, em média, cerca de 60 a 70% do total do numerário do reinado.

	Valhascos I	Tarr. 1888	Altafulla I	J.Frontera	Alqueries	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Valeriano	75	25	69	2610	35	6203	109	303	276
%	46.58	50	51.88	46.72	40.7	46.3	27.11	32.23	28.48
Galieno	50	12	38	1387	19	3279	183	350	327
%	31.06	24	28.57	24.83	22.09	24.47	45.52	37.23	33.75
Mariniana	4			86		258	6	9	7
%	2.48			1.54		1.93	1.49	0.96	0.72
Salonina	19	10	17	906	19	1950	64	134	178
%	11.8	20	12.78	16.22	22.09	14.55	15.92	14.26	18.37
Valeriano II	8	3	2	252	7	1099	32	93	115
%	4.97	6	1.5	4.51	8.14	8.2	7.96	9.89	11.87
Salonino	5		7	345	6	609	8	51	66
%	3.11		5.26	6.18	6.98	4.55	1.99	5.43	6.81
Total	161	50	133	5586	86	13398	402	940	969
%	100	100	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 14 - Frequência do numerário de Valeriano e Galieno em 9 tesouros**

Como acabámos de ver, em Valhascos I, a percentagem de numerário em nome de Valeriano I é claramente superior à cunhada para Galieno. Esta tendência mantém-se nos restantes tesouros hispânicos analisados (Tarragona 1888, Altafulla I, Jimena de La Frontera e Les Alqueries), mas convém recordar que, exceptuando o achado gaditano - 5586 unidades dos anos 253-260 -, o número de moedas objecto de análise é com frequência diminuto: 86 no achado de Les Alqueries e apenas 50 no de Tarragona. Ao que parece, esta situação não será a mais comum na maior parte dos tesouros desta época, nos quais as séries de Galieno costumam sobrepor-se às do progenitor (BOST e GURT 1992 311). De facto, assim sucede, por exemplo, nos tesouros gauleses de Reignac e Rocquencourt ou no conjunto britânico de Stevenage. Já entre as 13398 numismas do reinado conjunto recuperadas em Eauze predominam as de Valeriano (6203 exemplares contra 3279), num desequilíbrio produzido por força do peso dos mais de 2500 antoninianos da *Moeda* romana com reverso *Oriens Avgg.*



**Gráfico 18 - Distribuição do numerário do reinado de Valeriano e Galieno em 9 tesouros (%)**

No que toca à proveniência do numerário de Valhascos I do período 253-260, a primeira constatação é o aparecimento, pela primeira vez na história da amoedação romana, de um vasto grupo de casas da moeda estrategicamente localizadas e dependentes da administração central: durante o seu reinado, Valeriano e Galieno cunham moeda nos tradicionais centros emissores de Roma e Antioquia e em novos *ateliers* situados na Gália, em Viminácio, em Milão e numa casa da moeda oriental de localização incerta.

A este propósito, será talvez oportuno tecer algumas breves considerações sobre as casas da moeda, a sua localização, a entrada em funcionamento e o número de emissões:

- **Roma:** a produção monetária desta casa da moeda, durante o reinado conjunto, foi inicialmente organizada por R. Göbl, que ordenou a cunhagem dos vários metais em 10 emissões repartidas por seis oficinas (GÖBL 1951 19-27). Todavia, esta classificação levanta sérias dificuldades para a arrumação dos reversos não datados, que são a maioria. O problema nota-se sobretudo no caso daquelas séries que Göbl escalonou ao longo de várias emissões, mas nas quais não há alterações de titulaturas, bustos ou tipos. Na publicação do tesouro de Cunetio, os autores procuraram resolver o problema de uma forma prática, organizando as emissões romanas em quatro séries, com base nas alterações das titulaturas imperiais (BESLY E BLAND 1983 22-23). Posteriormente, Daniel

Schaad propôs um rearranjo da ordenação efectuada por Göbl, reduzindo o número de emissões a sete (SCHAAD 1993 265 e segs.).

- **Viminácio:** *Viminacium*, hoje a cidade sérvia de Kostolac, estava situada nas margens do Danúbio e era a capital da província *Moesia Superior*. A partir de Gordiano III emitiu moeda provincial de bronze e, após a proclamação de Valeriano pelas tropas da *Raetia*, foi o primeiro centro emissor a bater numerário em nome do novo governante. O estudo da sua amoedação foi efectuada por Jeno Fitz, que a organizou em seis emissões distribuídas primeiro por três, depois por seis *officinae* (FITZ 1978 665-684). A sua vida terá sido curta, com o encerramento a ter lugar por meados de 258.

- **Casa da moeda gálica:** não resta hoje a menor dúvida sobre a criação de uma casa da moeda destinada a aprovisionar as campanhas renanas de Galieno<sup>30</sup>; no entanto a questão da localização deste primeiro centro emissor gálico constitui um problema cuja resolução se encontra ainda longe de ser alcançada. Autores como ELMER (1941 8-26), GÖBL (1951 30), CALLU (1969 207-208), FITZ (1978 680 e segs.) e SCHAAD (1992 297) colocam-no em *Colonia Claudia Agrippina Augusta* (Colónia), outros como DRINKWATER (1987 143), BESLY e BLAND (1983 31), SCHULZKI (1996 22-26), HOLLARD (2000 25-27) ou BOURNE (2001 25-31) em *Colonia Augusta Treverorum*, a actual Trier.

Supõe-se que este centro emissor terá iniciado a sua laboração em 257 - quiçá ainda na segunda metade de 256 - e terá cunhado para o Império Central até ao Verão de 260, altura em que passou para o controlo de Póstumo. A organização da produção monetária deste *atelier* também não é totalmente consensual: a título de exemplo, ELMER (1941-18-26) e GÖBL (1951 30-34), organizam-na em seis emissões; SCHAAD (1992 297-298) admite que as emissões possam ter sido apenas cinco; BLAND (1988 63-66) distribui-as por 5 séries.

- **Milão:** seguindo a proposta de Elmer, considera-se que este centro emissor foi aberto em 259 por Galieno, tendo como pano de fundo a concentração de várias unidades

---

<sup>30</sup> Daniel Schaad não deixa de observar que as moedas das primeiras três emissões são relativamente raras, pelo que lhe parece pouco provável que inicialmente se destinassem a pagar o soldo das tropas. Para este investigador, a iconografia adoptada nessas emissões sugere que se destinavam a ser distribuídas na companhia de séries correntes (SCHAAD 1992 298).

dos exércitos do Reno, Danúbio e Itália, em resposta à ameaça dos Alamanos. Cunha uma única emissão no decurso do reinado conjunto.

- **Antioquia:** a capital da *Syria* emitiu antoninianos com alguma regularidade a partir de Gordiano III (CALLU 1969 164-165). Os raides persas de 253 levaram ao encerramento temporário da casa da moeda, logo reactivada por Valeriano em finais desse mesmo ano ou já em 254. A sua produção monetária durante este reinado foi escalonada em cinco emissões por CARSON (1968 123-142) e, salvo uma ou outra alteração pontual, continua a ser adoptada ainda hoje (BLAND e BESLY 1983 40; SCHAAD 1992 299-300).

- **Segunda casa da moeda do Oriente:** a par de Antioquia, existiu uma outra casa da moeda situada na parte oriental do Império, à qual se atribuem geralmente três emissões sucessivas - entre 255 e a captura de Valeriano I em Edessa pelos Sassânidas - e uma quarta - logo no início do reinado absoluto de Galieno e entretanto interrompida pela usurpação de Macriano e Quieto (260-261), para os quais poderá também ter lavrado moeda. A sua localização permanece incerta e as opiniões dividem-se entre Samosata (ALFÖLDY 1937 57; GÖBL 2000 132-135, Tab. 50-51; CALLU 1969 209-212; SCHAAD 1992 300), Emesa (BELLINGER 1946 66) e Cízico (CARSON 1968 133-135). No estado actual da investigação, parece-nos mais prudente seguir a proposta de Besly e Bland que, admitindo embora uma origem síria para tais emissões, preferem designá-las como o produto de uma *Second Eastern Mint* (BESLY e BLAND 1983 40-41).

Terminado este breve intróito sobre os centros emissores de Valeriano e Galieno, e retomando a análise que temos vindo a fazer ao tesouro de Valhascos, um dos aspectos que de imediato salta à vista prende-se com o facto de as cunhagens de Roma serem maioritárias no achado (cf. *infra* Quadro 15 e Gráfico 19), cifrando-se em metade (50,93%) das 161 moedas contabilizadas. Trata-se de uma situação comum a todos os tesouros hispânicos utilizados como termo de comparação e igualmente bem evidente no tesouro de Eauze, com valores que se situam quase sempre por cima dos 50%. Já nos depósitos de Reignac, Rocquencourt e Stevenage predominam as séries de origem gaulesa, o que ocorre com alguma frequência nos achados ocultados entre os anos 260-269 na actual França, Alemanha, Bélgica e nas Ilhas Britânicas, e explicável, de um modo geral, pela proximidade geográfica do centro de produção e pelas especificidades

dos circuitos de distribuição. Mesmo em Eauze, não obstante a preponderância das séries da *Moneta* romana, as emissões gaulesas acabam por representar qualquer coisa como 32,23% da amoedação do reinado conjunto. De facto, a situação é bem diversa nos depósitos hispânicos, nos quais o peso das emissões gaulesas é pouco elevado cifrando-se, em Valhascos I, em 8,69% do total (14 exemplares). E num grande tesouro, como o de Jimena de la Frontera, não chega a ultrapassar sequer os 3,5%.

	Valh. I	Tarr.1888	Altaf. I	J. Frontera	Alqueries	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Gália	14	2	12	191	4	4318	241	498	581
%	8.69	4.54	9.02	3.42	4.65	32.23	59.95	52.98	59.95
Roma	82	25	96	3000	41	8242	114	328	336
%	50.93	56.82	72.18	53.71	47.67	61.52	28.36	34.89	34.67
Viminácio	8	2	5	286		413	36	58	41
%	4.97	4.54	3.76	5.12		3.08	8.96	6.17	4.23
Milão	10	1	5	272	4	25	5	10	2
%	6.21	2.27	3.76	4.87	4.65	0.18	1.24	1.06	0.2
Antioquia	17	5	13	591		180	3	16	9
%	10.56	11.36	9.77	10.58		1.34	0.75	1.7	0.93
2ª Oriente	30	9	2	1246	37	220	3	30	
%	18.63	20.45	1.5	22.31	43.02	1.64	0.75	3.19	
Total	161	44	133	5586	86	13398	402	940	969
%	100	100	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 15 - Distribuição do numerário do reinado conjunto, por centro emissor, em 9 tesouros dos anos 260-268**

Como referimos anteriormente, a ordenação das emissões de Roma não é isenta de dificuldades. Apesar disso, pareceu-nos útil comparar o volume das emissões da casa da moeda romana presentes em Valhascos I com as de outros achados seus contemporâneos (cf. Quadro 16).

	Valhascos I	Altafulla I	J. Frontera	Alqueries	Eauze	Reignac	Rocquenc.	Stevenage
Em. 1-2	37.8	40.62	20.41	14.63	10.68	64.91	30.77	31.51
Em. 3	21.95	17.71	19.14	4.87	10.96	14.91	28.61	26.06
Em. 2-5	18.29	11.46	22.84	24.39	16.01	10.53	16.31	22.73
Em. 4-5	18.29	19.79	28.14	41.46	61.78	8.77	21.54	19.09
Em. 6-7	3.66	10.42	9.47	14.63	0.57	0.88	2.77	0.61
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 16 - Volume das emissões de Roma do reinado conjunto em 8 tesouros dos anos 253-260 (%)**<sup>31</sup>

<sup>31</sup> No cálculo das percentagens foram contabilizadas apenas as moedas passíveis de inclusão no esquema de emissões utilizado no quadro, o que levou à exclusão de uns poucos exemplares: um em Valhascos, um em Jimena de La Frontera, onze em Eauze, três em Rocquencourt e seis em Stevenage.

De um modo geral parece-nos evidente que, tanto em Valhascos I como nos outros depósitos, uma parte substancial do numerário romano do reinado conjunto foi produzida no decurso das três primeiras emissões. A quinta emissão encontra-se igualmente muito bem representada na maior parte dos achados, reflectindo um momento de grande actividade da casa da moeda central, como evidencia o tesouro de Eauze, com 5085 das 8231 moedas contabilizadas para Roma a serem emitidas nessa emissão. No entanto, esta cifra encontra-se de alguma forma adulterada pela anormal presença de 2425 unidades da série *Oriens Augg* de Valeriano I (RIC 106) saídas do mesmo cunho de anverso.

O numerário em nome de Mariniana, Salonina e Valeriano II, mas sobretudo o que foi dedicado à esposa de Galieno, possui um peso significativo em Valhascos I e em muitos dos achados contemporâneos. A distribuição desta amoedação depara-se, contudo, com um enorme problema: as moedas em nome das imperatrizes foram maioritariamente batidas ao longo de quatro emissões (2<sup>a</sup>-5<sup>a</sup>)<sup>32</sup> e as do jovem César ao longo de três (3<sup>a</sup>-5<sup>a</sup>), sem que seja possível, pelo menos para já, individualizar os exemplares produzidos durante cada uma delas.

As duas emissões finais, e em particular a última - interrompida pela captura de Valeriano I e pelo início do reinado absoluto de Galieno -, são as que exibem o menor volume de numerário em todos os tesouros analisados, notando-se claramente que os valores obtidos para os achados de Eauze (0,57%), Stevenage (0,61%), Reignac (0,88%) e Rocquencourt (2,77%), para além de serem com frequência irrisórios, estão bastante abaixo dos fornecidos por Valhascos I (3,66%), Jimena de la Frontera (9,47%), Altafulla I (10,42%) e Les Alqueries (14,63%). A esta situação não será alheio o facto de a proclamação de Póstumo ter dificultado a difusão do numerário de Roma nas Gálias e na Britânia, afectando sobretudo a penetração das espécies das últimas emissões.

---

<sup>32</sup> Alguns autores têm colocado a questão da atribuição da totalidade da abundante série IVNO REGINA (*Juno* 1) de Salonina ao reinado conjunto, admitindo que a sua cunhagem se prolongará pelo reinado exclusivo de Galieno (cf. BESLY e BLAND 1983 168, n. 651 e, sobretudo, ESTIOT 1999 189). Com base na diferenciação estilística entre as moedas de cada período proposta pela investigadora francesa na publicação do tesouro de Trousesey, poderíamos admitir que dois dos exemplares de Valhascos I tenham sido batidos após 260 (cf. n.ºs 167.1 e 167.3). No entanto, e tratando-se apenas de uma mera hipótese de trabalho, acabámos por mantê-los entre as emissões do reinado conjunto.

De salientar ainda que as duas emissões terminais do reinado conjunto constituem um marco na amoedação romana do Baixo-Império, na medida em que assinalam a adopção definitiva das marcas de *officina* pelas casas da moeda imperiais.

Um aspecto merecedor de um breve comentário tem a ver com o facto de, em Valhascos I, se verificar que cerca de 12% do numerário batido em Roma no reinado de Valeriano e Galieno é composto por exemplares híbridos - associando cunhos de diferentes governantes - e por aquilo que os investigadores britânicos designam como *mules* - exemplares associando cunhos do mesmo governante, mas de diferentes emissões ou fases (BESLY e BLAND 1983 24). No primeiro daqueles grupos foram incluídos quatro exemplares: três combinando anversos de Valeriano I e reversos CONCORDIA EXERCIT (cf. n.ºs 137.1 e 137.2) e VIRTVS AVGG (cf. n.º 144), respectivamente das segunda e terceiras emissões de Galieno; um quarto associando um anverso de Galieno a um reverso VICTORIA AVGG da primeira emissão de Valeriano (cf. n.º153). No segundo grupo foram classificadas seis unidades combinando anversos e reversos das três primeiras emissões: quatro de Valeriano I (cf. n.ºs 142.1-3 e 143) e duas de Galieno (cf. n.ºs 157 e 161).

Este fenómeno é comum a praticamente todos os achados com numerário deste período e ocorre sobretudo nas emissões de Roma: em Eauze, entre os 432 híbridos e *mules* identificados, 413 são oriundos daquela casa da moeda e, em Cunetio, foram contabilizados 556 exemplares. Schaad (1992 288), com base numa série de informações fornecidas pelo tesouro de Eauze, admite que o fenómeno da hibridação na amoedação de Roma poderá estar associado aos acontecimentos de 257, marcados pela assunção conjunta do consulado e pelo início dos preparativos para as campanhas renana e pártica de Galieno e Valeriano I. Na opinião deste autor, estes sucessos terão sido responsáveis por uma intensificação da actividade da casa da moeda e por um incremento substancial da produção, traduzidos na importância da quinta emissão, na possível presença de gravadores do *comitatus Gallieni*<sup>33</sup> e na reutilização de antigos cunhos monetários. No entanto, se dos 413 exemplares anteriormente recenseados descontarmos os 17 que não são passíveis de ser atribuídos a uma emissão concreta, verificamos que, dos 396 sobrantes, quase metade foi produzida nas três primeiras emissões - 192 exemplares

---

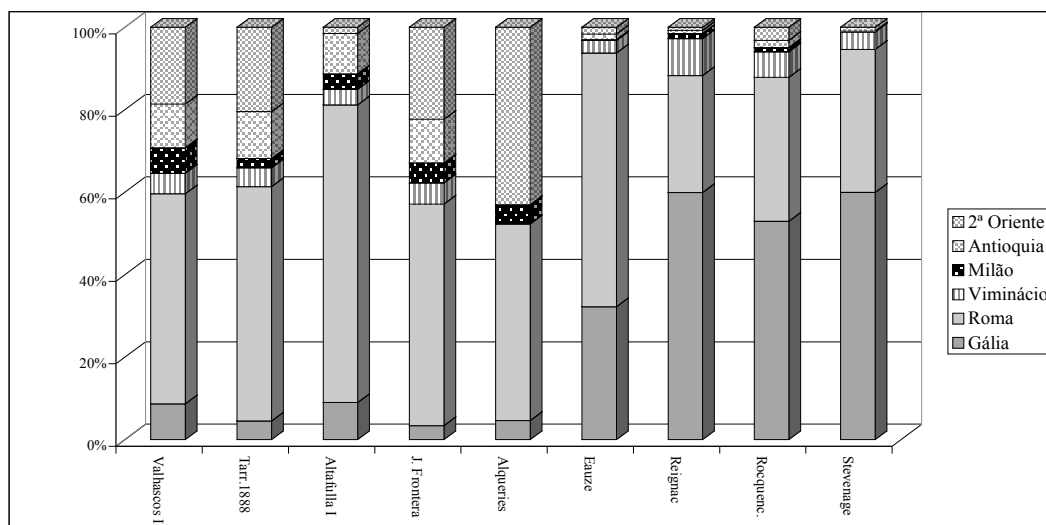
<sup>33</sup> Sobre esta questão, cf. SCHAAD (1992 274-275).

(48,48%) -, isto é, com anterioridade a 257, atestando que o fenómeno já se arrastava desde o início do reinado. É possível que a produção de bilhão radiado numa escala nunca antes vista tenha originado uma certa desorganização da casa da moeda, o que levou, não apenas, a frequentes troca de cunhos dentro das emissões dos anos 253-260 como, inclusive, à reutilização de cunhos de Treboniano Galo e Volusiano.

Passando agora às restantes casas da moeda do reinado conjunto presentes em Valhascos I, o centro emissor balcânico de Viminácio está representado por uns parques oito antoninianos, isto é, 4,97% do numerário do período. Esta cifra situa o achado lusitano no intervalo médio dos valores fornecidos pelo conjunto dos depósitos que temos vindo a utilizar como termo de comparação; à excepção de Les Alqueries, em que não se identificou qualquer exemplar deste centro emissor, as percentagens oscilam entre os 3,08% de Eauze e os 8,98% de Reignac (cf. *supra* Quadro 15 e *infra* Gráfico 19).

Apesar de ter produzido uma única emissão durante o reinado conjunto, Milão contribui com 6,21% do numerário dos anos 253-260 no tesouro de Valhascos I. A análise do Quadro 15 e, sobretudo, do Gráfico 19 mostra que a primeira emissão milanesa possui alguma visibilidade nas ocultações hispânicas, nas quais oscila entre os 2,28% de Tarragona 1888 e os 6,21% de Valhascos I. Num grande depósito como o de Jimena de la Frontera, os 272 exemplares de Milão representam 4,87 da totalidade da amoedação do reinado conjunto. Estes resultados contrastam com os obtidos para o grupo dos achados gauleses e britânicos que temos vindo a analisar, nos quais as percentagens de numerário lavrado em Milão variam entre uns insignificantes 0,18% para Eauze e os 1,24% em Reignac. Mesmo num tesouro com uma cronologia de deposição mais tardia, como é o caso de Cunetio, Milão não ultrapassa os 2,13% do total da amoedação do reinado conjunto.





**Gráfico 19 - Distribuição do numerário do reinado conjunto, por centro emissor, em 9 tesouros dos anos 260-268 (%)**

Uma das particularidades mais notáveis de Valhascos I é a abundância das produções orientais, que representam quase 30% do total do numerário do reinado conjunto. Dos 47 radiados recenseados, Antioquia foi a responsável pela emissão de 17 exemplares (10,56%) e a *Segunda casa da moeda do Oriente* pelos restantes 30 (18,63%). Esta situação parece ser comum a vários achados hispânicos que encerram no reinado absoluto de Galieno, como atestam o Quadro 15 e, de forma mais inequívoca, o Gráfico 19. A elevada frequência das séries orientais num depósito hispânico foi pela primeira vez posta a claro na publicação do tesouro de Jimena de la Frontera (GALLWEY 1962 336) e posteriormente confirmada por uma série de pequenos tesouros seus contemporâneos: Les Alquerias (43,02%), Tarragona 1888 (31,81%), Mas d'Aragó (36,36%) e Altafulla I (11,27%). Exceptuando o caso deste último achado - no qual imperam as séries de Antioquia -, nos depósitos supracitados prevalecem claramente as moedas batidas na denominada *Segunda casa da moeda do Oriente*. E as cunhagens orientais estão igualmente presentes, ainda que em muito menor quantidade, noutros conjuntos hispânicos do mesmo período, como sucede nos da Foz do Arade, Serra do Condão, Chantada, Honcalada e Almenara. Estes dados permitem-nos traçar, para a Hispânia, um quadro completamente distinto do obtido para outras províncias ocidentais do Império (Germânia, Gália e Britânia), às quais este numerário chega em quantidades muito reduzidas. O extremo oposto é-nos fornecido pelos tesouros provenientes da parte

oriental (Israel, Síria e Turquia), compostos na quase totalidade por moeda cunhada na região (HOWGEGO 1996 229-230, Tab. 4a-c).

Em Valhascos I, as dezassete moedas de Antioquia repartem-se entre a segunda e a quinta emissões, sendo a terceira e a última as melhor representadas - à semelhança do que se verifica em Jimena de La Frontera -, com seis exemplares cada (cf. Quadro 17). Quase sessenta por cento das moedas batidas na cidade do Orontes exibem a efigie de Valeriano I.

	Val	Gal	Sal <sup>o</sup>	Total	%
Emissão 2	2			2	11.76
Emissão 3	5	1		6	35.29
Emissão 4	2	1		3	17.65
Emissão 5	1	4	1	6	35.29
Total	10	6	1	17	100

**Quadro 17 - Distribuição, por emissões, do numerário de Antioquia do reinado conjunto em Valhascos I**

Quanto às produções do *atelier* secundário, Valeriano I continua a ser o soberano melhor representado, com mais de metade das moedas cunhadas naquela casa monetária, seguido de Galieno e de Salonina (cf. Quadro 18). A maior parte da amoedação foi emitida durante a segunda emissão, que aparenta ser a mais volumosa das três do reinado conjunto, como confirmam os resultados obtidos para Jimena de la Frontera, onde, de entre os 1246 exemplares atribuídos a esta casa da moeda, 62,92% pertencem igualmente à segunda emissão. Constatase ainda que, quer em Valhascos I quer em Jimena de la Frontera, o reverso RESTITVT ORIENTIS de Valeriano I (RIC 287) é o mais corrente para a segunda emissão, cifrando-se, respectivamente, em um terço e um quarto do numerário da mesma.

	Val I	Gal	Sal <sup>a</sup>	Val II	Total	%
Emissão 1	6	2			8	26.67
Emissão 1-2		1			1	3.33
Emissão 2	9	3	3	1	16	53.33
Emissão 3	1	2	2		5	16.67
Total	16	8	5	1	30	100

**Quadro 18 - Distribuição, por emissões, do numerário da Segunda casa da moeda do Oriente do reinado conjunto em Valhascos I**

Do ponto de vista metrológico e cingindo-nos apenas às emissões de Roma, cuja evolução no tesouro temos vindo a acompanhar, poderemos afirmar que a primeira emissão fica situada sensivelmente na linha de continuidade da quarta emissão de Treboniano Galo e Volusiano - considerando que será a derradeira -, mantendo-se ao longo do reinado a tendência para a paulatina descida do peso do antoniniano, bem marcada ao longo das quarta e quinta emissões - esta última a caracterizar-se pela cunhagem de enormes volumes de moeda radiada (cf. *infra* Gráfico 20). Em Valhascos, como de resto nos outros tesouros utilizados como amostragem (Eauze, Rocquencourt e Stevenage), o gráfico dá-nos a sensação de uma recuperação ponderal do antoniniano nas duas últimas emissões. Porém os dados obtidos não são merecedores de confiança, uma vez que o número de moedas testadas é muito escasso: três em Valhascos, 46 em Eauze, uma em Reignac, nove em Rocquencourt e duas em Stevenage. Isso mesmo é confirmado pela análise ponderal das últimas emissões do tesouro de Cunetio. Neste depósito, os cerca de dois mil e oitocentos exemplares das quarta e quinta emissões forneceram um peso-médio a rondar os 2,85 gramas, contra 2,84 gramas das duas emissões finais, indicando alguma estabilização do peso na fase final do reinado. Para o efeito terá contribuído, ainda que de forma marginal, um ligeiro aumento das percentagens de chumbo e estanho nas derradeiras emissões de Roma<sup>34</sup>, já que entre 253 e 260 o teor de fino do antoniniano conhece um abaixamento substancial, passando de aproximadamente trezentos por mil para cerca de metade (CALLU 1969 246-249, Fig. 3; KING 1989 290, Tab. I; COPE *et alii* 1997 73-74 e 81, Fig. 3).

---

<sup>34</sup> A presença daqueles dois metais nos antoninianos cunhados a partir de Valeriano será consequência da retirada de circulação e refundição das antigas moedas de bronze, particularmente dos sestércios (BARRANDON *et alii* 1981 381-390).

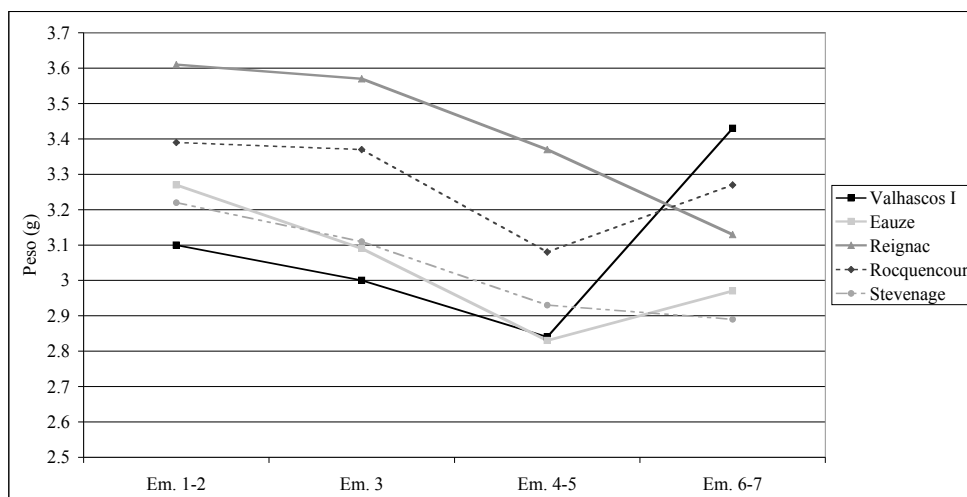


Gráfico 20 - Peso-médio das emissões de Roma de Valeriano e Galieno em 5 tesouros

### Galieno

Nos inícios da segunda metade de 260, ao que tudo indica, Valeriano I é aprisionado por Sapor da Pérsia perto de Edessa (CARSON 1982 461-465). A notícia do desastre é aproveitada por Macriano e Quieto para se apoderarem da Síria e, nas Gálias (separadas da Itália pela invasão dos Alamanos e dos Jutungos), Salonino (o filho mais novo de Galieno que acabara de se autoproclamar Augusto) é eliminado em Colónia e Póstumo aclamado imperador. A sedição alastrar-se-à, em seguida, às províncias da Germânia, da Britânia e da Hispânia. Galieno, agora o único senhor de Roma, vê a sua autoridade confinada a um Império amputado de algumas das suas principais províncias. E, se o controlo do Oriente é recuperado logo em 261, o Império das Gálias subsistirá praticamente até ao final do reinado de Aureliano (274).

Em Valhascos I, não obstante, oitenta e uma das oitenta e sete moedas emitidas entre 260 e o fecho da ocultação pertencem a Galieno. No cômputo global, os antoninianos de Galieno representam qualquer coisa como 17,57% do depósito, contra 0,87% dos de Macriano e Quieto (quatro exemplares) e 0,43% dos de Póstumo (dois exemplares). Com quase 19% do total, o numerário dos anos 260-266 representa, logo a seguir ao do reinado conjunto, o segundo bloco mais importante do achado.

No Quadro 19 podemos observar a distribuição do numerário de Valhascos em nome de Galieno e compará-la com a dos achados hispânicos de Altafulla I, Almenara,

Les Alqueries e Jimena de la Frontera, cujas datas de fecho são muito próximas da do conjunto lusitano.

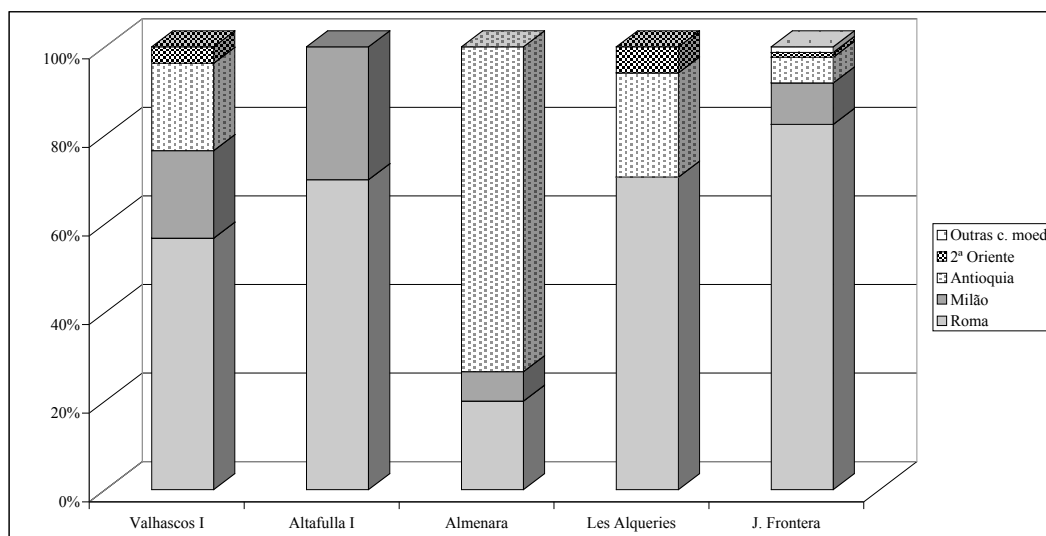
	Valhascos I	Altafulla I	Almenara	Les Alqueries	J. Frontera
Roma	46	7	3	12	18094
%	56.79	70	20	70.59	85.38
Milão	16	3	1		2058
%	19.75	30	6.67		9.71
Antioquia	16		11	4	1269
%	19.75		73.33	23.53	5.99
2ª Oriente	3			1	238
%	3.7			5.88	1.12
Outros					278
%					1.32
Total	81	10	15	17	21193
%	100	100	100	100	100

**Quadro 19 - Distribuição do numerário de Galieno, por centro emissor, em 5 tesouros dos anos 260-268**

À excepção do depósito de Jimena de La Frontera, no qual se contabilizaram para cima de vinte mil exemplares cunhados sob Galieno, as quantidades inventariadas nos achados peninsulares do mesmo período são extremamente modestas, como modesto é o número de exemplares que integra a maioria. Valhascos I acaba por ser, de entre os conjuntos conhecidos, aquele que, logo a seguir ao achado gaditano, maior número de moedas dos anos 260-268 fornece.

Em Valhascos I, os 81 radiados do reinado de Galieno (seis dos quais para Salonina) repartem-se por quatro centros emissores, com Roma, responsável por 56.79% do numerário, à cabeça, seguida de Milão e Antioquia, ambos com 19,75%, e da *Segunda Casa da Moeda do Oriente* com 3,7% (cf. Quadro 19 e *infra* Gráfico 21). No tesouro lusitano não está presente qualquer exemplar batido em *Siscia*.

A preponderância das emissões de Roma é comum nos tesouros hispânicos deste período, exceptuando o pequeno tesouro de Almenara, no qual, entre as quinze unidades posteriores a 260, as séries de Antioquia ocupam o lugar cimeiro.



**Gráfico 21 - Distribuição do numerário de Galieno, por centro emissor, em 5 tesouros hispânicos dos anos 260-268 (%)**

No caso de Valhascos I, as 46 numismas de Roma distribuem-se pelas cinco séries batidas até 266, segundo o Quadro 20.

	Nº moedas	%
Série 1	3	6.52
Série 2	12	26.09
Série 1-2 (Salonina)	3	6.52
Série 3	6	13.04
Série 4	2	4.35
Série 2-5	3	6.52
Série 5	17	36.96
Total	46	100

**Quadro 20 - Distribuição, por séries, do numerário de Valhascos I, cunhado em Roma sob Galieno**

Constata-se em Valhascos I que a segunda série e, sobretudo, a quinta - que neste caso é também a última - são as séries mais volumosas, sendo responsáveis por mais de 60% das moedas emitidas em Roma para Galieno. O peso das restantes emissões é, à excepção da terceira, bastante baixo. Já no tesouro de Jimena de la Frontera, que termina com exemplares da emissão do *bestiário*, embora a quinta continue a ser a série mais importante, a terceira acaba por sobrepor-se à segunda.

A primeira série, de curta duração, herda a titulação IMP GALLIENVS AVG da última emissão do reinado conjunto. Em Valhascos I, os 3 antoninianos desta série correspondem a 6,52% do numerário de Roma. Todavia, neste pequeno lote é de destacar a presença de um exemplar com reverso ADVENTVS AVG (Imperador 1) e marca da primeira *officina* no exergo (cf. nº 232). A legenda e a iconografia pretendiam celebrar a entrada do imperador em Roma e a sua frequência é por norma muito reduzida nos achados contendo moedas de Galieno. No tesouro de Cunetio estão presentes três unidades (BESLY e BLAND 1983 110, nº 879-881), mas a maior parte dos depósitos contemporâneos não regista qualquer exemplar<sup>35</sup>. Este tipo acaba por repetir-se na segunda série, agora associado a um anverso com titulação curta (cf. nº 235) e igualmente de assinalável raridade<sup>36</sup>.

Como foi referido anteriormente, a segunda série está, em termos percentuais, bem documentada em Valhascos I, com uma dúzia de unidades que correspondem a 26,09%. Das seis oficinas em laboração na *Moeda* romana nesta fase, apenas a última não se encontra presente, como se pode ver na tabela seguinte.

<i>Off.</i>	Reverso	Nº moedas
P	ADVENTVS AVG	1
	VIRTVS AVG	4
S	IOVI IVLTORI	3
T	VICTORIA AVG III	2
Q	GENIVS AVG	1
V	PAX AVG	1

De notar que a primeira e a segunda oficinas são aquelas que se encontram melhor representadas, contribuindo ambas com mais de 65% das moedas desta série.

Quanto à terceira série, da qual se contabilizaram apenas seis exemplares, não conta com qualquer exemplar saído das oficinas P e S. Três das seis moedas foram produzidas na quarta oficina (uma para Galieno e duas para Salonina).

<sup>35</sup> No tesouro de Gibraltar é possível que, dos quatro exemplares atribuídos por Gallwey a Milão, alguns possam ter sido emitidos em Roma (GALWEY 1962 393).

<sup>36</sup> Um exemplar proveniente do tesouro do Reguengo, com busto A1, encontra-se no Museu de Vila Real (PARENTE 1997 86, nº 249). Em Cunetio foi recensada uma moeda desta série, mas com busto B1 e sem marca de oficina (BESLY e BLAND 1983 112, nº 980).

<i>Off.</i>	Reverso	Nº moedas
T	PAX AVG	1
Q	ANNONA AVG	1
	PVDICITIA	2
V	LAETITIA AVG	1
VI	VIRTVS AVG	1

Da quarta série, normalmente pouco abundante, entram apenas dois exemplares na composição do tesouro, batidos pela segunda e quinta oficinas (FORTVNA REDVX e PAX PVBLICA).

Da quinta série - e última a figurar no depósito - contabilizaram-se dezassete numismas. Esta série tem a particularidade de ter inaugurado o sistema de doze oficinas em Roma, substituindo os numerais latinos, usados desde o final do reinado conjunto, por numerais gregos.

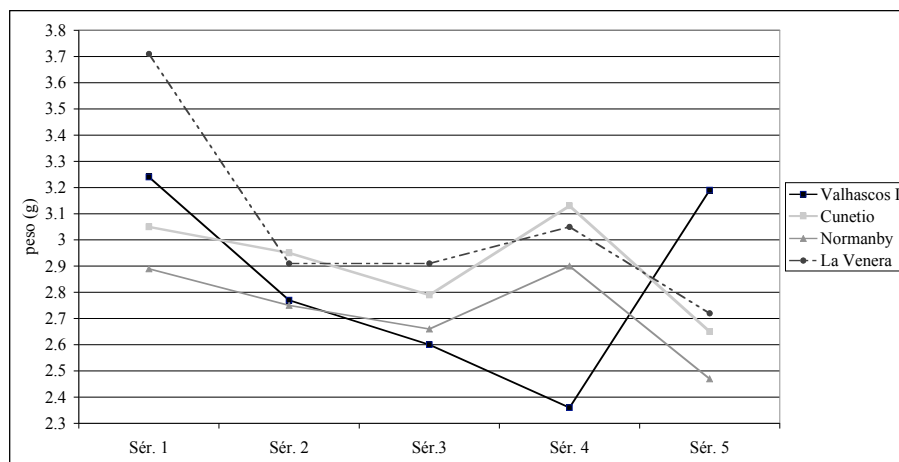
<i>Off.</i>	Reverso	Nº moedas
A	MARTI PACIFERO	1
B	ABVNDANTIA AVG	2
Γ	AETERNITATI AVG	1
ε	VBERITAS AVG	3
ς	FORTVNA REDVX	4
	IOVIS STATOR	2
N	FIDES MILITVM	2
XII	INDVLGENTIA AVG	1
	CONSERVAT PIETAT	1

Emitida entre 265 e 266, esta série é responsável por um aumento exponencial do volume do billhão radiado em circulação, acompanhado de um claro declínio do teor de fino da moeda (COPE *et alii* 1997 75-77 e 81, Fig. 3). À semelhança do que se verifica em boa parte dos tesouros com moedas de Galieno, também em Valhascos I a quinta série se assume como a mais representativa do reinado. Estão presentes sete das doze oficinas, com a sexta a ser responsável por mais de um terço das dezassete unidades recenseadas. Ao que tudo indica, a oficina ς terá sido provavelmente a que mais numerário produziu ao longo da quinta emissão, como parecem atestar os tesouros de Cunetio, Normanby ou La Venera. As ausências mais notadas serão as dos fabricos das oficinas Γ, Δ e Z, já que as moedas das oficinas X e XI são, por regra, menos frequentes. A este nível, não deixa



de ser interessante notar a existência de duas moedas da oficina XII, uma vez que esta parece ser a que menores quantidades de moeda produziu durante a quinta série (cf. CALLU 1969 216 e BESLY e BLAND 1983 25), talvez por ter entrado em laboração mais tardiamente.

Passando agora para outra questão, a da metrologia, verificamos que a evolução do peso-médio das cinco séries de Roma em Valhascos I exhibe algumas diferenças relativamente à dos tesouros de Cunetio, Normanby e La Venera (cf. Gráfico 22). No entanto, considerando que a média dos pesos é elaborada muitas vezes com base em dois ou três exemplares, como sucede na primeira e na quarta séries de Valhascos, não atribuímos grande significado a essas divergências.



**Gráfico 22 - Peso-médio das emissões de Roma de Galieno em Valhascos I, Normanby, Cunetio e La Venera**

Parece-nos que a diferença mais consistente se encontra na quinta e derradeira série, quando, contrariando a tendência de quebra ponderal manifestada pelos restantes tesouros, o peso-médio dos dezassete exemplares de Valhascos I dispara abruptamente para os 3,19 gramas. A possibilidade de o aforrador ter procurado compensar a redução do teor de fino desta série - relativamente às séries anteriores - com a selecção de espécimes mais pesados poderia explicar este comportamento, que já não se justificaria nos depósitos mais tardios face ao contínuo aviltamento da moeda radiada.

Depois de Roma, Milão é, a par de Antioquia, o segundo centro emissor melhor representado em Valhascos I, com 16 unidades (19,75%). A amoedação milanese

encontra-se organizada em oito séries, mas só moedas das três primeiras entraram na composição do depósito (cf. Quadro 21).

	Nº moedas	%
Série 1	9	56.25
Série 2	2	12.5
Série 3	5	31.25
Total	16	100

**Quadro 21 - Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno em Valhascos I**

A série mais abundante é a primeira, com nove unidades (56,25%). Esta série é igualmente conhecida como a *série legionária*, pelo facto de as legendas e os tipos de reverso fazerem, muito provavelmente, alusão às legiões ocidentais de Galieno reunidas em Milão para conter a ameaça alamana num primeiro momento e, depois, a de Póstumo (KING 1984 114-119). As moedas desta série são relativamente raras e, mesmo naqueles depósitos em que aparecem em número significativo, como Jimena de La Frontera (144 unidades) ou Cunetio (232 unidades), limitam-se a uma pequeníssima percentagem da amoedação de Galieno (0,68 e 1,61%, respectivamente). A este nível Valhascos I acaba por constituir uma excepção, com a primeira série de Milão a representar 11,11% do numerário de Galieno presente no depósito. Tal facto poderá estar relacionado com os circuitos de abastecimento, mas pode ser também mera consequência do acaso e da pequenez da amostragem.

Em Valhascos I estão identificadas oito legiões com o respectivo emblema, cuja lista apresentamos mais abaixo. Temos ainda uma hipotética nona, mas o seu nome não é reconstituível na moeda.

<b>Legião</b>	<b>Emblema</b>	<b>Nº de moedas</b>
LEG I ADI VI P VI F	<i>Capricórnio</i> 1	1
LEG II ADI VI P VI F	<i>Cavalo alado</i> 2	1
LEG III ITAL VI P VI F	<i>Cegonha</i> 1	1
LEG V MAC VI P VI F	<i>Victoria e águia</i> 1	1
LEG X GEM VI P VI F	<i>Touro</i> 2	1
LEG XI C L VII P VII F	<i>Javali</i> 1	1
LEG XIII GEM VI P VI F	<i>Victoria e leão</i> 1	1
LEG IXX VII P VII F	<i>Capricórnio</i> 1	1
[...] P VI F	<i>Touro</i> 2	1

Embora a cada legião corresponda quase sempre apenas uma divisa, algumas parecem possuir mais do que uma, como sucede com a legião XI C L VII P VII F, em cujas insígnias aparece habitualmente representado Neptuno. No entanto, o único exemplar alusivo a esta legião em Valhascos I apresenta como emblema um javali correndo para a direita (*Javali* 1). O número de moedas da *série legionária* que atesta a existência de uma segunda divisa para a mesma legião é baixíssimo (KING 1984 104); no caso da legião XI C L VII P VII F, para além do exemplar de Valhascos, conhecemos somente outros três exemplares com o reverso do javali (GÖBL 2000 Tab. 29, nº 1016c), com a particularidade de dois deles partilharem, segundo nos parece, o mesmo par de cunhos do nosso exemplar: um do achado de Jimena de la Frontera (GALWEY 1962 392) e outro publicado por G. Mazzini (1957 Pl. 21, D 536). Este fenómeno pode explicar-se por simples erros dos gravadores, mas, como nos sugeriu Dominique Hollard, não será de descartar a possibilidade de estas variantes terem sido cunhadas para serem distribuídas a um corpo específico da legião, que possuísse, porventura, um *signum* diferente - a cavalaria, por exemplo -, daí o serem em menor número.

A segunda série milanesa está atestada no nosso tesouro por dois antoninianos unicamente. Da terceira, recenseámos cinco exemplares, todos atribuíveis à sua *fase b*, definida em 1983 pelos autores da publicação do tesouro de Cunetio e desde então comumente aceite (BESLY e BLAND 1983 34). As moedas caracterizam-se por possuírem *flans* de diâmetro inferior aos da *fase a* e aos das duas primeiras emissões e os bustos e as cabeças imperiais são igualmente mais pequenos e estreitos.

Os cinco radiados de Valhascos I documentam dois dos tipos principais da série, LAETITIA AVG e ORIENS AVG, e um tipo algo secundário, APOLLO CONSER. Nenhuma das moedas da *fase b* presentes no achado exhibe marca de oficina, não obstante ela aparecer ocasionalmente em exemplares desta série.

Em relação às séries milanesas, é ainda de notar a ausência no tesouro de numismas das quarta, quinta e sexta séries, cunhadas entre 263 e 266. O aprovisionamento de numerário do atelier lombardo terminou, portanto, cerca de três anos antes do de Roma, o que nos leva a crer que séries romanas e milanesas terão

chegado a Valhascos por circuitos distintos e que, devido à centralidade da casa da moeda, a difusão do numerário de Roma é mais rápida que a de Milão.

Uma ausência bastante notada em Valhascos I é a das cunhagens de Sísicia. Durante muito tempo considerou-se que a abertura deste centro emissor teve lugar em 262 (ALFÖLDY 1928-1929 9-11). Em finais dos anos oitenta do século passado, na publicação do tesouro de Normanby, R. Bland e A. Burnett esgrimiram uma série de argumentos sugerindo que a sua entrada em funcionamento se tenha iniciado apenas em 265 (BLAND e BURNETT 1988 123 e 125). A estar correcta tal sugestão, ficaria desde logo explicado por que razão a produção monetária do atelier panónico não se encontra, por norma, presente nos depósitos hispânicos que terminam com moedas até 266. A excepção chega-nos do achado conhecido como Tarragona 1888, do qual constava, ente as 105 moedas recuperadas, uma unidade da terceira série de Sísicia em nome de Salonina. Dado o estado fragmentário do achado não é, obviamente, seguro que o fecho da ocultação se situe em 266. Já no depósito de Jimena de la Frontera, que termina com a emissão do *bestiário* (267-268), encontramos 271 exemplares da casa da moeda balcânica, correspondentes a 1,28% da amoedação de Galieno e integráveis, na totalidade, nas três primeiras séries daquele atelier.

Se, pelo contrário, a laboração de *Sísicia* começou logo em 262, então a ausência das suas produções nos achados hispânicos que terminam com exemplares de 265-266 parece evidenciar as dificuldades de penetração do seu numerário para Ocidente num primeiro momento. Convirá, no entanto, ter presente que a sua importância era sobretudo regional, destinando-se essencialmente a abastecer a área balcânica.

Tal como constatámos anteriormente para o período 253-260, também durante o governo absoluto de Galieno as séries orientais representam uma percentagem relevante do numerário de Valhascos I (cf. *supra* Quadro 14 e Gráfico 21), sobretudo as batidas em Antioquia. Após um curto interregno entre a captura de Valeriano e a queda dos usurpadores Macriano e Quieto - durante o qual terá cunhado moeda para estes últimos -, Antioquia voltaria a emitir para Galieno, possivelmente em 262 ou 263. Desse segundo período, contabilizámos dezasseis antoninianos - 19,75% da amoedação de Galieno - repartidos pelas três primeiras emissões. A primeira e a segunda emissões utilizam os mesmos reversos, diferindo uma da outra na titulatura e no busto empregues: na primeira,

a titulatura GALIENVVS PF AVG é acompanhada por um busto B1; na segunda, a titulatura GALLIENVVS AVG é acompanhada por um busto D2. Na terceira emissão continua a usar-se a titulatura curta, mas são introduzidos novos reversos. Cada uma destas emissões subdivide-se em duas fases: uma primeira, sem qualquer marca no reverso, e a segunda com marca no campo (uma estrela, para as duas primeiras emissões) ou no exergo (uma palma, para a terceira emissão).

Emissão	Nº moedas	%
Emissão I/1	5	62.5
Emissão I/2	5	
Emissão II/1	1	25
Emissão II/2	3	
Emissão III/2	2	12.5
Total	16	100

**Quadro 22 - Distribuição, por emissões, do numerário de Antioquia de Galieno em Valhascos I**

Uma rápida análise do Quadro 22 permite constatar que mais de 60% das moedas de Antioquia do reinado de Galieno pertencem à primeira emissão, com o peso do numerário cunhado no decurso das segunda e terceira emissões a baixar sucessivamente entre cada uma delas. De notar que as moedas do tipo ROMAE AETERNAE (*Roma* 2b), com cinco unidades, e AEQVITAS AVG (*Aequitas* 1), com três, representam 80% dos exemplares inventariados para a primeira emissão, fases um e dois confundidas.

Quanto à designada *Segunda casa da moeda do Oriente*, terá produzido uma emissão para Galieno, único Augusto na segunda metade de 260, algures entre a captura de Valeriano e a proclamação dos *Macriani*. Dessa emissão estão identificados em Valhascos I três exemplares, os quais, não obstante o emprego da titulatura do reinado conjunto - IMP C P LIC GALLIENVVS P F AVG -, ostentam legendas de reverso no singular: ORIENS AVG, VICTORIA AVG e VIRTVS AVG, atestando o reconhecimento de Galieno como único Imperador.

No entanto, a catastrófica derrota de Valeriano ditou a revolta das tropas orientais, que tentaram entronizar Macriano Sénior, um velho cavaleiro. Este, de conluio com o prefeito do pretório Balista, fez proclamar imperadores os seus filhos T. Fúlvio Júnio Macriano e T. Fúlvio Júnio Quietos, antes do final de Setembro de 260. O seu

governo foi reconhecido no Oriente e no Egito, mas teve curta duração. No outono de 261 os dois Macrianos, pai e filho, foram vencidos e mortos no Ilírico. Após esta derrota e sob a pressão de Odenato, príncipe-sacerdote de Palmira, Quieto acabaria por perder o controlo do Oriente e seria morto em Emesa, onde se refugiara.

Macriano e Quieto, uma vez proclamados imperadores, cunharam moeda em ouro e prata. Em 1954, após analisar o estilo dos exemplares do tesouro de Jimena de la Frontera, Mattingly sugeriu que a amoedação destes governantes seria originária de duas casas da moeda distintas (MATTINGLY 1954 53-61). A localização destes centros emissores é incerta, com a casa da moeda principal a ser associada à *Second Eastern Mint* de Valeriano e Galieno (BESLY e BLAND 1983 41), a Cízico (ELKS 1975 99-100), a Antioquia (MATTINGLY 1954 53-58; BLAND e BURNETT 1988 177, nº 582) ou a Samosata (GÖBL 2000 143-144). Jean-Pierre Callu, por seu turno, concentra toda a amoedação dos dois usurpadores em Emesa (CALLU 1969 220).

Os quatro exemplares em seu nome listados em Valhascos I foram atribuídos à casa da moeda principal, qualquer que tenha sido a sua localização. Pertencem à primeira emissão, caracterizada pela ausência de qualquer marca nos reversos; um deles é em nome de Macriano (SOLI INVICTO) e os três restantes em nome de Quieto (INDVLGENTIAE AVG, IOVI CONSERVATORI e VICTORIA AVGG). São raras na parte ocidental do Império as séries em nome dos dois usurpadores orientais. Colocando numa categoria à parte o tesouro de Jimena de la Frontera, com 1144 unidades cunhadas para ambos, poucos entesouramentos fornecem moedas de Macriano ou Quieto e, quando tal ocorre, é sempre em ínfimas quantidades: entre as mais de cinquenta mil moedas do tesouro de Cunetio figuram apenas dez exemplares (0,02%) dos filhos de Macriano. Neste contexto, parece-nos que os tesouros hispânicos acabam por constituir uma excepção. Para além de Jimena de la Frontera e de Valhascos I, vamos encontrar a amoedação dos dois usurpadores em vários entesouramentos, em contraste com os achados isolados, onde as moedas em seu nome são raríssimas<sup>37</sup>. No Quadro 23 apresentamos a lista dos conjuntos peninsulares com antoninianos de Macriano e Quieto, distribuídos por dois grupos: o primeiro grupo compreende os achados que terminam com

<sup>37</sup> Embora desactualizado, a consulta do inventário apresentado no volume terceiro de *Fouilles de Conimbriga* fornece uma ideia da raridade das moedas dos usurpadores nos achados isolados (BOST *et alii* 1974 236-239).

moedas de Galieno e o segundo os achados que terminam com exemplares posteriores a 268.

	Macriano	Quieto	Total	% Tesouro	% 260-8
<b>Grupo 1: tesouros dos anos 260-268</b>					
Valhascos I	1	3	4	0.87	4.6
Serra do Condão	2	1	3	21.43	37.5
Jimena de la Frontera	611	533	1144	3.83	5.1
Almenara		1	1	3.23	6.25
Mas d'Aragó		3	3	5.66	11.54
Les Alqueries		1	1	0.82	5.56
<b>Grupo 2: tesouros posteriores a 268</b>					
Peal del Becerro	1		1	0.07/0.08	—
Sierra Pitillos	2	3	5	1.99	4.31
Rua Roc Chabàs	1		1	1.16	2
Barboles	1		1	0.08 (?)	—
Liédena		2	2	1.9	4
Valsadornín	1	4	5	0.21	0.28
Grandas de Salime	1	1	2	8.7	16.67
Chaves	1		1	0.47	0.97
Fragas do Piago	2		2	0.07	....
Total	624	552	1176		

**Quadro 23 - Antoninianos de Macriano e Quieto em tesouros hispânicos<sup>38</sup>**

As percentagens não são por regra elevadas, mas mostram como toda a Península foi tocada por este numerário num determinado momento. Comparando os valores obtidos para os dois grupos, verifica-se que os do primeiro grupo são claramente superiores aos do segundo, o que parece indiciar a incorporação deste numerário antes de 268. Todavia, não cremos que a sua chegada à Hispânia tenha ocorrido de forma isolada. Parece-nos que estas moedas terão acompanhado as cunhagens orientais de Treboniano Galo e Volusiano<sup>39</sup>, do reinado conjunto de Valeriano e Galieno e do reinado absoluto de

<sup>38</sup> É a seguinte a bibliografia dos tesouros posteriores a 268: Peal del Becerro, Jaén (MALUQUER 1954 125-127 e FERNÁNDEZ CHICARRO 1955 166-179); Sierra Pitillos, Jaén (HINOJOSA PAREJA 1995 92-119); Rua Roc Chabàs, Valência (SALAVERTE LÉON e RIBERA I LACOMBA 2005 141-154); Barboles, Saragoça (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 141, nº 68); Liédena, Navarra (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 141, nº 69); Grandas de Salime, Astúrias (VEGA DE LA TORRE 1980 279-294); Valsadornín, Palência (CEPEDA 2002 411-416); Chaves (CENTENO 1988 99-120); Fragas do Piago, Montalegre (RAMIRES 1955 75-93 e HIPÓLITO 1960-1961 103-105: segundo este autor, o tesouro contaria também com uma moeda de Quieto, por ele vista no Museu de Pio XII, em Braga). Existe ainda uma referência vaga ao aparecimento de uma ou mais moedas de Quieto no hipotético tesouro encontrado em 1847 na propriedade de El Coto, San Andrés de Xeve, Pontevedra (CAVADA NIETO 1972 231-232) e à presença de moedas de Macriano ou Macriano em Val de Urrea, Teruel (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 226, nº 131).

<sup>39</sup> Parece-nos provável que boa parte dos exemplares cunhados em Antioquia sob Treboniano Galo e Volusiano presentes em Valhascos I tenham viajado com o numerário oriental de Valeriano e de Galieno. No tesouro de Hamâ,

Galieno. A que ficará a dever-se, então, esta frequência relativamente elevada do numerário oriental na Hispânia, quando comparada com a de outras províncias ocidentais? Recentemente esta questão foi, por várias vezes, discutida por Manuel Gozalbes e Père Pau Ripollès. Uma hipótese a ter em conta seria a de explicar a presença destas moedas através das trocas comerciais. Mas vários factores, como a sua abundância nos tesouros, a concentração das datas de emissão num curto período de tempo, o facto de terem chegado à Hispânia pouco depois da emissão e a circunstância de não estarem documentadas trocas comerciais relevantes entre o Oriente e as províncias hispânicas nesta época parecem invalidar esta possibilidade. Assim, aqueles investigadores acabam por sugerir que o envio de importantes quantidades de numerário oriental para a Península foi ordenado pelo Estado romano, possivelmente por razões de natureza militar. Na base deste procedimento estaria o fornecimento de bens ao Oriente para alguma campanha militar ou, uma hipótese igualmente plausível, o envio de tropas orientais para a Hispânia para participar nalguma campanha, quiçá a que se supõe ter sido conduzida por Galieno contra Póstumo (GOZALBES 1996 392 e 398-399; RIPOLLÈS e GOZALBES 1998 76-77; GOZALBES 2005 135 e 138). Já em 1962, para explicar a presença no depósito de Jimena de la Frontera de numerário de Macriano e Quieto vindo directamente do Oriente - em muito bom estado de conservação e com numerosas ligações de cunho -, Gallwey sugeria a transferência para a Hispânia de forças que anteriormente estiveram ao serviço dos dois usurpadores (GALLWEY 1962 336-337). Não temos, contudo, em apoio destas teses, provas da presença de tropas orientais em solo peninsular nesta época.

Poderíamos igualmente sugerir a possibilidade de que, tendo conhecimento de que a Hispânia ficara momentaneamente fora da órbita de Galieno, Macriano e Quieto tivessem procurado abastecer-se aqui. Ficaria assim explicado o envio de significativas quantidades de moeda recém-cunhada para a Península, mas esta tese esbarra na presença igualmente significativa, nos mesmos tesouros, de numerário batido em Antioquia para Galieno após a queda dos dois usurpadores.

---

ocultado em 260, os 74 antoninianos de Antioquia de Galo e Volusiano correspondem a 12,35% do achado (CARSON 1968 136-137).



No entanto, esta presença regular da amoedação oriental nos tesouros não prova que circulasse intensamente. Na Lusitânia, entre o numerário de achados isolados e escavações, lográmos identificar apenas seis antoninianos da *Segunda Casa da Moeda do Oriente* cunhados sob Valeriano e Galieno: dois do Gabinete Numismático de San Atón, Badajoz (cf. Vol. II, *Fundos de museus*, nº 19-20), um da *uilla* de Torre de Palma (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 6, nº 15), um das escavações luso-francesas de Conimbriga (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27, nº 32) e dois de Idanha-a-Velha (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 29, nºs 15 e 16). A estes seis, podemos adicionar mais dois do reinado absoluto de Galieno: um do Museu Arqueológico Provincial de Badajoz (cf. Vol. II, *Fundos de museus*, nº 84) e outro das escavações antigas de Conimbriga (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27, nº 59). Para Antioquia, há apenas a referir duas moedas radiadas dos anos 253-260: uma do Museu Arqueológico Provincial de Badajoz (cf. Vol. II, *Fundos de museus*, nº 59) e outra no Museu Monográfico de Conímbriga, proveniente das escavações Luso-francesas (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27, nº 31). Do período da usurpação oriental contabilizou-se unicamente um antoniniano de Quieto, guardado no Gabinete Numismático de San Atón (cf. Vol. II, *Fundos de museus*, nº 62).

Ou seja, ao todo onze antoninianos, dos quais apenas seis com proveniência arqueológica segura, pois os restantes cinco fazem, ou faziam, parte de colecções museológicas. Este dado mostra, sem margem para dúvidas, que a difusão deste numerário foi restrita e que, uma vez chegado à Península, o seu destino foi o entesouramento. Julgamos que tal fenómeno ficará a dever-se ao facto de, por volta de 264-265, o teor de fino das moedas orientais ser nitidamente superior ao das séries cunhadas no Ocidente, já que os efeitos das duas grandes desvalorizações efectuadas no Ocidente entre 253 e 268 (a primeira nos finais do reinado conjunto e a outra nos anos 264-265) não parecem ter-se feito sentir, de forma considerável, na amoedação oriental. Tendo em conta que a maior parte deste numerário oriental poderá não ter sido enviado para a Hispânia antes da última desvalorização e que, por essa altura, o teor de fino das moedas cunhadas em Antioquia e nas *Eastern Mints* chegava a ser duas a três vezes superior ao das moedas cunhadas em Roma ou Milão (COPE *et alii* 1997 79, 87 - Tab 5a e 99 -Tab. 12), parece evidente que os aforradores tinham razões de sobra para as subtraírem aos circuitos monetários, imobilizando-as definitivamente.

O depósito de Valhascos I fica completo, no seu estado actual, com dois antoninianos de Póstumo. Como foi anteriormente referido, a queda de Valeriano despoletou um período de anarquia com revoltas no Oriente, na Panónia e na Gália, onde a sublevação de Póstumo resultou na defecção temporária das províncias ocidentais: a Gália, a Germânia, a Britânia e, ao que parece, também a Hispânia. Neste contexto, a relação das províncias hispânicas com o Império Gálico é mal conhecida. As fontes escritas são praticamente omissas a este respeito, excepção feita a uma passagem anacrónica da *Historia Augusta* (*Diuus Claudius*, VII, 5), na qual é citada uma carta de Cláudio II ao Senado, dando conta de que a Hispânia se encontraria sob o controlo de Tétrico, o que não é de todo possível, uma vez que o governo de Tétrico se iniciou apenas em 271, ao tempo de Aureliano. Parece evidente que sob Cláudio II a Hispânia já se encontrava de novo na órbita de Roma, conforme atestam a profusão de inscrições honoríficas e um miliário deste imperador aqui encontrados (DRINKWATER 1987 120; CEPAS PALANCA 1997 85, nº 33 e 129-130, nº 83-89). Com efeito, o número de inscrições do Gótico é muito superior ao dos seus antecessores (CEPAS PALANCA 1997 112-113) e o facto de quase todas elas serem honoríficas e não miliários poderá ser interpretado, de alguma forma, como um gesto de submissão e de boa vontade das cidades hispânicas relativamente ao Imperador de Roma. Infelizmente nenhuma das inscrições é originária da Lusitânia. De resto, esta província é a que menos dedicatórias erige aos seus imperadores - apenas dez durante todo o século III (CEPAS PALANCA 1997 109-111).

Por outro lado, são conhecidas na Hispânia quatro inscrições com o nome de Póstumo, mas nenhuma dos seus sucessores; a inscrição truncada do miliário de Sádaba, que durante muito tempo se atribuiu a Vitorino, parece afinal ser de Caro (SOLANA SÁINZ e HERNÁNDEZ GUERRA 2002 98 e 192, nº 208). Não deixa de ser digno de nota o facto de os imperadores gauleses não possuírem inscrições honoríficas dedicadas pelas autoridades municipais ou provinciais, o que sugere um certo distanciamento destas (CEPAS PALANCA 1997 251); os exemplos conhecidos de Póstumo são quase todos provenientes da epigrafia viária: miliários de Miranda del Ebro, Vitória (CIL II 4919); Errecaleor, Vitória (ABASOLO *et alii* 1983 427-432) e Guadix, Granada (CIL II 4943), todos datados de 262. A excepção é constituída pela invulgar inscrição funerária de *Ammia Caelionica*, achada em Cofiño, Astúrias (CIL II 5736), na qual se indica o

falecimento da defunta durante o quarto consulado de Póstumo, exercido de parceria com Vitorino, ou seja, em 266-267 (CEPAS PALANCA 1997 16, n. 23; DRINKWATER 1987 118-120) ou 268 (BOURNE 2001 15 e 17).

A partir dos dados fornecidos por estas inscrições, parece-nos claro que, pelo menos entre 262 - data geralmente atribuída aos miliários - e 266-268, a Hispânia, ou pelo menos uma parte dela, esteve aparentemente sob o controlo de Póstumo, embora a ausência de dedicatórias locais ou provinciais leve alguns investigadores a supor que este não foi oficialmente reconhecido pelas cidades hispânicas (CEPAS PALANCA 1997 113; contra: DRINKWATER 1987 116-118). Esta hipótese não pode ser completamente posta de parte, pois Póstumo esteve quase sempre atarefado com a defesa da fronteira renana e com os ataques de Galieno, pelo que é admissível que tenha descurado a Hispânia, onde a presença de uma única legião não constituiria propriamente uma ameaça, sobretudo sabendo que Galieno se encontrava igualmente ocupado a proteger a Itália da invasão alamânica num primeiro momento, em seguida nas fronteiras dos Balcãs e da Ásia Menor, enfrentando os Godos e os Hérulos<sup>40</sup>. A vingar esta tese, poderíamos admitir a possibilidade de a Península ter vivido entregue a si própria durante algum tempo. Uma hipotética situação de incerteza política, que a análise das fontes epigráficas não consegue por enquanto aclarar, poderá ter propiciado múltiplos enfrentamentos entre partidários de Galieno e de Póstumo e ter sido a responsável pelo clima de instabilidade que motivou a deposição de numerosos tesouros hispânicos que terminam com moedas dos anos 260-268. Esta conjuntura foi invocada há alguns anos por RIPOLLÈS e GOZALBES (1998 75) para justificar as ocultações efectuadas ao longo da faixa mediterrânica da Tarraconense e da Bética, mas, face à escassez de dados, não é totalmente certa a sua aplicação às ocultações lusitanas. Efectivamente, se parecem não existir dúvidas acerca da adesão da *Citerior* ao governo de Póstumo (BALIL 1959 274 e DRINKWATER 1987 118), não temos indicações inequívocas sobre o posicionamento da Lusitânia. O pedestal erigido a Galieno em Mérida possivelmente no ano 261 pelo governador Públio Clodio Leto Macrino, e do qual o nome do soberano foi posteriormente apagado, representa o único testemunho, até ao momento, de uma eventual adesão da Lusitânia a Póstumo e constituiria, nesse caso, um eloquente exemplo

---

<sup>40</sup> DRINKWATER (1987 204) crê que a Legião VII Gémina apoiou Póstumo pelo menos até 267.

de como a lealdade de autoridades e populações vogava ao sabor dos acontecimentos políticos e militares. A dedicatória apresenta algumas incongruências, patentes no desencontro entre as indicações do consulado e do poder tribunício: tendo Galieno exercido o décimo poder tribunício entre 10 de Dezembro de 261 e 9 de Dezembro de 262, a indicação do terceiro consulado situaria a inscrição entre Janeiro de 257 e Dezembro de 260. Por outro lado, a inscrição refere-se a Clódio Leto como *legatus eor(um)*: o uso do plural remete-nos para o governo conjunto de Valeriano e Galieno. Erro do gravador ou interpretação simplesmente incorrecta? A verdade é que, embora datada de 261 (RAMÍREZ SÁBADA 2002 100-103), não nos parece de todo impossível a atribuição da inscrição ao final do reinado conjunto.

Não obstante uma série de questões que se colocam acerca do controlo da Hispânia por Póstumo, a verdade é que a quantidade de moedas em seu nome, descobertas na Hispânia, é ridiculamente baixa (cf. BOURNE 2001 74, Fig. 7.37). Em Valhascos I foram inventariados apenas dois exemplares de Póstumo (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 23, n.ºs 303-4) e um no achado da Serra do Condão (cf. Vol. II, *Depósitos monetários*, 28, n.º 14). As moedas foram batidas na Gália numa casa da moeda designada pelos numismatas anglo-saxónicos como *Principal Mint*, que se julga localizada em Trier. Os três exemplares integram-se nas duas primeiras séries, por sinal as que possuem melhor representação nos achados peninsulares, segundo o supracitado estudo de R. J. Bourne.

A questão da escassez do numerário de Póstumo é extensiva aos restantes achados hispânicos, que terminam com moedas dos anos 260-268: para além de Jimena de la Frontera, onde se contabilizaram uns magros 73 exemplares do usurpador (0,24%)<sup>41</sup>, os depósitos de Altafulla I e de Almenara fornecem-nos uma unidade cada, o de Vareia duas e, em Sanguessa, estão presentes em número indeterminado. A este grupo poderia eventualmente acrescentar-se o hipotético achado de Rosas, conhecido a partir da publicação de sete exemplares de uma colecção particular (GURT 1977 10-13). De resto, a rarefacção da amoedação de Póstumo é confirmada pelo cotejo com o material fornecido pelas escavações e achados isolados: apenas dez exemplares inventariados para toda a

---

<sup>41</sup> De notar, todavia, que o tesouro terá sido formado fora da órbita geográfica do Império Gaulês, com base em numerário cunhado em Roma e no Oriente.

Lusitânia. E, se esta ausência poderia ser justificada pelo elevado teor de fino das primeiras séries do Império Gaulês - responsável por uma precoce retirada da circulação por via do entesouramento ou da refundição -, a verdade é que os entesouramentos contrariam em absoluto esta suposição, apontando no sentido de uma fraca difusão deste numerário àquem Pirinéus.

### 2.3.4. Considerações finais

Chegados aqui, impõem-se uma reflexão final sobre as circunstâncias que terão motivado a não recuperação dos depósitos de Valhascos I e da Serra do Condão.

Remonta a meados do século passado a corrente historiográfica que procurou explicar os tesouros hispânicos do terceiro quartel do século III como reflexo das invasões dos povos germânicos, nomeadamente Francos e Alamanos (TARACENA 1950 31-45), tomando como referência algumas passagens de autores dos séculos IV-V, conjugadas com a informação fornecida por diversos tesouros e por dados resultantes da escavação de diversas *villae* e alguns centros urbanos da Tarraconense. Esta tese esbarra, no entanto, em algumas dificuldades. Em primeiro lugar, os textos foram redigidos bastante depois dos acontecimentos descritos terem ocorrido, se é que efectivamente ocorreram, e a sua cronologia exacta permanece por determinar, embora se suspeite que possa ter acontecido por volta dos anos 260-262 ou 259-264, isto é, antes de várias deposições, como sucede com os dois achados lusitanos anteriormente elencados.

Por outro lado, nada indica claramente - pelo menos por enquanto - que essas razias tenham abrangido a totalidade da Hispânia. Julga-se mesmo que se terão circunscrito à Tarraconense mediterrânica e, eventualmente, à Bética (isto apesar de Orósio, *Historiarum adversum paganos*, VII, 41, 2, afirmar que os Francos permaneceram doze anos na Hispânia), não havendo qualquer indicação de que tenham tocado a Lusitânia, ou pelo menos a sua área mais ocidental, onde os tesouros de Valhascos I e Serra do Condão se inserem. A análise dos mapas de distribuição dos tesouros ocidentais dos anos 253-269, publicada recentemente por Gijs De Greef, mostra com clareza o efeito das invasões germânicas na não-recuperação de algumas centenas de entesouramentos nas províncias da Germânia Superior, da Germânia Inferior, da Gália Bélgica e da Lugdunense (DE GREEF 2002 44-45, Fig. 1-2). Nas províncias gaulesas do Sul (Aquitânia e Narbonense)

os entesouramentos deste período, ainda que presentes, são bastante menos numerosos, tal como nas províncias hispânicas, sugerindo, de alguma forma, um menor impacto das incursões germânicas.

No que toca à Lusitânia, há que ter presente que o nosso conhecimento sobre a província durante este período é muito escasso. A construção da muralha tardia de Conimbriga não deverá ser anterior ao último quartel da terceira centúria, mas não é de todo impossível que a edificação desta estrutura defensiva seja uma resposta tardia aos raides bárbaros.

Outra possibilidade para justificar a ocultação dos achados dos anos 260-268 prende-se com a questão da secessão do Império Gaulês, anteriormente evocada. É natural que muitos dos achados deste período sejam o reflexo de confrontos entre partidários de Galieno e de Póstumo pela supremacia na Hispânia. Todavia, uma vez mais as evidências não estão do nosso lado, já que o nosso desconhecimento sobre a situação política das províncias hispânicas nesta época é enorme e não existem provas totalmente convincentes para atestar a adesão da Bética e da Lusitânia a Póstumo, sobre a qual as opiniões dos investigadores são divergentes (GOZALBES 2005 132).

Pode muito bem ter sucedido que um encadeamento de uma série de factores, num curto espaço temporal - ataques dos Francos, lutas pelo controlo da Península, pirataria, etc. -, tenham provocado o colapso momentâneo das instituições e originado um ambiente de forte instabilidade política, social e económica um pouco por toda a parte. Mas este tipo de depósitos podem também ser encarados como uma forma de os aforradores se protegerem da forte desvalorização da moeda radiada a partir de 266. No entanto, estas possibilidades não passam de suposições permanecendo difícil, à luz dos dados actualmente disponíveis, a justificação das ocultações lusitanas.

Depois, ainda haverá a considerar a possibilidade de a cronologia destas ocultações ser mais tardia do que supomos, com a ausência da 6ª série de Roma em Valhascos I e Serra do Condão eventualmente relacionada com a redução do teor de prata do antoniniano para valores tão baixos que já não justificavam o seu entesouramento, embora tal circunstância nos pareça pouco provável.

Finalmente, arqueólogos e numismatas tendem com alguma frequência a procurar as explicações mais rebuscadas para justificar causalidades muitas vezes

simples: o desaparecimento do aforrador (morte por causas naturais ou acidentais, mas externas a uma conjuntura de conflituosidade *strictu sensu*), sem que o segredo acerca do local onde guardava as suas poupanças tenha sido revelado a terceiros, pode, de facto, justificar a não-recuperação de numerosas ocultações monetárias.

## 2. 4. Depósitos ocultados entre Cláudio II e a morte de Carino (268-285)

Para os tesouros do período compreendido entre a ascensão de Cláudio II e a instauração da Diarquia optámos por criar duas subdivisões - de alguma forma artificiais - tendo em consideração a composição dos achados. Assim, no primeiro grupo incluímos os achados que terminam com exemplares anteriores à reforma monetária de Aureliano (274), enquanto o segundo reúne os achados que terminam com moedas reformadas, as quais não ultrapassam o final do principado de Carino (Verão de 285).

O período 268-285 marca indubitavelmente o pico do entesouramento ao longo do século III, tanto na Lusitânia como nas restantes províncias hispânicas (cf. Gráfico 23). Trata-se do culminar de um movimento crescente do entesouramento que vem desde o início da centúria para atingir o seu auge sensivelmente por volta dos anos 270-275.

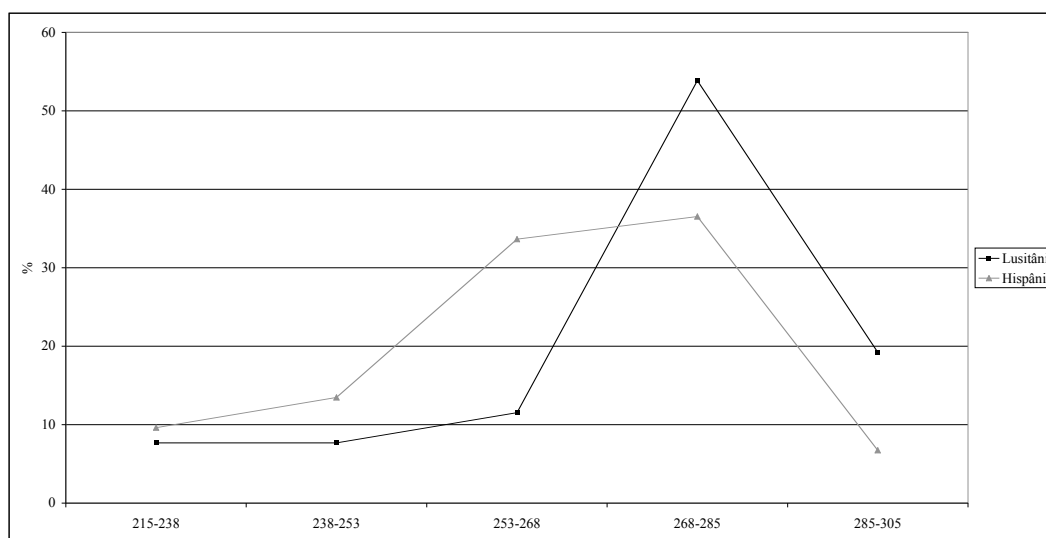


Gráfico 23 - Ritmos do entesouramento: Lusitânia versus resto da Hispânia durante o século III<sup>42</sup>

Como tem sido salientado de há muito a esta parte por diversos investigadores, à primeira vista, os dados numismáticos sugerem que a Península atravessou um momento crítico no terceiro quartel do século III, embora os acontecimentos sejam para nós de

<sup>42</sup> O gráfico foi elaborado tomando como referência, no essencial, as listagens fornecidas por Martínez Mira, tendo sido contabilizados 26 depósitos para a Lusitânia e 104 para as restantes províncias hispânicas (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 119-180, 2000-2001 297-307, 2004-2005 207-236).



difícil percepção no actual estágio de investigação, o que tem dado azo a explicações para o fenómeno frequentemente divergentes.

#### 2.4.1. De Cláudio II à reforma monetária de Aureliano (268-274)

Tomando unicamente como referência a cronologia da moeda mais recente de cada achado, o período compreendido entre a entronização de Cláudio II e a morte de Aureliano conta com 13 depósitos inventariados na Lusitânia, (cfr. Quadro 24), sendo o mais representativo em termos absolutos.

Designação do achado	Nº total de moedas	Nº moedas observadas	Moeda + recente
10. Torre de Ares	c. 300	-	Cláudio II
19 Sintra	?	13	Cláudio II
29. Aldeia das Dez	c. 4000-5500	270	Cláudio II
7. S. Cucufate I	16	16	Cláudio II/ <i>Divo Claudio</i> ?
8. S. Cucufate II	122	122	<i>Divo Claudio/Quintilo</i>
15. Sep. 36 da Caldeira	20	20	<i>Divo Claudio</i>
27 Conimbriga D	29	29	<i>Divo Claudio</i>
33. Sep. 3 de Valbeirô	5	5	<i>Divo Claudio</i>
22. Região de T. Vedras	?	?	Quintilo?
26. Conimbriga B	56	56	Vitorino
17. Freiria II	22?	22	Tétrico I
16. Região de Lisboa	?	84	Tétrico II
5. Borba	c. 600	268	Aureliano

**Quadro 24 - Depósitos lusitanos que terminam com exemplares cunhados até 275**

Naturalmente, a circunstância de estes achados terminarem com moedas dos anos 268-275 não significa que a sua deposição tenha forçosamente decorrido nessa época. Parece evidente que a deposição do pequeno conjunto funerário da Sepultura 36 da Necrópole da Caldeira (Tróia) é bastante posterior à datação sugerida pelos exemplares mais recentes, da série *Divo Claudio*. A presença de um prato de sigilata clara C Hayes 45C, datado por aquele investigador como sendo da primeira metade do século IV, parece remeter para um contexto bastante mais tardio. Contudo, em relação às sigilatas de origem africana, atente-se nas palavras de Michel Bonifay para quem "... a maior desordem reina presentemente não apenas no que respeita à classificação das pastas mas também na tipologia e na cronologia desta cerâmica" (tradução nossa) (BONIFAY 2004 155). Assim sendo, e carecendo a forma 45C de uma revisão cronológica,

não será de todo impossível que a sua produção se tenha iniciado ainda nos finais do século III.

Os vinte exemplares que constituem o conjunto distribuem-se, maioritariamente, pela série *Divo Claudio* (dezoito numismas), sendo os dois restantes em nome de Cláudio II. Por norma, as moedas possuem módulo reduzido (o diâmetro médio ronda os 16,5 mm), o *flan* é grosso e o peso é relativamente baixo (1,93g de peso-médio para os 20 exemplares). Os *Divo Claudio*, juntamente com os exemplares das últimas emissões do reino absoluto de Galieno, os de Cláudio II e os dos *Tetrici* correspondem aos tipos de moedas do século III mais profusamente depositados em sepulturas, o que se deve, estamos em crer, ao seu baixíssimo valor intrínseco, muito inferior ao valor da moeda radiada anterior à morte de Valeriano e também claramente mais baixo que o dos radiados posteriores à reforma monetária de Aureliano. Por outro lado, o que está em causa num contexto funerário não é o valor intrínseco da moeda, mas o seu carácter simbólico, pelo que, na prática, qualquer moeda - mesmo fora de circulação ou de reduzido valor - satisfaria plenamente aquele desígnio. Este pressuposto é igualmente válido para os cinco exemplares da Sepultura 3 da Necrópole de Valbeirô (Castelo de Paiva), que compreendem um bronze alto-imperial e quatro exemplares de Galieno, Cláudio II e *Divo Claudio*. Também no caso deste pequeno depósito, o desgaste patenteado pelas moedas, nomeadamente as mais recentes, levou o responsável pela escavação a datar a sepultura e a necrópole do século IV (DIAS 1993-1994 132). Parece evidente que, nos contextos funerários, o tal efeito simbólico a que acima aludimos provocaria uma significativa tendência para o desfasamento entre a cronologia das moedas associadas ao enterramento e o momento em que o mesmo é efectuado<sup>43</sup>. Neste

---

<sup>43</sup> Muito provavelmente esta observação aplica-se a numerosos depósitos monetários de carácter funerário. Na Hispânia temos vários casos nos quais o exemplar mais recente é datável dos anos 268-275, como sucede com os pequenos depósitos das necrópoles da Corredoura, Valongo (MENDES-PINTO 1990-1991 149-153) e da Sepultura 1 de Can Flit, Ibiza (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 223-224, n.º 122), mas cujo uso será bastante posterior. Mesmo nos casos de moedas encontradas isoladamente em contextos sepulcrais se detectam claras discrepâncias entre a cronologia das moedas depositadas e o mobiliário cerâmico que por norma nos fornece a datação aproximada do enterramento. Na Sepultura 8 da necrópole de Porto dos Cacos (Alcochete), uma numisma de Severo Alexandre encontra-se associada a um prato de sigillata clara D Hayes 58b (290/300-375) e a uma lucerna Dressel/Lamboglia 30b, de finais do séc. III-inícios do IV (SABROSA 1995 298, Quadro 1). No Magoito (Sintra), a inumação realizada na Sepultura B forneceu um sestércio de Gordiano III (RIC 269/289) acompanhado de uma taça de sigillata tardia da forma Hispânica 4 de Mezquiriz e de um

quadro, os achados funerários não fornecem qualquer pista relevante sobre a circulação monetária e a economia lusitana do século III, mas sim sobre os padrões mentais e culturais da época, pelo que não podem ser utilizados no nosso estudo de forma proveitosa.

Em abono da verdade há que reconhecer, mesmo no que toca aos restantes conjuntos monetários que situámos nos anos 268-275, a existência de sérias dificuldades em aferir a cronologia das deposições. Um dos obstáculos reside no facto de a maior parte dos conjuntos se encontrar incompleta, exceptuando os achados de S. Cucufate I, S. Cucufate II, Freiria II, *Conimbriga B* e *Conimbriga D*. Perante a manifesta insuficiência dos dados disponíveis, somos obrigados a admitir que, a terem de facto ocorrido, as deposições tanto podem ter sido efectuadas no espaço temporal que de momento nos ocupa como posteriormente. Veja-se, por exemplo, o caso do achado de Torre de Ares, conhecido por uma lacónica notícia dando conta do aparecimento, nos dealbar do século XX, de 300 moedas de Cláudio II juntamente com anéis e pedras de anel (SANTOS 1971 233). Parece evidente que deveremos considerar as "300 moedas de Cláudio II" como uma generalização simplista, quer no que toca ao número de moedas quer no que toca à composição: 300 é uma cifra redonda; por outro lado, do que conhecemos das deposições desta época, parece muito pouco provável que todas as moedas fossem de Cláudio II.

As dificuldades que se colocam ao estudo do grupo dos tesouros lusitanos que terminam com exemplares cunhados até 275 são igualmente bem visíveis nos casos dos achados da Região de Lisboa, Sintra e região de Torres Vedras. Com efeito, e como procuraremos demonstrar seguidamente, a existência destes achados e a sua atribuição a este ou àquele lugar assenta em pressupostos algo frágeis, não ultrapassando por vezes o domínio do conjectural.

Relativamente ao primeiro daqueles achados, todas as informações disponíveis sobre o mesmo são extremamente vagas e o que se conhece da sua composição levanta, de imediato, algumas questões. Em primeiro lugar, a forte percentagem de moedas dos usurpadores gauleses é assaz invulgar, se comparada com a dos restantes tesouros hispânicos seus contemporâneos (41,67%, cunhagens irregulares incluídas), nos quais o

---

prato de sigillata clara C Hayes 45C (SOUSA 2000 381-389). Junto à sepultura recolheu-se, à semelhança do que ocorreu em Porto dos Cacos, uma lucerna Dressel/Lamboglia 30b.

numerário dos imperadores gauleses, quando presente, surge sempre com carácter residual (cfr. Gráfico 24)<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo, a fraquíssima representação do numerário de Cláudio II (2,38%) é no mínimo surpreendente, se considerarmos que as séries em nome de Tétrico I e Tétrico II são abundantes no que se conhece do achado.

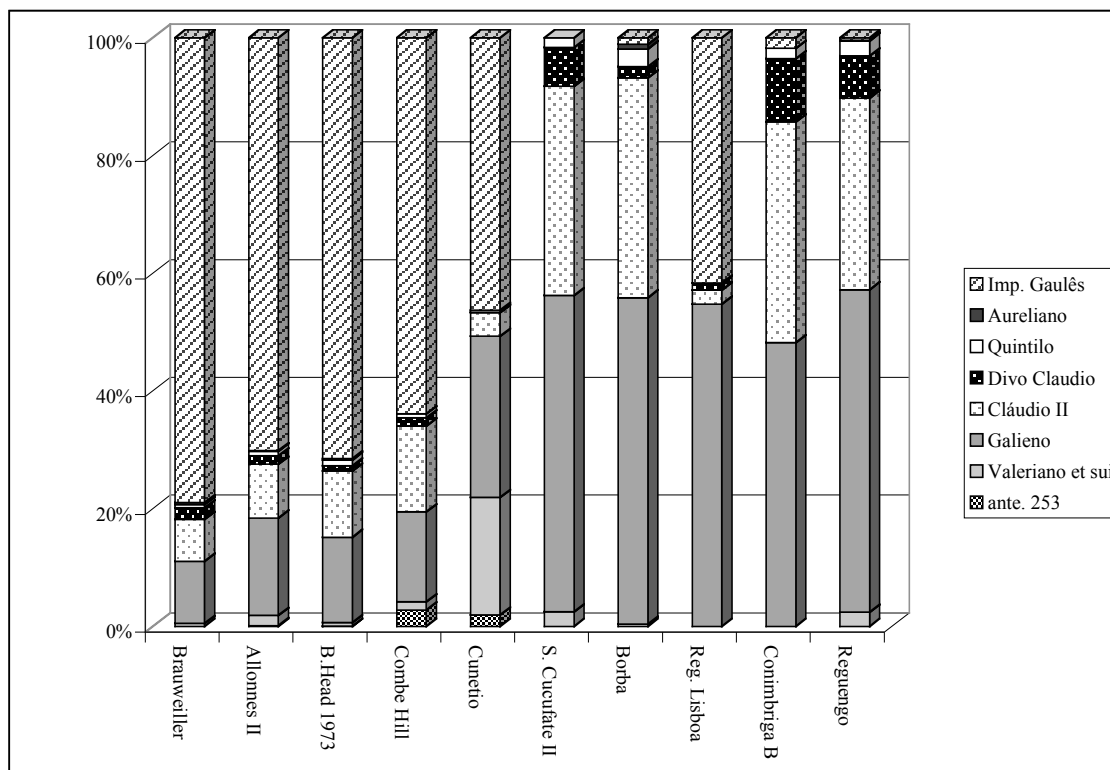


Gráfico 24 - Composição de 10 tesouros que terminam com moedas anteriores a 275<sup>45</sup>

A associação daqueles dois aspectos - forte volume das cunhagens do Império Gálico e sub-representação das emissões de Cláudio II - aproxima bastante o perfil do

<sup>44</sup> Analisando o material proveniente de alguns sítios importantes, como *Conimbriga* (7,13% dos 1740 exemplares do séc. III das escavações luso-francesas e das escavações antigas) e Torre de Palma (7,43% de 350 exemplares), verificamos que os valores obtidos continuam a não ser muito significativos, apesar de termos contabilizado também as cunhagens locais. Nos entesouramentos, o único caso em que temos as emissões dos usurpadores gauleses bem documentadas é o do depósito da época tetrárquica recolhido em Santulhão (Vimioso), no qual estão recenseados 238 antoninianos, boa parte dos quais de cunhagem local, correspondentes a 6,2% do depósito (PARENTE 1994-1995 37-86 e 181-248).

<sup>45</sup> A bibliografia dos tesouros citados no gráfico é a seguinte: Brauweiller, Reno Palatino (ZIEGLER 1983); Allones II, Sarthe (ESTIOT *et alii* 1986 51-110); Beachy Head, Sussex (BLAND 1973 61-107); Combe Hill, Sussex (RUDLING 1986 147-155); Cunetio, Wiltshire (BESLY e BLAND 1983); Reguengo, Vila Pouca de Aguiar (PARENTE 1982 231-314).

achado atribuído à região de Lisboa do perfil de vários achados germânicos, gauleses e britânicos que terminam por volta de 275, entre os quais citamos, a título comparativo, os de Brauweiller, Allonnes II, Beachy Head, Combe Hill e Cunetio (cf. Gráfico 24). Tal facto leva-nos a duvidar abertamente da proveniência lusitana do achado. Temos, contudo, de admitir a possibilidade da sua formação ter ocorrido, pelo menos parcialmente, nas Gálias ou na Britânia, de onde teria viajado para a região olisiponense. E dizemos parcialmente, uma vez que, ao mesmo tempo, o achado é pródigo em exemplares de Galieno e Salonina batidos na quarta oficina de Roma (*off.* Δ) no decurso da quinta série, o que nos sugere a presença de um lote de moedas que se conseguiram manter juntas desde o instante em que abandonaram a casa da moeda até ao momento do entesouramento. Tendo-se tornado *Olisipo* na principal cidade portuária da Lusitânia na época imperial (MANTAS 1993b 160-173; MANTAS 1999 15-41; MANTAS 2003 13-29), poder-se-à sempre admitir que tanto os exemplares gauleses como os romanos aqui tenham chegado por via marítima e que, fruto de transacções comerciais, tenham acabado nas mãos de um aforrador olisiponense. Parece-nos, aliás, que o depósito de Jimena de la Frontera, constituído em boa parte por numerário que viajou directamente do Oriente, ilustra perfeitamente como lotes de moedas podem percorrer grandes distâncias sem serem desmembrados, não obstante a conjuntura que lhe serve como pano de fundo ser por certo diferente da do achado atribuído à região de Lisboa.

Por fim, não está igualmente fora de questão que possa ter ocorrido uma selecção prévia das moedas que acabaram por integrar o que se conhece do conjunto, em função da conservação ou do interesse numismático, o que acarretaria uma importante distorção na sua composição original.

Em relação ao presumível achado de Sintra, já demos conta que de os doze antoninianos de Galieno depositados no Museu Nacional de Arqueologia se encontravam acompanhados de uma anotação de Mário de Castro Hipólito: *Tes. lucerna Sintra*. Não restam dúvidas de que as moedas fariam parte de um conjunto monetário - e já justificámos noutro lugar desta dissertação as razões que nos levaram a adicionar-lhe um exemplar de Cláudio II -, mas teria o conjunto sido efectivamente descoberto em Sintra ou nas suas imediações? Coloca-se também a questão da relação entre a lucerna e as moedas: a peça desempenharia a função de contentor ou estava, simplesmente, associada

ao depósito? À semelhança do que se verifica na sepultura 36 da necrópole da Caldeira, na qual também se recolheu objecto idêntico, estaremos na presença de um depósito funerário?

Quanto ao tesouro descoberto na região de Torres Vedras, apesar de referido de forma muito vaga por Vasco Mantas (MANTAS 1993b 172) e por nós próprios (RUIVO 2005 142 e 145, nº 17), concluiu-se que o exame da colecção numismática do Museu Municipal Leonel Trindade não permite individualizar com segurança todos os exemplares do achado, pelo que nem sequer esboçámos uma tentativa de listagem das moedas. Do que nos foi dado observar, parece-nos que fariam parte do conjunto pelo menos moedas de Valeriano, Galieno, Cláudio II e Quintilo. Deste último imperador anotámos, por exemplo, dois exemplares bem conservados, batidos respectivamente em Milão: MARTI PAC[...] (RIC 58) e *Siscia*: VBERITAS AVG (Normanby 1235) - esta última de uma certa raridade -, cuja presença em achados isolados nos parece pouco provável.

Em face do exposto, parece-nos evidente que os problemas suscitados por estas deposições sugerem alguma prudência no momento da sua utilização.

Depois, como são poucos os achados que se encontram completos, temos que trabalhar com amostragens, como sucede nos tesouros de Borba - do qual se terão recuperado cerca de 40% das moedas inicialmente descobertas - e de Aldeia das Dez - de que os exemplares conhecidos não ultrapassam os 5-7% do conjunto. Daí resulta que a inclusão destes achados no grupo dos achados ocultados até 275, ainda que muitíssimo provável, não seja absolutamente segura. Mas a verdade é que, mesmo em depósitos completos, nem sempre são possíveis grandes certezas, muito menos quando os conjuntos analisados são pequenos, bastando a ausência de um único exemplar para alterar de forma significativa a cronologia da deposição. Tenha-se presente que os exemplares posteriores à reforma de Aureliano são, por norma, bastante raros tanto nos tesouros como nos sítios: no tesouro do Reguengo, cuja ocultação situamos por volta de 275, foi detectado apenas um exemplar de Aureliano, num conjunto de 750; no tesouro de Santulhão, composto por 3840 unidades até Diocleciano, contabilizaram-se apenas 13 radiados (0,34%) posteriores a Aureliano. Uma simples escolha prévia das moedas, baseada em critérios como a conservação, o peso, o teor metálico ou o aspecto estético, provocará com facilidade a

separação dos exemplares posteriores a 274 dos restantes, distorcendo de forma significativa a cronologia da deposição.

Contudo, no caso do depósito de Aldeia das Dez e não obstante a debilidade da amostragem, não deixa de ter algum significado a ausência de exemplares posteriores à quarta emissão romana de Cláudio II (270), nomeadamente da série *Divo Claudio* omnipresente nos achados deste período.

O lote analisado do tesouro de Borba termina com exemplares de Tétrico I, o mais recente dos quais com reverso HILARITAS AVGG de 273-274 (Elmer 789), pelo que a ocultação nunca poderá ser anterior a esta data. Já o *depósito* de Freiria II, apesar de terminar com exemplares gauleses de 274, deverá ter uma cronologia bastante mais tardia, constituindo um lote de moedas possivelmente desmonetizadas à época do seu agrupamento.

Parte dos tesouros que teminam com moedas até 275 inicia-se geralmente com exemplares do reinado absoluto de Galieno, aparecendo os exemplares anteriores, por norma do reinado conjunto de Valeriano e Galieno, sempre com escassa representação, à excepção do depósito de Aldeia das Dez, no qual o numerário dos anos 253-260 contabiliza mais de sete por cento do total inventariado (cf. Quadro 24A e *infra* Gráfico 25). Esta ausência do numerário anterior a 260 indicia que, à época da formação dos depósitos objecto da nossa análise, a sua retirada da circulação era já um facto consumado. Como tivemos oportunidade de referir nos nossos comentários ao achado de Valhascos I, não obstante a progressiva tendência para o abaixamento do teor de fino dos antoninianos entre Gordiano III e Valeriano I, o valor real da moeda radiada sofrerá uma quebra brusca ao tempo de Galieno, sobretudo a partir de 266, motivo pelo qual os exemplares anteriores foram rapidamente retirados da circulação, fosse por via do entesouramento, fosse com destino à refundição e cunhagem de moeda ainda mais empobrecida.

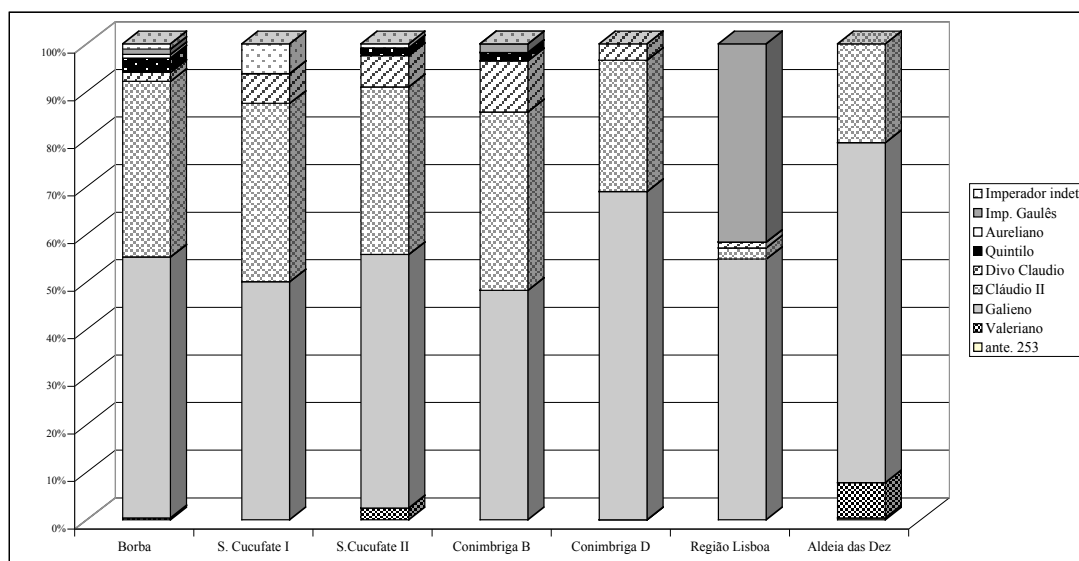
	Borba	S.Cucuf. I	S.Cucuf. II	Conimbr. B	Conimbr. D	Reg. Lisboa	Ald. Dez
<i>ante 253</i>							1
%							0.37
Valeriano	1		3				20
%	0.37		2.46				7.41
Galieno	147	8	65	27	20	46	193
%	54.85	50	53.28	48.21	68.97	54.76	71.48
Cláudio II	99	6	43	21	8	2	56
%	36.94	37.5	35.25	37.5	27.59	2.38	20.74
<i>Divo Claudio</i>	5	1?	8	6	1	1	
%	1.87	6.25	6.56	10.71	3.45	1.19	
Quintilo	8		2	1			
%	2.99		1.64	1.79			
Aureliano	2						
%	0.75						
Vitorino				1		7	
%				1.79		8.33	
Tétrico I	3					28	
%	1.12					33.33	
Imp. indetermin.	3	1	1				
%	1.12	6.25	0.82				
Total	268	16	122	56	29	84	270
%	100	100	100	100	100	100	100

**Quadro 24A - Composição dos tesouros lusitanos com moedas até 275**

O grosso do numerário acumulado nas deposições dos anos 268-275 pertence por norma ao reinado absoluto de Galieno, ultrapassando, com frequência, os 50% do material inventariado para cada achado.

Também o numerário em nome de Cláudio II se encontra geralmente muito bem representado em todos os achados, apresentando valores médios superiores aos 30%, à excepção do depósito de Aldeia das Dez (20,74%) e do achado atribuído à região de Lisboa (2,38%). E, se sobre este último já manifestámos as nossas dúvidas, em relação ao primeiro - admitindo que a amostragem disponível possua alguma fiabilidade - tal facto pode reflectir a precocidade do aforramento, que se manifestaria igualmente na ausência da série *Divo Claudio* e das emissões de Quintilo e Aureliano, transmitindo-nos a imagem de um depósito subitamente interrompido, de formação concluída anteriormente aos restantes.





**Gráfico 25 - Composição dos tesouros lusitanos com moedas até 275**

A série *Divo Claudio* possui alguma expressão na generalidade dos tesouros lusitanos desta época, reforçando o peso das emissões dos reinados de Quintilo e Aureliano - sob os quais terá sido lavrada -, extremamente baixo nestes achados. Baixa é igualmente a presença das emissões dos imperadores gauleses, o que denota as dificuldades de penetração e difusão deste numerário aquém-Pirinéus.

Como vimos anteriormente, o numerário batido no reinado absoluto de Galieno abunda nos achados lusitanos, representando com frequência para cima de metade das moedas inventariadas para cada depósito. De resto, esta é uma situação comum a boa parte dos tesouros hispânicos deste período.

Habitual é também a constatação de que a esmagadora maioria do numerário em nome de Galieno é oriunda de Roma (90,54%), secundada a uma distância imensa por Milão (5,84%) e por *Siscia* (2,21%). No cômputo dos tesouros lusitanos deste período as emissões orientais e as cunhagens locais são completamente irrelevantes (cfr. Quadro 25).

	Rom	Mil	Sis	2ª Or	Loc	Ind	Total
Borba	138	3	5		1		147
S. Cucufate I	8						8
S. Cucufate II	57	5	3				65
R. Lisboa	45	1					46
Conimbriga B	15	2					17
Conimbriga D	20						20
Aldeia das Dez	167	17	3	1		5	193
Total	450	28	11	1	1	5	496
%	90.73	5.65	2.22	0.2	0.2	1.01	100

**Quadro 25 - Distribuição, por centro emissor, do numerário de Galieno nos tesouros lusitanos dos anos 268-275**

Os exemplares das primeiras séries são escassos neste grupo de achados, como atestam o Quadro 26 e o Gráfico 26 (cf. *infra*). Predominam as moedas cunhadas nas duas últimas séries, as quais, por sinal, correspondem ao pico da desvalorização da moeda radiada durante este principado: de um teor de prata acima dos oito por cento em 260, caiu-se para cerca de cinco/seis por cento em 266 e para pouco mais de dois por cento em 268 (KING 1989 292, Tab. 2; COPE *et alii* 1997 23-25, 75-77, 81, 87 e 99).

	Borba	S.Cucufate II	Aldeia Dez	Reguengo	Valsadornín	Cunetio
Série 1				1	6	54
%				0.29	0.38	0.49
Sér. 1-2 (Sal)		3	5	11	46	491
%		5.36	2.99	3.15	2.94	4.41
Série 2	3	6	11	17	118	1092
%	2.17	10.71	6.59	4.87	7.54	9.81
Séries 2-3	1			1	1	16
%	0.72			0.29		0.14
Séries 2-3-5	1			4		115
%	0.72			1.15		1.03
Série 3	11	3	13	28	148	1304
%	7.97	5.36	7.78	8.02	9.46	11.71
Série 4	1	1	2	7	28	145
%	0.72	1.79	1.2	2.01	1.79	1.3
Série 5	69	15	98	163	1033	5158
%	50	26.79	58.69	46.71	66.01	46.32
Série 6	52	28	38	117	162	2737
%	37.68	50	22.75	33.52	10.35	24.58
Total	138	56	167	349	1565	11136
%	100	100	100	100	100	100

**Quadro 26 - Distribuição, por séries, do numerário cunhado em Roma sob Galieno em seis tesouros**

Ao mesmo tempo, constata-se que a emissão do *sétimo consulado* tende a sobrepor-se à do *bestiário* em praticamente todos os achados. Esta tendência não é exclusiva dos depósitos lusitanos, muito antes pelo contrário, já que é comum a praticamente todos os achados contemporâneos, qualquer que seja a sua área geográfica

de origem, como atestam os depósitos tarraconenses do Reguengo e de Valsadornín ou o grande tesouro britânico de Cunetio. Neste último, cerca de 46% das mais de onze mil moedas do reinado absoluto de Galieno foram lavradas na quinta série, contra apenas 24,58% da sexta.

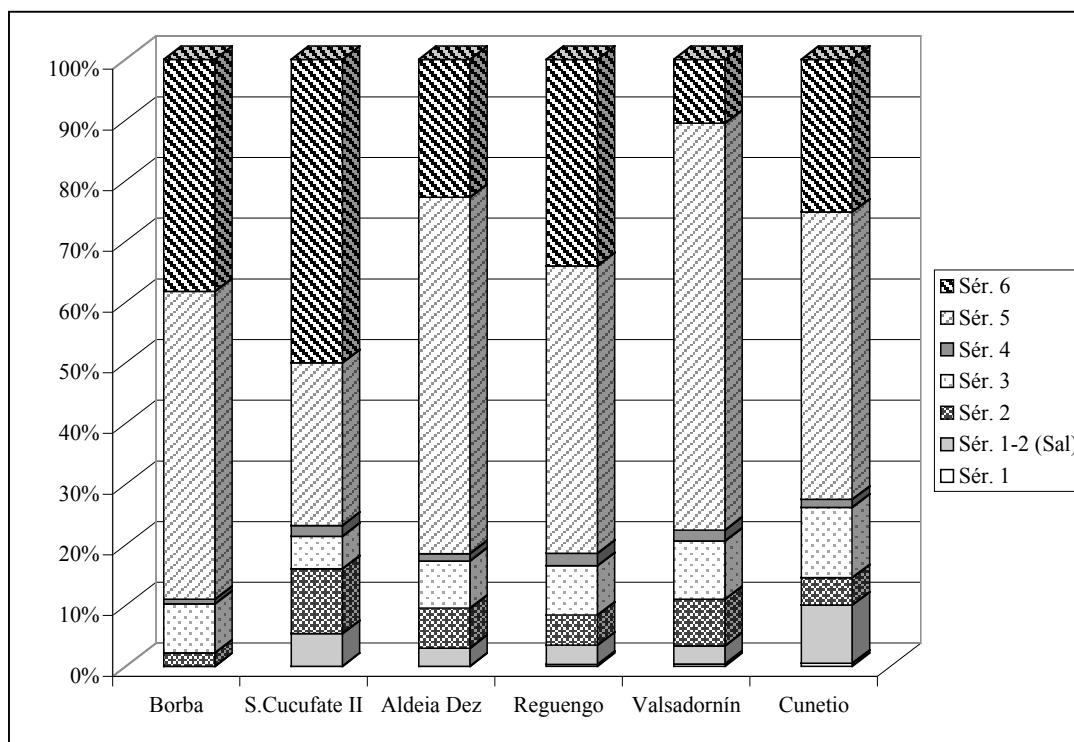


Gráfico 26 - Distribuição, por séries, do numerário cunhado em Roma sob Galieno em seis tesouros

Conforme já tivémos oportunidade de referir anteriormente, o aviltamento da moeda radiada a partir de 266 atingiu proporções nunca antes vistas, com o teor de fino a aproximar-se dos dois por cento na emissão do *bestiário*. Esta redução permitiu ao Estado dispôr de um gigantesco *stock* monetário com o qual inundou os circuitos de moeda totalmente depreciada. Não obstante a percentagem de cobre do antoniniano se manter bastante estável ao longo de todo o reinado, a progressiva redução da prata foi acompanhada por um aumento das percentagens de estanho e chumbo (cf. ESTIOT 1996 40-43 e, para as análises metalográficas, COPE et *alii* 1997 87, Tab. 5a).

Este aumento do volume de cunhagens foi acompanhado por um aumento do número de oficinas na casa da moeda central: das seis que laboraram nas primeiras quatro

séries passou-se para doze nas duas últimas. Na quinta série a totalidade das oficinas encontra-se representada nos achados de Borba e Aldeia das Dez; o mesmo já não sucede no de S. Cucufate II, em virtude da amostra se cingir a uns meros quinze exemplares. De um modo geral verifica-se uma tendência para a predominância das produções da sexta oficina ( $\varsigma$ ), fenómeno que parece comum não só à maior parte dos achados lusitanos desta época - e mesmo posteriores (cf. *infra* Quadro 43 e Gráfico 32) -, mas também aos achados descobertos noutras áreas geográficas, de que aqui utilizamos como termo de comparação os do Reguengo e de Cunetio (Cf. Quadro 27). Apenas o depósito de Borba parece vir quebrar esta unanimidade, o que, estamos em crer, se poderá ficar a dever a circunstâncias aleatórias, relacionadas com a formação do tesouro ou com a sua posterior dispersão.

	A	B	$\Gamma$	$\Delta$	E	$\varsigma$	Z	H	N	X	XI	XII	Total
Borba	3	6	5	8	10	6	5	3	12	3	7	1	69
%	4.35	8.7	7.25	11.59	14.49	8.7	7.25	4.35	17.39	4.35	10.14	1.45	100
S. Cucufate II	2	2	1	1		4		2		2	1		15
%	13.33	13.33	6.67	6.67		26.67		13.33		13.33	6.67		100
Aldeia Dez	7	9	11	10	9	17	8	10	2	4	8	2	97
%	7.22	9.28	11.34	10.31	9.28	17.53	8.25	10.31	2.06	4.12	8.25	2.06	100
Reguengo	13	21	13	15	15	31	10	9	16	6	12	1	162
%	8.02	12.96	8.02	9.26	9.26	19.14	6.17	5.55	9.88	3.7	7.41	0.62	100
Cunetio	521	514	479	424	623	754	418	457	423	241	240	48	5142
%	10.13	10	9.32	8.25	12.12	14.66	8.13	8.89	8.23	4.69	4.67	0.93	100

Quadro 27 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em 5 tesouros<sup>46</sup>

No decurso da quinta série, a oficina  $\varsigma$  teve como tipo principal o reverso FORTVNA REDVX, complementado com um tipo secundário, neste caso IOVIS STATOR, pelo que o primeiro é sempre mais abundante que o segundo. Apesar de não ostentarem marca, são-lhe também atribuídos os raros exemplares com reverso IOVI STATORI (*Jupiter 2*), ausentes dos tesouros em apreço. Ao mesmo tempo, salta à vista a fraca representação das três últimas oficinas: X, XI e XII, cuja entrada em funcionamento poderá ter sido eventualmente mais tardia (cf. DOLLEY e O'DONOVAN 1962 165-166 e KING 1982 468-469). São particularmente escassas as produções da décima segunda oficina; apesar de terem sido batidos dois tipos (CONSERVAT PIETAT e SALVS

<sup>46</sup> Não tendo sido possível atribuir a totalidade dos exemplares recenseados às respectivas oficinas, os números indicados nos Quadros 27 e 28 não correspondem exactamente ao número total de moedas de Galieno das quinta e sexta séries de Roma conhecido para cada achado.

AVG), nos achados analisados o seu peso não ultrapassa por regra os dois por cento do numerário da quinta série romana.

De resto, mesmo durante a emissão do *bestiário* as moedas da oficina XII continuam a ser das mais escassas nos achados dos anos 268-275 (cfr. *infra* Quadro 28). Quanto às oficinas da sexta série melhor representadas nos nossos achados, parecem destacar-se a quinta - DIANAE CONS AVG (*Corça* 1/2) e a décima primeira - DIANAE CONS AVG (*Gazela* (a) 1/2).

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Total
Borba	3	4	4	5	7	3	3	4	4	5	6	3	51
%	5.88	7.84	7.84	9.8	13.73	5.88	5.88	7.84	7.84	9.8	11.76	5.88	100
S. Cucufate II	2	3	2	1	5	1	2	1	2	1	7	1	28
%	7.14	10.71	7.14	3.57	17.86	3.57	7.14	3.57	7.14	3.57	25	3.57	100
Aldeia Dez	2	1	3	2	5	6	3	3	4	3	3	2	37
%	5.41	2.7	8.11	5.41	13.51	16.22	8.11	8.11	10.81	8.11	8.11	5.41	100
Reguengo	12	7	13	4	9	10	10	12	9	9	11	10	116
%	10.34	6.03	11.21	3.45	7.76	8.62	8.62	10.34	7.76	7.76	9.48	8.62	100
Cunetio	239	207	250	227	296	239	166	255	192	188	255	220	2734
%	8.74	7.57	9.14	8.3	10.83	8.74	6.07	9.33	7.02	6.88	9.33	8.05	100

**Quadro 28 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em 5 tesouros**

No entanto, e embora a comparação com um grande achado contemporâneo como Cunetio não contrarie de modo algum os resultados obtidos para os depósitos lusitanos, há sempre que ter bem presente que se trata de uma análise realizada com base numa amostra bastante reduzida e, como tal, muito susceptível de erro (cf. *infra* Quadro 44 e Gráfico 33 e Quadro 95).

Como referimos mais acima, cerca de 90% do numerário em nome de Galieno presente nos depósitos lusitanos que terminam com moedas até 275 foi batido em Roma (cfr. *supra* Quadro 25). Das produções monetárias das restantes casas da moeda apenas as de Milão possuem alguma relevância, aproximando-se, em média, dos 6% do total do numerário inventariado para este governante. Não obstante, no achado de Aldeia das Dez, os dezassete exemplares milaneses de Galieno representam quase 9% do numerário daquele imperador, valor que ainda assim nos parece relativamente baixo para um depósito deste período.

	S. 2	S. 3	S. 4	S. 5	S. 6	S. 7	S. 8	Indet.	Total
Borba	2						1		3
S. Cucufate II		3				2			5
Conimbriga B							2		2
Aldeia das Dez	2	5	2	4		1	1	2	17
Total	4	8	2	4		3	4	2	27

**Quadro 29 - Distribuição, por séries, do numerário de Milão de Galieno em 4 tesouros**

No Quadro 29 podemos observar a distribuição, por séries de cunhagem, dos parques 27 antoninianos lavrados em Milão para Galieno, inventariados nos depósitos de Borba, S. Cucufate II, *Conimbriga B* e Aldeia das Dez. Abstraindo-nos da fragilidade da amostra, sobressaem pela quantidade os exemplares da terceira série, correspondendo a pouco menos de um terço das moedas consideradas. Esta tendência é confirmada pelos dados fornecidos por achados contemporâneos de grande envergadura: em Cunetio, das 2317 moedas de Milão para Galieno, 737 (31,8%) pertencem à terceira série.

As emissões de *Siscia* e das casas da moeda orientais têm um peso de tal modo insignificante que dispensam qualquer comentário a seu respeito.

Ocupando o segundo posto em termos quantitativos, logo a seguir ao de Galieno, o numerário de Cláudio II marca igualmente presença importante nos tesouros lusitanos que terminam com unidades cunhadas até 275. Nos vários achados analisados, exceptuando o atribuído à região de Lisboa, a percentagem do numerário de Cláudio II oscila em cada achado entre os cerca de 20% de Aldeia das Dez e os mais de 35% de Borba, S. Cucufate I, S. Cucufate II e *Conimbriga B* (cf. *supra* Quadro 24 e Gráfico 25). Com alguma frequência, as séries de Cláudio II representam cerca de um terço do numerário que entra na composição dos depósitos desta época, como atestam, por exemplo, os depósitos de Arjona, Sierra Pitillos, Son Hereu I, Reus e Reguengo.

Nos vários conjuntos analisados verifica-se que, em média, cerca de 90% do numerário do Gótico é proveniente da casa da moeda estabelecida em Roma, complementado geralmente por parques exemplares lavrados em *Siscia* e em Milão (cf. Quadro 30).

	Rom	Mil	Sis	Loc	Total
Borba	93	2	2	2	99
S. Cucufate I	4	1	1		6
S. Cucufate II	40		3		43
R. Lisboa	1		1		2
Conimbriga B	17	1	2	1	21
Conimbriga D	5	1	2		8
Aldeia das Dez	56				56
Total	216	5	11	3	235
%	91.91	2.12	4.68	1.28	100

**Quadro 30 - Distribuição, por centro emissor, do numerário de Cláudio II nos tesouros lusitanos dos anos 268-275**

Entre a amoedação em nome deste imperador encontram-se ainda alguns exemplares não oficiais, de produção irregular, cuja cronologia não é imperativamente a dos seus protótipos e que, no cômputo global dos tesouros lusitanos dos anos 268-275, quase não ultrapassa a cifra de um por cento. Trata-se de um valor bastante baixo, inferior ao obtido para achados mais tardios - em Porto Carro o peso das cunhagens locais de Cláudio II ronda os três e meio por cento do numerário em seu nome - e sobretudo muito abaixo das percentagens fornecidas pelos sítios arqueológicos: esse valor oscila entre os oito e os cerca de doze por cento respectivamente em *Conimbriga* e Torre de Palma. Tais disparidades entre tesouros e achados de escavações explicam-se pela selecção prévia dos exemplares que presidia à formação de muitos tesouros, por fenómenos de descarte da *má moeda*, que parece detectar-se em muitos sítios arqueológicos, e, também neste caso concreto, julgamos que talvez pela própria cronologia dos depósitos, alguns dos quais terminam com exemplares batidos muito próximo de 270. É nossa convicção de que muitas das cunhagens irregulares em nome de Cláudio II - e também em nome de Galieno - terão sido realizadas após a morte do Gótico, numa conjuntura que não será fácil dissociar do fenómeno da produção massiva de *Divo Claudio* adulterados. Um indicador deste procedimento é-nos fornecido por uma imitação de Cláudio II do tesouro de Porto Carro que partilha o mesmo cunho de reverso de imitações em nome de Galieno dos tesouros de Santulhão e Normanby. Apesar do carácter altamente aleatório da amostra, não queremos deixar de notar a presença de exemplares irregulares no tesouro de Borba, que termina com unidades de Aureliano e dos *Tetrici*, face à sua ausência no depósito de Aldeia das Dez, no qual o último exemplar identificado é da quarta emissão de Roma para Cláudio II.

Como referimos mais acima, a casa da moeda central foi a principal fonte de alimentação do numerário de Cláudio II que entra na composição dos tesouros lusitanos deste período, com destaque para a segunda emissão, a mais volumosa dos achados considerados, uma vez que abarca à volta de metade - com frequência mais até - das espécies monetárias do período considerado (cf. *infra* Quadro 31 e Gráfico 27).

	Borba	S.Cucufate II	Conimbriga B	Aldeia Dez	Cunetio
Emissão IIa	13	2		11	192
%	13.83	5.26		19.64	10.88
Emissão IIb	42	16	8	37	792
%	44.68	42.11	47.05	66.07	44.87
Emissão II-III	10	9	6	2	275
%	10.64	23.68	35.29	3.57	15.58
Emissão III	20	5	3	3	290
%	21.28	13.16	17.65	5.36	16.43
Emissão IV	9	6		3	216
%	9.57	15.79		5.36	12.24
Total	94	38	17	56	1765
%	100	100	100	100	100

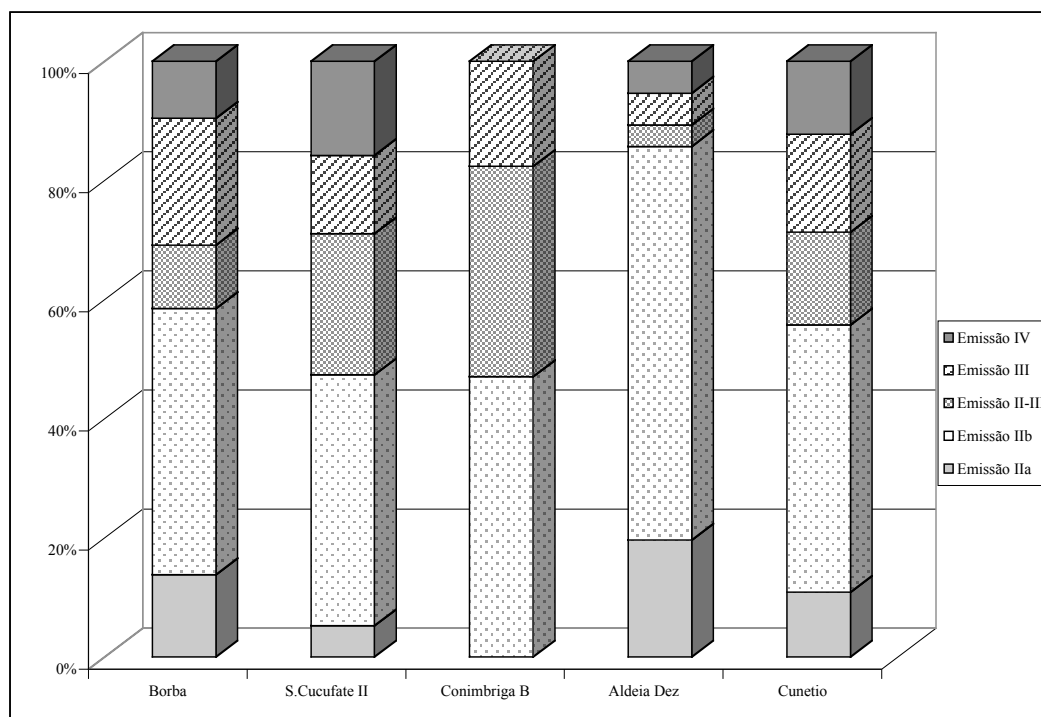
**Quadro 31 - Distribuição, por emissões, do numerário cunhado em Roma sob Cláudio II em cinco tesouros**

De notar que optámos por seguir a tradicional proposta de subdivisão da segunda emissão em duas fases: uma *fase a*, em que as produções monetárias não possuem qualquer marca de oficina, e uma *fase b*, caracterizada pela presença de doze oficinas. Embora esta ordenação não siga forçosamente uma sequência cronológica coerente, a sua adopção justifica-se em boa medida como uma forma prática de arrumação da emissão (cf. BESLY e BLAND 1983 29-30 e BLAND e BURNETT 1988 125-132). Quando tratarmos do tesouro de Porto Carro, discutiremos mais detalhadamente esta questão.

Nesta emissão salta desde logo à vista, em todos os achados, a preponderância da segunda fase sobre primeira. A terceira emissão surge logo a seguir em termos quantitativos e, por fim, a quarta, interrompida pela morte inesperada do imperador, mas à qual Quintilo deu de alguma forma continuidade ao adoptar os reversos na breve e única emissão do seu reinado, como o fará de seguida Aureliano.



Tenha-se presente que os dados fornecidos pelos conjuntos de Borba, S. Cucufate II, *Conimbriga* B e Aldeia das Dez são integralmente avalizados por depósitos de grandes dimensões, como sucede com o de Cunetio<sup>47</sup>.



**Gráfico 27 - Distribuição, por emissões, do numerário cunhado em Roma sob Cláudio II em cinco tesouros**

No Quadro 32 encontram-se listados os tipos monetários da *fase a* da segunda emissão que figuram nos depósitos de Borba, S. Cucufate II, *Conimbriga* D e Aldeia das Dez (ausentes nos restantes depósitos). Como se pode observar, os tipos IOVI STATORI, SPES PVBLICA e SALVS AVG são os mais abundantes, por esta ordem, complementados pelos reversos P M TR P II COS P P e LIBERALITAS AVG. Não obstante a ausência de marcas de oficina nesta fase, BLAND e BURNETT (1998 128-132) enumeram uma série de argumentos que fazem crer que os três primeiros tipos suprarreferidos terão sido cunhados respectivamente pelas oficinas X, XII e Γ. Quanto aos dois últimos, não é possível de momento atribuí-los a qualquer oficina em particular.

<sup>47</sup> Ao invés do que fizemos para Galieno, não utilizaremos o achado do Reguengo como termo de comparação para as emissões de Roma de Cláudio II, já que a descrição das titulaturas dos anversos feita pelo autor da publicação não é minimamente de levar em conta e não permite a reclassificação das moedas.

	Borba	S. Cucufate II	Conimbriga D	Aldeia das Dez	Total
IOVI STATORI	3	1	1	3	8
LIBERALITAS AVG	2			1	3
PM TRP II COS PP	3			1	4
SALVS AVG	4			2	6
SPES PVBLICA	1	1	1	4	7
Total	13	2	2	11	28

**Quadro 32 - Reversos da segunda emissão (*fase a*) de Roma para Cláudio II em quatro tesouros lusitanos**

Esta série de reversos é a mais comum entre a amoedação da Emissão IIa de Cláudio II, como atestam os dados recenseados há mais de duas décadas por BLAND e BURNETT (1988 130, Tab. 14) a partir da análise de 23 tesouros do último terço do século III. Os restantes tipos que integram a primeira fase desta emissão - ADVENTVS AVG, CONCOR EXERCI, PAX AVG e VICTORIA GM - são extremamente raros e não foram identificados em nenhum dos achados lusitanos dos anos 268-275.

Naquela a que convencionou chamar-se *fase b* da segunda emissão, aparecem por vezes as marcas das doze oficinas do atelier romano. No entanto, a baixa percentagem de reversos marcados observáveis nesta fase sugere que a adopção das marcas apenas terá ocorrido na parte final da emissão: em Borba a percentagem de reversos marcados da segunda emissão (*b*) é de 23,81%, contra 80% na terceira emissão e 88,89% na quarta. Os achados de S. Cucufate II e de Aldeia das Dez confirmam em absoluto esta tendência, tal como o de Cunetio, para o qual obtivemos 12,37% de exemplares marcados para a *fase b*, 70,03% para os da terceira emissão e cerca de 95% para os da quarta.

Nos 42 antoninianos desta emissão, fornecidos pelo tesouro de Borba, estão documentadas as doze oficinas da *Moeda* romana, com prevalência para as oficinas A, Z, H e E (cf. Quadro 33). No grupo das pior documentadas, sobressaem as oficinas B e X. Naturalmente a escassez do material em análise não permite retirar conclusões fiáveis, mas a comparação com o tesouro de Cunetio e com outros achados da mesma época - e posteriores - não invalida de todo estas observações, o mesmo sucedendo, se bem que em menor escala, com os achados de S. Cucufate II e Aldeia das Dez.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Total
Borba	6	1	4	3	5	3	6	6	2	1	2	3	42
%	14.29	2.38	9.52	7.14	11.9	7.14	14.29	14.29	4.76	2.38	4.76	7.14	100
S. Cucufate II	1	2	1	1	4	1			2	1	1	2	16
%	6.25	12.5	6.25	6.25	25	6.25			12.5	6.25	6.25	12.5	100
Aldeia Dez	3		3	1	5	6	1		7		7	4	37
%	8.11		8.11	2.7	13.51	16.22	2.7		18.92		18.92	10.81	100
Cunetio	94	46	30	79	93	80	64	52	82	14	88	70	792
%	11.87	5.81	3.79	9.97	11.74	10.1	8.08	6.57	10.35	1.77	11.11	8.84	100

**Quadro 33 - Distribuição, por oficinas, do numerário da Emissão II (b) de Roma de Cláudio II em 4 tesouros**

Quanto às terceira e quarta emissões, o número de moedas utilizáveis é de tal modo reduzido que qualquer comentário com base no mesmo não parece fazer grande sentido, pelo que o quadro seguinte se apresenta com o simples intuito de manter o registo alinhado.

off.	Borba		S. Cucufate II		Aldeia Dez	
	Em. III	Em. IV	Em. III	Em. IV	Em. III	Em. IV
A	4		1			
B	2		1			
Γ	2	2			1	
Δ	1	1				1
E	3	1	2			
ς		1				
Z	2					
H	3			5		1
N	1	2			2	
X	1		1			1
XI				1		
XII	1	2				
Total	20	9	5	6	3	3

**Quadro 34 - Distribuição, por oficinas, do numerário das Emissões III e IV de Roma de Cláudio II em 3 tesouros lusitanos**

Como referimos numa ocasião anterior, as emissões de Milão e de *Siscia* do reinado de Cláudio II estão pobremente documentadas nos depósitos lusitanos desta época, sobretudo as primeiras, que praticamente não ultrapassam os dois por cento no cômputo geral dos depósitos (cf. *supra* Quadro 30). Ao contrário do que é habitual nos depósitos gauleses e britânicos com moedas do Gótico, nos quais predominam as cunhagens milanesas, no grupo de achados lusitanos em estudo, a amoedação da casa da moeda panónica ultrapassa de forma muito clara a do centro emissor insúbrio. Esta preponderância das produções balcânicas sobre as milanesas verifica-se igualmente entre

o numerário proveniente da escavação de sítios arqueológicos hispânicos, como é o caso de *Conimbriga* (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27), Torre de Palma (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 6) ou *Baelo Claudia* (BOST *et alii* 1987 70) e em diversos entesouramentos mais tardios, como os de Porto Carro, região de Chaves, Reguengo e Santulhão<sup>48</sup>.

Este fenómeno poderá indiciar que as emissões milanesas se destinavam preferencialmente a abastecer as regiões transalpinas, enquanto as produções da casa da moeda danubiana se dirigiam para outras zonas, ao que se julga também para a Hispânia. Esta tendência parece detectar-se nos tesouros italianos de Modigliana, Emilia Romagna (PECCATORI 1989 20-23)<sup>49</sup> e La Venèra, Veneto (GIARD 1995 106-116), ambos situados na costa do Adriático, nos quais as cunhagens do atelier panónico superam as do milanês, não obstante a proximidade deste. O mesmo sucede, de resto, no tesouro turco de Çanakkale (PFLAUM e BASTIEN 1969 18), se bem que o mesmo se encontra localizado numa região naturalmente abastecida por *Siscia*.

O numerário do efémero reinado de Quintilo é, como habitualmente, pouco numeroso, estando presente apenas nos depósitos de S. Cucufate II (1,64%), Freiria II (4,54%), *Conimbriga* B (1,79%) e Borba (2,99%), sempre através de unidades produzidas em Roma. O cenário piora nitidamente para as emissões de Aureliano, das quais lográmos identificar com segurança apenas dois antoninianos da primeira emissão romana no depósito de Borba.

É possível que o numerário em nome destes dois governantes tenha sido complementado pelos *Divo Claudio* oficiais, se bem que a cronologia do fabrico desta série permaneça por determinar com precisão: BLAND e BURNETT (1988 144-146) defendem que a produção dos *Divo Claudio* em Roma teve lugar apenas sob Aureliano, não ultrapassando a primeira metade de 271; Sylviane Estiot, por seu turno, mantém o

---

<sup>48</sup> A análise dos dados relativos aos tesouros de Reguengo e de Santulhão revela a primazia da casa da moeda balcânica, apesar de algumas incorrecções cometidas por João Parente na classificação das cunhagens de Milão e de *Siscia*, aquando da publicação dos achados e posteriormente repetidas no catálogo da colecção numismática do Museu de Vila Real. O simples exame das estampas permitiu detectar de imediato os seguintes lapsos: Reguengo (reverso VBERITAS AVG de *Siscia* atribuído a Roma: Parente 1997 145, n° 1037); Santulhão (dois exemplares AEQVITAS AVG de Milão atribuídos a Roma: PARENTE 1997 145, n° 1040 e imitação PAVXAG (sic) atribuída a *Siscia*; PARENTE 1997 158, n° 1208).

<sup>49</sup> Neste depósito, para além dos exemplares correctamente identificados pela autora, atribuímos ainda a *Siscia* a moeda n° 24 e a Milão a moeda n° 27.

*terminus* sugerido pelos autores britânicos, mas deixa em aberto a possibilidade de a cunhagem desta série póstuma ter sido iniciada, ainda que em escala reduzida, no reinado de Quintilo (ESTIOT 1995 22-23; 2004 10, n. 58).

À excepção do conjunto de Aldeia das Dez, que, no seu estado actual, conta, como vimos anteriormente, apenas com moedas das emissões em vida de Cláudio II, nos restantes depósitos analisados está sempre presente a série *Divo Claudio*, ainda que sempre em percentagens relativamente baixas, exceptuando talvez o caso do achado B de *Conimbriga*, cujos 6 *Divo Claudio* correspondem a 10,71% do achado (cf. *supra* Quadro 26 e Gráfico 26). As percentagens tendem a aumentar nos depósitos posteriores a 274 (7,41% em Vila Caiz, 8,85% em Santulhão, 12,2% em Cerro de La Encantada, 12,54% em Porto Carro), devido ao aumento do seu peso na massa monetária circulante e à dificuldade sentida pelos entesouradores na obtenção de moeda reformada. Dos vinte exemplares contabilizados nos quatro depósitos de Borba, S. Cucufate II, *Conimbriga* B e *Conimbriga* D, nove correspondem a cunhagens da *Moeda* romana (45%); os onze sobrantes são produções que considerámos irregulares, ainda que resultando maioritariamente em exemplares com um estilo bastante aceitável, nos quais o módulo e o peso se aproximam de forma significativa dos das cunhagens ditas *oficiais*, o que ditou a inclusão de sete desses onze *Divo Claudio* no nosso Grupo 1<sup>50</sup>.

Esta realidade diverge daquela que é constatada entre as cunhagens póstumas em honra do Gótico presentes em escavações, nas quais as séries irregulares dominam de forma quase esmagadora: em *Conimbriga*, as escavações antigas e as luso-francesas forneceram 562 *Divo Claudio*, dos quais apenas 37 são seguramente oficiais (6,58%). Em Torre de Palma, contabilizaram-se apenas quatro exemplares oficiais (4,16%) entre os 96 identificados. Diverge ainda no facto de, inversamente ao que ocorre nos tesouros, nos sítios arqueológicos predominarem os *Divo Claudio* irregulares de fabrico menos cuidado, sobretudo os do Grupo 2, mas também os do Grupo 3, de muito má qualidade.

Ao nível dos depósitos, parece evidente a intenção do entesourador, cuja preferência vai naturalmente para os exemplares oficiais e, na ausência destes, para os exemplares "irregulares" de bom estilo, peso e módulo elevados, facilmente confundíveis

<sup>50</sup> Sobre a organização das cunhagens irregulares da série *Divo Claudio* em grupos: cf. *infra* a análise que dedicamos ao tema aquando do estudo dos tesouros posteriores a 285, nomeadamente do tesouro de Porto Carro.

com as produções das casas da moeda imperiais. Por outro lado, considerando que a deposição de algumas destas ocultações lusitanas não será muito posterior à morte de Cláudio II - exceptuando os depósitos de Borba e da região de Lisboa (?), os restantes não possuem exemplares oficiais posteriores a 270<sup>51</sup> - parece evidente que o fenómeno da proliferação dos *Divo Claudio* irregulares estaria ainda longe de atingir a amplitude que o viria a caracterizar posteriormente<sup>52</sup>.

Os depósitos de Borba, Freiria II e *Conimbriga* B caracterizam-se ainda pela presença residual, se assim lhe podemos chamar, de radiados dos imperadores gauleses: um de Vitorino, em *Conimbriga* B, três de Tétrico I-II (um de fabrico irregular), em Freiria II, e outros tantos de Tétrico I, em Borba. Como se referiu anteriormente, estas cunhagens tiveram uma difusão muito limitada aquém Pirinéus, reflectindo a sua escassez a fugaz adesão das províncias hispânicas ao Império das Gálias, bem como a ausência de corpos militares de inegável importância estratégica (aos quais se destinaria boa parte da sua produção monetária). Como já se viu oportunamente, a abundância das produções gaulesas está bem documentada no conjunto atribuído à região de Lisboa, estando inclusivamente na origem das nossas dúvidas sobre a autenticidade da atribuição. Nesse conjunto, entre emissões regulares e irregulares, foram contabilizados 35 exemplares (41,67% do total dos antoninianos recenseados), distribuídos entre Vitorino (sete radiados) e os *Tetrici*: vinte numismas para Tétrico I e oito em nome do seu filho, maioritariamente produzidas pela *Mint I*.

**Apêndice: Tesouros hispânicos com moedas dos anos 268-274<sup>53</sup>:**

- Grisén, Saragoça: conjunto descoberto ocasionalmente nos finais de 1966. Seria composto por 890 (ou 914?) moedas, de Valeriano I a Cláudio II (BELTRÁN MARTÍNEZ 1992 117-127; CEPEDA 2000 415, fig. 1);

<sup>51</sup> Porém Rui Centeno sugere a ocultação do tesouro D de *Conimbriga*, pelo menos no final do reinado de Aureliano, e a do tesouro B, em pleno reinado de Probo (CENTENO 1981-1982 124).

<sup>52</sup> Em relação a *Conimbriga*, no mesmo sentido apontam as propostas de BOST *et alii* (1974 241).

<sup>53</sup> Não incluímos nesta lista o achado de O Castelo (Orense) publicado como tesouro por CEPAS *et alii* (1999 150 e 153), uma vez que nos parece evidente que as condições de jazida são resultado da acção de fenómenos pós-deposicionais e não de qualquer acto humano intencional.

- Maiorca (?): no Museu de Porciúncula encontram-se 18 numismas de um hipotético depósito encontrado algures na ilha de Maiorca em circunstâncias desconhecidas. Os exemplares mais recentes pertenceriam a Cláudio II (MANERA 1983 138; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 138, nº 54);
- Pollentia II, Alcúdia: achado efectuado na área das ruínas de Pollentia, em circunstâncias não determinadas. Ao que parece seria composto por 19 antoninianos, dos quais se conhecem 18, todos de Cláudio II (MATTINGLY 1983 285);
- *Baelo Claudia*, Cádiz: conjunto composto por 13 antoninianos, de Galieno a Cláudio II, descoberto em Outubro de 1973 no decurso de escavações arqueológicas. As moedas estavam empilhadas junto a um bloco de pedra (DUPRÉ 1975 535-543);
- Son Hereu II, Maiorca: conjunto composto por 32 moedas, de Galieno a Cláudio II, descobertas em lugar e circunstâncias desconhecidos (MANERA 1983 134);
- Valsadornín, Palência: tesouro achado casualmente em 1937, composto por uns 45 kg de moedas que se encontravam no interior de um recipiente metálico. Foram apenas identificados 2421 exemplares, menos de um sexto do total, de Treboniano Galo a Cláudio II (CALLEJA GONZÁLEZ 1979 5-25; CEPEDA 2000 412-416);
- Terra Chá, Lugo: tesouro composto por elevado número de moedas, das quais apenas se identificaram 12, as mais recentes de Cláudio II (CAVADA NIETO e ARIAS VILLAS 2004 17-25; CEPEDA 2000 415, Fig. 1: cf. *Castro*).
- Proveniência indeterminada, Espanha: Abad Varela refere um lote de 15 moedas - de Gordiano III a Cláudio II - entrado em 1815 na Real Academia de San Fernando (Madrid), admitindo que poderia ter feito parte de um entesouramento (ABAD VARELA 1996 309-319);
- Morerueta de Tabara, Zamora: achado de mais de 200 moedas na areia junto ao rio Esla. Embora as peças mais recentes fossem, ao que parece, de Galieno e Cláudio II, a cronologia deste conjunto não deixa de ser incerta (MARTÍNEZ MIRA 2000-2001 303, nº 103);
- Liédena, Navarra: o tesouro foi descoberto nas escavações de uma *villa* romana. Compõe-se de 105 radiados de Otacília Severa a Quintilo (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 141, nº 69);
- Jimena de la Frontera II, Cádiz: conjunto de 13 antoninianos, achados no decurso de trabalhos agrícolas nos quintais situados no interior da fortaleza que se ergue sobre as ruínas da antiga *Oba*. Termina com exemplares de Quintilo (DOMÍNGUEZ ARRANZ 1980 227-230);

- Arco de la Cárcel, Leão: depósito descoberto por volta de 1975 durante a realização de obras; no Museo de Léon conservam-se 72 exemplares, o mais recente de Quintilo (PARRADO CUESTA 1999 103-121; MARTÍNEZ MIRA 2000-2001 305, nº 109)<sup>54</sup>;
- Rua Roc Chabàs, Valência: conjunto descoberto em 1994 no decurso de escavações arqueológicas. Segundo os achadores, é composto por 86 moedas (83 radiados, 2 sestércios e 1 asse), que se encontravam espalhadas sobre um mosaico num estrato de incêndio. Os exemplares mais recentes são de Quintilo e da série *Divo Claudio* (SALAVERTE LEÓN e RIBERA I LACOMBA 2005 141-154);
- Casas de Reina, Badajoz: conjunto inédito, composto por 820 radiados provenientes do foro de Regina (ALVAREZ MARTÍNEZ e MOSQUERA MÜLLER 1991 364). As moedas, praticamente todas da série *Divo Claudio*, são de módulo e peso ligeiros e muitas delas são de má qualidade. Encontram-se depositadas no Museu Arqueológico Provincial de Badajoz (nº inv. D 1100);
- Martos, Jaén: achado efectuado em data e circunstâncias desconhecidas, do qual apenas se conhecem 72 radiados, ao que parece apenas uma pequeníssima parcela do total. As moedas mais recentes pertencem à série *Divo Claudio* (PADILLA ARROBA e MARÍN DIAZ 2001 405-428);
- Arjona, Jaén: depósito descoberto em 2001 nos arredores de Arjona, ao que parece na área de uma *villa* romana. É composto por 50 antoninianos que, pela sua disposição, representariam o conteúdo de uma bolsa. Os exemplares mais recentes pertencem à série *Divo Claudio* (CORZO PÉREZ 2003 139-146);
- Grandas de Salime, Astúrias: depósito descoberto no Castro del Chao Samartín, no interior de uma vasilha metálica, durante trabalhos agro-florestais. De um número indeterminado de moedas apenas se conhecem 23 unidades, de Treboniano Galo à série *Divo Claudio* (VEGA DE LA TORRE 1980 279-294). Recentemente foi sugerido que 8 antoninianos encontrados na limpeza do estrato vegetal que cobre o sítio arqueológico fariam parte do mesmo depósito (GIL SENDINO 1999 160-161, n. 1);
- Son Hereu I, Maiorca: tesouro descoberto casualmente no interior de uma vasilha cerâmica. É composto por 102 antoninianos, de Galieno à série *Divo Claudio* (MANERA 1979 77-103);
- Reus, Tarragona: achado realizado na segunda metade do século XIX. Dos 119 antoninianos recuperados, conservam-se actualmente 109, de Galieno, Cláudio II e da série *Divo Claudio* (HIERNARD 1978a 307-316 e HIERNARD 1978b 99 e segs.);
- Barboles, Saragoça: tesouro descoberto em 1856, composto por cerca de 1200 numismas de Valeriano I à série *Divo Claudio* (MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 141, nº 68);

---

<sup>54</sup> Uma rápida revisão do trabalho de Parrado Cuesta permitiu detectar numerosas falhas na classificação das moedas deste achado, nomeadamente nos exemplares mais recentes. Assim, a moeda com o nº 872, atribuída pela autora a Aureliano, é efectivamente de Quintilo (RIC 26) e a moeda nº 888, dada como de Tétrico II, é de Galieno (Rev. Pax?).



- Reguengo, Vila Pouca de Aguiar: encontrado em 1977 junto aos restos de um vaso de barro. Foram estudados 750 exemplares de Valeriano I a Aureliano, que não corresponderão, com toda a certeza, à totalidade das moedas inicialmente ocultadas (PARENTE 1982 231-315);
- Sierra Pitillos, Jaén: tanto quanto se sabe, trata-se de um abundante conjunto de moedas (vários milhares) encontradas dispersas pela cumeada e por algumas encostas de Sierra Pitillos, sem que se consigam precisar as condições iniciais de jazida ou as circunstâncias que levaram à sua dispersão. Das condições de jazida na altura da descoberta, depreende-se que originariamente as moedas estariam agrupadas em função do seu teor de fino. No total foram analisados 251 exemplares, de Gordiano III a Aureliano (HINOJOSA PAREJA 1995 92-119).
- Corredoura, Valongo: depósito funerário composto por 5 numismas de Galieno (?), Cláudio II, *Divo Claudio* e Tétrico I (MENDES-PINTO 1990-1991 149-153);
- Província de Navarra: achado de um "*dolium* completamente cheio" de moedas de Galieno, Salonina, Tétrico, etc., que rapidamente se dispersaram (PAZ PERALTA 1997 172, n. 5);
- Necrópole de Can Flit, Ibiza: depósito funerário exumado na Sepultura 1 desta necrópole, composto por três moedas, respectivamente de Galieno, Cláudio II e Tétrico II (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 223-224, nº 122);
- Clunia III, Burgos: depósito encontrado em 1974 na sala 7 da Casa 3, num estrato de cinzas, no decurso de escavações arqueológicas. É composto por 2 asses, 2 sestércios e 50 antoninianos, de Domiciano a Tétrico II (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-144);

### 2.4.2. Da reforma monetária de Aureliano a 284/5

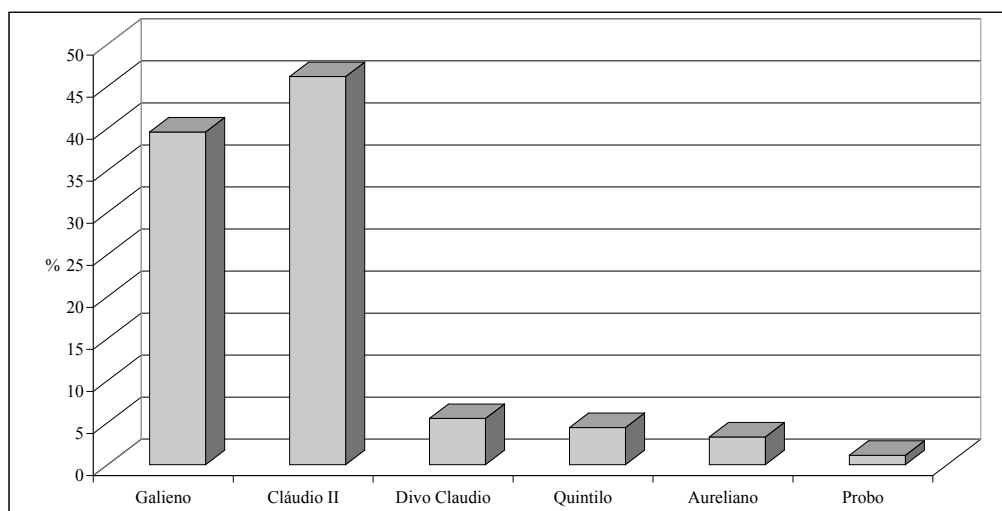
Neste sub-grupo, incluímos o conjunto de Monte do Cavaleiro, que julgamos ser o mesmo frequentemente referido na bibliografia arqueológica como o tesouro da "Ribeira do Vascão", e do qual se conhecem 88 moedas que integram o acervo do Museu Municipal de Santiago do Cacém. A este lote adicionámos três exemplares depositados no Museu Nacional de Arqueologia com a indicação de serem provenientes da Ribeira do Vascão. A tratar-se de um único achado, as informações acerca do número de moedas que o compunham não são coincidentes. Leite de Vasconcellos fala em várias centenas (VASCONCELLOS 1908 352); Gonçalo Lister Franco, em carta enviada a Mário Hipólito, menciona umas cinco mil (HIPÓLITO 1960-1961 109, n. 254). Quanto à sua composição, Leite de Vasconcellos afirma ter visto exemplares de "Galieno, Cláudio II, Severina, Quintilo e Aureliano", o que parece ser confirmado pela listagem dos imperadores publicada por Isabel Pereira, que apenas lhe acrescenta Probo.

No quadro seguinte pode observar-se a composição dos 91 exemplares atribuídos ao achado.

	Rom	Med	Sis	Ciz	Loc	Total	%
Galieno	33	1	2			36	39.56
Cláudio II	34	4	3	1		42	46.15
<i>Divo Claudio</i>	3				2	5	5.49
Quintilo	4					4	4.4
Aureliano	1		1	1		3	3.3
Probo	1					1	1.1
Total	73	5	6	2	2	91	100

**Quadro 35 - Composição das moedas conhecidas do tesouro do Monte do Cavaleiro**

A amostragem inicia-se com Galieno, como de resto é comum nos tesouros desta época, com os antoninianos em nome deste príncipe a representarem 39,56% das moedas inventariadas (cf. Quadro 35 e Gráfico 28). Predominam os exemplares de Roma, com mais de metade a terem sido lavrados durante a quinta série e cerca de um terço durante a sexta. Marginalmente, recensearam-se também um exemplar de Milão e dois de *Siscia*.



**Gráfico 28 - Composição do tesouro do Monte do Cavaleiro**

Cláudio II é o imperador melhor representado na presente amostra, com as suas 42 unidades a perfazerem 46,15% do total. Destaca-se largamente o numerário oriundo da *Moeda* romana verificando-se que, no tocante às emissões, o numerário da segunda é o mais abundante (15 ex.), seguido do da terceira (8 ex.) e do da quarta (6 ex.). No entanto, praticamente um quinto dos 42 radiados em nome do Gótico foram produzidos fora da capital do Império, nas casas da moeda de Milão (4 ex.), *Siscia* (3 ex.) e Cízico (1 ex.), sendo de destacar a ausência de moeda irregular reproduzindo os tipos cunhados em vida do Imperador. O mesmo já não se verifica com as cunhagens póstumias em sua honra, uma vez que pelo menos duas das cinco unidades identificadas serão claramente de fabrico não oficial. A fazer fé nesta pequena amostra e como parece ser prática corrente nos depósitos monetários deste período, o aforrador aparenta ter efectuado uma selecção prévia dos *Divo Claudio*, optando por exemplares de melhor qualidade, oficiais ou o mais próximos possível do estilo oficial.

De Quintilo, listaram-se quatro moedas e, de Aureliano, unicamente três. Duas foram batidas em *Siscia* e Cízico antes da reforma de 274 e a terceira é um denário da 11ª emissão de Roma em nome de Severina (VENVS FELIX). Seria de esperar que o numerário de Aureliano marcasse uma presença mais importante no depósito, podendo a sua ausência justificar-se por circunstâncias várias, relacionadas com a dispersão do tesouro após a sua descoberta ou com as dificuldades do aforrador em proceder à renovação do numerário.

O lote em questão termina com um raríssimo denário de Probo batido no decurso da sexta emissão de Roma, possivelmente em 282, como atestam a indicação do poder tribúncio (TR P VI) e do consulado (COS V)<sup>55</sup>. Karl Pink associa esta série às grandiosas festividades realizadas pelo imperador na Urbe para celebrar os triunfos nas campanhas germânicas e orientais (PINK 1949 58). Este exemplar funcionará como *terminus post quem* para a ocultação do tesouro. Aparentemente, o depósito do Monte do Cavaleiro afigura-se como um achado de aforro situado numa linha de continuidade relativamente aos do período 268-274, uma vez que parece ser composto quase em exclusivo pelo bilhão empobrecido anterior à reforma, com a única nota dissonante a ser proporcionada pelos denários de Severina e de Probo.

Para além deste depósito, e para o caso de as nossas suposições estarem correctas, é bem possível que o achado que atribuímos a Maiorga tenha sido ocultado igualmente durante esta época (cf. *infra* Quadro 37). O problema reside no facto de estarmos a trabalhar com base em indícios: por um lado, os dados fornecidos pela observação da pequena colecção numismática de Manuel Vieira Natividade, sugerindo a presença de moedas oriundas de um tesouro do século III; por outro, uma carta endereçada a José Leite de Vasconcelos por um primo, dando conta da descoberta de um tesouro na localidade de Maiorga e atestando que uma parte das moedas desse achado passou para as mãos do investigador alcobacense.

	Col	Rom	Total
Gordiano III		1	1
Filipe I		3	3
Valeriano	1	2	3
Galieno		31	31
Cláudio II		16	16
<i>Divus Claudius</i>		2	2
Aureliano		7	7
Total	1	62	63

**Quadro 36 - Moedas da colecção Vieira Natividade hipoteticamente pertencentes ao tesouro de Maiorga**

<sup>55</sup> Um exemplar idêntico ao do Monte do Cavaleiro, ainda que saído de outro par de cunhos, foi identificado no tesouro de Troussey (ESTIOT 1998 Pl. XXXIII, nº 4262).

Actualmente a colecção Vieira Natividade possui sete antoninianos dos principados de Gordiano III, Filipe I e Valeriano, os quais, com toda a certeza, integraram um tesouro. De um tesouro terão feito, de igual modo, parte os seis denários de Aureliano e Severina, conservados na dita colecção. Nada obsta a que todas estas moedas tivessem a mesma origem, apesar de as emissões anteriores a 260 possuírem, por norma, um peso bastante residual nos achados desta época. Não obstante, vamos encontrá-las em depósitos contemporâneos, como o da região flaviense ou o das Fragas do Piago (neste achado os antoninianos anteriores ao governo absoluto de Galieno contam-se por várias dezenas). Este fenómeno indicaria uma tesourização iniciada algumas décadas antes da perda definitiva do depósito, à qual foram sendo sucessivamente acrescentados novos espécimes à medida que chegavam às mãos do aforrador. No caso do achado atribuído a Maiorga, tentámos uma reconstituição parcial do depósito, pelo que os dados não são fiáveis em absoluto. A pertencerem ao achado, os denários de Aureliano e Severina atestariam que a ocultação não seria anterior a 275. Não deixa, contudo, de nos causar alguma estranheza o facto de não terem sido inventariados exemplares tanto da quarta emissão de Roma para Cláudio II, como em nome de Quintilo. Por outro lado, imperadores como Tácito, Probo e Caro não estão representados na colecção Vieira Natividade, mas é necessário levar em linha de conta que desconhecemos o número de moedas que compunham o achado, a percentagem do mesmo adquirida por aquele coleccionador e a sua representatividade no seio do conjunto. Tamanhas lacunas obstam a que se possa realizar uma análise mais detalhada sobre o depósito.

**Apêndice: Tesouros hispânicos com moedas dos anos 274-284/5<sup>56</sup>:**

- Vila Caíz, Amarante: depósito descoberto na primeira metade do século XX, dentro de um recipiente cerâmico ocultado no interior de um muro. Compõe-se de 54 unidades, de Galieno a Aureliano, sendo o exemplar mais recente um denário da 10ª emissão, batida em finais de 274 (CENTENO 1981-1982 121-129);
- Rua de S. Fernando I, Lugo: a identificação deste achado é bastante complexa (cf. MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 222-223, nº 119). Com base nos dados fornecidos por Juan Cepeda depreende-se que conteria, pelo

---

<sup>56</sup> Excluímos desta lista o achado de Bascuñuelos (Burgos), em virtude das dúvidas suscitadas pela sua composição (nove bronzes alto-imperiais e um aureliano de Magnia Urbica), bem como pelo desconhecimento das condições de jazida e das circunstâncias do achado (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 220-221, nº 112).

menos, 202 moedas, de Galieno a Aureliano, com o exemplar mais recente datado de 275 (CEPEDA 2002 419, fig. 5);

- Fragas do Piago, Montalegre: tesouro descoberto em 1954 por pesquisadores de volfrâmio, distribuído por três contentores cerâmicos. No total estudaram-se 2873 unidades, cifra que, segundo Mário Ramires, não deveria andar muito longe da totalidade do depósito, o que sinceramente duvidamos. O exemplar mais recente conhecido foi cunhado em Cízico para Tácito (RAMIRES 1955 75-93; HIPÓLITO 1960-1961 103-105 e 128-134);
- Província de Granada: em lugar e circunstâncias não especificadas descobriram-se cerca de 20000 moedas, entre as quais havia exemplares de Probo à flor do cunho (BALIL 1959 282);
- Santa Elena, Jaén: achado de umas 6000 moedas, terminando, ao que se sabe, com exemplares do início do reinado de Probo. Desconhece-se a sua composição (BALIL 1959 283);
- Clunia II, Burgos: depósito encontrado em 1974 na sala 10 da Casa 3, num estrato de cinzas, no decurso de escavações arqueológicas. É composto por 24 moedas - 4 asses, 1 sestércio, 1 denário e 18 antoninianos - de Augusto a Probo (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-144);
- Cerro de la Encantada, Múrcia: achado superficial de 205 antoninianos, o mais recente batido em Roma para Probo no decurso da quarta emissão, datada de 279 (GOMIS JUSTO 1990 101-110);
- Laje, Santo Tirso: encontrado em 1900 dentro de um vaso de barro, depositado no interior de um vaso maior. Seria composto por umas 5000 moedas. Na altura limpavam-se umas 130, entre as quais foram identificados exemplares de Galieno e Probo (AZEVEDO 1900 342; HIPÓLITO 1960-1961 110-111);
- Peal del Becerro, Jaén: tesouro achado por volta de 1920 e composto por 1325 radiados, que se encontravam no interior de uma vaso de barro. Existem dois inventários deste achado, da autoria de Maluquer de Motes e de Fernández Chicarro, apresentando ligeiras divergências entre eles no que respeita à atribuição e à contabilização dos exemplares. A moeda mais recente é de Probo (MALUQUER 1954 125-127; FERNÁNDEZ CHICARRO 1955 166-179);
- Região de Chaves: o tesouro, achado na região flaviense em circunstâncias desconhecidas, deu entrada no Museu de Chaves em 1929. Ignora-se o número total de numismas que dele fazia parte, sendo conhecidos unicamente 212 exemplares que se estendem do reinado conjunto de Valeriano e Galieno ao de Caro (CENTENO 1988 99-113);
- Montalegre: achado efectuado na década de setenta do século passado, nas imediações do castelo de Montalegre, composto por 994 numismas que se encontravam no interior de um contentor metálico; apesar de não se encontrar ainda estudado e publicado, sabe-se que contém, entre outros, exemplares de Probo e Carino (MARTÍNEZ MIRA 2004-2005 223, nº 121);

- Clunia I, Burgos: tesouro descoberto em 1933 durante as escavações conduzidas por Blas Taracena no compartimento 35 da Casa 1 (designada por Taracena como Palácio romano de Clunia). É composto por 34 unidades - 2 antoninianos e 32 aurelianos -, de Galieno a Magnia Urbica (GURT ESPARRAGUERA 1985 145-150);

### 2.4.3. Considerações finais

Para terminar o estudo dos achados monetários lusitanos dos anos 268-284/5 importa agora tentar perceber qual a motivação ou motivações que estão por detrás da sua ocultação e não-recuperação. Os achados do período 268-274 foram vinculados por autores como Blas TARACENA (1950 123-138), Miquel TARRADEL (1955 95-100; 1958 263-275) ou José María BLÁZQUEZ MARTÍNEZ (1968 22-23) a um suposto raide germânico - de Francos e Alamanos no dizer dos dois primeiros - posteriormente a 276. Contudo, a veracidade deste acontecimento é refutada por outros investigadores com base na falta de dados credíveis (BALIL 1956 139-140, BALIL 1959 278 e segs., ARCE 1978 265, SAGREDO SAN EUSTÁQUIO 1981-1985 96-104, PÉREZ CENTENO 1998 349 e segs., PEÑA CERVANTES 2000 475-482). Javier Arce vai mesmo ao ponto de afirmar que a sua "invenção" se destinaria a explicar "fenómenos arqueológicos", na medida em que propõe a associação de entesouramentos a estratos arqueológicos indiciadores de incêndios e destruições. As razões palpáveis devem ser buscadas fora deste contexto e tanto poderiam ser de natureza político-militar como social ou económica, sem que uma delas invalide as restantes. Alberto Balil (1959 282-284) chega a admitir como provável uma relação entre as ocultações posteriores a 270 e as proclamações de Prócuro e Bonoso na Gália durante o principado de Probo (*Vita Probi*, XVIII 5-7). Admite que a revolta poderia ter-se estendido à Hispânia, hipótese que sustenta com o martelamento do nome de Probo em inscrições de *Asturica Augusta* (AE 1923 102), *Valentia* (CIL II 3738) e, eventualmente, numa de *Barcino* (CIL II 4507)<sup>57</sup>.

Se os mal conhecidos sucessos militares, políticos e sociais hispânicos de finais do terceiro quartel do século III poderão estar na origem da não recuperação de muitos achados monetários, somos de opinião que, para algumas deposições que terminam com moedas anteriores à reforma de Aureliano, deverão igualmente ser tidas em conta causas

---

<sup>57</sup> Hübner atribui a inscrição a Probo, Caro ou outro imperador do século III.

de ordem económica, nomeadamente o papel que pode ter sido desempenhado pelas manipulações e alterações verificadas no sistema monetário da época.

Vimos que os conjuntos monetários deste período são compostos por uma massa monetária desvalorizada, diferindo a sua composição substancialmente da dos tesouros anteriores a 268, nos quais a percentagem de numerário com um elevado teor de fino é, com frequência, significativa. Pelo contrário, no grupo de achados agora em estudo, predominam os exemplares empobrecidos de Galieno (5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries) e de Cláudio II, nos quais o teor de fino não ultrapassa significativamente os 2%. Ao mesmo tempo, uma percentagem muito substancial dos depósitos é composta por pequenas quantidades de numerário: praticamente metade dos achados deste período não contém mais do que algumas dezenas de moedas. Descontando os depósitos funerários, em 30 achados repertoriados, 12 não forneceram sequer 100 exemplares: São Cucufate I (16 ex.), Freiria II (22 ex.), *Conimbriga* B (56 ex.), *Conimbriga* D (29 ex.), Maiorga (18 ex.), *Pollentia* II (19 ex.), Baelo (13 ex.), Son Hereu II (32 ex.), Jimena de la Frontera II (13 ex.), Rua Roc Chabás (86 ex.), Arjona (50 ex.) e Clunia II (54 ex.), aos quais podemos acrescentar três, que, por margem mais ou menos escassa, passam a centena: São Cucufate II (122 ex.), Liédena (105 ex.) e Son Hereu I (102 ex.). Considerando que praticamente metade destes achados é composta por pequenas somas - aquilo que correntemente designaríamos como o conteúdo de pequenos porta-moedas - é possível que muitos representem, com alguma fidelidade, o numerário circulante até 275 ou, o que se afigura como mais provável, até à Diarquia, não obstante a ausência das séries posteriores à reforma monetária de Aureliano. Colocando numa categoria à parte os depósitos posteriores de Sampaio e de Porto Carro, de que trataremos num próximo capítulo, a verdade é que a análise das moedas de escavações e achados ocasionais revela uma confrangedora escassez dos *aureliani*, atestando a débil circulação desta moeda. A análise daqueles dois tesouros revela precisamente que os grandes aforradores subtraíram rapidamente do circuito os exemplares restaurados - com um teor de fino a rondar os 5% - em detrimento dos antoninianos empobrecidos dos anos 266-270/1, que, devido aos efeitos perversos da Lei de Gresham, continuariam a constituir o grosso da massa monetária circulante. Apesar de atractiva, esta possibilidade depara-se, contudo, com um obstáculo de monta: a diminuta quantidade de *Divo Claudio* detectada nos achados lusitanos dos anos 268-274, sobretudo



os de fabrico irregular, quando sabemos que os mesmos inundaram literalmente os *stocks* monetários após a morte do Gótico, pelo que a cronologia de boa parte dos conjuntos não deveria logicamente afastar-se muito da que é sugerida pelos exemplares mais recentes de cada um.

Uma outra hipótese para a não recuperação de alguns destes pequenos achados, passaria pelo abandono voluntário dos mesmos, provocado pela constante quebra de valor intrínseco do antoniniano, quase nulo ao tempo da reforma de Aureliano, e pelos efeitos da mesma ao colocar nos circuitos moedas de um valor superior, o que pode ter provocado a desconfiança de alguns utilizadores em relação às velhas moedas e gerado a intenção de as desmonetizar. Tratando-se habitualmente de pequenas quantias, por vezes mesmo irrisórias, estamos em crer que a sua retirada dos circuitos e imobilização definitiva não acarretaria qualquer problema de natureza financeira para o possuidor<sup>58</sup>.

Relativamente aos depósitos do segundo grupo, que terminam com unidades posteriores à reforma de Aureliano, as dificuldades de interpretação persistem igualmente, tanto mais que as fontes escritas não fornecem informação relevante sobre a Lusitânia desta época, o mesmo sucedendo, por enquanto, com a Arqueologia.

Tesouros como o de Maiorga - que poderia terminar com moedas anteriores a 276 - e mesmo alguns aparentando maior antiguidade encontrariam uma eventual justificação numa conjuntura de instabilidade interna, decorrente do reconhecimento de Floriano pela Hispânia após a morte de Tácito e do mais que provável apoio das autoridades provinciais no breve conflito que o opôs a Probo no Verão de 276 (Zóximo, *NH*, I, 64, 1). Não será totalmente descabido supor que, após o triunfo de Probo, alguns provinciais se tenham recusado a aceitar a autoridade do novo imperador ou que tenham sido desencadeadas represálias por parte dos partidários de Probo sobre os apoiantes de Floriano, criando um clima de guerra civil nalgumas zonas da Hispânia.

Também já nos referimos anteriormente à hipótese sugerida por Alberto Balil de que as rebeliões de Próculo e Bonoso, ao tempo de Probo, tenham afectado a Hispânia,

---

<sup>58</sup> Embora esta seja uma possibilidade considerada por vários investigadores, Antony Kropff, num artigo acabado de dar à estampa, rejeita a teoria da desmonetização e defende que o pico de entesouramento atingido no Noroeste do Império durante este período (em particular nas Gálias e na Britânia), é reflexo da hiperinflação e da massiva produção de numerário de reduzido valor intrínseco, o que obrigou cada vez mais aforradores a guardarem um crescente número de moedas como forma de conseguirem alguma reserva de valor (KROPFF 2007 73-86).

podendo estar na origem de vários entesouramentos posteriores a 270. A *damnatio* e posterior reabilitação a que foi sujeito o nome deste príncipe na inscrição de Astorga (AE 1923 102) sugere a existência de problemas internos - guerra civil?- na parte final do seu governo<sup>59</sup>, pois não há qualquer indicação de que a mesma tenha sido decretada por Caro ou pelos seus sucessores. O fenómeno do martelamento do nome de Probo foi igualmente detectado em inscrições das províncias africanas e da Gália e tem sido interpretado como o reflexo dos pronunciamentos e usurpações que afectaram o seu principado (BALIL 1959 283-284).

Uma causa adicional para explicar algumas destas ocultações seria a pirataria, que parece ter afectado amplas áreas do Império, atingindo também as costas hispânicas, a fazer fé nas notícias que nos chegaram através das fontes antigas (*Vita Probi*, XVIII, 1-2; Zóximo, *NH*, I, 71, 1-2). Não existem, contudo, dados que nos permitam perceber a real extensão das actividades de corso e as suas implicações na vida das populações hispânicas durante esta época.

Por certo não custa demasiado admitir a vinculação a actos de pirataria do depósito de Maiorga, situado nas margens da antiga lagoa da Pederneira (BERNARDES 2007 195, nº 115), onde, em finais da época medieval, funcionava ainda um porto marítimo de grande importância económica (ANDRADE 2005 20-21), ou mesmo do de Monte Cavaleiro, próximo do litoral algarvio, se bem que neste caso o local nos parece protegido pela serra algarvia. Justificação idêntica poderia ser invocada para os achados de Vila Caíz e da Laje, localizados respectivamente nos vales do Tâmega e do Ave, para os do Cerro de la Encantada (Múrcia) e da província de Granada, pela sua proximidade ao Mediterrâneo, ou até para outros, cuja cronologia aparenta ser um pouco mais antiga, como os de Torre de Ares, da região de Lisboa, de Sintra e de Torres Vedras, entre outros. Por outro lado, afigura-se bastante difícil, nalguns casos até completamente impossível, relacionar com tais sucessos - se é que eles alguma vez tiveram lugar - depósitos como os de Montalegre, Fragas do Piago, região de Chaves, Peal del Becerro, Santa Elena, etc., uma vez que não nos parece provável que os corsários se internassem tão profundamente em territórios que seguramente desconheciam.

---

<sup>59</sup> CEPAS (1997 131, nº 100) data a inscrição de 282.

Daí que compreender as motivações para a não recuperação de muitos destes conjuntos seja tarefa difícil e é bem possível que, por detrás da sua não recuperação, se escondam múltiplas facetas de uma realidade bastante complexa, que presentemente somos incapazes de captar em toda a sua essência.

## 2.5. Da morte de Carino ao final da Primeira Tetrarquia (285-305)

### 2.5.1. Introdução

As duas décadas de estabilidade relativa vividas pela Península, após a investidura de Diocleciano com a púrpura imperial, contribuirão para explicar, julgamos nós, a rarefação do fenómeno do entesouramento nesta época. Com efeito, ainda que na Lusitânia o número de entesouramentos dos anos 285-305 supere ligeiramente os dos anos 215-238, 238-253 e 253-268, nas restantes províncias da Hispânia estamos perante o período com menor índice de entesouramentos de todo o século III (cf. *supra* Gráfico 23). Para trás ficou definitivamente um período de grande turbulência, da qual o elevado número de ocultações monetárias não recuperadas não será mais do que um indicador, ainda que relativo.

Para o período 285-305 foram identificados com segurança dois importantes achados: Sampão e Porto Carro. O primeiro é constituído por 377 moedas, maioritariamente antoninianos e aurelianos. Como subsistem várias dúvidas relativamente às circunstâncias da sua descoberta, ignoramos se está ou não completo. No seu estado actual o depósito estende-se por um arco cronológico que vai do principado de Galieno à Diarquia (cf. Quadro 37). Os *aureliani* mais recentes, que atribuímos respectivamente às terceiras emissões de Roma e de Ticinum, não ultrapassam a data de 287.

	Pr. M	Lug	Rom	Med	Tic	Sis	Balc	Ser	Ciz	Loc	Ind	Total	%
Galieno			25	1								26	6.9
Cláudio II			28	2								30	7.96
<i>Divo Claudio</i>			3							4		7	1.86
Quintilo			2	1								3	0.8
Aureliano			19	8	7	10	5	1	6			56	14.85
Tácito		3	2		2							7	1.86
Floriano			1		1				1			3	0.8
Probo		10	86		38	21		2	1	1		159	42.18
Caro <i>et sui</i>		8	35		20							63	16.73
Diocleciano e co-reg.			17		4							21	5.57
Imp. indet.											1	1	0.27
Póstumo	1											1	0.27
Total	1	21	215	12	72	31		3	8	8	6	377	100

Quadro 37 - Composição do tesouro de Sampão

Em termos de composição, este conjunto apresenta algumas particularidades interessantes, tais como uma percentagem relativamente baixa de numerário de Galieno, Cláudio II e da série *Divo Claudio*, pouco comum na maior parte dos depósitos desta época, e uma elevada representatividade da amoedação de Probo (42,18% do achado), o que poderá indiciar que a constituição do depósito não será anterior à penúltima década do século III (cf. *infra* Gráfico 29). Aliás, no mesmo sentido parece apontar o facto de, contrariamente ao que sucede nas tesourizações mais antigas, em Sampão o numerário de Cláudio II se superiorizar ao de Galieno, ainda que por curta margem (7,96 contra 6,90%). Ao mesmo tempo, em Sampão, a percentagem de moeda posterior à reforma de Aureliano (72,94%) é muito superior à contabilizada noutros entesouramentos cuja formação se iniciou alguns anos antes, como Porto Carro (37,36%), levando a supor que, ao tempo em que o aforrador de Sampão iniciou a sua poupança, parte do bilhão desvalorizado dos anos 260-270 já havia sido retirado dos circuitos. Ou, então, estamos aqui na presença de um exemplo de extrema selectividade.

Quanto ao depósito de Porto Carro (Torrão, Alcácer do Sal), a sua cronologia parece um pouco mais tardia, uma vez que a moeda mais recente identificada é um neoantoniniano de Diocleciano lavrado em Cízico nos anos 295-299 (RIC 15a). Inicialmente o conjunto seria constituído por umas cinco mil numismas (números redondos), das quais se identificaram até ao momento 2249 unidades (cf. *infra* Quadro 38). Como veremos oportunamente, trata-se de um depósito com nítidas características de aforro, iniciado, o mais tardar, por volta de 270-271. Deste depósito, as moedas mais antigas até agora identificadas pertencem ao governo conjunto de Valeriano e Galieno e são em escasso número (18 exemplares), cifrando-se em apenas 0,8% do depósito. Por certo que o seu elevado teor de prata, por comparação com o numerário empobrecido dos anos 260-270, terá estado na origem de uma prematura retirada da circulação, fosse pela via do entesouramento - como vimos a propósito do depósito de Valhascos I - fosse pela via da refundição.

Ao invés do que sucede em Sampão, Porto Carro caracteriza-se pelo elevado volume das emissões em nome de Galieno e Cláudio II, cifrado em 42,8% do numerário inventariado. Trata-se de uma situação que encontra paralelos, em percentagem maior ou menor, noutros depósitos de finais do séc. III: La Venèra (21,47%), Monkton Farleigh

(25,02%), Baixo Rentgen (33,85%), Fresnoy-lès-Roye I (39,03%), Troussey (46,30%), Thibouville (51,93%), Colonne I e II (53,12%), Bavai (74,43%) e Santulhão (79,5%) (cf. *infra* Gráfico 30).

Impressiva é também a proporção de moedas da série *Divo Claudio* presentes em Porto Carro: 282 unidades, ou seja 12,54% dos espécimes recenseados. No cômputo dos tesouros analisados este valor encontra apenas termo de comparação nos conjuntos de Santulhão (8,85%) e Thibouville (11,21%), sendo largamente superado em Bavai (19,4%) e Troussey (22,31%). Refira-se que nos restantes achados analisados a frequência do numerário póstumo em honra do Gótico oscila entre os 1,55% de Colonne I e II e os 3,86% de Fresnoy-lès-Roye I.

Bem representado em Porto Carro encontra-se igualmente o numerário lavrado entre Probo e 294 (32,26%). Este facto é comum à maior parte dos depósitos contemporâneos analisados, à excepção de Santulhão (0,60%), Bavai (0,25%), Blackmoor (2,09%) e Monkton Farleigh (1,75%). Não deixamos de notar que, exceptuando o neoantoniniano de Cízico a que já fizémos alusão, o aforrador não conseguiu, ou não quis, adicionar ao seu pecúlio outras moedas emitidas após a reforma de 294 - nomeadamente os *nummi* que aparecem com alguma frequência em ocultações da época tetrárquica, como sucede em Troussey (571 ex.), Fresnoy-lès-Roye I (418 ex.) e Thibouville (32 ex.). Observando a proveniência deste numerário, percebe-se que os entesouradores gauleses aproveitaram a proximidade dos centros emissores de Londres, Lyon e Trier para acrescentarem de imediato os recém-cunhados bronzes reformados às suas economias. É possível que na Hispânia a renovação da massa monetária circulante se tenha processado a um ritmo mais lento, mas pode tratar-se apenas de uma situação circunstancial que afectou o aforrador de Porto Carro. O certo é que os depósitos peninsulares compostos exclusivamente por *nummi* da Primeira Tetrarquia são raros: até 305 apenas conhecemos de momento o pequeno "porta-moedas" de Lliria, ao qual se poderá adicionar o eventual achado de S. Marcos da Serra, de que trataremos mais adiante.

	Lug	M II	Gal	Vim	Rom	Med	Tic	Sis	Balc	Ser	Ciz	Ant	2Or	Loc	Ind	Tot	%
Valeriano e Galieno			2	1	11	2							1	1		18	0.8
Galieno					464	24		16				2	1	18	1	526	23.4
Cláudio II					398	8		14			1			15		436	19.4
<i>Divo Claudio</i>					37									245		282	12.5
Quintilo					30	3					1					34	1.5
Aureliano					41	33	17	31	11	11	26	1				171	7.6
Tácito	9				19		7	4			2					41	1.8
Floriano	1				7			2		1	1					12	0.5
Probo	35				154		72	75		13	7				2	358	15.9
Caro <i>et sui</i>	9				56		20	6			1					92	4.1
Juliano								1								1	0.0
Diocleciano e co-reg.	35				197		37	3			1	2				275	12.2
Império Gaulês		1												2		3	0.1
Total	89	1	2	1	1414	70	153	152	11	25	40	5	2	281	3	2249	100

**Quadro 38 - Composição do tesouro de Porto Carro**

Como temos vindo a constatar, Porto Carro desenha um padrão de entesouramento que se assemelha de forma significativa ao dos conjuntos ocultados na Gália Bélgica entre 285 e 305 (cf. *infra* Gráfico 30). Sampão, por seu turno, aproxima-se mais de um pequeno grupo de achados localizados na Ulterior Bética e na Itália. O Gráfico 29 (cf. *infra*) mostra de forma eloquente como o conjunto de Sampão decalca, com uma precisão assombrosa, o perfil do depósito de Sevilha e se aproxima bastante dos conjuntos de La Venèra, Nago, Dambel e Demonte. Tomando como referência a distribuição percentual do numerário por reinados, ficam bem à vista as grandes similitudes entre os conjuntos: em qualquer um deles predominam as emissões em nome de Probo (Sampão: 42,18%; Sevilha: 42,40%; Nago: 42,46%; Dambel: 41,02%; Demonte: 43,08% e La Venèra: 28,19%), seguidas em regra pelas de Aureliano (Sampão: 14,85%; Sevilha: 14,62%; Nago: 27,65%; Dambel: 25,78%; Demonte: 27,04% e La Venèra: 23,64%) e de Caro e família (Sampão: 16,71%; Sevilha: 14,18%; Nago: 11,17%; Dambel: 10,55%; Demonte: 11,64% e La Venèra: 9,59%), situadas sempre bem acima da média dos restantes achados analisados. Pelo contrário, a percentagem das emissões de Galieno, Cláudio II e dos *Divo Claudio*, encontra-se nitidamente abaixo da média das restantes ocultações. No caso do tesouro alentejano, como de resto no caso dos achados de Sevilha, Nago, Dambel e Demonte, estas características parecem estar associadas a uma formação tardia da deposição. No caso do tesouro de La Venèra, embora esta hipótese também seja de considerar, estamos em crer que a renovação de numerário se terá efectuado a um ritmo bastante mais acelerado, pelo que estas características não serão tanto de estranhar. A análise do Quadro 39, situado mais abaixo, evidencia bem que a renovação dos *stocks* monetários se efectuou de forma irregular pelo Ocidente romano,

levando a que nalgumas áreas os entesouradores encontrassem sérias dificuldades em aceder ao *aurelianus*, o que se reflecte bem na qualidade do numerário entesourado. Não é por acaso que, em depósitos como os de Santulhão e Bavai, o numerário depreciado, cunhado pelo Império Central entre 260 e a reforma de Aureliano, ultrapassa os 95% do total. Em Santulhão, para o período 275-287, o aforrador reuniu unicamente 25 *aureliani*, mas, em Bavai, que não foi ocultado antes 287-289, só a custo o aforrador conseguiu acrescentar 17 moedas às 6642 anteriores a 275. Na Britânia, o isolamento e o afastamento em relação aos centros emissores tornou a renovação ainda mais difícil. Nas ilhas a circulação é assegurada, sobretudo, pelo numerário dos usurpadores gauleses, complementado pelas emissões em nome de Galieno e Cláudio II, cunhagens póstumas incluídas. A tendência, observada nos tesouros de cronologia mais antiga, como Cunetio e Normanby, mantém-se pelo menos até à última década do séc. III, como atestam os depósitos de Blackmoor e Monkton Farleigh, com mais de 90% do numerário a pertencer aos anos 260-274, predominantemente de origem gaulesa (73,4% para Blackmoor e 65,78% para Monkton Farleigh).

A situação parece bem diferente no Sul e no Sudoeste da Hispânia, onde, aparentemente, os aforradores não revelam grandes dificuldades na obtenção de *aureliani*. Em Porto Carro, 34,61% do numerário é posterior a Aureliano; contudo, esse valor sobe para 67,12% em Sampão, para 68,44% no achado de Sevilha e para 93,97% na amostra conhecida do depósito de Santo Tomé. E, entre as 400 moedas observadas por Guadán - das cerca de 1000 que integrariam um depósito descoberto algures no Sul de Espanha - 200 foram cunhadas para Probo. Estamos em crer que este notório afluxo de numerário reformado ao Ocidente hispânico, onde foi rapidamente entesourado (são poucos os exemplares deste período recolhidos em achados isolados), se deve em boa medida aos contactos comerciais privilegiados que o Sul da Lusitânia e a Bética mantiveram com a Itália e com outras províncias do Império.



	P. Carro	Sampão	Santulhão	Sevilha	S. Tomé	La Venèra	Nago	Dambel	Demonte	Bavai	Colonne I-II	Fresnoy I	B. Rentgen	Thibouville	Troussey	Blackmoor	M. Farleigh
<i>ante</i> . 260	0.8		0.55		0.6	0.29				0.47	1.85	0.11	0.22	0.15	0.34	0.29	0.29
Galieno	23.4	6.9	46.17	6.8		12.3	0.28		0.31	41.09	25.14	22.93	18.67	26.44	28.39	6.65	14.37
Cláudio II	19.4	7.96	33.33	8.97		9.17	0.56	0.39	0.63	33.34	27.98	16.1	15.18	25.49	17.91	10.24	10.65
<i>Divo Claudio</i>	12.54	1.86	8.85			1.35				19.4	1.55	3.86	3.34	11.21	22.31	2.5	1.59
Quintilo	1.51	0.8	2.4	0.72		0.78	0.28			2.27	1.71	1.32	1.01	1.69	0.73	0.73	0.66
Aureliano	7.61	14.85	1.8	14.62	5.42	23.64	27.65	25.78	27.04	1.13	6.79	3.64	4.8	4.08	1.74	0.7	0.66
Tácito	2.35	2.66	0.06	0.72	4.82	6.47	6.43	6.25	11.64	0.02	1.87	1.32	1.99	1.97	0.22	0.73	0.35
Floriano	0.53	0.8	0.03	0.14	2.41	1.15					0.19	0.33	0.24	0.34	0.07	0.04	0.03
Probo	15.93	42.18	0.23	42.4	7.83	28.79	42.46	41.02	43.08	0.08	9.71	9.48	12.05	7.28	4.54	1.4	1.52
Caro <i>et sui</i>	4.14	16.71	0.34	14.18	50.6	9.59	11.17	10.55	11.64	0.11	2.95	3.25	5.13	2.46	1.53	0.19	0.14
Diocl. e co-reg.	12.19	5.57	0.03	11.14	30.72	7.31	11.17	16.02	5.66	0.06	15.12	33.96	17.51	17.41	19.58	0.5	0.09
Imp. gaulês	0.13	0.27	6.2	0.43		0.26				2.04	4.22	3.97	12.36	0.8	1.07	73.4	65.78
Imp. britânico																2.67	
Nº moedas	2249	377	3840	691	166	45867	358	256	318	6659	3624	1814	15222	3256	5864	22436	3466

**Quadro 39 - Composição de 17 tesouros ocidentais dos anos 285-305<sup>60</sup>**

<sup>60</sup> A bibliografia dos tesouros mencionados no quadro é a seguinte: Santulhão (PARENTE 1994-1995 37-86 e 181-248); Sevilha (BALIL 1957 142); S. Tomé, Jaén (MATEU Y LLOPIS 1958 181, nº 982); La Venèra, Veneto (MILANI 1880, ESTIOT 1987 e 1995, GIARD 1995 e GRICOURT 2000); Nago, Trento (ESTIOT e ALRAM 1999); Dambel, Trento (CALLU 1969 354); Demonte, Piemonte (CALLU 1969 354, n. 1); Bavai, Nord (GRICOURT 1958 3-118); Colonne I-II, Jura (ESTIOT 1998 107-180); Fresnoy I, Somme (BASTIEN e VASSELLE 1971); Baixo Rentgen, Mosela (VON HAMMERSTEIN *et alii* 1896 1-43); Thibouville, Eure (BASTIEN e PFLAUM 1961-1962 71-104 e 255-315); Troussey, Meuse (ESTIOT 1998a 181-303); Blackmoor, Hampshire (BLAND 1982); Monkton Farleigh, Wiltshire (CARRADICE 1984 61-88).

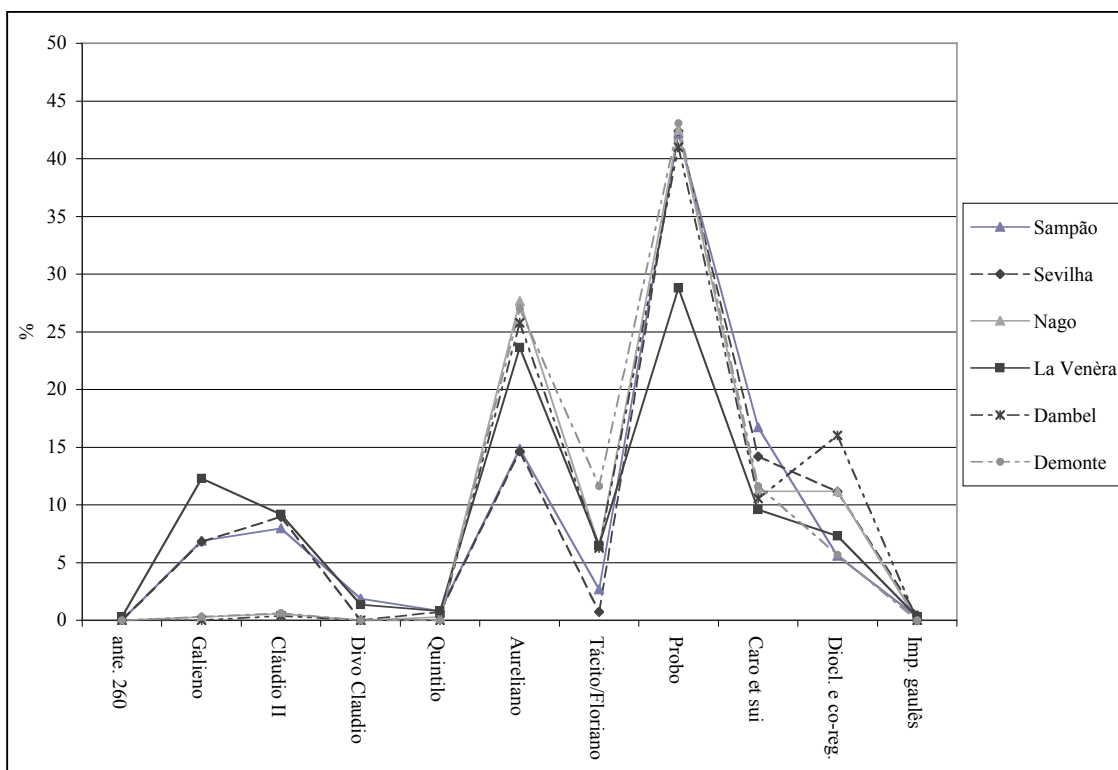


Gráfico 29 - Comparação da estrutura do tesouro de Sampão com 5 tesouros dos anos 285-305 (%)

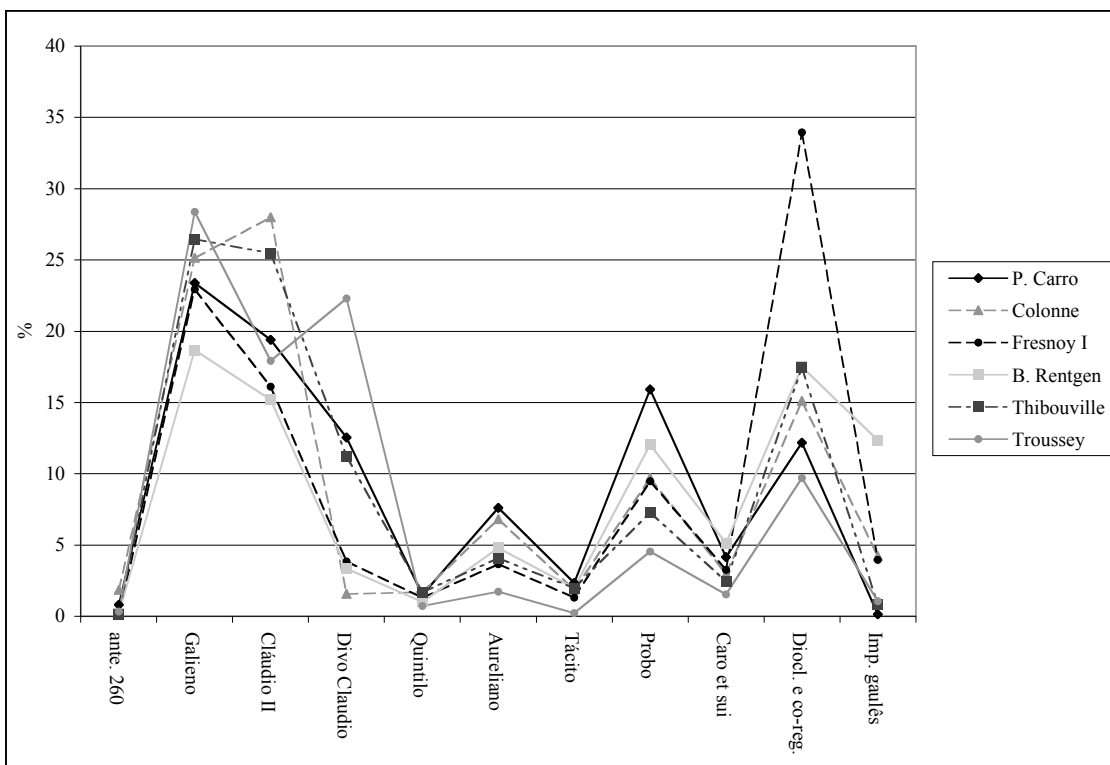


Gráfico 30 - Comparação da estrutura do tesouro de Porto Carro com 5 tesouros dos anos 285-305 (%)

Para além dos depósitos de Sampão e Porto Carro, consideramos ainda a hipótese de que tanto os achados de El Gordo (Campo Arañuelo, Cáceres), Freiria III e Valhascos II, como os hipotéticos conjuntos de S. Marcos da Serra (Silves, Faro) e de Numão/Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Guarda) pertençam também ao mesmo horizonte cronológico.

O primeiro, descoberto em meados do século XX em circunstâncias desconhecidas, era maioritariamente composto por numerário de Diocleciano e Maximiano, em bom estado de conservação. Algumas das moedas terão dado entrada no Museu Arqueológico Provincial de Cáceres, mas não foi possível localizá-las - tudo levando a crer que se tenham perdido sem que alguma vez se tenha realizado qualquer descrição das mesmas. Daí que resulte impossível saber se são anteriores ou posteriores à reforma de 294, admitindo-se mesmo a hipótese de a ocultação se ter realizado após o final da primeira Tetrarquia.

O pequeno conjunto da Freiria III, de que apenas tivemos conhecimento na parte final da presente dissertação, representará o conteúdo de um *porta-moedas*, no qual predominam os neoantoninianos, a denominação que a nível local parece fazer a transição entre as moedas radiadas do último quartel do século III e os *nummi* constantinianos. Esse facto explicaria a sua abundância ao nível dos achados isolados e o aparente sucesso local. O achado é composto por um antoniniano de Galieno, outro de Cláudio II, um aureliano de Diocleciano e quatro neoantoninianos. A moeda mais recente foi batida em Cartago por volta de 303 e parece ostentar alguns sinais de desgaste, o que nos leva admitir a que a sua perda teve lugar para além de 305.

De Valhascos II pouco sabemos: dele não chegaram até nós mais do que doze unidades reformadas de Aureliano, Probo e Carino para Magnia Urbica (cfr. *infra* Quadro 40). Tratando-se de uma amostragem bastante pequena e não sabendo nós a que percentagem do achado corresponde, não vale a pena entrarmos em grandes considerações. As notas mais salientes vão para a predominância do numerário de Probo - 9 exemplares em 12, a maior parte cunhada em Roma - e para a moeda em nome de Magnia Urbica, o que não deixa de alguma forma de ser invulgar. Atendendo a que as moedas em nome da esposa de Carino são muito pouco comuns nos entesouramentos de

finais do século III - em Porto Carro recenseou-se um único exemplar entre 92 numismas de Caro e família<sup>61</sup> e, em Sampão, um entre 63 - parece-nos provável a presença, no achado, de unidades de Caro e dos filhos ou até da Diarquia. Aliás, tomando em linha de conta a cronologia proposta para o *aurelianus* de Magnia Urbica - meados de Novembro de 284 (PINK 1963 37) ou meados de Outubro de 284-meados de Agosto de 285 (GRICOURT 2000 188) -, o abandono do conjunto nunca poderá ser anterior a finais de 284, sendo mais do que plausível uma data bem mais tardia, em plena Diarquia ou mesmo no período tetrárquico.

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ind	Total
Aureliano		1		1		2
Probo	1	5	2		1	9
Carino		1				1
Total	1	7	2	1	1	12

Quadro 40 - Composição das moedas conhecidas do tesouro de Valhascos II

Quanto aos *nummi* tetrárquicos achados em S. Marcos da Serra, a fazerem parte de um entesouramento - e temos como muito provável que fizessem até porque, como o nosso inventário bem demonstra, os achados isolados deste tipo de numerário não são assim tão frequentes -, ficam igualmente por determinar as condições de jazida do depósito, o número de moedas que o integravam, a composição e a cronologia. Não obstante as dez moedas descritas por Maria Luisa Santos (SANTOS 1972 121-126) serem anteriores a 305, nada impede que o conjunto integrasse numerário da Segunda Tetrarquia ou até já do período constantiniano, à semelhança de outros achados peninsulares como os de Monte Mozinho, Penafiel (PEREIRA 1974 75-167; LIRA 1984-1985 59-75); antiga freguesia de Santa Cristina, Braga (HIPÓLITO 1960-1961 21, nº 19); Calle S. Fernando, Lugo (VÁZQUEZ SEIJAS 1939 32); Cadramón, Lugo (ARIAS 1979 325-327); Foxó, Astúrias (DIEGO SANTOS 1966 293-313) e Sacona, Viscaia (CEPEDA 2004 105 e 110, Fig. 3).

Finalmente, no que respeita ao hipotético achado procedente da área de Freixo de Numão, são em número bem menor as certezas do que as conjecturas. Noticiando a

<sup>61</sup> Todavia, em conversa pessoal, Mário Hipólito informou-nos de que o lote do Museu Municipal do Bombarral possuiria originalmente cinco exemplares em nome desta imperatriz.

realização da 1ª Exposição Numismática da Guarda, Adriano Vasco Rodrigues dá conta da presença na mesma de uma "quantidade de antoninianos provenientes do castelo de Numão" (RODRIGUES 1954 205). No castelo de Numão não foram, por enquanto, detectados vestígios de ocupação romana. Estes subsistem, todavia, sob a actual povoação (COIXÃO 2000 242-243), havendo boas possibilidades de que a procedência esteja correcta. As moedas terão dado entrada no Museu da Guarda, mas não é totalmente seguro que o lote de mais de quatro dezenas de radiados hoje no acervo da instituição seja todo oriundo do mesmo achado, uma vez que lhe podem ter sido acrescentadas moedas de achados isolados ou até de outras deposições. O certo é que o núcleo central, constituído por 35 exemplares de Galieno e Cláudio II, é bastante homogéneo apresentando-se as numismas, regra geral, muitíssimo bem conservadas, com várias peças a ostentarem ainda vestígios de prata. Quanto aos aurelianos de Probo (3 ex.) e Numeriano (1 ex.) e, sobretudo, aos neoantoninianos de Diocleciano (1 ex.) e Constâncio Cloro (1 ex.), a sua pertença ao depósito, ainda que não descartável, já será mais discutível. Por um lado, porque estas moedas nos aparecem aqui em pequeno número<sup>62</sup>, por outro, porque nos deparamos com um hiato para os anos 270-276: nota-se efectivamente a ausência de quaisquer unidades de Quintilo, Aureliano e Tácito e, acima de tudo, da série *Divo Claudio*, o que é deveras invulgar nos achados do último quartel do séc. III.

Todavia, esse facto pode ter ficado a dever-se a uma selecção prévia do numerário após a descoberta do depósito, uma vez que o número de moedas inventariadas é reduzido, sendo talvez lógico supor que estaremos apenas a lidar com uma fracção de um conjunto maior, cuja composição inicial poderia divergir bastante da amostra que temos em mãos. Se nos é permitida a comparação, seria um pouco como tentar apreender a estrutura do tesouro de Porto Carro unicamente a partir dos 31 exemplares da colecção de Barcelona ou dos 79 publicados por Maria Filomena Salgado da Rocha (ROCHA 1979 73-86).

Na eventualidade de as duas moedas tetrárquicas acima referidas fazerem parte do depósito, então a cronologia do mesmo nunca seria anterior a 299 - data da fracção

---

<sup>62</sup> Convém, todavia, ter presente que, num tesouro como o de Santulhão (que fecha com um *aurelianus* de Diocleciano dos anos 286-287), apenas 16 das 3840 moedas do achado são posteriores a 275.

radiada batida para Diocleciano em Ticinum (RIC 36a) -, aproximando-se de forma significativa da data provável do tesouro de Porto Carro.

Contudo, as inúmeras incertezas que rodeiam este suposto conjunto aconselham alguma prudência na hora da sua utilização enquanto fonte histórico-numismática de primeira importância.

**Apêndice: Tesouros hispânicos com moedas dos anos 285-305<sup>63</sup>:**

- Santulhão, Vimioso: tesouro encontrado dentro de um vaso de barro em 1974 por um camponês, quando arrancava uma árvore. Continha, para além de um bronze da época republicana, 3840 exemplares de Valeriano I a Diocleciano (PARENTE 1994 37-86 e 1995 181-248);
- Ohimbra, Orense: notícia vaga do achado de cerca de 400 moedas de ouro em 1744, de "Diocleciano, Maximiano e outros imperadores romanos". A cronologia do achado permanece incerta, podendo datar já do século IV (cf. Conimbriga 1965 106; BOST *et alii* 1992b 55, nº 122; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 146, nº 90);
- Linares, Jaén: depósito composto por cerca de 25000 antoninianos e aurelianos descobertos em circunstâncias desconhecidas. Os exemplares mais recentes teriam sido emitidos para Diocleciano e Maximiano antes de 294 (BALIL 1957 143; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 146, nº 88);
- Santo Tomé, Jaén: tesouro composto por mais de 4000 moedas, descobertas em 1957 em contexto e circunstâncias desconhecidas. Numa amostragem de 166 numismas são referidas unidades de Constâncio Cloro, sem especificar se são anteriores ou posteriores a 294 (MATEU Y LLOPIS 1958 181, nº 982; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 147, nº 93);
- Sevilha: depósito composto por 691 antoninianos e aurelianos achados em local e circunstâncias não especificadas. Os exemplares mais recentes seriam de Diocleciano e Maximiano, anteriores à reforma de 294 (BALIL 1957 142; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 146-147, nº 92);
- Lliria, Valência: pequeno conjunto composto por um *aurelianus* e quatro *nummi* tetrárquicos, descoberto no decurso de escavações arqueológicas na fachada traseira das "Termas maiores" da cidade romana de Edeta. O exemplar mais recente foi cunhado em Lugdunum para Maximiano (RIC 113, de 301-303 d.C.) (LLEDÓ CARDONA 2005 155-60);

---

<sup>63</sup> Jorge de Alarcão refere "vinte moedas, muitas das quais de Diocleciano" encontradas na Cumieira (Viseu), juntamente com outros materiais arqueológicos (ALARCÃO 1988b II/1 55, nº 4/81), sem especificar se as moedas foram encontradas avulsas ou se faziam parte de um tesouro. Na ausência de informação mais detalhada limitamo-nos a registar a ocorrência com esta breve nota.

- Sul de Espanha: conjunto descoberto em circunstâncias e local incertos, constituído, ao que parece, por mais de um milhar de exemplares, dos quais se identificaram sumariamente uns 400, de Cláudio II a Diocleciano. Destas 400 moedas, 80 foram cunhadas para Aureliano e 200 para Probo (GUADÁN 1964 37-45; MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 146, nº 91).

### 2.5.2. Análise numismática dos tesouros de Sampão e Porto Carro

Como já tivemos oportunidade de referir, o depósito de Porto Carro inicia-se com numerário do reino conjunto e Sampão com numerário do reino absoluto de Galieno.

Os 18 exemplares dos anos 253-260 contabilizados no tesouro sadino representam menos de 1% do depósito e atestam que, por volta de 270-271 (data provável para o arranque da tesourização), a moeda radiada de maior valor intrínseco já havia sido subtraída à circulação na quase totalidade. Não surpreende, por ser comum à generalidade dos tesouros desta época, a ausência de exemplares anteriores a 253 contendo ainda um significativo teor de fino.

#### **Galieno**

Em Porto Carro foram contabilizados 526 antoninianos em nome de Galieno, ou seja, aproximadamente um quarto das moedas inventariadas para o depósito (Cf. *supra* Quadro 39). No tesouro de Sampão, constituído cerca de uma década mais tarde, os 26 radiados de Galieno possuem um peso mais modesto, não chegando a atingir os 7%. Como é habitual, a esmagadora maioria do numerário deste imperador presente em Porto Carro e Sampão foi produzida na casa da moeda central. A análise do Quadro 41 (cf. *infra*) não deixa qualquer margem para dúvidas quanto à preponderância da ceca romana na amoedação de Galieno em diversas deposições ocidentais de finais do século III. Para a moeda cunhada em Roma, a média ponderada dos diversos conjuntos cifra-se em cerca de 86%, valor muito próximo do obtido para Porto Carro (88,21%). Em Sampão os antoninianos romanos de Galieno representam 96,15% das 26 moedas inventariadas para este governante, o valor mais elevado de quantos foram obtidos. Contudo, e em face de tão pequeno número de moedas, aquela cifra não é credora de qualquer significado especial.

A amoedação oficial em nome de Galieno presente em Porto Carro é completada, ainda que em percentagem reduzida, pelas séries de Milão (4,56%), *Siscia* (3,04%), Antioquia (0,38%) e da *Segunda Casa da Moeda do Oriente* (0,19%). Esta hierarquia é respeitada em praticamente todos os achados utilizados na comparação, à excepção de Santulhão e Fesnoy-lès-Roye I, nos quais as produções da casa da moeda



panónica ultrapassam as do centro emissor milanês. As séries orientais têm um papel meramente residual nos depósitos ocultados no Ocidente durante as últimas décadas do séc. III.

Um aspecto que consideramos relevante em Porto Carro prende-se com a identificação de 18 exemplares de fabrico irregular em nome de Galieno (3,42%). Trata-se de uma percentagem relativamente alta em função do cotejo com os restantes depósitos considerados, mas que, mesmo assim, é suplantada por Troussey (3,9%) e Normanby (5,16%). Todavia a identificação de uma imitação envolve frequentemente uma boa dose de subjectividade, pelo que a moeda que para um investigador é produto de uma cunhagem fraudulenta, pode ser para outro uma produção genuína da casa da moeda, ainda que de fabrico deficiente. Mais para diante, retomaremos esta problemática.

	Rom	Mil	Sis	Ant	2Or	Loc	Ind	Nº ex.
P. Carro	88.21	4.56	3.04	0.38	0.19	3.42	0.19	526
Sampão	96.15	3.85						26
Santulhão	91.39	4.09	4.21	0.06		0.24		1685
La Venèra	88.09	5.96	5.28	0.04	0.02	0.44	0.18	5641
Bavai	91.23	5.08	3.25			0.44		2736
Colonne I	75.52	19.17	3.54	0.44		0.29	1.03	678
Thibouville	94.41	2.91	2.68					859
Troussey	90.93	3.06	2.04	0.06		3.9		1665
Fresnoy I	93.24	2.42	2.9			0.72	0.72	414
Blackmoor	77.68	13.43	8.32	0.14			0.43	1407
Normanby	84.7	6.03	4.05	0.06		5.16		6569

**Quadro 41- Repartição, por casas da moeda, do numerário de Galieno em tesouros dos anos 285-305**

## Roma

Em Porto Carro no total foram contabilizados 462 radiados em nome de Galieno e Salonina, emitidos pela *Moeda* da capital ao longo de seis séries entre 260 e 268. No Quadro 42 e no Gráfico 31 (cf. *infra*) estabelece-se a ordenação das moedas pelas respectivas emissões e procura-se comparar os resultados obtidos para o depósito lusitano com os fornecidos por outras deposições mais ou menos contemporâneas.

	Sér. 1-2	Sér. 3	Sér. 4	Sér. 2-5	Sér. 5	Sér. 6	Nº ex.
P. Carro	3.46	6.93	0.43	1.73	44.59	42.86	462
Santulhão	3.2	9.61	1.54	0.12	49.6	35.92	1623
La Venèra	7.12	9.01	1.51	0.49	48.35	33.52	4707
Bavai	4.14	6.36	0.52	1.35	49.18	38.45	2515
Thibouville	4.14	5.14	1.13	0	46.3	43.29	797
Colonne I- II	6.41	5.96	2.68	0.15	45.6	39.2	671
B. sur les Marches	5.87	7.28	0.59	0.59	45.66	40.02	852
Troussey	4.24	8.67	1.06	1.19	50.03	34.81	1511
Blackmoor	6.76	6.76	3.81	2.38	24.83	55.47	1051
Normanby	4.93	7.64	0.65	1.44	52.43	32.91	5539

**Quadro 42 - Distribuição, por séries, das moedas de Roma de Galieno em 10 tesouros (%)**<sup>64</sup>

É sem surpresa que constatamos a preponderância das moedas cunhadas durante as duas últimas séries, com a do *sétimo consulado* a sobrepor-se ligeiramente à do *bestiário* (44,59 contra 42,86%). De resto, o domínio da quinta série é manifesto em todos os conjuntos analisados, à exceção de Blackmoor. Em Porto Carro as moedas das quinta e sexta séries totalizam 87,45% do numerário batido em Roma para Galieno, cifra que se situa na metade superior do intervalo definido para o grupo de achados utilizados na comparação (os valores oscilam entre os 80,3% de Blackmoor e os 89,59% de Colonne I). A explicação para esta abundância radica na quantidade massiva de antoninianos empobrecidos mandada cunhar por Galieno a partir de 266. Os dados compilados por Sylviane Estiot (1996 52-53, Figs. 10-12) mostram as implicações da decisão imperial no volume das emissões dos anos 266-268: é assim que se assiste à sua multiplicação por três nos tesouros e por cinco nos sítios arqueológicos.

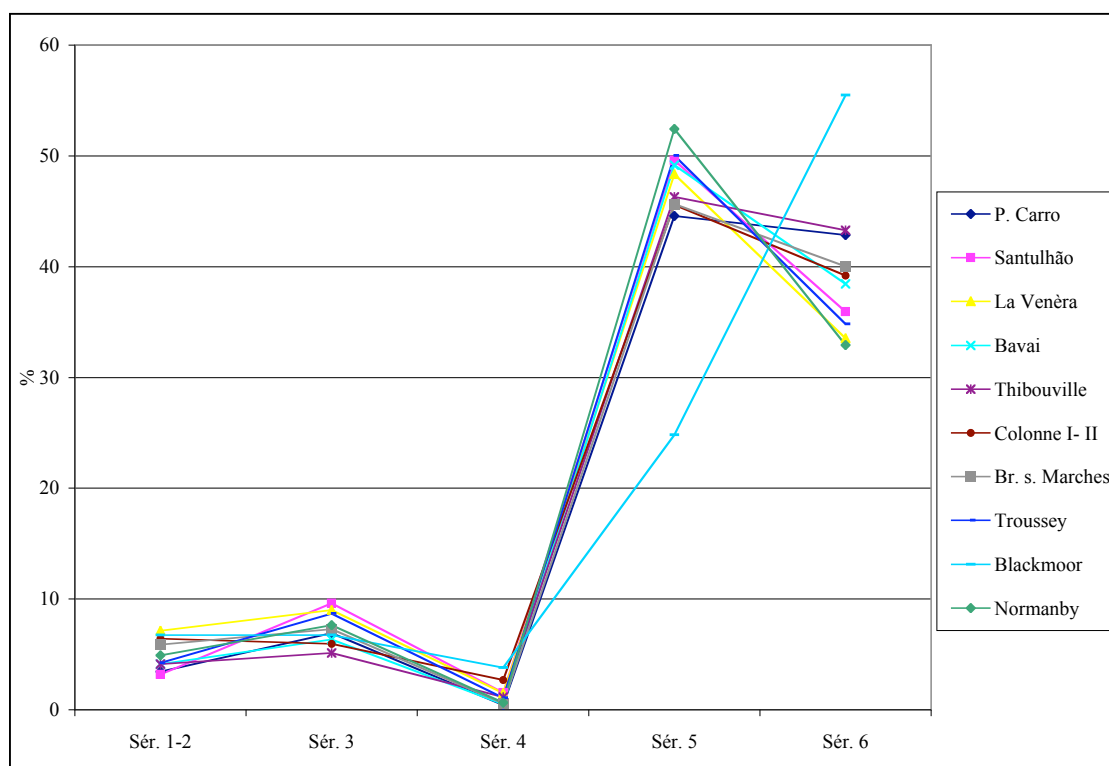
Segue-se a terceira série, com cerca de 7% das cunhagens contabilizadas para a casa da moeda central, um valor médio no contexto do grupo de achados estudado. As moedas produzidas no decurso das duas primeiras séries ocupam o penúltimo lugar em termos quantitativos, cingindo-se a uns meros 3,46% do total, nitidamente abaixo do valor médio de 5,18%, obtido para os restantes achados referidos no Quadro 42. De acordo com as análises metalográficas disponíveis (Cope *et alii* 1997 75), o teor de fino das moedas das primeiras séries (c. 10-11,8%) é muitíssimo superior ao das moedas da quinta (c. 4,9-6,2%) e, sobretudo, da sexta (c. 1,7-2,7%). Esta desvalorização abrupta da

<sup>64</sup> Para além dos tesouros mencionados nos quadros anteriores, cuja bibliografia se encontra citada na n. 1, acrescentou-se neste quadro e nos seguintes o depósito de Brains-sur-les-Marches, Mayenne (HOLLARD e LECHAT 2000 57-116).

moeda radiada, levada a termo num brevíssimo espaço de tempo, provocou a rápida retirada da circulação dos espécimes mais valiosos, não surpreendendo, por isso, a sua escassez nas deposições mais tardias. A comparação com achados ocultados entre 268 e 275 deixa bem claro que o volume do numerário das duas primeiras séries romanas de Galieno é assaz superior nas ocultações mais antigas: 7,29% para Jimena de La Frontera, 8,31% para Reguengo, 10,86% para Valsadornín e 14,71% para Cunetio.

A mesma lógica aplica-se de igual forma às produções da quarta série - já de si bastante escassas - que em Porto Carro contabilizam apenas 0,43% do total. De referir que incluímos nesta série um radiado de Galieno com reverso VICTORIA AET (Victoria 1) e a marca - //S P, presente no lote que pertenceu a J. Monteiro de Frias (cf. Vol. II, nº 30). O local de cunhagem da moeda e o significado da marca são discutidos desde há mais de um século: a sua cunhagem foi inicialmente adjudicada a *Siscia* por Otto Voetter, sendo posteriormente localizada em *Sirmium* por Andreas Alföldi. Mais recentemente, na publicação do tesouro de Normanby, Roger Bland e Andrew Burnett elencam uma vasta lista de argumentos com base nos quais suportam a tese de que se trata de uma série especial, possivelmente lavrada na recém-criada sétima *officina* de Roma, no decurso da quarta série (BLAND e BURNETT 1988 121-123).

De entre os fundamentos apontados destacamos: a) as análises metalográficas demonstram que a liga utilizada é idêntica à das moedas da quarta série de Roma, ao mesmo tempo que difere da empregada nas de Milão e *Siscia*; b) o estilo dos cunhos é o dos gravadores do atelier romano; c) embora estas moedas possam ser consideradas relativamente raras, a sua frequência é maior nos tesouros com maior proporção de moedas de Roma do que naqueles onde as cunhagens balcânicas atingem níveis mais elevados.



**Gráfico 31 - Distribuição, por séries, das moedas de Roma de Galieno em 10 tesouros (%)**

No Gráfico 31 está figurada a projecção gráfica das percentagens obtidas para cada série dos achados representados no Quadro 42. Este expediente permite constatar facilmente que, no caso do numerário batido para Galieno na casa da moeda de Roma, o tesouro de Porto Carro decalca, com uma precisão assombrosa, os restantes achados considerados, com a monotonia na distribuição a ser quebrada apenas por Blackmoor.

Vamos analisar, agora mais detalhadamente, as moedas emitidas no decurso das duas últimas séries, que são, como vimos, as mais abundantes em Porto Carro.

Da quinta série identificaram-se 206 unidades, distribuídas pelas doze oficinas da *Moeda* romana de acordo com o Quadro 43. No grupo das oficinas mais produtivas encontra-se à cabeça a sexta (17,96%), seguida à distância pelas segunda e quinta *ex aequo* (11,17%), e pela quarta (9,71%). No extremo oposto, temos a oitava e a décima primeira oficinas (6,31%) e a décima e a décima segunda (2,91%). Não obstante as oficinas X, XI e XII emitirem mais do que um reverso cada uma (reversos principais e reversos subsidiários), a sua entrada em funcionamento já numa fase avançada da emissão será a responsável pelo baixo volume de numerário contabilizado.

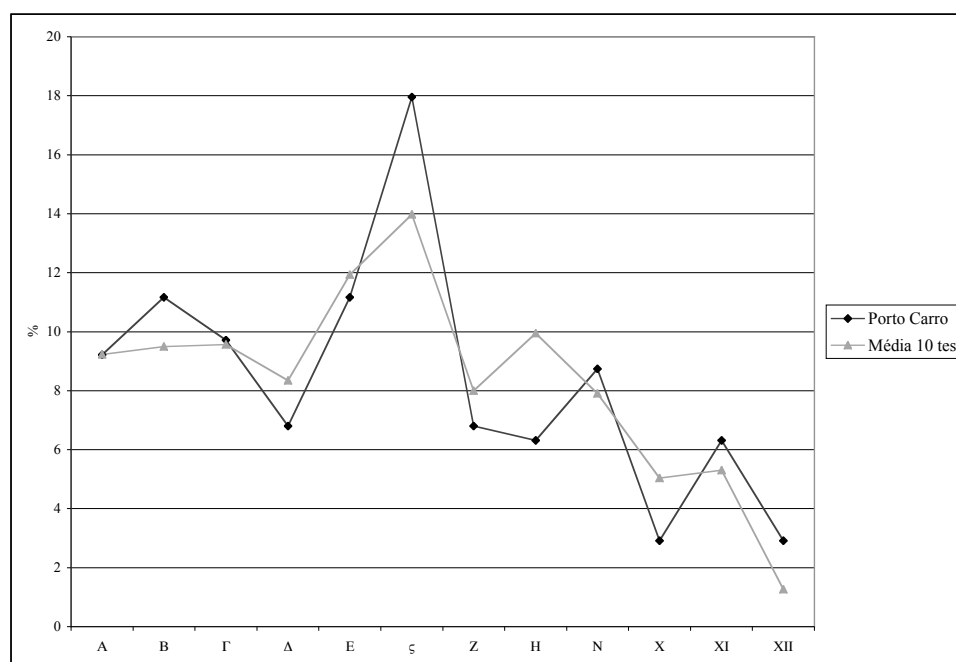
	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
P. Carro	9.22	11.17	9.71	6.8	11.17	17.96	6.8	6.31	8.74	2.91	6.31	2.91	206
Santulhão	10.43	10.19	7.7	6.34	12.3	13.54	6.83	11.43	8.07	6.09	5.96	1.12	805
La Venèra	9.4	9.31	10.15	9.27	10.76	13.14	8.3	10.06	7.6	4.61	6.02	1.36	2276
Baixo Rentgen	9.55	9.71	10.53	6.91	12.35	15.23	8.4	11.19	7.74	3.95	3.95	0.49	1215
Thibouville	9.76	9.49	7.59	7.59	13.55	15.99	7.32	6.78	8.94	4.88	6.23	1.9	369
Colonne I-II	8.85	9.84	8.2	6.89	8.2	16.72	12.13	12.46	10.49	3.93	1.97	0.33	305
Troussey	10.45	10.19	8.86	6.88	12.57	15.34	7.94	11.11	7.28	5.29	3.44	0.66	756
Bavai	8.79	9.95	11.69	6.3	11.19	13.93	8.13	9.87	7.63	5.31	5.8	1.41	1206
B. sur les Marches	8.23	7.2	10.03	9.51	12.08	12.85	7.71	9	9.51	6.43	4.63	2.83	389
Normanby	8.92	9.81	9.92	7.61	13.29	13.5	7.47	9.47	7.47	5.68	5.68	1.17	2904
Blackmoor	7.66	4.98	4.6	27.2	6.9	9.96	8.05	9.96	10.73	3.07	3.45	3.45	261

**Quadro 43 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em 11 tesouros (%)<sup>65</sup>**

Uma breve comparação entre os diversos depósitos do mesmo período, apesar das naturais flutuações nos valores obtidos para cada série, acaba por definir uma tendência geral comum a todos eles. Essa tendência é facilmente detectada no Gráfico 32 (cf. *infra*), no qual se confrontam apenas duas linhas, correspondendo uma Porto Carro e outra a uma média obtida com base no somatório dos dados de dez tesouros do mesmo período.

O que se conclui é que, abstraindo-nos das pequenas variações que são produto de diversas circunstâncias aleatórias associadas à formação de um aforro, a quinta série de Galieno em Porto Carro não apresenta qualquer divergência significativa em termos da representação das oficinas, quando comparada com os achados contemporâneos.

<sup>65</sup> Os dados apresentados neste quadro e no próximo para o depósito do Baixo Rentgen foram retirados de BASTIEN e PFLAUM (1961 83).



**Gráfico 32 - Comparação, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em Porto Carro e num grupo de 10 tesouros (%)**

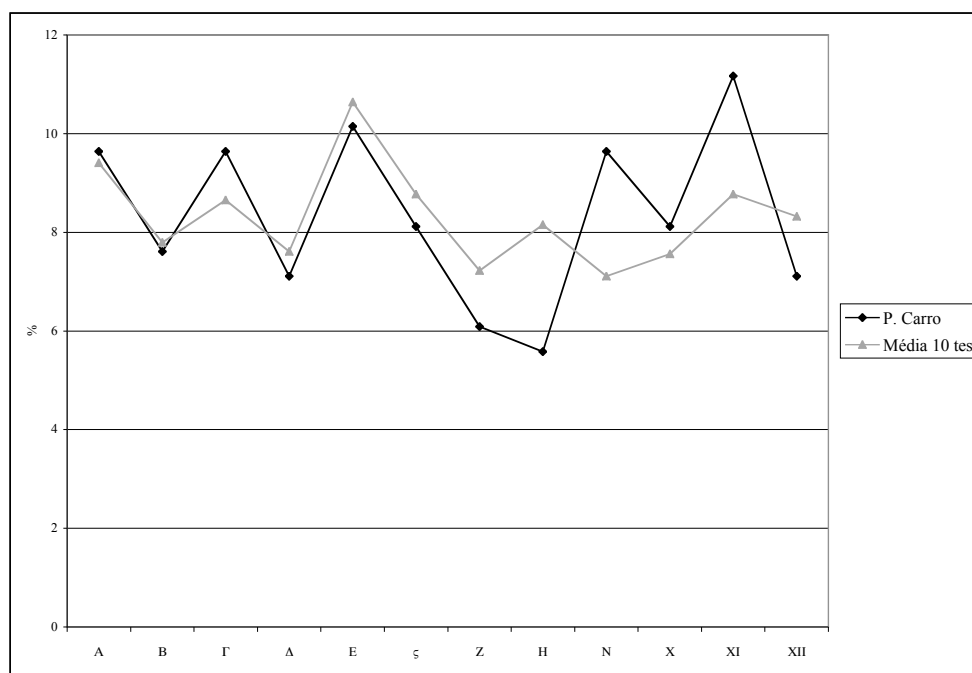
Passemos agora a analisar a distribuição dos 197 exemplares da sexta série inventariados para Porto Carro (cf. Quadro 44 e Gráfico 33).

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
P. Carro	9.64	7.61	9.64	7.11	10.15	8.12	6.09	5.58	9.64	8.12	11.17	7.11	197
Santulhão	9.61	6.35	9.95	7.38	11.66	7.89	9.43	6	7.72	9.26	7.55	7.2	583
La Venèra	11.34	7.79	6.97	9.51	9.38	8.62	7.86	8.49	7.92	6.53	8.3	7.29	1578
Baixo Rentgen	9.74	8.61	10.76	6	9.4	8.27	7.81	9.29	4.53	8.15	7.93	9.51	883
Thibouville	10.72	8.12	5.8	6.38	11.88	5.51	9.28	11.01	6.09	8.41	8.7	8.12	345
Colonne I-II	8.75	5.7	6.84	12.93	9.13	7.6	6.46	6.46	8.37	10.27	7.22	10.27	263
Troussey	7.6	7.98	11.41	6.27	9.7	10.84	6.84	7.79	7.6	6.65	9.51	7.79	526
Bavai	9.62	6.93	8.27	7.34	14.58	8.89	6.1	7.76	7.03	6.83	8.07	8.58	967
B. sur les Marches	10.56	7.33	9.09	5.87	9.68	7.04	6.16	8.21	9.09	7.04	10.85	9.09	341
Normanby	8.56	8.39	9.33	6.91	10.37	9.87	6.42	8.06	6.47	8.17	8.89	8.56	1823
Blackmoor	8.23	6.86	10.29	8.06	12.86	7.72	6.52	9.43	7.55	5.83	9.61	7.03	583

**Quadro 44 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em 11 tesouros (%)**

No achado lusitano predominam os exemplares da décima primeira oficina com 11,17% do total, seguindo-se-lhe as produções da quinta oficina com 10,15% e, em proporções idênticas, as das primeira, terceira e nona, todas com 9,46%. Quanto às oficinas pior representadas, destacam-se a oitava (5,58%), a sétima (6,09%) e as quarta e décima segunda (7,11%). Os dados obtidos aproximam-se, tal como ocorreu na quinta série, dos obtidos para o grupo de dez depósitos ocidentais de finais do séc. III. O Gráfico

33 mostra uma repartição bastante idêntica para as duas amostras em análise, com as disparidades mais notórias a observarem-se nas oitava, nona e décima primeira oficinas, sem que dessa variabilidade se possam retirar quaisquer ilacções particulares.



**Gráfico 33 - Comparação, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em Porto Carro e num grupo de 10 tesouros (%)**

Para terminar a nossa análise à amoedação do tesouro de Porto Carro batida em Roma para Galieno, faremos agora um breve comentário sobre a metrologia. Atendendo a que o material conhecido se encontra disperso por seis lotes, alguns dos quais não directamente observados, foi impossível obter os pesos para todas as moedas. Assim, contaremos apenas com os pesos de 416 dos 462 antoninianos produzidos pela casa da moeda central<sup>66</sup>.

O Quadro 45, ilustrado na próxima página, permite comparar o peso-médio das emissões romanas de Galieno do achado lusitano com o dos depósitos de La Venèra, Troussey e Normanby. Infelizmente nem todos os pesos obtidos para Porto Carro são válidos, como sucede na quarta série para a qual o peso foi fornecido por uma única

<sup>66</sup> Não foram igualmente contabilizadas as moedas fragmentadas e algumas cuja atribuição a uma determinada série não foi possível. Para a primeira e segunda séries foram contabilizados 13 exemplares, 30 para a terceira, 1 para a quarta, 192 para a quinta e 180 para a sexta.

unidade. Relativamente às outras séries, constata-se que os 13 exemplares das duas primeiras séries têm um peso-médio de 3,19g, claramente superior ao dos restantes achados, enquanto os da terceira, quinta e sexta séries são idênticos na maior parte dos depósitos, já que variações na ordem do décimo ou dos centésimos de grama se explicam facilmente por factores como o estado de conservação das moedas, as técnicas utilizadas na sua limpeza, etc.

	Sér. 1-2	Sér. 3	Sér. 4	Sér. 5	Sér. 6
P. Carro	3.19	2.66	2.61	2.56	2.85
La Venèra	2.92	2.91	3.05	2.72	2.95
Troussey	2.88	2.65	3.01	2.5	2.83
Normanby	2.78	2.66	2.9	2.47	2.79

**Quadro 45 - Peso-médio das emissões de Roma de Galieno em 4 tesouros (gr.)<sup>67</sup>**

Um aspecto comum aos quatro achados é o aumento do peso da quinta para a sexta série, por certo uma forma encontrada pela Administração para compensar a dramática redução do teor de fino. Esta tendência parece, de alguma forma, manter-se ainda até à terceira emissão de Cláudio II, na qual se notam já os efeitos de uma nova redução ponderal (cf. os dados coligidos por ESTIOT 1998a 191-192, Tab. 7 e Fig. 3, para os tesouros de La Venèra, Troussey, Cunetio e Normanby).

### **Milão**

São em número de 24 os antoninianos cunhados em Milão para Galieno, cifra que, como referimos mais acima, corresponde a 4,56% do numerário inventariado para os anos 260-268. No Quadro 46 podemos observar a sua repartição pelas respectivas emissões.

	1ª sér.	2ª sér.	3ª sér.	4ª sér.	5ª sér.	6ª sér.	7ª sér.	7ª-8ª sér.	8ª sér.	Tot
Nº ex.	1	1	11	2	—	1	2	1	5	24

**Quadro 46 - Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno em Porto Carro**

<sup>67</sup> Os pesos apresentados para La Venèra, Troussey e Normanby foram retirados de ESTIOT (1998a 191, Tab. 7).



Trata-se, como é óbvio, de uma amostragem com reduzido significado, mas na qual se afirma a tendência para um certo predomínio da amoedação batida no decurso das terceira e oitava séries, confirmada de resto por outras deposições (ESTIOT 1998a 192 Tab. 8). Na terceira série, a maior parte das moedas inventariadas pertence ao grupo dos *smaller & thinner busts* (8 em 10 exemplares directamente observados), o que também se enquadra nos padrões conhecidos.

Entre o numerário milanês de Galieno do tesouro de Porto Carro foi identificado um exemplar que merece um breve comentário. A moeda, batida na sétima série, integra o lote actualmente depositado no Museu Municipal do Bombarral (*Cat.* n° 19). Exibe no anverso a legenda IMP GALLIENVS AVG, acompanhando a cabeça radiada do Imperador para a direita e, no reverso, a legenda P M TR [P VII COS] (*Imperador* 4c). O dado mais relevante é-nos fornecido pela marca de exergo: MT. A verdade é que não lográmos localizar qualquer exemplar deste tipo batido na terceira oficina. Da consulta do monumental trabalho policopiado de J.-M. Doyen sobre o atelier de Milão entre 258 e 268 constatámos que este investigador insere esta série no seu grupo 13 (DOYEN 1989 3B 505-509), não apresentando todavia qualquer exemplar da terceira *officina* no seu inventário. A produção da *officina* T é, de resto, largamente inferior à das *officinae* P e S: no quadro traçado pelo autor para o grupo 13C (DOYEN 1989 3B 422) verifica-se que, dos 907 exemplares por ele recenseados para esta série, apenas 75 (8,27%) apresentam a chancela da terceira oficina. Face a estes dados, admitimos tratar-se de uma curta série, com carácter excepcional ou, então, esta marca invulgar deverá ser atribuída a um erro do gravador.

### ***Siscia***

Da casa da moeda panónica foram contabilizados 16 radiados, distribuídos pelas cinco séries emitidas entre 263 e 268 (cf. *infra* Quadro 47). Um número tão exíguo de moedas não permite uma análise detalhada, pelo que destacaremos apenas a elevada proporção de moedas das duas primeiras séries (6 numismas em 16, isto é, 37,5% das produções da casa da moeda), dado que parece sair fora dos parâmetros dos achados de finais do séc. III, nos quais as duas séries iniciais ocupam quase sempre o último lugar em termos de volume (cf. ESTIOT 1998a 194, Tab. 11).

	1ª-2ª sér.	3ª sér.	4ª sér.	5ª sér.	Tot
Nº ex.	6	3	3	4	16

**Quadro 47 - Distribuição, por séries, do numerário de *Siscia* de Galieno em Porto Carro**

Uma breve nota ainda para referir a presença de um raro exemplar de RIC 573, com o tipo IO CANTAB (cf. Vol. II, Lote do Museu Municipal do Bombarral, nº 20). Depósitos volumosos como La Venèra e Normanby não registam qualquer exemplar e, em Cunetio, identificaram-se apenas dois (BESLY e BLAND 1983 nº 1796). No Ocidente a excepção será mesmo o tesouro de Jimena de la Frontera, no qual se contabilizaram nove moedas deste tipo (GALLWEY 1962 398, nº 573).

### **Outros centros emissores**

No tesouro de Porto Carro estão também presentes, ainda que de forma residual, antoninianos batidos para Galieno em Antioquia e na designada *Segunda Casa da Moeda do Oriente*. Os dois exemplares provenientes da cidade do Orontes foram produzidos no decurso da segunda emissão (ROMAE AETERNAE: *Roma* 2b) e da terceira (VIRTUS AVG: *Virtus* 1); o radiado com reverso VICTORIA AVG (*Imperador e Vitória* 1) oriundo de uma *Moneta* oriental de localização incerta, foi emitido logo no início do governo absoluto de Galieno, algures na segunda metade de 260, entre a captura de Valeriano pelos Persas e a usurpação de Macriano e Quieto.

Para terminar o estudo da amoeção oficial de Galieno em Porto Carro, resta-nos apenas referir a existência, no lote do Museu Nacional de Arqueologia (cf. nº 160), de um curioso antoniniano com anverso GALLIENVVS AVG (busto A1) e reverso PAX AVG (*Pax* 1), que não conseguimos atribuir a qualquer centro emissor (cf. *infra* Foto 1). Na verdade, se o reverso nos recorda vagamente o estilo de *Siscia*, já o mesmo não sucede com o anverso, cujo busto se afasta do estilo dos retratos oficiais da casa da moeda balcânica, o mesmo sucedendo em relação aos de Roma. De qualquer forma, parecem detectar-se no retrato vagas reminiscências das efigies do reino conjunto, pelo que se afigura provável a atribuição desta cunhagem ao início do reino exclusivo.



Foto 1

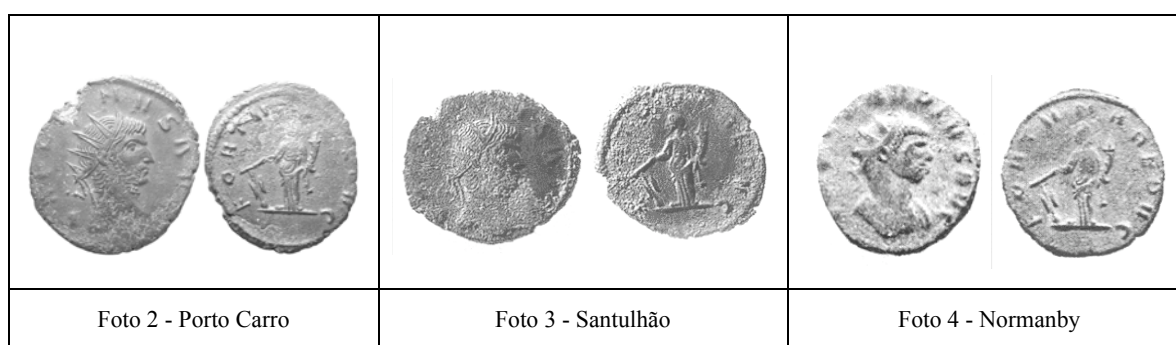
### As cunhagens irregulares

Como foi referido anteriormente, identificaram-se, no tesouro de Porto Carro, dezoito moedas de fabrico irregular em nome de Galieno. À excepção de um exemplar que exhibe o indocumentado reverso PROPAGATOR ORBIS, as restantes copiam tipos oficiais da *Moeda* romana, com especial predilecção pelos das quinta e sexta séries.

Emissão	Reverso	Nº ex.
2ª, 3ª ou 5ª séries	PAX AVG ( <i>Pax</i> 1)	1
3ª série	LAETITIA AVG ( <i>Laetitia</i> 1)	1
	AEQVITA [...] ( <i>Aequitas</i> 1)	1
5ª série	MARTI PACIFERO ( <i>Mars</i> 4)	1
	MARTI PACIFERO ( <i>Mars</i> 4?)	1
	ABVNDANTIA AVG ( <i>Abundantia</i> 1)	1
	VBERITAS AVG ( <i>Vberitas</i> 1)	2
	FORTVNA REDVC ( <i>Fortuna</i> 2)	1
	VICTORIA AVG ( <i>Victoria</i> 1)	1
	[...]T PERPET ( <i>Securitas</i> 2)	1
	[...]ID AVG ( <i>Providentia</i> 2)	1
	POBIDEII AV[...] ( <i>Providentia</i> 2)	1
6ª série	LIBERO P CONS AVG ( <i>Pantera</i> 1)	1
	DIANAE CONS AVG ( <i>Veado</i> 1)	1
	[...]ONS AVG ( <i>Gazela</i> 1)	1
?	PROPAGATOR ORBIS ( <i>Sol</i> 6)	1
R/ Cláudio II (em. II-III)	PROVID AVG ( <i>Providentia</i> 3)	1
<b>Total</b>		18

O estudo desta amoedação enfrenta várias interrogações: por quem, onde, quando e por que motivos foi executada? A resposta às duas primeiras questões será abordada mais adiante, quando tratarmos do fenómeno dos *Divo Claudio*, dos quais este numerário não é facilmente dissociável. Quanto à questão da cronologia, os dados apontam para que a maior parte não tenha sido produzida ao tempo de Galieno. Entre os

exemplares irregulares em nome de Galieno, detectados em Porto Carro, sobressai o depositado no Museu Nacional de Arqueologia (cf. nº 169) com anverso GALLIENVS AVG (A1) e reverso FORTVNA REDVC (*Fortuna 2*) (cf. Foto 2). Os cunhos utilizados são os mesmos da moeda do tesouro de Santulhão, ilustrada na Foto 3 (PARENTE 1994 69, nº 124; PARENTE 1997 97, nº 398), mas o dado mais relevante é-nos fornecido por um radiado de Normanby, que, não obstante partilhar o cunho de reverso com as duas moedas supracitadas (cf. Foto 4), exhibe um anverso com o nome de Cláudio II, ainda que os traços do retrato recordem mais a *imago* de Aureliano do que a do Gótico (BLAND e BURNETT 1988 Pl. 32, nº 1800/2).



No caso desta imitação não restam dúvidas que o seu fabrico não é anterior aos principados de Cláudio II e de Aureliano, a não ser que os falsários tenham utilizado o mesmo cunho de reverso durante anos a fio, mas esta possibilidade implicaria uma produção reduzida de imitações durante um largo período de tempo, o que não faz muito sentido. O mais provável é que os autores destas imitações tenham fabricado vários pares de cunhos com anversos e reversos de diversos imperadores, procedendo à substituição de um cunho por outro após a sua inutilização, sem se preocuparem com a existência de uma combinação lógica entre anversos e reversos. De resto, a ausência de critério cronológico na associação de anverso e reverso, de tão comum, é-nos confirmada sem grande esforço por outra imitação de Porto Carro, na qual se combinam um reverso SOLI CONS AVG (*Cavalo alado 2*) de Galieno com um anverso de Probo: IMP PROBVS P F AVG, acompanhando um busto radiado para a esquerda com manto consular (cf. Vol. II, Lote do MNA, nº 653).

Outra peça de fabrico irregular, onde a lógica está ausente, é a moeda fundida que fazia parte do lote do tesouro salaciense adquirido por J. Monteiro de Frias (cf. Vol.

II, nº 35). A moeda, descrita e ilustrada por Juan Cepeda na sua dissertação de doutoramento (CEPEDA OCAMPO 1996 Est. XXXVII, 934) exhibe no anverso a titulatura GALLIENVVS AVG (B1) e no reverso a legenda inédita PROPAGATOR ORBIS (*Sol* 6), numa alusão ao Imperador enquanto conquistador do mundo. Esta designação aparece registada numa dedicatória a Trajano, saudado como *propagator orbis terrarum* (CIL VI 40500), posteriormente repetida para Caracala (CIL VI 40638). Nos inícios do séc. IV uma inscrição de Puzzuoli, erigida pelo governador da Campânia a Constantino I, dá ao Imperador o epíteto de *propagator orbis sui* (AE 1969-70 107), título que volta a receber num fragmento de Roma (CIL VI 40768a). Por outro lado, num *nummus* de Antioquia cunhado para Maximino Daia em 310 foi inscrita a legenda IOVIO PROPAGAT ORBIS TERRARVM (RIC VI 134). É certo que os últimos testemunhos apontados são demasiado tardios para terem influenciado a escolha da legenda da moeda de Porto Carro, mas é muito provável que o epíteto se encontrasse em voga no último quartel do séc. III. Por outro lado, a iconografia da moeda de Porto Carro é aproximada da dos tipos AETERNITAS AVG (*Sol* 2) da quinta série de Galieno e CONSERVAT AVG de Probo, bem como ao *Sol Invicto*, representado até à exaustão nas moedas de Aureliano. Há ainda a possibilidade de a escolha da legenda do reverso ter recebido a inspiração do tipo PACATOR ORBIS (*Sol* 3)<sup>68</sup> das emissões lionesas de Aureliano (Bastien 1, 3, 5, 7 e 9) e de Florianio (Bastien 129). Resulta o reverso de uma confusão ou de uma escolha deliberada dos falsários, não se deve descartar um fabrico tardio para a moeda em causa.

Este é apenas um dos inúmeros testemunhos da vaga de imitações que afectou o numerário em nome de Galieno e Cláudio II - para não falar da série *Divo Claudio* de que trataremos mais à frente - e que se estendeu muito para além das balizas cronológicas das emissões cujas moedas foram utilizadas como protótipos, já que o fenómeno está documentado pelo menos até Diocleciano (cf. WEDER 1994 262-264). De seguida apresentaremos alguns testemunhos, de entre os muitos possíveis, que atestam a falsificação continuada dos tipos monetários muito para lá do termo da governação de determinado imperador. À excepção da primeira moeda, em nome de Galieno, as restantes copiam as titulaturas de Cláudio II:

<sup>68</sup> Esta legenda, com busto do Sol no reverso, surge sob os Severos (cf. RIC 282 para Septímio Severo, RIC 163 para Caracala ou RIC 50 para Geta), sendo retomada por Póstumo (Elmer 599).

- DIANAE CONS AVG (*Antilope* 1), com anverso de Galieno e busto de Cláudio II (PARENTE 1997 n° 507);
- LIBERO P CONS AVG (*Pantera* 1), de Galieno (ESTIOT 1998a Pl. XXIV, n° 2697);
- PAX AVG (*Pax* 1), de Galieno/Cláudio II, mas com busto de Aureliano (PARENTE 1995 n° 723);
- CONCORD LEGI (*Concordia* 3), de Aureliano (ESTIOT 1998a Pl. XXV, n° 2717);
- CLEMENTIA TEMP (*Mars* 4), de Tácito, marcada - -//XXIZ (ESTIOT 1998a Pl. XXV, n° 2718)<sup>69</sup>;
- AEQVITAS AVG (*Aequitas* 1), marcada - Γ//XXI, de Tácito a Probo, com busto inspirado no de Probo (BLAND e BURNETT 1988 Pl. 32, n° 1826);
- IOVI CONS AVG (Jupiter 1), de Probo, e busto que nos parece inspirado nos de Diocleciano/Maximiano (GÖBL 1995 Taf. 57, 102/21 y0);
- VICTORIA AVG (*Victoria* 4), de Probo, marcada - -//R *raio* ζ (GÖBL 1995 Taf. 49, 100/20 y6);
- IOVI CONSERVAT (*Jupiter* 1), de Diocleciano, com busto de Diocleciano/Maximiano (GÖBL 1995 Taf. 52, 101/9 y0).

Sendo evidente que este fenómeno perdura até bastante tarde, o que levaria os falsificadores a concentrarem-se preferencialmente nas moedas de Galieno e Cláudio II? No caso das reproduções dos protótipos do Gótico poderia admitir-se que seria por uma questão de popularidade, mas parece-nos que a resposta poderá ser bem mais complexa. Um dos aspectos que reteve a nossa atenção prende-se com a rarefação das imitações de moedas anteriores ao governo absoluto de Galieno nos tesouros deste período. Inclusivamente as peças irregulares que copiam protótipos anteriores à quinta série são pouco numerosas, como confirmam por exemplo os tesouros de Normanby (BLAND e

---

<sup>69</sup> Como nota S. ESTIOT (1998a 253), a moeda saiu dos mesmos cunhos que a publicada por GÖBL (1995 Taf. 56, 102/3 y0(2), dando a impressão que o reverso resulta da reutilização de um cunho oficial (WEDER 1994 258). Göbl publica uma segunda imitação reproduzindo os mesmos tipos (Taf. 56, 102/3 y0(1) só que fabricada por outro par de cunhos, tal como sucede com a do tesouro de Bavai (GRICOURT 1958 Pl. II, 8).

BURNETT 1988 201 e segs.) e de Troussey (ESTIOT 1998a 243-244). Na verdade, parece que nada foi deixado ao acaso: os falsos moedeiros, ao escolherem como protótipos as moedas das quinta e sexta séries de Roma de Galieno e as das emissões de Cláudio II (em vida e póstumas), escolheram também as mais desvalorizadas de quantas foram batidas em todo o séc. III<sup>70</sup>. Pretenderiam os autores destas cunhagens massivas trocar as moedas de baixíssimo teor de fino pelos *aureliani* da reforma de 274, a fim de aproveitar as vantagens do câmbio? Partindo do princípio de que, aquando da desmonetização do antoniniano, a *ratio* da troca era 1:2 (um aureliano por dois antoninianos), poderia resultar daí um claro benefício económico para os falsários. A confirmação desta hipótese necessitaria, entre outras coisas, do suporte de numerosas análises metalográficas às moedas de fabrico irregular, de que todavia não dispomos. A exclusão das moedas anteriores a 260 explicar-se-ia pelo facto de o seu teor de fino ser amplamente superior ao dos *aureliani* - para a falsificação ser consistente aos olhos do público ou do Estado seriam necessárias elevadas quantidades de metal precioso - não advindo daí qualquer vantagem económica para os falsificadores. Ao mesmo tempo, as imitações das emissões pós-aureliânicas são mais difíceis de executar, devido ao maior apuro técnico utilizado na cunhagem: *flans* regulares, cunhos centrados, legendas e tipos correctamente gravados, controlo mais apertado da produção, etc.

A produção clandestina deste tipo de numerário terá sido um dos motivos que esteve na origem do *bellum monetarium* sob Aureliano, mas as autoridades não conseguiram extirpar por completo esta prática. Embora os anversos raramente ostentem outras titulaturas que não as de Galieno e Cláudio II, tanto os reversos como os retratos evocam com alguma frequência Aureliano, Probo ou Diocleciano, dando conta de uma produção continuada até à Diarquia (WEDER 1994 259)<sup>71</sup>.

## CLÁUDIO II

Em Porto Carro contaram-se 436 antoninianos em nome de Cláudio II representando cerca de um quinto do material inventariado. Os 30 exemplares de Sampão, por sua vez, não chegam a ultrapassar os 8% daquele depósito.

<sup>70</sup> É nossa intenção deixar de parte os usurpadores gauleses, que cunharam moeda durante mais de uma década.

<sup>71</sup> Este autor julga possível distinguir pelo menos dois grupos de imitações pós-aureliânicas: um primeiro, de inícios a meados do principado de Probo, e um segundo, produzido sob a Diarquia (WEDER 1994 262-264).

Da distribuição deste numerário pelos respectivos centros emissores e da comparação com outros achados contemporâneos, constata-se que, em ambos os achados lusitanos, mais de 90% das moedas em nome do Gótico foram emitidas em Roma, com as percentagens obtidas a superiorizarem-se às fornecidas pelos oito depósitos utilizados como termo de comparação (cf. Quadro 48). Como consequência, reduz-se o peso da amoedação lavrada nas restantes casas da moeda, acabando por situar-se abaixo da média dos tesouros analisados. Com efeito, em Porto Carro, as séries milanesas de Cláudio II cingem-se a 1,83% (8 ex.) e as de *Siscia* a 3,21% (14 ex.), enquanto em La Venèra esses valores são respectivamente de 8,06 e 10,65% e, em Normanby, de 8,66 e 4,57%, só para citar alguns exemplos. Registe-se ainda a presença, no tesouro salaciense, de um antoniniano de Cízico e de um pequeno lote de moedas de imitação, quinze no total (3,44%). Em Sampão, Cláudio II está representado por uns modestos trinta *antoniniani*: vinte e oito de Roma e dois de Milão.

	Rom	Mil	Sis	Ciz	Ant	Loc	Ind	Nº ex.
P. Carro	91.28	1.83	3.21	0.23		3.44		436
Sampão	93.33	6.66						30
La Venèra	78.36	8.06	10.65	1.24	0.02	0.52	1.14	4206
Bavai	86.89	7.34	4.41	0.27	0.05	0.95	0.09	2220
Colonne I-II	85.4	10.45	2.47	0.3	0.2	1.18		1014
Troussey	86.67	4.95	4.1	0.19	0.1	4		1050
Thibouville	83.86	6.27	3.37	0.24		1.69	4.58	830
Brains s.l. Marches	80.36	13.14	3.6			2.9		723
Blackmoor	73.05	6.7	4.7	0.26		14.85	0.44	2297
Normanby	82.26	8.66	4.57	0.09	0.02	4.4		5278

**Quadro 48 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Cláudio II  
em dez tesouros dos anos 285-305 (%)<sup>72</sup>**

## Roma

O numerário de Roma de Cláudio II foi repartido por quatro séries, segundo a proposta de Bland e Burnet na publicação do tesouro de Normanby (BLAND e BURNETT 1988 125-132). Trata-se de uma proposta que facilita imenso a arrumação do numerário, mas que não deixa de encerrar algumas debilidades, nomeadamente nas duas primeiras emissões. Embora a questão da organização das emissões do Gótico devesse, pela lógica,

<sup>72</sup> Perante a deficiente classificação do material do tesouro de Santulhão e consequente necessidade de uma revisão urgente, decidimos excluí-lo da nossa análise, não obstante contar com 1280 unidades em nome do Gótico.



ter sido tratada no capítulo anterior, parece-nos que este é o momento oportuno para procedermos à sua apresentação.

- Emissão I: esta emissão terá sido produzida num curto espaço de tempo, logo no início do reinado, caracterizando-se pela presença das titulaturas IMP C M AVR CLAUDIVS P F AVG (emissão Ia) e IMP CLAUDIVS P F AVG (emissão Ib). Os autores britânicos admitem a sua cunhagem em doze oficinas. Entretanto, uma terceira titulação longa, IMP C CLAUDIVS P F AVG, já referida no estudo pioneiro de A. Markl (MARKL 1884 389) e que durante muito tempo suscitou dúvidas aos numismatas, foi recentemente confirmada por um exemplar do tesouro de Troussey (ESTIOT 1998a 254, nº 1686);

- Emissão II: as moedas ostentam a titulação IMP C CLAUDIVS AVG e teriam sido emitidas ao longo de três fases: (a) constituída por uma série de reversos que nunca apresentam marca; (b) nova série de reversos, sem marca, cunhados em doze oficinas; (c) os mesmos reversos da fase (b) mas agora marcados de A a XII. A ordenação desta emissão, como os próprios autores não deixam de reconhecer (pp. 128-132), revela-se bastante problemática a vários níveis, entre os quais salientamos a impossibilidade prática na distinção entre as moedas das fases (b) e (c), já que nesta última também se podem encontrar exemplares não marcados. Como observaram de forma pertinente Helène Huvelin (HUVELIN 1990 450-454) ou Marc Bompaire e Dominique Hollard (BOMPAIRE e HOLLARD 1997 39-45) a arrumação desta emissão é extremamente complexa, razão pela qual as duas últimas fases são habitualmente consideradas como um todo, que denominaremos fase (b);

- Emissão III: conserva os reversos das duas últimas fases da emissão anterior, geralmente com marca, acompanhados da titulação IMP CLAUDIVS AVG;

- Emissão IV: mantém a legenda de anverso da emissão III, mas são adoptados novos tipos de reverso para as doze oficinas.

No Quadro 49 está traçada a distribuição pelas várias emissões do numerário romano de Cláudio II dos depósitos de Porto Carro e Sampão, a par de vários outros achados ocidentais de finais do séc. III.

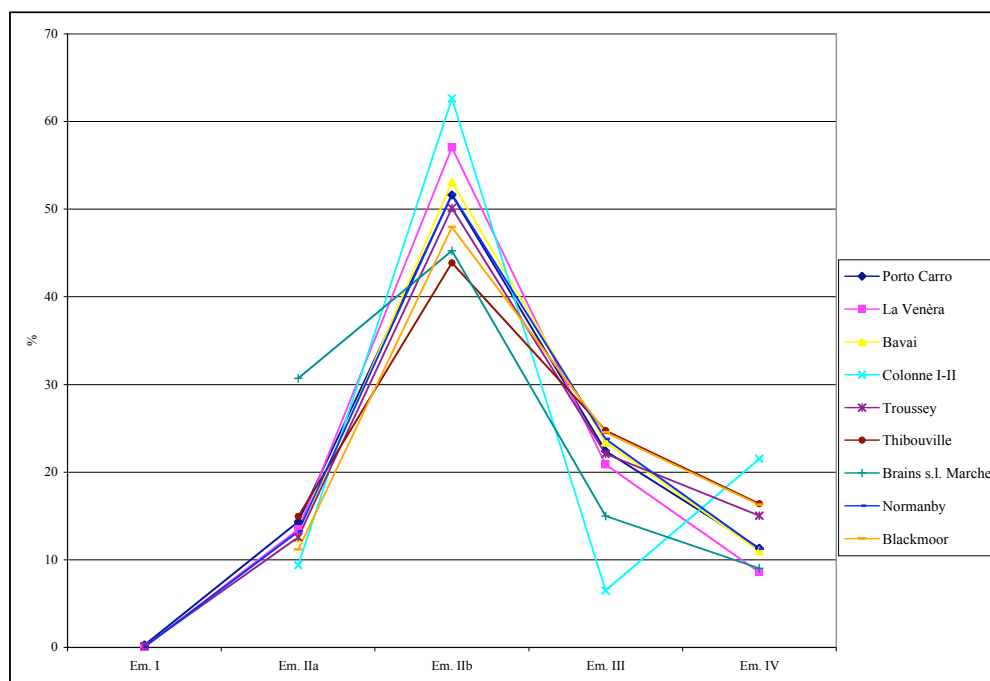
	Em. I	Em. IIa	Em. IIb	Em. III	Em. IV	Nº ex.
P. Carro	0.3	14.33	51.64	22.39	11.34	335
Sampão		14.81	70.37	7.41	7.41	27
La Venèra	0.06	13.46	57.02	20.87	8.58	3157
Bavai		12.47	53.1	23.42	11.01	1644
Colonne I-II		9.38	62.63	6.49	21.5	693
Troussey	0.15	12.58	50.15	22.09	15.03	652
Thibouville		14.97	43.87	24.74	16.42	481
Brains s.l. Marches		30.72	45.27	15.01	9.01	433
Normanby	0.09	13.21	51.69	23.77	11.24	3375
Blackmoor		11.18	47.96	24.56	16.3	957

**Quadro 49 - Distribuição das emissões de Roma de Cláudio II em 10 tesouros (%)**<sup>73</sup>

O quadro evidencia Porto Carro como um dos raros depósitos onde foi assinalada a presença de algum exemplar da primeira emissão. Em contrapartida, a segunda emissão é abundantíssima, sobretudo na fase (b), que se cifra quase sempre em mais de 50% do numerário de Roma deste imperador nos depósitos, pelo que os 51,64% de Porto Carro são um valor médio a considerar (cf. *infra* Gráfico 34). Quanto aos 70,37% de Sampão, atendendo a que foram obtidos a partir de uma amostra de 27 exemplares, diremos que limitam-se a confirmar a tendência geral. Nos achados considerados, a terceira emissão representa, por regra, entre um quarto e um quinto das moedas batidas em Roma para o Gótico - 22,39% em Porto Carro - proporções que quebram significativamente para a última emissão, interrompida pelo inesperado falecimento do imperador em *Sirmium* no Verão de 270<sup>74</sup>, ao que se julga vítima de peste.

<sup>73</sup> Não se contabilizaram as moedas de Roma em que não foi possível a atribuição segura a uma das quatro emissões, nomeadamente aquelas que, por se encontrarem com o anverso em mau estado ou com titulação obliterada, foram remetidas para o volumoso grupo das *Emissões II-III*: 59 exemplares em Porto Carro, 1 em Sampão, 100 em La Venèra, 257 em Bavai, 199 em Thibouville, 112 em Colonne, 224 em Troussey, 163 em Brains-sur-les-Marches, 971 em Normanby e 684 em Blackmoor.

<sup>74</sup> A cronologia da morte de Cláudio II tem sido, com alguma frequência, alvo de discussão, embora as tetradracmas alexandrinas do ano três e alguma documentação papirológica deixem entender que as notícias do falecimento do imperador não chegaram ao Egito antes do final do Verão de 270 (cf. HUVELIN 1992 309-321 e ESTIOT 2004 7-9).



**Gráfico 34 - Volume das emissões de Roma de Cláudio II em 9 tesouros (%)**

Como já referimos mais acima, a primeira emissão conta com uma moeda em Porto Carro. Tratando-se tanto quanto sabemos de um exemplar único, justificam-se algumas considerações<sup>75</sup>. Começando pela descrição:

*Anv.*: IMP C M AVR CL[AVDIVS P] F AVG; busto radiado para a direita, drapejado e couraçado, visto por detrás (D2);

*Rev.*: SPES PVBLICA; *Spes* de pé para a esquerda, segurando flor na mão direita enquanto levanta o vestido com a esquerda (*Spes* 1);

Peso: 2,42 g; módulo: 19,5-21 mm; eixo: 6h



Foto 5 (x 2)

<sup>75</sup> Esta moeda foi recentemente dada a conhecer por nós num breve artigo publicado na revista *Nummus* (RUIVO 2004 183-188).

Como se pode constatar pela Foto 5, a reconstituição das legendas e a descrição da moeda não levantam obstáculos de maior, não obstante a mesma apresentar esmagadas parte da legenda do anverso e o final da do reverso, fruto de um pequeno acidente de cunhagem (é muito provável que uma ligeira deslocação do *flan* entre dois golpes de martelo tivesse provocado o esmagamento das legendas pelo bordo do cunho).

Os antoninianos de Cláudio com a titulatura IMP C M AVR CLAVDIVS P F AVG são raríssimos; para além do exemplar de Porto Carro lográmos unicamente reunir mais nove moedas exibindo quatro reversos diferentes:

- FELICITAS AVG: *Felicitas* de pé para a esquerda, segurando caduceu com a mão direita e cornucópia com a esquerda (*Felicitas* 1):
  - tesouro de Çanakkale, Turquia (PFLAUM e BASTIEN 1969, nº 1128).
- PROVIDENT AVG: *Providentia* de pé, para a esquerda, apoiada em coluna, segurando bastão com a mão direita e cornucópia com a esquerda; aos pés, para a esquerda, globo (*Providentia* 3):
  - tesouro de Komin, Croácia (BARCSAI-AMANT 1937, nº 371);
  - tesouro de Irchester (Northamptonshire), depósito inédito actualmente no Museu de Northampton (DOYEN 1985 85);
  - colecção de Berlim, proveniente da doação Dressel (BLAND e BURNETT 1988 126).
- VICTORIA AVG: *Victoria* de pé, para a esquerda, segurando coroa com a mão direita e palma com a esquerda (*Victoria* 1):
  - colecção de Viena, proveniente da colecção Markl (BLAND e BURNETT 1988 126);
  - Paris (leilão do Comptoir Général Financier, 18 de Junho de 2004: *Monnaies XXI. Monnaies romaines, Collection Laurent Schmitt et divers*, nº 3210).
- VIRTUS AVG: *Virtus* de pé, para a esquerda, segurando ramo com a mão direita e lança com a esquerda; aos pés, para a esquerda, escudo (*Virtus* 4b):

- tesouro de Évreux (Eure), depósito inédito actualmente no Departamento de *Monnaies, Médailles et Antiques* da Biblioteca Nacional de França (HUVELIN 1972 254-255);
- tesouro de Chézelles, Indre-et-Loire (HUVELIN 1972 254-255);
- colecção privada (DOYEN 1985 83-86).

Aos quatro tipos de reverso acima referidos deve ser, portanto, adicionado o tipo SPES PVBLICA, que integra seguramente o grupo dos reversos com que se iniciaram as cunhagens de Cláudio II. O exemplar de Porto Carro e a confirmação da mais que provável autenticidade do exemplar descrito por Markl atestam, para já, a utilização deste reverso em duas das três titulaturas longas da primeira emissão, prolongando-se ainda a sua cunhagem até ao início da segunda. Recentemente tivemos oportunidade de observar aquele que será o terceiro exemplar da primeira série com reverso SPES PVBLICA. A moeda foi recolhida em 2005 no decurso de trabalhos de escavação realizados em Mértola, a antiga *Myrtilis* (cf. Vol. II, *Achados isolados* 10, nº 11). A moeda sofreu algum desgaste, pelo que o início da titulatura imperial se apresenta obliterado, sendo apenas legível com segurança a parte final da legenda [...]VDIVS P F AVG, acompanhando um busto D2 (Foto 6).



Neste caso, a hipótese de tratar-se de um exemplar da primeira emissão de Milão está completamente posta de parte, tanto pela análise do estilo do busto e das legendas de anverso - tipicamente de Roma -, como pela evidente ausência de marca de exergo no reverso. Assim sendo, tratar-se-á de mais um exemplar da primeira emissão de Roma, em

cujo anverso deveria ler-se IMP C CLAVDIVS P F AVG ou, com maior probabilidade julgamos nós, IMP CLAVDIVS P F AVG.

A pouco e pouco, tesouros e achados ocasionais vão contribuindo para reconstituir o perfil desta emissão, cuja existência tem sido posta em causa por alguns investigadores (BOMPAIRE e HOLLARD 1997 38-39; ESTIOT 1998a 196). Advogam os autores que este exíguo grupo de moedas, utilizando as titulaturas longas associadas sempre a tipos de reverso das segunda e terceira emissões de Cláudio II, será mero produto de circunstâncias acidentais, simples erros de gravação ou contaminações com a cunhagem de metais preciosos, reflectindo uma certa desorganização que então vigorava na casa da moeda. Em relação à tese de uma hipotética contaminação com a cunhagem de metais preciosos, reconhecemos que, por exemplo, a titulatura IMP C CLAVDIVS P F AVG terá sido empregue na primeira emissão de aurei, *denarii* e médios bronzes em Roma (HUVELIN 1984 206-208), mas não conhecemos, de momento, quaisquer ligações de cunho entre *aurei* e *antoniniani* de Cláudio. Por outro lado, o número de cunhos e de tipos utilizados começa a ter algum significado quantitativo para se explicar meramente por erros de gravação. Um breve apanhado de todos os exemplares atribuídos à primeira emissão permite identificar nove reversos - neste primeiro momento não marcados - que no decurso das segunda e terceira emissões serão atribuídos a nove das doze oficinas em laboração desde 266: VICTORIA AVG (A), FELICITAS AVG (B), ANNONA AVG (Δ), VIRTUS AVG (E), GENIVS EXERCI (Z), MARS VLTOR (H), IOVI VICTORI (N), FIDES EXERCI (XI) e PROVID[ENT] AVG (XII). A este grupo de reversos, teremos ainda que acrescentar os reversos IOVI STATOIRI, SPES PVBLICA e, eventualmente, SALVS AVG<sup>76</sup>, retomados na fase (a) da emissão seguinte mas sempre sem marca. Não obstante a sugestão de BLAND e BURNET (1988 131) de que os reversos SPES PVBLICA teriam sido cunhados também na décima segunda oficina, HUVELIN (1990 453) julga a insinuação pouco provável, atendendo à existência de um exemplar recunhado sobre um reverso VICTORIA AVG ou de um outro com a legenda puncionada sobre um reverso SALVS AVG.

---

<sup>76</sup> Markl refere um exemplar com reverso SALVS AVG e anverso IMP CLAVDIVS P F AVG, mas a moeda nunca foi confirmada (MARKL 1884 389).

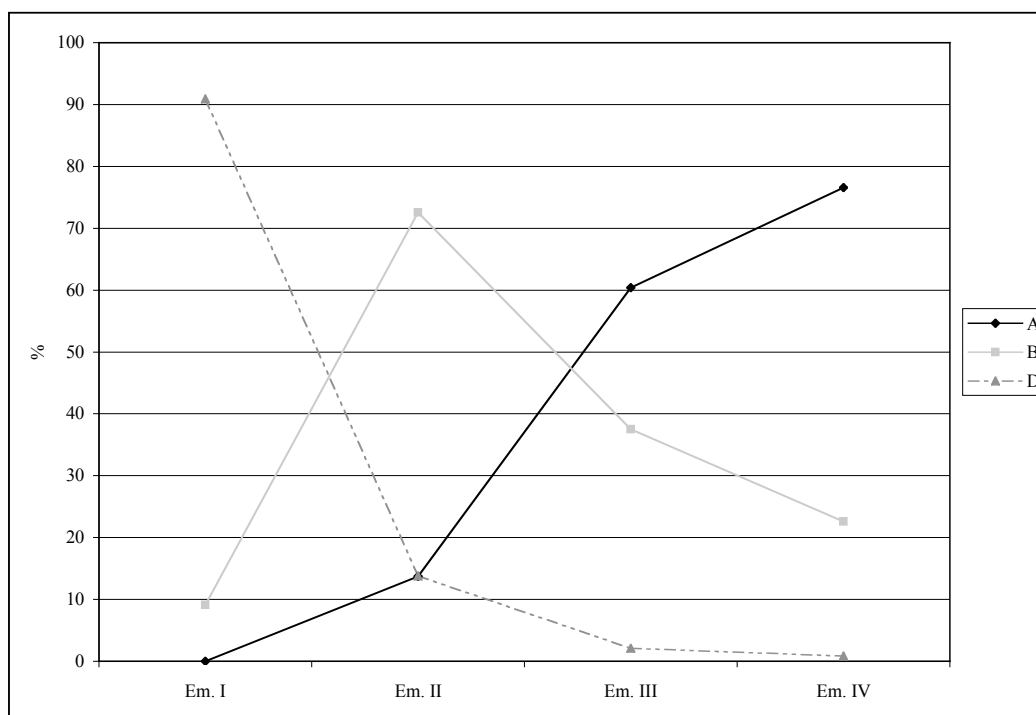
Um outro argumento para situar estas moedas entre as primeiras cunhagens do principado de Cláudio prende-se com o facto de a esmagadora maioria dos bustos da primeira emissão ser do tipo drapejado e couraçado (vinte e um bustos D2 e um busto D1), contra apenas três bustos couraçados (B1) e nenhuma cabeça radiada (A1)<sup>77</sup>. A importância dessa constatação é-nos revelada pelo tesouro de Brézins (Isère), ocultado em finais de 269 ou nos inícios de 270 (BOMPAIRE e HOLLARD 1997 35-68). Este achado possui a particularidade de os 517 exemplares cunhados em Roma para Cláudio II pertencerem todos à segunda emissão. Ora em Brézins não foi encontrada qualquer cabeça radiada e a proporção de bustos couraçados é relativamente baixa, ao todo 70 em 515 exemplares<sup>78</sup>, sendo os restantes 445 repartidos pelos bustos drapejados couraçados vistos de frente (D1: 8 exemplares) ou de costas (D2: 437 exemplares). Como já haviam demonstrado BLAND e BURNETT (1988 128-129), HUVELIN (1990 453) e BOMPAIRE e HOLLARD confirmam (1997 42), os bustos seguem uma sequência: primeiro os bustos drapejados couraçados (D1 e, sobretudo, D2), depois os bustos couraçados (B1) e, finalmente, as cabeças (A1). O Gráfico 35, elaborado a partir dos dados coligidos por Bland e Burnett para as emissões de Roma de Cláudio II com base nos tesouros de Cunetio e Normanby<sup>79</sup>, não pode ser mais elucidativo a este respeito. Daqui se depreende que a questão dos bustos assume claro significado cronológico, não restando dúvidas de que os bustos D2 são característicos das emissões de inícios do reinado de Cláudio, com notável predominância naquela que usa as três titulaturas ditas "excepcionais".

---

<sup>77</sup> O exemplar descrito por COHEN (VI 292) com a titulatura IMP CLAVDIVS P F AVG e busto A1 para um reverso VICTORIA AVG não deve ser considerado (BLAND e BURNETT 1988 127).

<sup>78</sup> Um dos bustos não pode ser identificado e o outro é do tipo F2e.

<sup>79</sup> Cf. BLAND e BURNETT (1988 129, Quadro 10). Para a emissão I, recorremos à lista apresentada pelos autores nas pp. 126-128, completada pela confirmação definitiva dos exemplares do tesouro de La Venèra (GIARD 1995, n° 5781-2), pelos exemplares de Porto Carro e de Mértola e pelo de Trousesey. De notar que, no gráfico, a segunda emissão congrega os dados relativos às três fases apresentadas separadamente pelos autores britânicos, por razões de clareza de exposição.



**Gráfico 35 - Evolução dos diversos tipos de bustos ao longo das quatro emissões romanas de Cláudio II**

Por outro lado, a iconografia dos bustos que pudemos observar parece-nos claramente da fase inicial do reino, como sucede no exemplar de Porto Carro, em que o retrato, apesar de bastante cuidado e de excelente qualidade, parece acusar ainda reminiscências do de Galieno, provavelmente pelo facto de os gravadores não terem tido tempo suficiente para assimilarem a efigie do novo imperador.

Um outro argumento, todavia menos sólido, consiste no facto de, durante este período, ser prática corrente das casas da moeda, aquando da ascensão ao trono de um novo imperador, começarem por cunhar com titulaturas longas, que irão sendo progressivamente abreviadas no decurso das emissões seguintes.

Apesar da controvérsia à volta desta emissão não vemos, para já, motivos para não se incluir este grupo de moedas numa curtíssima emissão autónoma, realizada logo após a proclamação do novo imperador, com as várias titulaturas longas a serem rapidamente abandonadas em favor de uma titulação única, IMP C CLAVDIVS AVG.

Se a existência daquela que definimos como a primeira emissão é problemática, no que respeita à segunda emissão as dificuldades prendem-se com a sua arrumação



interna. Como já foi referido anteriormente, em 1988 R. Bland e A. Burnett dividiram esta emissão em três fases:

(a) uma primeira fase, composta por sete reversos que, por não ostentarem marca, não podem ser adscritos com segurança a nenhuma oficina:

ADVENTVS AVG  
 CONCOR EXERCI  
 IOVI STATORI  
 LIBERALITAS AVG  
 PAX AVG  
 SALVS AVG  
 SPES PVBLICA

(b) uma segunda fase, com doze reversos, que, não obstante a ausência de marca, são facilmente associáveis a doze oficinas. Os autores propõem ainda a inclusão nesta fase dos reversos sem marca VICTORIA GM e PM TR P II COS P P, que julgam terem sido produzidos como tipos subsidiários, o primeiro da oficina A e o segundo de uma oficina incerta.

A	VICTORIA AVG
	VICTORIA GM
B	FELICITAS AVG
Γ	GENIVS AVG
Δ	ANNONA AVG
E	VIRTVS AVG
ς	AEQVITAS AVG
Z	GENIVS EXERCI
H	MARS VLTOR
N	IOVI VICTORI
X	LIBERT AVG
XI	FIDES EXERCI
XII	PROVID[ENT] AVG
?	P M TR P II COS P P

(c) uma terceira fase, com os mesmos reversos da fase (b), mas agora maioritariamente marcados pelas doze oficinas.

Esta proposta, ainda que prática, choca com algumas limitações das quais os autores sempre estiveram conscientes (BLAND e BURNETT 1988 132). O tesouro de Brézins, a que já se fez alusão, vem trazer um pouco mais de luz à questão da organização e distribuição da segunda emissão da casa da moeda central. O depósito conta com 517 moedas lavradas em Roma para Cláudio, cerca de 40% das quais apresentam ligações de cunhos, o que atesta a sua quase nula circulação antes do entesouramento. Entre outras coisas, a sua análise dá-nos conta da ausência dos reversos não marcados LIBERALITAS AVG e P M TR P II COS P P, bem como dos reversos GENIVS AVG e LIBERT AVG, estes últimos produzidos respectivamente nas terceira e décima oficinas. Esta constatação, confirmada pelos tesouros coetâneos de Veurey, Broni e Cortemaggiore (BOMPAIRE e HOLLARD 1997 40-41; cf. ainda HUVELIN 1990 451-454), não pode explicar-se apenas pela raridade dos tipos em questão, deixando antes em aberto a possibilidade de a sua cunhagem ter ocorrido num momento avançado da segunda emissão. Outro indicador a ter em conta é o fornecido pelo estudo estatístico dos bustos, que pode aportar dados cronológicos importantes. Em Brézins não foi encontrada qualquer cabeça radiada e a proporção de bustos couraçados é relativamente baixa, ao todo 70 em 515 exemplares<sup>80</sup>, sendo os restantes 445 repartidos pelos bustos drapejados couraçados vistos de frente (D1: 8 exemplares) ou de costas (D2: 437 exemplares). Esta observação é importante porque os reversos ausentes em Brezins (LIBERALITAS AVG e P M TR P II COS P P) não apresentam bustos D1 e D2 ou, se os apresentam, é em baixa (GENIVS AVG) ou baixíssima proporção (LIBERT AVG). Pelo contrário, estes reversos acompanham predominantemente os bustos couraçados, mais raramente as cabeças. Os dois primeiros podem ser encarados como tipos subsidiários batidos em circunstâncias especiais por duas das doze oficinas juntamente com os tipos principais: LIBERALITAS AVG, possivelmente associado a um *donativum* que acompanhou as cerimónias do consulado (HUVELIN 1990 453), e P M TR P II COS P P, associado à assumpção do

---

<sup>80</sup> Um dos bustos não pode ser identificado e o outro é do tipo F2e.

segundo poder tribunício por Cláudio em Dezembro de 268. A sua cunhagem prolonga-se no tempo uma vez que são conhecidos exemplares com a titulação curta IMP CLAVDIVS AVG, havendo que situá-los na terceira emissão.

Quanto aos reversos GENIVS AVG e LIBERT AVG, marcados respectivamente pelas oficinas Γ e X, parece claro que não foram os primeiros tipos a serem produzidos naquelas oficinas, vindo substituir alguns dos reversos não marcados. Quais, não sabemos por agora! De facto, a associação de cada reverso não marcado a uma oficina específica é, amiúde, tarefa difícil, para não dizer impossível. É possível que o reverso VICTORIA GM, lavrado nas segunda e terceira emissões, possa ter sido um tipo subsidiário da oficina A (BLAND e BURNETT 1988 131) ou que o reverso CONCOR EXERCI tenha sido batido na oficina XI, precedendo FIDES EXERCI. O tipo CONCOR EXERCI foi cunhado durante muito pouco tempo, logo no início da segunda emissão, pois todos os exemplares conhecidos exibem o busto D2, enquanto o tipo FIDES EXERCI parece ter sido produzido numa fase algo mais tardia. Os dados compilados a partir de vários tesouros por BOMPAIRE e HOLLARD (1997 42) mostram um domínio avassalador dos bustos B1 associados a este reverso: foram identificados em 84% dos exemplares recenseados. Por outro lado, ambos os reversos utilizam o tipo *Fides* 2b, inscrevendo-se, portanto, numa lógica de continuidade. De notar ainda que, no tesouro de Brézins, dois antoninianos com reversos CONCOR EXERCI e IOVI STATORI partilham o mesmo cunho de anverso, o que suscita a tentação de atribuir ambos os tipos à mesma oficina; todavia os autores da publicação mostram alguma prudência quanto a essa possibilidade (BOMPAIRE e HOLLARD 1997 43).

Parece claro, portanto, que organização das várias fases da segunda emissão não se afigura tão linear quanto se julgava, com alguns dos tipos considerados principais a não serem cunhados desde o arranque da emissão, como insinuam os dados fornecidos pelo tesouro de Brézins. Provavelmente alguns desses tipos substituíram reversos como CONCOR EXERCI, cunhado de forma breve logo no início da emissão, como indica a adopção exclusiva dos bustos D2, ou ADVENTVS AVG, onde os bustos D1 e D2 são predominantes.

O quadro traçado, mais do que aclarar os dados, pretendeu relevar as dificuldades que se colocam à ordenação da segunda emissão. Estamos convictos de que o problema

está ainda longe de se encontrar resolvido e, não restando dúvidas de que a cunhagem se processou em várias fases distintas, cremos que não estarão ainda estabelecidas com toda a clareza. No entanto, a necessidade de analisar os achados de forma prática compeliu-nos a adoptar o critério sugerido por Bland e Burnett na publicação do tesouro de Normanby, a que já acima fizemos referência.

Considerações à parte, retomemos a análise da dita *segunda emissão* romana de Cláudio II nos tesouros lusitanos, particularmente no de Porto Carro. Mais abaixo, no Quadro 50, podemos observar a distribuição dos 48 exemplares de Porto Carro com reversos não marcados, maioritariamente distribuídos pelos tipos SALVS AVG e IOVI STATORI, por norma os mais abundantes nas deposições tardias. Bem representados encontram-se também os reversos P M TR P II COS P P, LIBERALITAS AVG e SPES PVBLICA. No depósito salaciense identificaram-se ainda dois exemplares CONCOR EXERCI e PAX AVG, cuja escassez é bem conhecida. Relativamente às moedas com reverso PAX AVG, não obstante a elevada probabilidade de tratar-se de um tipo autónomo de Cláudio, a hipótese de ser um híbrido com reverso da emissão do sétimo consulado de Galieno não pode ser totalmente posta de parte (BLAND e BURNETT 1988 131).

	P. Carro	La Vènera	Bavai	Thibouv.	Colonne	B.Rentgen	Br.Marches	Troussey	Normanby	Blackmoor
ADVENTVS AVG		0.47	0.49	1.39	4.62	2.93	0.75		0.68	1.87
CONCOR EXERCI	2.08	0.24				0.49			0.23	
IOVI STATORI	25	35.29	31.71	43.06	18.46	40.49	69.92	34.15	29.35	21.5
LIBERALITAS AVG	14.58	13.88	15.12	9.72	9.234	12.2	7.52	13.41	18.74	12.15
PAX AVG	2.08	1.18						1.22	0.9	2.8
PM TR P II COS PP	16.67	12.94	16.59	6.94	1.54	7.32	5.26	9.76	11.96	15.89
SALVS AVG	29.17	22.82	28.29	27.78	30.77	26.83	12.78	31.71	29.8	37.38
SPES PVBLICA	10.42	12.47	7.8	11.11	33.85	9.76	3.76	9.76	8.35	8.41
VICTORIA GM		0.71			1.54					
Nº exemplares	48	425	205	72	65	205	133	82	443	107

**Quadro 50 - Distribuição dos reversos não marcados da segunda emissão de Roma em 10 tesouros (%)**

Em Porto Carro não se recensaram quaisquer exemplares da raríssima série VICTORIA GM - que, como referimos, foi batida também na terceira emissão, possivelmente na primeira oficina - nem do tipo ADVENTVS AVG. Deste último, comemorando a entrada triunfal do imperador na *Vrbs*, foi identificado um exemplar entre as quatro moedas não marcadas de Cláudio do depósito de Sampão.

Vale a pena abrir ainda um pequeno parágrafo para assinalar a existência de um antoniniano de Cláudio II com titulação da segunda emissão e a invulgar legenda de reverso PM TR P COS II PP (*Imperador 5*), no lugar da habitual PM TR P II COS PP (cf. Vol. II, Lote do MNA, nº 188). Não sendo possível questionar a autenticidade da peça, a única explicação plausível passa por atribuir o erro da legenda a uma falha do gravador, como já havia sugerido Estiot para exemplares similares<sup>81</sup>.

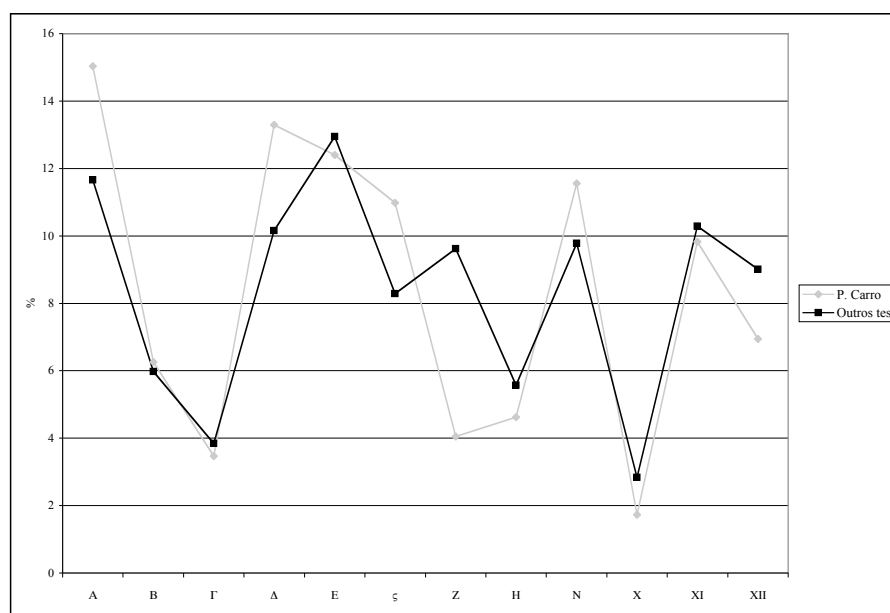
Na *fase (b)* da segunda emissão foram incluídos os reversos principais atribuídos às doze oficinas, independentemente de se apresentarem ou não marcados (cf. *infra* Quadro 51 e Gráfico 36). Os 173 antoninianos de Porto Carro atribuídos a este grupo repartem-se de forma desigual pelas doze oficinas, com preponderância das oficinas A, Δ, E, N e Z, todas com valores entre os dez e os quinze por cento do total. As oficinas X, Γ, Z e H, por outro lado, são as que possuem menor representação, todas abaixo dos cinco por cento. Os valores obtidos para Porto Carro reproduzem, com uma boa dose de acerto, os de vários outros depósitos de finais do séc. III. As duas linhas visualizadas no Gráfico 36 permitem-nos uma comparação instantânea entre as percentagens obtidas para cada oficina em Porto Carro e em outros sete tesouros ocidentais indicados no Quadro 51 (média ponderada), saltando à vista a quase absoluta ausência de discrepâncias entre ambas, à exceção talvez da observada nas percentagens da sétima oficina.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
P. Carro	15.03	6.26	3.47	13.29	12.4	10.98	4.05	4.62	11.56	1.73	9.83	6.94	173
La Vènera	13.06	6.61	4.33	8.56	12.89	8	8.11	5.72	9.89	2.89	11.44	8.5	1800
Colonne I-II	9.89	4.6	1.38	22.76	6.44	7.36	29.66	1.61	6.21	0.69	5.52	3.91	435
Bavai	11.45	6.53	3.32	10.42	12.71	9.28	8.25	6.64	8.82	3.67	10.65	8.25	873
B. Rentgen	12.74	6.23	4.2	11.25	13.69	7.05	9.62	7.99	7.86	1.9	7.18	10.3	738
Troussey	12.84	4.59	4.59	8.26	15.6	5.81	9.48	4.89	11.01	2.14	10.7	10.09	327
Normanby	10.56	5.25	3.69	8.89	14.14	9.12	7.1	4.85	11.37	3.35	11.48	10.21	1733
Blackmoor	11.11	8.06	3.7	9.37	11.76	8.5	8.93	4.36	11.33	3.92	8.71	10.24	459
Nº exemplares	773	396	246	674	843	544	620	355	645	187	667	587	6537

**Quadro 51 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 2ª emissão (b) de Roma de Cláudio II em 8 tesouros (%)**

<sup>81</sup> Sylviane Estiot refere cinco antoninianos de Cláudio II com legenda P M TR P COS II P P, todos saídos do mesmo cunho de anverso, mas, lamentavelmente, não indica a sua localização, pelo que não foi possível compará-los com o nosso exemplar (cf. ESTIOT 2004 8, n. 51).

De tesouro para tesouro, a coerência demonstrada na distribuição do numerário pelas doze oficinas leva-nos a crer que temos aqui espelhada, com alguma veracidade, a produtividade de cada uma delas ao longo da emissão. As enormes assimetrias visíveis no gráfico 36 no que toca ao volume de moeda produzido por algumas oficinas (como a X, a Γ, a H ou a B) são compreensíveis, pelo menos no caso das duas primeiras, devido ao tardio arranque da produção daqueles que viriam a ser os seus tipos principais (LIBERT AVG e GENIVS AVG), não deixando espaço para dúvidas de que estas oficinas terão sido das principais responsáveis pela cunhagem dos reversos sem marca, quaisquer que eles fossem.



**Gráfico 36 - Comparação, por oficinas, do numerário da 2ª emissão (b) de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 7 tesouros (%)**

Ao contrário da segunda, a terceira emissão não coloca qualquer tipo de problemas. Caracteriza-se pela manutenção dos reversos da fase final da emissão anterior, agora associados à titulatura curta IMP CLAVDIVS AVG. Desta emissão contabilizaram-se em Porto Carro 75 radiados, número relativamente diminuto, cuja repartição pelas doze oficinas se faz conforme o Quadro 52. As três últimas oficinas da *Moeda* romana figuram entre as melhor representadas, seguidas a curta distância pelas oficinas B, Δ e ζ, enquanto no pólo oposto se situam as oficinas Z, E, H e N. Da comparação com outros tesouros coevos ressaltam alguns desajustes mais pronunciados

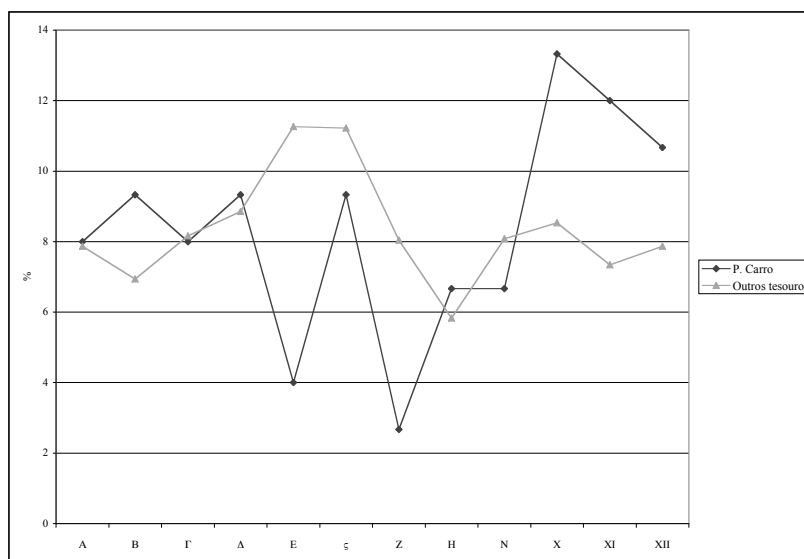
do que na emissão anterior (cf. *infra* Gráfico 37), nítidos, por exemplo, nas percentagens obtidas para as oficinas E, Z ou X.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
P. Carro	8	9.33	8	9.33	4	9.33	2.67	6.67	6.67	13.33	12	10.67	75
La Vènera	4.7	7.74	5.31	10.93	11.23	8.5	8.65	5.92	9.41	8.65	8.5	10.47	659
Bavai	6.49	6.49	10.13	8.83	11.95	11.69	8.05	5.97	7.53	9.09	7.27	6.49	385
Thibouville	12.61	5.04	8.4	5.88	9.24	11.76	6.72	3.36	5.88	11.76	10.08	9.24	119
Troussey	6.25	4.86	9.03	8.33	11.11	12.5	9.72	6.94	4.86	8.33	7.64	10.42	144
Normanby	10.66	6.02	8.16	7.9	10.54	13.05	7.15	5.77	8.03	9.16	6.02	7.53	797
Blackmoor	10.21	9.36	8.51	9.36	13.62	11.91	5.96	6.81	7.66	6.38	7.66	2.55	235
Nº exemplares	193	170	200	217	276	275	197	143	198	209	180	193	2451

**Quadro 52 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em 7 tesouros (%)**

Entre os exemplares atribuídos a esta emissão, vale a pena destacar um invulgar antoniniano com anverso IMP CLAVDIVS AVG (busto B1) e reverso FIDES MILIT (Fides 2a), que colocámos na oficina XI, ao lado dos reversos FIDES EXERCI (cf. lote do MNA, *Cat.* nº 306). A moeda não se encontra descrita por Webb em RIC V (1) e, de entre as publicações consultadas, apenas no tesouro de Normanby lográmos encontrar dois exemplares semelhantes, ainda que ambos com busto A1 (BLAND e BURNETT 1988 180, nº 804/1-2)<sup>82</sup>. Pese embora o facto de a figura da *Fides* da nossa moeda se encontrar algo danificada - o que dificulta um pouco a comparação entre ambas as peças - temos como praticamente seguro que partilha o cunho de reverso com o exemplar de Normanby 804/1. A raridade deste tipo monetário atesta uma produção em escassa quantidade, eventualmente como tipo subsidiário de uma oficina que poderia muito bem ser a décima primeira.

<sup>82</sup> No tesouro de Bavai, um antoniniano de Cláudio com a titulatura curta e busto B1 ostenta um reverso FIDES MILITVM (Fides 2) (GRICOURT 1958 95). Segundo Parente, um reverso idêntico terá sido localizado no tesouro de Santulhão, ainda que acompanhado da titulatura IMP C CLAVDIVS AVG (PARENTE 1997 141, nº 976). Lamentavelmente nenhum dos autores publica fotografias dos exemplares, pelo que não é possível compará-los nem avaliar da sua autenticidade.



**Gráfico 37 - Comparação, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 6 tesouros (%)**

Passemos finalmente à quarta emissão, pouco volumosa, já que foi interrompida de forma abrupta pela morte de Cláudio II em Agosto de 270. Esta emissão caracteriza-se pela introdução de 12 novos reversos, maioritariamente marcados, com a marca aposta quase sempre no campo e, com menor frequência, no exergo.

No Quadro 53 está traçada a distribuição dos 38 exemplares desta emissão, contabilizados no depósito de Porto Carro. A fragilidade da amostragem não permite grandes considerações, embora se possa salientar a elevada percentagem de moedas da primeira oficina, com correspondência na maior parte dos tesouros analisados dos anos 285-305 (Cf. Quadro 53 e Gráfico 38).

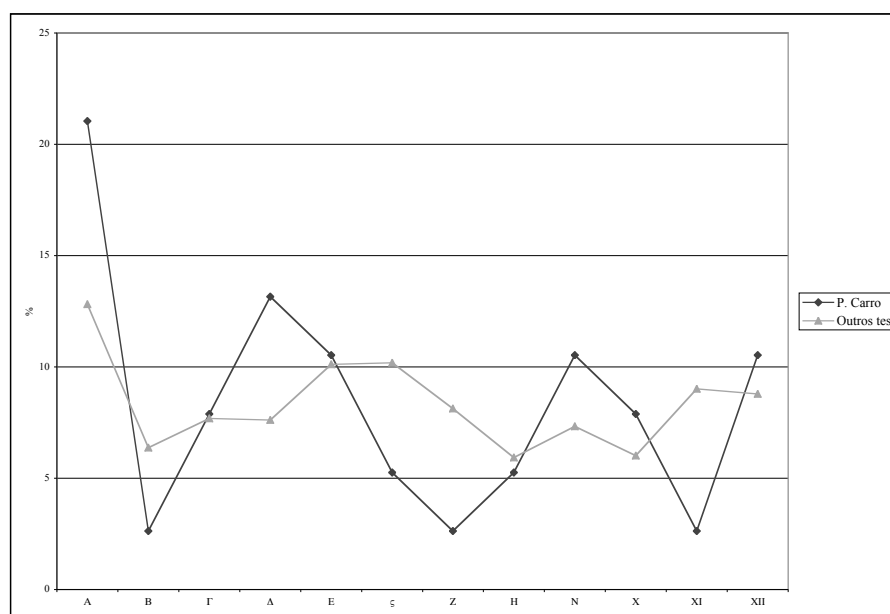
	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
P. Carro	21.05	2.63	7.89	13.16	10.53	5.26	2.63	5.26	10.53	7.89	2.63	10.53	38
La Vènera	12.55	5.54	10.33	7.75	10.7	8.49	7.01	6.27	6.27	7.75	8.86	8.49	271
Bavai	11.05	6.63	5.52	6.63	8.84	11.05	8.84	7.18	9.39	7.73	7.73	9.39	181
B. Rentgen	11.59	5.49	7.93	7.93	9.15	9.15	10.98	6.71	6.1	5.49	9.76	9.76	164
Thibouville	10.13	5.06	5.06	8.86	15.19	6.33	10.13	5.06	8.86	5.06	10.13	10.13	79
Troussey	11.22	2.04	9.18	7.14	7.14	17.35	9.18	4.08	6.12	7.14	10.2	9.18	98
Normanby	13.53	6.63	7.69	7.43	11.67	11.41	6.37	3.71	6.9	3.98	10.34	10.34	377
Blackmoor	18.59	10.9	5.13	7.69	8.33	7.05	7.69	8.97	9.62	4.49	6.41	5.13	156
Nº exemplares	175	87	105	104	138	139	111	81	100	82	123	120	1365

**Quadro 53 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 4ª emissão romana de Cláudio II em 8 tesouros (%)**<sup>83</sup>

<sup>83</sup> Foi excluído deste quadro o tesouro de Colonne, devido à sobrerepresentação da quinta oficina, cujos 91 exemplares perfazem 65,1% do numerário da quarta emissão no depósito.



De resto, se compararmos a projecção gráfica das percentagens obtidas para cada uma das doze oficinas em Porto Carro com as médias obtidas para sete tesouros do mesmo período, as semelhanças e assimetrias entre ambos os grupos são facilmente evidenciadas, as últimas bem marcadas nas oficinas Δ, ζ e XI (cfr. Gráfico 38).



**Gráfico 38 - Comparação, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 7 tesouros (%)**

A análise ponderal do numerário romano de Cláudio presente em Porto Carro e o respectivo cotejo com os pesos-médios dos conjuntos de La Venèra, Troussey e Normanby mostra que, ao longo das várias emissões, o peso-médio dos exemplares do conjunto sadino é bastante semelhante aos Troussey e Normanby e um pouco mais ligeiro que o de La Venèra (cf. Quadro 54)<sup>84</sup>. Na casa da moeda central a tendência para a redução do peso do antoniniano, herdada do tempo de Galieno, mantém-se sob Cláudio sendo bem perceptível na terceira emissão e alvo de ligeira correcção na emissão seguinte, pelo menos nalguns nalguns depósitos como os de Porto Carro e La Venèra.

<sup>84</sup> Não obstante figurarem no Quadro 59, os pesos da primeira emissão não serão objecto de discussão uma vez que foram obtidos com base num reduzidíssimo número de moedas: uma para Porto Carro e Troussey, duas para La Venèra e três para Normanby.

Note-se, todavia, que esta leve subida, nem sempre visível em todos os achados, poderá sempre explicar-se por uma selecção criteriosa do aforrador, ao optar pela incorporação dos exemplares de melhor peso que lhe chegavam às mãos.

Em simultâneo, as análises metalográficas realizadas a exemplares cunhados pela *Moeda* romana, dão-nos conta de que esta redução ponderal foi acompanhada de um progressivo abaixamento do teor de fino entre a segunda emissão e a quarta: os dados mais recentes atestam uma quebra de cerca de vinte por cento na percentagem média de metal nobre utilizado no fabrico da moeda radiada (COPE *et alii* 1997 89, Tab. 6a).

	Em. I	Em. IIa	Em. IIb	Em. III	Em. IV
P. Carro	2.42	2.67	2.77	2.59	2.6
La Venèra	3.28	2.95	2.97	2.84	2.93
Troussey	2.15	2.77	2.76	2.57	2.48
Normanby	2.82	2.69	2.74	2.62	2.59

Quadro 54 - Peso-médio das emissões de Roma de Cláudio II em 4 tesouros (gr.)<sup>85</sup>

Voltando agora a nossa atenção para o numerário batido para Cláudio II nos restantes centros emissores, observa-se que em Sampão e Porto Carro a representação das emissões milanesas, balcânicas e mísias é mais baixa do que o habitual em depósitos deste período (cf. *supra* Quadro 48).

### Milão

Desta casa monetária contaram-se dois exemplares em Sampão e oito em Porto Carro, distribuídos de forma igual pelas duas primeiras emissões. Ausentes estão os tipos monetários da terceira emissão, produzidos em menor escala que os das emissões precedentes. Admite-se, todavia, que esta quebra na produção seja apenas aparente, e que os tipos principais da segunda emissão (VIRTVS AVG e FIDES MILIT) tenham continuado a ser cunhados durante a última emissão juntamente com os novos reversos entretanto introduzidos (cf. BLAND e BURNETT 1988 134).

<sup>85</sup> Os pesos apresentados para La Venèra, Troussey e Normanby foram retirados de ESTIOT (1998a 191, Tab. 7).

### ***Siscia***

O centro emissor panónico contribuiu com 14 exemplares em nome de Cláudio para a composição do tesouro de Porto Carro, perfazendo 3,21% do numerário dos anos 268-270. O numerário distribui-se pelas quatro emissões definidas para esta casa da moeda, com destaque para a terceira - com 8 exemplares repartidos pelas fases (a) e (b) - e pela quarta, com quatro (cf. Quadro 55).

Em. Ia	Em. Ib	Em. IIa	Em. IIb	Em. IIIa	Em. IIIb	Em. IV	Tot
1	—	1	—	4	4	4	14

**Quadro 55 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Siscia* de Cláudio II em Porto Carro**

Em Porto Carro o número de moedas cunhadas em *Siscia* para o Gótico é bastante superior às produzidas por Milão, à semelhança do que se verifica noutros depósitos lusitanos mais antigos (cf. *supra* Quadro 30) ou entre as moedas das escavações de *villae* e centros urbanos (Torre de Palma, *Conimbriga*, ...). Este fenómeno, pouco comum na grande maioria dos depósitos ocultos na zona ocidental do Império, foi já abordado anteriormente, quando tratámos dos depósitos dos anos 268-274, e a explicação mais plausível é a de que o numerário milanês era preferencialmente expedido para a Gália, a Alemanha e a Britânia, enquanto em parte da Itália e na Hispânia as emissões da casa da moeda balcânica complementavam - de forma ligeira, é certo - o numerário exportado de Roma.

Uma nota muito breve para assinalar a presença, entre as moedas da *fase b*) da terceira emissão, de um raro antoniniano com o reverso LIBERTAS AVG (*Libertas* 1b), sem marca. Entre os depósitos consultados, lograram-se apenas paralelos em La Venèra (GIARD 1995 114, n° 9677-8) e Bavai (GRICOURT 1958 98).

### ***Cízico***

Em 269 Cláudio II estabelece uma casa da moeda em Cízico, com o pessoal de um atelier jónico conhecido como o atelier SPQR (MAIRAT 2007 175-196). O numerário emitido pelo centro emissor mísio para este imperador é muito escasso nos depósitos ocidentais, tendo sido referenciado apenas um exemplar em Porto Carro com o reverso

VICTORIAE GOTHIC (Troféu 1), que se julga destinado a celebrar a vitória de Cláudio sobre os Godos em *Naissus*<sup>86</sup>.

### Cunhagens locais

Dos 436 radiados de Porto Carro ostentando o nome de Cláudio II, 15 foram classificados como imitações, com tudo o que de subjectivo esta designação frequentemente acarreta. Segue-se a lista das mesmas:

Emissão	Reverso	Nº ex.
Emissão II	GENIO EXERCI[...] ( <i>Genius</i> 1a)	1
	PAX AVG ( <i>Pax</i> 1)	2
Emissão II-III	GE[...] ( <i>Genius</i> 1a)	1
	IOVI VICTORI ( <i>Jupiter</i> 1)	1
	FIDES EXERCI ( <i>Fides</i> 2a/b)	1
	PROVID AVG ( <i>Providentia</i> 3)	1
Emissão III	FELI[...]G ( <i>Felicitas</i> 1)	1
	AEQVITAS AVG ( <i>Aequitas</i> 1)	1
	GENIVS AVG ( <i>Genius</i> 2a)	2
	LIBERT AVG ( <i>Libertas</i> 1)	1
Em.III-IV, R/ de Galieno	MARTI PACIFERO (tipo <i>Virtus</i> 1)	1
Emissão IV	PR[...] ( <i>Providentia</i> 2)	1
A/ de Milão	P M TR P II COS ( <i>Imperador</i> 2)	1
<b>Total</b>		15

Como se pode observar, quase todas as moedas utilizam como protótipo os tipos adoptados para o Imperador pela casa da moeda romana, com duas excepções:

- um exemplar com anverso IMP CLAVDIVS AVG (B1) e reverso MARTI PACIFERO (tipo *Virtus* 1), protótipo da quinta série de Galieno (cf. Vol. II, Lote do MMB, nº 45). O estilo da moeda, sobretudo do reverso, é assaz grosseiro, um pouco ao estilo das imitações da amoedação do Império Gaulês;

- um exemplar com anverso [IMP CLAV]DIVS P F AVG (D2), com busto e titulatura tipicamente ao estilo de Milão, e reverso P M TR P II COS PP (*Imperador* 2), legenda, tipo e marca da quarta oficina de Roma (Δ) (cf. Vol. II, Lote do MNA, nº 359). O estilo da peça é muito aceitável, de tal forma que, a não ser pela inverosímil

<sup>86</sup> Tal interpretação é contestada por J. Mairat, a quem a batalha de *Naissus* parece demasiado tardia para justificar o aparecimento deste reverso, preferindo associá-lo à chegada de Cláudio à região do Ponto ou às primeiras vitórias do Imperador contra os Godos (MAIRAT 2007 188).

combinação de anverso e reverso, dificilmente seria considerada de fabrico irregular. É muito possível que os cunhos utilizados no seu fabrico tenham sido obtidos a partir do molde de moedas oficiais.

### ***Os Divo Claudio***

As moedas póstumas em honra de Cláudio II, vulgarmente designadas por *Divo Claudio*, encontram-se entre as séries mais copiosas de todas quantas foram produzidas no século III. Em Sampão identificaram-se apenas sete exemplares desta série (1,86% do total), mas, em Porto Carro, a cifra atinge os 282 radiados (entre os quais 18 híbridos), o que representa 12,5% das 2249 moedas inventariadas para o depósito. Este abundante numerário coloca diversos problemas, já que não é maioritariamente composto por moedas cunhadas em Roma ou noutra qualquer casa da moeda oficial, mas sim por exemplares produzidos de forma fraudulenta à revelia da autoridade imperial. Apesar das interrogações que esta imensa massa monetária suscita nunca foi, até hoje, objecto de um estudo muito aprofundado, não obstante a atenção que lhe dedicaram alguns investigadores (vejam-se, a título de exemplo: CALLU 1969 303 e segs.; CALLU 1974 523-547; BOST *et alii* 1974 240-243; CENTENO 1981-1982 121-129; ZIEGLER 1983 23-30; BLAND e BURNETT 1988 138-144; WEDER 1994 255 e segs.; GÖBL 1995 69-79; ESTIOT 1998a 196-198).

Antes de passarmos à análise deste grupo de moedas, parecem-nos oportunas algumas considerações introdutórias. Em primeiro lugar, referir que a sua catalogação, logo a seguir às emissões do curto principado de Cláudio II, obedece mais a motivos de ordem prática do que a critérios exclusivamente cronológicos. Tendo as emissões regulares desta série sido produzidas em modesta escala em Roma - e em volumes bastante reduzidos em Milão, Síscia e Cízico -, quiçá logo no reinado de Quintilo e com toda a segurança no início do reinado de Aureliano, as cunhagens fraudulentas têm um espectro temporal bastante mais amplo, cuja extensão não foi ainda possível determinar com clareza. Ao mesmo tempo, convirá ter sempre presente que muitos dos problemas que se colocam ao estudo dos *Divo Claudio* são extensivos às imitações em nome de Galieno e Cláudio II, produzidas em simultâneo e no mesmo contexto.

Por outro lado, temo-nos referido sistematicamente a cunhagens regulares e a cunhagens fraudulentas, mas como distingui-las entre si? Casos há em que a destrinça não levanta quaisquer problemas. Porém as fronteiras entre o que deve ser considerado produto oficial da casa da moeda e produto fraudulento são com frequência bastante ténues, estando dependentes da subjectividade de quem realiza a classificação. Esse carácter arbitrário é bem visível na análise das publicações de diversos achados, com os investigadores a adoptarem diferentes critérios para efectuarem a destrinça. Nas publicações mais antigas, há alguma tendência para distinguir os *Divo Claudio* oficiais das imitações em função sobretudo do módulo, tendo a qualidade da gravura um papel secundário (BASTIEN e PFLAUM 1961-1962 102-104; BOST *et alii* 1974 240). Posteriormente os investigadores acrescentaram-lhes outras variáveis, como o peso e o aspecto metálico, dando ainda ênfase ao critério estilístico que nos parece curial para a identificação (BLAND e BURNETT 1988 139 e 143; ESTIOT 1998a 196). Assim, só exemplares exibindo um estilo correcto, de peso e módulo elevados, apresentando com frequência vestígios do prateado original e bem cunhados, preenchem os requisitos para serem considerados, com alguma segurança, produtos oficiais.

As cunhagens póstumas em honra de Cláudio II compreendem os seguintes tipos:

a) exemplares com anverso DIVO CLAVDIO (A1) e reverso CONSECRATIO associado à representação iconográfica de uma águia ou de um altar. A águia pode ser representada de pé, para a direita, com a cabeça voltada para a esquerda (*Águia 1*) ou em posição inversa (*Águia 2*). O tipo do altar também apresenta duas variantes: com a zona frontal seccionada em quatro partes (*Altar 1a*) ou decorada por uma grinalda estilizada (*Altar 1b*);

b) híbridos com anverso póstumo e reversos das emissões em vida, típicos das doze oficinas da *Moeda* romana;

c) híbridos com anversos das emissões em vida e reversos póstumos.

Em Porto Carro e Sampão, à semelhança do que acontece em todos os tesouros tardios contendo espécimes *Divo Claudio*, a maior parte dos exemplares é de fabrico irregular. No achado salaciense, apenas 35 das 282 moedas póstumas de Cláudio foram atribuídas a Roma (12,41%), sendo as restantes consideradas de origem fraudulenta (cf.

*infra* Quadro 56). Neste caso concreto não é possível a comparação dos dados do nosso tesouro com os de outros achados, uma vez que tal comparação só seria válida se os critérios utilizados na classificação das moedas fossem rigorosamente iguais em todos eles.

Para facilitar o estudo das cunhagens irregulares desta série, procedemos à sua divisão em três grupos, atendendo essencialmente a três critérios, por esta ordem de importância: o estilo da cunhagem, o módulo e o peso:

- i) Grupo 1 - moedas de peso e módulo regulares, mas de qualidade estilística um pouco inferior à das cunhagens consideradas oficiais. Sendo as fronteiras entre produções oficiais e imitações bastante fluída, é possível que alguns dos exemplares deste grupo sejam de cunhagem regular;
- ii) Grupo 2 - moedas de estilo ainda aceitável, embora tecnicamente menos evoluído do que o das moedas do Grupo 1, por vezes com erros nas legendas. Dentro deste grupo existem significativas variações de peso e módulo, em regra inferiores aos das moedas do primeiro grupo. São claramente peças de fabrico irregular;
- iii) Grupo 3 - moedas exibindo tipos bastante toscos, legendas por vezes incompreensíveis, de peso e módulo frequentemente ligeiros.

Tenha-se em atenção que cerca de 5% das moedas desta série, todas de cunhagem fraudulenta, não puderam ser atribuídas com segurança a nenhum grupo preciso, quase sempre porque a deficiente conservação dos exemplares não permitiu uma análise cuidada de tipos e legendas.

	Roma	Grupo 1	Grupo 1-2	Grupo 2	Grupo 2-3	Grupo 3	Grupo 1-3	Total
Águia 1	1	1	1	4				7
Águia 2	11	11	1	66	2	8	2	101
Águia 1/2					1			1
Altar 1a	17	19		43	3	7		89
Altar 1b	5	10	3	39	1	2		60
Altar 1a/b	1	3	1	1				6
Híbridos		7		11				18
Total	35	51	6	164	7	17	2	282
%	12.41	18.08	2.13	58.16	2.48	6.03	0.71	100

**Quadro 56 - Distribuição dos *Divo Claudio* do tesouro de Porto Carro**

O Quadro 56 mostra a distribuição dos *Divo Claudio* de Porto Carro, deixando bem claro o cuidado que o entesourador colocou na constituição do seu aforro, ao optar pelas moedas de bom estilo, com peso e módulo elevados, em detrimento dos exemplares de pior qualidade. Ainda que no depósito predominem claramente as imitações do Grupo 2, responsáveis por 58,16% deste numerário, as peças que atribuímos ao atelier de Roma e as do Grupo 1 - algumas das quais eventualmente oficiais - totalizam mais de 30% do total. Por outro lado, os maus *Divo Claudio* parecem ter sido rejeitados pelo aforrador, com as moedas do Grupo 3 a representarem apenas cerca de 6% dos 282 exemplares póstumos.

Não deixa de ser interessante comparar as cunhagens póstumas em honra do Gótico de Porto Carro com idêntico material fornecido pelos sítios lusitanos de Torre de Ares (Balsa) Torre de Palma e Conimbriga<sup>87</sup> (cfr. Gráfico 39).

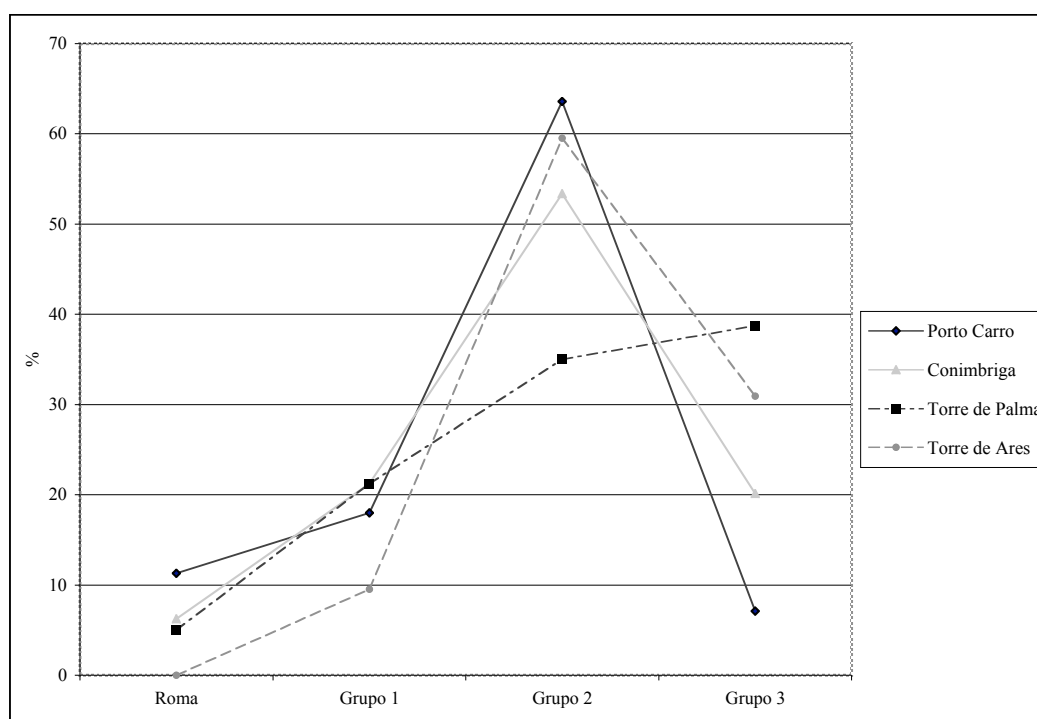


Gráfico 39 - Distribuição dos *Divo Claudio* de Porto Carro e de três sítios lusitanos (%)

<sup>87</sup> Os dados apresentados para Conimbriga são resultado da soma dos materiais das seguintes intervenções: *Escavações antigas*, *Escavações luso-francesas*, *Escavações J. Alarcão* e ainda dos *Achados ocasionais*.



Entre os aspectos para nós mais notórios, salientamos o facto de os *Divo Claudio* oficiais aparecerem em menor quantidade nos sítios urbanos e rurais, nos quais parecem predominar as peças de fabrico irregular do segundo e do terceiro grupo. Inclusivamente, no caso de Torre de Palma, o panorama é um pouco diverso de Porto Carro e dos dois centros urbanos analisados, com as moedas do Grupo 3 a sobreporem-se às restantes. Daqui se depreende que as moedas de consagração de melhor qualidade eram preferencialmente entesouradas, enquanto as restantes se mantinham em circulação, com as piores a serem expulsas e imobilizadas nos contextos rurais<sup>88</sup>.

A comparação dos pesos-médios fornecidos pelos exemplares de cada sítio torna mais fácil a apreensão deste fenómeno (cf. Quadro 57 e Gráfico 40). Porto Carro apresenta pesos-médios bastante superiores aos dos restantes sítios. Mas esta constatação é mitigada pelo facto de ser um depósito, o que implica a existência uma selecção criteriosa dos melhores espécimes por parte do aforrador; por outro lado, explica-se também pela menor circulação dos espécimes entesourados e consequente menor desgaste. O peso-médio das moedas oficiais é sempre superior ao das imitações - aproximando-se do peso das emissões de Cláudio II e Quintilo (cf. *supra* Quadro 54). Ao mesmo tempo, em todos os locais, o peso desliza de forma consistente do primeiro para o último grupo, com a única excepção a ser constituída por Porto Carro, onde o peso-médio dos exemplares do Grupo 3 suplanta o obtido para os do Grupo 2. Julgamos que a presença no achado de apenas seis por cento de *Divo Claudio* do Grupo 3, quando nos sítios analisados este grupo oscila aproximadamente entre os vinte e os quarenta por cento, se deve precisamente ao peso. Na ausência de moeda de melhor qualidade para adicionar à sua poupança, o aforrador voltou-se para os espécimes que lhe permitiam a acumulação do máximo peso em termos de metal amodado, não obstante o estilo menos cuidado, que por certo, lhe não passaria despercebido.

---

<sup>88</sup> Ainda que a nossa proposta se aplique apenas a uma série monetária bastante específica, a ideia de que os sítios rurais funcionariam como "lixeiras" da circulação monetária urbana é refutada por BOST (1992-1993 225).

	Roma	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Porto Carro	2.76	2.31	2.04	2.24
Nº ex.	27	43	152	17
Conimbriga	2.15	1.9	1.55	1.11
Nº ex.	28	95	234	90
Torre de Palma	2.2	1.84	1.49	1.19
Nº ex.	4	17	28	31
Torre de Ares		1.87	1.76	1.55
Nº ex.	0	12	75	39

Quadro 57 - Peso-médio dos *Divo Claudio* de Porto Carro e de três sítios lusitanos (g)

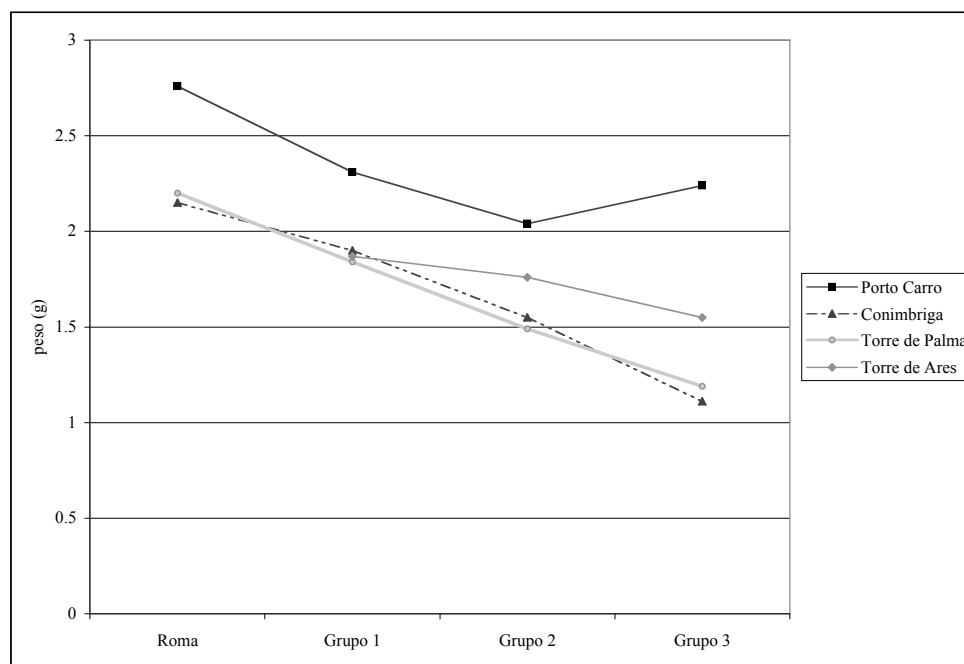
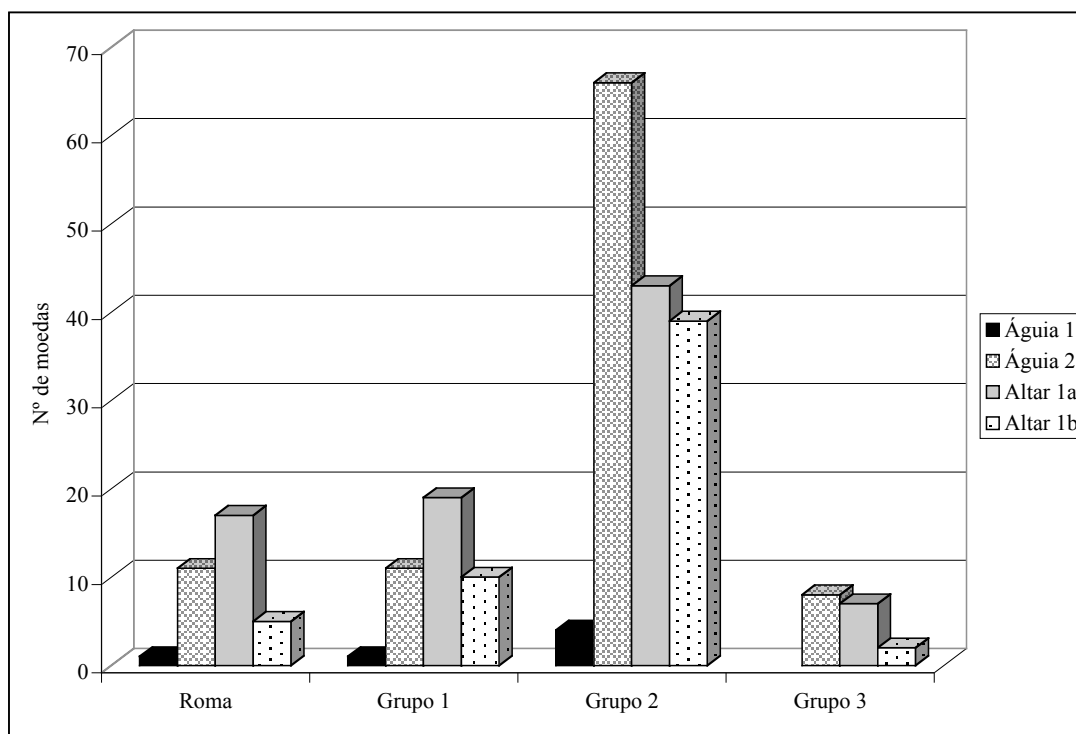


Gráfico 40 - Peso-médio dos *Divo Claudio* de Porto Carro e de três sítios lusitanos

Cingindo-nos apenas aos exemplares identificados com segurança, uma análise dos reversos destas emissões dá-nos conta do predomínio dos reversos com o tipo do *Altar* sobre os da *Águia*, dado que nada tem de surpreendente, pois tanto os tesouros como os materiais de escavação (cf. BLAND e BURNETT 1988 143, Tab. 20 e BOST *et alii* 1974 240) atestam que as imitações acompanharam a tendência das produções oficiais, ao fabricarem os reversos do *Altar* em maior profusão. Dentro dos *Divo Claudio* com reverso do *Altar*, o tipo que designámos como *Altar 1a* é ligeiramente mais abundante que o *Altar 1b*. Quanto aos reversos da *Águia*, o aspecto que mais salta à vista é o baixíssimo número de exemplares exibindo a águia para a direita com a cabeça voltada para a esquerda (*Águia I*).



**Gráfico 41 - Distribuição dos *Divo Claudio* de Porto Carro por tipos de reverso**

Para além dos *Divo Claudio* propriamente ditos, foram inventariados dezoito exemplares híbridos de fabrico irregular, reproduzindo um tipo póstumo numa das faces e um tipo utilizado durante as emissões em vida de Cláudio na outra. Em Porto Carro esta amoedação inspira-se em protótipos de Roma, à excepção de um exemplar que imita um reverso VIRTVS AVG (*Virtus 2*) de Milão (cf. Vol. II, Lote do MNA, nº 392).

Por norma a combinação predominante é a que associa um anverso com a legenda DIVO CLAVDIO a um reverso replicando os reversos emitidos pela casa da moeda romana entre o principado de Cláudio II e a primeira emissão de Aureliano<sup>89</sup>. Os exemplares associando anversos das emissões em vida do Gótico e reversos póstumos são menos frequentes.

<sup>89</sup> Recordamos que, em Roma, os reversos da última emissão de Cláudio II serão mantidos para Quintilo e para a primeira emissão de Aureliano, com excepção do reverso PM TR P II COS PP (*Imperador 2*) da quarta oficina, que será substituído pelo reverso CONCORDIA AVG (*Concordia 4*).

Neste lote de dezoito exemplares é de realçar a presença de três reversos SECVRIT AVG, dois dos quais com a marca da oficina XI. Coincidência ou não, numa relação elaborada por BLAND e BURNETT (1988 140. Tab. 19) com base na análise de numerosos tesouros, este tipo encabeça precisamente a lista dos híbridos mais abundantes, ainda que os dados recolhidos pelos autores britânicos se reportem a peças de fabrico presumivelmente oficial.

Deixamos aqui a listagem dos exemplares híbridos de Porto Carro:

*1. Protótipo de anverso DIVO CLAVDIO (A1) e reversos das emissões em vida:*

(a) reversos de Roma: emissões II-III

GENIVS AVG	<i>Genius 1a?</i>	— —//—
GENIVS AVG	<i>Genius 2a</i>	— —//—
IOVI VICTORI	<i>Jupiter 1</i>	— —//—
LIBERT AVG	<i>Libertas 1</i>	— —//—
PROVID AVG	<i>Providentia 3</i>	— —//—

(b) reversos de Roma: emissão IV, Quintilo e Aureliano

FIDES MILITVM	<i>Fides 3</i>	— —//—
FORTVNA REDVX	<i>Fortuna 2</i>	— —//—
APOLLINI CONS	<i>Apollo 2</i>	— H//—
SECVRIT AVG	<i>Securitas 2b</i>	— —//—
SECVRIT AVG	<i>Securitas 2b</i>	XI —//—
SECVRIT AVG	<i>Securitas 2b</i>	— XI//—
LAETITIA AVG	<i>Laetitia 1</i>	— XII//—

(c) reverso de Milão: emissão II

VIRTVS AVG	<i>Virtus 2</i>	— —//—
------------	-----------------	--------

*2. Protótipo: anversos das emissões em vida e reversos póstumos:*

(a) IMP C CLAVDIVS AVG

B1 CONSECRATIO	<i>Águia 2</i>
----------------	----------------

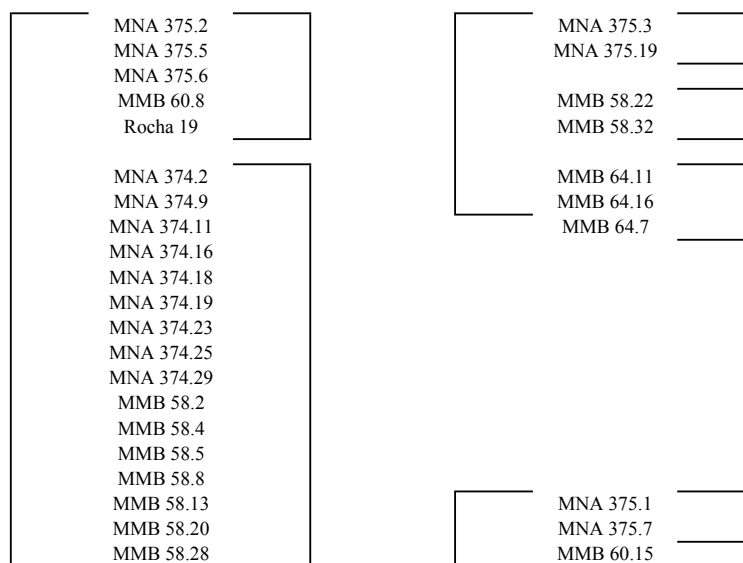
(b) IMP [C] CLAVDIVS AVG

A1 CONSECRATIO	<i>Águia 2</i>
A1 CONSECRATIO	<i>Águia 2</i>
B1 CONSECRATIO	<i>Altar 1a</i>

(c) IMP CLAVDIVS AVG

A1 CONSECRATIO	<i>Águia 2</i>
----------------	----------------

Quanto a nós, um dos aspectos mais relevantes - senão mesmo o mais relevante - dos *Divo Claudio* do tesouro de Porto Carro prende-se com a identificação de três grupos de exemplares nos quais foram detectadas diversas ligações de cunho; a sua importância é por demais evidente, tanto do ponto de vista da numismática como da circulação monetária (cf. Diagrama 1).



**Diagrama 1 - Ligações de cunho entre *Divo Claudio* do tesouro de Porto Carro<sup>90</sup>**

O primeiro grupo compreende vinte e um exemplares ligados pelo mesmo cunho de anverso (cf. *infra* Foto 21). Destes, cinco apresentam reversos *Altar 1a*, todos saídos do mesmo cunho, e os restantes dezasseis partilham um reverso *Águia 2*. As moedas são claramente de fabrico irregular, denotando um estilo e uma qualidade de cunhagem a tenderem para o medíocre, daí que as tenhamos integrado no nosso Grupo 2.

Olhando mais de perto para este grupo, verifica-se que, no anverso, o estilo das letras que constituem a legenda e a sua distribuição são assaz regulares, embora um pouco inferiores aos das moedas oficiais de Roma (Foto 7). O busto é tratado de forma bastante esquemática: nariz afilado, cavidade orbital pronunciada, cabelo e barba estilizados, denunciados por traços rectilíneos, pescoço comprido, terminando num ressalto que deixa já adivinhar o arranque dos ombros.

<sup>90</sup> As ligações de cunhos entre os exemplares do Museu Nacional de Arqueologia e o publicado por Maria Filomena Salgado da Rocha (Cf. Vol. II, nº 19) haviam já sido detectadas por CEPEDA (2002 7-9 e 12-13).

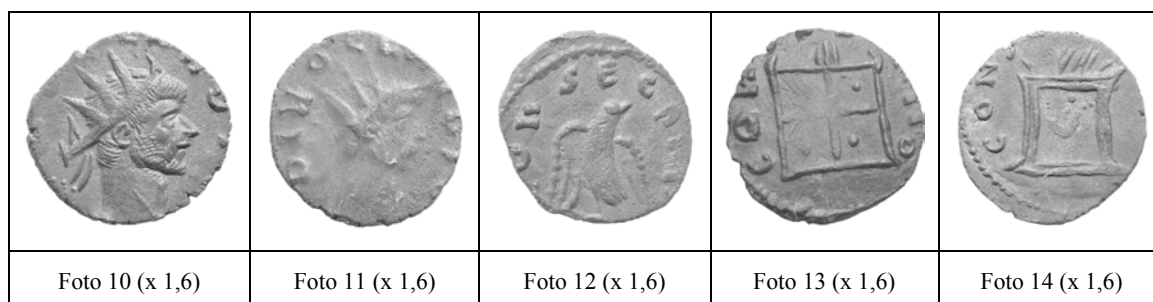


Quanto aos reversos, o que reproduz o tipo da *Águia 2* (Foto 8) apresenta a legenda distribuída de forma menos regular que o anverso, e a gravação das letras foi pior executada. Tal como o busto imperial, também a águia é tratada de forma económica, notória na representação de asas, pernas e garras. Anverso e reverso parecem-nos trabalho do mesmo gravador. Já o reverso do *Altar 1a* (Foto 9) parece obra de outro artífice, não obstante continuar a fazer prova da mesma economia de meios. O altar foi executado com simplicidade, mas de forma equilibrada. A legenda afigura-se mais aprimorada, tanto ao nível da distribuição dos caracteres como da qualidade da gravura.

O peso-médio destes 21 exemplares é de 1,79 gramas, bem abaixo do peso-médio dos *Divo Claudio* de Porto Carro (cf. *supra* Quadro 57). Aquele valor tem como referências extremas 1,03 e 2,51 gramas, para os exemplares mais ligeiro e mais pesado respectivamente. Quanto ao módulo, a dimensão média dos *flans* anda pelos 15-16,5 milímetros - ligeiramente abaixo do diâmetro dos cunhos -, o que originou cortes das legendas e dos tipos em muitos exemplares.

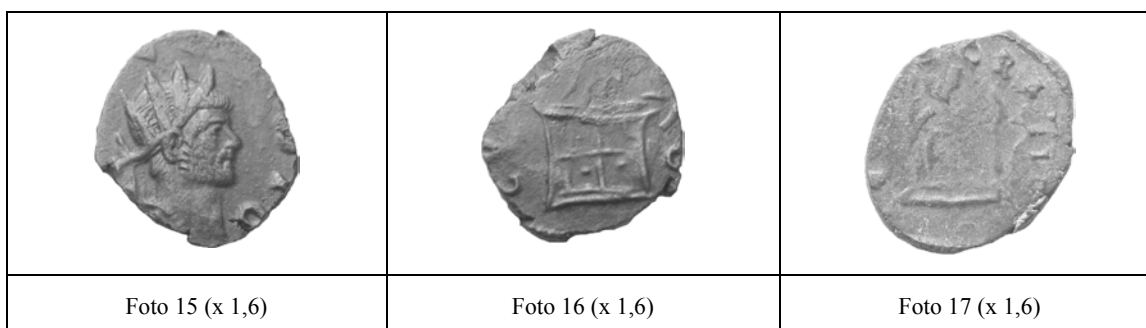
Como vimos no Diagrama 1, foi identificado um segundo grupo de sete moedas de consagração de fabrico irregular com ligações de cunho (cf. *infra* Foto 22). Apesar de neste conjunto o número de exemplares ser inferior ao do grupo anterior, constatou-se a utilização de um maior número de cunhos: pelo menos dois de anverso e três de reverso (cf. *infra* Fotos 10-14). O cunho de anverso mais utilizado (cf. *infra* Foto 10) surge associado a três reversos distintos: *Águia 2*, *Altar 1a* e *Altar 1b* (cf. *infra* Fotos 12-14). Em nossa opinião o retrato possui claras semelhanças com o retrato usado na cunhagem do primeiro grupo (cf. *supra* Foto 7), pelo que, se não foi gravado pelo mesmo artífice - e parece-nos que sim -, foi pelo menos executado no mesmo atelier. Como vimos, este cunho foi utilizado com pelo menos três dos quatro reversos tradicionalmente associados

aos *Divo Claudio*, numa rotação que poderá sugerir uma produção limitada de moeda para cada tipo. Observando agora os três reversos, a primeira coisa que salta à vista é a diferença de qualidade existente entre eles, sugerindo o envolvimento de dois ou três *scalptores* diferentes. Mantendo-se a economia de meios na gravação dos cunhos já detectada no grupo anterior, parece-nos que o reverso da *Águia 2* (Foto 12) revela um tratamento pouco hábil do tipo e uma execução bastante grosseira da legenda, insinuando uma mão pouco experiente na abertura da matriz. O mesmo se pode afirmar do reverso do *Altar 1a* (Foto 13), que julgamos inspirado no da Foto 9, mas de qualidade estilística muito inferior. Ao nível da legenda, observe-se ainda que o N de CONSECRATIO se apresenta invertido. Sinceramente não ficaríamos surpreendidos, se tanto este reverso como o anterior (*Águia 2*), fossem obra do mesmo incisor. Já o cunho do reverso *Altar 1b* (Foto 14) foi aberto por mão mais firme e experiente, ainda que recorrendo, uma vez mais, ao tratamento esquemático do tipo. Associado a este reverso, foi identificado um segundo cunho de anverso (Foto 11), sobre o qual não nos pronunciaremos, atendendo ao desgaste dessa face da moeda.



O peso-médio dos sete exemplares deste grupo é de 2,17 gramas, bem acima dos 1,79 gramas do primeiro grupo. O módulo varia entre os 15 e os 18 milímetros.

O terceiro e último grupo é formado por três exemplares batidos com recurso à mesma matriz de anverso (cf. *infra* Foto 15) mas com dois reversos distintos, não obstante exibirem ambos o tipo *Altar 1a* (cf. *infra* Fotos 16 e 17).



Aparentemente este grupo não revela afinidades estilísticas com os anteriores. O retrato de Cláudio é tratado de forma menos esquemática, mais humanizado. Ao nível dos reversos, no ilustrado pela Foto 16, detecta-se um esforço do *sculptor* em conferir algum detalhe ao tipo, ainda que num traço pouco seguro. Todavia, a deficiente conservação da peça impede uma análise mais detalhada, o mesmo sucedendo com o outro reverso (Foto 17), onde o único aspecto que sobressai é a fraca execução da legenda. Sendo as moedas apenas em número de três, uma das quais fragmentada, o peso-médio acaba por ser pouco relevante (1,78 gramas). O diâmetro do *flan* situa-se entre os 15 e os 17,5 milímetros.

Para além destes três lotes de moedas de consagração acusando enlases de cunho, observou-se a presença em Porto Carro de diversos exemplares, cujo estilo sugere a sua produção no mesmo centro de cunhagem; alguns poderão mesmo ter saído de cunhos abertos pelos gravadores que associámos aos dois primeiros grupos.



O exemplo mais palpável será talvez o fornecido pela moeda da Foto 17, na qual se detecta um paralelismo assombroso com o anverso e o reverso das moedas do primeiro grupo (cf. *supra* Fotos 7 e 8): ao nível do retrato imperial, no tratamento da águia e - com toda a certeza - no estilo das letras, que dir-se-iam decalcadas de uns cunhos para os outros. Existem boas razões para acreditarmos que estes cunhos devem ser atribuídos a



um único incisor; por hipótese, poder-lhe-ia ser de igual modo assacada a abertura do cunho de anverso da moeda da Foto 10, bem como dos cunhos dos aversos dos exemplares ilustrados nas Fotos 18 e 19, estilisticamente próximos daquele. Os reversos do tipo *Águia 2* (Fotos 18 e 19) filiam-se na tradição artística do mesmo centro emissor, bem manifesto no primeiro dos dois: vejam-se aspectos como a posição da ave ou a execução de pernas, garras e asas (estas com o contorno definido a pontilhado).

As cunhagens fraudulentas da série *Divo Claudio* constituem um fenómeno endémico nas províncias ocidentais do Império. Naturalmente várias interrogações se colocam com toda a acuidade: onde, quando e por quem foi produzida esta enorme massa monetária? E para cada uma destas questões temos plena consciência do carácter provisório das respostas, que mais não são que um balanço provisório do deficiente conhecimento que continua a imperar sobre estas produções, rapidamente arrumadas por arqueólogos e numismatas na cómoda prateleira das *imitações*, *cunhagens locais*, *cunhagens irregulares*, etc.<sup>91</sup>.

Tentando encontrar resposta para a primeira questão, relembramos que quer a série normal quer os híbridos copiam os protótipos produzidos de forma oficial pela casa da moeda de Roma e, no caso de Porto Carro, o estilo da maior parte dos exemplares observados aproxima-os efectivamente do estilo dos monetários de Roma. Pertencem ao grupo das imitações que S. Estiot apelida de *italianas*, caracterizadas pela economia geral do retrato imperial, no qual sobressaem aspectos como o vincado prognatismo da face e a maçã de Adão saliente (ESTIOT 1988a 197). Há boas razões para crer que uma parte considerável desta amoedação tenha como fonte a própria *Moeda* romana, cujo pessoal encontrou neste tipo "simples e cómodo de reproduzir, o meio de prosseguir em larga escala os tráfico frutuoso a que se tinha habituado desde Galieno" (ESTIOT 1988a 197). Este fenómeno estará, com toda a certeza, relacionado com o *bellum monetariorum* de 271, de que vários autores antigos fazem eco, ainda que em termos pouco claros (cf. TURCAN 1969 948-959; BERNAREGGI 1974 182-191; GÖBL 1995 69-79; ESTIOT 2004 60-62).

---

<sup>91</sup> A natureza repetitiva e pouco apelativa desta série, associada com alguma frequência ao mau estado de conservação das peças (veja-se o caso de *Conimbriga*), leva a que raramente sejam ilustradas em número significativo, o que se revelaria de grande importância para o estudo detalhado do estilo e dos cunhos.

Boa parte dos *Divo Claudio* irregulares de Porto Carro será, portanto, de proveniência italiana, lavrada com alguma probabilidade em Roma ou nas vizinhanças. Em apoio desta convicção contamos com uma pista fornecida pelo próprio depósito e que consiste na identificação de sete radiados de Quintilo, nos quais se dectaram diversas ligações de cunho (cf. *infra* Diagrama 2). Reconhecendo, embora, que possa tratar-se de simples coincidência, não se afigura improvável o estabelecimento de uma relação entre aqueles sete exemplares e as três dezenas de *Divo Claudio* a que já fizemos menção. Com alguma probabilidade, estes dois grupos de moedas devem ter percorrido uma trajectória comum - a partir de Roma, Óstia ou áreas circundantes - até ao momento da sua incorporação no depósito lusitano. Em tese, pode relacionar-se a chegada simultânea destes lotes de numismas com o abastecimento à capital do Império de *garum* ou de outro qualquer preparado piscícola de que o estuário do Sado era um importante centro abastecedor na época (FABIÃO 1995 336). Só uma relação comercial de média/longa duração, de natureza privada ou até, eventualmente, de carácter institucional (através da *Annona*), pode explicar a chegada sistemática de numerário renovado e recém-cunhado às mãos do aforrador de Porto Carro, em claro contraste com os dados obtidos a partir do estudo das moedas provenientes de escavação e de achados isolados.

No depósito foram igualmente detectados vários exemplares que, pelo tratamento do retrato e dos tipos, se afastam dos cânones definidos para o vasto grupo de moedas de estilo *italiano*, o que sugere a sua produção noutros locais do Império. Num ou noutro caso, os retratos e o grau de estilização dos reversos chegam a recordar os modelos adoptados para as imitações dos usurpadores gauleses (cf., por exemplo, os exemplares do lote do MNA, Vol. II, n.ºs 377.2 e 379.1-2). Aliás, na publicação das moedas irregulares de consagração do tesouro de Troussey, Sylviane Estiot identificou, a par do grupo italiano, um grupo de fabrico gaulês, caracterizado por um estilo de execução que, em traços gerais, se aproxima do das imitações de Tétrico I e de Tétrico II (ESTIOT 1998a 197)<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> Constatámos, contudo, que uma das moedas atribuídas pela autora ao grupo gaulês (ESTIOT 1988a Pl. XXIX, 3654-3798/1) revela fortíssimas afinidades com exemplares de Porto Carro que considerámos de estilo romano, nomeadamente com os anversos e reversos das Fotos 7, 9 e 17.

Tudo parece indicar que, num primeiro momento, este numerário irregular terá sido fabricado pelos moedeiros de Roma à revelia da autoridade imperial, sendo possível que o sucesso inicial desta amoedação tenha, mais tarde ou mais cedo, inspirado a produção nas províncias ocidentais, nomeadamente na Gália<sup>93</sup>, na Hispânia e no Norte de África. A enorme massa de imitações *Divo Claudio* de que os tesouros - e sobretudo os achados isolados e as escavações - dão testemunho eloquente pressupõe a existência de vários centros de produção disseminados pelo Ocidente. Todavia, a sua localização - precisa ou aproximada - está ainda longe de ser determinada com segurança .

Outra questão crucial para a compreensão do fenómeno dos *Divo Claudio* prende-se com a cronologia da sua emissão. No que respeita às séries oficiais, ainda que haja quem admita o início da produção sob Quintilo, a maior parte dos autores tende a situá-la no principado de Aureliano (veja-se a discussão do problema em BLAND e BURNETT 1988 144-145 e as observações de ESTIOT 1995 23 e CALLU 1969 231, n. 3)<sup>94</sup>. Roger Bland e Andrew Burnett apresentaram alguns argumentos a favor da sua emissão ao tempo de Aureliano (BLAND e BURNETT 1988 132, Tab. 13 e 144-145):

- o peso-médio dos *Divo Claudio* aproxima-se mais do dos exemplares da primeira emissão romana de Aureliano que dos de Quintilo<sup>95</sup>;
- a existência de vários híbridos com anverso de Aureliano (sempre da primeira emissão de Roma) e reverso CONSECRATIO, o que sugere a produção simultânea de moedas de ambas as séries. Esta tese seria reforçada pela ausência de exemplares confirmados com anverso de Quintilo e reversos póstumos.

Em relação ao primeiro argumento podemos sempre objectar que os *Divo Claudio* mais pesados teriam sido emitidos sob Quintilo, enquanto os de peso mais ligeiro

<sup>93</sup> No caso da Gália, admite-se que a produção dos *Divo Claudio* não será anterior à retirada oficial do numerário dos imperadores gauleses (ESTIOT 1988a 197-198).

<sup>94</sup> No mesmo sentido aponta Ernesto Bernareggi, embora com uma explicação peculiar: aproveitando a ausência do Imperador e o clima de crispação entre este e o Senado, os moedeiros teriam emitido, sem autorização, moeda com a efígie de Cláudio II (seria este o verdadeiro sentido da expressão *numariam notam* utilizada por Aurélio Vitor), o que prefigurava um crime de lesa-majestade, reprimido logo que Aureliano regressou à capital. Nesse sentido, os *Divo Claudio* não deveriam ser consideradas moedas de consagração, mas sobretudo moedas indicativas de um vazio de poder (BERNAREGGI 1974 188-191).

<sup>95</sup> Apesar de defender que a cunhagem dos *Divo Claudio* tem início sob Quintilo, ESTIOT (1995 23) também concorda neste ponto.

foram batidos sob Aureliano, sendo hoje, na prática, impossível distinguir uns de outros. Quanto ao problema das hibridações, a verdade é que, já em finais do século XIX, Markl (1890 14) dizia ter em sua posse um exemplar com anverso de Quintilo e reverso CONSECRATIO. Ainda que não se tenha voltado a localizar a moeda, não vemos razões para desconfiar do testemunho deste numismata. De resto, o tesouro de Ig (Eslovénia) forneceu um híbrido com anverso de Quintilo (busto B1) e reverso Águia 2 (Kos 1991 Pl. 47, nº 651)<sup>96</sup>. Também a possível relação detectada em Porto Carro entre *Divo Claudio* e moedas de Quintilo por via das ligações de cunho permite ventilar a hipótese de a produção se ter iniciado no brevíssimo principado do irmão do Gótico. Aliás, e só a título indicativo, os exemplares da primeira emissão de Roma em nome de Aureliano, além de escassos (apenas cinco exemplares), não apresentam qualquer enlace de cunhos.

Decerto a produção de boa parte deste numerário teve lugar no início do governo de Aureliano, antes da sua entrada em Roma, em 271. Só mesmo a cunhagem em grande escala de *Divo Claudio*, a par da emissão inicial em nome de Aureliano, pode explicar o diminuto volume desta última nos entesouramentos, num momento em que o Estado atravessa sérias dificuldades financeiras.

A chegada do novo imperador à *Urbs* interrompeu a produção regular das moedas de consagração em honra do divino Cláudio, mas pôs igualmente cobro aos desmandos do pessoal da casa da moeda, que, em proveito próprio, produzia moeda adulterada. Este episódio é referenciado, por exemplo, por Aurélio Victor, que afirma que os moedeiros se revoltaram porque, sob instigação do *rationalis* Felicíssimo, *nummariam notam corrosissent* (*Caes.* 35,6). Eutrópio, por seu turno, descreve Felicíssimo como vítima dos revoltosos, acusados de *vitiatis pecuniis* (*Brev.* 9,14). As expressões, ainda que ambíguas, referem-se por certo a manipulações ilegais da moeda, entre as quais se contarão a redução do título e do peso. A repressão que se seguiu à rebelião provocou o encerramento temporário da casa da moeda da capital (que não voltaria a abrir as portas

---

<sup>96</sup> Não obstante, esta peça suscita-nos algumas suspeitas: o diâmetro do *flan* é inferior ao das restantes moedas de Roma de Quintilo ilustradas na publicação e o peso (2,02 g) um dos mais baixos. O cunho do anverso parece claramente oficial; quanto ao do reverso, já não temos tantas certezas.

até ao Verão de 273)<sup>97</sup>, a eliminação física de muitos revoltosos e a transferência de parte do pessoal qualificado para Serdica, onde passou a funcionar um novo centro emissor.

É possível, como sugerem ESTIOT (1988a 197) e GÖBL (1995 74), que operários e gravadores sobreviventes à revolta e privados de trabalho pelo encerramento do atelier tenham contribuído para a produção massiva, em ateliers clandestinos, deste numerário imobilizado nos anos seguintes<sup>98</sup>. A redução do módulo e do peso dos *flans* teria sido acompanhada pela degeneração dos tipos, fruto da ausência das condições técnicas proporcionadas pelo atelier romano, bem manifesta na sofrível qualidade de fabrico patenteada por tantos *Divo Claudio* (má gravação dos cunhos, *flans* irregulares, cunhos descentrados ...). Tudo indica que a produção clandestina deste numerário - lavrado a par da amoedação irregular em nome de Galieno e Cláudio II - se prolongou por bastante tempo em vários locais do Ocidente (conhecem-se anversos de algumas destas moedas de consagração exibindo bustos inspirados no estilo dos retratos dos *aureliani* romanos de 274-275 (ESTIOT 1998a 197 e Pl. XXVIII, nº 3403-3550/2 e 8 e nº 3561-3652/6) ou reproduzindo protótipos de reversos de Carino e Numeriano (ESTIOT 1998a 197 e Pl. XXX, nº 4014).

A análise dos depósitos monetários mostra-nos que a incorporação dos *Divo Claudio* de fabrico irregular ocorre em maior percentagem nos conjuntos de cronologia mais tardia (cf. BLAND e BURNETT 1988 143, Tab. 20)<sup>99</sup>, justificada pelo seu crescimento no interior da massa monetária circulante e pela ausência de moeda reformada posterior à reforma monetária de Aureliano nos circuitos.

---

<sup>97</sup> Pierre Bastien sugere que o encerramento temporário da casa da moeda de Roma teve por objectivo o escoamento da grande massa de séries póstumas para as províncias, onde impulsionaram novas emissões não oficiais (BASTIEN 1974 526). Já Markus Weder defende que a produção fraudulenta de *Divo Claudio* teve lugar durante os cerca de dois anos em que a casa da moeda central esteve *oficialmente inactiva*, não dando como certo o seu encerramento (WEDER 1994 256).

<sup>98</sup> Esta tese é contrariada por Weder para quem, de resto, é pouco provável que qualquer gravador que tenha aberto cunhos para o fabrico de amoedação ilegal tenha sido alvo de punição exemplar, atendendo à falta de pessoal altamente especializado para laborar na emissão de moeda e às prementes necessidades de numerário da Administração (WEDER 1994 275).

<sup>99</sup> Na tabela elaborada pelos investigadores britânicos não devem ser considerados os dados relativos a achados como Ragevo, La Venèra, Baixo Rentgen ou Montbouy, uma vez que, para cada um deles, todas as moedas de consagração foram contadas como oficiais.

Tomando como referência os tesouros da época constantiniana e o material proveniente de algumas escavações, a circulação dos *Divo Claudio* chega inclusive a entrar bem dentro do século IV. No que diz respeito aos depósitos, ainda que a moeda radiada não ultrapasse em regra um volume superior a um por cento, observa-se o predomínio das imitações da série *Divo Claudio* (BARBOSA 2004 139-141), atestando uma circulação residual destes espécimes a par dos *nummi* e dos pequenos bronzes do século IV, com os quais facilmente se confunde em termos de módulo e peso. De resto, e no caso da informação estar correcta, o pequeno depósito de Tomar, composto por 21 *Divo Claudio* e por uma moeda de Valentiniano II (PONTE 1999 309), constituiria uma prova clara da circulação desta série quase nos finais do século IV.

Também as escavações parecem querer confirmar a produção e a circulação tardia das cunhagens em honra do Gótico. Em *Zilil* (Mauritânia Tingitana), a estratigrafia parece mostrar que os *Divo Claudio* de fabrico local circulavam em quantidade apreciável por volta de meados do séc. IV, encontrando-se ainda bem representados em níveis de finais desse século e inícios do V (DEPEYROT 1999 47-49 e 59-62)<sup>100</sup>. Em Conimbriga, não obstante uma estratigrafia algo imprecisa, os antoninianos (entre os quais os *Divo Claudio*) marcam presença em todos os níveis datados de finais do século III e inícios do IV, constituindo frequentemente o único testemunho de circulação entre 260 e 335 (BOST *et alii* 1974 242-243).

---

<sup>100</sup> Contudo, esta situação pode em muitos casos encobrir um fenómeno de rejeição da moeda de má qualidade, longamente imobilizada nos circuitos monetários, pelo que haverá que olhá-la com alguma prudência.

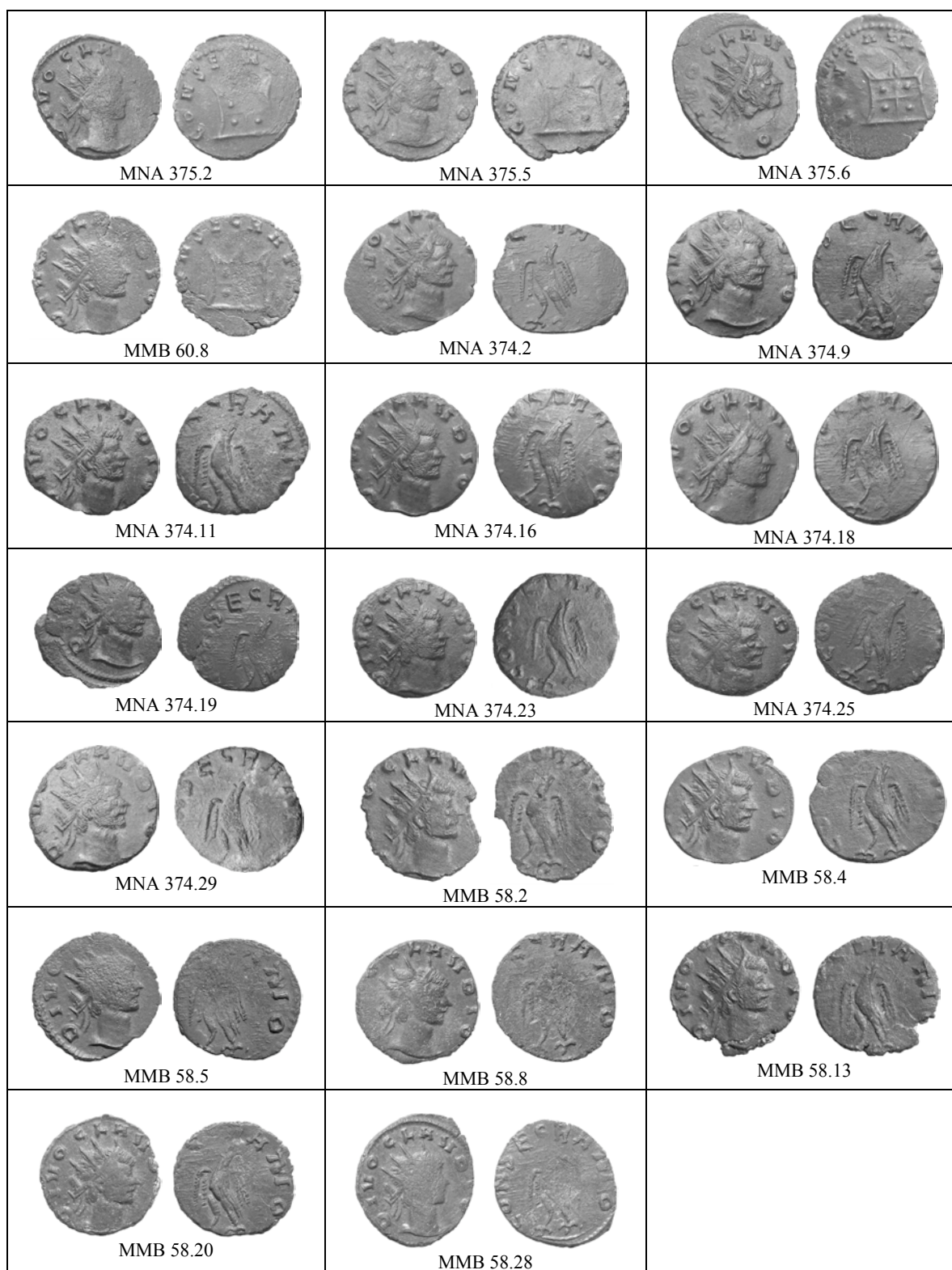


Foto 21

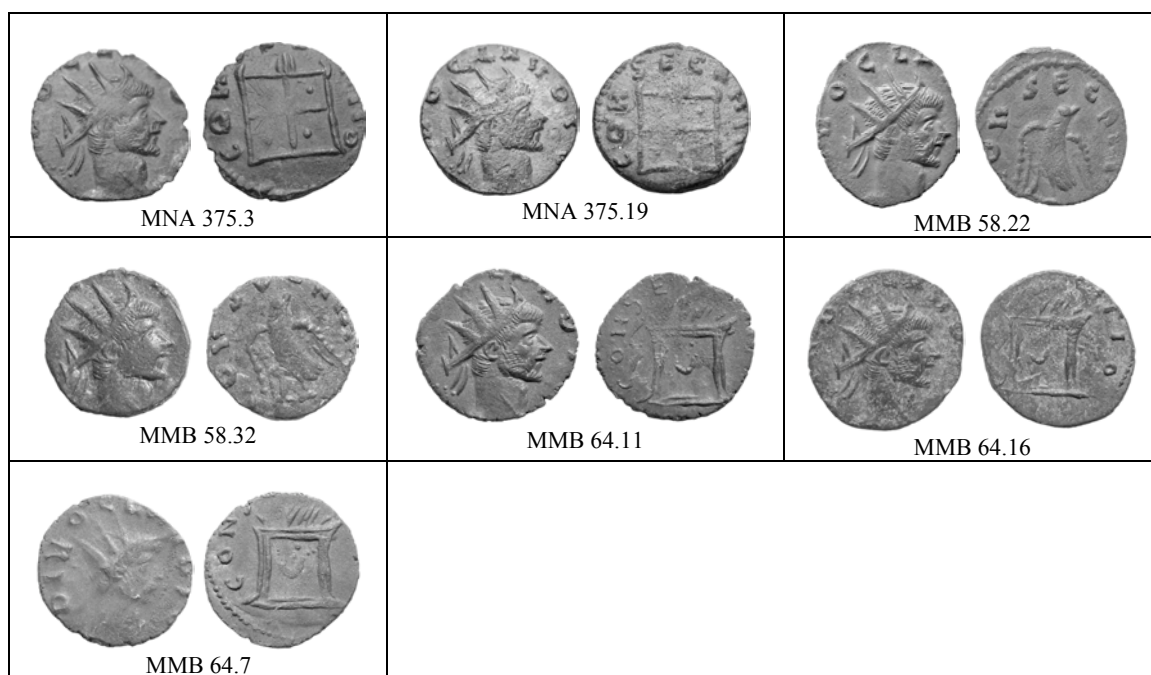


Foto 22



Foto 23



## Quintilo

A amoedação do breve reinado de Quintilo está representada unicamente por três antoninianos em Sampão (0,8%) e por 34 em Porto Carro (1,51%), valores normais nos conjuntos deste período (cf. *supra* Quadro 40).

Como é habitual, a casa da moeda central foi a responsável pelo abastecimento da maior parte do numerário deste governante (cf. Quadro 58), complementado por unidades de Milão e de Cízico no caso de Porto Carro.

	Rom	Mil	Ciz	Tot
Sampão	2	1		3
%	66.66	33.33		100
Porto Carro	30	3	1	34
%	88.24	8.82	2.94	100

**Quadro 58 - Distribuição do numerário de Quintilo em Sampão e Porto Carro**

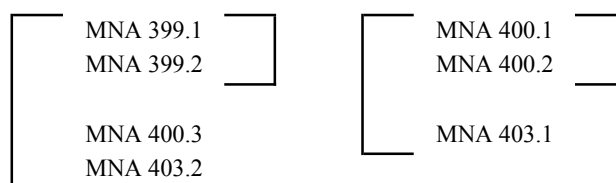
Os antoninianos de cunhagem romana são todos oriundos de uma única emissão, que retoma os reversos utilizados pelas doze oficinas da *Moeda* romana na quarta emissão de Cláudio, salvo o reverso P M TR P II COS PP (*Imperador* 2) da quarta oficina (Δ), agora substituído pelo reverso CONCORDIA AVG (*Concordia* 4). O Quadro 59 dá-nos conta da distribuição pelas doze oficinas dos exemplares romanos de Quintilo presentes nos dois achados.

	A	B	Γ	Δ	ε	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Total
Sampão						1	1						2
P. Carro	2	1	3	13		3	2	1	1	2	2		30

**Quadro 59 - Distribuição por oficinas do numerário romano de Quintilo em Sampão e Porto Carro**

Como se pode constatar, o número de exemplares disponível é demasiado pequeno para justificar uma análise detalhada ao volume de cada oficina. Em Porto Carro destacam-se somente os treze exemplares da quarta oficina, quase metade dos exemplares de Roma em nome de Quintilo. Neste pequeno conjunto foram identificadas sete moedas com ligações de cunho (cf. *infra* Diagrama 2), o que pressupõe uma circulação reduzida destes exemplares antes do entesouramento. Aliás, alguns deles apresentam ainda restos de prata. De acordo com os enlaces observados, as moedas foram

divididas em dois grupos - um com quatro moedas e outro com três - cada um deles organizado em torno de um único anverso. O primeiro grupo conta com três reversos diferentes e o segundo com dois, indiciando a habitual menor longevidade dos cunhos de reverso relativamente aos de anverso.



**Diagrama 2 - Ligações de cunho nas moedas de Quintilo**

Uma nota para o peso-médio dos 27 radiados da emissão romana de Quintilo em Porto Carro: 2,68 g, valor similar ao obtido para Cunetio e Normanby (2,70 g) e ligeiramente abaixo dos pesos estabelecidos para Troussey (2,77 g) e La Venèra (2,87 g).

Nos depósitos de Sampão e Porto Carro recensearam-se ao todo quatro moedas cunhadas em Milão, duas com reverso MARTI PACI e outras tantas com reverso FIDES MILIT, lavradas respectivamente nas primeira e segunda oficinas. Refira-se ainda a identificação no achado salaciense de um exemplar bastante raro de Cízico, com reverso IOVI CONSERVATORI (*Jupiter* 1b) emitido numa série extremamente breve, que teve lugar no Outono de 270, no máximo até Outubro, mês em que a casa da moeda passou a cunhar para Aureliano (ESTIOT 2004 106).

### **Aureliano**

Após a morte de Cláudio II em *Sirmium* em Agosto de 270, Quintilo - o jovem irmão do imperador defunto a quem fora entregue a defesa do norte da Itália contra uma possível investida do Império das Gálias - foi aclamado pelo exército e reconhecido pelo Senado. Porém, à notícia do falecimento de Cláudio, Aureliano - então comandante da cavalaria que se encontraria estacionada, ao que se julga, no Danúbio Inferior com a missão de rechaçar as últimas ofensivas góticas - regressou de imediato à capital panónica onde foi proclamado pelas tropas aí estacionadas, ainda antes do desaparecimento de Quintilo em Novembro desse mesmo ano (ESTIOT 2004 8-10).

Na Primavera de 274 Aureliano ordenou uma reforma monetária incidindo sobre todos os metais<sup>101</sup>. O *aureus* foi estabilizado a 1/50 a libra (peso teórico de 6,45 g), foram reintroduzidas as denominações em bronze, cuja cunhagem tinha cessado ao tempo de Galieno (sestércio, dupôndio e asse), e foi introduzida uma nova moeda prateada: o *aurelianus*<sup>102</sup> - de fabrico cuidado, módulo largo, peso teórico superior ao do antoniniano (4,03g), teor de fino garantido de 5% e a marca XX, XXI, XX•I ou KA, actualmente interpretada como 20 moedas = 1 *argenteus* de prata pura. Quanto ao seu valor de conta, as opiniões divergem de autor para autor: CALLU (1969 327) atribui-lhe o valor de 5 denários, LAFAURIE (1975 92) sugere 1,25 denários e ESTIOT (2004 41 e 43) opta por 2 denários. Uma moeda laureada, de módulo e peso mais ligeiros (2,60g), a que se convencionou chamar denário, foi igualmente introduzida. Era acompanhada da marca VSV, que poderá ser a abreviatura de *Vsualis*, mantendo a relação ponderal que vinha desde o tempo de Caracala (1 *aurelianus* = 1,5 denários).

Paralelamente foi promovida uma reorganização das casas da moeda. Das cinco em laboração sob Cláudio e Quintilo passa-se para nove, tornando mais fácil o aprovisionamento das várias regiões do Império: Milão é transferida para *Ticinum* e às de Roma, Síscia, Cízico e Antioquia, são acrescentadas Lyon<sup>103</sup>, *Serdica*, uma Casa da moeda situada algures na área balcânica e *Tripolis*.

Em Sampão foram identificados 56 exemplares em nome de Aureliano e Severina e em Porto Carro 171, correspondendo, respectivamente, a 14,85 e a 7,61% de cada depósito. No caso de Sampão, o numerário de Aureliano assinala a primeira aportação verdadeiramente significativa de moeda ao achado.

O Quadro 60 e o Gráfico 42 permitem observar a distribuição por centros emissores das moedas dos dois depósitos lusitanos e comparar os dados obtidos com os de outros conjuntos do último quartel do séc. III.

<sup>101</sup> A bibliografia sobre este tema é vastíssima, à vez coincidente e contraditória. Um apanhado pormenorizado foi realizado por CALLU (1969 323-329) e LAFAURIE (1969 81-107).

<sup>102</sup> O nome é-lhe dado pela História Augusta, *Vita Probi* 4, 5: *argenteos aurelianus mille*. CALLU (1969 324, n. 4), com base em razões etimológicas, designa-a por *aurelianianus*.

<sup>103</sup> Vem ocupar o lugar deixado em aberto pelo fecho das *Mint I e II*, que cunharam sob os imperadores galo-romanos.

	Lug	Rom	Med	Tic	Sis	Bal	Ser	Ciz	Ant	Tri	Nº ex.
Sampão		33.9	14.3	12.5	17.9	8.9	1.8	10.7			56
Porto Carro		24	19.3	9.9	18.1	6.4	6.4	15.2	0.6		171
Santulhão		63.8	20.3		13			2.9			69
La Vènera	0.2	14.1	30.1	10.3	27.9	7.3	3	6.9	0.2	0.04	10843
Colonne I-II	0.9	17.2	40.9	8.4	17.7	7	1.4	6.5			215
Baixo Rentgen	0.1	26.4	26.9	6.7	22.8	6.4	3.3	7.3			688
Maravielle	0.2	14.5	36.6	5	25.5	7.2	3.9	6.8	0.2	0.2	663
Blackmoor	1.3	26.3	40.4	12.2	13.5	0.6	0.6	5.1			156
Gloucester	1.8	21.9	34.5	13.5	17.9	5.1	0.6	4	0.1		2749
Sirmium		7.6	14.2	1.7	42.5	9.5	8.7	15.5	0.2	0.05	1804
Svetozarevo		15	1.4	5.3	22.4	5.8	14.8	34.8	0.3	0.1	701
Plevna		7.8	3.4	2.7	27.7	6.2	15.9	35.1	1.1		1505

**Quadro 60 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Aureliano em 12 tesouros do último quartel do século III (%)<sup>104</sup>**

Sampão e Porto Carro são predominantemente alimentados pelas casas da moeda italianas (Roma e Milão/*Ticinum*), responsáveis por mais de 50% do numerário dos anos 270-275, no que se assemelham de forma significativa aos depósitos italianos, gauleses e britânicos. Todavia, olhando com atenção para a composição de uns e de outros percebe-se que os depósitos hispânicos - sejam eles Sampão, Porto Carro ou Santulhão - se encontram debaixo da influência da *Moeda* de Roma<sup>105</sup>, enquanto os achados oriundos da Itália, Gália e Britânia se encontram na área de circulação de Milão/*Ticinum* (ESTIOT 2004 52). Também as produções monetárias de Síscia, Cízico e da Casa da moeda balcânica chegaram com relativa facilidade às mãos dos entesouradores lusitanos, sendo dignas de realce as significativas percentagens alcançadas pelo numerário da casa da moeda mísia (10,7% em Sampão e 15,2% em Porto Carro), claramente acima da média dos achados ocidentais. Significativa é igualmente a presença das moedas de Serdica em Porto Carro, não tanto pela percentagem em si (6,4%) mas mais pelo facto de esta ser muito superior à de Sampão e de grandes

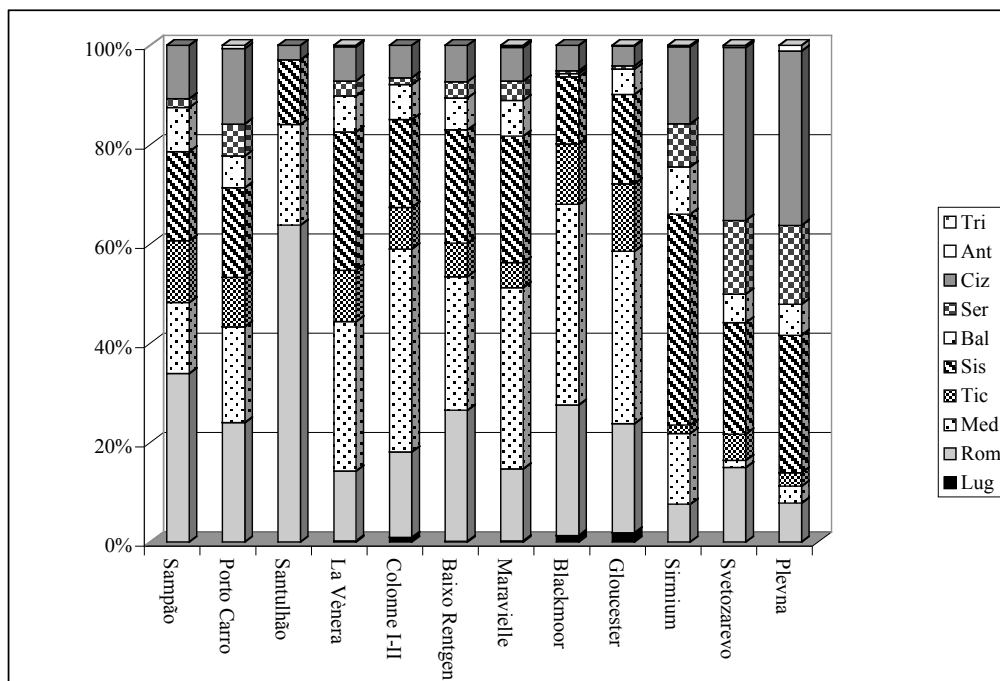
<sup>104</sup> A bibliografia dos tesouros referidos pela primeira vez é a seguinte: Maravielle (ESTIOT 1983 9-115), Sirmium (KELLNER 1978), Svetozarevo (CRNOBRNJA 1987), Plevna (MOUCHMOV 1926 160-217, *apud* ESTIOT 1995 19, Tab. 2) e Gloucester (inédito, dados coligidos de ESTIOT 1995 19, Tab. 2). Uma lista bastante extensa e detalhada de tesouros com moedas de Aureliano foi recentemente publicada por ESTIOT (2004 50, Tab. 12). Refira-se ainda que para La Vènera não foram contabilizadas quatro imitações.

<sup>105</sup> Especialmente Santulhão, onde o numerário romano supera os 60% e as séries reformadas de *Ticinum* estão ausentes. Em plena época romana este fenómeno reflectirá os custos da interioridade da actual região transmontana, já então afastada dos grandes circuitos comerciais, com a renovação do numerário a processar-se de forma mais lenta do que nas regiões mais a Sul.

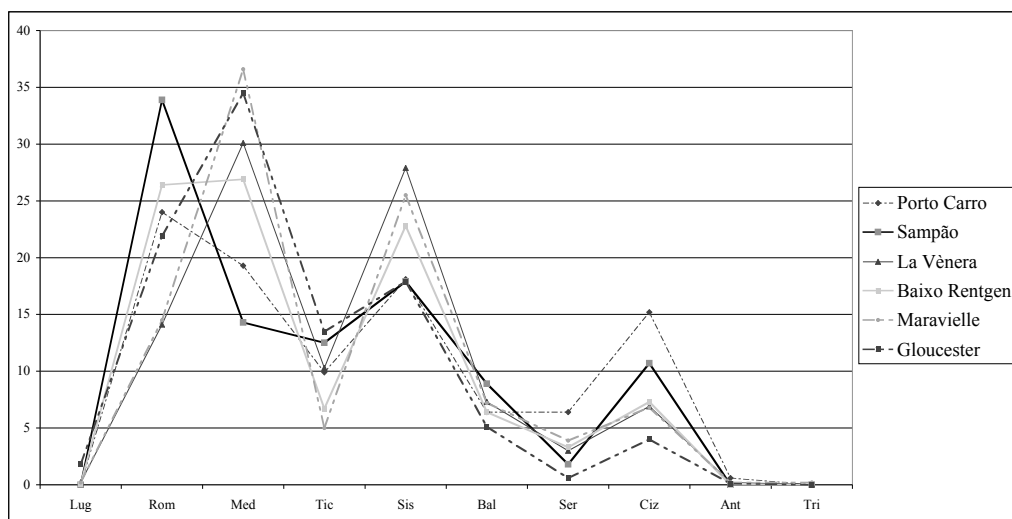
depósitos ocidentais como La Venèra, Maravielle, Baixo Rentgen ou Gloucester. Nos nossos dois depósitos as emissões de Lyon e das casas da moeda orientais de Antioquia e *Tripolis* primam pela ausência ou por uma fraquíssima representação (0,6% para Antioquia em Porto Carro) à semelhança do que se verifica, de resto, na maior parte dos achados inventariados.

Imagem bem diversa é-nos fornecida pelos depósitos balcânicos de Svetozarevo e Plevna (Mésia Superior) e *Sirmium* (Panónia), nos quais as emissões italianas só a custo atingem os 20%, sendo o grosso da massa monetária que entra na sua composição originária das casas da moeda regionais de Sísia, Cízico e Serdica.

Não obstante uma ou outra divergência na repartição pelas diversas casas da moeda, Sampão e Porto Carro não deixam de aproximar-se, para o principado de Aureliano, do perfil dos depósitos ocidentais, como muito bem mostra o Gráfico 43 (cf. *infra*). Nos achados lusitanos a distribuição do numerário pelos vários centros emissores afigura-se mais equilibrada, sobretudo no caso de Porto Carro, sugerindo a constituição deste grupo de moedas na área mediterrânica, provavelmente na região centro-italiana, permeável a uma maior penetração das produções monetárias dos ateliers de Sísia, Serdica e Cízico pelos efeitos do encerramento da casa da moeda central entre 271 e 273 e pela rejeição dos *Divo Claudio*. Ao mesmo tempo, o Norte da Itália, as Gálias e a Britânia inserem-se num circuito alimentado principalmente por Milão/*Ticinum*, enquanto a Península Balcânica é abastecida de forma preferencial pelas casas da moeda implantadas na zona.



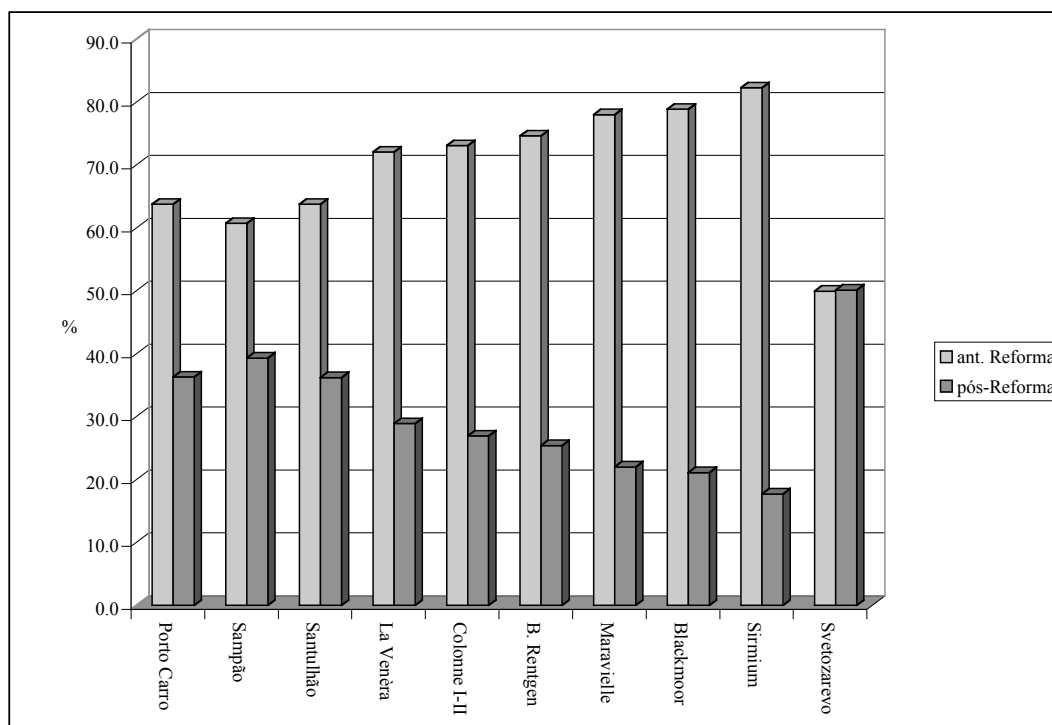
**Gráfico 42 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Aureliano em 12 tesouros do último quartel do século III**



**Gráfico 43 - Comparação, para Aureliano, dos perfis de Sampão e Porto Carro com 4 tesouros ocidentais do último quartel do século III (%)**

A maior parte da amoedação de Aureliano presente em Sampão e Porto Carro é constituída principalmente pelos antoninianos anteriores à reforma monetária de 274, que rondam os 60% do numerário em seu nome, contra cerca de 40% de moedas reformadas (cf. *infra* Gráfico 44). Estes valores repetem-se em Santulhão, mas as divergências entre

os dois grupos de moedas tendem a acentuar-se nos restantes depósitos analisados (à excepção de Svetozarevo<sup>106</sup>), nos quais a percentagem de moeda pré-reforma cresce por comparação com os *aureliani*. Tal facto poderá ser indiciador de uma rápida renovação dos *stocks* na(s) área(s) geográfica(s) de onde foram exportadas as moedas que *a posteriori* acabaram por ser incorporadas nos depósitos lusitanos. Não obstante, e embora não pretendamos utilizar métodos comparativos teoricamente mais precisos (como o das moedas/ano ou o das permilagens), convém lembrar que os exemplares reformados foram emitidos em pouco mais de um ano/ano e meio (no máximo até Novembro de 275), enquanto a produção dos restantes se estendeu por um período de quase quatro anos, o que na presente comparação introduz evidentes distorções em prejuízo do numerário reformado. Por outro lado, este aspecto é contrabalançado pelas implicações negativas, no volume da amoeção anterior à reforma, do encerramento por dois anos da casa da moeda central.



**Gráfico 44 - Aureliano: correspondência numerário pré-reforma/numerário reformado em 10 tesouros (%)**

<sup>106</sup> A formação deste achado, que termina com um *aurelianus* de Diocleciano (RIC 157) datado de 285 será bastante tardia. Não só as moedas reformadas superam as anteriores à reforma, como, entre os 1973 exemplares que compõem o depósito, apenas 13 são anteriores a 270.

Uma das questões que se coloca com bastante pertinência é a da relação entre o antoniniano e a nova moeda saída da reforma de 274. Uma passagem de Zósimo (*Historia Nova* I, 61,3) deixa entender que a criação de um *argurion neon (aurelianus)* implicou a desmonetização das anteriores espécies de baixo título, com o intuito de evitar a confusão nas trocas. Obviamente estas espécies serão os antoninianos desvalorizados dos anos 260-270 (cunhagens dos últimos imperadores galo-romanos incluídas), que constituem, à época, o grosso da massa monetária em circulação. Esta intenção de desmonetizar o antoniniano, a fim de evitar a confusão nas trocas, subentende valores nominais diferentes para as duas moedas, admitindo-se que tenha sido mantida a antiga *ratio* de dois denários por um *aurelianus*, enquanto o valor do antoniniano teria recuado para metade. Aliás, a cunhagem de uma moeda laureada (denário) de peso e teor de fino semelhantes aos do antoniniano - o que pressupõe um valor idêntico - teria por objectivo afastar as desconfianças do público em relação à antiga moeda na altura da sua recolha (ESTIOT 2004 42).

A retirada do antoniniano da circulação parece ter sido efectiva nalgumas regiões, conforme atestam os depósitos terminados com moedas de Probo e Caro na área italo-balcânica, nos quais a acumulação se inicia quase sempre com numerário de Aureliano. Porém nas províncias mais a ocidente e no Norte de África o panorama é deveras diverso, predominando os radiados desvalorizados de Galieno e Cláudio II - acompanhados pelos exemplares dos dois *Tetrici* e pelas respectivas imitações no caso dos depósitos gauleses<sup>107</sup> e britânicos, pelos *Divo Claudio* no caso dos achados hispânicos e norte-africanos. Como salienta Sylviane Estiot, o facto de os *aureliani* do recém-reaberto atelier de Lyon serem os únicos que não ostentam as marcas da reforma (em vez dos tradicionais XX/KA utilizam-se mas marcas AL, BL, CL e DL) poderá indiciar que o Estado romano - por deliberação expressa ou por incapacidade de impor a nova moeda - renunciou a fazer aí circular o *aurelianus* (ESTIOT 2004 44). Na Hispânia, apesar de depósitos como Porto Carro e, sobretudo, Sampão, Sevilha e Santo Tomé

---

<sup>107</sup> A retirada de circulação do numerário gaulês ocorreu por volta de 282-283, tendo sido substituído pelo mau bilhão de Galieno e Cláudio, que conheceu assim uma circulação secundária em larga escala. A produção clandestina de *Divo Claudio* veio aumentar ainda mais o volume de moeda depreciada em circulação, tornando insustentável a afirmação do aureliano (ESTIOT 2004 44).



darem conta da chegada de importantes quantidades de aurelianos, os materiais fornecidos pelos sítios arqueológicos mostram que, de um modo geral, pelo menos até à Reforma de 294, a circulação continuou a ser assegurada pela imensa massa de numerário inflacionado de Galieno, Cláudio II e da série *Divo Claudio* (cf. BOST *et alii* 1974 242-243; HIERNARD 1987 73, Carte 11). Nos sítios norte-africanos o mau bilhão radiado - no qual as cunhagens póstumas do Gótico são dominantes - circula intensamente ao longo do último quartel do século III, em consequência da morosa e escassa chegada dos *aureliani* (cf. HIERNARD 1987 73, Carte 11; DEPEYROT 1999 27-31 e 57).

### Roma

Sampão e Porto Carro reúnem um total de 60 unidades lavradas na casa da moeda central (cfr. Quadro 61)<sup>108</sup>. Em ambos os achados os exemplares da reforma predominam sobre os anteriores à Primavera de 274, facto a que não deverá ser alheio o encerramento do atelier entre meados de 271 e o Verão de 273, na sequência da revolta dos moedeiros. Esta prevalência dos *aureliani* sobre os *antoniniani* da casa da moeda da capital é comum a boa parte dos tesouros deste período, como os de La Venèra, Maravielle, Colonne, Sirmium e Svetozarevo, só para citar alguns exemplos.

Ao nível do numerário reformado, é de destacar, nos dois conjuntos lusitanos, o significativo número de moedas produzidas em nome de Aureliano e Severina no decurso da 11ª emissão (vinte e duas no cômputo de ambos os achados), cerca de um terço das quais são denários. Tratando-se da série romana mais abundante, não surpreende a sua forte representação nos tesouros: em La Venèra corresponde a cerca de 27% da amoedação de Roma em nome de Aureliano.

Tanto em Sampão como em Porto Carro, não se identificou qualquer exemplar da 12ª e última emissão, batida para Severina no período compreendido entre a morte de Aureliano e a elevação de Tácito (Setembro-Novembro de 275).

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	11ª em.	12ª em.	Tot
Sampão		1				5	2	1		1	9		19
Porto Carro	5		1		2	7	1	5	4	2	13		40
Total	24 (40.68%)							35 (59.32%)					59

**Quadro 61 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Aureliano em Sampão e Porto Carro**

<sup>108</sup> No quadro são indicadas apenas 59 moedas, já que foi excluído um exemplar de Porto Carro pela impossibilidade de o atribuir a uma das doze emissões.

Aproveitamos ainda para um breve comentário a duas moedas do tesouro de Porto Carro. A primeira é um raro antoniano da 3ª emissão, com anverso IMP AVRELIANVS AVG (B1) e reverso FIDES MILITVM (*Imperador 7*), sem qualquer marca (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 420). Os únicos paralelos conhecidos à data encontram-se nas colecções Voetter e do British Museum (ESTIOT 1995 32), bem como no Ashmolean Museum e no Hunter Coin Cabinet (GÖBL 1995 123 e Taf. 61, 103 Aa0 (1-2). Quanto à segunda moeda, consiste num denário de Severina com reverso VENVS FELIX, aparentemente sem marca (cf. Vol. II, *Lote do MMB*, nº 78). Robert Göbl refere duas moedas semelhantes, pertencentes às colecções de Viena, uma das quais ilustra (GÖBL 1995 Tab. 13 e Taf. 78, nº 141t0). Atendendo à raridade dos denários de Severina sem marca e ao facto de na legenda de reverso da moeda de Porto Carro se observarem duas letras parcialmente esmagadas, não se pode descartar por completo a possibilidade de a moeda ter recebido uma marca que por qualquer razão foi apagada, ainda que a análise do exergo nos incite a pensar o contrário.

### Milão

Milão está presente em Sampão e Porto Carro com 41 antoninianos (cf. Quadro 62). Das seis emissões batidas por esta casa da moeda para Aureliano, apenas a primeira está ausente dos dois depósitos lusitanos, o que se explica pelo fraco volume de bilhão radiado que lhe está associado<sup>109</sup>. As amostragens de Sampão e Porto Carro, apesar de reduzidas, confirmam as informações recebidas de achados mais volumosos: sobressai o numerário das 3ª e 4ª emissões (com destaque para os reversos FORTVNA REDVX)<sup>110</sup>, assinalando um período de produção sustentada de moeda radiada naquele centro emissor.

<sup>109</sup> Nesta emissão cunhou-se sobretudo metal precioso para o *donativum* com que o Imperador pretendeu festejar a sua ascensão ao trono e, ao mesmo tempo, recompensar e assegurar a fidelidade do Exército.

<sup>110</sup> Na distinção entre as séries destas duas emissões, que alguns autores englobam numa única (cf. GÖBL 1995 37-38: 4ª emissão, com duas fases - A e B), seguimos os critérios propostos por Estiot, para quem a 4ª emissão se distingue da 3ª essencialmente pela introdução do reverso RESTITVT ORBIS e pela evolução no tratamento estilístico do busto imperial, mais largo e com a couraça a ser representada até meio do tronco (ESTIOT 2004 74-75). Ao mesmo tempo, ao longo da emissão, detecta-se uma progressiva tendência para a abreviação das legendas de reverso.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	Tot
Sampão		3	4	1			8
Porto Carro		3	13	11	4	2	33
Total		6	17	12	4	2	41

**Quadro 62 - Distribuição, por emissões, do numerário de Milão de Aureliano em Sampão e Porto Carro**

### *Ticinum*

Em Maio de 274 as quatro oficinas milanesas são transferidas para *Ticinum* (actual Pavia), possivelmente por motivos de ordem logística e política (cf. ESTIOT 2004 76-77). A implantação da nova casa da moeda, nas margens do Tessino, facilitava o acesso à matéria-prima e o escoamento da moeda, mas, acima de tudo, afastava a casa da moeda de um dos principais centros de comando do Império, onde estava situado o quartel general da cavalaria e o seu comandante, *o súbdito mais poderoso do Império* nas palavras de Andreas Alföldy (*apud* ESTIOT 2004 76) e, como tal, o mais provável usurpador. Entre Maio de 274 e Novembro de 275 *Ticinum* cunhou cinco emissões de *aureliani*, a última apenas em nome de Severina. Os dezassete exemplares desta casa da moeda recenseados em Porto Carro distribuem-se pelas cinco emissões, os sete de Sampão cingem-se apenas às duas primeiras e à quarta. Em termos quantitativos salientam-se a 2ª emissão (7 ex.) e a 4ª (9 ex.), esta marcada pela abertura de duas novas oficinas (a V e a VI), destinadas a Severina.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	Tot
Sampão	1	4		2		7
Porto Carro	1	3	3	7	3	17
Total	2	7	3	9	3	24

**Quadro 63 - Distribuição, por emissões, do numerário de Ticino de Aureliano em Sampão e Porto Carro**

### *Siscia*

A casa da moeda panónica é, a seguir a Roma e Milão, a que possui melhor representação em Sampão e Porto Carro (cf. Quadro 64). As emissões anteriores à reforma fornecem maior percentagem de numerário aos nossos depósitos que as da reforma (65,85 contra 34,15%), à semelhança do que verificámos em todos os depósitos do último quartel do séc. III que tivemos a oportunidade de observar e dos quais

apontamos alguns exemplos: La Venèra (74,03%), Maravielle (78,7%), Svetozarevo (62,42%), *Sirmium* (83,4%). Entre as emissões, o destaque vai para a sexta - considerada a mais volumosa do reinado de Aureliano - com oito moedas distribuídas pelo dois tesouros e para a nona que, em Porto Carro, reúne mais de um terço dos 31 exemplares do achado.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	Tot
Sampão	1		1	1		3	2		2	10
Porto Carro	3	1	1	1	5	5	3	1	11	31
Total	27 (65.85%)							14 (34.15%)		41

**Quadro 64 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Siscia* de Aureliano em Sampão e Porto Carro**

### **Casa da moeda balcânica**

A localização desta casa da moeda permanece uma incógnita. Alguns autores têm sugerido a sua implantação em Bizâncio (CALLU 1969 233-234; GÖBL 1995 60-61) ou *Viminacium* (KELLNER 1978 31-32, n. 1208), mas a análise ponderada de diversas variáveis parece apontar para um local, por enquanto, indeterminado da região balcânica, quiçá na costa adriática (ESTIOT 2004 96-97).

A casa da moeda terá iniciado a laboração em finais de 271-inícios de 272 com pessoal de Milão, sendo o encerramento decretado no Verão de 272 (GÖBL 1995 62) ou de 273 (Estiot 2004 96). Este atelier, destinado a abastecer de numerário as campanhas de Aureliano contra Palmira, produziu somente duas emissões, ambas presentes em Porto Carro; em Sampão apenas a 2ª emissão - a mais volumosa - foi recensada (cf. Quadro 65).

	1ª em.	2ª em.	Tot
Sampão		5	5
Porto Carro	2	9	11
Total	2	14	16

**Quadro 65 - Distribuição, por emissões, do numerário da casa da moeda balcânica de Aureliano em Sampão e Porto Carro**

### Serdica

As emissões monetárias desta casa da moeda, instalada por Aureliano na capital da recém-criada província da *Dacia Mediterranea*, não abundam nos achados lusitanos, particularmente em Sampão, que forneceu apenas um *aurelianus* (cf. Quadro 66). Ainda assim, os onze exemplares de Porto Carro correspondem a 6,4% da amoedação de Aureliano no depósito, tanto como a da casa da moeda balcânica. No achado salaciense estão representadas todas as emissões excepto a primeira, batida em volume muito reduzido (a título de exemplo, no enorme tesouro de La Venèra contabilizou-se apenas um exemplar da mesma: ESTIOT 1995 237, nº 9738).

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	Tot
Sampão								1	1
Porto Carro		1	1	1	1	3	2	2	11
Total	7 (58.33%)						5 (41.67%)		12

Quadro 66 - Distribuição, por emissões, do numerário de Serdica de Aureliano em Sampão e Porto Carro

### Cízico

As emissões do atelier mísio estão relativamente bem representadas em Porto Carro, com os seus 26 exemplares a corresponderem a 15,2% da amoedação de Aureliano, cifra que rivaliza com as fornecidas pelos depósitos balcânicos de Komin (15,2%) e *Sirmium* (15,5%) e pelo depósito germânico de Lochhausen (15,4%)<sup>111</sup>. Aparentemente o numerário de Cízico chega à Lusitânia em percentagens bastante superiores às verificadas nos depósitos das outras províncias mais a Ocidente (cf. ESTIOT 2004 50, Tab. 11), sugerindo um circuito de distribuição diverso. Todavia, a nossa amostra cinge-se a uma trintena de moedas repartidas por dois depósitos, não sendo por enquanto possível saber se a situação é normal ou apenas circunstancial.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	Tot
Sampão							3	2		1	6
Porto Carro	1		1				4	13	2	5	26
Total	24 (75 %)								8 (25 %)		32

Quadro 67 - Distribuição, por emissões, do numerário de Cízico de Aureliano em Sampão e Porto Carro

<sup>111</sup> Para Komin e Lochhausen, as percentagens foram retiradas de ESTIOT (2004 50, Tab. 11).

Três quartos das moedas de Cízico de Sampão e de Porto Carro foram lavradas antes da reforma, destacando-se pelo volume as 7ª e 8ª emissões, cuja produção se destinou inicialmente a financiar a segunda campanha oriental de Aureliano, da qual esta casa da moeda foi a principal abastecedora (ESTIOT 2004 111).

### **Antioquia**

As emissões desta casa da moeda para Aureliano são raras nos tesouros ocidentais (cfr. *supra* Quadro 60). As primeiras emissões posteriores à morte de Cláudio II são cunhadas no contexto da usurpação dos príncipes de Palmira e só após a reconquista da cidade, na Primavera de 272, o atelier volta a emitir regularmente em nome do Imperador legítimo. O único exemplar identificado deste centro emissor é proveniente de Porto Carro: *aurelianus* da 5ª emissão, do tipo RESTITVT ORBIS (cf. Vol. II, Lote MFS Rocha, nº 27).

### **Tácito e Floriano**

O assassinato de Aureliano na Trácia, no início do Outono de 275, deixou o trono imperial vago, pois que, segundo as fontes antigas, os assassinos não tinham por objectivo a tomada do poder (*Historia Augusta, Vita Aureliani*, XXXVI, 1-5). Entretanto, várias casas da moeda irão produzir uma emissão monetária exclusivamente para Severina (Estiot 2004 28, Tab. 11), atestando um breve período de regência da *Augusta* até o Senado e o Exército acordarem na escolha de um novo Imperador<sup>112</sup>. Finalmente, em Dezembro desse mesmo ano, o senador Marco Cláudio Tácito foi investido pelos seus pares e aclamado pelas tropas. O seu principado será curto, pois em Julho do ano seguinte virá a morrer no Ponto ou na Capadócia, de morte natural segundo as fontes latinas, assassinado segundo as fontes gregas, que na presente circunstância parecem ser as mais credíveis.

Após a morte de Tácito, Floriano - o Prefeito do Pretório - é reconhecido pelo Senado e pelas províncias ocidentais; ao mesmo tempo, Probo - um brilhante general - é aclamado pelas suas tropas no Oriente, onde controla a Síria, a Fenícia, a Palestina e todo

---

<sup>112</sup> A informação fornecida pelas fontes antigas para o interregno de Severina e a ascensão de Tácito é bastante problemática. Uma análise detalhada deste período, ainda que nem sempre consensual, com indicação de abundante bibliografia é-nos proporcionada por ESTIOT (2004 25-31).

o Egito (Zósimo, *Historia Nova* I, 64, 1). Em Agosto de 276 os dois rivais encontram-se em Tarso (Cilícia) e Floriano é eliminado pelos seus próprios soldados, após um reinado de apenas dois meses, deixando Probo no papel de senhor absoluto do mundo romano.

Em Sampão, contaram-se apenas sete *aureliani* de Tácito, isto é, 2,66% da totalidade das moedas do achado. Já em Porto Carro, os 41 exemplares recolhidos ficaram-se pelos 2,35% (cf. *supra* Quadro 39). Estas percentagens são mais ou menos constantes em todos os depósitos contemporâneos analisados (cf. *supra*, Quadro 39), à exceção dos conjuntos italianos (La Venèra: 6,47%, Nago: 6,43%, Dambel: 6,25% e Demonte: 11,64%), que incorporaram com maior celeridade e em maior quantidade a amoedação produzida durante este reinado.

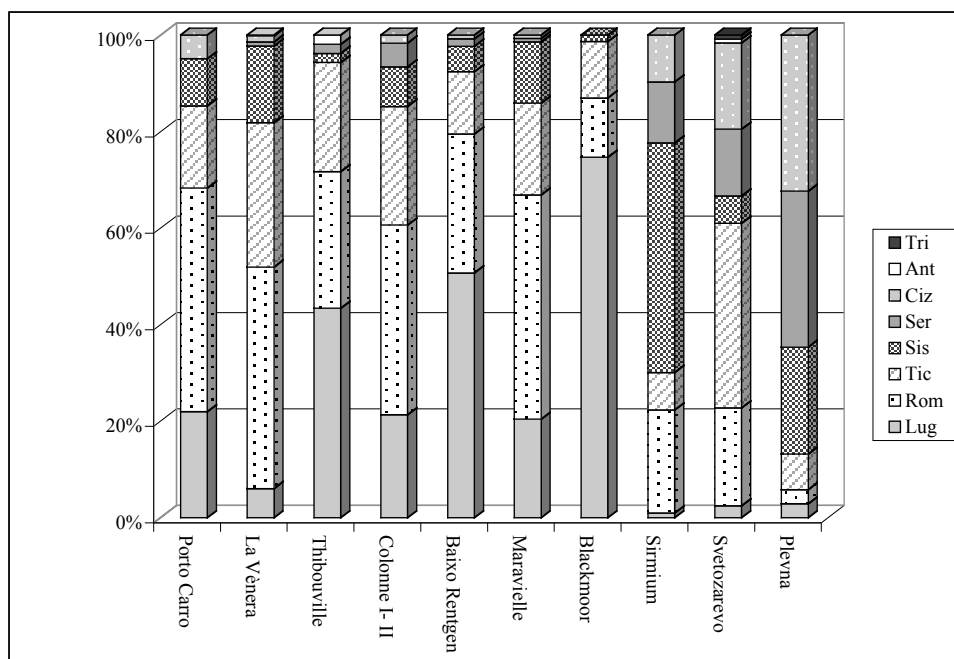
Quase metade do numerário de Tácito de Porto Carro exhibe a marca da casa da moeda da capital (46,34%), sendo o remanescente repartido por Lyon (21,95%), Ticino (17,07%), Siscia (9,76%) e Cízico (4,88%) (cf. *infra* Quadro 68 e Gráfico 45). Roma foi igualmente o principal centro abastecedor em La Venèra, Colonne e Maravielle, mas a sua preponderância começa a ser posta em causa por *Lugdunum* na Gália e na Britânia. Reaberta por Aureliano em 274, esta casa da moeda começa a bater moeda de forma sustentada a partir de Tácito, abastecendo toda a Gália: as moedas lionesas de Tácito ultrapassam os 40% do numerário deste imperador em Thibouville e acercam-se dos 50% em Baixo Rentgen e em Sainte-Pallaye (ESTIOT *et alii* 1994 39-124); na Britânia, e até à Tetrarquia, Lyon passa a deter quase a exclusividade no abastecimento de nova moeda - em Rogiet (BESLY 2003 64-70), Coleby (BESLY e BLAND 1984 22-60), Appleshaw (BLAND e BURNETT 1988a 91-107) e Blackmoor, as suas emissões rondam os 75% das amoedação de Tácito e em Chalfont St. Peter (CHEESMAN 1992 154-205) ultrapassam mesmo os 90%.

O numerário lionês conhece maiores dificuldades para atravessar os Alpes em direcção à Itália em virtude da concorrência de Roma e *Ticinum*, como atestam os 6% de La Venèra, se bem que no depósito piemontês de Demonte, junto aos Alpes Marítimos, um quarto das moedas de Tácito seja de proveniência gaulesa. A sua penetração no ocidente hispânico está bem à vista em Porto Carro - e também em Sampão, ainda que o número de exemplares disponível seja demasiado reduzido para ser levado em linha de conta - e irá manter-se até à reforma de 294, atendendo aos cerca de 10% de moedas

lionesas dos reinados de Probo, Caro e Diocleciano no depósito. Já nos depósitos balcânicos, e à semelhança do que verificamos para Aureliano, o entesouramento tende a ser efectuado à custa das espécies cunhadas pelas casas da moeda da área.

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ser	Ciz	Ant	Tri	Nº ex.
Sampão	42.86	28.57	28.57						7
Porto Carro	21.95	46.34	17.07	9.76		4.88			41
La Venèra	6.05	45.91	29.91	15.88	0.86	1.23	0.16		2431
Thibouville	43.40	28.30	22.64	1.89	1.89	0.00	1.89		53
Colonne I-II	21.31	39.34	24.59	8.20	4.92	1.64			61
Baixo Rentgen	50.76	28.79	12.88	5.30	1.52	0.76			264
Maravielle	20.42	46.48	19.01	12.68	0.70	0.70			142
Blackmoor	74.68	12.34	11.69	1.30					154
Sirmium	0.97	21.36	7.77	47.57	12.62	9.71			103
Svetozarevo	2.44	20.33	38.21	5.69	13.82	17.89	0.81	0.81	123
Plevna	2.9	2.9	7.3	22.1	32.2	32.2			68

**Quadro 68 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Tácito em 11 tesouros do último quartel do século III (%)**<sup>113</sup>



**Gráfico 45 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Tácito em 10 tesouros do último quartel do século III**

<sup>113</sup> Foram excluídos das nossas contas sete exemplares de fabrico irregular no tesouro de La Venèra e dois de casa da moeda indeterminada no do Baixo Rentgen. Os dados relativos a Plevna foram retirados de ESTIOT (2004 51, Tab. 11).



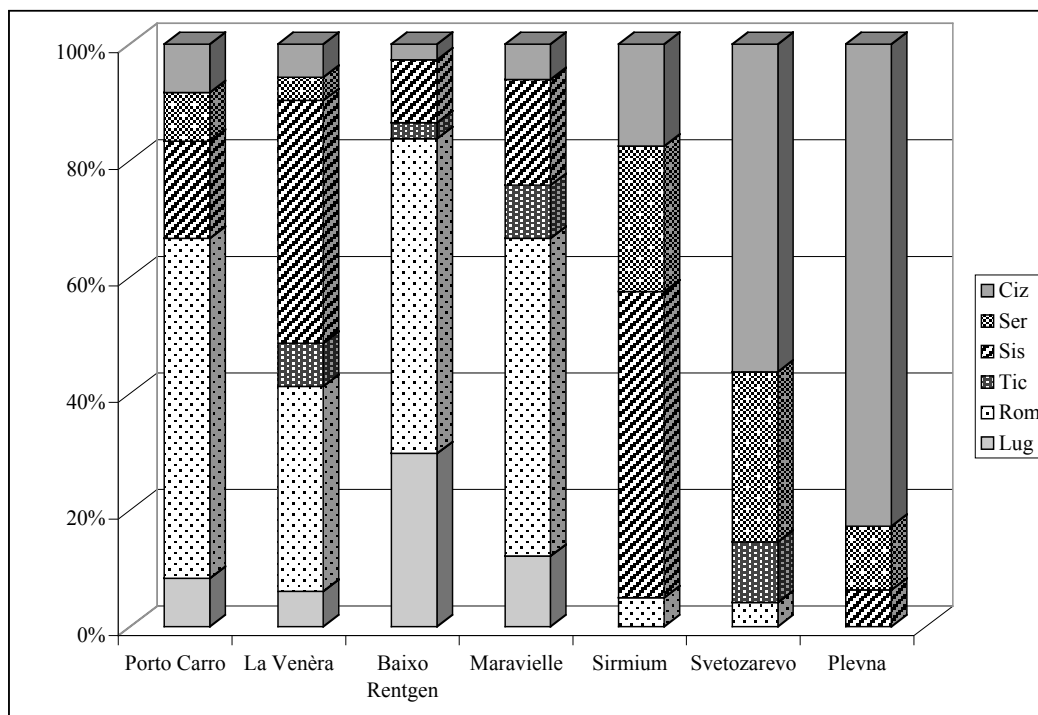
Quanto a Floriano, as moedas em seu nome entram apenas com 0,8 e 0,53% na composição dos tesouros de Sampão e Porto Carro. A este facto não serão alheios a curtíssima duração do seu governo - cerca de dois meses - e, em menor escala, a circunstância de os ateliers orientais de Antioquia e *Tripolis* terem cunhado para Probo logo após a morte de Tácito. As percentagens obtidas estão sensivelmente em linha com as fornecidas pelos tesouros contemporâneos (cf. *supra* Quadro 39).

Considerando a fragilidade da amostra do numerário de Floriano em ambos os tesouros lusitanos, julgamos não se justificar uma análise detalhada do mesmo (cf. Quadro 69 e Gráfico 46).

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ser	Ciz	Nº ex.
Sampão		33.33	33.33			33.33	3
Porto Carro	8.33	58.33		16.67	8.33	8.33	12
La Venèra	6.07	35.17	7.41	41.63	3.99	5.7	526
Baixo Rentgen	29.7	54.1	2.7	10.81		2.7	37
Maravielle	12.1	54.6	9.09	18.18		6.06	33
Sirmium		5		52.5	25	17.5	40
Svetozarevo		4.17	10.42		29.17	56.25	48
Plevna				6.3	10.9	82.6	46

**Quadro 69 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Floriano  
em 8 tesouros do último quartel do século III (%)<sup>114</sup>**

<sup>114</sup> Foi excluído um exemplar de fabrico irregular do tesouro de La Venèra. Tal como nos quadros anteriores, os dados relativos a Plevna foram retirados de ESTIOT (2004 51, Tab. 11).



**Gráfico 46 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Floriano em 8 tesouros do último quartel do século III**

### *Lugdunum*

Apenas quatro das nove emissões desta casa da moeda foram registadas nos achados lusitanos (cf. *infra* Quadro 70), com destaque para a primeira - sem marca -, destinada a um *donativum* comemorativo da elevação do imperador (BASTIEN 1976 41), a quinta, em cujas marcas a letra A tem levado vários investigadores a sugerir uma transferência momentânea do atelier para Arles<sup>115</sup>, e a sétima, a mais importante do numerário de Tácito em Lyon. De Floriano, há apenas a assinalar um *aurelianus* de Porto Carro, atribuível à segunda emissão.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	Tot
Sampão	1						2			3
Porto Carro	3				4	1	1			9

**Quadro 70 - Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Tácito em Sampão e Porto Carro**

<sup>115</sup> Um apanhado desta problemática é efectuado por Pierre Bastien, que refuta em absoluto tal possibilidade (BASTIEN 1976 42-43). Recentemente, Sylviane Estiot revelou-se menos intransigente quanto a uma possível deslocalização temporária da moeda lionesa para Arles (ESTIOT 2004 58-59).

### Roma

O numerário romano de Tácito foi repartido por três emissões (ESTIOT 1987 19). Da primeira, bastante breve, não consta qualquer exemplar em Sampão e Porto Carro e, da seguinte, contaram-se três unidades no achado alcacerense (cf. Quadro 71). A terceira emissão é a mais abundante, contando com dezasseis moedas em Porto Carro, quase metade das quais produzida pela oficina B (LAETITIA AVG)<sup>116</sup>. Para Floriano foi batida uma única emissão na capital, responsável por sete exemplares em Porto Carro e um em Sampão.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	Tot
Sampão			2	2
P. Carro		3	16	19

Quadro 71 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Tácito em Sampão e Porto Carro

### Ticinum

Esta casa da moeda cunha duas emissões para Tácito, ambas presentes em Sampão e Porto Carro, ainda que neste último dominem as moedas da segunda emissão (cf. Quadro 72). Nos conjuntos em análise, das duas emissões destinadas a Floriano, apenas um exemplar da segunda logrou chegar às mãos do entesourador de Sampão.

	1ª em.	2ª em.	Tot
Sampão	1	1	2
P. Carro	1	6	7

Quadro 72 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Ticinum* de Tácito em Sampão e Porto Carro

### Siscia

Em Sampão não se identificou qualquer exemplar desta casa da moeda, tanto para Tácito como para Floriano. Os quatro exemplares de Porto Carro em nome de Tácito distribuem-se por três das cinco emissões recentemente propostas por Ph. GYSEN (2000 41-52): dois para a primeira, um para a segunda e um para a quarta. Neste depósito foram

<sup>116</sup> No essencial a terceira emissão reproduz os mesmos tipos e legendas da segunda, efectuando-se a distinção entre ambas pela evolução do retrato imperial: de uma representação idealizada do imperador jovem passa-se para a representação realista de um homem idoso (ESTIOT 1987 19; 2004 67-68).

também incorporados dois *aureliani* de Floriano, integráveis na primeira emissão de Gysen.

### ***Serdica***

Para Tácito, Sampão e Porto Carro não contam com uma única moeda emitida pela capital dácica. Para Floriano, identificou-se em Porto Carro um *aurelianus* com reverso PROVIDEN DEOR (*Sol e Fides* 1) da quarta oficina.

### **Cízico**

Segundo S. ESTIOT (1986 1-8), Cízico terá batido três emissões para Tácito e uma para Floriano. Do primeiro há apenas a reportar dois exemplares em Porto Carro, enquadráveis na terceira emissão; do segundo, recenseou-se um exemplar em cada depósito.

### **Probo**

O numerário de Probo encontra-se muito bem representado nos dois tesouros em estudo (cf. *supra* Quadro 39). Em Porto Carro contabilizaram-se 358 *aureliani* em seu nome, correspondendo a 15,93% das 2249 moedas inventariadas para o depósito. Em Sampão a percentagem sobe para 42,18%, ou seja, quase metade das 377 unidades que actualmente integram o depósito, aproximando-o dos conjuntos coetâneos de Sevilha, Nago, Dambel e Demonte (cf. *supra* Gráfico 29) e, ao mesmo tempo, denunciando uma formação nitidamente mais tardia do que Porto Carro.

No Quadro 73 e no Gráfico 47 (cf. *infra*) podemos observar a distribuição do numerário de Probo de Sampão e Porto Carro por casas da moeda e, em simultâneo, compará-los com outros achados que terminam com moedas da Diarquia/Tetrarquia. Pela sua composição, os depósitos lusitanos aproximam-se dos conjuntos de tipo *italiano* (La Venèra, Nago e Maravielle), nos quais o abastecimento é efectuado de forma maioritária pela casa da moeda central. No caso de Sampão, Roma fornece inclusive mais de 50% das moedas em nome de Probo. Ao mesmo tempo, nos achados deste grupo as séries romanas são fortemente complementadas pelo numerário de *Ticinum* e *Siscia*, com percentagens em regra acima dos 20%. O volume de moeda emitida em *Lugdunum* sofre uma quebra acentuada relativamente ao reinado precedente, com os 6,29% de Sampão e

os 9,78% de Porto Carro a representarem os valores mais baixos para a casa da moeda gaulesa no período 276-294 em ambos os tesouros. *Serdica* e *Cízico*, apesar de presentes, possuem um papel pouco relevante no aprovisionamento de moeda aos tesouros lusitanos, em especial o centro emissor mísio, que não chega sequer a atingir os dois por cento. As casas da moeda orientais de *Tripolis* e *Antioquia* não contribuíram com qualquer exemplar para os nossos tesouros, o que não surpreende, dado o fraco volume de moeda produzida<sup>117</sup> e a sua raridade nos restantes conjuntos analisados.

À semelhança do que tínhamos constatado para o principado de Tácito, Sampão e Porto Carro exibem um perfil próximo do dos achados italianos, em claro contraste com os achados gauleses e britânicos, nos quais Roma é substituída por Lyon enquanto principal centro abastecedor de moeda. Já no tesouro balcânico de Svetozarevo é *Siscia*, o maior centro emissor da região, o primeiro responsável pelo aprovisionamento, bem acompanhado por *Serdica* e *Cízico*.

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ser	Ciz	Ant	Tri	Loc	Ind	Nº ex.
Sampão	6.29	54.09	23.9	13.21	1.26	0.63			0.63		159
Porto Carro	9.78	43.02	20.11	20.95	3.63	1.96			0.28	0.28	358
La Vènera	3.8	36.9	27.5	28.4	1.3	1	0.04	0.02			13206
Nago	8.55	33.55	29.61	26.32	1.32	0.66					152
Colonne I-II	30.11	30.68	23.58	13.64	1.42	0.57					352
Troussey	54.51	26.32	13.91	4.89		0.38					266
Maravielle	10.66	49.57	19.31	18.88	0.43	1.15					694
Thibouville	41.88	31.62	17.95	7.69	0.43	0.43					234
Fresnoy I	30.81	29.65	23.26	12.21	1.74	2.33					172
B. Rentgen	42.7	26.1	19.7	9.7	1	0.8					1834
Blackmoor	53.33	20.95	18.73	6.03		0.95					315
Svetozarevo	1.28	20.8	11.78	32.23	17.08	15.31	0.39	0.1			1019

**Quadro 73 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Probo  
em 12 tesouros do último quartel do século III (%)<sup>118</sup>**

<sup>117</sup> Segundo K. Pink, no principado de Probo lavraram-se apenas duas emissões em cada uma das referidas casas da moeda (PINK 1949 40-42).

<sup>118</sup> Os dados relativos aos depósitos La Venèra e Baixo Rentgen foram retirados de ESTIOT (1998 120, Tab. 7).

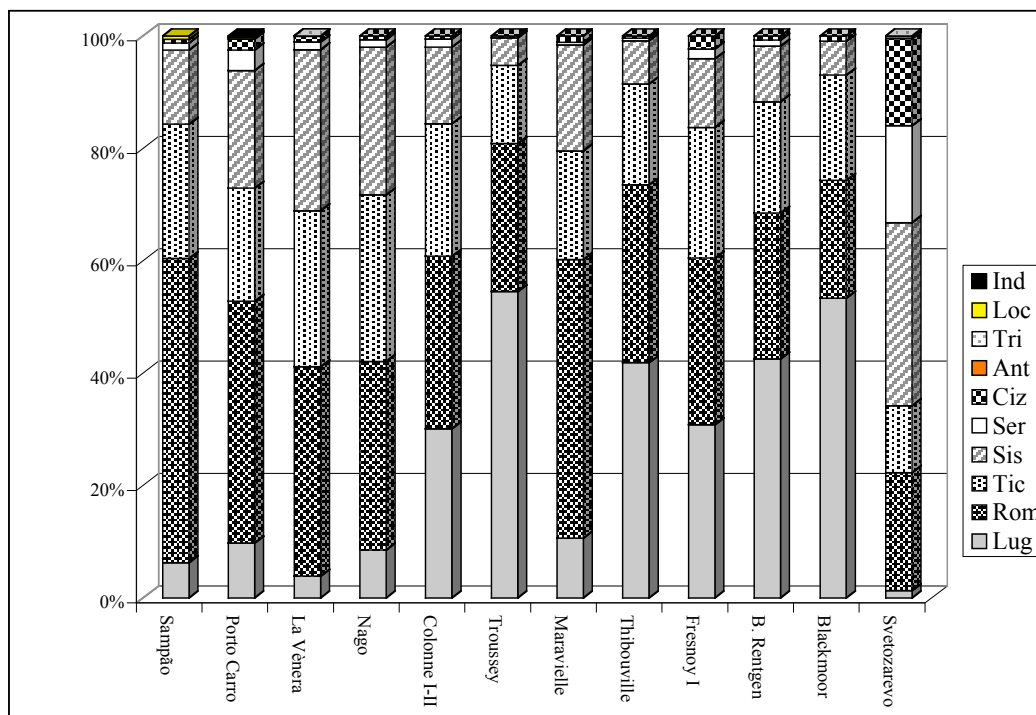


Gráfico 47 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Probo em 12 tesouros do último quartel do século III (%)

### *Lugdunum*

O centro emissor gaulês forneceu um total de 45 moedas em nome de Probo, repartidas pelos dois tesouros (conforme o Quadro 74): a primeira, a segunda e a quinta emissões estão ausentes de ambos os achados<sup>119</sup>, o que não surpreende visto encontrarem-se entre as de menor volume batidas por este atelier monetário para Probo (ESTIOT 1983 54, Fig. 5). Entre as emissões melhor representadas destacam-se a sexta - a mais volumosa sob Probo, responsável por um terço das moedas lionesas de Porto Carro -, a quarta e a nona emissões.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	Nº ex.
Sampão				2		2	1		5	10
Porto Carro			2	7		12	1	6	7	35

Quadro 74 - Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Probo em Sampão e Porto Carro

<sup>119</sup> Segundo P. Bastien, as quarta e quinta emissões lionesas de Probo usam os mesmos reversos, realizando-se a distinção entre ambas com base nos bustos adoptados: *bustos correntes* (4ª) e *bustos excepcionais* (5ª) (BASTIEN 1976 54-56). Em trabalho recém-publicado, S. Estiot e Ph. Gysen sugerem que esta partição nunca teve lugar e que as duas emissões propostas por Bastien constituirão, de facto, uma única (ESTIOT e GYSEN 2006 241, n. 18).

## Roma

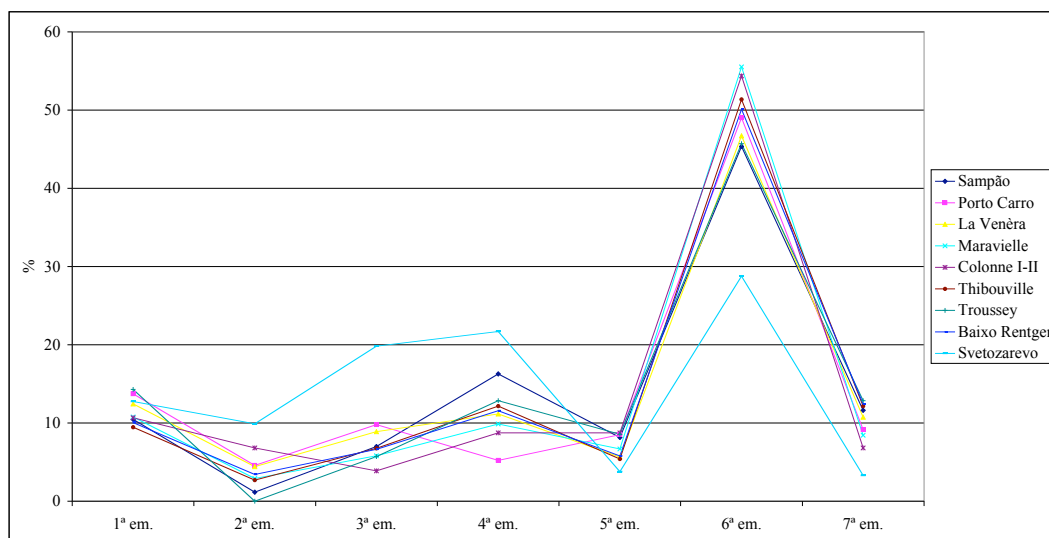
Roma é, como vimos, a casa da moeda com melhor representação em Porto Carro e Sampão, com percentagens que oscilam entre os 43,02% do primeiro e os 54,09% do segundo. O numerário romano de Probo foi arrumado de acordo com as sete emissões definidas em 1949 por Karl Pink; a partir da sua distribuição no Quadro 75 e no Gráfico 48 (cf. *infra*) percebe-se que todos os tesouros analisados reflectem, de forma bastante uniforme, o volume de numerário produzido em cada série entre 276 e 282. Aliás, a esse nível o Gráfico 47, ao permitir o cotejo das percentagens de Sampão e Porto Carro com as percentagens de sete achados do mesmo período, não pode ser mais elucidativo, com a única discrepância a ser observada na quarta emissão do depósito salaciense.

A primeira emissão de Probo em Roma retoma no essencial os tipos de Floriano, por seu turno herdados de Tácito, tal como as marcas monetárias adoptadas após a reforma de Aureliano. Batida *in absentia*, os tesouros confirmam tratar-se de uma das emissões mais volumosas de Probo em Roma, com percentagens por norma acima dos 10%. A emissão seguinte, pelo contrário, tende a ser a mais escassa do atelier romano. O seu maior interesse advém do facto de romper com a iconografia monetária usada pelos predecessores de Probo (novos bustos e reversos) e de inaugurar o uso de um novo sistema de marcas, que se manterá até ao final do reinado (cf. ESTIOT e GYSEN 2006 231 e segs.).

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	Nº ex.
Sampão	10.47	1.16	6.98	16.28	8.14	45.35	11.63	86
Porto Carro	13.73	4.58	9.8	5.23	8.5	49.02	9.15	153
La Venèra	12.44	4.41	8.89	11.15	5.65	46.71	10.74	4870
Maravielle	10.76	2.91	5.81	9.88	6.69	55.52	8.43	344
Colonne I-II	10.68	6.8	3.88	8.74	8.74	54.367	6.8	103
Thibouville	9.46	2.7	6.76	12.16	5.41	51.35	12.16	74
Troussey	14.29	0	5.71	12.86	8.57	45.71	12.86	70
Baixo Rentgen	10.06	3.43	6.64	11.56	5.78	50.11	12.42	467
Svetozarevo	12.74	9.91	19.81	21.7	3.77	28.77	3.3	212

Quadro 75 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Probo em 9 tesouros (%)<sup>120</sup>

<sup>120</sup> Os dados relativos a La Venèra e Baixo Rentgen foram obtidos a partir de ESTIOT (1983 52, Tab. XXI).



**Gráfico 48 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Probo em 9 tesouros (%)**

Não podemos deixar de notar o elevadíssimo volume da sexta emissão, responsável por cerca de metade do numerário oriundo da *Moeda* de Roma, produzida na altura em que o Imperador aproveita o restabelecimento da paz dentro das fronteiras do Império para se deslocar à capital e aí celebrar um grandioso triunfo (281). No Quadro 76 procedemos à repartição da amoedação desta emissão dos achados de Sampão, Porto Carro, La Venèra, Maravielle e Baixo Rentgen pelas sete oficinas em laboração à época. À primeira vista, os dois depósitos hispânicos deixam-nos a impressão de que existiu uma grande disparidade no volume de moeda produzido pelas várias oficinas. Contudo, essa imagem é de algum modo contrariada pelos dados fornecidos por achados mais vultuosos como La Venèra, parecendo que a maioria das oficinas cunhou a um ritmo muito semelhante.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	Nº ex.
Sampão	13.16	5.26	18.42	31.58	15.79	7.89	7.89	38
Porto Carro	13.7	21.92	16.44	8.22	19.18	6.85	13.7	73
La Venèra	12.92	15.73	15.38	15.51	13.27	10.41	16.78	2276
Maravielle	9.95	10.99	13.09	17.28	19.37	11.52	17.8	191
Baixo Rentgen	16.67	15.81	14.96	13.68	11.11	13.25	14.53	234

**Quadro 76 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª emissão de Roma para Probo em 5 tesouros (%)<sup>121</sup>**

<sup>121</sup> Os cálculos para La Venèra e Baixo Rentgen foram obtidos com base nos dados fornecidos por BASTIEN e PFLAUM (1961-1962 285).



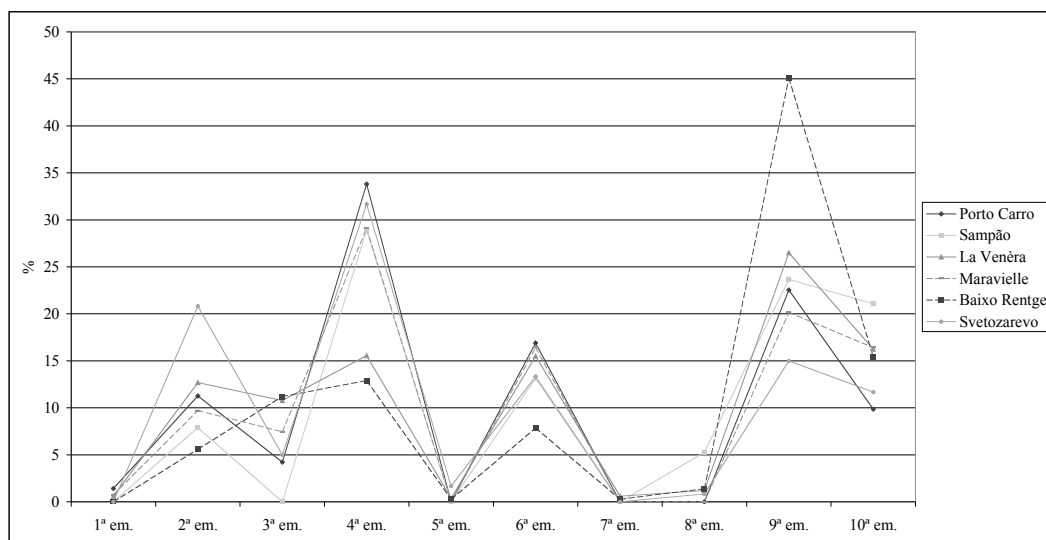
### *Ticinum*

Esta casa da moeda produziu cerca de um quinto das moedas recenseadas para Probo em Sampão e Porto Carro. A sua repartição, realizada de acordo com as dez emissões estabelecidas por K. Pink, pode ser observada no Quadro 77 e no Gráfico 49 (cf. *infra*). De forma muito nítida este último mostra que, para as emissões do atelier transpadano o perfil dos nossos achados é análogo ao dos tesouros de La Venèra, Maravielle, Baixo Rentgen e Svetozarevo. Supondo que os dados proporcionados pelos achados replicam, com alguma fidelidade, o volume das emissões deste centro emissor, assinala-se a reduzida importância das primeira, quinta, sétima e oitava emissões (ausentes ou sub-representadas na maior parte dos conjuntos), bem como a proeminência da quarta emissão (a mais volumosa em Sampão, Porto Carro, Svetozarevo, Maravielle, associada à estância do Imperador na cidade em 278) e da nona (dominante em La Venèra e em Baixo Rentgen e contemporânea de nova passagem de Probo pela cidade). Os depósitos são igualmente unânimes em incluir a sexta e a décima emissões entre as mais produtivas.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	Nº ex.
Sampão		7.89		28.95		13.16		5.26	23.68	21.05	38
Porto Carro	1.39	11.11	4.17	34.72		16.67			22.22	9.72	72
La Venèra	0.58	12.69	10.77	15.56	0.36	15.5	0.61	1.21	26.49	16.24	3632
Maravielle	0.75	9.7	7.46	29.1		16.42			20.15	16.42	134
Baixo Rentgen		5.6	11.2	12.89	0.28	7.84	0.28	1.4	45.1	15.41	357
Svetozarevo		20.83	5	31.67	1.67	13.33		0.83	15	11.67	120

**Quadro 77 - Distribuição, por emissões, do numerário de Ticinum de Probo em 6 tesouros (%)**<sup>122</sup>

<sup>122</sup> Para La Venèra e Baixo Rentgen os dados foram recolhidos de ESTIOT (1983 52, Tab. XXI).



**Gráfico 49 - Distribuição, por emissões, do numerário de Ticinum de Probo em 6 tesouros (%)**

### *Siscia*

A amoedação cunhada pela casa da moeda panónica para Probo está bem documentada nos dois conjuntos lusitanos, sobretudo em Porto Carro, onde em termos quantitativos vem logo a seguir a Roma, suplantando inclusivamente *Ticinum* (cf. *supra* Quadro 73). Situação idêntica ocorre em La Venèra e Svetozarevo, mas o achado méσιο possui a particularidade de estar situado na zona de influência de *Siscia*. O numerário produzido neste atelier em nome de Probo marca igualmente uma presença importante nos depósitos de Maravielle e Nago, onde só a custo é ultrapassado pela amoedação do centro emissor transpadano. *Siscia* esteve muito activa sob Probo, sendo possível que parte do numerário aí produzido se destinasse a financiar algumas das campanhas militares efectuadas pelo Imperador nas áreas circunvizinhas. Apesar da concorrência de Roma e Ticino, as séries lavradas na capital panónica penetraram na Itália em volume considerável, de onde terão irradiado para a Hispânia por via marítima, segundo estamos em crer.

A disposição do numerário de *Siscia* dos depósitos de Sampão, Porto Carro, Maravielle e Svetozarevo, segundo as nove emissões que tradicionalmente lhe são atribuídas, está figurada no Quadro 78 e no Gráfico 50<sup>123</sup>. Pese embora uma ou outra

<sup>123</sup> Lamentavelmente não foi possível contar com os dados dos tesouros de La Venèra e do Baixo Rentgen. Tratando-se de publicações ainda do séc. XIX, muito parcas nas descrições das moedas, torna-se difícil proceder à arrumação do

discrepância, os tesouros tendem a apresentar perfis muito idênticos, destacando-se pelo volume de moeda produzida a sétima emissão, datada de 280, quiçá justificado com a preparação da campanha oriental e com o encerramento de Serdica nesse mesmo ano (cf. PINK 1949 27 e BASTIEN 1969 334-335). Outra emissão com uma dimensão considerável é a quinta, que aparenta ocupar o segundo lugar em termos de volume. A esta série foi atribuído um invulgar exemplar com anverso IMP C PROBVS P F AVG (F2e), reverso ADVENTVS AVG (*Imperador* 1) e marca T//XXI, de Sampão (cf. Vol. II, nº 216), que visa assinalar uma nova passagem de Probo pela cidade após o termo das campanhas germânicas. A marca T//XXI não é habitual na quinta emissão, tratando-se, segundo PINK (1959 51, n. 21), de uma circunstância anómala. Por sua vez Sylviane Estiot chamou-nos a atenção para o facto de apenas ter conhecimento de dois exemplares com titulaturas e reversos similares, ainda que com busto K4e, ambos da colecção Gysen<sup>124</sup>.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	Nº ex.
Sampão	14.29	4.76		23.81	19.05	4.76	33.33			21
Porto Carro	10.67	8	1.33	8	24	4	36	1.33	6.67	75
Maravielle	8.4	2.29	1.53	12.21	17.56	12.21	43.51	0.76	1.53	131
Svetozarevo	2.07	10.95	1.48	9.76	24.56	8.88	40.53	1.78		338

**Quadro 78 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Siscia* de Probo em 4 tesouros (%)**

Pela negativa, o destaque vai inteiro para as terceira, oitava e nona emissões. Deixando de lado uns excepcionais 6,67% para a última emissão em Porto Carro, nos restantes achados nenhuma daquelas três emissões chega a atingir sequer os 2%. E se o fraco volume da terceira emissão pode explicar-se pela atenção dada em 277 à cunhagem de outras espécies - nomeadamente *aurei*, *biniones*, medalhões e quinários de bronze, para as emissões festivas, comemorando a passagem do novo imperador pela cidade -, as duas últimas marcam o eclipse do atelier, que na derradeira emissão verá as suas sete oficinas reduzidas a apenas três<sup>125</sup>.

---

numerário deste centro emissor segundo a classificação de Pink (já em si problemática), como prova a tentativa mal sucedida de Bastien para o depósito italiano (BASTIEN 1968 334).

<sup>124</sup> Informação recebida por correio electrónico em 22/11/2004.

<sup>125</sup> De notar que, até ao final da quinta emissão, *Siscia* laborou com seis oficinas. A sétima foi adicionada em 279 e funcionou apenas até 281.

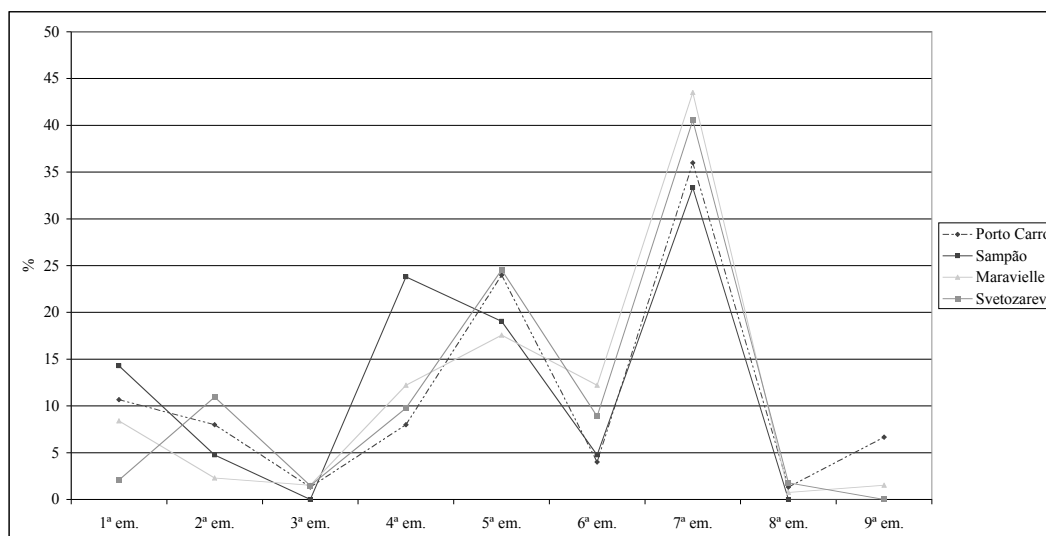


Gráfico 50 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Siscia* de Probo em 4 tesouros (%)

### *Serdica*

A amoedação produzida para Probo na casa da moeda dácica teve pouco impacto em Sampão e Porto Carro. No primeiro achado contabilizaram-se somente dois exemplares (1,26%) e no segundo treze (3,63%), repartidos por três das cinco emissões (cf. *infra* Quadro 79). A segunda e a quarta emissões assinalam as etapas mais produtivas deste centro emissor entre 276 e 280, data do seu encerramento (PINK 1949 27). Em Svetozarevo cerca de três quartos das 174 moedas de *Serdica* em nome de Probo foram batidas na quarta emissão, enquanto a segunda foi responsável por cerca de um quinto do total.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	Nº ex.
Sampão		1		1		2
Porto Carro		6		6	1	13

Quadro 79 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Serdica* de Probo em Sampão e Porto Carro

### *Cízico*

Cízico cunhou quatro emissões em nome de Probo, mas, ao contrário do que tinha sucedido para Aureliano, a exportação do seu numerário para Ocidente conhecerá sérias dificuldades sob os sucessores do *manum ad ferrum* (cf. *supra* Quadro 73, onde surpreende a cifra de 1% para La Venèra). Tal facto explicar-se-á, no caso da amoedação

de Probo, por uma nítida quebra na produção, motivada pelo encerramento temporário da casa da moeda entre 277 e 280. Em Sampão identificou-se uma única moeda do atelier mísio e as sete de Porto Carro representam somente 1,96% do numerário de Probo no depósito. No achado sadino estão documentadas apenas as duas emissões mais abundantes deste centro emissor: a primeira (cinco *aureliani*, todos com reverso CLEMENTIA TEMP) e a terceira (dois *aureliani*, com reversos SOLI INVICTO e VIRTUS PROBI AVG). Esta ordem inverte-se, todavia, no achado mísio de Svetozarevo com a terceira emissão a superar a emissão inicial (46,79 contra 36,54%). Nas restantes emissões produziu-se moeda em escassa quantidade, não causando surpresa a sua ausência nos conjuntos lusitanos.

### **As cunhagens irregulares**

Em Sampão detectou-se um exemplar de fabrico irregular em nome de Probo, reproduzindo um protótipo da segunda emissão de *Ticinum* (RIC 348): anverso IMP C M AVR PROBVS VGG (D2), reverso CONSERVAT AVG (*Sol* 6) e marca - -//TXXT (cf. Vol. II, nº 231). Um segundo exemplar fraudulento, com o busto e a titulação de Probo, foi identificado em Porto Carro, mas o seu interesse numismático é reconhecidamente superior ao de Sampão. A moeda combina um anverso de Probo - IMP PROBVS AVG (B1e) - com um reverso da sexta série romana de Galieno - SOLI [...]NS [...] (*Cavalo alado* 2) e marca - -//A (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 654). A importância desta moeda reside na circunstância de mostrar como os tipos de Galieno - e decerto os de Cláudio II, sejam eles cunhados em vida ou póstumos - continuam a ser imitados uma década depois do seu abandono. Aliás, este dado parece vir precisamente ao encontro de uma proposta de Markus Weder que, já em 1994, havia chamado a atenção para a existência de um vasto grupo de imitações cuja produção se situaria entre os inícios e meados do principado de Probo (WEDER 1994 262-263).

### **Caro e família**

Das circunstâncias da ascensão de Caro ao poder, tal como de toda a sua vida até Setembro de 282, pouco ou nada se sabe. As fontes apenas no-lo descobrem nessa data, então Prefeito do Pretório de Probo e comandante dos exércitos do Nórico e da Récia,

onde foi proclamado pelos soldados, possivelmente alguns dias antes do assassinato de Probo em Sirmio (CHASTAGNOL 1994 1139). Nos meses imediatos associa os filhos ao poder, primeiro Carino e depois Numeriano, designando-os Césares, e em finais de Fevereiro-inícios de Março de 287 eleva-os ao Augustado (PINK 1963 59; BASTIEN 1976 25 e 70; GRICOURT 2000 15, 23-24 e 62)<sup>126</sup>. Pouco depois, no mês de Julho e após uma bem sucedida campanha contra os Persas, Caro acaba por falecer às portas de Ctesifonte (Mesopotâmia), deixando o Império nas mãos dos filhos. Porém, em meados de Novembro do ano seguinte, Numeriano morre na Bitínia em circunstâncias misteriosas e, alguns dias volvidos, a 20 desse mês, Diocleciano, um militar de alta patente do séquito imperial, é aclamado em Nicomédia. No Verão de 285 Carino e Diocleciano encontram-se nas imediações do rio *Margus* (Mésia Superior), com o desfecho a ser favorável ao segundo, o homem que vai restituir finalmente ao Império a tão almejada estabilidade política.

Os cerca de três anos de governo de Caro e dos filhos são responsáveis por 63 das 377 moedas identificadas em Sompão (16,71%), cifra que lhe dá o segundo posto em termos de representatividade a seguir às emissões de Probo. Em Porto Carro, ainda que em maior número, os 93 aurelianos dos anos 282-285 cingem-se a 4,14% do depósito. Quer em Sompão, quer em Porto Carro, as casas da moeda italianas continuam a ser as principais abastecedoras de moeda, com Roma à cabeça, bem secundada por *Ticinum*. Quando comparado com o principado de Probo, o volume de moeda lavrada pela casa emissora da capital conhece um incremento significativo, à semelhança do que ocorre em La Venèra, de cujo perfil os nossos achados se aproximam nesta fase. A situação é semelhante no depósito balcânico de Svetozarevo, onde a percentagem de moedas de Roma - e de *Ticinum* - mais que duplica, preenchendo o vazio provocado pelo encerramento de Serdica e pelo declínio de Síscia e Cízico. Pelo contrário, na maior parte das ocultações gaulesas as percentagens de numerário dos ateliers italianos tendem a decair, com o grosso do aprovisionamento a ser assegurado cada vez mais pelo atelier de Lyon; apenas Maravielle continua a manter um perfil *italiano*. Em Sompão e Porto Carro

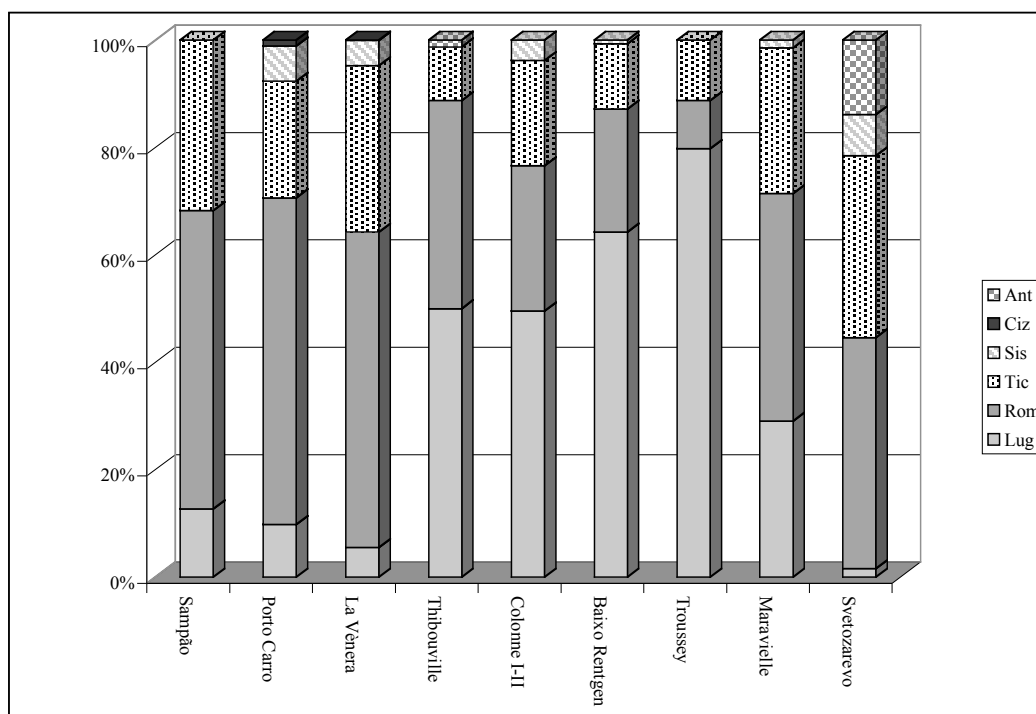
---

<sup>126</sup> A questão da elevação de Carino e Numeriano é bastante controversa, pois que para alguns autores Caro teria cooptado o filho mais velho antes de morrer, enquanto Numeriano só teria recebido o título de Augusto após a morte do pai (CHASTAGNOL 1994 1140; AMANDRY *et alii* 2003 52).

o volume das emissões da *Moeda* lionesa mantém-se estável, quando comparado com o do principado anterior. O mesmo não se verifica com a amoedação de Siscia, que sofre uma quebra brutal: em Porto Carro, de 20,95% sob Probo, passa-se agora para 6,52% e, em Sampão, não se identificou um único exemplar da casa da moeda panónica em nome de Caro ou dos filhos.

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ciz	Ant	Nº ex.
Sampão	12.7	55.56	31.75				63
Porto Carro	9.78	60.87	21.74	6.52	1.09		92
La Vènera	5.48	58.79	30.98	4.71	0.05		4397
Thibouville	50	38.75	10			1.25	80
Colonne I-II	49.53	27.1	19.63	3.74			107
Baixo Rentgen	64.28	22.92	12.16	0.64			781
Troussey	79.12	8.89	11.11				90
Maravielle	29.05	42.38	27.14	1.43			210
Svetozarevo	1.54	43.08	33.85	7.69		13.85	65

**Quadro 80 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Caro e família em 9 tesouros do último quartel do século III (%)**<sup>127</sup>



**Gráfico 51 - Repartição, por casas da moeda, do numerário de Caro e família em 9 tesouros do último quartel do século III (%)**

<sup>127</sup> Os dados relativos ao depósito de La Vènera foram retirados de GRICOURT (2000 106, Tab. 55). Para o tesouro do Baixo Rentgen, os dados foram obtidos a partir de uma classificação sumária realizada por nós.

### *Lugdunum*

A amoedação produzida em *Lugdunum* em nome de Caro e de outros membros da família imperial está representada em Sampão por oito *aureliani* e em Porto Carro por nove, que perfazem, respectivamente, 12,7 e 9,78% do numerário dos anos 282-285 nos depósitos (cf. *infra* Quadro 81). Atendendo à exiguidade da amostra fornecida pelos dois achados, a distribuição do numerário pelas dez emissões definidas por Pierre Bastien (BASTIEN 1976 61-80)<sup>128</sup> é de todo inconclusiva, embora se detecte uma certa preponderância da amoedação das últimas emissões, o que é confirmado por outros achados conhecidos (para St. Maurice-de-Gourdans, Maravielle, Colonne e Trousey: cf. ESTIOT 1998a 200, Tab. 15; para La Venèra: cf. GRICOURT 2000 62-66).

Do ponto de vista histórico-numismático vale a pena assinalar a presença, em Porto Carro (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 657), de uma moeda da nona emissão em nome de Magnia Urbica, com reverso VENVS GENETRIX: *Venus* 5 (Bastien 617), destinada a assinalar o nascimento de Nigriniano, filho de Carino (GRICOURT 2000 39-41).

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	Nº ex.
Sampão				1		2		3		2	8
Porto Carro		1		3		3			2		9

**Quadro 81 - Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Caro e família em Sampão e Porto Carro**

### **Roma**

A casa da moeda da capital é, como vimos, o principal centro abastecedor de moeda dos anos 282-285 em Porto Carro e Sampão. O Quadro 82 e o Gráfico 52 (cf. *infra*) mostram-nos a distribuição, por emissões, do numerário romano de Caro e dos

<sup>128</sup> Embora recentemente D. Gricourt tenha proposto um novo arranjo das emissões lionesas, transformando as dez emissões de Bastien em seis fases, com a quinta fase a agrupar as sexta, sétima, oitava e nona emissões (GRICOURT 2000 59-66), continuamos a seguir a arrumação proposta pelo grande numismata francês, apesar dos problemas colocados pela existência de algumas emissões, como o próprio autor não deixa de reconhecer no caso das sétima e oitava emissões (BASTIEN 1976 73) ou para a quinta emissão, cuja existência foi posta em dúvida por S. ESTIOT (1998a 200).



filhos em seis tesouros de finais do século III<sup>129</sup>. De imediato salta à vista o facto de todos os achados apresentarem um perfil bastante idêntico, em que se evidencia o volume da segunda emissão, a mais importante a ser batida na capital durante o principado de Caro e dos filhos. Esta emissão é precedida por uma emissão pouco volumosa - talvez até a de menor volume do período 282-285 - batida após a elevação de Carino ao cesarato, da qual não se detectou qualquer exemplar em Sampão. Em meados de Julho (GRICOURT 2000 34) ou no primeiro terço de Agosto (PINK 1963 33) de 283, a casa da moeda retoma a actividade, batendo uma importante emissão em nome de Carino e Numeriano Augustos, cujo volume se aproxima de forma significativa do da emissão anterior. Aliás, tomando como referência os valores fornecidos pelos tesouros em análise, a segunda e a terceira emissões serão responsáveis por cerca de metade/dois terços dos *aureliani* emitidos pelo atelier romano durante este período. Após a morte de Numeriano e a proclamação de Diocleciano, a *Moeda* da capital lavra ainda duas emissões para Carino, Magnia Urbica e para os *Divi* (Caro, Numeriano e Nigriniano), destacando-se a penúltima que atinge algum destaque em termos percentuais na maior parte dos achados observados.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	Nº ex.
Sampão		42.9	31.4	8.6	5.7	11.4	35
Porto Carro	8.9	32.1	21.4	14.3	16.1	7.1	56
La Vènera	2	31.1	27.9	10.9	18.8	9.4	2585
Villette-d'Anthon	2.3	36.9	35.4	6.9	13.8	4.6	130
Baixo Rentgen	2.3	31.8	32.4	10.2	13.6	9.7	176
Maravielle	7.9	48.3	30.3	4.5	7.9	1.1	89

**Quadro 82 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Caro e família em 6 tesouros (%)**<sup>130</sup>

<sup>129</sup> Por motivos de ordem prática continuamos a seguir a sequência proposta por K. Pink em 1963, pese embora algumas limitações postas em evidência por D. GRICOURT (2000 29-44).

<sup>130</sup> Os dados relativos a Villette-d'Anthon (Isère) foram recolhidos de ESTIOT (1998 121, Tab. 8). Para o depósito do Baixo Rentgen não foram contabilizados três *aureliani* devido à impossibilidade de os atribuir a uma emissão concreta.

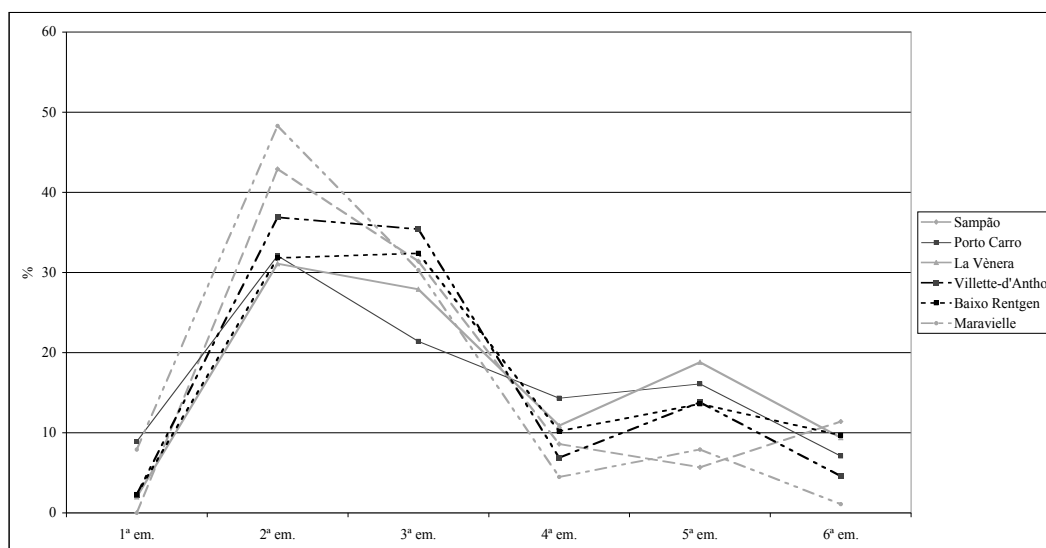


Gráfico 52 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Caro e família em 6 tesouros (%)

### *Ticinum*

O atelier transpadano está percentualmente bem representado nos depósitos lusitanos, não obstante o número de moedas ser baixo (cf. *infra* Quadro 83). Reaberto por Caro no início de Outubro de 282, cunha uma *pré-emissão* (*Vor-Emission*, na designação de PINK 1963 26) de *aurei* e *aureliani* - a primeira do seu reinado -, destinada a um *donativum* para celebrar a ascensão ao trono (GRICOURT 2000 19). Desta série, pouco abundante nos tesouros (cf. ESTIOT 1998 121, Tab. 8), identificou-se um exemplar em Porto Carro, ostentando a grafia primitiva do cognome: KARVS por CARVS (cf. Vol. II, *Col. Monteiro de Frias*, nº 207). Não obstante o reduzido número de moedas fornecido pelos nossos achados, é por demais evidente o predomínio das moedas da quarta emissão, destinada com alguma probabilidade ao pagamento das tropas (PINK 1963 29) e de longe a mais abundante desta ceca para os anos 282-285: os 60% de Porto Carro e os 80% de Sampão estão em linha com os valores apresentados por S. Estiot (*idem, ibidem*) para as deposições do Baixo Rentgen (67,7%), Colonne (52,4%), Villette-d'Anthon (70,8%), Maravielle (71,9%) e La Venèra (68%). Ao mesmo tempo, pressente-se também nos depósitos lusitanos a importância da segunda emissão, confirmada, de alguma forma, pelo material dos tesouros gauleses e italiano *supra* referidos.

	<i>Vorem.</i>	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	Nº ex.
Sampão		1	2		16	1	20
Porto Carro	1		5	1	12	1	19

**Quadro 83 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Ticinum* de Caro e família em Sampão e P. Carro**

Em termos numismáticos é de assinalar a presença em Sampão de dois *aureliani* de Caro da quarta emissão ticinense (R/PAX EXERCITI, - //PXXI), saídos dos mesmos cunhos de anverso e reverso (cf. Vol II, nº 269/1-2). Uma nota também para o aureliano de Magnia Urbica com reverso VENVS CELEST (*Venus* 5), cuja marca, T -//SXXI, não é reportada por K. Pink (cf. Vol II, nº 275). A moeda pertence uma curta série que D. Gricourt designa por *Série 4d*, responsável por uns parcos 17 exemplares em La Venèra. Segundo o numismata francês esta teria sido emitida em fins de Junho ou inícios de Julho de 283, precedendo a *Série 4e* (quinta emissão de Pink), a derradeira a ser lavrada pela casa da moeda italiana neste período (GRICOURT 2000 26-28)<sup>131</sup>.

### ***Siscia***

Reduzido a três oficinas no final do principado de Probo, o centro emissor panónico conhece uma queda acentuada da produção monetária. O seu numerário está ausente em Sampão e, em Porto Carro, os seis *aureliani* arrolados representam apenas 6,52% da amoedação de Caro e da família imperial. Esta quebra é confirmada, de resto, pelo depósito de La Venèra, onde esta casa da moeda desempenha um papel de relevo no abastecimento de moeda até Probo: de 28,4% sob o *Aequitius* passa-se para uns modestos 4,71% sob Caro e filhos. Até em Svetozarevo, onde um terço das moedas de Probo são oriundas deste atelier, o aprovisionamento cai de forma abrupta, para se fixar nos 7,69%.

Os exemplares de Porto Carro distribuem-se por uma *Voremmission* contemporânea da elevação de Numeriano ao cesarato e pelas quinta e sexta emissões, à razão de dois por cada uma delas. Não se contabilizaram quaisquer *aureliani* das primeira e segunda emissões, também escassamente representadas em La Venèra<sup>132</sup>.

<sup>131</sup> No caso vertente optámos por incluir a moeda na quinta emissão de Pink, já que, não obstante as várias fragilidades patentes na ordenação das emissões de *Ticinum* proposta pelo numismata austríaco, a sua classificação continua a ser de utilização mais prática que a defendida por GRICOURT (1995 95-112; 2000 19-28).

<sup>132</sup> Nem, como é óbvio, das terceira e quarta emissões, nas quais se cunharam unicamente *aurei* e medalhões de bronze (PINK 1963 44-45; para uma arrumação das séries completamente diferente, cf. GRICOURT 2000 51-53: *fases 5a e 5b*).

No final de 284, o atelier interrompe uma emissão de *aurei* em nome de Carino, na sequência da sublevação do usurpador Marco Aurélio Juliano na Panónia Superior. Daniel Gricourt datou o início da revolta de meados de Dezembro de 284, sugerindo o seu prolongamento até Fevereiro ou Março do ano seguinte<sup>133</sup>. Juliano utilizará a casa da moeda para cunhar uma série de *aurei* com reverso LIBERTAS PVBLICA (RIC 1), destinada a um *donativum*, e uma série de *aureliani*, da qual se conhecem apenas quatro reversos: FELICITAS TEMPORVM (RIC 2), IOVI CONSERVAT (RIC 3), PANNONIAE AVG (RIC 4) e VICTORIA AVG (RIC 5). Um raro exemplar desta série, com marca da segunda oficina, encontra-se presente em Porto Carro (cf. Vol. II, *Colecção de Barcelona*, nº 26: FELICITAS TEMPORVM - *Felicitas* 5). Tudo indica que a cunhagem destas séries foi bastante breve - Gricourt admite que tenha durado apenas alguns dias -, pois Juliano dirigiu-se rapidamente em direcção à Itália à cabeça do seu exército. Em Fevereiro ou Março encontrou-se com Carino, sendo vencido e morto nas imediações de Verona. *Siscia* não voltará a cunhar moeda até finais de 286.

### **Cízico**

Sob Caro, a casa da moeda mísia terá começado por cunhar uma emissão de *aurei* e *aureliani* exclusivamente dedicada ao Imperador e que não foi registada por K. Pink (ESTIOT *et alii* 2007 200-202). Atendendo a que Carino não figura na emissão e que a sua elevação ao cesarato teve lugar em meados de Outubro de 282, a emissão não pode ultrapassar o final desse mesmo mês, altura em que as notícias da proclamação do novo César já teriam por certo chegado ao atelier. A segunda emissão foi batida para Caro Augusto e Carino César e a terceira acrescenta o nome de um novo César, Numeriano. Todas estas emissões foram batidas nos últimos três-quatro meses de 282, após o que a casa da moeda é encerrada, só tornando a bater moeda durante a quarta e última emissão, destinada a Carino e Numeriano Augustos, que Pink data de Julho de 284 (PINK 1963 53).

O curto período de funcionamento, o baixo volume emitido e o afastamento geográfico serão reponsáveis pela ausência ou rarefacção dos espécimes produzidos por

<sup>133</sup> Opinião diferente é manifestada por J. L. HOUDART (1995 58-63), que situa o pronunciamento de Juliano após a morte de Caro (Julho de 283), o que parece altamente improvável (GRICOURT 2000 58).

esta ceca nos depósitos ocidentais: em La Venèra identificaram-se somente dois exemplares (nº 4402-4403) e Porto Carro forneceu um único, por sinal digno de nota (cf. Vol. II, *Col. Monteiro de Frias*, nº 214). Trata-se de um aureliano da terceira emissão em nome de Numeriano, com a legenda de anverso a acusar um erro do gravador: NVMAERIANVS NOB CAES (sic).

### **O Império Gaulês**

Três antoninianos em Porto Carro (um de Vitorino proveniente de uma *Mint* II e duas moedas irregulares de Tétrico II) e um em Sampão (batido para Póstumo numa *Principal Mint*) é tudo quanto liga os achados lusitanos à actividade monetária do Império Gaulês. Como já notámos na abordagem que efectuámos aos entesouramentos anteriores a 275, a penetração deste numerário na Hispânia foi muito fraca, ao invés do que sucedeu nas províncias germânicas, gaulesas e na Britânia, onde a massa monetária circulante foi durante algum tempo composta quase exclusivamente por radiados cunhados sob os usurpadores gauleses. Todavia, nas deposições gaulesas de finais do século III, sentem-se claramente os efeitos da decisão da administração imperial - possivelmente no tempo de Probo (ESTIOT 1996 61) - de proceder à retirada destes espécimes dos circuitos, começando a escassear os conjuntos em que o seu volume ultrapassa os 5% das moedas inventariadas (cf. *supra* Quadro 39 e CALLU 1969 349-355). A única excepção é a província britânica onde, na ausência de uma renovação significativa das espécies monetárias, esta amoedação sobreviveu até muito próximo da reforma de 294: no tesouro de Blackmoor, ocultado por volta de 290, 73,4% das peças são ainda de proveniência gaulesa. No caso dos depósitos lusitanos a presença destes raros exemplares deve ser encarada como residual, não dando mostras de possuir qualquer significado particular.

### **Diocleciano e co-regentes**

As circunstâncias da ascensão de Diocleciano ao poder não são muito claras, mas o pouco que sabemos a partir das fontes antigas autoriza a supô-lo por detrás das mortes suspeitosas de Caro e Numeriano (cf. BIRD 1976 125-132). A 20 de Novembro de 284, Diocleciano é aclamado pelos soldados às portas de Nicomédia, atravessando em

seguida os Balcãs com o seu exército. Em meados de 285, enfrenta as tropas de Carino na batalha de *Margus*, nas imediações de *Viminacium*, e, embora as incidências da batalha tenham sido pouco favoráveis a Diocleciano, Carino é vítima de uma conjura organizada pelos seus próprios soldados (BIRD 1976 130-131), deixando o poder imperial nas mãos do seu adversário. No final de 285, possivelmente entre 10 e 31 de Dezembro (CHASTAGNOL 1967 55-56, n. 2), associa ao poder Maximiano, um oficial panónio da sua confiança, conferindo-lhe inicialmente o título de César para o promover pouco depois ao Augustado, talvez a partir de 1 de Março (GRICOURT 2000 84) ou de 1 de Abril de 286 (CHASTAGNOL 1967 56 e 80-81), incumbindo-lhe a administração das províncias ocidentais. Em Março de 293, a nomeação de dois Césares dará origem à Primeira Tetrarquia: Constâncio Cloro coadjuvará Maximiano no Ocidente e Galério auxiliará Diocleciano no Oriente. No ano seguinte é efectuada uma reforma monetária que dita o fim da cunhagem do *aurelianus*. O *aureus* mantém a *ratio* de 1/60 a libra, estabelecida desde 286. São introduzidos o *argenteus*, uma moeda de prata batida a 1/96 a libra e com um teor de fino de 80%, e o *nummus*, uma grande moeda de bilhão com um teor de fino a rondar os 4%. Cunhada a 1/32 a libra, a nova moeda laureada recorda o asse augustano em termos ponderais (c. 10g). É também emitida uma pequena moeda radiada de bilhão, a que J.-P. Callu e J. Yvon chamaram *neoantoninianus* (CALLU e YVON 1966 303-320). Ao mesmo tempo, aumenta o número de casas da moeda em funcionamento e cessa a autonomia monetária do Egipto, passando Alexandria a integrar o lote das cecas imperiais (BASTIEN 1969 355 e segs.; LAFAURIE 1975 107 e segs.; ESTIOT 1996 46-47). Apenas cinco anos volvidos, o Édito de Afrodísias (Setembro de 301) dá conta da alteração do curso legal da moeda, cujo valor é duplicado na tentativa de responder à inflação crescente, logo seguido pelo Édito do Máximo, uma ambiciosa medida legislativa que fixa os preços máximos de produtos, bens e serviços (CALLU 1969 395-407; ERIM *et alii* 1977 171-177; CORCORAN 1996 205-233).

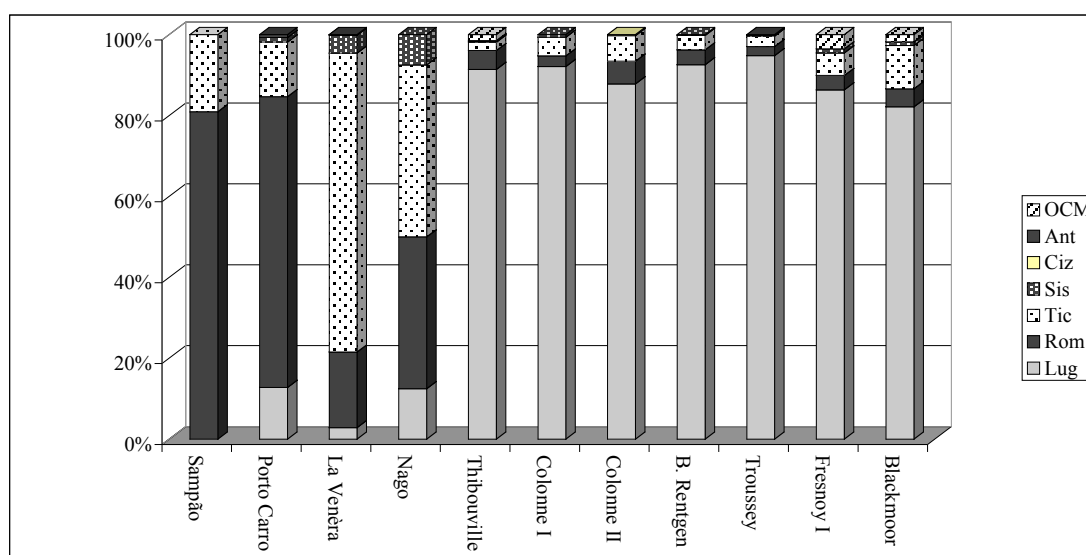
Terminado este breve resumo de alguns dos aspectos mais relevantes da história política e monetária dos anos 285-305, tornamos a voltar a nossa atenção para a análise dos tesouros de Sampão e Porto Carro, cuja ocultação deve ter ocorrido precisamente durante este período.

Em Sampão contabilizaram-se apenas 21 *aureliani* posteriores a 285, cifra que representa apenas 5,57% do depósito, mas há que considerar que, no seu estado actual, este não contém exemplares posteriores a 287. Já em Porto Carro a situação é assaz diferente: os seus 275 exemplares batidos até 295-9 representam 12,2% das moedas inventariadas, fazendo deste período o segundo melhor representado no achado desde 270. O Quadro 84 e o Gráfico 53 (cf. *infra*) permitem uma análise da distribuição do numerário anterior à Reforma de 294 dos dois conjuntos lusitanos e a sua comparação com nove tesouros ocidentais de finais do século III. Os resultados parecem-nos, de alguma forma, surpreendentes: descontando o menor crédito que merecem os resultados relativos a Sampão pelo baixo número de moedas envolvidas, o certo é que tanto este depósito como o de Porto Carro exibem perfis que os individualizam em absoluto no contexto dos tesouros de finais do século III. Durante este período, enquanto os depósitos italianos são preferencialmente abastecidos por *Ticinum* e os depósitos gauleses e britânicos por *Lugdunum*, o aprovisionamento dos achados lusitanos fica por conta da *Moeda* romana. Com 197 dos 274 *aureliani* recenseados produzidos em Roma (71,9%), Porto Carro é um dos achados ocidentais que mais unidades deste centro emissor fornece, ao que julgamos saber somente suplantado pelos 627 exemplares de La Venèra, que no entanto representam apenas 18,69% das moedas do período em estudo.

As emissões do atelier lionês continuam a marcar presença regular em Porto Carro: os 35 *aureliani* em nome de Diocleciano, Maximiano e Galério representam 12,77%, valor ligeiramente superior aos 9,78% obtidos para Probo e para Caro e filhos. Ao contrário do que sucede nos depósitos italianos, *Ticinum* perde importância no abastecimento de Porto Carro e de Sampão; as percentagens obtidas são das mais baixas desde Aureliano. Quanto aos restantes centros emissores, pouco há a dizer. As cunhagens de Síscia já não vão além da Itália do Norte; muito poucos exemplares conseguem chegar às províncias situadas mais a Ocidente. Cízico e Antioquia há muito que deixaram de ter qualquer expressão.

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ciz	Ant	OutCM	Nº ex.	Cron.
Sampão		80.95	19.05					21	287
Porto Carro	12.77	71.9	13.5	1.09		0.73		274	295-9
La Venèra	2.83	18.69	73.92	4.44	0.09	0.03		3357	287
Nago	12.5	37.5	42.5	7.5				40	291
Thibouville	91.4	4.67	2.06	0.19		0.19	1.5	535	298
Colonne I	92.11	2.63	4.61	0.66				152	294
Colonne II	87.85	5.57	6.33		0.25			395	297
B. Rentgen	92.01	3.64	3.56	0.19				2666	294
Troussey	94.8	2.25	2.6	0.17		0.17		577	303
Fresnoy I	86.36	3.54	5.56	1.01			3.54	198	298
Blackmoor	82.14	4.46	10.71	0.89			1.79	112	296

**Quadro 84 - Repartição, por casas da moeda, do numerário dos anos 285-294  
em 11 tesouros do último quartel do século III (%)**<sup>134</sup>



**Gráfico 53 - Repartição, por casas da moeda, do numerário dos anos 285-294  
em 11 tesouros do último quartel do século III (%)**

### *Lugdunum*

Segundo Pierre Bastien, Lyon cunha pela primeira vez para Diocleciano após a batalha de *Margus*, isto é, por meados de 285 (BASTIEN 1972 31). Opinião diversa tem

<sup>134</sup> Os elementos relativos ao depósito de La Venèra foram retirados de GRICOURT (2000 106, Tab. 55). No quadro não figuram as duas imitações identificadas pelo numismata francês. Para o tesouro do Baixo Rentgen, os dados foram obtidos a partir de uma classificação sumária realizada por nós. Foram descontadas dezasseis moedas não atribuíveis a qualquer casa da moeda. As percentagens respeitantes ao tesouro duplo de Colonne I e Colonne II são apresentadas desta vez em separado, em virtude de as datas de ocultação de cada lote serem distintas. Para Blackmoor foram ignorados os 600 radiados em nome dos usurpadores Carausio e Alecto. Finalmente, tenha-se em atenção que, na elaboração do presente quadro, apenas entraram as moedas de cada achado anteriores à reforma de 294.



Daniel Gricourt, que atrasa a reabertura da ceca lionesa para o último terço de Novembro, colocando-a em sintonia com a entrada em produção de *Ticinum* e Roma, após a campanha vitoriosa do novo Augusto contra os Quados e os Marcomanos (GRICOURT 2000 97). A *Moeda* lugdunense terá produzido doze emissões entre 285 e 294 (BASTIEN 1972 31-76), nove das quais são cobertas pelos 35 *aureliani* identificados em Porto Carro (cf. Quadro 85). A ausência das quarta, nona e décima emissões nada tem de anormal, uma vez que, a fazer fê no material fornecido pelos tesouros, se encontram entre as que menor volume de moeda produziram nesta década<sup>135</sup>. Em Porto Carro as emissões que fornecem maior número de moedas são a terceira e a sétima, ambas com oito unidades. Esta última emissão é por norma a mais abundante nos depósitos (ESTIOT 1998a 204, Tab. 16 e Fig. 7), sem que o facto seja obrigatoriamente explicável pela longa duração da emissão (Primavera de 290-291) ou por uma maior actividade do pessoal da ceca. Pierre BASTIEN (1972 53-54) admite que a cunhagem dos *aureliani* da segunda oficina com reverso PAX AVGG (*Pax* 1b), iniciada nesta emissão, se tenha prolongado para a seguinte, provocando uma significativa distorção nos resultados obtidos: em Porto Carro cinco das oito numismas atribuídas à sétima emissão pertencem àquela série. Reconhecendo esta limitação, ESTIOT (1998a 202-204) ensaiou - de modo algo arbitrário, é certo - a repartição em partes iguais pelas duas emissões de todas as moedas PAX AVGG (- //B) com bustos correntes, o que teve como resultado um aumento significativo do volume da oitava emissão, sem contudo pôr em causa a primazia da emissão precedente sobre as restantes.

	1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	11ª em.	12ª em.	Nº ex.
Porto Carro	3	4	8		5	2	8	3			1	1	35

**Quadro 85 - Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon dos anos 285-294 em Porto Carro**

Outra emissão com alguma expressão em Porto Carro é a quinta, com cinco numismas. Decidimos atribuir a esta emissão o exemplar inédito do lote depositado no Museu Nacional de Arqueologia (cf. Vol. II, nº 709), cujo contributo para aclarar um

<sup>135</sup> Veja-se o exemplo dos tesouros de Vilette-d'Anthon, Thibouville, Troussey e Colonne I e II (ESTIOT 1998a 204, Tab. 16 e Fig. 7).

problema com mais de um século não é de desprezar. A descrição da moeda em questão é a seguinte:

*Anverso:* IMP C MAXIMIANVS P F AVG, busto radiado com elmo, para a esquerda, couraçado, visto de frente (H1e);

*Reverso:* PAX AVGG, *Pax* de pé, para a esquerda, segurando globo nicéforo com a mão direita e ceptro transversal com a esquerda (*Pax* 1d);

*Marca:* - -//S

Na sua obra sobre as cunhagens de bronze da época tetrárquica, Otto Voetter sugere a distribuição da cunhagem dos reversos PAX AVGG (*Pax* 1d) com marca - -//S pelas quinta e sexta emissões (VOETTER 1901 48-53). Posteriormente esta proposta viria a ser colocada em causa por Bastien, argumentando que nem as titulaturas, nem a variedade dos bustos, nem o estilo das efigies justificam tal distribuição, pelo que optou pela inclusão desta série monetária na sexta emissão (BASTIEN 1972 43 e 47). No entanto, considerando que o busto H1e é exclusivo da quinta emissão e que o nosso exemplar partilha o mesmo cunho de anverso de oito exemplares da série VIRTVTI AVGG (Hércules para a direita coroado pela Vitória, estrangulando o leão da Nemeia), cuja atribuição à quinta emissão não suscita quaisquer dúvidas (AMANDRY *et alii* 2003 94, 231a-h)<sup>136</sup>, justifica-se plenamente reequacionar a questão, aceitando como correcta a proposta de Voetter como já havia sugerido igualmente Sylviane Estiot, aquando da publicação do tesouro de Troussey (ESTIOT 1998a 202).

Esta emissão forneceu ainda um outro exemplar com interesse numismático. Trata-se de um aureliano com anverso IMP C C VAL DIOCLETIANVS P AVG (D2), reverso IOVI VICTORI (*Júpiter* 9) e marca P -//- (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 708). No volume consagrado à amoedação de Diocleciano e dos seus co-regentes antes da reforma de 294, Pierre Bastien refere unicamente um exemplar similar, pertencente à colecção do Ashmolean Museum, Oxford (BASTIEN 1972 48, nº 166). A moeda faz parte de uma série bastante curta, batida apenas para Diocleciano: do monumental inventário efectuado pelo

<sup>136</sup> A proveniência dos exemplares é a seguinte: 231a (col. BNF 13704), 231b-f (tesouro de Troussey, nºs 4868-4872), 231g (col. Philippe Gysen) e 231h (venda *on-line* Cederling, Ebay, 29/6/2001).

grande numismata francês constam apenas oito *aureliani* IOVI VICTORI, com pequenas variantes de anverso e de reverso (BASTIEN 1972 148, nº 165-169).

Em Porto Carro encontramos também numerário da casa da moeda gaulesa cunhado imediatamente antes da reforma monetária de 294: um exemplar da décima primeira emissão (20 Novembro-finais de 293) e outro da décima segunda (294) parecem demonstrar que a incorporação de moeda recém-cunhada só terminou em vésperas do encerramento desta tesaurização.

### Roma

A ordenação do numerário emitido pela casa da moeda de Roma nos anos 285-294 coloca em dificuldades qualquer investigador. Não tanto pelas primeiras três-quatro emissões e pela última, mas sobretudo pelas emissões intermédias, mal documentadas nos tesouros. De resto, a escassez de numerário da Diarquia-inícios da Tetrarquia batido em Roma é uma constante, tanto em tesouros como em achados isolados. Ao nível dos depósitos, muito poucos são aproveitáveis à excepção de La Venèra, cujos 627 *aureliani* cunhados até 287 permitem analisar com detalhe as três primeiras emissões, e de Baixo Rentgen, cujos 97 exemplares se estendem até àquela que definimos como sendo a sexta emissão<sup>137</sup>. Nos restantes achados cujos dados tivemos oportunidade de consultar, as moedas de Roma raramente ultrapassam as duas ou três dezenas, o que é manifestamente pouco, e nenhum deles abarca todas as emissões do atelier até à Reforma.

Assim, não surpreende que a única síntese completa sobre a amoedação de Roma do período 285-294 continue a ser o velho estudo realizado nos inícios do século passado por Otto Voetter (VOETTER 1901 74-81). O trabalho do investigador austríaco contém numerosas lacunas e a sua proposta de distribuição anual das emissões não é de modo algum fiável, até porque nesta época a decisão de emitir ou não moeda está com frequência sujeita às necessidades da tesouraria imperial, o que implica a alternância de períodos de funcionamento da casa da moeda com períodos de inactividade. Por outro lado, parece claro que algumas das emissões propostas por Voetter não têm existência autónoma, pressupondo o agrupamento de várias delas numa única, e que outras poderão

---

<sup>137</sup> Todavia, a deficiente descrição das moedas, nomeadamente da disposição das legendas de anverso, impede a distinção entre os exemplares das terceira e quinta emissões.

ter que ser subdivididas. Como observou Sylviane Estiot, os reversos PRIMIS X MVLTIS XX, comemorando os *Decennalia* de Diocleciano, e os reversos PRINCIPI IVVENTVTI, em nome de Constâncio Cloro e Galério, que Voetter distribuiu respectivamente pelas séries 10 e 11, farão parte de uma única emissão, cunhada a partir de Março de 293 (ESTIOT 1998a 199-200).

A variabilidade de titulaturas e bustos dos anversos, assim como de legendas, tipos e marcas de reverso usadas no atelier de Roma durante uma década é diminuta. Daí que a dificuldade não consista em arrumar este numerário por séries, mas antes por emissões datadas, na certeza de que uma só emissão pode congrega várias séries.

No caso de Porto Carro, o numerário romano de Diocleciano e respectivos coregentes até à Reforma foi distribuído por nove emissões, de acordo com o Quadro 86.

1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	Nº ex.
3.57	3.57	46.94	2.55	2.55	2.55	14.8	22.96	0.51	196

**Quadro 86 - Distribuição, por emissões, do numerário de Roma dos anos 285-294 de Porto Carro (%)**<sup>138</sup>

A primeira emissão foi batida nos finais de 285 para Diocleciano, alternando a titulação curta IMP DIOCLETIANVS AVG com a titulação longa IMP C C VAL DIOCLETIANVS AVG (esta menos frequente), acompanhadas de um busto drapejado e couraçado visto de costas (D2). Os reversos emitidos pelas oficinas B, Γ, Δ, ζ e Z retomam tipos do principado de Caro e dos filhos, sendo-lhes posteriormente adicionados três novos reversos, um para a oficina A, outro para a oficina E e um terceiro para a oficina B, a única a bater dois reversos completamente distintos durante esta fase. O sistema de marcação vigente no final da governação de Carino (KAA-Z) é abandonado e no reverso de cada moeda volta a figurar a marca XXI, acompanhada da indicação da oficina, de A a Z:

- A VICTORIA AVG (*Victoria* 1)
- B FELICITAS AVG (*Felicitas* 1)
- IOVI VICTORI (*Jupiter* 1c/1d)

<sup>138</sup> Não foi contabilizado um exemplar atribuível à segunda ou à terceira emissões.

Γ	PROVIDENT[IA] AVG ( <i>Providentia</i> 2)
Δ	ANNONA AVG ( <i>Annona</i> 1)
E	MARTI PACIF ( <i>Mars</i> 4)
ς	ORIENS AVG ( <i>Sol</i> 6)
Z	LAETITIA FVND ( <i>Laetitia</i> 1)

Esta emissão está presente em Porto Carro com sete *aureliani* das oficinas B, Γ, ς e E, correspondentes a 3,57% das moedas emitidas em Roma. Em Sampão contabilizou-se apenas uma moeda, cunhada na oficina Γ.

A segunda emissão, bastante curta, foi produzida durante o primeiro trimestre de 286, antes da elevação de Maximiano ao Augustado. Continuou a ser utilizada a titulação curta IMP DIOCLETIANVS AVG, associada a um busto D2<sup>139</sup>. Os reversos da emissão anterior são abandonados em proveito de um novo tipo, IOVI CONSERVAT AVG (*Jupiter* 1), comum às sete oficinas em laboração. Em Sampão, esta emissão é responsável por oito dos dezassete radiados do atelier romano (47,1%), mas, em Porto Carro, o número de exemplares recenseados não ultrapassa os sete (3,57%).

Segue-se a terceira emissão, a mais abundante em Porto Carro (46,94%) e em diversos tesouros seus contemporâneos: em Troussey esta emissão forneceu dez moedas num total de treze, em Colonne II, doze em vinte duas, em Thibouville, dezasseis em vinte e quatro e, em Nago, sete em quinze. Tesouros ligeiramente mais antigos, como Sampão e La Venèra, cujo abastecimento parece ter sido interrompido no decurso desta emissão, apresentam também um elevado número de moedas: oito em Sampão (47,1%) - duas das quais com enlases de cunho<sup>140</sup> - e 186 em La Venèra (29,67%). A primeira emissão conjunta de Diocleciano e Maximiano não faz mais que dar continuidade à emissão precedente. Para Diocleciano mantém-se a titulação e o busto em vigor e para Maximiano é empregue a titulação IMP MAXIMIANVS P F AVG e um busto drapejado

<sup>139</sup> RIC V (2) 160 refere uma outra titulação, IMP DIOCLETIANVS P F AVG, não confirmada por qualquer achado recente.

<sup>140</sup> *Aureliani* em nome de Maximiano (R/IOVI CONSERVAT AVGG) da sétima oficina (cf. Vol II, nº 287/1 e 5).

visto de frente (D1)<sup>141</sup>. Esporadicamente, Diocleciano e Maximiano são representados em couraça (B1)<sup>142</sup>. No reverso continua a figurar o tipo *Jupiter 1* e, na legenda, a abreviatura AVG passa a AVGG, a fim de memorar os dois Augustos.

Na publicação do volume IV do tesouro de La Venèra, Daniel Gricourt subdividiu esta emissão em duas séries (*IIb* e *IId*), atendendo à evolução estilística dos retratos imperiais, que a partir de 287 (*Série II b*) tenderiam a alargar particularmente o pescoço que se torna mais robusto (GRICOURT 2000 88). Como deixa entender o autor, a distinção nem sempre é óbvia e a análise estilística que efectuámos aos exemplares de Porto Carro deixa-nos a ideia de que essa evolução no tratamento da efígie se foi processando gradualmente com o decorrer da emissão, como se os *sculptores* não tivessem sido capazes de assimilar de uma única vez as directivas recebidas para a alteração da *imago* imperial, pelo que não vemos motivos para a cisão.

A evolução estilística desta emissão e o seu forte volume pressupõem uma cunhagem prolongada. O seu início nunca pode ser anterior a 1 de Março ou a 1 de Abril de 286, datas propostas para a associação de Maximiano ao Augustado, prolongando-se no tempo até 287. Gricourt coloca a cunhagem da sua *Série IId* no mês de Janeiro de 287 (GRICOURT 2000 87-88). Face aos dados actualmente disponíveis parece-nos mais prudente supor que a emissão terminou algures durante o primeiro semestre desse ano.

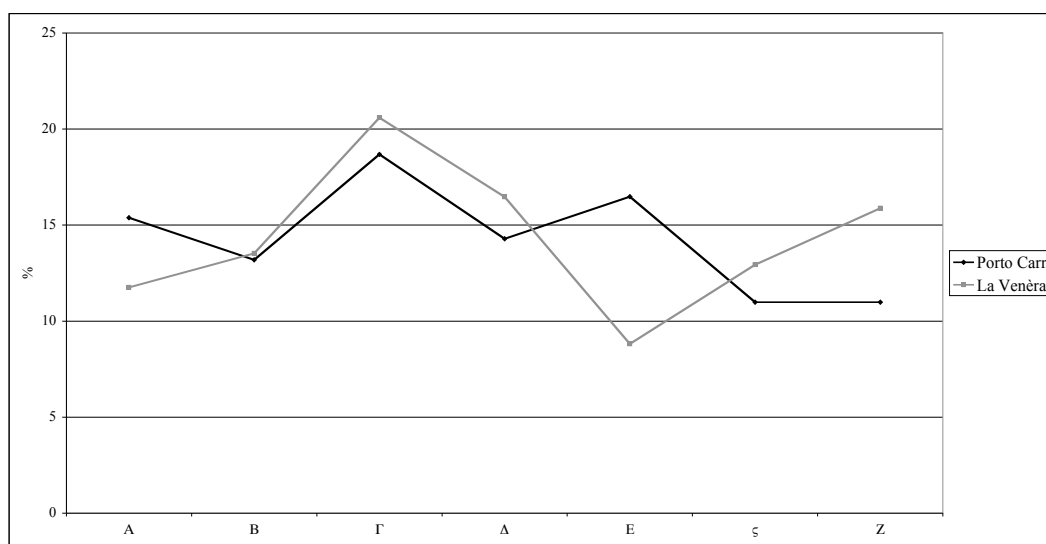
O Quadro 87 mostra a repartição dos 92 *aureliani* de Diocleciano e Maximiano desta emissão presentes em Porto Carro pelas sete oficinas. As moedas batidas para Diocleciano superam as emitidas em nome do seu novo colega de governo numa proporção de seis para quatro, exactamente como em La Venèra. Por outro lado, comparando a repartição das moedas pelas oficinas no conjunto lusitano com as do conjunto italiano, fica-se com a impressão de que as quatro primeiras oficinas cunharam sobretudo para Diocleciano e as restantes três para Maximiano.

<sup>141</sup> Em La Venèra registou-se uma moeda com a titulatura longa IMP M AVR VAL MAXIMINANVS AVG (GRICOURT 2000 232, nº 7531)

<sup>142</sup> Nesta emissão foram contabilizados nove bustos B1 para Diocleciano e um para Maximiano. Em Thibouville detectou-se uma moeda desta emissão com busto nu radiado para a esquerda, visto de costas, com lança e escudo (BASTIEN e PFLAUM 1961-1962 293, nº 2668), até agora exemplar único.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	?	Nº ex.
Diocleciano	5	11	16	11	9		2		54
Maximiano	9	1	1	2	6	10	8	1	38
Total	14	12	17	13	15	10	10	1	92

**Quadro 87 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma  
em nome de Diocleciano e Maximiano no tesouro de Porto Carro**



**Gráfico 54 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma  
da Diarquia, em Porto Carro e La Venèra (%)**

O Gráfico 54 permite a comparação das percentagens de moeda produzidas por cada oficina em ambos os depósitos no decurso desta emissão. Embora a figura não seja esclarecedora, o aspecto que ressalta da irregularidade geral é a prevalência da terceira oficina, aparentemente a mais activa durante esta fase.

A quarta emissão mantém os anversos, as legendas de reverso e o sistema de marcas da emissão precedente, processando-se apenas uma alteração visível ao nível do tipo de reverso, no qual Júpiter passa a ser figurado com ceptro e globo nicéforo, acompanhado da águia (*Jupiter 1c*).

À primeira vista, a emissão é muito curta e pouco volumosa. Em Porto Carro registámos somente cinco aurelianos e uma pesquisa levada a cabo em diversos tesouros de finais do século III não proporcionou mais de seis exemplares: um em Thibouville,

dois em Baixo Rentgen, dois em Colonne II e um em Nago<sup>143</sup>. De um total de 11 unidades, apenas a de Thibouville foi batida para Maximiano (of. ζ), o que não deixa de causar alguma perplexidade. De resto, o próprio VOETTER (1901 75), assinalou esta série em nome de Maximiano unicamente para a primeira oficina. Este desequilíbrio aparente na distribuição da emissão pelos dois Augustos, o escasso número de moedas conhecidas, o facto de os exemplares que tivemos a oportunidade de observar continuarem aparentemente a evolução estilística iniciada na terceira emissão, mas sem que o retrato tenha atingido a maturidade evidenciada na quinta emissão, incitam-nos a duvidar da sua existência enquanto emissão autónoma. Não sendo possível associá-la à quinta emissão, resta a hipótese de ter sido batida com carácter subsidiário na terceira. Porém a sua ausência em Sampão e La Venèra, achados que terminam com moedas dessa emissão, parece contrariar tal possibilidade. No entanto, a hipótese de estes reversos terem sido produzidos apenas no final da emissão, com o fecho dos dois tesouros a ser-lhe anterior, não será descartável por completo. No caso de tratar-se de uma emissão autónoma, a datação tradicional que lhe é atribuída situa-a em 288.

Na emissão seguinte, para além da evolução do retrato imperial a que já fizemos referência, dá-se uma pequena alteração na apresentação da titulatura. Embora mantendo as titulaturas curtas das emissões anteriores, é introduzida uma cesura ao nível da legenda: IMP DIOCLE-TIANVS AVG e IMP MAXIMI-ANVS P F AVG. No reverso conserva-se a legenda joviana habitual, sendo retomado o tipo *Jupiter* 1. As marcas não sofrem qualquer alteração. A emissão está presente em Porto Carro com cinco numismas, quatro dos quais para Maximiano. Nos restantes achados que temos vindo a consultar não foi detectado qualquer exemplar da quinta emissão, pelo que se torna difícil fazer uma análise mais detalhada da mesma. O período de cunhagem poderá situar-se no decurso de 289.

A sexta emissão, datada de 290 por Voetter e por Webb, mantém na íntegra os anversos da emissão anterior para os dois Augustos, assistindo-se finalmente a uma

---

<sup>143</sup> ESTIOT e ALRAM (1999 56) colocam ainda na quarta emissão um exemplar com reverso IOVI CONSERVAT AVGG (*Jupiter* 1), atendendo ao estilo do busto - mais pequeno e de traços mais finos - e à linha de exergo, delimitada por dois glóbulos. Considerando o reduzido número de moedas por enquanto conhecidas para a quinta emissão, entendemos que a valorização excessiva dos pormenores estilísticos de um ou outro exemplar acaba por ser algo prematura.



renovação dos reversos, ainda que de matriz algo conservadora. A legenda IOVI CONSERVAT AVGG é substituída pelas legendas IOVI FVLGERATORI (Júpiter caminhando para a esquerda com raio; a seus pés, para a esquerda, águia: *Jupiter* 5a) e VIRTVS AVGVSTORVM (Hércules para a direita, apoiando a mão direita na clava e segurando arco com a esquerda: *Hercules* 2). Os novos tipos estão associados, respectivamente, a Diocleciano e a Maximiano, o que não impede a cunhagem indistinta de ambos para os dois Augustos (cf. VOETTER 1901 76-77; veja-se ainda, para Diocleciano, RIC 167 e 185 e, para Maximiano, RIC 510 e 516). Nos exergos continuam a figurar as marcas XXIA-Z. Esta série é pouco abundante em Porto Carro, não tendo sido inventariados mais do que uns escassos cinco *aureliani*: um para Diocleciano e os restantes quatro para Maximiano.

Na sétima emissão não se verificam quaisquer alterações significativas ao nível dos anversos. Nos reversos são operadas algumas modificações: é introduzido o tipo HERCVLI PACIFERO (Hércules de pé, para a esquerda, segurando ramo, clava e pele de leão: *Hercules* 3) e a legenda VIRTVS AVGVSTORVM é abreviada em VIRTVS AVGG, associada a dois novos tipos herculianos (*Hercules* 4: Hércules caminhando para a direita com clava e troféu; *Hercules* 5: Hércules de frente com clava e troféu)<sup>144</sup>. As marcas habituais XXIA-Z continuam a ser utilizadas, mas aparecem alguns exemplares exibindo um crescente no centro da marca: XXUIA, E,  $\varsigma$  e Z. Estas moedas poderão pertencer a uma nova emissão, mas, de momento, essa hipótese é abalada pelo facto de apenas conhecermos a sua existência para quatro das sete oficinas em laboração.

No tesouro salaciense, a sétima emissão ocupa o terceiro lugar em termos numéricos: ao todo contabilizaram-se 29 exemplares, que constituem 14,8% das moedas de Roma dos anos 285-294. Dado curioso: deste lote de moedas apenas um exemplar não foi cunhado para Maximiano. Mais de metade das numismas - quinze *aureliani* - são oriundas da quinta oficina, seguindo-se a sexta com oito, a primeira com cinco e a terceira com um. As oficinas B,  $\Delta$  e Z estão ausentes do nosso achado.

Com os seus 45 *aureliani*, a oitava emissão é a segunda melhor representada em Porto Carro (22,96%). São mantidos os anversos das emissões precedentes sem

<sup>144</sup> RIC V/2 503 descreve ainda um exemplar de Maximiano do Ashmolean Museum com reverso HERCVLI VICTORI (*Hercules* 4), que seria atribuível a esta emissão.

modificações de vulto, exceptuando a circunstância de os bustos couraçados (B1) tornarem a ser empregues com mais frequência. No que respeita aos reversos, é recuperada a legenda IOVI CONSERVAT AVGG, associada a um novo tipo joviano: Júpiter de pé para a esquerda, cabeça para a direita, com ceptro e raio; a seus pés, para a esquerda, uma águia segurando no bico uma coroa (*Jupiter* 2a). Ao nível das marcas, a única alteração em relação à sétima emissão é a substituição do crescente por uma coroa (XXΩIA, etc.). Em Porto Carro esta marca está documentada para cinco das sete oficinas: B, Γ, Δ, ζ e Z. Quanto às oficinas restantes, a primeira (A) é registada por Percy H. Webb (cf. RIC V/2 166) e na colecção Gerin (VOETTER e GERIN 1921, nº 51). Da oficina E não conhecemos qualquer testemunho, mas não há razões para duvidar da sua existência. A presença em Porto Carro de um reverso VIRTUS AVGG (*Hercules* 5) de Maximiano associado à marca XXΩIζ leva-nos a considerar a possibilidade de a série marcada com a coroa ser batida na sequência da série marcada com o crescente. Nesse caso teríamos a cunhagem da série do crescente no final da sétima emissão - eventualmente como emissão autónoma - e a cunhagem da série da coroa nos inícios da oitava emissão ou, então, como emissão independente, o que não é de todo improvável. Decididamente faltam achados com quantidades significativas de numismas da Diarquia que nos ajudem a perceber melhor a estrutura e a composição das emissões deste período.

Partindo do pressuposto de que estamos na presença de uma única emissão, a distribuição dos 45 *aureliani* pelos dois Augustos e pelas sete oficinas é traçada no Quadro 88. Desta feita, as moedas em nome de Diocleciano superam largamente as de Maximiano, que não ultrapassam um quinto do total. Quanto às oficinas, observa-se a predominância das terceira e quarta oficinas, ambas com catorze exemplares, seguidas da sétima com oito e da segunda com sete. As oficinas A e ζ forneceram cada uma um magro exemplar e a oficina E nenhum.

	A	B	Γ	Δ	E	ζ	Z	Nº ex.
Diocleciano		6	12	12			6	36
Maximiano	1	1	2	2		1	2	9
Total	1	7	14	14		1	8	45

**Quadro 88 - Distribuição, por oficinas, do numerário da 8ª emissão de Roma  
em nome de Diocleciano e Maximiano no tesouro de Porto Carro**

A nona emissão será a última antes da reforma monetária de 294. A emissão foi cunhada para celebrar os *Vota Decennalia* de Diocleciano, sendo em simultâneo, a primeira emissão da Tetrarquia. Do ponto de vista cronológico, o arranque da emissão deverá situar-se entre 1 de Março de 293 - data da entrada oficial de Constâncio Cloro e Galério em funções - e 20 de Novembro desse mesmo ano - data que assinala os decenais de Diocleciano (BASTIEN 1972 59-61; cf. ainda ESTIOT 1998a 199-200). O reduzido número de moedas conhecido sugere uma emissão relativamente curta e de fraco volume. As titulaturas dos dois Augustos mantêm-se constantes<sup>145</sup>, alternando apenas legendas com a cesura DIOCLE-TIANVS/MAXIMI-ANVS com legendas contínuas e aos bustos tradicionais (B1 e D2 para Diocleciano, B1 e D1 para Maximiano) são adicionados bustos representando os imperadores com manto consular e *scipio* (K4 e K4e). Os reversos comemoram os *vota* do Augusto sénior:

PRIMIS X MVLTIS XX (*Jupiter 1, Jupiter 2a e Hercules 2*);

PRIMIS X MVLTIS XX (uma ou duas Vitórias inscrevendo VOT X em escudo pendurado numa palmeira);

PRIMIS X MVLTIS XX (duas Vitórias inscrevendo VOT X FEL em escudo pendurado numa palmeira).

À excepção dos tipos jovianos e herculianos, que, como é sabido, possuem destinatário próprio, os restantes tipos foram cunhados indistintamente para os dois Augustos.

Cada César utiliza duas titulaturas que se distinguem pelo facto de uma apresentar a abreviatura da palavra CAESAR em CAES e a outra em C: FL VAL CONSTANTIVS NOB C[AES] e GAL VAL MAXIMIANVS NOB C[AES]; estas legendas acompanham bustos D1. Para uma única legenda de reverso, PRINCIPI IVVENTVT, são utilizados dois tipos: *Príncipe 3* e *Príncipe 8*.

No que respeita às marcas, é de registar a manutenção do habitual sistema de marcação, com XXIA-Z no exergo, verificando-se também a introdução de uma pequena novidade, com colocação da letra R no campo: R -//XXIA-Z<sup>146</sup> ou - R//XXIA-Z. Parece-

<sup>145</sup> Um *aurelianus* de Maximiano com legenda de anverso IMP C M AVR MAXIMIANVS AVG, da colecção do Ashmolean Museum, é referido por RIC V/2 512.

<sup>146</sup> O posicionamento da letra R na metade esquerda do campo é menos comum do que do lado direito.

nos muito provável que cada sistema de marcação corresponderá a uma fase diferente da emissão, mas o nosso conhecimento é demasiado lacunar para podermos avançar com qualquer proposta concreta. Considerando a sua escassez nos depósitos, sem o acesso às grandes colecções, públicas e particulares, não é possível, de momento, analisar detalhadamente o numerário desta emissão. Aliás, em Porto Carro esta emissão é a pior representada do período 285-294, sendo responsável por um único exemplar, batido em nome de Galério (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 765).

### ***Ticinum***

A organização do numerário cunhado em *Ticinum* para a Diarquia revela-se ainda mais difícil que a organização das emissões de Roma. Essas dificuldades estão bem presentes no estudo realizado por Daniel Gricourt sobre o numerário dessa etapa governativa do tesouro de La Venèra (GRICOURT 2000 69-79), em que o autor distribui os tipos IOVI CONSERVAT (*Jupiter* 1) e HERCVLI CONSERVAT (*Hercules* 1), marcados P-TXXIT, pelas *Séries Ilc* e *Ile*, que englobam as nossas terceira, quarta e quinta emissões, sem que, contudo, seja possível distinguir as moedas emitidas na fase *Ilc* das da fase *Ile*, uma vez que as marcas, as legendas e os tipos de reverso se mantêm constantes ao longo de largos períodos de tempo. Infelizmente o tesouro italiano termina com unidades de 287, não abrangendo todo o arco cronológico de Porto Carro, o que impede uma análise mais cuidada da sequência das emissões. Por outro lado, o estudo do numismata francês, apesar de minucioso e elaborado com base num grande número de moedas (c. 2500), apresenta uma proposta de ordenação que, não sendo isenta de lógica, nos parece demasiado complexa para que a sua adopção seja funcional, razão por que - apesar das reconhecidas lacunas do estudo secular de Voetter - continuamos a segui-lo no essencial.

No seu estado actual, o tesouro de Porto Carro forneceu 37 numismas produzidas na casa da moeda transpadana, o que representa 13,5% da amoedação dos anos 285-294 no depósito. Já em Sampão, este centro emissor é responsável por quatro dos vinte e um *aureliani* em nome de Diocleciano e Maximiano (19,05%), cifra à qual não atribuímos grande crédito, atendendo ao exíguo número de moedas consideradas.

1ª em.	2ª em.	3ª em.	4ª em.	5ª em.	6ª em.	7ª em.	8ª em.	9ª em.	10ª em.	Nº ex.
7	9	2	2	13	1	1		1		36

Quadro 89 - Distribuição, por emissões, do numerário de *Ticinum* dos anos 285-294 de Porto Carro<sup>147</sup>

No Quadro 89 é possível observar a distribuição da amoedação de *Ticinum* do depósito de Porto Carro, com base em dez emissões estabelecidas a partir do supra-referido trabalho de Voetter, ligeiramente alterado. Apenas as duas primeiras emissões e a quinta possuem alguma expressão, sendo responsáveis por cerca de 80% das moedas recenseadas; quando presentes, os *aureliani* lavrados nas restantes emissões assumem carácter residual. A primeira emissão, exclusivamente em nome de Diocleciano, retoma a maior parte dos tipos batidos para Caro e para os filhos nesta casa da moeda, exibindo as marcas das seis oficinas então em laboração, de P a VIXXIT. A maior novidade ocorre na segunda oficina, que havia cunhado para Magnia Urbica, com a introdução do reverso CONSERVAT AVG (*Sol 3*)<sup>148</sup>. Desta emissão contamos com sete exemplares em Porto Carro, um dos quais chamou a nossa atenção por tratar-se de um híbrido combinando um anverso de Diocleciano com um reverso SECVRITAS AVG (*Securitas 2a*) de Numeriano (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 766).

A segunda emissão é já posterior à nomeação de Maximiano, caracterizando-se pela introdução dos reversos IOVI CONSERVAT (*Jupiter 1 e 1a*) e HERCVLI CONSERVAT (*Hercules 1*), associados respectivamente a Diocleciano e ao seu colega de governo. Para esta emissão contamos nove moedas em Porto Carro, nada menos que um quarto dos exemplares do atelier transpadano.

A quinta emissão é a mais comum no depósito, com as suas treze unidades a representarem mais de um terço do numerário desta casa da moeda (36,11%). Segundo VOETTER (1901 32-33), esta emissão mantém os reversos das emissões precedentes, das quais se distingue pela adopção de uma titulatura imperial mais curta: IMP C VAL DIOCLETIANVS AVG e IMP C M A VAL MAXIMIANVS AVG. Assiste-se também à redução do número de oficinas, que passa de seis para três. No lote de exemplares desta emissão destaca-se a presença de dois aurelianos de Diocleciano com reverso IOVI

<sup>147</sup> Não foi contabilizado um exemplar atribuível à quarta ou à quinta emissões.

<sup>148</sup> GRICOURT (2000 69-72) coloca a nossa primeira emissão na sua Série Ib, na qual inclui ainda o reverso IOVI CONSERVAT (*Jupiter 1 e 1a*).

CONSERVAT (*Jupiter* 1) ligados pelo mesmo cunho de anverso (cf. Vol. II, *Lote do MNA*, nº 777.1-2), o que aponta para uma circulação relativamente restrita das moedas antes do entesouramento.

Uma moeda em nome de Maximiano com a invulgar titulatura IMP C M A VAL MAXIMIANVS P AVG (D1) e o reverso joviano acima referido (cf. Vol. II, *Lote do MMB*, nº 195) poderia pertencer igualmente a esta emissão ou, com maior probabilidade, à anterior. A peça em questão parece ser de alguma raridade, uma vez que não a encontramos descrita no opúsculo de Voetter ou em RIC V/2; tão-pouco é conhecida no enorme tesouro de La Venèra, se bem que o termo do achado transpadano poderá ser anterior ao seu fabrico. Embora P. H. Webb associe esta titulatura somente a *aurei* de Roma (RIC 493) e de Antioquia (RIC 619) e a *aureliani* de *Siscia* (RIC 582, 586, 590 e 592), o exemplar de Porto Carro vem incluir a *Moeda* ticinense no rol dos centros emissores que a adoptaram.

A última moeda de *Ticinum* a integrar o depósito no seu estado actual foi por nós atribuída à nona emissão (RIC 232), que reúne as moedas distribuídas por Voetter (1901 34-35) pelos anos 292-293. Admitindo que a emissão pode ter arrancado ainda nos finais de 292, parece-nos mais lógico situar o seu início em Fevereiro ou Março de 293, uma vez que no seu decurso são batidos os primeiros bilhões radiados em nome dos Césares Constâncio Cloro e Galério cuja investidura datará do primeiro dia daquele mês.

### ***Siscia***

Encerrada após a usurpação de Juliano, *Siscia* não tornou a cunhar moeda antes da associação de Maximiano ao augustado, com as opiniões dos investigadores a dividirem-se quanto à data da primeira emissão (cf. GRICOURT 2000 91). Em Porto Carro a casa da moeda panónica forneceu unicamente três exemplares da Diarquia, que atribuímos respectivamente às segunda, quarta e quinta emissões. Refira-se que o tesouro de La Venèra veio mostrar que a cronologia proposta por Voetter para o *aurelianus* de Maximiano com reverso CONSERVATOR AVGG (*Imperador e Hercules* 1), atribuído à quarta emissão, tem obrigatoriamente de ser revista. Não obstante o sábio austríaco situar a cunhagem desta emissão em 289-290, a sua presença no depósito veneto testemunha a

favor de uma produção mais precoce, que GRICOURT (2000 95) situa, talvez com algum aperto, em Janeiro-Fevereiro de 287.

### **Antioquia**

Após uma curta emissão em nome de Diocleciano, este centro emissor passou por largos períodos de inactividade até à reforma de 294, tendo utilizado apenas três reversos para os Augustos ao longo deste período de tempo, por norma associados à titulação mais longa de cada Imperador. Em 293 foi acrescentado um reverso para Constâncio e Galério, copiando um tipo de natureza joviano/herculiana anteriormente adoptado pelos seus tutores (IOVI ET HERCVLI CONS CAESS).

Das duas moedas da casa da moeda síria no depósito lusitano, uma foi cunhada para Diocleciano, logo na primeira emissão (IOVI CONSERVATORI AVG), com toda a certeza antes de Abril de 286, e a outra foi batida para Maximiano no decurso da que poderá ser a terceira emissão: as diversas marcas associadas ao reverso IOV ET HERCV CONSER AVGG (*Jupiter e Hercules 2*) parecem apontar para a sua utilização em pelo menos cinco emissões ou séries distintas. Todavia, a ausência de achados com significativas quantidades de numerário desta casa da moeda não permite esboçar qualquer proposta de seriação.

### **Cízico**

Das 2249 moedas que constituem presentemente o tesouro de Porto Carro a mais recente será, segundo Juan Cepeda, um *neoantoninianus* batido em Cízico para Diocleciano nos anos 295-299 (CEPEDA 2002 419-420 e 422, Fig. 12). A moeda, com reverso CONCORDIA MILITVM (*Imperador e Jupiter 1d*), foi vista pelo investigador espanhol entre os 295 exemplares do achado que integravam a colecção de J. Monteiro de Frias (Sintra). Ainda que se possa colocar em causa a sua pertença efectiva ao depósito salaciense - poderia tratar-se de um exemplar acrescentado inadvertidamente *a posteriori* -, não vemos razões para duvidar da sua proveniência. É certo que a presença destas pequenas fracções radiadas é pouco comum nos depósitos ocidentais da época

tetrárquica<sup>149</sup>, ao contrário do que sucede com os *nummi*, que fecham várias ocultações contemporâneas de Porto Carro, como sucede em Colonne II (297), Thibouville (298), Fresnoy I (298) ou Trousey (303), apenas para citar exemplos de deposições indicadas no nosso estudo<sup>150</sup>. No entanto, os levantamentos efectuados por J.-P. Callu dão conta da presença de neoantoninianos em entesouramentos localizados um pouco por todo o Império, se bem que, exceptuando casos de tesouros inteira ou quase inteiramente compostos por moeda radiada como os de Ngaous, na Argélia (CALLU e YVON 1969 303-320) e Éfeso, na Turquia (VOETTER 1913 168-171), trata-se na maior parte das vezes de moedas *residuais* em achados da época constantiniana e posteriores (CALLU e YVON 1966 314-317; CALLU 1969 392-393, esp. n. 4), o que lhes retira boa parte da importância.

Na Hispânia, e particularmente na Lusitânia, as fracções radiadas da reforma de 294 conheceram uma ampla divulgação<sup>151</sup>, a crer nos testemunhos que nos são fornecidos pelos achados das escavações e pelas colecções públicas e privadas, onde estes espécimes suplantam largamente os *nummi* tetrárquicos. Na verdade, as moedas achadas nos sítios lusitanos parecem mostrar que, em termos de circulação monetária e face à escassez do *aurelianus* e do *nummus*, o neoantoniniano tende a assumir-se como a denominação que estabelece a ponte entre os antoninianos do período Galieno-Quintilo - o grosso da massa monetária circulante na Hispânia até inícios do séc. IV - e o numerário da época constantiniana. Julgamos que a aceitação deste divisor ficará a dever-se à combinação de vários factores, de que destacamos:

- a escassez do *nummus*, fruto do seu rápido entesouramento;
- a sua semelhança física com o antoniniano e o aureliano, que inclusivamente a faria passar despercebida junto de muitos utilizadores;
- o facto de o seu provável valor de conta - CALLU (1969 369) e outros autores falam em dois denários - permitir uma *ratio* com os radiados anteriores a 294 (é mesmo

<sup>149</sup> Na Lusitânia poderiam integrar também o hipotético depósito de Numão/Freixo de Numão, anteriormente objecto de discussão.

<sup>150</sup> Uma lista mais completa de tesouros da Primeira Tetrarquia com *antoniniani/aureliani* é apresentada por ESTIOT (1998a 187, Tab. 13).

<sup>151</sup> No pequeno *porta-moedas* de Freiria III, mais de metade das moedas que integravam o pecúlio perdido eram neoantoninianos.



possível que tal relação fosse de paridade com o *aurelianus*: HARL 1996 151), por forma a assegurar a manutenção das velhas denominações nos circuitos monetários e a devida correspondência entre elas e as moedas da reforma tetrárquica.

Nos entesouramentos, pelo contrário, a situação afigura-se bem diversa. Os aforradores, conscientes da redução do teor de fino deste divisor para cerca de 1,5% - o que implicou o desaparecimento da marca XXI - e da quebra de cerca de um grama no peso, tenderam a excluí-lo dos depósitos. Estes factores estarão por detrás da raridade de depósitos compostos só por neoantoninianos, com os poucos que se conhecem a serem efectuados em regiões onde a penúria de moeda divisionária era mais aguda - como vastas áreas do Norte de África, inundadas de *Divo Claudio* de fabrico irregular e onde os *aureliani* não conseguiram penetrar, e as províncias orientais, cujo aprovisionamento fora cortado com o fim das amoedações coloniais e provinciais (BASTIEN e YVON 1966 315-316; BASTIEN 1969 370). No Ocidente, as deposições iniciadas pouco depois da reforma de 294 são compostas, regra geral, apenas por *nummi*, podendo admitir excepcionalmente uma percentagem mínima de antoninianos e aurelianos (ESTIOT 1998a 187-188, Tab. 3 e Fig. 2). Esta tendência é confirmada nas raras tesaurizações hispânicas de inícios da época constantiniana, como Monte Mozinho (LIRA 1984-1985 59-75), região de Braga (HIPÓLITO 1960-1961 21, nº 19), Calle S. Fernando (VÁZQUEZ SEIJAS 1939 32), Cadramón (ARIAS 1979 325-327) e Foxó (DIEGO SANTOS 1966 293-313) - nas quais o *nummus* foi a única espécie identificada - ou Sacona, em que a inclusão de radiados anteriores a 294 se deverá à sua afinidade ponderal com os *nummi* reformados de 313 que figuravam no depósito (CEPEDA 2004 105)<sup>152</sup>.

No caso de Porto Carro, a intenção do aforrador em acumular apenas uma das denominações em circulação (CEPEDA 2004 105) pode explicar a adição do neoantoniniano de Cízico ao seu pecúlio, considerando que o valor nominal da nova espécie seria, em princípio, idêntico ao do *aurelianus*. Contudo, não está fora de questão que as semelhanças físicas existentes entre esta moeda e as peças anteriores à Reforma tenham originado a sua inclusão de forma inconsciente, misturada nalgum lote de moedas

<sup>152</sup> Não atribuímos especial significado ao pequeno conjunto de Lliria, em que coabitavam um *aurelianus* e quatro *nummi* (LLEDÓ CARDONA 2005 155-160), visto tratar-se de um porta-moedas com numerário de circulação e não um aforro.

correntes, pois, se legalmente o Estado impôs a paridade entre as duas denominações, o valor intrínseco do radiado tetrárquico é bem menor, motivo pelo qual terá sido preterido nas deposições.

De qualquer modo, a importância maior do exemplar batido na sexta oficina do atelier mísio advém da circunstância de ser esta a moeda mais recente que se conhece do depósito salaciense e, como tal, indicativa de uma cronologia aproximada para o fecho do conjunto.

### 2.3.5. Considerações finais

Para findar a análise dos depósitos lusitanos do período 285-305, é altura de apresentar algumas considerações finais sobre os mesmos, em particular sobre os achados de Sampão e Porto Carro, que temos vindo a tratar com mais detalhe.

Assim, e apesar da sua diferente constituição, julgamos que ambas as deposições podem ser consideradas tesouros de aforro. Em Sampão, a preferência do aforrador direccionou-se prioritariamente para a boa moeda de bilhão, posterior à reforma de Aureliano, em detrimento dos antoninianos desvalorizados de Galieno e Cláudio, que, à época, constituiriam ainda uma percentagem importante do numerário circulante na Lusitânia. O depósito é de constituição tardia, como indicia o facto de cerca de 65% das moedas do tesouro terem sido cunhadas entre 276 e 287. A abundância de moedas de Probo e as ligações de cunhos em exemplares de Caro e de Maximiano fazem-nos crer que o tesouro foi formado num curto espaço de tempo, provavelmente até de uma vez só, a partir de numerário recebido do exterior, no contexto de transacções comerciais locais ou regionais. De resto, a sua constituição com base em moeda subtraída regularmente à circulação monetária local afigura-se pouco provável: na *villa* vizinha de Torre de Palma, os anos 270-294 forneceram apenas 14 das 350 moedas do século III (4%), o que comprova bem a escassez dos *aureliani* no quotidiano.

O caso de Porto Carro é algo diferente, já que se trata de um depósito cuja formação ocorreu durante um período de tempo mais amplo. A análise do numerário que entra na sua composição, em especial a presença de ligações de cunho em moedas de Quintilo, da série *Divo Claudio* e de Maximiano sugere, pelo menos, dois momentos de entesouramento: a) o primeiro, nos principados de Quintilo/Aureliano, por volta de

270/271; b) o segundo, durante a Diarquia/Tetrarquia, algures após 287/288. Admitindo que parte da massa monetária do depósito salaciense pode ter sido retirada dos circuitos locais, nomeadamente os radiados anteriores a 274, o aspecto pouco circulado de muitos exemplares e os enlases de cunho indicam que o aforrador recebeu moeda de cunhagem recente, vinda possivelmente de Itália por via marítima. Parte dos antoninianos de Galieno e Cláudio acompanhou, por certo, os exemplares de Quintilo e da série *Divo Claudio* da primeira fase de entesouramento. Sem prejuízo da eventual existência de outras fases intermédias na constituição do aforro, detectou-se um outro momento de acumulação muito próximo do encerramento do depósito, responsável pelo adicionamento de um vasto lote de *aureliani*, entre os quais se encontrariam os dois exemplares ticinenses de Maximiano<sup>153</sup>.

Como temos vindo a referir, uma parte das moedas de Porto Carro parece ter chegado directamente à região sadina a partir de Itália, talvez de Óstia, o porto de mar da capital do Império<sup>154</sup>. Esta hipótese sustenta-se, por um lado, na presença de diversas ligações de cunho em moedas de Roma de Quintilo, o que pontifica a favor de uma reduzida ou nula circulação entre o momento da emissão e o momento da incorporação no aforro, sendo aceitável que a recolha não tenha ocorrido em local muito afastado da casa da moeda. Existe, por outro lado, uma série de testemunhos que documenta um intenso movimento comercial entre a bacia do Sado e a cidade portuária italiana ao longo de vários séculos, ainda que essa actividade não tenha sido sempre constante. A indústria de preparados piscícolas e o fabrico de contentores cerâmicos a ela associada estão atestados no Baixo Sado desde o período júlio-claudiano. Entre finais do século II e inícios do III dá-se a uma quebra das exportações para Roma, mas ainda durante século III - sobretudo a partir da segunda metade da centúria - assiste-se a uma retoma da actividade produtora e exportadora, cujo apogeu será atingido no século IV (FABIÃO 2004 402-404). Neste contexto, cremos que o tesouro de Porto Carro é mais um testemunho da

<sup>153</sup> No mesmo sentido pronunciou-se também CEPEDA (2002 419).

<sup>154</sup> O estudo dos carregamentos anfóricos transportados por embarcações romanas naufragadas tem revelado a difusão dos produtos lusitanos por vários locais do Mediterrâneo Central e Ocidental (LOPES e MAYET 1990 301-303 e Fig. 81). A forma Almagro 51c (= Lusitana 4), cuja produção está atestada entre o século III e inícios-meados do século V, está documentada em Óstia, em níveis da primeira metade do século III das Termas do Nadador (MANACORDA 1977 117-254).

dinâmica comercial estabelecida entre a região salaciense e a capital. Não que possamos vincular directamente Porto Carro à exploração de recursos marinhos ou ao fabrico de ânforas, pois que, embora localizada na margem direita do Sado (cf. *infra* Foto 24), a *uilla* encontra-se em pleno curso médio do rio (Foto 25), muito para montante de *Salacia*, e como tal demasiado afastada das áreas estuarinas onde se fixaram os principais centros produtores<sup>155</sup>. Aliás, a implantação geográfica de Porto Carro permite associar o local a actividades agro-pecuárias, com a vizinhança do rio a facilitar o rápido e fácil escoamento da produção para *Salacia* ou para os centros industriais do Baixo Sado, como os *uici* de Tróia e *Caetobriga*.

Então, como explicar a presença em Porto Carro de numerário que não parece ter conhecido uma circulação prolongada antes do entesouramento? O mais provável é que as moedas fizessem parte do pagamento de um carregamento de preparados de peixe, tendo sido posteriormente distribuídas na região através do comércio local/regional. A confirmar-se a vocação agrícola da *uilla*, é bem possível que esta acumulação de moeda resulte do aprovisionamento de víveres aos centros industriais do Baixo Sado ou, inclusivamente, do escoamento por via marítima da produção agrícola do estabelecimento. Há que ter em conta o seguinte: embora a indústria conserveira fosse a actividade económica de maior visibilidade na região salaciense, a dinâmica que se gerava à sua volta contribuiria, por certo, para o escoamento de outro tipo de produtos, entre os quais avultariam os ligados à terra (cereais, azeite, gado, etc.)<sup>156</sup>. E se, como pretende FABIÃO (1995 336-337), as exportações de preparados de peixe para Roma eram realizadas no contexto dos abastecimentos institucionais à capital, é muito natural que fossem acompanhadas por outros produtos locais, a fim de rentabilizar ao máximo cada viagem e reduzir os custos do transporte marítimo. Também não está fora de questão que

<sup>155</sup> Não se conhecem olarias a montante de *Salacia*, e os centros produtores do Bugio e da Barrosinha - localizados nas imediações da capital de *civitas* - terminaram a actividade no período alto-imperial (FABIÃO 2004 396-397 e 389, Fig. 7, nº 11-12). Com o passar do tempo os grandes centros oleiros tenderão a aproximar-se dos complexos industriais de conservas e preparados de peixe de Tróia/*Caetobriga*.

<sup>156</sup> Pese embora a falta de confirmação, nos últimos anos têm-se avolumado as suspeitas de que a forma Lusitana 9, cujo fabrico está documentado em Abul (MAYET e SILVA 2002 184 e Fig. 117-119; FABIÃO 2004 396) e no Pinheiro (MAYET e SILVA 1998b 206 e Fig. 117, nº 28; 120, nº46 e 125, nºs 82 e 84-85) a partir de inícios do século III, possa estar associada ao transporte de vinho (FABIÃO 1997 168; FABIÃO 1998 190-192; FABIÃO 2004 402-403).

o proprietário da *uilla* pudesse ser, simultaneamente, dono de uma olaria ou de uma fábrica de conservas e preparados piscícolas, chegando-lhe o numerário às mãos de uma forma mais directa. Naturalmente estas sugestões não esgotam o leque das possibilidades, nem é essa a nossa intenção, até porque, de concreto, pouco sabemos sobre o sítio arqueológico onde se recolheu o depósito.

Outra questão pertinente é a da cronologia dos achados de Sampão e Porto Carro. As informações disponíveis sobre o tesouro de Sampão são mínimas, não se sabendo, sequer, se estará completo. Das 377 moedas que dele fazem actualmente parte, as mais recentes pertencem à terceira emissão de Roma e à terceira emissão de *Ticinum*, situando-se a cunhagem de ambas em 287, pelo que esta data funcionará como *terminus a quo* para o termo do entesouramento. É necessário, todavia, considerar outros factores: em primeiro lugar, entre a emissão destes exemplares e a sua chegada à Lusitânia decorreram sempre alguns meses; depois, e uma vez chegadas, as moedas não terão passado de imediato para as mãos do aforrador de Sampão, existindo mesmo a hipótese de anteriormente terem feito parte de outros depósitos. Algumas das numismas mais recentes ostentam leves sinais de desgaste, que por vezes tendem a confundir-se com uma ligeira corrosão. Assim, mesmo com os enlaces de cunho a não abonarem em favor de uma circulação muito prolongada das moedas, há que admitir que o encerramento do depósito dificilmente pode ser anterior a finais de 287-288, podendo estender-se, como é óbvio, até bem próximo de finais do século III.

Quanto a Porto Carro, sabemos que se encontra incompleto e que a moeda de Cízico da série CONCORDIA MILITVM, que actualmente o encerra, não é necessariamente a mais recente. Para o centro emissor mísio, C. H. V. SUTHERLAND (1967 571) situou a emissão das fracções radiadas daquela série por volta de 295-299, sendo que a sexta oficina parece não ter entrado em laboração senão numa fase avançada da emissão, cerca de 297. Conjugando este dado com o aspecto pouco ou nada circulado da moeda, pensamos que o termo da ocultação se poderá situar entre 299 e 301/302, o mais tardar no final da Primeira Tetrarquia.

Para terminar, importa tentar averiguar os motivos da não recuperação destes depósitos tardios. O nosso conhecimento acerca da situação política e social da Lusitânia nos últimos anos do século III é muito reduzido. A chegada ao poder de Diocleciano

trouxe alguma estabilidade à maior parte das províncias ocidentais, se bem que nem sempre imediata. As raras referências à Hispânia por parte das fontes antigas deixam entender que, algures entre 296 e os inícios de 297, Maximiano levou a cabo uma operação contra piratas francos, antes de embarcar para África, onde entrou em campanha contra as tribos locais na Primavera daquele mesmo ano (ARCE 2002 50-53; BARNES 1976 179-180). Não sabemos, todavia, qual a amplitude das campanhas de Maximiano nem quais as zonas de conflito, embora o mais provável é que o palco das operações se tenha localizado na área mediterrânica da Península, não descartando uma eventual extensão às costas da Lusitânia. Estariam Sampão, Valhascos II ou algum dos tesouros béticos dos anos 285-305 (Sevilha, Santo Tomé, Sul de Espanha) relacionados com estes acontecimentos? A questão nem sequer se coloca para Porto Carro, cuja deposição é posterior à passagem de Maximiano pela Hispânia.

Existem seguramente outras hipóteses explicativas. Causas económicas podem ser responsáveis pelo movimento de entesouramento de finais do século III, em relação com a instabilidade económica e monetária que se seguiu à reforma de 294 e que obrigou os Tetrarcas a procederem a uma segunda reforma em Setembro de 301, duplicando desta feita o valor nominal (*potentia*) das espécies em circulação (ERIM *et alii* 1977 171-177). Pouco depois, era publicado o Édito do Máximo, uma medida legislativa que fixava os preços máximos para produtos e serviços (CORCORAN 1996 205-233). É ainda possível que a inflação galopante e as sucessivas intervenções do Estado no sistema monetário - alterando em favor do Tesouro a *ratio* entre as antigas denominações radiadas e as novas espécies tetrárquicas - tenham suscitado o temor e a desconfiança do público em relação às espécies circulantes de menor valor, criando um ambiente propício à imobilização definitiva deste numerário.



Foto 24 - Localização da *villa* de Porto Carro, com indicação do local de achado do tesouro  
(Foto de António Rafael Carvalho)

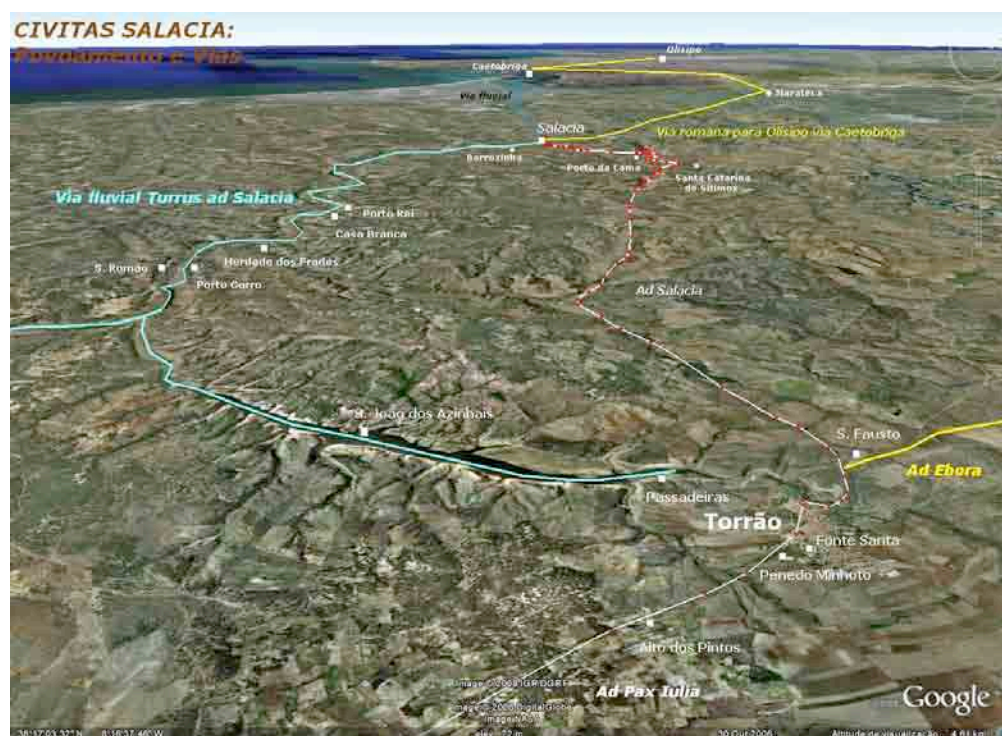


Foto 25 - Rede viária e fluvial do Médio Sado, entre Torreão e Alcácer do Sal sobre fotografia do Google Earth  
(montagem de António Rafael Carvalho)

## **II. OS ACHADOS ISOLADOS**



## 1. Introdução

No âmbito do presente projecto de investigação lográmos inventariar 3717 moedas dos anos 215-305, provenientes de intervenções arqueológicas e achados ocasionais em 36 sítios lusitanos (cf. *Apêndices*, Mapa 5). Os números apontados não são impressionantes, até porque mais de 50% das moedas (1945 exemplares) foram fornecidas por um único sítio arqueológico: *Conimbriga*. Significa isto que, para os restantes sítios e para o período em estudo, obtemos uma média inferior a 50 numismas/sítio, cifra que não chega sequer a ser atingida por três quartos dos sítios (cf. *infra* Quadro 90). Este resultado é tanto mais modesto quanto o número de sítios intervencionados é várias vezes superior aos mais de três dezenas atrás referidos.

Começando pelas cidades e olhando para o mapa traçado na mesa redonda *Les villes de Lusitanie romaine* realizada em 1988 em Talence (ALARCÃO *et alii* 1990), constata-se que, dos cerca de 30 centros urbanos aí assinalados, só três foram ou têm vindo a ser intervencionados de uma forma mais ou menos sistemática e em extensões consideráveis: *Conimbriga*, *Mirobriga* e *Augusta Emerita*. Outros, como *Aeminium*, *Eburobrittium*, *Scallabis*, *Olisipo*, *Salacia*, *Ammaia*, *Myrtillis*, *Ebora*, *Norba*, *Capera* ou *Salmantica*, só para citar alguns exemplos, têm sido alvo de intervenções pontuais, mas as áreas escavadas são insignificantes quando comparadas com a dimensão atingida por esses centros na época romana e os resultados dos trabalhos, embora importantes, não permitem geralmente traçar o quadro da evolução urbanística e da vida económica desses centros. Aliás, são várias as escavações que forneceram um número insignificante de moedas e, em muitos casos, as moedas recuperadas na áreas escavadas não possuem qualquer interesse para o período aqui tratado. Temos ainda aquelas situações em que as poucas moedas recolhidas se encontram dispersas ou em paradeiro desconhecido, nunca tendo sido objecto de qualquer estudo. Esta é, de alguma forma, a realidade das escavações antigas de *Mirobriga*, da *civitas Igaeditanorum*, de *Emerita Augusta*, de *Capera*, etc. Foi também devido a estes condicionalismos que renunciámos à recolha do material de *Olisipo*, conscientes de que o enorme esforço a desenvolver se traduziria,

quando muito, no acrescento de uma ou duas dezenas de moedas ao nosso inventário<sup>157</sup>. Outros casos há em que, por um ou por outro motivo, não foi possível o acesso ao espólio, como sucedeu com as moedas de *Seillium*.

Tornemos ao caso emeritense, que nos parece a todos os títulos exemplar. Com efeito, o número de moedas exumadas nas escavações conduzidas na capital lusitana até à década de setenta é extraordinariamente baixo, quando comparado com a dimensão da área escavada, o que pode ficar a dever-se aos critérios e à metodologia empregues nas escavações: a remoção de enormes quantidades de terras a um ritmo acelerado privilegiou a descoberta de vestígios monumentais, escultóricos e epigráficos, em detrimento dos pequenos objectos do quotidiano, como as moedas, que terão em muitos casos passado despercebidas aos escavadores. O contraste pode ser facilmente estabelecido com os resultados das intervenções realizadas durante uma década pelas equipas do *Consortio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida*: entre 1993 e 2003/2004 foram recuperadas cerca de um milhar de moedas do período romano, a maioria das quais data do século IV, o que se explica pela cronologia tardia das áreas e dos estratos escavados. O fenómeno é revelador de como o método empregue e o cuidado posto na recuperação dos materiais podem ser determinantes no número de objectos recolhidos.

Muitos destes problemas são extensivos às *villae*, entre as quais se conhecem largas dezenas alvo de intervenção arqueológica. No vasto grupo de estabelecimentos cujo material tivemos oportunidade de observar, só Torre de Palma fornece exemplares em número suficiente para um estudo aprofundado, apesar de limitado pela ausência de contextos estatigráficos ou de simples indicações topográficas<sup>158</sup>. Sítios como Pisões, Beja (RIBEIRO 1972), Santa Vitória do Ameixial, Estremoz (CHAVES 1938 14-177) ou Dehesa de La Cocosa, Badajoz (SERRA RAFOLS 1952) nunca viram o seu espólio

<sup>157</sup> Que nos recordemos, os únicos exemplares olisiponenses publicados com alguma consistência são as 22 moedas provenientes do edifício da Rua da Prata, vulgarmente conhecido como *Termas dos Cássios*, quatro das quais datam do século III (DIOGO 1994 215-216).

<sup>158</sup> A ausência de contextos estatigráficos na maior parte dos sítios condiciona fortemente a nossa percepção do tempo de vida das moedas.

numismático publicado, com a agravante de se lhe ter perdido por completo o rasto<sup>159</sup>. Outros, como a *villa* cacerenha de Monroy (MARTÍN DE CÁCERES 1983), aguardam pacientemente pela publicação do respectivo estudo final.

Por outro lado, a cronologia de alguns dos sítios intervencionados é muito tardia: ao que parece, as 84 moedas recuperadas na *pars rustica* da *villa* de La Sevillana, Badajoz, são datáveis do século IV-inícios do V (AGUILLAR SAENZ 1991 456). No *conventus emeritensis*, das dezenas de sítios rurais intervencionados, poucos forneceram moedas em quantidades apreciáveis. Só para citar alguns exemplos: na *villa* de Pesquero, Badajoz, recolheram-se apenas vinte e duas moedas (RUBIO MUÑOZ 1991 442), tantas como em Torre Águilla, Badajoz (RODRÍGUEZ MARTIN 1993). Em El Pomar, Badajoz, quatro das treze moedas recuperadas são do século III (SAENZ DE BURUAGA *et alii* 1992), em Doña Maria, Badajoz, contaram-se apenas dois sestércios de Severo Alexandre e um de Filipe II em onze exemplares (AGUILAR SAENZ e GUICHARD 1993 81-114, 187 e 203-209). El Hinojal de las Tiendas, Mérida, forneceu oito moedas, duas do tipo *Divo Claudio* (ALVAREZ MARTÍNEZ 1976 459). Na publicação do estabelecimento de Panes Perdidos, Badajoz, não há quaisquer referências a moedas (ALVAREZ e NOGALES 1994-5 89-106), tal como em Eras de S. Blás, Cáceres (CERRILLO 1996-2003), ou Santiago de Bencaliz, Cáceres (CERRILLO 1982 165-212). A própria recolha extremenha de Cruces Blázquez, se bem que pontual, não deu mais do que um antoniniano de Cláudio II (RIC 48) e um *neoantoninianus* cartaginense (RIC 38) de Diocleciano (BLÁZQUEZ CERRATO 1989-1990 216, n.º 23-24)<sup>160</sup>. Explicações para este fenómeno podem existir várias, algumas das quais já anteriormente mencionadas, quando nos referimos aos centros urbanos. É possível que nalguns trabalhos mais antigos os escavadores nem sempre tenham posto o devido cuidado na recuperação dos materiais numismáticos. Por outro lado, há que ter também em conta que muitos dos sítios foram parcelarmente escavados, por vezes só nas áreas residênciais ou em parte delas - compartimentos com mosaicos - que são, regra geral, as áreas da casa onde uma moeda perdida era mais facilmente recuperada pelo

<sup>159</sup> No caso de Santa Vitória do Ameixial, conserva-se no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um tesouro de 3500 moedas de inícios do século V provenientes desta *villa* (SIENES HERNANDO 2000 34-35).

<sup>160</sup> Os resultados obtidos por esta investigadora para a província de Zamora também não deixam, de alguma forma, de ser decepcionantes no que respeita ao século III (BLÁZQUEZ CERRATO 2004 319-366).

proprietário ou por terceiros, uma vez que eram limpas e utilizadas com regularidade. O caso pode mudar de figura se, em vez de estratos de circulação, os estratos detectados são de abandono. Depois, existem sítios há muito sujeitos à pilhagem dos materiais arqueológicos, com especial incidência nos materiais numismáticos. Esta acção tem-se intensificado nas últimas décadas com a vulgarização dos detectores de metais, e as suas consequências têm-se revelado desastrosas para o estudo e compreensão dos sítios. É também possível que nalguns locais os metais tenham sido seriamente afectados pela elevada acidez dos solos, com as pequenas moedas do Baixo Império a sofrerem os efeitos da corrosão que as torna por vezes irreconhecíveis. Em todo o caso, e para o século III, nunca se pode interpretar esta escassez de moedas em determinados sítios como reflexo de um baixo índice de monetarização da economia.

Para terminar esta breve introdução não podemos deixar de abordar um outro aspecto, que é a marcada assimetria na distribuição geográfica dos achados monetários, com as áreas Norte e Nordeste da província a fornecerem menos ocorrências que a parte Sul (cf. ÁRBOL MORO 2001 125-127 e 340-341). Este fenómeno reflecte de alguma forma uma realidade histórica, pois, tal como hoje, também na Antiguidade existiam disparidades económicas entre regiões próximas, reflectidas no nível de vida dos seus habitantes e nos indícios de acumulação de riqueza: as *villae* identificadas na parte Norte da província são em número inferior às do território emeritense ou às do Sul da Lusitânia (GORGES 1990 98, Fig. 1 e 104, Fig. 3; RODRÍGUEZ MARTÍN 1999 125 e segs.). As pequenas *villae* de Prazo e de Rumansil I, escavadas por António Sá Coixão, acusam índices de prosperidade mais modestos que os grandes estabelecimentos do Sul, à semelhança do que sucede com os centros urbanos. Haverá casos em que a visão actual, mais do que reflectir uma realidade histórica, poderá estar condicionada pela ausência ou escassez de investigação. Todavia, o facto de haver menos sítios escavados e de esses sítios serem mais modestos influi naturalmente na quantidade e qualidade dos achados monetários, como teremo oportunidade de ver mais adiante.

Na sequência destas considerações de ordem geral, justificam-se ainda algumas reflexões sobre os achados de moedas isoladas, antes de passarmos ao seu estudo.

A interpretação dos achados monetários resultantes das escavações tem estado, desde há algumas décadas, entre as preocupações de alguns investigadores britânicos para

quem os aspectos numismáticos propriamente ditos são secundários e que centram a sua atenção no contributo dos achados monetários para a interpretação dos sítios arqueológicos e vice-versa (CASEY 1986; CASEY 1988 39-54; COLLIS 1988 189-200; CURNOW 1988 57-70; REECE 1996 341-355). É precisamente na linha de orientação destes autores que se inscrevem as próximas observações, com as quais se procura focar alguns dos aspectos que podem condicionar a quantidade e a qualidade das moedas recolhidas num sítio e, conseqüentemente, a nossa interpretação.

Em primeiro lugar, parte-se do princípio de que as moedas perdidas num sítio reproduzem as moedas em circulação ou as guardadas na época da perda, ainda que estas últimas não estivessem momentaneamente disponíveis para serem perdidas, tendo em atenção os seguintes pressupostos:

- quanto maior for o valor da moeda perdida, maior será o esforço despendido pelo proprietário na sua recuperação. Este critério tem, contudo, de ser relativizado, uma vez que pode ser influenciado pelo grau de riqueza do proprietário: uma pessoa pouco abastada procurará com mais afínco uma moeda de reduzido valor do que alguém de maiores posses. Na prática, as moedas recolhidas num sítio representam aquilo que os seus proprietários estavam dispostos a perder e só uma ínfima percentagem das moedas que circularam num determinado sítio foram efectivamente perdidas e chegaram até nós. Por outro lado, o seu valor monetário é, regra geral, muito baixo. John Casey refere o exemplo das 1387 moedas dos séculos II e III recuperadas nas escavações do forte de Corbridge (CASEY 1986 83-85; 1988 40). Calculando o soldo dos militares que durante 120 anos ocuparam o sítio, o autor estima que pelo local *circularam* 240000 *aurei*, enquanto o valor das moedas recolhidas não ultrapassa os 26 *aurei*, isto é, quase dez mil vezes menos! No caso de Conimbriga, tendo como referência o período situado entre a Reforma de Aureliano e a Reforma de 294 e considerando que a área escavada será de aproximadamente 1/7 da área total da cidade, os 22 *aureliani* e 12 denários recuperados (= 28 *aureliani*) representariam cerca de 1/2 *aureus* para um período de 20 anos, o que é absolutamente ridículo para um centro urbano da sua dimensão e importância (7 x 28 *aureliani* = 196 *aureliani*; 1 *aureus* = 400 *aureliani*). Ainda que, para a segunda metade do século I da nossa era, o exemplo de Pompeia mostra bem a importância da moeda em metal precioso na vida económica da cidade: das moedas recolhidas nas escavações, a

moeda de ouro representava 4% do total, a de prata 48% e as várias denominações de bronze 48% (HARL 1990 17, Tab. 1.1);

- uma moeda isolada é mais facilmente perdida quando passa frequentemente de mão em mão. O ouro e a prata, devido ao seu elevado valor, tendem a ser entesourados e apenas mudam de mãos em grandes transacções. Pelo contrário, as pequenas denominações estão constantemente a mudar de mãos, pelo que uma maior percentagem acabará fatalmente por ser perdida;

- a vida de uma moeda pode ser muito longa, ora circulando de mão em mão, ora sendo entesourada, para tornar a girar de mão em mão e assim sucessivamente, até ao momento da perda ou do abandono (em caso de desmonetização). A duração de circulação de uma moeda varia em função de diversas circunstâncias, podendo estender-se por um século ou mesmo mais (HARL 1996 3; RIPOLLÈS 2002 195-196). Um bom exemplo é fornecido pelo naufrágio de Cabrera III, datado dos finais do principado de Valeriano I, em que mais de um quarto das 801 moedas de bronze identificadas são anteriores a 192 (BOST *et alii* 1992 105 e segs.);

- o tamanho e o metal de uma moeda têm influência directa na sua recuperação, tornando-a mais fácil ou difícil: era mais fácil o possuidor recuperar um áureo, um denário, um sestércio ou mesmo um *nummus* da Primeira Tetrarquia, do que um pequeno radiado do século III ou um *AE3-4* da segunda metade do século IV. O mesmo sucede hoje durante o processo de escavação: pequenas moedas podem passar despercebidas a um arqueólogo ou a um auxiliar menos experiente. Os próprios meios utilizados numa escavação podem ser determinantes: uma escavação realizada com recurso a meios mecânicos fornecerá menos moedas que uma escavação realizada manualmente;

- numa escavação bem conduzida o número de moedas recolhidas aproxima-se bastante do das moedas perdidas acidentalmente e não recuperadas ou mesmo descartadas.

- as moedas de uma escavação parcelar e as moedas recolhidas superficialmente constituem uma mostra aleatória das moedas perdidas no sítio. No primeiro caso, a quantidade e a qualidade dos achados dependem de aspectos como a cronologia dos estratos ou a funcionalidade da área escavada: os níveis de circulação de uma *domus* fornecerão menos moedas que os níveis de circulação de uma área comercial. No que

respeita aos achados ocasionais de superfície, a não ser que disponhamos de um número muito elevado de moedas, a amostra é ainda mais circunstancial. De qualquer modo, a ausência de indicação estratigráfica não permite estabelecer o horizonte de circulação das numismas.

Sem perder de vista a importância dos aspectos que acabamos de enunciar, não podemos ignorar que, no caso concreto do nosso projecto, fomos confrontados com algumas contrariedades:

- uma parte das moedas recenseadas é proveniente de achados superficiais, que, como acabámos de ver, podem não reproduzir com fidelidade o padrão das moedas perdidas nos sítios;

- a maior parte dos sítios forneceu pequenas quantidades de moedas: o Quadro 90 traduz a dimensão do problema, com dezanove sítios a contribuirem com menos de vinte e cinco numismas dos anos 215-305 (50%), contra apenas cinco sítios em que se recuperou pelo menos uma centena de unidades do mesmo período (13,16%). Esta contingência impede a análise detalhada das moedas perdidas em cada sítio, bem como a comparação entre a maior parte dos sítios. No entanto, o somatório do material proporciona uma amostragem que permite definir com alguma fiabilidade o quadro geral para a província;

Nº moedas	Nº sítios	%
>25	19	50
25-50	9	23.68
50-100	5	13.16
< 100	5	13.16
Total	38	100

**Quadro 90 - Número de moedas dos anos 215-305 recolhidas por sítio**

- as moedas recolhidas na maior parte dos sítios não possuem indicação estratigráfica - ou porque os contextos não foram registados, como acontece com frequência nas escavações mais antigas, ou porque não foram ainda publicados, como é o caso de sítios recentemente escavados ou em processo de escavação. Noutros casos, como sucede amiúde em *Conimbriga* (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27, I. *Escavações Luso-Francesas*), as moedas são oriundas de estratos de revolvimento que fornecem informação pouco relevante. Aproveitamos ainda para referir que, no decurso da

investigação, se efectuou um levantamento das moedas sem proveniência das colecções das seguintes instituições: Museo Nacional de Arte Romano (Mérida), Museo Arqueológico Provincial de Badajoz, Gabinete Numismático de San Atón (Badajoz) e Museu de Évora, uma vez que a sua origem nos parece local ou regional (cf. *infra* Quadro 91). Embora a análise do material evidencie a aplicação de um critério selectivo na organização das colecções (o número de moedas anteriores a 260 é quase idêntico ao dos anos 260-305, com uma extraordinária abundância de sestércios), parece-nos que os dados obtidos se poderão revestir de algum interesse para efeitos de comparação com os elementos fornecidos pelos sítios.

Não obstante todas estas condicionantes, parece-nos possível construir um modelo de circulação monetária para a Lusitânia do século III a partir do somatório das moedas fornecidas pelos sítios. A amostragem não permite uma comparação entre a maior parte dos sítios, mas não deixa de funcionar como indicador relativo dos fluxos de numerário e das espécies circulantes de menor valor na Lusitânia, durante o período em questão.

Finalmente, justificam-se algumas observações sobre a metodologia a utilizar na análise do numerário dos achados isolados. Os anos 215-305 foram divididos em cinco períodos, tomando como referência a periodização utilizada por Richard REECE (1991 1)<sup>161</sup>, se bem que com ligeiras modificações:

I. 222-238

II. 238-260

III. 260-274

IV. 274-294

---

<sup>161</sup> Os nossos períodos I a V correspondem, *grossa modo*, aos períodos 11 a 15 de Reece. A única alteração de monta prende-se com o encurtamento do período V, que Reece estende até 317. No caso do período III, que o investigador britânico põe a terminar em 275, parece-nos mais correcto situar esse termo no ano da Reforma de Aureliano (274). Situação idêntica ocorre para o período IV, em que a data de 296 proposta por Reece (a pensar na morte do usurpador britânico Alecto) foi recuada para 294, a fim de coincidir com a Segunda Reforma. De notar ainda que, na elaboração da presente periodização, se excluíram os anos 215-222: o número de moedas recolhidas é de tal forma irrelevante que optámos por não considerar esta fase (2 moedas = 0,05%).



V. 294-305

Esta periodização experimental, desde logo, algumas dificuldades colocadas pela cronologia das moedas irregulares da abundante série *Divo Claudio*, uma vez que, como tivemos oportunidade de observar ao tratar do tesouro de Porto Carro, nem todas foram produzidas sob Quintilo/Aureliano, admitindo-se a produção desta série ainda no principado de Probo<sup>162</sup>. Na impossibilidade de resolver o problema, optou-se pela solução mais cómoda, isto é, a sua manutenção no período III, embora conscientes das distorções que essa opção pode provocar.

A análise geral dos vários períodos e de alguns sítios será feita com base no índice de moedas perdidas por mil, desenvolvido por Alison RAVETZ (1964 206) e aperfeiçoado por John CASEY (1986 89 e segs.; 1988 41), de acordo com a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{nº de moedas por período}}{\text{duração do período}} \times \frac{1000}{\text{total de moedas por sítio}}$$

Dentro de um dado período, a amoedação de cada imperador será medida segundo o índice das moedas/ano, cujo cálculo se efectua do seguinte modo:

$$\frac{\text{nº de moedas por reinado}}{\text{duração do reinado}}$$

<sup>162</sup> O mesmo se aplica às moedas irregulares em nome de Galieno, Cláudio II e dos Imperadores Gauleses, se bem que neste caso - vista a sua menor expressão quantitativa - o problema não atinja a mesma dimensão.

## 2. Análise geral do numerário dos achados isolados

O total de moedas dos anos 215-305 provenientes de achados isolados e ocasionais eleva-se a 3717 unidades<sup>163</sup>. Como já foi referido, estas moedas são provenientes de 36 sítios arqueológicos (cf. *infra* Quadro 91 e Mapa 5), entre os quais, pelo menos um quarto, são centros urbanos de primeira ordem, destacando-se, pela importância do material disponível para análise, *Conimbriga*, *Balsa* e *Mirobriga*. Os restantes sítios serão, na esmagadora maioria, *villae* espalhadas pelo território provincial e um ou outro aglomerado urbano secundário (*vicus*), como Tróia e Freixo de Numão.

No quadro dos sítios recenseados, os achados isolados dos anos 215-222 estão circunscritos a dois exemplares, um sestércio e um asse, batidos respectivamente para Caracala (RIC 538a) e Heliogábalo (RIC 310)<sup>164</sup>. E, nas colecções museológicas analisadas, o panorama não é diferente, tendo-se observado tão somente um sestércio de Macrino no Museu de Badajoz (RIC 195)<sup>165</sup>. Esta escassez está relacionada com a redução das quantidades de moeda de bronze emitidas a partir de 199, situação que se manteve durante duas décadas, até à chegada ao poder de Severo Alexandre, quando a cunhagem do bronze é retomada de forma intensiva (CALLU 1969 114). Durante este período a circulação das espécies correntes é assegurada pelos bronzes anteriores a 192, como teremos ocasião de precisar mais adiante.

---

<sup>163</sup> Nos cálculos apresentados ao longo do presente capítulo foram consideradas somente 3605 numismas, descontadas que foram as duas anteriores a 222 e as 110 de atribuição incerta.

<sup>164</sup> Temos, todavia, informação sobre o achado ocasional de uma ou outra moeda deste período, como é o caso do *médio-bronze* de Heliogábalo (RIC 375-6), recolhido em Chelas na segunda metade do século XIX (FIGUEIREDO 1890 32), de um denário do mesmo imperador (RIC 68), adquirido em 1917 em Sintra para o Museu Nacional de Arqueologia (MNA, Tab. 97/42), ou de um possível sestércio de Júlia Maesa da região de Moura (MATEU Y LLOPIS 1961 154, nº 1116) e outros exemplares estarão, por certo, publicados ou em fundos de Museus. No Museu de Lagos, por exemplo, vimos dois antoninianos de Caracala (RIC 264c e RIC 281a) e quatro denários de Júlia Maesa, todos com reverso IVNO (RIC 256), alguns dos quais parecem ostentar ligações de cunhos. Tratando-se de moedas sem proveniência, a maioria pertencente à colecção doada à instituição por J. Formosinho, não os considerámos no nosso inventário.

<sup>165</sup> Um exemplar de Macrino foi também recolhido na Herdade da Fonte da Pipa, Serpa (VIANA 1955 13).

Tratando-se de uma amostra absolutamente irrelevante, optámos por excluir esta fase da periodização estabelecida para os achados isolados da Lusitânia, cujo estudo se inicia verdadeiramente a partir de Severo Alexandre.

No Quadro 92 podemos observar a distribuição pelos cinco períodos dos 3605 exemplares lusitanos e respectivas permilagens e compará-los com os dados coligidos por Nuria Lledó Cardona para a Tarraconse mediterrânea (LLEDÓ CARDONA 2004) ou com os achados de centros urbanos peninsulares: *Baelo Claudia* (BOST *et alii* 1987) e *Clunia* (GURT ESPARRAGUERA 1985), gauleses: *Tolosa* (GENEVIÈVE 2000) e norte-africanos: *Zilil* (DEPEYROT 1999).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	Tot	MAR	GSA	MAB	MEV	Tot	
a. 222											1											1															2			1		1	
Sev. Alexandre	4					3		1	1	4	1	1		1	1	10	2		1								20		2			1			1			54	16	3	21	27	67
Maximino	1					1		1	1		1		1			6						4						5							2			23	3	4	9	11	27
Balbino/Pup.																											1										1				1		
Gordiano III					1	4				1	2	2	1		1	5			1		1	2				1	9	1	7				1				40	11	5	14	17	47	
Filipe I	1		2		1	3		2	2		4	2		1		1	1			2	1	2					2		1	1					2			31	6	2	11	22	41
Trajano Dêcio						1			1		3	2				4						1					5		1				1				19	1	1	2	3	7	
Treboniano Galo							1					1				1								1			7		1								12			2	2		
Volusiano														1					1								2			1			1				6						
Emiliano																																	1				1						
Valeriano I	1					3	3	1				1	1		1	1	1				1	3					1	12		4							34	4	6	6	2	18	
Galieno	22	3	2	2	14	99	8	13		3	15	18	2	10	34	38	7		3	8	10	6	7	1	4	9	488	11	17	4	2	11	2	1	6	3	883	3	41	28	16	88	
Cláudio II	13	1	1	4	13	63	3	3		6	36	21	3	4	16	17	15	3	7	8	7	10	5	3	2	5	443	14	8	2		6	1	2	8	1	754	6	15	25	6	52	
Divus Claudius	31	3		4	27	100	4	12		5	180	23	6	7	12	23	35	3	2	8	7	6	6	1	15	10	663	13	2	5	3	1	2	1	3	4	1227	8	3	3	7	21	
Quintilo	1				1	8		1			1	1	1						1			1					21	1	1				1	1	1		43				3		
Aureliano	1				1	5		1					1			2				1		5						22		1		1	1				42	1	3	2	1	7	
Tácito												1				1						1															3			1	3	4	
Florianio							1	1	1																													3					
Probo	2				1	4		1	1				1	1		1	3									1	13		1	1					1		32	1	8	15		24	
Caro et sui						1	1									1												5	1	1							10			1		1	
Dioclec./Max.	1		1		1	3		1	1					1	1												4		1								15			1	2	3	
Imp. indetermin.	7	1				3		2	1	1	6	1		2	5	8		1	2		1	1			1	1	60	1	1						3	109							
Póstumo	1					1								1	1												6		1							1	12	1			1	2	
Mário																	1																					1					
Vitorino					2	6	1	1			2					3	1			1							23								1		42			1	1		
Tétrico I					5	18	1			1	1	8	2	2	3	1	6			1	1	1		1		3	2	75			1	1	2			7	143	3	1	2	1	7	
Imp. indetermin.	1					1					2	1				1											2	27									35						
Diocleciano	8				1	6		1			1	1		1		2						1	3				6								1	32	2	5	6		13		
Maximiano	5				1	7		1	1	1	4	1		1	1	4	1			1	1			1	1		11	1	2						46	1	9	11		21			
Const. Cloro	1				1	3		1		1	1	3				2				1						5			4					1	25			1	6	7			
Galério	1	1				5	1	1		1		1				2					1	1	1				9				1	1			26					5			
Imp. indetermin.	5					1	1	1														1	1				1									11							
Total	107	9	6	10	74	350	21	46	10	24	262	90	17	34	77	132	72	7	19	31	31	46	26	5	26	32	1945	43	56	16	9	22	9	6	34	13	3717	68	110	177	115	470	

Quadro 91 - Distribuição das moedas do século III em 36 sítios e 4 colecções lusitanas

**Códigos dos sítios:**

1. <i>Augusta Emerita</i>	7. Quinta das Longas	13. Loulé Velho	19. Freiria	25. <i>Eburobrittium</i>	31. Freixo de Numão	MAR = Museo Nacional de Arte Romano
2. Clavellinas	8. São Cucufate	14. Milreu	20. S. Miguel de Odrinhas	26. Parreitas	32. Prazo	GSA = Gabinete Numismatico San Atón
3. Torre Aguilla	9. <i>Pax Iulia</i>	15. Foz do Arade	21. Sto. André Almoçageme	27. <i>Conimbriga</i>	33. Rumansil I	MAB = Museo Arq. Provincial Badajoz
4. <i>Capera</i>	10. <i>Myrtilis</i>	16. <i>Mirobriga</i>	22. Penedo	28. Rabaçal	34. Zimbri II	MEV = Museu de Évora
5. <i>Ammaia</i>	11. <i>Balsa</i> /Torre de Ares	17. Tróia	23. <i>Villa</i> de Cardílio	29. <i>Civitas igaeditanorum</i>	35. Prov. Salamanca	
6. Torre de Palma	12. Cerro da Vila	18. Quinta de S. João	24. Vale do Junco	30. <i>Centum Cellas</i>	36. Castro de Fiães	

Embora o número de moedas possa variar de região para região e de estabelecimento para estabelecimento, o cálculo das pernilagens fornece-nos uma imagem muito semelhante para todas as amostragens, muito bem vincada, de resto, no Gráfico 55 (cf. *infra*). Essencialmente, os resultados dizem-nos que, após uma fase de estagnação na cunhagem do bronze, os volumes de moeda injectados nos circuitos tendem a crescer, o que se reflecte no aumento do número de moedas perdidas durante o Período I. Esta tendência vai intensificar-se no período seguinte, em que há uma subida dos valores das pernilagens, ainda que, com frequência, de forma pouco significativa. A entrada das espécies recém-cunhadas nos circuitos desempenhou um papel importante, mas não renovou de forma decisiva a massa monetária circulante, composta até cerca de meados do século III por grandes quantidades de moeda da época dos Antoninos e, até, mais antiga. Ao nível da moeda de bronze, a maior parte dos depósitos peninsulares anteriores a 260 contém à volta de 50% - por vezes mais - de moedas anteriores a 192 (cf. *supra* Gráfico 5). Atendendo a que muitos desses depósitos representam aforros constituídos ao longo de um largo período de tempo e que as moedas mais antigas podem ter sido incorporadas muito antes da perda dos conjuntos, consideramos mais válida a informação fornecida por um depósito de circulação como Cabrera III, que mostra como, em vésperas de 260, mais de um quarto das moedas em circulação no Mediterrâneo Ocidental são anteriores a 192 (BOST *et alii* 1992 105, Fig. 10). Significa isto que, em termos de sítios arqueológicos, muitas das moedas recolhidas do período antonino - e anteriores - foram perdidas efectivamente em pleno século III.

	Lusitânia	Tarraconense	Baelo	Clunia	Tolosa	Zilil
I (222-238)	78	48	9	9	2	2
‰	1.35	2.98	1.13	1.56	0.48	0.29
II (238-260)	143	108	19	20	10	7
‰	1.8	4.88	1.74	2.53	1.73	0.74
III (260-274)	3159	790	450	320	241	410
‰	62.59	56.15	64.67	63.49	65.7	68.27
IV (274-294)	87	25	4	7	6	4
‰	1.21	1.24	0.4	0.97	1.15	0.47
V (294-305)	138	34	15	4	3	6
‰	3.48	3.08	2.74	1.01	1.04	1.27
Nº moedas	3605	1005	497	360	262	429

**Quadro 92 - Achados isolados na Lusitânia e noutros sítios ocidentais (222-305)**

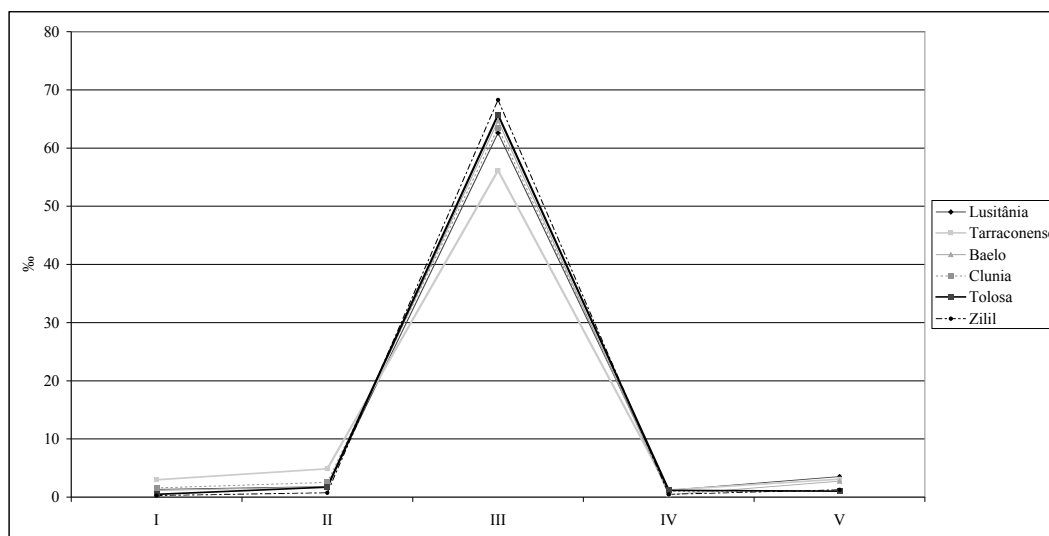


Gráfico 55 - Permilagens para a Lusitânia e 5 sítios ocidentais (222-305)

O Período III é o que apresenta maior índice de moedas perdidas no conjunto das regiões/sítios analisados, com as permilagens a rondar os 60‰, em consonância com o aumento exponencial do volume de moeda cunhada e com a sua acentuada desvalorização, o que implica mais moedas perdidas e um menor empenho dos antigos proprietários na sua recuperação. É altamente provável que a análise desta enorme massa de moedas - vista como um todo e fora dos contextos arqueológicos que sinalizam a sua circulação e perda definitiva - introduza aqui um forte elemento de distorção. Com efeito, tanto os contextos arqueológicos bem datados, como os depósitos monetários, mostram que os antoninianos dos anos 260-274 permanecem em circulação durante o último quartel do século III, constituindo o grosso da massa monetária circulante, pelo menos até à reforma de 294, esfumando-se de forma progressiva no primeiro quartel do século seguinte, mas sem nunca desaparecerem por completo da circulação, como atesta a sua presença residual nos tesouros ocultados em finais do século IV e inícios do V ou em contextos arqueológicos da mesma época<sup>166</sup>. A imagem geralmente oferecida pelos gráficos para este período é ainda distorcida pela enorme massa de moedas irregulares da série *Divo Claudio*, cuja cunhagem e circulação se estende para lá do reinado de Aureliano. Esta abundância de moedas do Período III na generalidade dos sítios deve ser

<sup>166</sup> Em Conimbriga, recolheram-se moedas do século III nos horizontes cronológicos XXXI, XXXV, XXXVII e XXXIX, datados do século IV pelos autores da escavação (cf. ALARCÃO e ÉTIENNE 1979 231, 234-237). Situação idêntica está documentada em São Cucufate (BOST e PEREIRA 1990 218) e nas insulas da Moreria, em Mérida.

vista com alguma prudência, pois pode resultar, em parte, da sua desmonetização algumas décadas após a sua cunhagem e emissão, sendo a sua presença não o resultado de uma perda fortuita, mas de um abandono intencional, como se fossem *old bus tickets* (REECE 1996 343).

O gráfico mostra igualmente uma queda abrupta do número de moedas perdidas do Período IV, o que se deve à diminuição das quantidades emitidas pelo Estado Romano e ao seu rápido entesouramento, justificado pelo facto de o seu teor de fino ser superior ao dos antoninianos batidos no Período III, que continuam a ser utilizados em larga escala nas trocas quotidianas. No período seguinte, as permilagens tendem a aumentar de forma significativa na maior parte das áreas/sítios analisados, iniciando uma renovação dos *stocks*, que, todavia, só será verdadeiramente visível na época de Constantino I.

### 2.1. O Período I (222-238)

Este período conta com 80 numismas, cunhadas maioritariamente para Severo Alexandre (cf. *infra* Quadro 93). A ampla difusão do numerário deste Imperador, ao longo da primeira metade do século III, é atestada pela sua presença em dezassete dos trinta e seis sítios considerados no presente estudo. Os exemplares batidos sob Maximino surgem em menor número, mas o índice das moedas/ano acaba por ser superior ao de Severo Alexandre, sugerindo que comparativamente se produziram e perderam mais moedas no curto principado do Trácio do que no do seu antecessor. Depósitos como Cabrera III e Guelma vêm confirmar esta observação ao fornecerem índices de moedas/ano bastante mais elevados para Maximino - 18,7 em Cabrera III e 199 em Guelma - que para Severo Alexandre - 11,6 em Cabrera III e 125 em Guelma.

Os brevíssimos augustados dos primeiros Gordianos nem sequer estão representados nos sítios lusitanos analisados e o de Balbino e Pupieno forneceu um único exemplar, um sestércio em nome do primeiro (RIC 22), recolhido nas escavações luso-francesas de *Conimbriga* (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 27, nº 14). Sem qualquer contexto, conhecemos para Pupieno um sestércio do fundo antigo do Museo de Arte Romano (RIC 23a).

Exceptuando um denário lavrado em Antioquia para Severo Alexandre, todas as outras numismas foram emitidas pela *Moeda* da capital.

	Den	Hs	Totais	M/ano
Sev. Alexandre	8	46	54	4.15
%	10.26	58.97	69.23	-
Maximino	1	22	23	7.67
%	1.28	28.21	29.49	-
Balbino/Pupieno	-	1	1	1
%	-	1.28	1.28	-
Total	9	69	78	4.88
%	11.54	88.46	100	-

**Quadro 93 - Moedas do Período I recolhidas em 36 sítios lusitanos**

Como se pode ver pelo quadro acima, perto de 90% das moedas perdidas do Período I são bronzes, concretamente sestércios, o que espelha bem a importância desta denominação na circulação da primeira metade do século III. A moeda de prata cunhada nesta fase, sobretudo para Severo Alexandre, tem também uma presença de algum relevo, superando os 10%<sup>167</sup>. É possível que a redução do peso e do teor de fino da moeda de prata sob este Imperador tenha tido alguma implicação no número de exemplares não recuperados. Os achados reflectem a renovação do numerário circulante na Lusitânia a partir de 222, quadro também extensivo à Bética e, em maior escala, à Tarraconense mediterrânica (cf. *supra* Quadro 92), como de resto já salientou Jean-Pierre Bost (BOST *et alii* 1992a 113).

## 2.2. O Período II

Os achados isolados proporcionaram-nos 143 moedas para este período (cf. *infra* Quadro 94). Trata-se, na esmagadora maioria dos casos, de moeda cunhada em Roma, com os exemplares oriundos de outras casas da moeda a não atingirem sequer os 8% do total<sup>168</sup>.

<sup>167</sup> Nas quatro colecções museológicas lusitanas inventariadas, apenas a do Museu de Badajoz integra dois denários do Período I, ambos para Severo Alexandre, sendo um deles de fabrico irregular.

<sup>168</sup> Recolheram-se 132 moedas batidas em Roma, contra apenas 11 emitidas por outras casas da moeda, particularmente sob Valeriano, como indica o Quadro 95:



	Ant	Hs	Dp	As	Totais	M/ano
Gordiano III	2	36	-	2	40	6.67
%	1.4	25.17	-	1.4	27.97	-
Filipe I	2	27	1	1	31	6.2
%	1.4	18.88	0.7	0.7	21.68	-
Trajano Décio	2	17	-	-	19	9.5
%	1.4	11.89	-	-	13.29	-
Treboniano Galo	6	12	-	-	18	8
%	4.2	8.39	-	-	12.59	-
Emiliano	-	1	-	-	1	1
%	-	0.7	-	-	0.7	-
Valeriano	25	9	-	-	34	4.86
%	17.48	6.29	-	-	23.78	-
Total	37	102	1	3	143	6.5
%	25.87	71.33	0.7	2.1	100	-

**Quadro 94 - Moedas do Período II recolhidas em 36 sítios lusitanos**

Considerando o número de moedas recolhidas para cada Imperador, Gordiano III é o que possui melhor representação, com mais de um quarto das moedas inventariadas, seguido de Valeriano, Filipe I, Trajano Décio e Treboniano Galo/Volusiano. Não obstante, o cálculo das moedas/ano dá-nos uma perspectiva algo diversa, confirmando um aumento progressivo do aprovisionamento de nova moeda entre 238 e, pelo menos, o principado de Treboniano Galo/Volusiano. Olhando agora para as denominações perdidas nos sítios arqueológicos, nota-se que a renovação da massa monetária até Treboniano Galo faz-se sobretudo à custa do bronze, particularmente do sestércio, que continua a dar mostras de alguma vitalidade até pelo menos 251-253 (cf. *infra* Gráfico 56). Os tesouros de Cabrera III e de Guelma (TURCAN 1963) mostram que, no principado de Valeriano, os grandes bronzes continuam a ter uma importância significativa nos circuitos monetários peninsulares e norte-africanos, ao mesmo tempo que atestam a renovação dos *stocks* atrás referida (cf. *infra* Gráfico 57). Esta imagem, comum às províncias situadas na parte mais ocidental do Império e a algumas regiões italianas, difere bastante da que nos é fornecida pelas áreas britânica e gaulesa (à

---

	Mil	Vim	Ant	2Or	Leucas	Ind	Tot
Gordiano III					1		1
Trajano Décio			1				1
Valeriano	2	1	1	3		2	9

**Quadro 95 - Moedas do Período II batidas fora de Roma**

excepção da Narbonense), nas quais o aprovisionamento de moeda de bronze posterior a 192 foi reduzido (CALLU 1969 116-120; BOST *et alii* 1992a 113).

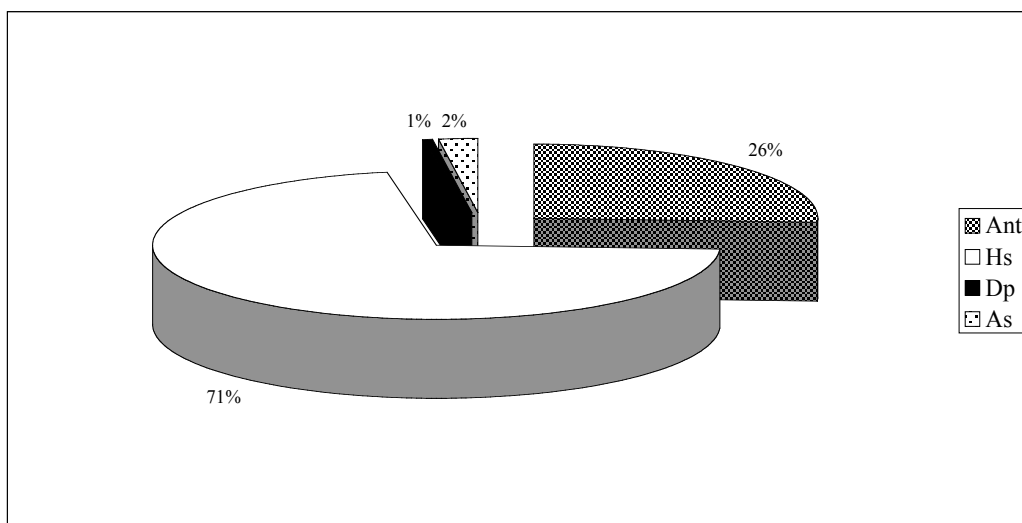
Os submúltiplos do sestércio são escassos, estando circunscritos a dois asses em nome de Gordiano III<sup>169</sup> e a um asse e um dupôndio para Filipe I - ao todo menos de três por cento do numerário recenseado para o Período II<sup>170</sup>. As elevadas quantidades de metal exigidas para a cunhagem destas denominações, o aumento dos custos de produção e uma inflação que lhe reduziu o poder aquisitivo são alguns dos motivos para o abandono progressivo da emissão destas espécies a partir de meados da centúria.

Ao invés do que constatámos para o período anterior, os sítios lusitanos estudados não forneceram qualquer denário dos anos 238-260, o que não surpreende, uma vez que, a partir de 240, esta moeda só é cunhada de forma marginal (CALLU 1969 257; WASSINK 1991 482), sendo substituída pelo antoniniano, que se admite ter sido retarifado para um denário e meio (BLAND 1996 76-79). Na opinião deste autor, a nova *ratio*, introduzida por Gordiano III, ajustava finalmente o valor real das duas espécies com o intuito de conseguir a aceitação pública da moeda radiada.

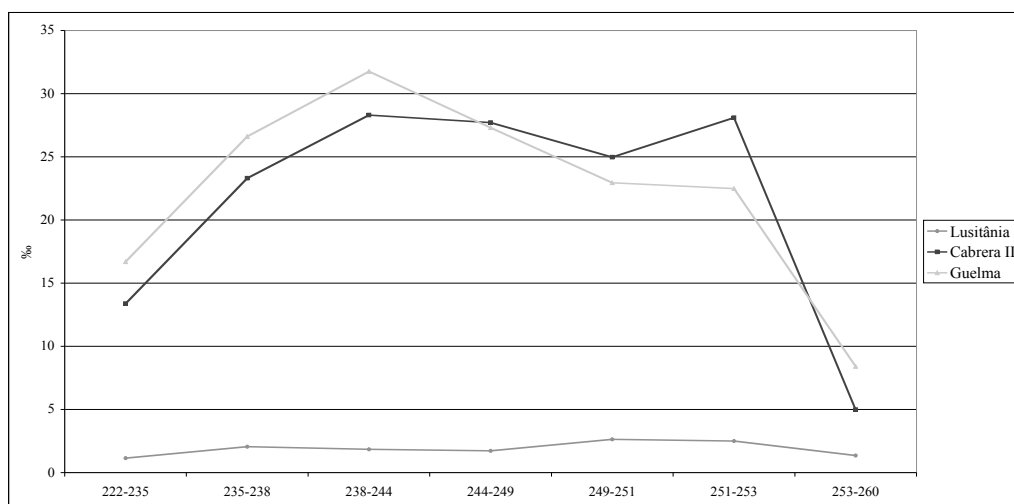
---

<sup>169</sup> Foi contabilizado como asse o bronze de Gordiano III de *Balanea Leucas* (Síria), achado em Torre de Ares (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 11, nº 5). A presença desta moeda na *civitas* balsense explica-se, muito provavelmente, pelo comércio marítimo. A presença na Lusitânia de espécimes cunhados pelas cidades orientais está igualmente documentada em Tróia, pois que, nas escavações aí promovidas em 1850 pela Sociedade Archeologica Lusitana, se descobriu um *medalhão* de bronze de Gordiano III, emitido pela cidade grega da Focea (HIPÓLITO 1996 281-282, n. 21).

<sup>170</sup> O inquérito levado a cabo junto das colecções museológicas permitiu identificar três submúltipos, num total de 115 numismas deste período: um asse em nome de Gordiano III no Museu de Évora, um asse (?) de Filipe I no Museu de Badajoz (RIC 169b) e um raro asse de Salonina no Museu de Arte Romano (RIC 55).



**Gráfico 56 - Denominações presentes nos achados isolados lusitanos durante o Período II (%)**

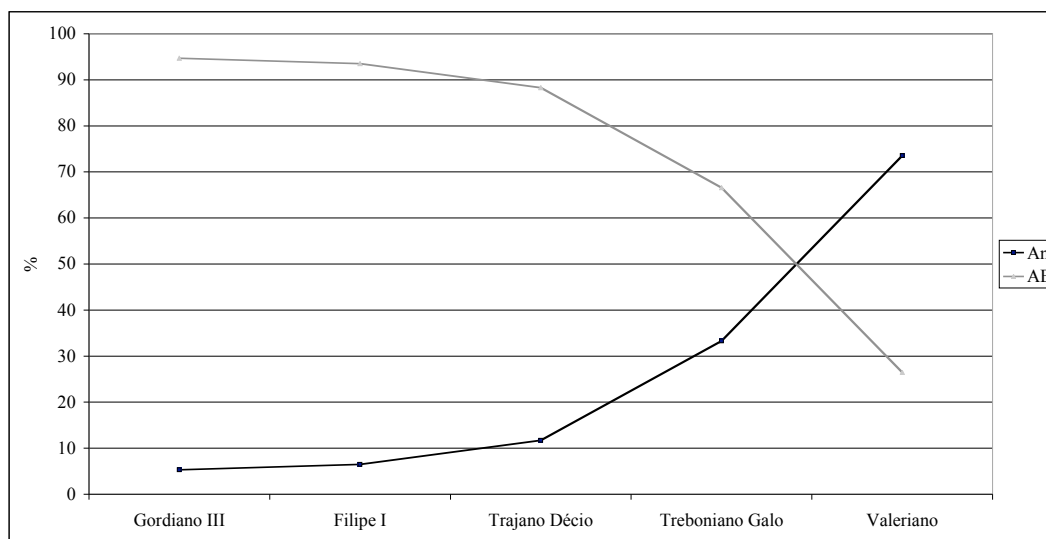


**Gráfico 57 - Comparação das pernilagens da Lusitânia com as dos tesouros de Cabrera III e Guelma (222-260)<sup>171</sup>**

Os achados isolados revelam ainda que, entre Gordiano III e Valeriano I, o número de antoninianos perdidos, apesar de reduzido, vai crescendo de forma paulatina, reflectindo o aumento do volume das cunhagens, a intensificação da velocidade de circulação das moedas e, porque não, o continuado deslizamento do seu valor intrínseco, que tende, como é natural, a fazer aumentar o número de moedas não recuperadas. No caso concreto da moeda radiada dos anos 253-260, tudo leva a crer que a sua perda não

<sup>171</sup> A fim de facilitar a leitura e a comparação dos dados, optou-se por recorrer ao método das pernilagens.

deverá ter ocorrido fora deste período, uma vez que já está praticamente ausente dos depósitos posteriores a 268-270. Até porque, a partir de Galieno, os efeitos da *Lei de Gresham* tornariam quase impossível a circulação de radiados com teores de fino entre os 25 e os 40‰ pelo menos em regime de paridade com os exemplares batidos a partir de 266. A fraca presença dos *antoniniani* anteriores a 251 nos achados isolados lusitanos deixa antever uma débil circulação enquanto espécie corrente, comprometida pela rápida imobilização a que os aforradores a sujeitaram. A partir daqui, a quebra na produção da moeda de bronze e a emissão de um cada vez maior volume de *antoniniani* cada vez mais depreciados provoca a intensificação das perdas dos exemplares de bilhão. No Gráfico 58 pode observar-se a relação percentual entre moedas de bronze e moedas de bilhão perdidas para cada Imperador ao longo dos anos 238-260, ficando bem clara que a relação entre ambas tende a ser inversamente proporcional.



**Gráfico 58 - Perdas de moedas de bronze e *antoniniani* ao longo do Período II**

### 2.3. O Período III

Com 3159 moedas inventariadas, o Período III é o que mais numerário do século III forneceu nos sítios lusitanos, situação que, de resto, é comum à generalidade dos sítios ocidentais com ocupação desta época (cf. *supra* Quadro 92 e Gráfico 53 e, a título de exemplo para várias regiões do Império, REECE 1973 227-251 e REECE 1991). A análise dos dados coloca em evidência a subida assombrosa das permilagens: no caso lusitano

passamos de 1,8‰ no Período II para 62,59‰ no Período III. Este extraordinário crescimento do número de moedas perdidas pode ser associado a vários factores, entre os quais destacamos o aumento exponencial das quantidades de antonianianos cunhadas. As necessidades financeiras levaram o Estado Romano a emitir moeda radiada numa escala sem precedentes. Em 266 o número de oficinas da casa da moeda de Roma passou de seis para nove e depois para doze; o teor de prata do antoniniano recuou de forma dramática para pouco mais de um por cento; a própria qualidade do fabrico foi seriamente afectada. No mesmo período, a derrota e captura de Valeriano pelos Sassânidas provocou a defecção de Póstumo e a emergência do Império das Gálias, responsável, durante cerca de uma década, pela emissão de enormes quantidades de moeda radiada de baixo teor de fino que inundaram os circuitos gauleses e britânicos. Esta amoedação tocou marginalmente a Hispânia: na Lusitânia 7,38% das moedas do período III são de proveniência gaulesa. Acresce ainda a emergência das amoedações irregulares, realizadas à revelia das autoridades e copiando tipos dos usurpadores gauleses, de Galieno, de Cláudio II e, em particular, da série *Divo Claudio*. Estas moedas foram produzidas de forma massiva e circularam a par das moedas oficiais nas províncias ocidentais: no caso lusitano, quatro em cada dez moedas do Período III, recolhidas nos achados isolados, pertencem à série póstuma em honra do Gótico.

Como já tivemos oportunidade de referir, tudo indica que a moeda radiada dos anos 260-274 continuou a circular de forma intensa na Lusitânia para lá da Segunda Reforma (294) e, apesar de os volumes irem diminuindo com o passar do tempo, nunca desapareceu por completo dos circuitos. Entre os poucos contextos estratigráficos utilizáveis, escolhemos alguns exemplos comprovativos da circulação e perda destes espécimes durante um larguíssimo espaço de tempo, que chega a ultrapassar em muito a duração do Período III:

a) em *Conimbriga*, o horizonte XXXV, associado à reparação do chão da esplanada das termas no século IV, forneceu duas moedas de Galieno, dois *Divo Claudio* e uma moeda de Caro, para além de diversos exemplares que vão até à época valentiniana (ALARCÃO e ÉTIENNE 1979 234);

b) em São Cucufate, nos aterros para a construção da galeria 2 da *villa*, recolheram-se radiados de Galieno e da série *Divo Claudio*, bem como um AE2 de Constâncio II (BOST e PEREIRA 1990 218);

c) nos trabalhos realizados na Ilha do Pessegueiro, ao largo de Sines, o estrato 2 do corte F forneceu um *Divo Claudio* associado a sigilata clara D e ânforas Almagro 50 e 51c, o que sugere uma cronologia de finais do século III-século IV (SILVA e SOARES 1993 61);

d) numa das sondagens efectudas em Alcaria das Choças, concelho de Castro Marim (Sondagem 4, u.e. 3), foram descobertas três moedas do século III (um sestércio de Gordiano III e antoninianos de Galieno e Cláudio II) acompanhadas de sigilata clara A e C, entre a qual predomina a forma Hayes 50, genericamente datada de c.230/40-400 (BERNARDES 2005 128).

Um outro aspecto a ter em conta prende-se com a circunstância de que muitas destas moedas não terão sido efectivamente perdidas, mas sim rejeitadas pelos seus proprietários, fosse porque tivessem sido desmonetizadas - fosse porque deixaram de ser aceites nas trocas ou, simplesmente, porque, em consequência da inflação, deixaram de ter poder aquisitivo (um pouco como aconteceu às moedas de 10 e de 20 centavos no final da década de setenta e inícios da década de oitenta do século passado). Uma parte dessas moedas nunca foi recolhida pelo Estado e foi guardada pelos proprietários como *recordação* ou deitada fora. cremos que só isso permite explicar o número anormalmente elevado de *Divo Claudio* fornecidos pelos achados isolados quando comparados com os tesouros, sobretudo quando se trata de exemplares com módulo e peso nitidamente abaixo da média.

Tendo presentes estas limitações, passemos agora a analisar a composição do numerário do Período III (cf. *infra* Quadro 96). Do ponto de vista quantitativo, perto de 40% das moedas deste período pertencem à série *Divo Claudio*, a esmagadora maioria de fabrico irregular. Seguem-se as amoedações em nome de Galieno com 27,95% e de Cláudio II com 23,87%. A soma das emissões de Quintilo, Aureliano e dos usurpadores gauleses não chega a atingir os 10% das moedas inventariadas. O cálculo das moedas perdidas anualmente dá-nos, todavia, uma perspectiva algo diversa, colocando o enfoque no numerário de Cláudio II, que regista a extraordinária cifra de 376 moedas/ano, seguido

pelo numerário póstumo em sua honra com 306,8 moedas/ano e pelo de Galieno com 110,6 moedas/ano. A pernilagem mais baixa é obtida para Aureliano, com tão-só 4,75 moedas/ano. Como temos vindo a afirmar, estes valores não são fidedignos, não só porque uma parte substancial das moedas foi perdida ou descartada fora do Período III, mas também porque a própria cunhagem de algumas das moedas pode ter ocorrido após 274, como poderá ser o caso de exemplares de fabrico irregular em nome de Galieno, Cláudio II, dos usurpadores gauleses e da série *Divo Claudio*.

	Pr. M	M.I	M.II	Rom	Mil	Sis	Ciz	Ant	2Or	Loc	Ind	Tot	%
Galieno				819	23	18		1	1	12	11	885	110.6
%				25.93	0.73	0.57		0.03	0.03	0.38	0.35	28.02	-
Cláudio II				619	25	31	3			59	15	752	376
%				19.59	0.79	0.98	0.09			1.87	0.47	23.81	-
<i>Divo Claudio</i>				54		3	1			1088	81	1227	306.8
%				1.71		0.09	0.03			34.44	2.56	38.84	-
Quintilo				35	6	2						43	43
%				1.11	0.19	0.06						1.36	-
Aureliano				6	5	7	1					19	4.75
%				0.19	0.16	0.22	0.03					0.60	-
Império Gaulês	7	64	33		2					107	20	233	16.64
%	0.22	2.03	1.04		0.06					3.39	0.64	7.38	-
Total	7	64	33	1533	62	60	5	1	1	1266	127	3159	225.6
%	0.22	2.03	1.04	48.53	1.96	1.90	0.16	0.03	0.03	40.08	4.02	100	-

**Quadro 96 - Moedas do Período III recolhidas em 36 sítios lusitanos**

O Quadro 96 deixa igualmente claro que Roma continua a ser o principal abastecedor de numerário à Lusitânia. Ignorando as moedas irregulares - que representam 40% do material dos anos 260-274 e foram, com toda a certeza, produzidas em diversos locais -, a casa da moeda da capital seria responsável por mais de 85% do numerário contabilizado.

Atendendo a que o número de numismas disponível para este período ultrapassa as três mil, vamos em seguida proceder a uma análise mais detalhada da amoedação de cada imperador.

Começando por Galieno, no Quadro 97 (cf. *infra*) podemos observar a distribuição percentual, por centro emissor, dos 885 antoninianos lavrados em seu nome. Quase 93% das moedas deste governante foram batidas em Roma; Milão e Sísia não chegam a superar os 3%. As emissões de Antioquia e da chamada *Segunda Casa da Moeda do Oriente*, com um exemplar cada, não têm qualquer expressão. As moedas de

fabrico irregular representam pouco mais de um por cento do conjunto. Uma rápida comparação destes dados com os obtidos do tesouro de Porto Carro permitem detectar ténues diferenças: a maior percentagem de moedas milanesas e panónicas do depósito salaciense pode ficar a dever-se à possibilidade de pelo menos uma parte do numerário ter sido exportada directamente da península italiana em vez de subtraída à circulação local.

	Rom	Mil	Sis	Ant	2Or	Loc	Ind	Nº ex.
Lusitânia	92.54	2.6	2.03	0.11	0.11	1.36	1.24	885
Porto Carro	88.21	4.56	3.04	0.38	0.19	3.42	0.19	526

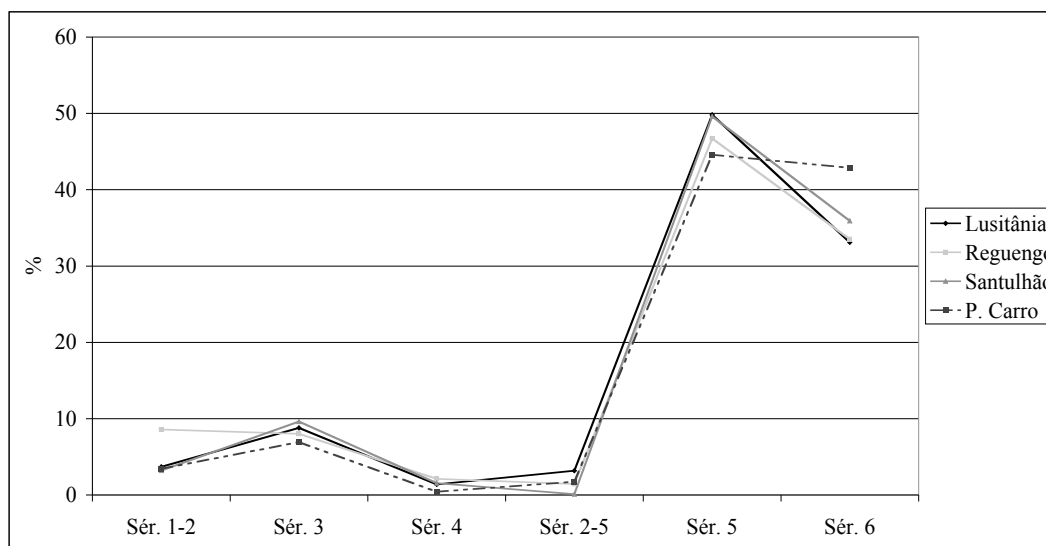
**Quadro 97- Distribuição do numerário de Galieno na Lusitânia e no tesouro de Porto Carro (%)**

Uma rápida análise das 819 moedas emitidas pelo atelier romano mostra que cerca de metade é atribuível à quinta série, situação que de resto é comum também a vários achados peninsulares com abundante numerário de Galieno (cf. Quadro 93). Com uma percentagem a rondar os 33%, a série do *bestiário* é a segunda melhor representada, seguida a grande distância pela terceira série. O aspecto mais interessante desta distribuição consiste no facto de os valores obtidos para a província decaírem quase *a papel químico* os valores fornecidos por vários entesouramentos, como os do Reguengo, Santulhão e Porto Carro (cf. *infra* Gráfico 59), deixando bem claro que os antoninianos perdidos são um espelho fiel não só da moeda circulante como do volume de cada uma das emissões da casa da moeda central entre 260 e 268.

	Sér. 1-2	Sér. 3	Sér. 4	Sér. 2-5	Sér. 5	Sér. 6	Nº ex.
Lusitânia	3.69	8.79	1.4	3.18	49.81	33.12	785
Reguengo	8.59	8.02	2.1	1.43	46.71	33.52	349
Santulhão	3.2	9.61	1.54	0.12	49.6	35.92	1623
Porto Carro	3.46	6.93	0.43	1.73	44.59	42.86	462

**Quadro 98 - Distribuição das séries romanas de Galieno na Lusitânia e em três tesouros hispânicos (%)**





**Gráfico 59 - Distribuição das séries romanas de Galieno na Lusitânia e em três tesouros hispânicos (%)**

O numerário das séries iniciais é relativamente escasso, em especial o das duas primeiras e da quarta. No Quadro 99 procedemos à sua distribuição percentual pelas seis oficinas em laboração entre 260 e 264 mas não pretendemos valorizar os resultados obtidos face ao reduzido potencial das amostragens disponíveis. Limitar-nos-emos, portanto, a fazer uma chamada de atenção para a elevada percentagem de moedas das oficinas P e V na terceira série.

	P	S	T	Q	V	VI	Nº ex.
1ª-2ª séries	25	14.29	21.43	17.86	14.29	7.14	28
3ª série	21.19	13.04	8.7	17.39	24.64	13.04	69
4ª série	9.09	9.09	27.27	27.27	18.18	9.09	11

**Quadro 99 - Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma das séries 1-4 (%)**<sup>172</sup>

As duas últimas séries romanas proporcionaram um número avultado de exemplares, em particular a do *sétimo consulado* (cf. *infra* Quadro 100). Esta série assinala o início da produção massiva de moeda de bilhão altamente desvalorizada (COPE *et alii* 1997 75-77 e 81, Fig. 3). Ao que parece, esta série começou por ser lavrada em nove oficinas, marcadas de A a N, tendo as necessidades do Tesouro levado à abertura de mais três numa fase tardia da emissão (cf. DOLLEY e O'DONOVAN 1962 165-166). Estará

<sup>172</sup> Não foi incluído o antoniniano híbrido com anverso GALLIENVVS AVG (B1) e reverso de Salonino (PRINC IVVENT - *Príncipe* 1c, marca: - P//), proveniente de S. Miguel de Odrinhas (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 20, nº3).

assim justificada a fraca representação do numerário das oficinas X, XI e XII nos achados isolados e nos tesouros (cf. *supra* Quadro 43 e Gráfico 32; CALLU 1969 216), em particular da XII, que, a acreditar na escassez das suas produções, parece ter sido a que laborou durante menos tempo. No caso lusitano, esta oficina contribuiu somente com 1,03% das moedas da quinta série. No pólo oposto encontram-se as quinta e sexta oficinas, duas das mais laboriosas durante esta fase.

A série do *bestiário*, apesar de volumosa, é menos importante que a precedente do ponto de vista quantitativo. A repartição dos seus 246 exemplares pelas doze oficinas coloca em evidência as primeira, quinta, sexta e nona oficinas, respectivamente responsáveis pela emissão dos reversos SOLI CONS AVG (*Cavalo alado* 2), DIANAE CONS AVG (*Corça* 1/2), IOVI CONS AVG (*Cabra* 1/2) e NEPTVNO CONS AVG (*Hipocampo* 1). Entre as oficinas com pior representação, encontramos as  $\Gamma$ ,  $\Delta$  e XII. Esta distribuição das oficinas nas moedas de Galieno provenientes dos achados isolados lusitanos apresenta algumas divergências relativamente à distribuição verificada em diversos tesouros (cf. *supra* Quadro 44 e Gráfico 33), situação que consideramos normal.

	A	B	$\Gamma$	$\Delta$	E	$\zeta$	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
5ª série	8.27	12.66	11.89	5.86	14.21	14.73	6.98	6.46	8.53	5.94	3.62	1.03	387
6ª série	15.04	7.72	4.07	4.88	9.76	10.57	7.32	7.72	9.35	8.94	8.54	6.1	246

**Quadro 100 - Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma das séries 5-6<sup>173</sup>**

Dos 883 antoninianos de Galieno constantes do nosso inventário, apenas cerca de 6% não foram emitidos pelo atelier romano. Entre as casas da moeda secundárias, salientam-se Milão, com 23 radiados (2,6%), e *Siscia*, com 18 (2,03%). Estão representadas as oito emissões milanesas (cf. *infra* Quadro 101), com destaque para a terceira série, uma das mais volumosas dos anos 260-268 naquela ceca (cf. *supra* Quadro 46).

	1ª sér.	2ª sér.	3ª sér.	4ª sér.	5ª sér.	6ª sér.	7ª sér.	8ª sér.	Ind.	Tot
Nº ex.	2	1	7	2	4	1	2	1	3	23

**Quadro 101 - Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno na Lusitânia**

<sup>173</sup> Para a quinta série não foram contabilizados quatro antoninianos, que, pelo seu estado de conservação, não puderam ser atribuídos a qualquer uma das doze oficinas. No caso da sexta série, o número de moedas excluídas pelas mesmas razões ascende a catorze.

Quanto ao numerário da casa da moeda panónica, a sua repartição pelas respectivas séries mostra-se relativamente equilibrada, à excepção talvez da quinta série, que, a par com a terceira, costumam encontrar-se entre as mais abundantes do principado de Galieno neste centro emissor (cf. BLAND e BURNETT 1988 125, Tab. 9; ESTIOT 1998a 194, Tab. 11).

	1 <sup>a</sup> -2 <sup>a</sup> sér.	3 <sup>a</sup> sér.	4 <sup>a</sup> sér.	5 <sup>a</sup> sér.	Ind.	Tot
Nº ex.	4	3	4	6	1	18

**Quadro 102 - Distribuição, por séries, do numerário de *Siscia* de Galieno na Lusitânia**

Uma nota final para o facto de pelo menos doze dos exemplares recenseados para Galieno serem de fabrico irregular (1,36%). Todas as moedas reproduzem protótipos de Roma, avultando os das quinta e sexta séries, o que se enquadra perfeitamente nos padrões conhecidos (cf., a título de exemplo, BESLY e BLAND 1983 157-158; BLAND e BURNETT 1988 201-202). Já afirmámos noutro lugar que a cronologia de boa parte desta amoedação é seguramente posterior à dos tipos que lhe serviram de modelo. Alguns exemplares confirmam isso mesmo, como sucede com o exemplar de Torre de Palma com titulatura GALLIENVS AVG, acompanhando um busto couraçado de Cláudio e reverso GENIVS EXERCI (*Genius* 1a), também de Cláudio (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 6, nº 78).

Passemos, agora, ao numerário de Cláudio II, composto por 754 radiados, a maior parte dos quais saídos da casa da moeda central (cf. *infra* Quadro 103). Relativamente ao principado de Galieno detecta-se, de imediato, o aumento substancial das percentagens de moedas perdidas de Milão e Sísia, embora sempre para valores abaixo dos 5%. De Cízico, que entrou em funcionamento em 269, não se recensearam mais do que três magros exemplares (0,4%). Um grupo que sobressai pelo seu peso quantitativo é o das imitações, aqui responsáveis por cerca de 8% das moedas arroladas. Uma rápida comparação com o numerário do mesmo imperador do tesouro de Porto Carro mostra um perfil algo semelhante, apesar da menor percentagem de moedas de Roma. No entanto, é necessário considerar, por um lado, a elevada probabilidade de a maior fatia dos cerca de 2% das moedas lusitanas inatribuíveis ter sido lavrada na *Moeda*

*Romana* e, em simultâneo, que a selecção prévia das moedas de Porto Carro tenha originado a redução do número de peças irregulares no depósito, fazendo aumentar as percentagens de exemplares romanos.

	Rom	Mil	Sis	Cíz	Loc	Ind	Nº ex.
Lusitânia	82.1	3.32	4.11	0.4	8.09	1.99	754
Porto Carro	91.28	1.83	3.21	0.23	3.44	-	436

**Quadro 103- Distribuição do numerário de Cláudio II na Lusitânia e no tesouro de Porto Carro (%)**

Infelizmente, o mau estado de conservação de metade das moedas de Roma afectou de forma substancial a classificação e atribuição de cada moeda à respectiva emissão, provocando distorções na sua distribuição, dificultando, por conseguinte, a nossa análise. Ao todo estamos a falar de 308 numismas: 240 que a impossibilidade de distinguir entre as titulaturas IMP C CLAVDIVS AVG e IMP CLAVDIVS AVG remeteu para as II-III emissões e 68 indeterminadas (cf. Quadro 104). Essas distorções são facilmente avaliáveis, se cotejarmos as percentagens obtidas para cada emissão romana de Cláudio com as do depósito de Porto Carro, em particular da *fase b*) da segunda emissão e da terceira, privadas de uma parte substancial do numerário que lhes caberia por direito.

	Em. I	Em. IIa	Em. IIb	Em. II-III	Em. III	Em. IV	Ind	Nº ex.
Lusitânia	0.16	7.75	23.42	38.77	8.72	10.18	10.99	619
Porto Carro	0.25	12.31	43.47	15.08	18.84	9.55	0.5	398

**Quadro 104 - Distribuição das emissões de Roma de Galieno na Lusitânia e em Porto Carro (%)**

A primeira emissão está atestada unicamente pela moeda de Mértola (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 10, nº 11), a que já aludimos durante a abordagem ao tesouro de Porto Carro. Conforme referimos na altura, a segunda emissão encontra-se repartida pelas *fase (a)* - caracterizada pela presença de reversos não marcados, sem associação a qualquer oficina - e *fase (b)* - cujos reversos com ou sem marca se encontram adscritos a doze oficinas. Dos nove reversos tradicionalmente associados à *fase (a)*, apenas cinco foram detectados entre as 48 moedas isoladas inventariadas nos sítios lusitanos, sendo o reverso SALVS AVG aquele que mais moedas contabiliza (39,58%), seguido dos reversos

LIBERALITAS AVG (22,92%), IOVI STATORI (18,75%), PM TR P II COS PP (10,41%) e SPES PVBLICA (8,33%). Embora não propriamente por esta ordem, estes foram, de longe, os reversos mais utilizados na fase inicial da segunda emissão (cf. *supra* Quadro 50).

Pelo menos 130 antoninianos documentam a *fase (b)* desta emissão, na qual sobressaem em termos quantitativos as cunhagens das oficinas E (VIRTVS AVG), A (VICTORIA AVG) e XI (FIDES EXERCI), com percentagens entre os 10,77 e os 13,85% (cf. Quadro 105). No outro extremo, assinalamos a fraquíssima representação do tipo LIBERT AVG da oficina X, com apenas 1,54%. Trata-se de uma situação comum tanto em achados isolados como em entesouramentos (cf. *supra* Quadro 51 e Gráfico 36), residindo a explicação no facto de a sua introdução só ter ocorrido numa fase tardia da emissão, depois de terminada a cunhagem de pelo menos um dos tipos da *fase (a)*, como se discutiu noutro lugar.

	A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
Em. IIb	11.54	6.92	6.92	10	13.85	6.92	10	4.62	8.46	1.54	10.77	8.46	130
Em. II-III	8.94	5.53	8.94	6.38	10.21	11.06	3.83	6.38	10.64	13.19	6.81	8.09	235
Em. III	-	7.55	3.77	9.43	13.21	16.98	3.77	9.43	7.55	13.21	5.66	9.43	53
Em. IV	15.87	14.29	4.76	6.35	4.76	14.29	4.76	1.59	4.76	9.52	14.29	4.76	63

**Quadro 105 - Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma de Cláudio II em**

**achados isolados da Lusitânia (Emissões IIb-IV)<sup>174</sup>**

O número de moedas associadas às duas últimas emissões é reduzido. Para a debilidade da terceira emissão já explicámos os motivos; no caso da quarta, o súbito falecimento do Imperador foi o responsável pelo termo prematuro da cunhagem. Ainda assim, nota-se alguma prevalência das oficinas ς, E e X na terceira emissão, e A, B, ς e XI na última, sensivelmente em linha com os dados proporcionados por numerosos depósitos (cf. Quadros 52-53 e Gráficos 37-38).

Nos sítios lusitanos recolheram-se vinte e cinco moedas de Milão em nome do Gótico: cinco para a primeira emissão (20%), dezoito para a segunda (72%) e duas para a

<sup>174</sup> O mau estado dos reversos impossibilitou a atribuição de vinte moedas a quaisquer oficinas: quinze exemplares da fase (b) da segunda emissão e cinco das segunda/terceira emissões. Não foi ainda contabilizado um exemplar da terceira emissão com reverso P M TRP II COS P P (*Imperador 5*), uma vez que se desconhece qual a oficina responsável pela sua emissão.

terceira (8%). As moedas da segunda emissão distribuem-se pelas três oficinas em laboração na casa da moeda italiana da seguinte forma: sete VIRTVS AVG (P), seis FIDES MILIT (S) e cinco PAX AVG (T). De salientar o achado, entre o material das escavações antigas de Conimbriga, de dois raros exemplares atribuídos à última emissão: PAX AVG (P) e FORTVNAE RED (S).

Para *Siscia*, a cifra eleva-se a trinta e um antoninianos. Aquando da análise dos depósitos, foi comentado que, na Lusitânia, o número de moedas de Siscia em nome de Cláudio é, por norma, superior ao de Milão, tendo-se sugerido que a explicação se encontraria nos circuitos de abastecimento, considerando que Milão exportaria as suas moedas para as províncias transalpinas e que as emissões panónicas atingiriam a Hispânia via Itália.

No Quadro 106 está desenhada a repartição dos 31 exemplares daquele centro emissor pelas quatro emissões dos anos 268-270, sobressaindo desde logo a terceira, cujas *fases (a) e (b)* totalizam doze numismas. De resto, tesouros como Normanby ou La Venèra confirmam aquela emissão como a mais volumosa da *Moeda panónica* no principado do Gótico (cf. ESTIOT 1998a 194, Tab. 11).

Ia	Em. Ib	Em. IIa	Em. IIb	Em. IIIa	Em. IIIb	Em. IV	Ind	Total
1	1	6	-	5	7	7	4	31

**Quadro 106 - Distribuição, por oficinas, do numerário de Siscia de Cláudio II em achados isolados da Lusitânia**

Uma percentagem significativa do numerário inventariado para Cláudio II é constituída por exemplares de cunhagem fraudulenta. Ao todo são 59 moedas, 20 das quais completa ou parcialmente ilegíveis. As que permitiram a identificação, pelo menos do tipo do reverso, foram incluídas na listagem que apresentamos mais abaixo. Tal como havíamos visto para Galieno, estas moedas copiam, por norma, os tipos de Roma, com particular destaque para os tipos das segunda e terceira emissões: só as cópias dos tipos VIRTVS AVG, AEQVITAS AVG e LIBERTAS AVG totalizam quase um terço das

imitações identificadas<sup>175</sup>. Existem, todavia, alguns exemplares ostentando reversos alheios às cunhagens claudianas, como ocorre com o reverso ORIENS AVG (*Sol* 3) da quinta série de Roma de Galieno, com o reverso PAX AVG (*Pax* 1b) de Tétrico I, ou com o reverso LAETITIA FVND (*Laetitia* 1), adoptado por Tácito. Dentro deste pequeno grupo, a moeda mais interessante será, quanto a nós, o exemplar da Quinta de S. João (Arrentela, Seixal), com anverso IMP C CLAVDIVS AVG (B1) e reverso IOVI FVLGERAT (*Jupiter* 5).



Foto 26

Embora a moeda seja descrita por P. H. Webb (RIC 51) a partir da obra de Henri Cohen, trata-se, seguramente, de uma falsificação, quiçá saída do mesmo cunho do exemplar seixalense. Como se pode verificar pela observação da Foto 26, o busto de anverso parece inspirado em bustos de Aureliano e o reverso tanto pode ter ir buscar o tipo às séries IOVI VLTORI (RIC 221)/IOVI PROPVGNAT (RIC 214) de Galieno, como à série IOVI FVLGERATORI batida para Diocleciano (RIC 168) e Maximiano (RIC 510a). Pessoalmente inclinamo-nos mais para esta última possibilidade, em favor da qual pontificam o estilo tardio do retrato imperial e o paralelismo com a legenda de reverso adoptada pelos diarcas.

<sup>175</sup> Por qualquer razão (facilidade de execução?), este trio encabeça com frequência as preferências dos falsários: no tesouro de Normanby perto de 40% das moedas irregulares, que reproduzem os tipos do atelier romano, são cópias destes tipos (BLAND e BURNETT 1988 202-204).

<b>Emissão</b>	<b>Protótipo</b>	<b>Nº ex.</b>
R/ de Galieno (5ª sér.)	ORIENS AVG ( <i>Sol</i> 3)	1
Emissão II (a)	PAX AVG ( <i>Pax</i> 1)	3
	SALVS AVG ( <i>Salus</i> 1)	2
Emissão II	GENIVS AVG ( <i>Genius</i> 2a)	1
Emissão II-III	VICTORIA AVG ( <i>Victoria</i> 1)	1
	FELICITAS AVG ( <i>Felicitas</i> 1)	1
	GENIVS AVG ( <i>Genius</i> 2a)	1
	ANNONA AVG ( <i>Annona</i> 1a)	1
	ANNONA AVG ( <i>Aequitas</i> 1)	1
	VIRTUS AVG ( <i>Virtus</i> 4b)	3
	AEQVITAS AVG ( <i>Aequitas</i> 1)	5
	GENIVS EXERCI ( <i>Genius</i> 1a)	1
	LIBERT AVG ( <i>Libertas</i> 1)	4
	FIDES EXERCI ( <i>Fides</i> 2a/b)	1
	PROVID[ENT] AVG ( <i>Providentia</i> 3)	2
	P M TRP II COS PP ( <i>Imperador</i> 5)	1
Emissão IV	VICTORIA AVG ( <i>Victoria</i> 8)	1
	PROVIDENT AVG ( <i>Providentia</i> 2b)	1
	APOLLINI CONS ( <i>Apollo</i> 2)	1
ou R/ de Galieno (5ª sér) ?	FORTVNA REDVX ( <i>Fortuna</i> 2)	3
R/ de Tétrico I ?	PAX AVG ( <i>Pax</i> 1b)	1
R/ de Tácito ?	LAETITIA FVND ( <i>Laetitia</i> 1)	1
Emissão indeterminada	IOVI FVLGERAT ( <i>Jupiter</i> 5)	1
	PROVIDENT AVG ( <i>Providentia</i> 1)	1
<b>Total</b>		39

Analisando o conjunto das moedas irregulares, constata-se que, salvo uma ou outra excepção, as legendas são correctamente grafadas e os tipos perfeitamente identificáveis, embora a qualidade do trabalho de gravura deixe, com alguma frequência, muito a desejar.

O conjunto mais numeroso do Período III é constituído pelas 1227 moedas da série *Divo Claudio* (cf. *infra* Quadro 107). Os exemplares atribuídos aos centros emissores oficiais não chegam a atingir os 5% do total, sendo os restantes exemplares resultado de cunhagens clandestinas. Dos 58 exemplares de fabrico regular procedentes dos achados isolados, 54 foram batidos em Roma, ocupando as emissões de *Siscia* (três exemplares) e *Cízico* (um exemplar) um papel absolutamente marginal. No que respeita às moedas de fabrico irregular, começamos por recordar que os critérios para a sua identificação e distribuição pelos Grupos 1, 2 e 3 foram clarificados durante a análise efectuada aos tesouros de Sampão e Porto Carro, pelo que não iremos repeti-los. É também importante notar que, entre o material listado, se encontra uma significativa percentagem de moedas em mau estado de conservação, moedas mal limpas ou por limpar, moedas que por esta ou aquela razão não puderam ser directamente observadas, ou tendo-o sido, não o foram nas melhores condições, pelo que acabaram por ser



colocadas em grupos intermédios (Grupo 1-2, Grupo 2-3) ou no rol das indeterminadas. Ao todo são 338 numismas (27,55% do total), o que não deixa de ser uma quantia apreciável.

	Águia 1	Águia 2	Águia 1/2	Altar 1a	Altar 1b	Altar 1/ab	Híbridos	Indet.	Total	%
Roma	1	12		26	2	2	11		54	4.4
Siscia				3					3	0.24
Cizico						1			1	0.08
Grupo 1	9	47	1	68	39	5			169	13.77
Grupo 1-2	3	18	2	12	7	8		2	52	4.24
Grupo 2	4	183	3	144	78	21		3	436	35.35
Grupo 2-3	3	55	11	46	30	24		10	179	14.59
Grupo 3	3	93	1	66	43	16		4	226	18.29
Indeterm.	2	19	7	13	6	27	26	7	107	8.72
Total	25	427	25	378	205	104	37	26	1227	
%	2.04	34.8	2.04	30.81	16.71	8.48	3.02	2.12		100

**Quadro 107 - Distribuição dos *Divo Claudio* dos achados isolados lusitanos**

Entre as moedas de fabrico considerado irregular, o primeiro lugar em termos quantitativos é ocupado pelos 436 exemplares do Grupo 2 (35,35%). São, como já vimos, peças que, mau grado a tentativa de reproduzir sem grandes falhas as moedas oficiais, se afastam claramente dos parâmetros definidos para a produção das casas da moeda imperiais. Em segundo lugar, temos o Grupo 3 com 226 radiados (18,29%). Integram-no com frequência moedas com evidentes defeitos de cunhagem, desde legendas incorrectas ou incompreensíveis a tipos toscamente representados, para não falar em módulos e pesos bastante abaixo do normal. São aquelas moedas que reúnem todas as condições para serem perdidas com facilidade e, por que não dizê-lo, para serem descartadas pelo público.

O último lugar é ocupado pelo numerário do Grupo 1, no seio do qual se incluíram os exemplares de melhor qualidade estilística. Entre as 169 moedas deste grupo, encontrar-se-ão com alguma probabilidade peças de cunhagem oficial, já que a por vezes sofrível qualidade do numerário de algumas emissões oficiais torna pouco linear a distinção entre um e outro tipo de cunhagem.

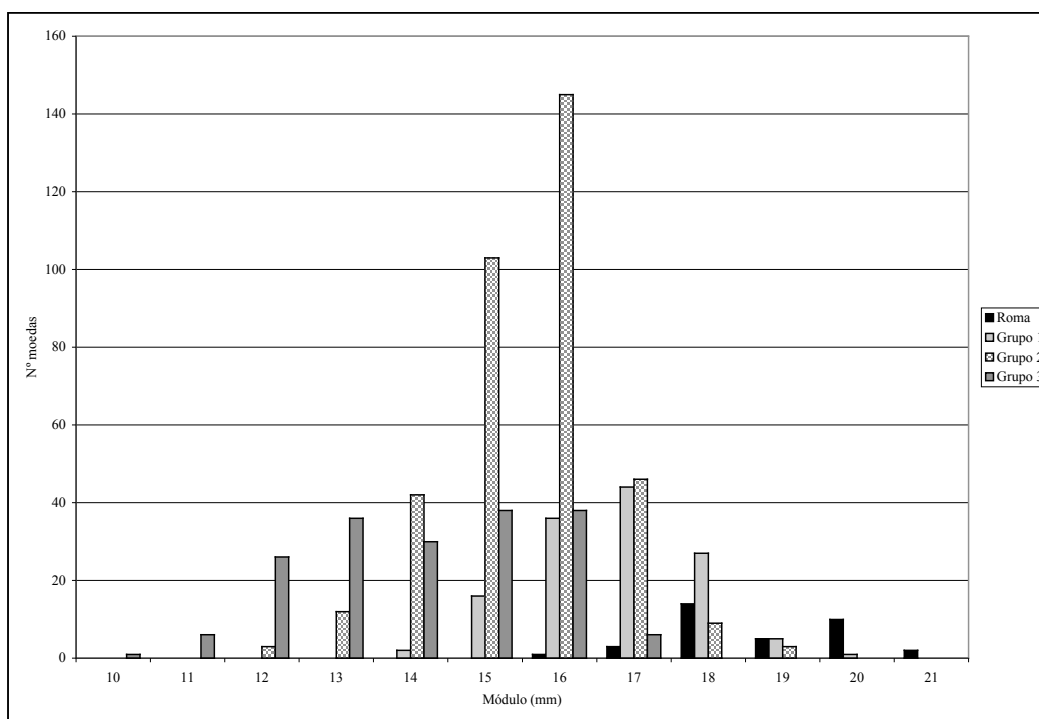
No Quadro 108 (cf. *infra*) podemos comparar os pesos-médios para os *Divo Claudio* oficiais de Roma e *Siscia* e para as moedas irregulares dos Grupos 1-3<sup>176</sup>. Os

<sup>176</sup> Os pesos-médios indicados foram obtidos com base em apenas 827 dos 1227 *Divo Claudio* inventariados. A pesagem de 400 exemplares não foi possível pela ausência de equipamento de pesagem nuns casos, noutros porque não

números deixam bem claro que o peso-médio dos exemplares oficiais é superior ao das imitações, entre as quais o peso vai deslizando de forma acentuada do Grupo 1 para o Grupo 3. O peso-médio dos exemplares do Grupo 3 é inferior em um grama ao dos exemplares atribuídos à casa da moeda da capital e em cerca de sete décimas ao do Grupo 1. Estes dados articulam-se perfeitamente com os fornecidos pelo Gráfico 60, mostrando como a queda dos pesos-médios está associada à redução dos módulos. Enquanto o diâmetro dos *Divo Claudio* oficiais varia geralmente entre os 18 e os 20 milímetros, o das imitações do Grupo 3, por exemplo, situa-se bastante abaixo, oscilando entre os 12 e os 16 milímetros.

	Roma	Siscia	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Peso-médio	2.25	2.93	1.9	1.58	1.25
Nº moedas	36	3	142	377	169

**Quadro 108 - Peso-médio dos *Divo Claudio* dos achados isolados lusitanos (g)**



**Gráfico 60 - Comparação dos módulos dos *Divo Claudio* a partir de uma amostra de 710 exemplares (Conimbriga, Torre de Palma e Balsa)**

houve observação directa das moedas, etc. Por outro lado, nem todas as moedas pesadas foram consideradas nos cálculos, nomeadamente no caso de moedas fragmentadas ou que ainda não foram alvo de limpeza.

A série *Divo Claudio* é responsável por cerca um terço das moedas do século III perdidas nos sítios lusitanos objecto do nosso inventário. Tratando-se, embora, de um valor bastante elevado, é com facilidade que se encontram paralelos para ele no Sul da Península ou no Norte de África (BOST *et alii* 1987 75, especialmente a Tab. 38). Apesar de nos inclinarmos a ver maioritariamente os *Divo Claudio* não oficiais como o produto da iniciativa de oportunistas que aproveitaram as condições políticas e económicas da época para fabricar moeda em proveito próprio, temos de nos perguntar se estas moedas não constituíram também uma resposta à estagnação da massa monetária circulante, na sequência do encerramento da *Moeda romana* por Aureliano e da diminuição dos volumes de moeda cunhada após a reforma de 274, moeda essa que, de resto, uma vez injectada na circulação, atraía de imediato a cobiça dos aforradores. A renovação dos *stocks* de moeda circulante, nítida a partir de 294, e a desmonetização e desvalorização de espécies antigas, associadas às reformas tetrárquicas, são factores que por certo contribuíram para o descrédito dos *Divo Claudio* junto dos agentes económicos. Estamos convictos de que, mais tarde ou mais cedo, espécimes de pior qualidade, como aqueles que inserimos nos nossos Grupos 2 e 3, acabaram por ter o destino dos *velhos bilhetes de autocarro*, inflacionando o número de moedas do século III recolhidas nos sítios arqueológicos e introduzindo, aos nossos olhos, uma assinalável distorsão nos padrões das moedas perdidas, quando efectivamente o não foram.

De resto, esta percentagem excessiva de *Divo Claudio* provenientes de achados isolados é, de alguma forma, contrabalançada pelos valores mais modestos fornecidos por grandes depósitos hispânicos do último quartel do século III, como Santulhão ou Porto Carro, nos quais os exemplares póstumos variam entre os 8,85 e os 12,54%, salvaguardando, como é obvio, as devidas diferenças entre cada classe de achado<sup>177</sup>.

Para Quintilo os sítios lusitanos inventariados forneceram 43 radiados, cifra que representa pouco mais de um por cento do numerário contabilizado para o Período III,

---

<sup>177</sup> Em Porto Carro é nítido o cuidado posto pelo aforrador na selecção dos *Divo Claudio*, o que pode ter afectado a quantidade de moedas desta série que acabariam por integrar o depósito. A título de exemplo e considerando que as moedas dos entesouramentos exibem habitualmente um desgaste menos acentuado que os espécimes de circulação corrente, não deixa de ser significativo constatar que o peso-médio dos exemplares do Grupo 3 (2,24g) do tesouro salaciense é idêntico ao das moedas de Roma recolhidas nos sítios lusitanos em estudo (2,25g).

facto que pode ser imputado à sua curta governação (cerca de três meses). Ainda assim, o índice de moedas/ano obtido para o irmão do Gótico supera largamente o do seu sucessor (43 contra 4,75 moedas/ano). Tal como havia sucedido com Galieno e Cláudio, Roma continua a ser o principal centro abastecedor de moeda à Lusitânia (81,4%), seguido por Milão e Síscia (cf. Quadro 109).

	Rom	Mil	Sis	Ciz	Nº ex.
Quintilo	81.4	13.95	4.65	-	43
Aureliano	31.57	26.32	36.84	5.26	19

**Quadro 109 - Distribuição do numerário de Quintilo e Aureliano recolhido na Lusitânia (%)**

A única emissão de Roma para Quintilo prolonga a emissão final em nome do irmão, com apenas uma alteração pontual, que consistiu na substituição do reverso evocativo do segundo consulado de Cláudio (P M TR P II COS PP - *Imperador* 2), da quarta oficina, pelo reverso CONCORDIA AVG (*Concordia* 4). No Quadro 110 pode visualizar-se a repartição por oficinas das moedas da ceca romana lavradas em nome de Quintilo, mas o pequeno número de moedas recenseadas é manifestamente insuficiente para qualquer análise detalhada.

A	B	Γ	Δ	E	ς	Z	H	N	X	XI	XII	Nº ex.
8.82	11.76	8.82	-	11.76	8.82	-	8.82	5.88	11.76	2.94	5.88	34

**Quadro 110 - Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma de Quintilo nos achados isolados lusitanos<sup>178</sup>**

A quantidade de moedas de Aureliano anteriores à reforma de 274 e perdidas nos sítios lusitanos é bastante reduzida, não chegando sequer às duas dezenas. Trata-se, contudo, de uma situação com paralelos noutras regiões e sítios hispânicos: nas escavações de *Baelo Claudia* foi exumada uma única moeda de Aureliano (BOST *et alii* 1987 141, nº 794) e, em *Clunia*, apenas duas (GURT ESPARRAGUERA 1985 318-319, nº 985 e 988)<sup>179</sup>. E os dados recentemente recolhidos para a Tarraconense mediterrânea não

<sup>178</sup> Foi ignorado um exemplar de oficina incerta.

<sup>179</sup> Não se consideraram, como é óbvio, os exemplares deste imperador dos depósitos de *Clunia* I e *Clunia* III e um exemplar *post* 274 de *Ticinum*.

contrariam, de modo algum, esta impressão (LLÉDO CARDONA 2004)<sup>180</sup>. O encerramento da casa da moeda da capital entre 271 e 273 e a redução dos volumes de moeda emitidos e exportados para as províncias ocidentais contribuíram para esta penúria, localmente agravada pelo fenómeno do entesouramento. As percentagens de moeda proveniente de Roma baixam drasticamente em favor de Milão (Ticino após a Reforma) e de Síscia, que passam a desempenhar um papel de importância crescente no aprovisionamento monetário do Ocidente.

O Período III é marcado pela secessão do Império das Gálias, ao qual a Hispânia esteve total ou parcialmente vinculada durante algum tempo. Não obstante, a amoedação dos usurpadores gauleses é pouco abundante nos sítios hispânicos (BOURNE 2001 72-95, esp. Figs. 7.37, 7.65 e 7.86; RIPOLLÈS 2002 208; LLEDÓ CARDONA 2004 520-527) e menos ainda nos tesouros, como vimos na altura em que abordámos as deposições anteriores a 275. No caso dos achados isolados, o nosso inventário facultou-nos 233 radiados de Póstumo aos *Tetrici* - cerca 7% das moedas dos anos 260-274 - quase metade dos quais de fabrico irregular (cf. *infra* Quadro 111).

Póstumo está fracamente representado na Lusitânia, com apenas doze antoninianos contabilizados (5,15%). Embora se possa argumentar que o elevado teor de fino das primeiras séries da *Principal Mint* (Trier?) era um obstáculo à circulação corrente e perda abundante de moedas, a verdade é que as cunhagens em nome de Póstumo são pouco frequentes nos tesouros lusitanos anteriores a 270 (uma moeda no tesouro da Serra do Condão e duas no de Valhascos I), como de resto ocorre na generalidade dos depósitos hispânicos<sup>181</sup>. Esta constatação indicia um baixo nível de aprovisionamento a partir da Gália, não obstante Póstumo ter sido o único dos imperadores gauleses a deter algum controlo efectivo sobre as províncias hispânicas.

<sup>180</sup> Uma rápida passagem pelo trabalho desta investigadora permitiu contabilizar vinte moedas de Aureliano, das quais, pelo menos seis, são posteriores à Reforma. No entanto, a ausência de indicações explícitas torna impossível a distinção entre antoninianos e aurelianos.

<sup>181</sup> Conhecem-se várias ocultações hispânicas com exemplares de Póstumo, mas sempre em pequeníssimas percentagens: as 73 moedas deste Imperador em Jimena de la Frontera I pesam apenas cerca de 0,2% no depósito. A excepção seria talvez o hipotético depósito de Rosas (Girona), em que as sete numismas conhecidas são todas deste governante (GURT 1977 10-13).

Quer-nos parecer que a fraca militarização da Hispânia e o facto de a província não possuir uma importância estratégica vital para o Império dissidente terá implicado a sua exclusão do topo das prioridades, traduzindo-se, na prática, num financiamento limitado.

	Pr. M	M. I	M. II	Mil	Loc	Ind	Tot	%
Póstumo	7			2	1	2	12	5.15
Mário			1				1	0.43
Vitorino		18	16		7	1	42	18.03
Tétrico I		48	14		75	6	143	61.37
Imp. indet.					24	11	35	15.02
Total	7	66	31	2	107	20	233	
%	3	28.33	13.3	0.86	45.92	8.58		100

**Quadro 111 - Distribuição do numerário do Império das Gálias recolhido na Lusitânia (%)**

Sete das doze moedas de Póstumo foram produzidas numa *Casa da Moeda Principal*, que se julga sediada em *Augusta Treverorum*, estando repartidas pelas primeira (2 exemplares), terceira (1 exemplar), quinta (1 exemplar) e sexta séries (3 exemplares). Foram também recolhidos dois radiados da série batida para o usurpador em Milão, no decurso da revolta de Auréolo, ostentando os tipos VIRTVS AEQVIT (*Virtus* 2) e CONCORD EQVIT (*Concordia* 6).

O efémero governo de Mário está assinalado por um único antoniniano, da série VICTORIA AVG (*Victoria* 3b), proveniente de Tróia (cf. Vol. II, *Achados isolados*, 17, nº 47). Mais abundante nos sítios lusitanos é a amoedação de Vitorino, em nome de quem se recuperaram 42 radiados, ainda que 7 sejam de cunhagem irregular. As moedas oficiais repartem-se pelas *Casa da Moeda I* e *Casa da Moeda II*, com predomínio da primeira (cf. Quadro 112). As emissões melhor representadas em cada uma destas casas da moeda, respectivamente as Emissões III e V na *Casa da Moeda I* e as Emissões II e V na *Casa da Moeda II*, correspondem às emissões mais volumosas de Vitorino (BOURNE 2004 79, Fig. 7.56: *Mint I* e 80, Fig. 7.61: *Mint II*), pelo que as moedas perdidas nos sítios lusitanos reflectem com acerto a produção monetária das cecas gaulesas.

	Em. I	Em. II	Em. III	Em. IV	Em. V	Ind.	Total	%
<i>Mint I</i>		1	8	1	7	1	18	60
<i>Mint II</i>		11			4	1	16	40

**Quadro 112 - Distribuição, por emissões, do numerário gaulês de Vitorino em achados isolados da Lusitânia**

O sucessor de Vitorino, Tétrico I, está representado por 143 radiados, correspondentes a 61,37% da amoedação do Império das Gálias presente nos 36 sítios estudados, apesar de mais de metade deste numerário ser de cunhagem clandestina. A *Casa da Moeda I* foi responsável pela emissão de mais de três quartos das moedas regulares recenseadas, distribuídas, na quase totalidade, entre as Emissões IV e V, as mais copiosas sob Tétrico I naquele centro emissor (BOURNE 2004 86, Fig. 7.83). A produção monetária da *Casa da Moeda II* foi largamente inferior, o que se reflecte no baixo número de moedas perdidas, entre as quais predominam as da série PIETAS AVGG/AVGVSTOR batidas para Tétrico II no decurso da Emissão VI (cf. BOURNE 2004 87, Fig. 7.87).

	Em. I	Em. II	Em. III	Em. IV	Em. V	Em. VI	Ind.	Total	%
<i>Mint I</i>			1	20	22	-	5	48	77.42
<i>Mint II</i>				1	1	5	7	14	22.58

**Quadro 113 - Distribuição, por emissões, do numerário gaulês de Tétrico I em achados isolados da Lusitânia**

Prepositadamente deixámos para o final o comentário às imitações do numerário dos imperadores gauleses, que, com 107 exemplares (45,92%), perfazem quase metade das 233 numismas contabilizadas<sup>182</sup>. Como se pode observar na página seguinte (cf. Gráfico 61), a percentagem de moedas irregulares vai aumentando gradualmente, dos 10% em nome de Póstumo até aos 55% em nome dos dois Tétricos, num movimento que acompanha a intensificação da produção de moeda irregular nas Gálias e na Britânia<sup>183</sup>. O início deste fenómeno é bastante precoce, situando-se logo nos primeiros anos do governo de Póstumo: nos tesouros de Stevenage (Hertfordshire) e Guiry-en-Vexin (Val-d'Oise), ambos tendo 263 como *terminus ante quem*, foram detectadas respectivamente 66 e 18 moedas irregulares do usurpador (BLAND 1988 43-73; FOUCRAY e HOLLARD

<sup>182</sup> Nos sítios hispânicos as percentagens de moedas irregulares entre as séries gaulesas são quase sempre elevadas. Em *Clunia*, esse valor ultrapassa os 25% (GURT ESPARRAGUERA 1985 114) e, em *Baelo*, os 50% (BOST *et alii* 1987 70, Tab. 32).

<sup>183</sup> No tesouro de Normanby, por exemplo, o número de moedas irregulares cresce progressivamente entre Póstumo e os *Tetrici* (BLAND e BURNETT 1988 206-210).

1990 19-30). Porém a produção em massa deste numerário só arrancaria em grande escala após a abdicação de Tétrico I (CALLU 1969 306; ESTIOT 1996 54), pelo que a chegada de muitos destes espécimes à Lusitânia e a posterior perda podem ter ocorrido durante o Período IV ou mesmo mais tarde, num contexto de abandono que supomos em tudo idêntico ao proposto para os *Divo Claudio*.

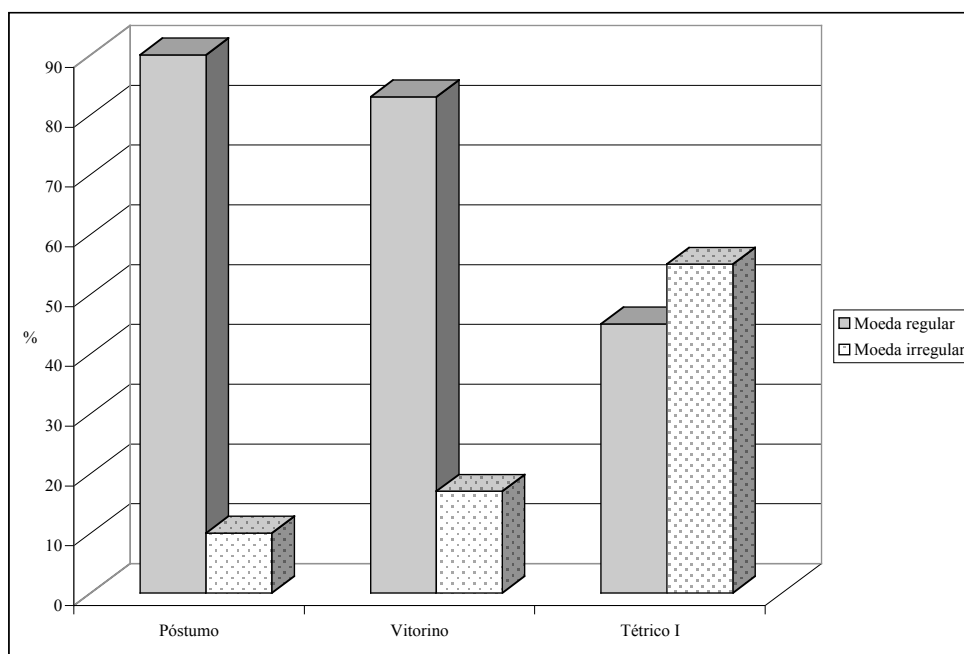


Gráfico 61 - Numerário regular vs numerário irregular do *Império das Gálias* nos sítios lusitanos (%)

O objectivo do fabrico desta amoedação nas Gálias tem sido amplamente discutido, prevalecendo a corrente de opinião que lhe atribui a função de *moeda de necessidade*, destinada a suprir a penúria de moeda circulante, causada pelo entesouramento das boas moedas de bilhão de Póstumo e dos seus predecessores e pela injeção de quantidades insuficientes de numerário por parte dos imperadores gauleses e do Império Central (cf., a título de exemplo, CALLU 1969 302-309 e ESTIOT 1996 54)<sup>184</sup>.

Uma boa parte das imitações gaulesas achadas na Lusitânia corresponde a moedas de módulo e peso ligeiros, por vezes abaixo de um grama, mas os pesos não são

<sup>184</sup> Outros, como Gérard Aubin - embora a propósito das moedas fundidas, que contemplam apenas uma porção insignificante desta amoedação irregular -, consideram-na fruto da actividade fraudulenta de privados (AUBIN 2003 143).



fiáveis, devido ao mau estado de conservação patenteado por muitas das peças. As legendas chegam a ser incompreensíveis, com caracteres invertidos, mal grafados, inexistentes,...; os retratos e os tipos de reverso são amiúde estilizados e simplificados, pobres caricaturas de protótipos incorrectamente apreendidos por gravadores com pouca ou nula formação. Como se comprova pela tabela abaixo apresentada, entre os exemplares que possibilitaram uma identificação mais completa, o destaque vai para os que copiam os protótipos dos dois Tétricos, particularmente os reversos PAX AVG (16 exemplares), SPES AVGG (12 exemplares) e SALVS AVGG (8 exemplares)<sup>185</sup>.

	<b>Protótipo</b>	<b>Nº ex.</b>
Póstumo	MONETA AVG	1
Vitorino	INVICTVS	2
	PAX AVG	1
	SALVS AVG	1
Tétrico I/Tétrico II	HILARITAS AVGG	5
	LAETITIA AVG N/AVGG	2
	PAX AVG	16
	SALVS AVGG	8
	SPES AVGG	12
	VICTORIA AVG	2
	VIRTVS AVG	1
<b>Total</b>		51

Partindo do princípio de que a penetração do numerário gaulês na Lusitânia não é fruto da eventual vinculação da província à nova autoridade instalada em *Colonia Agrippina*, não provindo, portanto, de avultados financiamentos destinadas à administração provincial ou às administrações locais, inclinamo-nos a associar este afluxo de moeda às trocas comerciais entre a Lusitânia, a Gália do Norte e a Britânia.

## 2.4. O Período IV

Os anos 274-294 assinalam a época do *aurelianus*, a moeda de bilhão introduzida por Aureliano com valor teórico e teor de fino estabilizados. Não obstante a abertura de quatro novas casas da moeda, a circulação desta espécie é muito reduzida nas

<sup>185</sup> Estes reversos encontram-se entre os mais imitados nos tesouros gauleses (CALLU 1969 307; LALLEMAND e THIRION 1970 61-67).

províncias ocidentais como confirmam os escassos exemplares perdidos nos sítios (cf. *supra* Quadro 92 e REECE 1973 Tab. IV B). No caso da Hispânia, as pernilagens mais baixas dos anos 215-305 foram obtidas precisamente para o Período IV. Entre os principais responsáveis por esta situação, contam-se a diminuição dos volumes de moeda radiada cunhados a partir de 274 e o interesse que o aureliano despertou nos aforradores, bem evidente em muitas deposições do último quartel do século III (cf. *supra* Quadro 39). Os efeitos perversos da *Lei de Gresham*, segundo a qual a moeda de má qualidade exclui dos circuitos monetários a moeda de boa qualidade, impediram uma efectiva renovação da massa monetária circulante, que continuou a ser essencialmente composta pelos antoninianos desvalorizados dos anos 260-270, pelos *Divo Claudio* e por uma pequena percentagem de numerário dos imperadores gauleses.

No Quadro 114 estão distribuídas as magras 87 numismas do Período IV perdidas nos sítios lusitanos. Probo, com 32 exemplares, e Aureliano (*post* Reforma), com 23, são de longe os imperadores com melhor representação quantitativa, embora o índice das moedas perdidas por ano para Aureliano (11,5 moedas/ano) seja muito superior ao de Probo (5,33 moedas/ano). Os lugares seguintes são ocupados por Caro e família (3,33 moedas/ano), Tácito e Floriano (3 moedas/ano) e, finalmente, pela Diarquia (1,77 moedas/ano).

	Lug	Rom	Tic	Sis	Ser	Ciz	Ant	Ind	Total	M/ano
Aureliano		17	2	3				1	23	11.5
%		19.54	2.3	3.45				1.15	26.43	-
Tácito		1	1			1			3	3
%		1.15	1.15			1.15			3.45	-
Floriano	1	1		1					3	3
%	1.15	1.15		1.15					3.45	-
Probo	1	16	8	2	1	1	1	2	32	5.33
%	1.15	18.39	9.2	2.3	1.15	1.15	1.15	2.3	36.78	-
Caro <i>et sui</i>		5	3				2		10	3.33
%		5.75	3.45				2.3		11.49	-
Diocl. e co-reg.	3	11					1	1	16	1.77
%	3.45	12.64					1.15	1.15	18.39	-
Total	5	51	14	6	1	2	4	4	87	4.35
%	5.75	58.62	16.09	6.9	1.15	2.3	4.6	4.6	100	-

**Quadro 114 - Distribuição do numerário do Período IV recolhido na Lusitânia**

Durante o Período IV o aprovisionamento continuou a fazer-se principalmente a partir de Roma, que forneceu perto de 60% das moedas recolhidas nos 36 sítios lusitanos

investigados, complementado pelos espécimes batidos em *Ticinum* (16,09%), *Siscia* (6,9%), *Lugdunum* (5,75%), Antioquia (4,6%), Cízico (2,3%) e *Serdica* (1,15%). A Lusitânia continua a situar-se, portanto, na órbita dos centros emissores italianos, tal como sucede em algumas das províncias situadas em torno do Mediterrâneo Ocidental (Narbonense, Mauritânia, Tarraconense e Bética).

A maior parte das moedas recuperadas são *aureliani*, mas o denário marca também presença relevante logo no início do Período IV, totalizando dezassete dos vinte e três exemplares dos anos 274-275 (dez exemplares para Aureliano e sete para Severina). As pequenas moedas laureadas são todas oriundas da casa da moeda central, repartindo-se entre as décima (um exemplar), décima primeira (catorze exemplares) e décima segunda emissões (dois exemplares).

## 2.5. O Período V

Neste período pressentem-se os primeiros sinais de renovação da massa monetária circulante ao fim de duas décadas de reformas. O índice de moedas perdidas por mil quase triplica, passando de 1,21‰ no Período IV para 3,48‰, no período seguinte. Porém, tenhamos sempre em conta que a entrada nos circuitos monetários locais de muitos dos 138 espécimes provenientes dos sítios lusitanos e, sobretudo, a respectiva perda será posterior em vários anos à data da cunhagem. Assim sucede, por exemplo, com um *neoantoninianus* de Maximiano recolhido em *Conimbriga* no Horizonte XXXI, associado às transformações do século IV no criptopórtico do *forum* (ALARCÃO e ÉTIENNE 1977 231), ou com uma moeda idêntica da Ínsula IV da Moreria de Mérida, recolhida na u.e. 9387, juntamente com um sestércio de Maximino, um *Divo Claudio* e onze numismas do século IV, o mais recente dos quais um AE2 *Salus Reipublicae* de Élia Flacila (383-392). Na Lusitânia mais de 60% dos sítios arqueológicos analisados forneceram moedas do Período V, localizadas em maior número nos centros urbanos (*Emerita*, *Balsa*, *Mirobriga*, *Conimbriga*) e em algumas das principais *villae* da província (Torre de Palma, São Cucufate, Cerro da Vila). A tendência para o aumento das permissões manifesta-se, igualmente, no litoral da Tarraconense ou em *Baelo Claudia*, onde o volume dos *nummi* e dos *neoantoniniani* batidos a partir de 294 tende a crescer de

forma significativa (cf. *supra* Quadro 92). O mesmo já não sucede, todavia, em *Clunia* e *Tolosa*, mas o número de moedas da amostra é relativamente baixo, pelo que é aconselhável alguma prudência na hora de retirar daí quaisquer ilacções.

As 138 moedas do Período V repartem-se de forma desigual pelos quatro tetrarcas, prevalecendo as emissões em nome dos Augustos - onde se destaca largamente Maximiano, com 31,88% das moedas inventariadas - sobre as dos Césares (cf. Quadro 115). As moedas perdidas na Lusitânia reflectem já a nova geografia dos centros emissores, saída da reforma de 294, com o aparecimento de peças batidas em *Londinium*, *Augusta Treverorum*, *Heraclea Tracia* ou *Carthago*. Roma e a casa da moeda norte-africana são, com 38 numismas cada, as responsáveis por mais de 55% das moedas perdidas nos sítios lusitanos, sendo ainda de realçar o papel desempenhado pelas casas da moeda orientais de Cízico (15,94%) e Alexandria (12,32%) no abastecimento de numerário à província<sup>186</sup>.

	Lon	Lug	Tr	Rom	Tic	Cart	Her	Ciz	Ant	Ale	Ind	Tot
Diocleciano				10	2	12	2	4		1	1	32
%				7.25	1.45	8.7	1.45	2.9		0.72	0.72	23.19
Maximiano		1		12	2	8		11		8	2	44
%		0.72		8.7	1.45	5.8		7.97		5.8	1.45	31.88
Const. Cloro	1	1	2	4	1	11		3		1		24
%	0.72	0.72	1.45	2.9	0.72	7.97		2.17		0.72		17.39
Galério			1	7	1	7		4	1	5	1	27
%			0.72	5.07	0.72	5.07		2.9	0.72	3.62	0.72	19.57
Imper. ind.				5						2	4	11
%				3.62						1.45	2.9	7.97
Total	1	2	3	38	6	38	2	22	1	17	8	138
%	0.72	1.45	2.17	27.54	4.35	27.54	1.45	15.94	0.72	12.32	5.8	100

**Quadro 115 - Distribuição do numerário do Período V recolhido na Lusitânia**

O numerário lusitano dos anos 294-305 é composto pelas duas principais denominações adoptadas para a moeda de bilhão: o *nummus* e o *neoantoninianus*, este maioritariamente presente nos sítios (78,26 contra 21,74% da nova moeda laureada)<sup>187</sup>.

<sup>186</sup> O estudo realizado por Nuria Lledó Cardona para o litoral da Tarraconense, apesar de contar com apenas 28 moedas tetrárquicas, evidencia também o domínio de Cartago (LLEDÓ CARDONA 2004 541-542, Fig. 5 e n. 22). A amoedação desta casa da moeda, em particular do *nummus*, encontra-se bem documentada em várias províncias ocidentais, com destaque para as Gálias e as províncias italianas (ERMATINGER 1990 109-112; ESTIOT 1998a 208, Tab. 17).

<sup>187</sup> Nas colecções museológicas lusitanas mantém-se a supremacia da fracção radiada, mas a disparidade é muito menor: 55,32% para o neoantoniniano (26 exemplares) e 44,68% para o *nummus* (21 exemplares), evidenciando desde logo o critério selectivo subjacente à formação destes acervos. No sítios arqueológicos, tomem-se como exemplos os

Este aparente sucesso do neoantoniniano pode explicar-se por várias razões, umas mais importantes que outras:

a) a possível paridade entre a nova moeda radiada e o aureliano tenderia a facilitar a sua aceitação e circulação (CALLU e YVON 1966 316);

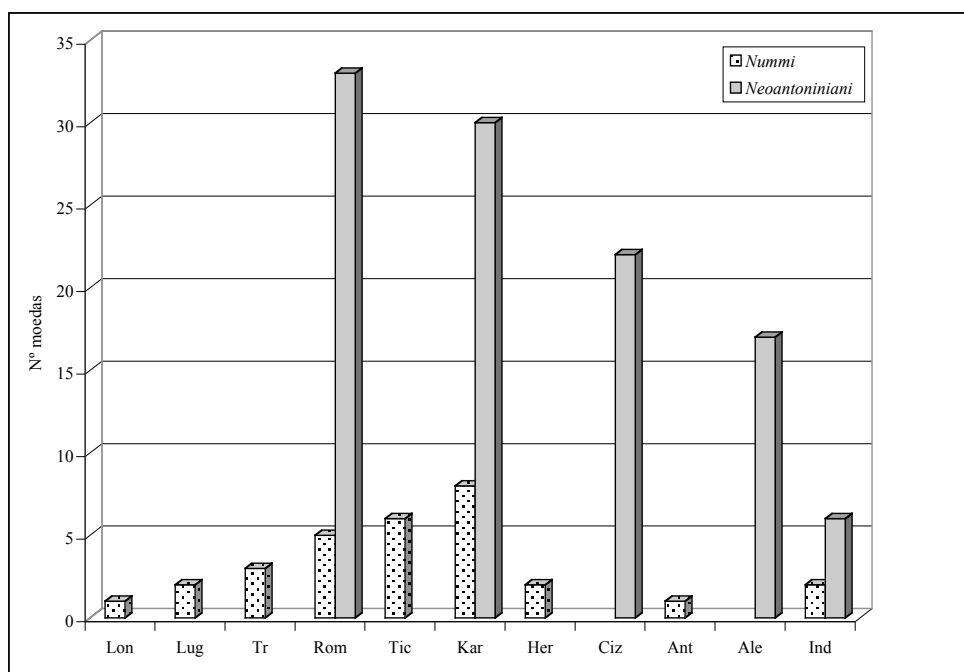
b) a preferência dos aforradores pelo *nummus* subtraiu à circulação grandes quantidades desta moeda e implicou, com frequência, a exclusão dos depósitos das denominações menos valiosas, remetendo-as para os circuitos (CALLU e YVON 1966 316; CALLU 1969 393-394);

c) o elevado módulo e o maior valor da moeda laureada relativamente ao neoantoniniano fariam com que, uma vez perdida uma moeda, a sua recuperação pelo proprietário ou por terceiros fosse mais fácil.

O Gráfico 62 deixa bem claro o domínio avassalador da pequena fracção radiada, composta pelas séries dos *Vota* de Roma e Cartago e pelas *Concordia Militum* dos ateliers orientais. Por seu turno, os *nummi* achados na Lusitânia são na quase totalidade, de cunhagem ocidental, celebrando predominantemente o tipo ecuménico *Genio Populi Romani*.

---

casos de *Baelo*, onde dez das dezasseis moedas do Período V são neoantoninianos (BOST *et alii* 1987 76, Tab. 40), ou das cidades costeiras da Tarraconse, cujos dados actualmente disponíveis mostram um predomínio ainda mais acentuado do divisor radiado (LLEDÓ CARDONA 2004 543, Fig. 7). Há cerca de quatro décadas, Jean-Pierre Callu tinha já advertido para a importância desta denominação nas trocas quotidianas de final do século III e inícios do seguinte em várias regiões do Império (CALLU e YVON 1966 314-317; CALLU 1969 392-393, n. 4).



**Gráfico 62 - Nummus e neoantoniniani, por centro emissor, nos sítios lusitanos**

Não deixa de ser tentador relacionar a circulação desta amoedação na Lusitânia com o incremento da actividade económica documentado para finais do século III e principalmente para o IV, nomeadamente da associada ao comércio dos preparados de peixe, de produtos agrícolas ou de produtos de prestígio, como as sigillatas norte-africanas.

### 3. Análise comparativa de alguns sítios lusitanos: mundo urbano *versus* mundo rural

Não obstante a maior parte dos sítios fornecer moedas em quantidades reduzidas, seleccionámos alguns deles na intenção de comparar os padrões de circulação monetária presentes em sítios urbanos e em sítios rurais. Uma contrariedade de vulto surgiu com a exclusão de *Augusta Emerita* do grupo de sítios objecto de análise, atendendo ao facto de o conjunto de moedas reunidas para a capital lusitana ter diversas proveniências, incluindo moedas encontradas de forma esporádica em vários locais da cidade ou adquiridas e oferecidas ao longo do tempo ao MNAR, impedindo a realização do cálculo do número total de moedas do sítio, fundamental para a aplicação do método das moedas perdidas por mil, que nos parece o mais correcto para comparar diferentes sítios arqueológicos.

Nos Quadro 116 e Gráfico 63 é possível estabelecer uma comparação entre diversos sítios urbanos e rurais da Lusitânia. No entanto, entre os centros urbanos, só as moedas recolhidas em *Ammaia* e *Conimbriga* são fruto de escavação continuada e poderão ser representativas dos exemplares perdidos nos sítios. Em relação às moedas recolhidas em *Balsa* e *Tróia* não sabemos qual a sua representatividade no que toca à área escavada e quais os sectores onde foram recolhidas. No caso de *Mirobriga*, para além de se colocarem os mesmos problemas, às moedas das escavações foram adicionadas moedas procedentes de achados ocasionais, alguns oriundos do aro da cidade. Desta forma, o grau de fiabilidade da amostragem reduz-se de modo significativo.

	Ammaia	Balsa	Mirobriga	Tróia	Conimbr.	T.Palma	S.Cucufate	C. Vila	Milreu	Almoçag.	Penedo	V.Cardílio
I		0.28	1.98	0.75	0.21	0.19	0.56	0.17	0.67		3.26	
II	0.38	0.63	1.01	0.26	0.2	0.38	0.61	0.88	1.95	1.39	3.79	0.39
III	7.43	23.64	14.25	26.23	15.12	16.1	11.58	14.21	18.43	18.22	18.6	11.7
IV	0.25		0.28	0.85	0.21	0.45	0.68	0.28	0.54		2.08	
V	0.61	0.76	1.68	0.51	0.35	1.51	2.05	1.76	1.96	1.86	2.84	4.7
Tot. séc. III	74	256	124	72	1885	347	44	81	27	27	32	25
Tot. sítio	596	716	540	177	8290	1322	222	354	88	95	83	115

Quadro 116 - Permilagens para 12 sítios lusitanos<sup>188</sup>

<sup>188</sup> Os totais incluem apenas as moedas atribuídas a um período bem determinado.

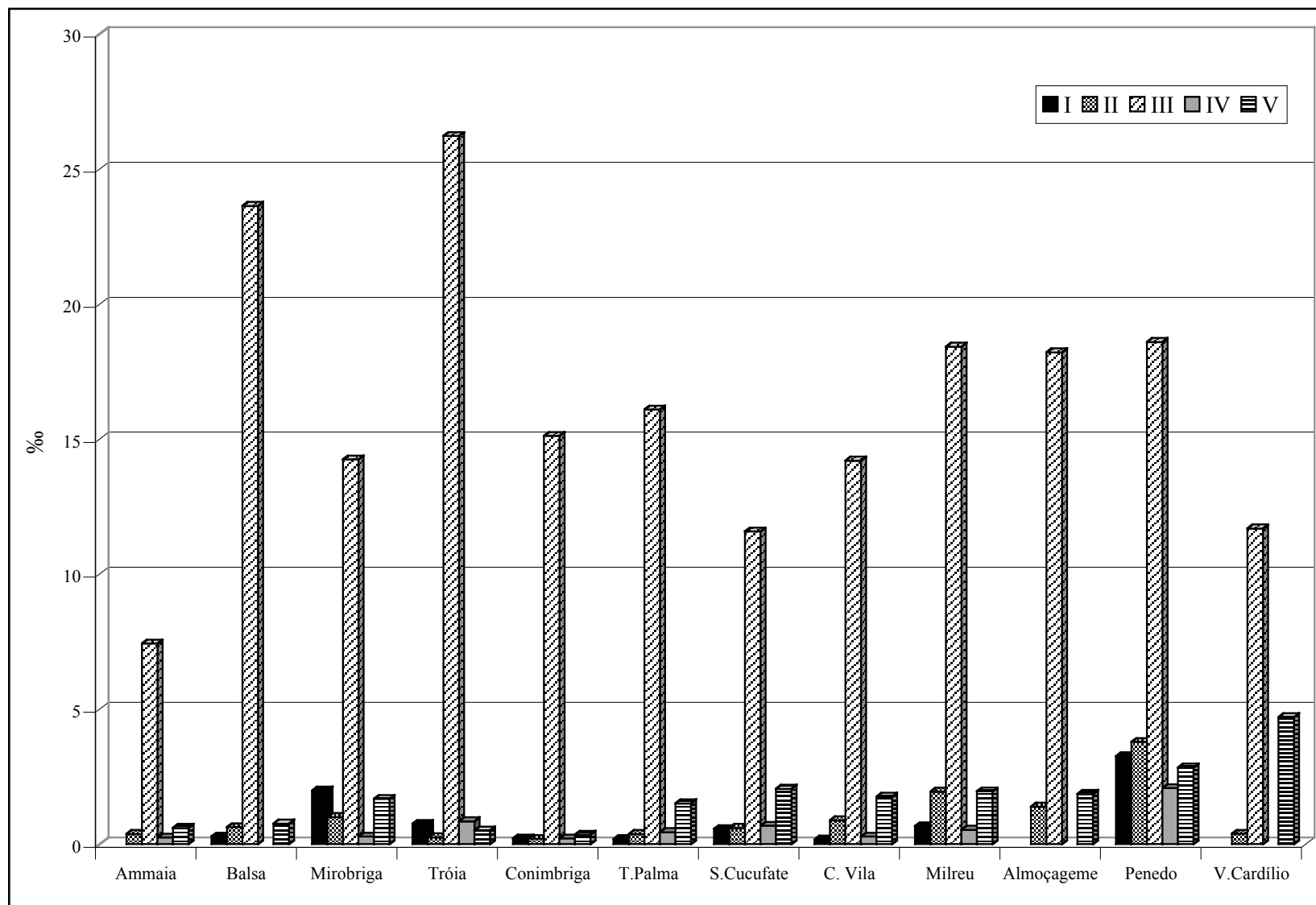


Gráfico 63 - Representação gráfica das permilagens de 12 sítios lusitanos



No caso de *Ammaia*, as moedas inventariadas representam apenas cerca de um terço das unidades exumadas até agora, cingindo-se unicamente à recolha efectuada na área da Porta Sul da cidade, uma vez que as restantes não foram ainda objecto de processo de limpeza e como tal não puderam ser observadas.

Tendo em atenção todas estas limitações, optou-se por fazer uma análise bastante geral, mesmo assim suficiente para nos revelar as principais linhas de força da circulação da moeda dos sítios estudados para o período considerado. A primeira e mais evidente constatação é a proeminência das emissões batidas durante o Período III, que se destaca dos restantes de forma assombrosa, tanto nos centros urbanos como nos sítios rurais. No lote dos primeiros, o índice de moedas perdidas por mil oscila entre os 7,43% de *Ammaia* e os 26,23% de Tróia. O centro industrial do estuário do Sado é secundado por Balsa, com 23,64% das moedas do Período III, deixando no ar a sensação de que os centros portuários são bastante mais permeáveis à difusão do numerário dos anos 260-274 do que os centros do interior. Estes centros parecem ser também os mais atingidos pelas emissões irregulares: com efeito, a maior parte do numerário do Período III destes dois centros é constituído por *Divo Claudio* irregulares (cf. Gráfico 64), contando-se ainda, no caso de Tróia, uma importante percentagem de numerário do Império Gálico, o que se explicará, julgamos nós, pela localização deste centro conserveiro no centro de uma placa giratória (que abrange também o Vale do Tejo), que exporta as suas produções para dois mundos distintos: o atlântico e o mediterrânico. Mas, em simultâneo, os centros portuários ou com estreita relação com o mar são também aqueles onde, pela sua permeabilidade, a renovação do numerário se processa com maior facilidade, pois o comércio é uma actividade quotidiana que faz rodar o numerário circulante a uma velocidade impressionante: como tal, não surpreende que ostentem com frequência as permissagens mais elevadas para os restantes períodos. Um pouco diferente é a imagem que nos é fornecida por *Conimbriga*, a cidade para a qual dispomos da mostra mais numerosa e fiável, mas onde a renovação dos *stocks*, embora perceptível, parece fazer-se a um ritmo mais pausado, sugerindo talvez uma menor velocidade na entrada em circulação dos novos espécimes e uma economia de cariz mais tradicional e com um

dinamismo menos acentuado, obrigando a que as espécies que compunham a massa monetária circulante tivessem uma utilização mais prolongada.

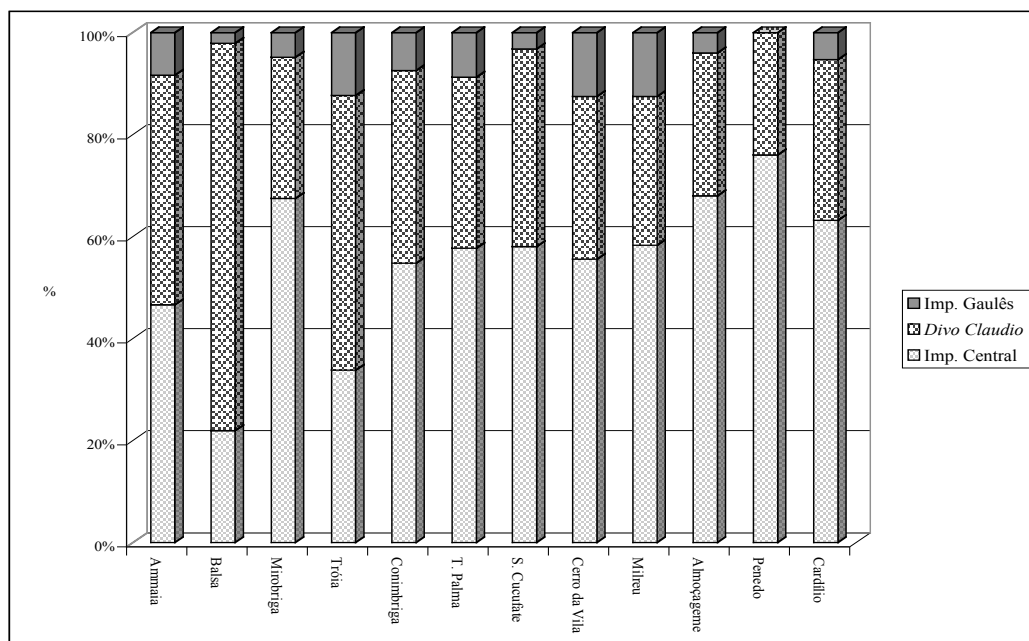


Gráfico 64 - Percentagens de moedas do Período III em 12 sítios lusitanos

Quanto aos sítios rurais, continuam a sobressair as elevadas pernilagens do Período III, embora o numerário deste período seja maioritariamente composto pelas séries oficiais do Império Central. As percentagens de moedas irregulares da série *Divo Claudio* e as emissões dos usurpadores gauleses tendem a ser inferiores às detectadas nos núcleos urbanos, representando por norma menos de 45% da massa monetária dos anos 260-274.

É contudo interessante constatar como, talvez ao contrário do que seria expectável, os sítios analisados - normalmente grandes *villae* ocupadas durante vários séculos e sugerindo elevados padrões de riqueza dos proprietários, apesar de fornecerem por vezes quantidades reduzidas de moeda, que parecem chegar de forma algo descontínua (em muitos sítios alguns períodos não chegam sequer a estar representados) - revelam uma renovação consistente do numerário, nomeadamente no Período V, em que muitos deles chegam mesmo a suplantar os padrões definidos para os centros urbanos. É um facto que as *villae* que fazem parte da nossa amostra (exceptuando talvez a de Penedo, Torres Vedras, que nunca foi escavada e que pode constituir outro tipo de

aglomerado populacional secundário, para além de os dados serem obtidos a partir de achados ocasionais de superfície) são todas sítios de reconhecida importância, situados maioritariamente junto à costa, servidos por uma excelente rede de comunicações e na órbita de importantes cidades. Contudo, os dados por eles fornecidos vêm contrariar a ideia pré-concebida do mundo rural enquanto circuito fechado, quando efectivamente a circulação de moedas e produtos são sinais inequívocos de um dinamismo económico assinalável, de estreitas relações entre o campo e a cidade, oferecendo um perfil de circulação muito semelhante ao dos centros urbanos, como demonstrou, há mais de uma década, Jean-Pierre Bost num pequeno, mas ainda actual, estudo (BOST 1992-1993 220-225).

É certo que a nossa análise toca principalmente os sítios do Sul da Lusitânia e não é possível extrapolá-la à totalidade da província. Temos consciência que para o Norte e Nordeste da província os poucos sítios até agora intervencionados são na sua maior parte significativamente mais modestos: da arquitectura aos produtos importados, passando pela circulação da moeda, todos os dados presentemente disponíveis apontam para menores índices de riqueza pessoal dos proprietários, menor desenvolvimento urbano, uma economia de carácter mais autárquico do que de tipo capitalista. Todavia estes elementos não constituem, por enquanto, mais do que simples peças de um imenso *puzzle*, cujas numerosas lacunas no campo da investigação arqueológica sugerem que se encontra ainda longe de estar concluído.

### **III. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mais do que um simples conjunto de conclusões sobre o trabalho desenvolvido ao longo da presente dissertação, estas considerações finais reflectem, de alguma forma, as *inquietações* do autor relativamente ao século III e a alguns preconceitos que fizeram e continuam ainda a fazer escola. O século III é geralmente referido pela historiografia como um século de crise (crise do Estado, crise económica e financeira, crise social), tendo como pano de fundo um quadro de instabilidade, ameaças e invasões<sup>189</sup>. Globalmente falando, em termos económicos e monetários, o Império do século III parece ter alternado longos momentos de estabilidade, com uma inflação moderada até cerca de 260, com crises brutais, nomeadamente a partir de Galieno e na última década da centúria, culminando no Édito do Máximo (CALLU 1969 401-402; CORBIER 1985 105, HOLLARD 1995 1066 e segs.).

No que respeita à Lusitânia e às restantes províncias hispânicas, esta visão merece contudo ser reequacionada à luz dos contínuos progressos efectuados pela arqueologia (no mesmo sentido: CEPAS PALANCA 1997 249-253), uma vez que as marcas aí impressas pela passagem desta centúria não foram decerto similares às deixadas nas Gálias, na Alemanha, nos territórios do Danúbio, no Oriente ou em África, reflectindo as divergências de protagonismo que coube a cada uma destas regiões no contexto das profundas mutações que afectaram o Império durante o período em questão. E, mesmo no contexto peninsular, a conjuntura lusitana não tem de ser, nem é, necessariamente, idêntica à da Bética ou à da Citerior.

Do ponto de vista do uso da moeda, como já foi há muito posto em relevo por diversos investigadores, na Hispânia até cerca de meados do século III continua em vigor o *antigo regime* monetário, baseado na circulação da moeda de bronze, em particular do sestércio. Uma parte importante da massa monetária circulante continua a ser ainda preenchida pelos espécimes batidos sob os Antoninos, situação que os parques depósitos lusitanos bem conhecidos, que terminam com moedas da primeira metade da centúria, atestam, não obstante a renovação que se percebe com nitidez a partir de Severo Alexandre e que os achados isolados tão bem ilustram.

---

<sup>189</sup> Veja-se, a este propósito, a forma como o tema da *crise* tem sido abordado pela historiografia espanhola contemporânea (PEÑA CERVANTES 2000 469-492).

Todavia os dados arqueológicos presentemente disponíveis para a época severiana apontam para uma desaceleração da actividade económica, relativamente à época antonina, notória nas dificuldades experimentadas pela indústria conserveira dos estuários do Tejo e do Sado (FABIÃO 2004 404; MAYET e SILVA 1998b 113-123; LAGOSTENA BARRIOS 2001 308 e segs.) ou na fraca importação de sigillata clara A em Conimbriga (ALARCÃO *et alii* 1975 251)<sup>190</sup> e em *Augusta Emerita* (VÁZQUEZ DE LA CUEVA 1985 31-37), embora no litoral argarvio o panorama seja francamente mais animador (DELGADO 1968 41-66 e COUTINHO 1997 24), transmitindo a imagem dinâmica de uma região que, nas palavras de Carlos Fabião, *ultrapassa crises e invasões até à época muçulmana* (FABIÃO 1997a 379).

A maior parte das ocultações lusitanas deste período, à excepção do tesouro da Borralheira, é constituída por pequenas quantidades de moeda de bronze e, no contexto actual, temos sérias dificuldades em associá-los a qualquer circunstância concreta, não obstante uma série de especulações decorrentes de uma eventual passagem da província para o controlo de Póstumo. Paralelamente, nos achados isolados, apesar de trabalharmos com exemplares estratigraficamente descontextualizados, percebe-se alguma renovação do numerário de bronze, acompanhado pelo denário até 240 e depois por um número crescente de antoninianos, à medida que vai decaindo a emissão do bronze e o teor de fino da moeda radiada. No entanto, a circulação massiva desta nova espécie só terá lugar após a sua desvalorização em larga escala, o que não sucederá verdadeiramente antes de 266. Até aí, como bem demonstra o depósito de Valhascos I, a moeda radiada continuará sob a mira dos aforradores e as moedas perdidas tenderão a ser com frequência recuperadas pelos antigos proprietários ou por terceiros. É muito possível que a injeção deste numerário nos circuitos locais esteja associada à actividade comercial ou a investimentos públicos realizados pelo Estado, bem documentados durante a primeira metade do século III, nomeadamente em infra-estruturas viárias. Entre 192 e 253 foram contabilizados 164 miliários na Hispânia, 15 dos quais na província lusitana, ostentando muitos deles formas verbais como *fecit* e *restituit* (SOLANA SÁINZ e HERNÁNDEZ GUERRA 2002 27). Outro indicador de que a situação económica, apesar de algum retrocesso,

---

<sup>190</sup> Contudo, na Casa dos Repuxos, o período dos Severos é o mais rico no que respeita à execução da decoração musiva (LANCHA 2004 80).

continua a não ser dramática é a manutenção, quase sem alterações, da actividade evergética (PÉREZ CENTENO 1997 378), nomeadamente nas cidades do litoral algarvio, conforme atesta o testemunho do balsense *Annius Primitivus*, que, em honra do seu sexvirato, contemplou os seus concidadãos com um donativo em dinheiro, um combate de barcas e outro de pugilistas (ENCARNAÇÃO 1984 124-125, nº 73). Talvez um pouco antes, um seu conterrâneo, *Gaius Licinius Badius*, ofereceu a expensas suas cem pés do pódio do circo da cidade (ENCARNAÇÃO 1984 129-131, nº 77)<sup>191</sup>. Em 245, *Olisipo* erige uma dedicatória a Filipe I, talvez em retribuição de uma qualquer liberalidade de que as fontes são omissas (CIL II 188) ou simplesmente para ganhar/reforçar o favor imperial num momento em que a cidade parece gozar de um certo prestígio no contexto peninsular (MANTAS 1993b 172). A crise monetária agudizar-se-à verdadeiramente a partir de meados do século III, sobretudo a partir do principado de Valeriano e com especial incidência entre Galieno e Cláudio II. A redução dos *stocks* de metal precioso à disposição do Estado, embora iniciada na segunda metade da centúria anterior, vai agravar-se a partir de Septímio Severo, que não hesitará em desvalorizar fortemente o denário, reduzindo-lhe o teor de fino para cerca de 500‰ (GUEY 1962 72-140) e induzirá Caracala à criação do antoniniano. O Estado não só passava a sobrevalorizar a moeda de prata como, com a mesma quantidade de metal precioso disponível, passava a ser capaz de emitir maior número de moedas, com valor nominal idêntico ou superior (no caso da nova moeda radiada) às anteriores.

Após 238, os imperadores viram-se obrigados a retirar dos circuitos a massa de denários ainda em circulação, para os transformarem em emissões cada vez mais volumosas de antoninianos, sucessivamente cerceados no peso e no teor de fino, a fim de financiarem as intermináveis campanhas militares nas províncias orientais e danubianas<sup>192</sup>. Em paralelo, o Estado sofre a concorrência dos aforradores privados, como bem mostra o depósito de Valhascos I, que imobilizam temporariamente uma parte do *stock* de metal precioso cunhado. K. W. Harl nota que grandes quantidades de metal

<sup>191</sup> Javier Andreu Pintado interpreta estes actos evergéticos como um possível reflexo da riqueza obtida pelo comércio do *garum*, responsável pelo desenvolvimento das cidades do litoral (ANDREU PINTADO 2004 185-186).

<sup>192</sup> Uma análise sobre o impacto da redução da quantidade de metal precioso à disposição do Estado e a sua repercussão na crise do século III pode ver-se em DEPEYROT e HOLLARD (1987 58-85) e, mais recentemente, em CHRISTOL (2003 109-124).

precioso (tanto ouro, como prata) abandonaram definitivamente as fronteiras do Império, em consequência dos pesados tributos com que Roma foi comprando a paz com as tribos germânicas e com os Persas. Em 244, Filipe I pagou ao sassânida Shapur a soma de 500 mil *aurei* (mais de três toneladas de ouro!), que os Persas transformaram em dinares e os usurpadores gauleses pagaram em moeda de ouro aos mercenários turingenses, que, no regresso, levaram as moedas e as fizeram sepulturar consigo na sua região natal, entre o Weser e o Vístula. Grandes depósitos de *antoniniani* recém-cunhados nunca chegaram a ser recuperados pelos legionários que tombaram nas campanhas do Baixo Danúbio, logo nos inícios da segunda metade do século III (nomeadamente os que pereceram em *Abrittus* com Trajano Décio). A rendição e captura de Valeriano em 260 colocou na mão dos Persas centenas de milhares de antonianos, que estes rapidamente recunharam em *dirhams* (HARL 1996 128-129).

Em consequência, o Tesouro deparou-se com um *stock* de metais preciosos cada vez mais reduzido, ao mesmo tempo que era pressionado por necessidades crescentes. O ponto mais agudo da crise financeira do Estado romano tem lugar entre cerca de 260 e cerca de 274, em especial a partir de 266, quando as casas da moeda começam a emitir, em quantidades sem precedentes, moeda radiada de valor intrínseco quase nulo. A julgar pelo elevado número de tesouros depositados por todo o Império durante esta fase e pelas constantes notícias de conflitos armados e insurreições, esta década terá sido a responsável pela criação daquilo a que poderíamos chamar o *mito* da crise do século III. Não sabemos, por enquanto, qual o seu impacto na Lusitânia, embora do ponto de vista numismático se consigam vislumbrar sinais de alguma perturbação, mas os dados arqueológicos são ainda demasiado fragmentários para podermos usufruir de uma visão de conjunto. Existem ténues indícios de uma curta adesão da província ao *Imperium Galliarum*, mas não há provas arqueológicas de que os supostos raides de Francos (e Alamanos, como pretenderam alguns investigadores) do tempo de Galieno tenham afectado a província. Os numerosos depósitos lusitanos recenseados para o terceiro quarel do século III, que surge aqui como o grande momento crítico em termos de ritmo de entesouramento, poderão sugerir a existência de focos de instabilidade, mas o facto de serem constituídos essencialmente pelo bilhão desvalorizado de Galieno e Cláudio permite interpretá-los também como um sinal da forte instabilidade monetária reinante,



um sinal de desconfiança dos utilizadores face às contínuas manipulações de que a moeda era alvo por parte do Estado. Nalguns casos, chega mesmo a ser lícito questionarmo-nos sobre as reais intenções dos seus proprietários no respeitante à sua recuperação. É isso que nos recorda o depósito de Freiria II, que se encontrava acompanhado por uma série de fragmentos inutilizados de objectos que se poderiam destinar à fundição. Vimos também que a esmagadora maioria das moedas achadas isoladamente nos sítios lusitanos é atribuível precisamente ao período 260-270/274, ao qual há que acrescentar uma impressionante massa de radiados da série *Divo Claudio* de fabrico irregular, que cremos passível de abandono progressivo ao longo do último quartel do século III e de inícios do seguinte, à medida que o numerário das reformas de Aureliano e da Tetrarquia vai entrando nos circuitos, embora aparentemente com reduzido sucesso, segundo nos é dado perceber pelas moedas descobertas isoladamente nos sítios lusitanos. É bem possível que muito deste bilhão desvalorizado se mantenha em circulação até à época constantiniana, vista a incapacidade do *aurelianus* e do *nummus* em substituí-lo, devido à sua rápida imobilização pelos aforradores, o que força estas moedas de baixo valor intrínseco a manterem-se nas pequenas trocas quotidianas. Não obstante, a situação económica lusitana parece conhecer melhoras sensíveis na segunda metade da centúria, em particular a partir do último terço, apesar de eventuais problemas surgidos entre a morte de Tácito e o reconhecimento de Probo e de a Hispânia poder ter sido afectada pelas rebeliões de Próculo e Bonoso. Para tal contamos com uma série de indicadores positivos que têm vindo a ser detectados arqueologicamente, cuja valorização não deixa de encerrar alguma subjectividade interpretativa. Entre estes conta-se o restauro da rede viária lusitana a partir de 275, elemento essencial para a circulação dos homens e das mercadorias, assinalado por abundantes miliários de Tácito, Probo, Numeriano, Constâncio Cloro e Galério, incidindo particularmente na área ocidental da província, nas vias *Olisipo-Bracara*, *Olisipo-Scallabis-Emerita* e *Emerita-Bracara* (SOLANA SÁINZ e SAGREDO SAN EUSTAQUIO 1998 11-37; SOLANA SÁINZ e HERNÁNDEZ GUERRA 2002 83-84 e 91-92; CEPAS PALANCA 1997 68-69; ÉTIENNE *et alii* 1976 118-119), não obstante o carácter frequentemente propagandístico de muitos destes elementos da paisagem viária.

Em simultâneo nota-se um incremento das importações de cerâmicas de prestígio, nomeadamente *sigillata* africana clara C, cuja chegada continuada começa a

impor-se na segunda metade da centúria, em especial as formas Hayes 45A e Hayes 50A, datadas respectivamente de c. 230/240-320 e c. 240-320/330, e que marcam presença significativa em vários locais da província, de que temos exemplos em *Augusta Emerita* (VÁZQUEZ DE LA CUEVA 1985 38-55), *Conimbriga* (ALARCÃO *et alii* 1975 255-256), São Cucufate (ALARCÃO *et alii* 1990 250) e no Montinho das Laranjeiras (COUTINHO 1997 24).

Detectam-se também sinais não desprezíveis de uma importante actividade edilícia em alguns centros urbanos, como *Conimbriga*, em que se realizam importantes remodelações em diversas moradias privadas, como é o caso do sector situado a sul da via, no exterior da muralha tardo-romana. Na Casa dos Repuxos são refeitos alguns pavimentos na ala oeste do peristilo e é executado todo o complexo musivo da Casa da Cruz Suástica (OLIVEIRA 2005 12 e 31-41). Muito semelhante deverá ser a cronologia dos mosaicos da Casa dita dos Esqueletos, que a mesma autora atribui aos séculos III-IV, embora a data terminal nos pareça talvez excessivamente tardia, uma vez que tudo parece apontar para a demolição destes edifícios nas últimas décadas da terceira centúria ou início da seguinte (CORREIA 1997 40; DE MAN 2006 17-23). A boa conservação da maior parte dos mosaicos sugere que o abandono destes complexos habitacionais se processou pouco depois da execução dos pavimentos e a cronologia das moedas recolhidas nas escavações realizadas por Jorge de Alarcão nos edifícios comerciais contíguos à via que, da porta nascente da cidade se dirigia a *Seillium*, não ultrapassa o principado de Aureliano. Apesar de se ter realizado já um estudo prévio das cerâmicas de importação recolhidas durante esta intervenção, não dispomos ainda do resultado do mesmo para podermos realizar o cotejo dos dados; e as moedas e outros materiais mais tardios da Casa dos Repuxos são em quantidades demasiado reduzidas para lhes atribuirmos importância significativa. Outra *domus* imponente, a Casa de Cantaber, pode ter sofrido uma profunda remodelação em data avançada do século III - ou eventualmente nos inícios do IV (CORREIA 2001 123) - com a maior parte dos seus pavimentos a serem datados dos séculos II-III (OLIVEIRA 2005 49-53).

Em Torre de Palma, os riquíssimos pavimentos musivos da *villa* foram recentemente datados de finais do século III-inícios do IV (LANCHA e ANDRÉ 2000 143 e 306), tendo sido realizados provavelmente por uma oficina africana. A vinda de pessoal

especializado do Norte de África para a Lusitânia implicaria, decerto, um clima de tranquilidade, necessário à laboração e deslocação pela região dado o carácter frequentemente itinerante destes ateliers.

Os níveis de prosperidade de algumas elites durante as últimas décadas da centúria podem igualmente ser medidos pela importação de produtos de luxo destinados a realçar o prestígio económico e social dos encomendantes, como se detecta na tampa do Sarcófago dos Filósofos e das Musas, peça descoberta em Chelas e importada provavelmente de Roma (SOUZA 1990 72). Wegner e García y Bellido atribuíram-na, respectivamente, ao terceiro quartel e ao último terço do século III (*apud* MATOS 1995 104-107, nº 47). Outro exemplo de importação de luxo é o Sarcófago da Vindima, procedente de Castanheira do Ribatejo, talvez executado no Mediterrâneo Oriental e tradicionalmente datado de meados do século III (MATOS 1995 100-101, nº 45; SOUZA 1990 72, nº 140).

Um outro indicador de que o século III não pode ser visto globalmente como um período de crise permanente é-nos fornecido pela indústria conserveira lusitana, actividade económica basilar nos estuários do Tejo e do Sado, num ou noutro ponto da costa alentejana e na costa algarvia (FABIÃO 2004 379-410), e na qual assenta grande parte do dinamismo da província durante esta fase. Neste momento a investigação é coincidente no facto de o sector ter experimentado algumas dificuldades na primeira metade do século III, em especial na época dos Severos. Porém, à medida que vamos avançando na segunda metade do século III, nota-se uma progressiva reactivação da actividade produtiva, também detectada nas olarias que produziam os contentores necessários ao envasamento e transporte dos preparados de peixe, algumas das quais, como o Porto dos Cacos, nunca interromperam a produção (RAPOSO 1990 117-151; RAPOSO e DUARTE 1996 249-266). Na zona de Tróia/*Caetobriga* a segunda metade da centúria marca uma nova fase de prosperidade (ÉTIENNE *et alii* 1994 165-166; MAYET e SILVA 1998 141 e segs.; FABIÃO 2004 404). Na costa algarvia, os fornos do Martinhal produziram ânforas Almagro 50, 51a-b e 51c, a Quinta do Lago fabricou ânforas Almagro 50 e, sobretudo, Almagro 51c; em S. João da Venda estão presentes as formas Almagro 51a e 51b, em Torre de Ares as Almagro 51c e, em Cacela, as Almagro 50 (FABIÃO 1994 248-250), entre outros locais algarvios. Ainda que o auge da produção de

algumas destas formas possa atribuir-se ao século IV, o início da sua produção remontará, em muitos casos, aos finais da terceira centúria. Ao mesmo tempo, assiste-se a uma diversificação das rotas destes produtos; para além do comércio marítimo, realizado à distância, para Óstia e Roma ou para o *limes* germânico, intensifica-se a difusão regional destes produtos: em São Cucufate abundam os contentores de fabrico lusitano Almagro 50 e 51c (ALARCÃO *et alii* 1990 251-252), o mesmo sucedendo na Quinta das Longas (ALMEIDA e CARVALHO 1998 145-146), em *Conimbriga* (BURACA e CORREIA - no prelo).

Este *renascimento* da actividade económica na Lusitânia de finais do século III, nomeadamente associado à indústria conserveira (LAGOSTENA BARRIOS 2001 317), é bem visível em termos monetários na facilidade com que alguns aforradores parecem aceder à moeda reformada (*aurelianus*), a moeda de troca acordada com frequência para as transacções entre os *negotiatores* ligados aos centros portuários béticos e italianos e os produtores locais. É também possível que a entrada de numerário fresco esteja associada aos abastecimentos de tipo institucional, nomeadamente por intermédio da *Annona*, considerando que, em finais do século III-inícios do IV, os centros produtores lusitanos seriam, talvez, senão os maiores, dos maiores abastecedores de conservas e preparados de peixe do Ocidente romano.

Esta relação preferencial com a Itália central é responsável pelo facto de os poucos depósitos lusitanos conhecidos da época diárquica tenderem a individualizar-se dos depósitos ocidentais seus contemporâneos, como se nota na fase terminal do depósito de Sampão e, em particular, no de Porto Carro, em termos percentuais o depósito que actualmente mais *aureliani* da *Moeda* romana dos anos 285-294 fornece e o segundo em termos numéricos - a seguir a La Venèra -, mas com a vantagem de possuir um espectro cronológico amplamente mais vasto, o que transforma o achado lusitano num dos mais importantes até agora descobertos para este período.

A partir da reforma de 294 os achados isolados traduzem uma notória renovação das espécies monetárias, não tanto ao nível do *nummus* - escasso não só na circulação corrente como entre os aforradores, apesar do papel de reserva de valor que estes lhe conferem -, mas pelo aparente sucesso do *neoantoninianus*, que marca presença importante em quase todos os sítios lusitanos objecto de estudo e em quase todas as

colecções museológicas, talvez por ser a moeda que, quer em termos de valor nominal, quer em termos físicos, melhor se ajustava à integração ou à substituição das velhas denominações radiadas ainda em circulação e cuja eliminação, a título *definitivo*, só terá lugar, ao que parece, em plena era constantiniana (RIPOLLÈS 2002 210).

Finalmente, o cotejo entre achados isolados efectuados em áreas urbanas e em estabelecimentos rurais dá-nos a indicação de que, apesar de nem todos os períodos se encontrarem uniformemente representados na totalidade dos sítios analisados, o padrão de distribuição das moedas perdidas não sofre grandes variações de local para local, reflectindo a onnipresença e a rápida difusão do numerário do século III na Lusitânia.

#### **IV. APÊNDICES**

## **1. SUPLEMENTO BIBLIOGRÁFICO**

- ANDREU PINTADO, J. (2004), *Munificencia pública en la "Provincia Lusitânia"*, Saragoça.
- BURACA, I. e CORREIA, V. H. (no prelo), "As ânforas de Conimbriga e as estruturas económicas da cidade romana", in Venâncio, R (ed.), *Simpósio sobre as ânforas da Lusitânia* (Peniche, Câmara Municipal de Peniche).
- DELGADO, M. (1968), "Terra sigillata clara de Museus do Alentejo e Algarve", *Conimbriga*, 7, pp. 41-66.
- GUEY, J. (1962), "L'aloi du denier romain de 177 a 211 après J.-C.", *Revue Numismatique*, 6<sup>a</sup> s., 4, pp. 73-140.
- LANCHA, J. (2004), "Sources, images et originalité des ateliers de mosaïstes de Conimbriga", in CORREIA, V. (ed.), *Perspectivas sobre Conimbriga*, Conimbriga, pp. 81-95.
- MATOS, J. L. (1995), *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de escultura romana*, Lisboa.
- OLIVEIRA, C. (2005), *Mosaicos de Conimbriga*, Conimbriga.
- KROPFF, A. (2007), "Late roman coin hoards in the West: trash or treasure?", *Revue Belge de Numismatique et Sigilographie*, 153, pp. 73-86.
- RAPOSO, J. (1990), "Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas no vale do Tejo", in ALARCÃO, A. e MAYET, F. (eds.), *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce*, Paris, pp. 117-151.
- RAPOSO, J. e DUARTE, A. L. (1996), "O forno 2 de Porto dos Cacos (Alcochete)", in FILIPE, G. e RAPOSO, J. (coord.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, pp. 249-266.
- SOLANA SÁINZ, J. M<sup>a</sup> e HERNÁNDEZ GUERRA, L. (2002), *La política viaria en Hispania. Siglo III d.C.*, Valladolid.
- SOLANA SÁINZ, J. M<sup>a</sup> e SAGREDO SAN EUSTÁQUIO, L. (1998), *La política viaria en Hispania. Siglo IV d.C.*, Valladolid.
- SOUSA, E. M. (2000), "Sepulturas romanas de inumação do lugar de Magoito (S. João das Lampas, Sintra)", in HIPÓLITO, M. C. et alii (coord.), *Homenagem a Mário Gomes Marques*, Sintra, pp. 381-399.
- SOUZA, V. (1990), *Corpus Signorum Imperii Romani. Portugal*, Coimbra.
- VÁZQUEZ DE LA CUEVA, A. (1985), *Sigillata africana en Augusta Emerita*, Monografías Emeritenses - 3, Mérida.



## **2. MAPAS**



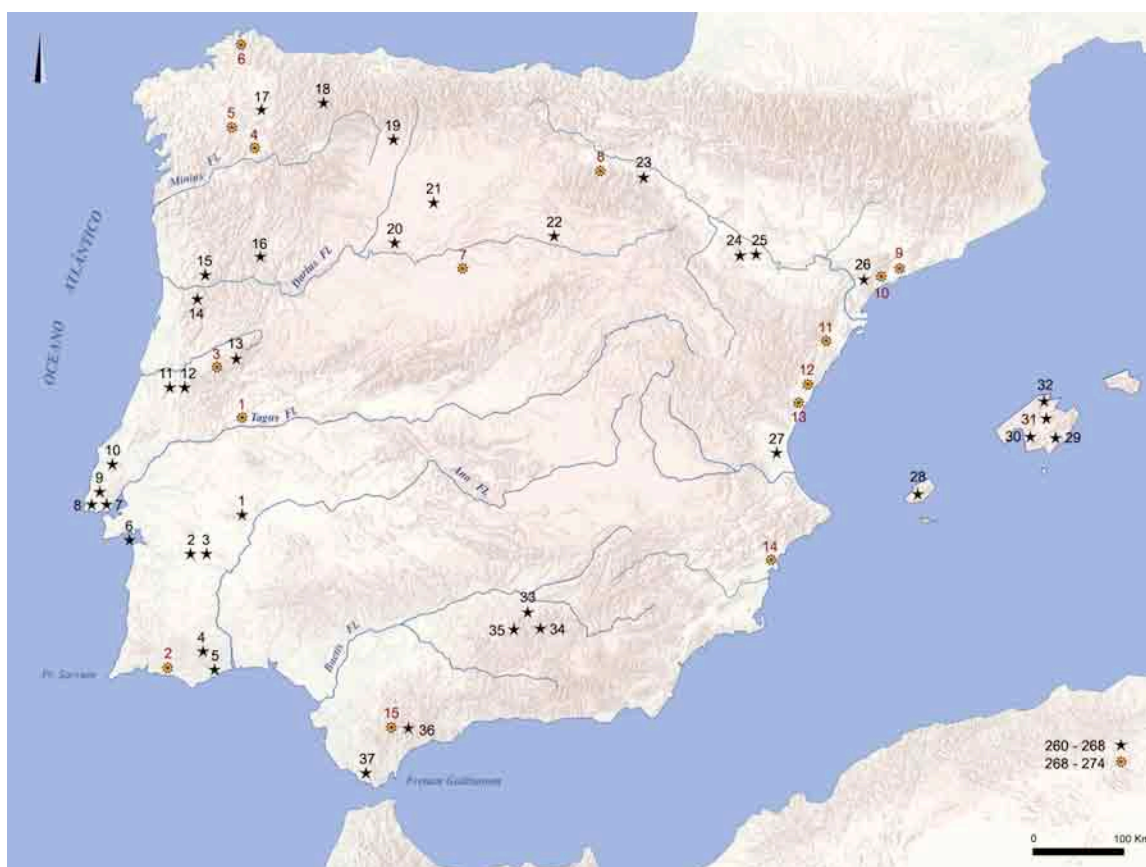
**Mapa 1 - Localização dos depósitos monetários lusitanos do século III**

- |                             |                              |                             |
|-----------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| 1. Casa do Anfiteatro       | 12. S. Marcos da Serra       | 23. Valhascos I             |
| 2. Terreno da antiga Campsa | 13. <i>Mirobriga</i>         | 24. Valhascos II            |
| 3. El Gordo                 | 14. Porto Carro              | 25. Maiorga                 |
| 4. Sampão                   | 15. Sepultura 36 da Caldeira | 26. <i>Conimbriga</i> B     |
| 5. Borba                    | 16. Região de Lisboa         | 27. <i>Conimbriga</i> D     |
| 6. Évora                    | 17. Freiria II               | 28. Serra do Condão         |
| 7. São Cucufate I           | 18. Freiria III              | 29. Aldeia das Dez          |
| 8. São Cucufate II          | 19. Sintra                   | 30. Palvarinho              |
| 9. Monte do Cavaleiro       | 20. Arruda dos Vinhos        | 31. Barroca da Laje         |
| 10. Quinta da Torre de Ares | 21. São Miguel               | 32. Numão                   |
| 11. Foz do rio Arade        | 22. Região de Torres Vedras  | 33. Sepultura 3 de Valbeirô |



**Mapa 2 - Depósitos monetários hispânicos terminando com moedas anteriores a 260**

- |                             |                         |                  |
|-----------------------------|-------------------------|------------------|
| 1. Casa do Anfiteatro       | 8. Barroca da Laje      | 15. Altafulla II |
| 2. Terreno da antiga Campsa | 9. Santa Maria de Mave  | 16. El Masnou    |
| 3. Évora                    | 10. Valeria             | 17. Villauba     |
| 4. <i>Mirobriga</i>         | 11. Los Torrejones      | 18. Pollentia II |
| 5. Arruda dos Vinhos        | 12. El Mirador de Denia | 19. Cabrera III  |
| 6. S. Miguel                | 13. Domus A de Romeu    | 20. Talamanca    |
| 7. Palvarinho               | 14. Benicató            |                  |



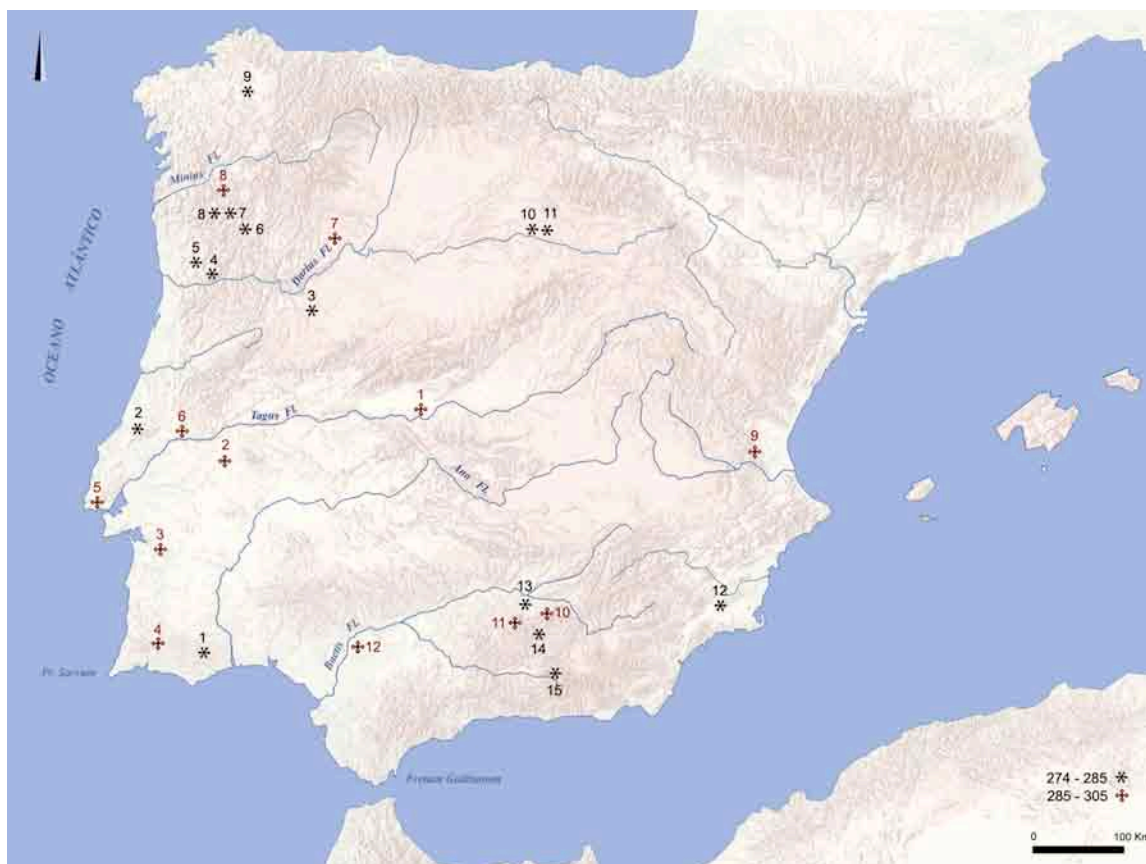
**Mapa 3 - Depósitos monetários hispânicos terminando com moedas dos anos 260-274**

**260-268:**

- |                       |                   |                             |
|-----------------------|-------------------|-----------------------------|
| 1. Valhascos I        | 6. Bares II       | 11. Mas d'Aragó             |
| 2. Foz do Arade       | 7. Honcalada      | 12. Les Alqueries           |
| 3. Serra do Condão    | 8. Vareia         | 13. Almenara                |
| 4. Baños de Rio Caldo | 9. Tarragona 1888 | 14. Santa Pola              |
| 5. Região de Chantada | 10. Altafulla I   | 15. Jimena de la Frontera I |

**268-274:**

- |                             |                             |                              |
|-----------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| 1. Borba                    | 14. Sepultura 3 de Valbeirô | 27. Rua Roc Chabás           |
| 2. S. Cucufate I            | 15. Necrópole da Corredoura | 28. Necrópole de Can Flit    |
| 3. S. Cucufate II           | 16. Reguengo                | 29. Son Hereu I              |
| 4. Monte do Cavaleiro       | 17. Terra Chá               | 30. Son Hereu II             |
| 5. Quinta de Torre de Ares  | 18. Grandas de Salime       | 31. Maiorca                  |
| 6. Sepultura 36 da Caldeira | 19. Arco de la Cárcel       | 32. Pollentia II             |
| 7. Região de Lisboa         | 20. Moreruela de Tabara     | 33. Arjona                   |
| 8. Freiria II               | 21. Valsadornín             | 34. Sierra Pitillos          |
| 9. Sintra                   | 22. <i>Clunia</i> III       | 35. Martos                   |
| 10. Região de Torres Vedras | 23. Liédena                 | 36. Jimena de la Frontera II |
| 11. <i>Conimbriga</i> B     | 24. Grisén                  | 37. <i>Baelo Claudia</i>     |
| 12. <i>Conimbriga</i> D     | 25. Barboles                |                              |
| 13. Aldeia das Dez          | 26. Réus                    |                              |



**Mapa 4 - Depósitos monetários hispânicos terminando com moedas dos anos 274-305**

#### **274-285**

- |                       |                               |                           |
|-----------------------|-------------------------------|---------------------------|
| 1. Monte do Cavaleiro | 6. Região de Chaves           | 11. Clunia II             |
| 2. Maiorga            | 7. Montalegre                 | 12. Cerro de la Encantada |
| 3. Numão              | 8. Fragas do Piago            | 13. Santa Elena           |
| 4. Vila Caíz          | 9. Lugo (Rua de São Fernando) | 14. Peal del Becerro      |
| 5. Laje               | 10. Clunia I                  | 15. Província de Granada  |

#### **285-305**

- |                       |                 |                |
|-----------------------|-----------------|----------------|
| 1. El Gordo           | 5. Freiria III  | 9. Liria       |
| 2. Sampão             | 6. Valhascos II | 10. Santo Tomé |
| 3. S. Marcos da Serra | 7. Santulhão    | 11. Liñares    |
| 4. Porto Carro        | 8. Ohimbra      | 12. Sevilha    |





**Mapa 5 - Localização dos achados isolados lusitanos do século III**

- |                           |                              |                                  |
|---------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| 1. <i>Augusta Emerita</i> | 13. Loulé Velho              | 25. <i>Eburobrittium</i>         |
| 2. Las Clavellinas        | 14. Milreu                   | 26. Parreitas                    |
| 3. Torre Águila           | 15. Foz do Arade             | 27. <i>Conimbriga</i>            |
| 4. <i>Capera</i>          | 16. <i>Mirobriga</i>         | 28. Rabaçal                      |
| 5. <i>Ammaia</i>          | 17. Tróia                    | 29. <i>Civitas igaeditanorum</i> |
| 6. Torre de Palma         | 18. Quinta de S. João        | 30. <i>Centum Cellas</i>         |
| 7. Quinta das Longas      | 19. Freiria                  | 31. Freixo de Numão              |
| 8. São Cucufate           | 20. S. Miguel de Odrinhas    | 32. Prazo                        |
| 9. <i>Pax Iulia</i>       | 21. S. André de Almoçageme   | 33. Rumansil I                   |
| 10. <i>Myrtilis</i>       | 22. Penedo                   | 34. Zimbro II                    |
| 11. <i>Balsa</i>          | 23. <i>Villa</i> de Cardílio | 35. Província de Salamanca       |
| 12. Cerro da Vila         | 24. Vale do Junco            | 36. Castro de Fiães              |

### **3. ÍNDICES DE QUADROS E GRÁFICOS**

## QUADROS

1	Tesouros lusitanos do século III	16
2	Barroca da Laje: distribuição quantitativa do numerário e índice de moedas/ano	19
3	Depósitos e hipotéticos depósitos lusitanos com bronzes do séc. III	25
4	Composição dos depósitos hispânicos contentendo várias denominações de bronze	29
5	Depósitos hispânicos de meados-3º quartel do séc. III recolhidos em níveis de destruição	33
6	Composição de 8 tesouros hispânicos que terminam com exemplares de 260-268 (%)	40
7	Composição do depósito da Foz do Arade	43
8	Composição do tesouro de Valhascos I	44
9	Frequência do numerário de Roma de Gordiano III em 8 tesouros	45
10	Distribuição quantitativa do numerário de Filipe I e sua família em 6 tesouros	48
11	Frequência do numerário de Filipe I em 8 tesouros	49
12	Frequência do numerário de Roma de Trajano Décio em 6 tesouros	52
13	Frequência do numerário de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 7 tesouros	56
14	Frequência do numerário de Valeriano e Galieno em 9 tesouros	62
15	Distribuição do numerário do reinado conjunto, por centro emissor, em 9 tesouros dos anos 260-268	66
16	Volume das emissões de Roma do reinado conjunto em 8 tesouros dos anos 253-260 (%)	66
17	Distribuição, por emissões, do numerário de Antioquia do reinado conjunto em Valhascos I	71
18	Distribuição, por emissões, do numerário da <i>Segunda Casa da Moeda do Oriente</i> do reinado conjunto em Valhascos I	71
19	Distribuição do numerário de Galieno, por centro emissor, em 5 tesouros dos anos 260-268	74
20	Distribuição, por séries, do numerário de Valhascos I, cunhado em Roma sob Galieno	75
21	Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno em Valhascos I	79
22	Distribuição, por emissões, do numerário de Antioquia de Galieno em Valhascos I	82
23	Antoninianos de Macriano e Quieto em tesouros hispânicos	84
24	Composição dos tesouros lusitanos com moedas até 275	94
24A	Depósitos lusitanos que terminam com exemplares cunhados até 275	101
25	Distribuição, por centro emissor, do numerário de Galieno nos tesouros lusitanos dos anos 268-275	103
26	Distribuição, por séries, do numerário cunhado em Roma sob Galieno em seis tesouros	103
27	Distribuição, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em 5 tesouros	105
28	Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em 5 tesouros	106
29	Distribuição, por séries, do numerário de Milão de Galieno em 4 tesouros	107
30	Distribuição, por centro emissor, do numerário de Cláudio II nos tesouros lusitanos dos anos 268-275	108
31	Distribuição, por emissões, do numerário cunhado em Roma sob Cláudio II em cinco tesouros	109
32	Reversos da segunda emissão ( <i>fase a</i> ) de Roma para Cláudio II em quatro tesouros lusitanos	111
33	Distribuição, por oficinas, do numerário da Emissão II (b) de Roma de Cláudio II em 4 tesouros	112
34	Distribuição, por oficinas, do numerário das Emissões III e IV de Roma de Cláudio II em 3 tesouros lusitanos	112
35	Composição das moedas conhecidas do tesouro do Monte do Cavaleiro	119
36	Moedas da colecção Vieira Natividade hipoteticamente pertencentes ao tesouro de Maiorga	121
37	Composição do tesouro de Sampão	129



38	Composição do tesouro de Porto Carro	132
39	Composição de 17 tesouros ocidentais dos anos 285-305	134
40	Composição das moedas conhecidas do tesouro de Valhascos II	137
41	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Galieno em tesouros dos anos 285-305	142
42	Distribuição, por séries, das moedas de Roma de Galieno em 10 tesouros (%)	143
43	Distribuição, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em 11 tesouros (%)	146
44	Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em 11 tesouros (%)	147
45	Peso-médio das emissões de Roma de Galieno em 4 tesouros (gr.)	149
46	Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno em Porto Carro	149
47	Distribuição, por séries, do numerário de <i>Siscia</i> de Galieno em Porto Carro	151
48	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Cláudio II em 10 tesouros dos anos 285-305 (%)	157
49	Distribuição das emissões de Roma de Cláudio II em 10 tesouros (%)	159
50	Distribuição dos reversos não marcados da segunda emissão de Roma em 10 tesouros (%)	169
51	Distribuição, por oficinas, do numerário da 2ª emissão (b) de Roma de Cláudio II em 8 tesouros (%)	170
52	Distribuição, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em 7 tesouros (%)	172
53	Distribuição, por oficinas, do numerário da 4ª emissão romana de Cláudio II em 8 tesouros (%)	173
54	Peso-médio das emissões de Roma de Cláudio II em 4 tesouros (gr.)	175
55	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Siscia</i> de Cláudio II em Porto Carro	176
56	Distribuição dos <i>Divo Claudio</i> do tesouro de Porto Carro	180
57	Peso-médio dos <i>Divo Claudio</i> de Porto Carro e de três sítios lusitanos (g)	183
58	Distribuição do numerário de Quintilo em Sampão e Porto Carro	198
59	Distribuição por oficinas do numerário romano de Quintilo em Sampão e Porto Carro	198
60	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Aureliano em 12 tesouros do último quartel do século III (%)	201
61	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Aureliano em Sampão e Porto Carro	206
62	Distribuição, por emissões, do numerário de Milão de Aureliano em Sampão e Porto Carro	208
63	Distribuição, por emissões, do numerário de Ticino de Aureliano em Sampão e Porto Carro	208
64	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Siscia</i> de Aureliano em Sampão e Porto Carro	209
65	Distribuição, por emissões, do numerário da casa da moeda balcânica de Aureliano em Sampão e Porto Carro	209
66	Distribuição, por emissões, do numerário de Serdica de Aureliano em Sampão e Porto Carro	210
67	Distribuição, por emissões, do numerário de Cízico de Aureliano em Sampão e Porto Carro	210
68	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Tácito em 11 tesouros do último quartel do século III	213
69	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Florianiano em 8 tesouros do último quartel do século III	214
70	Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Tácito em Sampão e Porto Carro	215
71	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Tácito em Sampão e Porto Carro	216
72	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Ticinum</i> de Tácito em Sampão e Porto Carro	216
73	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Probo em 12 tesouros do último quartel do século III	218
74	Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Probo em Sampão e Porto Carro	219
75	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Probo em 9 tesouros (%)	220
76	Distribuição, por oficinas, do numerário da 6ª emissão de Roma para Probo em 5 tesouros (%)	221

77	Distribuição, por emissões, do numerário de Ticinum de Probo em 6 tesouros (%)	222
78	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Siscia</i> de Probo em 4 tesouros (%)	224
79	Distribuição, por emissões, do numerário de Serdica de Probo em Sampão e Porto Carro	225
80	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Caro e família em 9 tesouros do último quartel do século III (%)	228
81	Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon de Caro e família em Sampão e Porto Carro	229
82	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Caro e família em 6 tesouros (%)	230
83	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Ticinum</i> de Caro e família em Sampão e Porto Carro	232
84	Repartição, por casas da moeda, do numerário dos anos 285-294 em 11 tesouros do último quartel do século III (%)	237
85	Distribuição, por emissões, do numerário de Lyon dos anos 285-294 em Porto Carro	238
86	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma dos anos 285-294 de Porto Carro (%)	241
87	Distribuição, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma em nome de Diocleciano e Maximiano no tesouro de Porto Carro	244
88	Distribuição, por oficinas, do numerário da 8ª emissão de Roma em nome de Diocleciano e Maximiano no tesouro de Porto Carro	247
89	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Ticinum</i> dos anos 285-294 de Porto Carro	250
90	Número de moedas dos anos 215-305 recolhidas por sítio	268
91	Distribuição das moedas do século III em 36 sítios e 4 colecções lusitanas	273
92	Achados isolados na Lusitânia e noutros sítios ocidentais (222-305)	274
93	Moedas do Período I recolhidas em 36 sítios lusitanos	277
94	Moedas do Período II recolhidas em 36 sítios lusitanos	278
95	Moedas do Período II batidas fora de Roma	278
96	Moedas do Período III recolhidas em 36 sítios lusitanos	284
97	Distribuição do numerário de Galieno na Lusitânia e no tesouro de Porto Carro (%)	285
98	Distribuição das séries romanas de Galieno na Lusitânia e em três tesouros hispânicos (%)	285
99	Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma das séries 1-4 (%)	286
100	Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma das séries 5-6	287
101	Distribuição, por séries, do numerário milanês de Galieno na Lusitânia	287
102	Distribuição, por séries, do numerário de <i>Siscia</i> de Galieno na Lusitânia	288
103	Distribuição do numerário de Cláudio II na Lusitânia e no tesouro de Porto Carro (%)	289
104	Distribuição das emissões de Roma de Galieno na Lusitânia e em Porto Carro (%)	289
105	Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma de Cláudio II em achados isolados da Lusitânia (Emissões IIb-IV)	290
106	Distribuição, por oficinas, do numerário de <i>Siscia</i> de Cláudio II em achados isolados da Lusitânia	291
107	Distribuição dos <i>Divo Claudio</i> dos achados isolados lusitanos	294
108	Peso-médio dos <i>Divo Claudio</i> dos achados isolados lusitanos (g)	295
109	Distribuição do numerário de Quintilo e Aureliano recolhido na Lusitânia (%)	297
110	Distribuição, por oficinas, do numerário de Roma de Quintilo nos achados isolados lusitanos	297
111	Distribuição do numerário do Império das Gálias recolhido na Lusitânia (%)	299
112	Distribuição, por emissões, do numerário gaulês de Vitorino em achados isolados da Lusitânia	299

113	Distribuição, por emissões, do numerário gaulês de Tétrico I em achados isolados da Lusitânia	300
114	Distribuição do numerário do Período IV recolhido na Lusitânia	303
115	Distribuição do numerário do Período V recolhido na Lusitânia	305
116	Permilagens para 12 sítios lusitanos	308

## GRÁFICOS

1	Percentagem de <i>Divo Claudio</i> nos seis lotes do tesouro de Porto Carro	14
2	Barroca da Laje: moedas/ano	21
3	Composição do depósito da Casa do Anfiteatro	28
4	Composição do depósito do <i>solar</i> da Campsa	30
5	Estrutura de vários tesouros hispânicos com bronzes até meados do século III (%)	31
6	Perfil de 9 tesouros hispânicos que terminam com exemplares de 260-268	40
7	Achados de moedas de ouro na Hispânia romana	42
8	Volume das emissões de Roma de Gordiano III em 8 tesouros (%)	46
9	Peso-médio das emissões de Roma de Gordiano III em 5 tesouros	47
10	Volume das emissões de Roma de Filipe I em diversos tesouros (%)	50
11	Peso-médio das emissões de Roma de Filipe I em 5 tesouros	51
12	Volume das emissões de Roma de Trajano Décio em diversos tesouros (%)	53
13	Volume das emissões de Roma de Trajano Décio em 4 tesouros, segundo Hollard (%)	54
14	Peso-médio das emissões de Roma de Trajano Décio e família em 5 tesouros	55
15	Volume das emissões de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 6 tesouros (%)	58
16	Peso-médio das emissões de Roma de Treboniano Galo e Volusiano em 5 tesouros	59
17	Emissões de Roma e de Antioquia do reinado de Treboniano Galo e Volusiano em 8 tesouros (%)	60
18	Distribuição do numerário do reinado de Valeriano e Galieno em 9 tesouros (%)	63
19	Distribuição do numerário do reinado conjunto, por centro emissor, em 9 tesouros dos anos 260-268	70
20	Peso-médio das emissões de Roma de Valeriano e Galieno em 5 tesouros	73
21	Distribuição do numerário de Galieno, por centro emissor, em 5 tesouros hispânicos dos anos 260-268	75
22	Peso-médio das emissões de Roma de Galieno em Valhascos I, Normanby, Cunetio e La Venèra	78
23	Ritmos do entesouramento: Lusitânia <i>versus</i> resto da Hispânia durante o século III	93
24	Composição de 10 tesouros que terminam com moedas anteriores a 275	97
25	Composição dos tesouros lusitanos com moedas até 275	102
26	Distribuição, por séries, do numerário cunhado em Roma sob Galieno em 6 tesouros	104
27	Distribuição, por emissões, do numerário cunhado em Roma sob Cláudio II em 5 tesouros	110
28	Composição do tesouro do Monte do Cavaleiro	120
29	Comparação da estrutura do tesouro de Sampão com 5 tesouros dos anos 285-305 (%)	135
30	Comparação da estrutura do tesouro de Porto Carro com 5 tesouros dos anos 285-305 (%)	135
31	Distribuição, por séries, das moedas de Roma de Galieno em 10 tesouros (%)	145
32	Comparação, por oficinas, do numerário da 5ª série de Roma de Galieno em Porto Carro e num grupo de 10 tesouros (%)	147
33	Comparação, por oficinas, do numerário da 6ª série de Roma de Galieno em Porto Carro e num grupo de 10 tesouros (%)	148
34	Volume das emissões de Roma de Cláudio II em 9 tesouros (%)	160
35	Evolução dos diversos tipos de bustos ao longo das quatro emissões romanas de Cláudio II	165
36	Comparação, por oficinas, do numerário da 2ª emissão (b) de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 7 tesouros (%)	171
37	Comparação, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 6 tesouros (%)	173

38	Comparação, por oficinas, do numerário da 3ª emissão de Roma de Cláudio II em Porto Carro e num grupo de 7 tesouros (%)	174
39	Distribuição dos <i>Divo Claudio</i> de Porto Carro e de 3 sítios lusitanos (%)	181
40	Peso-médio dos <i>Divo Claudio</i> de Porto Carro e de 3 sítios lusitanos	183
41	Distribuição dos <i>Divo Claudio</i> de Porto Carro por tipos de reverso	184
42	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Aureliano em 12 tesouros do último quartel do século III	203
43	Comparação, para Aureliano, dos perfis de Sampão e Porto Carro com 4 tesouros ocidentais do último quartel do século III (%)	203
44	Aureliano: correspondência numerário pré-reforma/numerário reformado em 10 tesouros (%)	204
45	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Florianio em 8 tesouros do último quartel do século III	213
46	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Tácito em 10 tesouros do último quartel do século III	215
47	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Probo em 12 tesouros do último quartel do século III (%)	219
48	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Probo em 9 tesouros (%)	221
49	Distribuição, por emissões, do numerário de Ticinum de Probo em 6 tesouros (%)	223
50	Distribuição, por emissões, do numerário de <i>Siscia</i> de Probo em 4 tesouros (%)	225
51	Repartição, por casas da moeda, do numerário de Caro e família em 9 tesouros do último quartel do século III (%)	228
52	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Caro e família em 6 tesouros (%)	231
53	Distribuição, por emissões, do numerário de Roma de Caro e família em 6 tesouros (%)	237
54	Repartição, por casas da moeda, do numerário dos anos 285-294 em 11 tesouros do último quartel do século III (%)	244
55	Permilagens para a Lusitânia e 5 sítios ocidentais (222-305)	275
56	Denominações presentes nos achados isolados lusitanos durante o Período II (%)	280
57	Comparação das permilagens da Lusitânia com as dos tesouros de Cabrera III e Guelma (222-260)	280
58	Perdas de moedas de bronze e <i>antoniniani</i> ao longo do Período II	281
59	Distribuição das séries romanas de Galieno na Lusitânia e em 3 tesouros hispânicos (%)	286
60	Comparação dos módulos dos <i>Divo Claudio</i> a partir de uma amostra de 710 exemplares ( <i>Conimbriga</i> , Torre de Palma e <i>Balsa</i> )	295
61	Numerário regular vs numerário irregular do <i>Império das Gálias</i> nos sítios lusitanos (%)	301
62	<i>Nummus</i> e <i>neoantoninianus</i> , por centro emissor, nos sítios lusitanos	307
63	Representação gráfica das permilagens de 12 sítios lusitanos	309
64	Percentagens de moedas do Período III em 12 sítios lusitanos	311